



B A B I A . S E T T E

*Entre o amor e o*  
**silêncio**

TALENTOS  
DA LITERATURA  
BRASILEIRA



B A B I A . S E T T E

*Entre o amor e o*  
**silêncio**

TALENTOS  
DA LITERATURA  
BRASILEIRA

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## **Sobre nós:**

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Babi A. Sette

# ENTRE O AMOR E O SILÊNCIO

TALENTOS DA LITERATURA BRASILEIRA



Copyright © 2014 by Babi A. Sette

**Coordenação Editorial:** *Nair Ferraz*

**Capa:** *Monalisa Morato*

**Diagramação:** *Dimitry Uziel*

**Arquivo Eletrônico ePub:** [Sergio Gzeschnik](#)

**Preparação:** Agnaldo Alves

**Revisão:** *Rita Costa e Equipe Novo Século*

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

A. Sette, Babi

Entre o amor e o silêncio / Babi A. Sette — Barueri, SP: Novo Século Editora, 2014. —(Coleção Talentos da Literatura Brasileira).

EISBN: 978-85-428-0380-8

1. Ficção brasileira I. Títul. II. Série.

14-05719

CDD-869.93

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

**2014 Edição Digital**

Todos os direitos reservados à Novo Século Editora Ltda.

# Sumário

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40



Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

# Agradecimentos

Agradeço pela paciência e amor inesgotáveis do meu marido.

Obrigada, meu amor, por não pedir o divórcio e aconselhar que eu me case com os meus personagens, enquanto eu escrevo. Amo você por estar sempre ao meu lado, mesmo quando eu olho para o nada e pareço encarar um lugar distante deste mundo. Gratidão porque você sabe que eu também estou criando nesses momentos.

Agradeço a compreensão ainda inocente da minha filha de seis anos, ela me divide de forma altruísta com o computador. Filha, você me ensinou mais sobre o amor nesse tempo do que eu aprendi em 35 anos de vida.

Pai e mãe, muito obrigada, vocês me ensinaram tudo.

Agradeço aos meus leitores e ouvintes beta, pessoas tão queridas:

Rubens Gonçalves, Vanessa Sette, Ana Lucia Hadaad, Juliana Octaviano, Sylvia Gonçalves, Paula Carneiro. Vocês apenas imaginam o quanto eu sou grata por suas críticas, incentivos e ideias. Por dividirem comigo risadas e lágrimas e por sempre acrescentarem algo de bom na minha vida e em minhas histórias.

Juliana Amaro, minha assessora desde sempre para todos os assuntos, do coração ao marketing, obrigada por estar em minha vida.

Marcio Vassalo, o crítico literário mais gente boa e competente que existe, suas palavras me motivaram e seu trabalho me ajudou a completar esse livro. Gratidão.

Querida Patricia Pinna Bernardo, agradeço por levar meus personagens ao divã, junto comigo.

E sim, Deus, muito obrigada por me inspirar a colocar amor em palavras.

# Prólogo

Sicília – 2010

Compridos dedos enrugados e masculinos desvincaram com eficiência a folha de papel. A mesma grande e incerta mão fez isso com várias folhas dobradas, que estavam guardadas em uma caixa de madeira escura. Uma vez esvaziada a caixa, as páginas foram empilhadas em um monte conciso. Ele trabalhava na antiga escrivaninha fixada embaixo da janela. Era uma visão límpida pela janela. Um campo de verdes encerrado pelo céu, naquela manhã, engordado por nuvens negras acinzentadas. A chuva era uma certeza madura. Os breves trovões e o vento bagunçando as folhas diziam que logo a água cairia como fruta. Mas naquele cômodo, onde um homem organizava um bolo de papéis desdobrados com minúcia, a quieta atmosfera interna era um enorme contraste a todo prelúdio de colheitas da terra. Uma lareira e uma penumbra conferida por um único abajur de leitura eram os focos de luz do quarto. Quarto que encolhia a cada folha de papel desdobrada.

Nicolas Andreonni já não esbanjava nada. Entendeu, por fim, o que o espelho retangular erguido por uma grossa moldura dizia – a

sádica ideia humana de invencibilidade era uma mentira.

Ele refletia uma prepotência cada vez mais curvada. Uma nova linha aprofundava-se na pele a cada olhar. Nicolas foi vencido. Não pelo poder que ainda detinha, ou pela pesada fortuna que juntou na vida. – Não! – Isso ele garantiu em todos os anos em que acreditou na mentira humana. Nicolas foi vencido pelo que não se doma. Olhava-se todas as manhãs e via rastros de pura compreensão. Eles escorriam o acúmulo na vincada superfície da face. Eles eram silenciosos contadores de uma história cuja conclusão era tão óbvia que Nicolas não precisaria vê-los para entender o porquê da humidade despejar o seu espaço todos os dias. Ele lagrimava toda a culpa. Pousou a mão manchada em cima da caixa de madeira. Ele demorou tanto a desemburacá-la. Lembrou-se da manhã em que ganhou a caixa de presente de sua acamada mãe.

– Meu filho – chamou a frágil senhora –, se aproxime.

Ele era ainda um vigoroso homem, no auge de seu poderio. Ainda exercia todo o seu maldito controle sobre um império herdado. Na Sicília era assim, aqueles que nasciam em famílias apadrinhadas pelo dinheiro e apoderadas pelo sangue permaneciam por gerações detendo o controle sobre vidas, e terras e posses.

Nicolas cresceu e foi ensinado a fazer perdurar o vasto império familiar Andreonni. Proteger a terra, os negócios, a propriedade era secundário. Garantir a segurança da família era o nobre primeiro intuito. Nicolas aprendeu esse intuito. O tráfico de armas, drogas, a lavagem de dinheiro eram consequências do primórdio. As fronteiras de sua influente ordem se estendiam de Corleone a Palermo, a capital da Sicília. O negócio dos narcóticos ganhou o mundo. O problema da máfia não era só siciliano ou italiano. O problema foi expatriado.

Dom Andreonni, na Terra sem nação, era conhecido como o Grande Padrinho, era adorado como um rei. Ao menos assim parecia ser por todos, muitos cegos, outros surdos, alguns mudos. A grande maioria das pessoas na Sicília eram desgraçadas por sofrerem das três deficiências. Ninguém dava falta dos mortos. Nem havia mortos. Mães não perdiam filhos, esposas não enlutavam, filhos nunca tiveram pai. Por isso viviam de preto. Preto cego, surdo e mudo.

Depois do massacre que nunca houve de mil sicilianos que disputavam o controle do intuito, Dom Andreonni assumiu o seu devido lugar. Lugar de rei sentado com os pés no inferno e a cabeça no céu. O rei apadrinhado com as bênçãos apostólicas se mexia com membros de um exército fantasma. E como espectro de homens só deixam testemunhas cegas, surdas e mudas, ninguém na Sicília via, jamais, um membro que fosse do Grande Padrinho, nem pernas, nem braços, nem mãos. Rei com os pés no inferno também sumia com os corpos do seus inimigos em ácido. Corpos que ninguém conhecia. Nunca existiram. Era tudo *Cosa Nostra* e não era de ninguém.

Foi durante o auge do reino de um povo deficiente e vestido de preto que a sua mãe o chamou. Era uma manhã gelada.

– Meu primogênito – ela o reconheceu. – O seu pai tanto fez, que aí está você. – A fraca mulher agarrou a mão de Nicolas e beijou as costas dela. Repetiu o mesmo ato de todos aqueles que se subordinavam. – Grande padrinho... – prosseguiu com a voz baixa. Ele se ajoelhou ao lado do leito da matriarca e beijou-lhe a fronte. – Você ouviria a sua mãe uma última vez?

Dom Andreonni apenas assentiu em silêncio.

– Sabe do que me arrependo, meu filho? – Os olhos dela marearam-se. – De não ter dito mais vezes o quanto o amo, amo a todos os meus filhos.

– Nós também – aclarou a garganta – a amamos.

– Meu filho, me escute e não diga nada. Por menos que concorde, peço que ouça em silêncio, entendeu?

– Sim, mãe. – Ele assentiu como cabia a um filho no leito de morte da mãe.

O crucifixo colocado na cabeceira da cama denotava o ar católico de sua família. Nicolas participara durante anos do partido Cristão. Era, afinal, um rei apadrinhado pelo céu. Era sem dúvida uma família muito apegada aos valores da Igreja.

– *Bambino* – continuou a sua mãe –, sei que a sua – tossiu. Deu um longo gole na água e com as mãos incertas voltou a apoiar o copo na mesa lateral antes de concluir – pouca idade talvez não permita que me escute. Mesmo assim, como sua mãe, não posso deixar de falar.

Ele apertou a mão esmorecida indicando com esse gesto que a seguia.

– Há um ano, recebi de presente de um viajante uma caixa. – Tossiu algumas vezes mais e disse determinada: – Dentro dela, há dezenas de cartas. No início, não dei muita atenção. Mas, assim que comecei a ler, entendi o que aquele viajante desconhecido me explicou. Ele disse que era um presente a caixa chegar em minhas mãos. Disse também que quando tivesse lido tudo, passasse-a adiante. O jovem viajante repetiu as mesmas instruções que te dou agora. Contou-me que ao baú chamava-se: A caixa da falta. – Ela deu uma longa respiração buscando forças e encontrou. – Chama-se



assim, pois as histórias das pessoas guardadas na caixa têm esse tema em particular. – Fez uma pausa enfática e pensativa. – Como a falta os impulsionou, os destruiu, os fez superar limites, moldou-os e assim às suas vidas. Os autores das cartas também ressaltam aquilo que sentiam falta de ter realizado. O que fariam diferente.

– Sim, mamãe, compreendi – disse o homem querendo encurtar o assunto.

O cenho da senhora prostrada endureceu, ela voltou em um tom mais ríspido:

– Nicolas Andreonni, você vai me escutar e me dar um pouco do seu tempo, ou terei que passar isto para o seu irmão menor?

Ele exalou o ar com força:

– Claro que vou te escutar.

– ... A verdade – prosseguiu a mulher, depois que parou de tossir – é que também não dei muita atenção no começo; mas, sabe, filho? Quando a hora de deixar tudo se aproxima, tudo muda, muda tanto. – Ela sorriu melancólica. – As nossas maiores faltas passam a ser as pequenas e simples coisas que não demos atenção. – Tossiu por vezes consecutivas. – Isso porque julgamos as coisas simples, simples demais. Nesta caixa da falta, você encontrará as minhas cartas. Eu contei parte da minha história. Eu dei alguns conselhos à jovem que fui um dia. – Tossiu outra vez. – Olhe-me, Nicolas.

O homem moreno, alto e forte, olhou para dentro do profundo azul dos olhos de sua mãe, ela tocou o rosto do filho e disse:

– Depois que você ler tudo e tirar aquilo que serve a você, escreva o que acredita que vale a pena. Então, repasse esta caixa para qualquer desconhecido. Isso é a única coisa que não cumpri do

que me foi pedido e explicado no dia em que a recebi do viajante. – Ela suspirou com peso para justificar a transgressão. – Eu quero que você tenha a oportunidade de ler tudo o que está guardado dentro dela. – Outro longo suspiro foi dado. – Nestas quantas páginas existem lições sem valor. – A mulher voltou a pousar os dedos em cima da grande mão do seu filho. – Uma última recomendação – disse como se tivesse extinta toda a força. – Não fique com a caixa por mais de um ano. Leia, reconheça, escreva se sentir vontade e entregue-a a qualquer desconhecido, de preferência fora da Itália. Assim ela continuará circulando pelo mundo. Prometa, Nicolas, que fará o que estou te pedindo. Quem sabe chegue ao fim de sua vida com menos coisas a relatar na sua lista de faltas.

– Prometo, mamãe.

Nicolas era um homem importante demais e muito ocupado para lembrar-se de uma aparente tolice como aquela de cartas e faltas e lições. Guardou a caixa bem escondida, dentro do cômodo que era o seu enquanto ocupava a casa da família, e somente se lembrou da existência sufocada quase trinta anos depois do enterro de sua mãe. O câncer já havia enlutado o seu sangue. A primeira ação que teve antes de ler qualquer coisa foi pedir perdão em voz baixa:

– Perdão – saiu o tom abafado de sua voz –, perdão, mãe, por ter sido um estúpido e por não ter te ouvido.

A tela do notebook em que as mãos jovens e femininas digitavam determinadas a história de Nicolas fechou-se de uma única vez. Apagou da vista a sua recente criação: o prólogo do seu livro. Ela se espreguiçou, levantou os braços, esticou o pescoço e

soltou um bocejo abafado pelas costas das mãos. Levantou-se e foi para a cama.

# Capítulo 1

Francesca deitou, olhou o quarto sombreado. As mãos doíam um pouco. Abriu e fechou-as, uma, duas, três vezes. Quase sorriu com a dor das mãos. Sentiu uma lágrima escorrer antes de prevalecer a satisfação. Toda a carga emocional do estupro de uma traição trouxe o prólogo do seu livro. Ela digitou-o com um impulso frenético momentos antes de deitar. A escrita sempre foi uma descarga de qualquer conturbação. Curava feridas novas como a traição que comprovou naquela tarde. Curava feridas velhas como... Suspirou.

Estava a sós no apartamento. Olivia, sua amiga irmã, mãe algumas vezes, muitas vezes filha e ouvidos, olhos e braços nas horas vagas e ocupadas, estava fora da cidade. Encolheu-se na cama como uma criança. Sentiu as lágrimas quentes ensoparem o rosto, o travesseiro, o pescoço. Lembrou-se das inúmeras noites da infância em que chorou daquele jeito. Quantas? Dezenas? Centenas? Elas não foram contabilizadas por sua infantilidade.

Francesca, naquela noite, chorava com a cara no travesseiro. Sentia-se como a menina que tinha de enfrentar os seus medos sem ajuda de qualquer herói. Lembrou-se da infância, a menina que foi, apenas isso.

Lembrou que tinha medo do escuro e dos monstros que viviam escondidos, na sombra do seu armário. Lembrou que cresceu em uma cidade pequena: Rutland em Vermont.

16597.

Este era o número total, não de prédios comerciais ou de casas familiares, e sim de pessoas. Lembrou que não se importava com quantos dividia as ruas da cidade, pois no inverno, a poucos quilômetros de distância, ela tinha um enorme playground natural – Killington, a estação de esqui repleta de toda a diversão que se podia criar com a neve e o frio e as montanhas. Recordou que desde muito cedo a sua mãe, que também esquiava, a levava para deslizar no branco ao encontro de adrenalina. Lembrou que fez isso durante dezessete invernos, quase todos os fins de semana.

Afogada nas lembranças, permitiu-se chorar. Quando menina fazia isso até dormir. Fazia isso sozinha, como estava, encolhendo o seu corpo. Com uma dor travada na boca, soube que outro homem a fazia amargar com gosto escuro. Sentiu medo da vida, das pessoas, das emoções que se avolumavam em seu interior. Assustou-se com o tumulto das emoções. Quando criança, o pesadelo era fundamentado pela espera, era sustentado pela comprovação de uma traição. Uma queda da sua fé nos homens. Na verdade, de um único homem. O modelo para todos os outros. Tudo voltava com o volume caudaloso sem fim, mareando o passado, trazendo de volta uma dor náufraga. Mais um homem que caía de seu panteão interno. Poucos estiveram lá.

O seu pai foi o primeiro a despencar.

No início, o pai era uma ideia colocada em cima de um pedestal. A projeção de todas as expectativas sobre os homens. Ao menos era para ela. Um ser mitológico, como aqueles heróis que

ela tanto ouvia nas suas histórias. Por vezes, ela achava que no armário ele tinha uma armadura e um cavalo no lugar de roupas. Ele vinha no meio de seus pesadelos resgatá-la dos seus medos, da sua dor e da sua falta.

Falta?

Sim, o seu pai como tantos personagens que animavam os seus dias, que preenchiam suas histórias, era uma foto que ela guardava. Lembrou-se da foto que, por uma ironia ou duas, ou apenas por uma generosidade qualquer – isso ela nunca entendeu muito bem –, ele, o seu pai, nessa única foto que ela carregava muitas vezes dentro da própria roupa, estava em pé, muito elegante, com um traje de gala. Era o príncipe do seu conto de fadas.

Trancava-se em seu quarto como qualquer princesa a ser resgatada e, para não estar muito só, escrevia histórias. Muitas delas! Primeiro, livros rabiscados com cores e sem cor. Depois, vieram as palavras. Então, as palavras viraram páginas, as páginas deram à luz a lugares e pessoas que viraram sentimentos. As histórias cresceram e também a sua própria.

A sua mãe – bem... – A sua mãe era quem a acudia nas noites de pesadelo. Era quem dava vida aos livros com a voz que ela tanto precisava ouvir. Era com quem esquiava no inverno. Era quem trabalhava na Prefeitura e sustentava a casa e seu mundo.

Lembrou que faziam bonecos sustentados por neve e montavam árvores sustentadas pelo Natal. Herdou o gosto das tortas e bolos nos domingos depois da igreja. Eles sustentavam as emoções bagunçadas. A sua mãe era a fada e a bruxa. Aquela com

quem brigou por espaço e que realizou desejos, aquela que disse “não” mesmo sentindo por isso. Quem segurou junto a ela trancos da vida, decepções, notas baixas, realidade. Uma heroína que foi homem e mulher e que deu de si toda a força dessas figuras para supri-la.

Lembrou que, quando jovem, ainda na escola, sentia-se um tanto desengonçada e desproporcional. Usava óculos, aparelho e não era muito popular.

– Ei, quatro olhos. – Ela fechou, não os quatro, mas dois, e respirou fundo. Sabia de quem era aquela voz: Renan, o imbecil capitão do time de futebol. Francie andou rápido, um pouco encolhida, torcendo para a parede engoli-la. Mas quem a engoliu foi a cadernada que tomou na cabeça. O impacto não foi muito forte, mas o tranco do corpo pelo susto foi o suficiente para levar os óculos para o chão. Ela lembrou o que vinha a seguir. Abaixou resignada com o que aconteceria.

“Por favor, que ele me deixe em paz. Por favor, Deus.” Ela só queira sumir. Colou os joelhos no chão e sentiu o empurrão. Só não caiu de cara porque esperava por ele e colocou as mãos antes do tombo. Ouvia o coro de gargalhadas ecoar pelo corredor.

– O que foi, Francesca? Seus seios são tão gigantes que você não aguenta mais se sustentar?

Ela colocou os óculos e o pouco de orgulho que restavam na cara. Levantou... e, merda, o cara era alto. Respirou fundo e disse:

– E você, Renan? Deve ter o pau tão pequeno que precisa humilhar uma mulher para sentir-se mais homem. – Ele ficou vermelho de raiva. Ela nunca entendeu por que o idiota continuava

fazendo isso, semana após semana, semestre após semestre, era sempre a mesma coisa ridícula.

Nunca entendeu, até o dia que Renan entrou no clube de literatura, deixou o cabelo crescer e tentava ser simpático de um jeito meio atrapalhado.

– Eu estou louco por você, Francie. Sempre fui.

Renan foi seu primeiro namorado. Ficaram juntos por oito meses, ela estava pronta para entregar tudo a ele. Foi Judy, a sua melhor amiga, quem contou que Renan dormia com uma dezena de meninas da escola e ria dela pelas costas. A escola quase inteira sabia. Foi uma época difícil. Foi quando resolveu que nunca mais se apaixonaria por homem nenhum. Ela passou a odiar os homens, todos eles.

Lembrou que na adolescência tinha um rosto mais bonito do que feio, lábios que ela achava grandes demais e uma cor de cabelo meio apagado, um tipo de loiro acinzentado. Uma cor que para ela parecia mais cinza do que loira. Olhos verdes sempre escondidos atrás dos óculos. Como quase qualquer adolescente, tinha vergonha do seu corpo. Recordou, com um sorriso, que fazia um bom trabalho para escondê-lo atrás de roupas largas, camisetas rasgadas e calças também recortadas.

Francesca, conforme crescia, cansava-se de esperar por seu pai que nunca chegava. Lembrou-se da espera. Esperou-o em todos os seus aniversários. Em todos os Natais. Em todas as Páscoas. Em todos os *réveillons*. Em todas as apresentações escolares. Em todos os dias de S. Valentim. Em todos, todos os feriados. Esperava, nem que fosse uma carta; um cartão apenas; um telefonema. Lembrou que ele nunca chegava e que, por isso, deixou de ser o herói. Deixou de ser muito cedo. Converteu-se na tirania da falta.



Aos poucos, ela se esquecia da foto dele, que ficou mais amarela, desbotada e enrugada de tanto levar junto ao corpo. Lembrou-se do clube de literatura da escola e também do teatro. Lá, fez as suas principais amizades.

Entrou de cabeça no dia do seu aniversário de quinze anos. Foi quando resolveu se esquecer de vez do pai. O que sabia dele era muito pouco para manter qualquer pessoa viva. Sabia que era um crítico de cinema muito conhecido e que escrevia no jornal mais conceituado de Nova York. Sabia que tinha uma família e que tivera outra filha. – Essa era a certeza de que, por algum motivo oculto, o seu pai não quis a ela. Não que não teve vontade ter filhos, mas apenas... não a quis.

Lembrou que no dia em que fez quinze anos trancou-se no quarto e resolveu matar o seu pai. Abriu a caixa em que guardava todas as matérias de jornal que por anos recortou. As matérias que o mantinham. Ela rasgou todos os recortes surrados de abrir. Todas as fotos de revistas ou jornais vincadas. Todo o pouco que havia do pai em sua história. E não porque era pouca história, foi fácil fazê-lo – Não – foi muito difícil. Ela chorou por horas, e quando chegou ao último item da caixa, aquele que ela guardou para o final, pois doeria demais, Francesca não conseguiu. Não conseguiu rasgar a única foto real dele. A foto com o traje de gala. Não conseguiu. Ela quis rasgar, mas foi incapaz. Sempre achou que ele, o seu pai – Antonio Andretti –, tivesse deixado aquela única foto para ela. Então, guardou-a no fundo da caixa. Provou ser incapaz de matá-lo. Sentiu-se fraca. Lembrou que naquele aniversário jurou que nunca mais esperaria por ele. Fez isso porque não aguentava mais a ausência; porque não aguentava mais esperar; porque se sentia fraca por continuar desiludindo-se a cada dia.

Francesca limpou as lágrimas por ter que matar outro homem. Ela não tinha mais 15 anos, tinha 26. Porém, a dor que sentia trazia a certeza de que dor não mede idade. Afundou mais o rosto no travesseiro molhado. Ouviu no fundo da memória a sua mãe entrar no quarto. Recordou do quarto em que cresceu – papel de parede rosa com listras creme. As sapatilhas de balé dividiam o chão com *All Stars* batidos. As bonecas deram lugar a fotos de amigos, pôsteres de bandas de rock e de peças de teatro que ela queria assistir. Sentiu o cheiro do chá de maçã que sua mãe fazia, ela trazia um acolhimento com cheiro de fruta e calor de dentro para fora. Sentiu saudades do acolhimento. Foi a voz de sua mãe que puxou as recordações:

– Francie, meu bem! Está há horas chorando. Desculpe, sei que não gosta que entre assim no seu quarto, mas é o seu aniversário de quinze anos e, querida... Por favor, o que posso fazer para que você não sofra mais por isto?

– Eu matei ele, mamãe – disse entre soluços. – Sei que é impossível fazer isso de verdade, pois ainda tenho o seu sobrenome e parte dele se mistura com meu sangue. Mas juro, é a última vez que choro por isso – soluçou. – Sabe, acreditei, até hoje, que quando fizesse quinze anos, ele apareceria com flores e diria que sempre pensou em mim e que nunca deixaria de estar presente ao menos neste dia... É uma data especial, não é, mamãe? É uma data que toda menina deveria ter um pai a quem amar. Um pai que dissesse que crescer é algo mágico e que jurasse lhe proteger, não mais dos monstros de dentro dos armários, mas dos meninos. – Deu uma risada sentida e enxugou os olhos com as costas da mão. – Mas seremos sempre nós duas, não é? – ela respondeu sozinha: – Hoje morreu a última gota de esperança de que ele recordasse, de que ele ao menos pensasse em mim, nem que fosse um pouquinho.

– Talvez ele pense, meu bem. Talvez ele apenas tenha mais medo do que você. Éramos...

– Sei, tão jovens – interrompeu-a e disse ainda chorando. – Já me falou isso muitas vezes, e sinto muito, mãe, mas não posso mais acreditar que ele sequer lembre do meu nome. Mesmo eu carregando o nome da avó que nunca conheci; a mãe dele. Eu não posso, não consigo mais lidar com a decepção da espera desse alguém, esse alguém que nunca chega.

– Minha filha, então arranque-o de vez da suas expectativas e preencha sua vida com a verdade daquilo que você tem aqui em casa, com o meu amor e com o amor de seus amigos. Preencha sua vida com a sua sensibilidade, com o seu talento com as palavras, com a sua arte.

– Eu liguei para ele há uma semana.

– Oh, Francie. De novo?!

Quando ela tinha pouco mais de um ano de vida, o pai se separou da mãe e mudou de cidade. Prometeu que manteria contato. Francesca lembrou que o procurou algumas vezes, queria tanto esse prometido contato. Enquanto era criança, fez isso por intermédio da mãe, Sophia. Foi até Nova York duas vezes e tentou uma aproximação. Na primeira visita, ela tinha quatro anos. Seu pai estava viajando, sem data para retornar. Na segunda tentativa, ela tinha seis anos. Disseram que ele não podia recebê-la, pois estava em uma reunião, mas pediram que um responsável deixasse o contato de onde ficariam, pois ele iria procurá-la. Esperaram por três dias. Na última vez, depois dela muito insistir, a sua mãe conseguiu o telefone da casa de Antonio em Nova York. Ela tinha 12 anos e nunca mais se esqueceu daquela ligação. Os detalhes do telefonema ecoaram. Foi uma criança quem atendeu. Uma menina.

A filha mais nova do seu pai, a sua irmã. Francesca sabia quem era, mas não teve coragem de falar nada. Então, perguntou por ele e ouviu a menina gritar na linha:

– Papai, telefone.

E, pela primeira vez, ela ouviu a voz do pai. Pela primeira vez na vida ela ouviu o pai falar a palavra – “filha”.

– Pergunte quem é, filha, por favor – foi o que ele disse.

Ela reuniu toda a coragem do seu coração para responder:

– É a Francesca.

Entretanto, mal conseguiu falar, pois as lágrimas intumesciam a boca. O coração batia tão rápido no peito que ela achou que iria o perder para sempre. Ouvia a sua irmã dizer:

– Chama-se Francesca.

Ouvia o silêncio durante instantes que pareciam eternos. Percebeu que uma mão tapava o bocal do telefone. Grudou tanto a orelha no aparelho, concentrou-se tanto, que parou até de respirar. Queria ouvir – e conseguiu – a voz baixa e abafada de Antonio dizer a estranha que era a sua irmã:

– Filhinha, o papai não pode atendê-la, diga a ela que eu ligo outra hora.

Francesca desligou o telefone antes de escutar a resposta que já havia entendido; e chorou, chorou por dias. Chorou de tal maneira que a sua mãe jurou nunca mais deixá-la tentar fazer qualquer contato com o pai. Por isso a consternada expressão de Sophia na noite do seu 15o aniversário.

Chorando por outro homem, ela ouviu do seu passado a conversa que teve com a mãe. A última conversa longa sobre o pai.

– Eu liguei há uma semana no escritório dele no *New York Times*. A sua assistente foi quem atendeu – disse Francesca naquela noite. – Então, imagino que ela tentou transferir a ligação para ele. Mas logo em seguida foi ela quem retornou à linha. A moça foi tão doce comigo que me abri. Eu pedi a ela para falar a Antonio que eu o perdoava, que eu não o culpava por nada e que queria que ele me ligasse, ou lembrasse do meu aniversário de 15 anos. Passei a data, o nosso telefone e também o endereço – voltaram as lágrimas – caso ele não se lembrasse. Ela disse ter anotado tudo e que entregaria assim que fosse possível. – Alguns soluços vieram ainda mais decididos. Disse com a voz trêmula. – Mamãe, achei que assim ele viria. Eu acreditei que dessa vez ele ao menos ligaria.

A mãe em silêncio a abraçou, e Francesca sabia que a senhora também chorava. Sophia parecia sofrer ainda mais que ela com aquela situação. Após alguns momentos de cumplicidade silenciosa, a mãe enxugou as lágrimas do rosto da jovem. Falou com a voz tomada por tristeza, mas vívida de uma certeza que apenas as mães possuem:

– Você é a jovem mais extraordinária que conheço. É linda, é inteligente, é tão doce e sensível, e ele – fez uma furiosa pausa –, ele é um coitado de ter perdido este milagroso presente que a vida lhe deu.

Francesca soluçou. Lembrou como fez para superar aquela noite. Aqueles anos de abandono, a culpa e o medo. Ela se fez forte o bastante. Interpretou bem o papel de corajosa e vencedora.

Mesmo se sentindo destroçada, na escola, passou a se dedicar mais do que nunca aos estudos. Virou diretora dos clubes dos quais participava. Inscreveu-se em alguns concursos de escrita, de poesia, de contos pelo país e ganhou vários deles. Formou-se com honra e mérito. Destacada por professores e diretores como uma jovem brilhante. Tentou algumas das melhores universidades dos Estados Unidos para o curso de Letras. Recebeu a oferta de bolsa para algumas delas.

Nova York foi a escolha. Continuou dedicando-se ao teatro e à escrita, suas duas grandes paixões. O teatro trouxe o homem por quem chorava anos após ter chegado à enorme metrópole. Ela, que quando foi traída com 16 anos pelo primeiro namorado, jurou que nunca mais se entregaria a nenhum homem, que nunca mais choraria por nenhum homem, chorava. *Ser traída com 16 anos era algo mais fácil de digerir. Ser traída com 26 parecia pior, muito pior... Não. Ser traída nunca era fácil, com 2, 3, 12, 16 ou 26,* pensou.

Olhou pela janela, as luzes da cidade sempre tão acesas. Olhou o fluxo de faróis deslocar-se em feixes de luz na parede do seu quarto. Restaurante, lojas, bares e movimento. Ela dividia um apartamento no Soho com duas amigas. Na época, ela considerou que tinha muita sorte. O pai de Olivia, uma das amigas, era proprietário de alguns imóveis na cidade – um apartamento com baixo custo em um bairro tão central seria impossível pagar. Mal sabia que a real sorte seriam as amigas que encontrou naquele apartamento. Amigas que a centravam.

Havia passado 7 anos desde que chegou em Nova York. Nunca se sentiu sozinha. Mas, naquela noite, ela não conseguia parar de chorar e sentia-se só, assim como estava à sua cama.

## Capítulo 2

Mitchell Petrucci nasceu com roupas de ouro, em berço de ouro, em casa de ouro, talvez até mesmo o alimento que o nutriu era feito na medida de 200 ml de água e duas colheres de pó de ouro. Conseguiu com brilhantismo, em seus 35 anos de vida, mais que duplicar o patrimônio familiar. Império ampliado que iniciou a sua história quando o seu bisavô fez fortuna e ficou conhecido na América como um dos reis do cobre. Cobre alquímico que virou ouro. Seu avô, alguns anos depois, expandiu a fortuna associando-se com duas das maiores siderúrgicas dos Estados Unidos. Aço mágico transformado em ouro. Muito ouro! Foi o seu avô quem se tornou majoritário de um dos principais bancos do Estado de Nova York – ouro líquido que jorrava dos cofres, que inundava e afogava sem matar. O seu pai, um brilhante economista, mais tarde expandiu os investimentos e fundou a John Petrucci Group & Co. Ouro com nome de empresa. Ouro verde de montes brotando de tal maneira que qualquer agricultor ficaria verde de inveja diante de tal desempenho semeado. Uma *holding* proprietária de um dos maiores bancos dos Estados Unidos. Acionista majoritária de um conglomerado empresarial.

Era também atribuído a John Petrucci, pai de Mitchell, a criação do primeiro fundo de índices disponíveis aos investidores individuais. A popularização dos fundos de índice geral e os custos baixos de condução em toda a indústria de fundos mútuos vindo a tornar-se um dos maiores fundos de investimentos do mundo. Era verde sem fim que despencava nos bens da família, como se estivesse maduro.

Mitchell Petrucci foi eleito, há alguns anos, presidente da John Petrucci Group & Co. Isso porque ele não foi educado para viver à custa dos frutos plantados por outros. Graduou-se com honra e mérito em Economia em Harvard, com o único e claro intuito de adquirir maior capacidade e conhecimento, a fim de estar à frente na gestão da sua herança verde e ouro. Um império acionista de grandes companhias – a instituição líder mundial em serviços financeiros e um dos maiores bancos dos Estados Unidos. Ele provava, dia a dia, que o seu propósito, além de ampliar as linhas de investimento e aumentar os lucros, era o de continuar comandando com eficácia e absoluto sucesso a maior empresa do mundo (considerada assim há alguns anos pela revista *Forbes*).

Há cinco anos na presidência, ele detinha sob seu sólido e renomado grupo 1,2 trilhões de dólares em ativos. Era considerado um dos homens mais influentes no cenário financeiro. Respondia por uma fortuna pessoal, sempre listada entre as trinta maiores do planeta.

Além de tudo já mencionado, esse homem tão bem-dotado era considerado um ícone da beleza masculina. Conhecido como um contumaz mulherengo. Culpa dele? Não, afinal eram as mulheres, aquelas com as quais ele costumava criar um vínculo maior de amizade, que espalhavam a sua fama fora dos círculos dos



negócios. Quem eram essas mulheres? Atrizes, modelos, as mulheres mais belas do planeta? Com toda a garantida certeza.

– Não, já disse que U\$\$ 200 mil é a minha última palavra. – A forte voz masculina disse em um francês impecável.

Mitchell Petrucci, que era o dono desta voz, falava em um celular. Estava sentado na larga poltrona de couro preto, de trás da escrivaninha imponente esculpida em madeira de demolição, no último e 83o andar do prédio Jonh Petrucci Group Co. – JPG.

Um minuto de silêncio pendeu no ar pelo gigantesco escritório. O alto pé direito era sustentado por um paredão de vidro e por algumas escassas paredes. Estas, exibiam uma coleção de obras capaz de invejar qualquer excelente curador, de qualquer destacado museu de artes. O escritório era decorado com móveis de linhas modernas, aço, madeira e couro. Além de antiguidades e espelhos limpos contrastando com gigantescos tapetes persas, expostos em ao menos três ambientes distintos.

– Então avise que não teremos negócio – o mesmo francês ecoou em resposta.

Outro breve momento de silêncio.

– Não se esqueça que tenho outras minas, não é tão simples como ele faz parecer.

O silêncio foi interrompido desta vez por um leve tamborilar de dedos na mesa de madeira. Ele esticou o corpo e apoiou uma mão atrás da cabeça. Olhou no relógio.

– Você acredita que ele aceitará a proposta?

Outro minuto de silêncio e o que parecia a conclusão da conversa:

– Se for assim, mande toda a documentação para os advogados. Nos falamos depois. Até mais!

Levantou-se com agilidade e com um movimento preciso pegou o paletó azul-marinho e a gravata pendurados no cabideiro de um armário embutido. Desabotoou três botões da impecável camisa branca. Comandou em um controle remoto a abertura da porta corredeira que o isolava de uma ante sala.

A morena trajada com um vestido de noite vermelho olhou-o.

– Desculpe, querida, a deixei aguardando.

– Por você, Mitchell, só por você. – Ela se aproximou, ele sorriu sedutor e a beijou com segurança. Segurança de quem faz muito isso.

– Adoro esse seu sinal – disse com a voz enrouquecida e beijou-a na pequena marca que se desenhava delicada na curva do pescoço.

– Pare ou não chegaremos na festa da sua mãe. – Não tinha muita vontade na voz.

– Eu preferia mil vezes ficar aqui e, bem – ele desviou o olhar para trás da mulher –, dar uma utilidade muito melhor a esse sofá.  
– Apontou-o com a cabeça.

– Eu também, você sabe, mas é o aniversário de sua mãe.

Ele bufou resignado:

– Vamos, então, pegar a estrada.

– Podemos ficar juntos no carro – era uma sugestão cheia de intenções.

– Vou ter que pedir que não me distraia no volante.

Tess franziu o cenho com rugas discretas.

– Não vamos com o motorista, comprei um carro novo– ele disse.

– Mitchell, sabe como fico nevosa quando corre, ainda mais comigo ao seu lado.

O motivo do nervosismo de Tess Taylor, a nova sensação das passarelas no mundo, aumentou quando se deparou com o carro em questão. Os olhos arregalaram-se e a boca desenhou um “Oh”, bem evidente.

– O que é isso, Mitchell?

Ele sorriu orgulhoso e satisfeito, enquanto alisava o capô do chamativo veículo, como se fosse um animal vivo.

– Isto, meu amor, é uma Lamborghini Reventón Roadster, essa beleza nos levará até Greenwich em Connecticut em apenas vinte minutos. Minha mãe nem saberá que me atrasei um pouco para sair. Chegaremos lá pontualmente às 19h.

– O que fazer, não é mesmo? Pedir para você ir devagar diante de uma máquina destas adiantará alguma coisa?

– Nãããão!

Tess suspirou conformada.

– Vamos, então. Deus nos proteja – sacudiu a cabeça ao entrar no carro, com um riso nervoso no canto dos lábios.

## Capítulo 3

Não muito distante daquele escritório, na sala do aconchegante apartamento no Soho, Francesca digitava em seu notebook, amplamente concentrada enquanto bebia uma xícara de café para espantar o sono.

– Oi, Francie – disse Olivia ao entrar.

Olivia era ruiva, alta e magra como uma top model. Dividiam, além do apartamento, festas, almoços, jantares, faxinas, lavanderias, bicicletas, patins, paqueras, alguns porres ruins e outros bons. Compartilhavam, com entrega, risadas, confissões, tristezas angustiadas e alegrias entusiasmadas. Foram madrinhas de casamento há apenas dois meses da até então outra companheira de apartamento: Jessy. As três, mesmo se conhecendo há sete anos, pareciam que se conheciam sempre. Francie e Olivia ainda sofriam em crise de abstinência da engraçada Jessy, que se mudou para Califórnia com marido.

– Oi, querida – respondeu Francie sem desviar os olhos da tela.

– Terminando a revisão? – A amiga se aproximou e espiou o texto em que Francesca trabalhava.

– Sim, graças a Deus. Estou exausta. – A voz saiu entre cansada e satisfeita. Francesca se formou há três anos, trabalhava desde então como freelancer em editoração de textos, para algumas das maiores editoras do mercado literário.

– Quantos livros corrigiu com este?

– É o quinto do mês, estão me deixando louca.

– Você era quem dizia que se te deixassem não fazer mais nada da vida a não ser ler, seria a pessoa mais feliz do mundo.

– Eu sei, isso era quando escolhia os livros.

– Muito ruim este? – Olivia ainda tentava ler.

– Não, este até que não foi dos piores. Uma espécie de romance de autoajuda. É o décimo do ano nesse estilo, mais alguns assim e posso largar a terapia – disse bem-humorada, apesar de seguir concentrada.

– Vince ligou – Olivia estava em dúvida, de verdade, se fazia a coisa certa.

Ela sentiu a mão da amiga sobre o ombro, era um toque que queria contar algo. Fechou os olhos e suspirou. Vince era Vince. Foi o único homem de verdade na vida de Francesca. Foi por ele que ela chorava sem parar na noite em que redigiu o prólogo do seu livro. Antes de Vince, é claro, houve uns namoricos de faculdade. Mas nada que a fizesse se esquecer de sua promessa de não se envolver. Perdeu a virgindade como se perde uma camiseta, com um destes casos, quando tinha dezoito anos, e nem pensou em se arrepender... Talvez só um pouquinho, porque no fundo ela era romântica e por isso também se resguardava tanto de sentir algo por alguém. Foi assim, até que apareceu Vince Kirby em sua vida. Conheceram-se há quatro anos, quando, no último período da

faculdade, ela resolveu retomar as abandonadas aulas de teatro. Ele era sócio, professor e também diretor de Artes Cênicas de uma das mais conceituadas escolas de atores de Nova York. Ela fez uma audição, uma prova escrita e foi aprovada.

Francesca, que nunca se sentiu uma beleza com o passar do anos – hã –, tornou-se uma sem nem entender como. O rosto amadureceu, e aquilo que parecia meio grande e fora de lugar ajustou-se. Os lábios continuavam excessivos e os seios também. Mas é claro, somente na opinião dela. Não usava mais óculos, a não ser para leitura, e quando o fazia, eles conferiam um ar sério e muito atrativo aos olhos dos outros. Após meses de insistência das amigas, os seus cabelos ganharam outro tom. No lugar do loiro-cinza, desenvolveram suntuosas matrizes de loiro dourado. Nada que um pote, um pincel, um frasco de tinta e outro de água oxigenada não pudessem, como um milagre, providenciar. Milagre feito em cinquenta minutos. As longas corridas pelo Central Park, alternadas com as aulas de Ioga, fizeram sobressair curvas ainda mais definidas. Não era alta, tinha em torno de 1,64 m. A baixa estatura tampouco era um problema na visão dos homens, que a olhavam e muito.

Vince foi um dos que a olharam durante um ano, enquanto ela estudava, atuava e interpretava. O moreno muito charmoso e irresistível, sócio e diretor da Artist Academy, conquistou-a com seus olhos verdes e cabelos quase pretos.

Ou a conquista foi culpa do cavanhaque intelectual e arrogante?

Não, o problema era a maneira tão moderna que ele se vestia. Parecia estar sempre posando para um editorial de moda masculina. Era forte, mas não um exagero de músculos. Era um

exagero de cultura, inteligência e isso foi o trunfo quase final na sua entrega. O abuso irritante no direito de ser sexy terminou por ele o processo da conquista.

Vince não teve pressa, e isso, na opinião de Francesca, que era a mesma de sua terapeuta, fez toda a diferença. No começo apenas a olhava e o fazia com tal intensidade que até o ar passava mal. Depois de um ano de leves insinuações e de olhares nada leves, ele pediu que ela estendesse os seus ensaios até mais tarde.

O papel que estrearia era o principal da peça. Havia ainda dois meses para a dita estreia, mas Vince, o que se pode dizer? Era perfeccionista ao extremo. Isso era o que ela pensava no início. Esses ensaios tornaram-se uma dança louca da sedução. Repetiam muitas cenas, e uma específica até levá-la à exaustão. Ela declamava um poema escrito por Vince, em contracena o diretor, que declamava um poema de John Donne. Intercalados, os versos em um diálogo quente e provocativo levavam-na a sair do teatro trêmula, com os cabelos trêmulos, com a roupa amassada de tanto tremer e com o sangue incerto de febre.

Foram dois meses repetindo a mesma cena de maneiras diferentes, na total escuridão e com luz de velas. Meio nua e meio vestida. Com ele em cena, com ele na plateia. Deitada, em pé, sentada, do avesso, dançando, chorando, gritando. Até que uma noite ele agiu. Após a terceira vez que repetiam a cena culpada pela tremedeira e exaustão, cena que ela tinha de cor até o presente momento, Vince subiu no palco, puxou-a pelos braços, parou a centímetros da sua boca e ordenou seco, duro, possesso:

– De novo. – Ele respirou fundo e declamou: – “Desata esse corpete constelado, feito para deter o olhar ousado”.

Ela sentia a respiração dele pulsando a face, como vírgulas do texto, como o tempo de uma cena. Envolta na paixão da arte disse:

– “Eu abro-te a minha entrega e desnudo o toque e tu entras e desatina o drama, entre os lençóis e em cima da cama”. – Francie começou a tremer. Sentia que eram acesas todas as terminações nervosas. Ouvia a voz rouca do diretor:

– “Entrega-te ao torpor que se derrama. De ti a mim, dizendo: hora da cama”. – Os lábios dele tocaram os dela.

– “Eu quero o seu eixo de pontos à mostra, correr a trama da voz sumida”. – A voz dela quase um sussurro: – “Cerca a distância, coroa a pele”.

E a voz de Vince quase imperativa:

– “Tira o espartilho, quero descoberto, o que ele guarda quieto, tão de perto. O corpo que de tuas saias sai é um campo em flor quando a sombra se esvai” – ele abaixou a regata que ela vestia e passou a tocar em seus seios.

– “Tire a tímida faixa com que envolve a sua marca máscula” – ela ofegou. – “O que esconde dilacera. O desejo que a alma aludiu um dia foi emparedado de tanta prudência” – gemeu. Ele passava os lábios e a língua por seu rosto e pescoço. Engoliu a seco. – “O corpo é um vasto espaço aberto, eu quero, eu anseio a sua tomada, a sua essência derramada”.

– “Arranca essa grinalda armada e deixa” – ele disse com a boca na sua orelha e prosseguiu com ela passeando pelo colo nu: – “Que cresça o diadema da madeixa. Tira os sapatos e entra sem receio nesse templo de amor que é o nosso leito”.

– “Eu entro não venha. Eu grito: preencha o copo vazio, o vaso vazio, a estrela vazia”. – Esta era a última parte da cena e ela



estava meio nua, em cima do palco, com o diretor percorrendo o seu corpo com as mãos, com a boca. Ela mal conseguia falar entre os gemidos, os ofegantes sussurros e a loucura da luxúria despertada. Mas concluiu, quando achou que fosse perder-se, Francesca concluiu chorando de sentir: – “Preencha e tire a nebulosa do certo. Dê tudo, demole a gravidade que sustenta o céu aberto. Expele todo o não até que não reste nada. Nem uma gota represada. Até que não reste nada, nenhuma poeira de vontade velada, não segure nada, não esconda nada, não deixe nenhum espaço vazio”.

– Nada, Francesca, nada ficará vazio – prometendo isso, ele a engoliu com uma exigência louca, preenchendo primeiro a sua boca com a língua e depois o resto. Amaram-se em cima do palco, entre as coxias, as bambolinas e o cenário não acabado. Sem se importar com nada.

Durante três anos, amavam-se em cena e fora dela. Na plateia, na cabine de som, nos camarins, no fosso de orquestra, atrás dos cenários entre os figurinos. Em banheiros de restaurantes, nas escadas de incêndio e também no elevador. Dispensas, *closets*, mesas e pias ganharam para ela um novo uso. Sentiam uma fome quase visceral um do outro e ela nunca esteve tão plena em sua vida. Ela pedia, por vezes quase implorava: “Vince, aqui não. Podem nos ver” – ou “hoje não, estou cansada” –, o diretor sempre tinha a última palavra.

Até que, há pouco mais de uma semana, Francesca chegou ao teatro antes da aula. Antes do horário conturbado por falas, portas, alunos e cantos ou exercícios de voz. Queria surpreendê-lo e conseguiu. O diretor estava com uma de suas novas alunas,

realizando com ela o mesmo treinamento intenso de educação artística sexual.

Anos de terapia e de teatro serviram para modificar alguns comportamentos. Um deles foi a incapacidade que tinha de responder diante de situações constrangedoras ou massacrantes. A voz sumia, o ar prendia, o raciocínio fugia e ela paralisava. O teatro proveu-a com esta capacidade incrível de reagir mesmo sob pressão, humilhação ou dilaceração. Pôde comprovar isso naquela tarde, quando se deparou com a cena explícita. Observou em silêncio por um muito breve instante. Sentiu que ia explodir por outro breve instante. Então, olhou para cabine de som. Subiu em uma silenciosa concentração. Ligou o microfone, aclarou a garganta e falou com a firmeza de uma atriz muito bem preparada:

– Que merda de cena! – gritou e a voz ecoou por todo o teatro.  
– Nããã! Não Parem... Vamos repetir. Diretor, que decepção, a sua atuação estava uma bosta! Não, não sai de cima dela. Sabe o que quero que vocês mostrem? Entrega, verdade e não uma “trepadinha frígida”. Você? Diana, né? Abre mais as pernas, querida, e geme mais alto. Quanto a você, Vince! Se enterra nela com vontade, parecia um colegial brocha e inexperiente. – Colocou mais ênfase nas palavras ao dizer: – Não se vista, Vince... Sua cena ainda não acabou. Agora, você vai para o lado direito do palco. – Ela fez uma pausa enquanto acendia o canhão de luz, focando o lado direito. – Vamos, diretor, siga o meu comando, senão vou cortar o seu pau... hã, ou seria papel? – Deu uma risada forçada. – Muito melhor, Vince, desta vez, você me deu a emoção que eu queria, ficou lívido. Isso mesmo, realidade, entrega na cena! – A menina saiu correndo para o *backstage* e Vince estava em pé com as mãos nos quadris, com as calças postas e o peito nu. Olhava-a com uma surpresa horrorizada pelo vidro da cabine. – Vá para o canto direito do palco,

diretor de merda. – Ela seguiu seca, drenada de toda emoção que não era raiva. – E lá em pé. Olhe ao seu redor como se procurasse por algo e então, Vince. – Mais uma pausa enfática que gerou uma expectativa forçada: – Fará o meu *grand finale*... Ali, naquele ponto, você vai se foder. Como? Você é um ator. Improvise. – Deu uma longa respiração. – Merda para você!

– Francesca, espere! – Vince gritou erguendo a mão com intuito de detê-la. Mas ela abandonou o teatro antes mesmo que a voz dele conseguisse alcançá-la.

Então, do lado de fora ela chorou. Chorou tanto que algumas pessoas na rua vieram oferecer ajuda. Chorou por um homem, como não fazia há anos. Chegou naquela tarde em seu apartamento e continuou chorando durante horas. Foi no meio das lágrimas convulsivas e da raiva anormal que surgiu a inspiração para o início do seu livro. Sentou em frente ao notebook, escreveu, escreveu, escreveu. Foi para cama ainda chorando, então vieram as lembranças da infância e as carências mal resolvidas explodiram. Chorou até dormir exausta.

No dia seguinte, recolheu tudo o que havia de Vince em sua vida: fotos, presentes, recados, mensagens no celular, e-mails, poemas, músicas. Tudo o que faz as pessoas ficarem ligadas uma a outra, em uma relação de três anos. Todas aquelas porcarias e rituais que os casais insistem em fazer quando estão juntos. Eles quase moravam juntos entre o apartamento dele e dela. Na última conversa que tiveram, antes do flagra, falaram em casamento. Ele queria casar na Indonésia. Vince era budista, e por isso aprendeu com ele também a meditar. Mas até mesmo o japa mala que ele deu de presente a ela, Francesca lançou no saco que iria para o lixo. Desfez-se, apagou e jogou tudo fora. Ela tinha muita

experiência em arrancar as pessoas, em matar pessoas e em se refazer em cima daquilo que parecia ser nada.

– Desculpe, querida. – A voz e o toque de Olivia a resgataram das lembranças, uma semana após o término do namoro.

– Sei que pediu que não falasse – Olivia disse –, mas ele me ligou algumas vezes e não o atendi, até que na quarta vez resolvi respondê-lo, apenas para pedir que ele parasse de perturbar as pessoas... Então, a voz dele... – Ela coçou a testa. – Fiquei com pena, ele estava bêbado às 15h. – Mordeu o lábio apreensiva e acrescentou: – Contou que você não atende e nem retorna as centenas de ligações e recados que deixou. Ele implorou para que você o recebesse, apenas para ouvi-lo, e conheço Vince, ele não bebe durante o dia. Então... desculpe...

– O quê?

Olivia engoliu a seco:

– Oh, meu Deus, não me mate!

– Fala logo, Olivia, o que você fez? – explodiu.

– Ele está aí fora... eu... eu não consegui dizer não. – A amiga foi às lágrimas: – Me perdoa.

Silêncio.

– Você não tem culpa, é o Vince. Ele tem essa capacidade de envolver a todos, um dos grandes desafios de se meter com atores é que eles mentem muito bem, tão bem que convencem a si próprios. – Tragou o ar com força. – Já que ele insiste, vamos a mais um ato desta palhaçada.

Quando saiu, deparou-se com Vince sentado em um degrau da escada, com a cabeça entre as pernas. Ao ouvir a porta abrir, ele

levantou o rosto... E, Deus, se ela não soubesse da capacidade dele em simular as emoções, teria o perdoado. Ele estava abatido, com os olhos inchados e fundos, a barba por fazer, a blusa amassada, a calça esgarçada; meio sujo. Parecia um bêbado que acabou de sair da sarjeta. Mas até este figurino trágico poderia ser arranjado entre uma hora no bar e outra no camarim. Portanto, ela, muito inacessível e nem um pouco tocada, cruzou os braços sobre o peito e falou:

– Se veio pegar as suas coisas – encolheu os ombros –, perdeu a viagem, joguei tudo fora.

Então, o pranto dele, antes contido e controlado, se desfez, ele passou a soluçar:

– Me perdoe, Francesca, meu amor! Me perdoe. Eu não posso viver sem você. Por favor – levou as mãos aos olhos –, sei que não a mereço, sei que o que fiz não tem justificativa, mas sinto que vou morrer se não tiver você de volta.

–Vince! Isso é muito grave – ela disse com a voz inundada de ironia. – Procure ajuda psiquiátrica.

–Veja, eu tinha comprado o anel. – Levantou, bateu nos bolsos à procura e retirou uma caixinha de veludo. Abriu-a: – É uma esmeralda, da cor dos seus olhos. Por favor, me perdoe. – O diretor estendeu o estojo.– Eu ia pedi-la em casamento daqui a três dias, na noite da estreia. Queria... queria que fosse especial, ia ajoelhar no palco diante de toda a plateia e ia...

– Pare, pelo amor de Deus – ela o interrompeu. – Acho que vou vomitar. Você é um pervertido louco? Ia me pedir em casamento no palco, com todo o elenco? Inclusive Diana, que por acaso atua nesta peça? – Ela colocou as mãos na cintura, incrédula: – E me

conte, qual seria a participação dela, ia ajoelhar também ao seu lado? Ou iria abrir as pernas e gemer? – Virou-se para retornar ao apartamento, mas ele a deteve segurando-a pelos ombros.

– Por favor, espere. Entenda, ela não é nada para mim. Eu estava lá, lendo uma peça, quando ela chegou e eu estava confuso e assustado com os meus sentimentos por você; e ela...

– Quantos anos você tem? Doze? Assustado? Oras, pare de tentar explicar, só me deixa mais enojada.

– Meu amor, escute. Comprei as passagens, eu já tinha reservado... – Ofegou com a voz fraca – o nosso casamento em Bali. Me perdoe. Eu amo você, amo tanto.

E, então, tudo transbordou em lágrimas. Lágrimas que ela odiava.

– O que mais você quer de mim? – Ela levou as mãos até boca para controlar o choro e disse: – Um dia antes, um maldito dia antes nós planejávamos o nosso casamento, e você? Você... – Ele ainda segurava-a pelos ombros. – Com quantas, Vince? Quantas outras você comeu enquanto estávamos juntos? Tire as mãos de mim! – ela gritou por fim descontrolada.

– Nenhuma, juro, nunca havia acontecido! Eu juro, Francie – sussurrou perdido. E recuou afrouxando as mãos.

– Isso nos leva a duas opções – ela olhava para porta –, ou você é um miserável azarado, ou é o maior filho da puta mentiroso que existe. E eu acredito com vontade na segunda opção.

– Francesca, por favor, estou sofrendo muito.

– Sabe de uma coisa, Vince? – Ela virou para encará-lo uma última vez. – Eu não ligo a mínima. Não volte a me procurar. – Saiu

batendo a porta na cara do diretor.

No mesmo momento, dentro do apartamento, ela desabava nos braços da amiga. Era um imóvel de dois quartos pequenos, mas arrojado, confortável. Estavam em pé, em cima do tapete de lã bege. Ele cobria boa parte do piso de madeira encerado. Na parede, os quadros de Audrey Hepburn e outros *vintages* pareciam olhá-las consternadas. A mesa de jantar de madeira antiga era acompanhada por quatro cadeiras alpendre em vinil de cores dispare. O notebook encontrou o seu reduto ali. Ao lado, o sofá, embaixo da janela, era branco de courino enfeitado com almofadas do tipo indianas que estavam sempre fora do lugar. Quis jogar-se nele e definhar de tanto chorar.

– Eu sinto muito – Olivia ofereceu todo o apoio.

– Eu menti para ele, falei que não ligava, mas estou arrasada. Não por vê-lo encenar a vítima deplorável, mas por tudo o que ele ainda teve a coragem de vir me dizer. E o pior, por ter sentido vontade em vários momentos de acreditar nele uma vez mais, de perdoá-lo.

– Francie, é natural que se sinta assim, vocês estiveram juntos por três anos. Não se culpe e também se resolver perdoá-lo...

– Resolver perdoá-lo? – Ela arregalou os olhos. – Ele estava comendo uma aluna em cima do palco... merda, como fazia comigo. Um dia após combinarmos o nosso casamento. Você acha – sacudiu a cabeça indignada – que existe alguma chance de perdão? Você... você acha que existe?

– Sinto muito, não... Acho que não. – A amiga tocava nas mãos dela. – Mas também acho que somos humanos e que estamos

sujeitos a errar e nos arrepender... e nunca vi um homem tão acabado.

– Você acredita que essa foi a primeira vez que ele fez algo parecido?

– Não.

– Como acha que poderia ser feliz desse jeito? Bosta, Lilly... – Soluçou. – Eu ia achar que estava sendo traída a cada porra de mulher que ele olhasse na rua. – Sacudiu a cabeça. – Já vivi um terror psicológico por causa de um homem na minha vida, não preciso de um segundo.

– Sinto tanto, minha amiga. Você tem razão, meu amor. – Abraçou-a com mais força: – Tem toda a razão. Vou fazer um chocolate quente. Quer?

Ela apenas assentiu.

Sentou no sofá e olhou a janela. Ao lado de fora, a chuva caía em uma fraca continuidade. As luzes do Soho nos prédios e nas lojas atestavam a viva cidade noturna. Parou de chorar. Os carros se enfileiravam no trânsito, as pessoas desfilavam guarda-chuvas diversos e casacos recém-tirados do armário. Era a primeira semana fria do ano.

– Vou me dedicar ao meu livro. Trabalhei muito duro durante os últimos três anos e consegui fazer uma reserva que vai permitir que eu diminua o meu ritmo de editorações. Poderei escrever – ela disse em tom de voz mais alto para que a amiga ouvisse.

Olivia trazia as duas xícaras e estendeu uma para ela.

– O importante é que se mantenha o mais ocupada que conseguir, para que não entre em autocomiseração.



– Eu sei e, pensando nisso, resolvi fazer algo diferente.

– O quê? – Lilly sentou ao seu lado.

– Há dois dias estive no Charles Darwin – disse. Deu um longo gole na bebida esfumaçante.

– No hospital?

– Vou fazer leituras voluntárias para pacientes em coma. – Ela ergueu as sobrancelhas, aguardando a reação da amiga.

– Meu Deus, Francie!!! – Lilly arregalou os olhos. – Vai entrar em depressão.

– Imagina. – Sorriu à amiga com tranquilidade. – Eu li sobre isso na internet há umas semanas. Parece que o programa é novo. Faz parte de um estudo que eles estão desenvolvendo para testar a resposta com esse tipo de paciente diante de um contato humano mais frequente. Li que existem casos em que o paciente fica praticamente a sós por meses, às vezes até anos.

Olivia a encarava com os olhos postos em pratos:

– E por que fará isso agora? Digo, você deveria visitar comediantes todos os dias e não pacientes abandonados. – Franziu o cenho. – Você já decidiu, não é mesmo? Conheço essa sua cara.

– Ligaram hoje, preenchi uma ficha há dois dias e já me ligaram. Perguntaram se eu tinha disponibilidade para início imediato, pedi dez dias.

– Oh, Francie..

– Começo na próxima quarta.

– Quantas vezes por semana?

– Duas, acho. A não ser que eu queira ficar por mais dias. – Deu mais um gole no chocolate. – E também é uma oportunidade de ler o que escrevo em voz alta.

– É para alguém que não escuta? – A amiga torceu a boca e desenhou uma negação incrédula com a cabeça.

– Quer melhor audiência?

Olivia franziu o cenho.

– Nunca serei criticada – Francie disse ao se levantar: – Vou ligar para minha mãe, faz dias que não falo com ela, e depois escreverei mais um pouco.

– Francie...

– O quê, Lilly?

– Tenho muito orgulho de ser sua amiga.

– Também tenho de ser sua.

## Capítulo 4

Um carro preto, com aparência de um jato, fez uma curva fechada na rotatória toda ladeada por pinheiros extravagantes. Não eram pinheiros comuns, as folhas abriam em gomos de qualquer coisa macia e verde. Como se os tufos suspendessem uma parte de todo o aconchego do mundo. As árvores eram enraizadas com harmonia longitudinal e perfeição latitudinal. Um modelo bem-sucedido do projeto edênico. Os troncos, sustento do paraíso, ficavam de pé em um gramado de causar inveja a golfistas neuróticos. O centro da larga rotatória dos pinheiros e do gramado era substancialmente preenchido por uma fonte clássica de proporções bem grandiosas. Ela, despeitada, até conseguiria destacar-se mais, se os olhos de quem a percorresse não fossem atraídos, no mesmo instante, para a ostensiva e suntuosa mansão no estilo inglês. Vinte e quatro janelas brancas enfileiravam-se divididas entre os dois andares da palaciana residência.

O Atrium da entrada não deixava nada a dever ao Éden. O piso de mármore branco e preto fazia quem quer que entrasse sentir-se em um partida viva de xadrez. Alguns eram rainhas, outros eram reis e certamente também havia os peões. O lustre, despencando do alto pé direito no centro, lembrava os reis. Era o enfeite de um

dos palácios de Bonaparte. O lustre imperial cintilando quilos de cristal embevecia-se com o arranjo de flores de cores gritantes, nascido do centro de uma única mesa redonda. Mesa do pai do rei decapitado pelo dono do lustre.

Na sala, os pés e os olhos agradeciam aos gigantescos tapetes Isfahan de fios de seda. Os olhos e a alma agradeciam as renomadas obras de arte espalhadas pelas paredes. O bom gosto e o requinte agradeciam a rica e clássica decoração dos enormes ambientes – separados entre sala de estar, lareira e *livings*. E o espírito e a mente agradeciam ao azul da represa. Ele se mostrava por meio da enorme e envidraçada parede frontal. Um exagero. Era como próprio Mitchell definia a casa da família. Exagero distribuído em quatorze quartos, vinte banheiros, dez grandes salas, dois escritórios, três piscinas, sendo duas descobertas e uma coberta e aquecida; saunas, quadra de tênis, cachoeira, lagos com carpas, deck, cais e um gigantesco terreno esmerado pelos jardins edênicos.

– Chegamos à impressionante casa da Sra. Petrucci – Mitchell disse com escárnio.

– Mitchell, é a sua mãe – replicou uma impressionada Tess.

– Sério? Ainda bem que me lembrou, porque tenho certeza que ela não lembra.

Mitchell saiu de casa com apenas oito anos. Foi estudar no Chateau du Rossey na Suíça. Voltava uma ou duas vezes por ano para visitar a família. Nessas ocasionais visitas era quando a família Petrucci se reunia. Sua mãe era sempre muito apagada atrás da imagem do pai. Sua irmã, Danielle, que era dois anos mais nova, quando completou oito, se juntou a ele no colégio interno. Ela era uma princesinha de olhos amendoados que vivia com as bonecas e

as babás. E seu pai trabalhava demais, calculava demais e era bem-sucedido demais. Quando Mitchell foi para a faculdade, com dezessete anos, as férias que passava em casa eram sempre preenchidas pela companhia do pai. Ele o levava a todas as reuniões e compromissos de trabalho. Fazia isso a fim de que se familiarizasse com o ambiente, e para que aprendesse com o seu exemplo como negociar. Mitchell fez a lição de férias. Com apenas dezenove (dois anos após ir para Harvard), já estava à frente de importantes decisões nos investimentos da família. Família...

Não sabia mais o que era isso. Via a irmã e a mãe duas vezes por ano, no máximo três: no aniversário da matriarca, no dia de ação de graças e, às vezes, no Natal. Desde que o pai morreu, há três anos, ele perdeu ainda mais o contato. Agradecia por isso todos os dias. Administrava os investimentos e as finanças da mãe e da irmã. Isso era tudo o que fazia por elas. Esse também era o único motivo pelo qual o procuravam. Por tudo isso, sentia-se entediado e indisposto toda a vez que devia encarnar o filho e resgatar o irmão.

– Oi, meu filho, está atrasado – disse a mulher coberta com elegância por um vestido de seda vinho. Ela aparentava muitos anos a menos do que os sessenta que estava fazendo. Silvia Petrucci sempre figurava nas principais colunas sociais do mundo. A bela morena de pele clara e olhos amarelados foi, sem dúvida nenhuma, um ícone também da beleza na juventude.

– Parabéns, mãe. – Deu um beijo casto no rosto sem justificar-se pelo atraso.

– Boa noite, Sra. Petrucci. Parabéns – disse Tess com uma educação cautelosa.

– Desculpe, querida! Mitchell já nos apresentou? – A mulher transpareceu uma indiferença natural.

– Essa é Tess Taylor – Mitchell se adiantou.

A mulher deu um sorriso aberto, porém vazio.

– Bem-vinda, querida!

– Obrigada – a voz de Tess saiu baixa e a modelo pareceu tímida.

– Ora, ora, ora... se não é o meu irmão mais velho nos dando a honra da sua presença – aproximou-se uma charmosa e jovem mulher, cabelo castanho avermelhado, e que parecia uma versão mais nova da dona da festa.

– Oi, Danielle, tudo bem? Como você está? – Dessa vez, no cumprimento houve apenas um distante e curto abraço.

Danielle foi casada durante cinco anos com Jaques Vivan, um famoso empresário francês. Mesmo após ter se divorciado, continuou a morar em Paris.

– E essa jovem adorável? – Danielle perguntou.

– Tess Taylor. – Ela estendeu a mão.

– Você não é? – Danielle ergueu as sobrancelhas.

– Sim, é – disse Mitchell interrompendo a irmã de maneira nada sutil.

Danielle sorriu com toda a elegância herdada de sua mãe:

– Quando estiver desfilando em Paris, me procure, podemos fazer algumas compras juntas.

– Será um prazer – Tess vestiu uma expressão de passarela.

– E você, Mitchell, sei que vai a Paris sempre, por que não me procura?

– Não vou a Paris fazer compras, Danielle, vou a trabalho. – Agarrou uma taça de champanhe que o garçom oferecia.

– Que pena, sempre tão ocupado, pobrezinho – a irmã disse com ironia.

– Vamos, Tess, quero te mostrar a varanda. – Ele passou a mão na curva do braço da modelo. Conduziu-a para longe das garras familiares.

– Elas são simpáticas – arriscou quando se distanciaram um pouco.

Mitchell ergueu uma sobrancelha discordante, mas não a contestou.

– Não sei por que ele insiste em sempre vir acompanhado. Parece que faz isso para me afrontar – comentou Silvia Petrucci com a filha, logo que o casal se afastou.

– Afrontar?

– Além de todos nós sabermos qual o único motivo dele estar com essa moça, que é algo bem diferente de afeto e cumplicidade. Ele nunca repete a mesma, nem por dois eventos consecutivos. Claro que é uma afronta. Parece que gosta de esfregar na minha cara como ele é vazio e fútil e como errei na sua educação – ela deu uns tapinhas de leve no próprio rosto, em um gesto afetado a fim de acalmar-se: – Ele sabe que não suporto que essas mulheres entrem na minha casa, celebrem comigo o meu aniversário e, daqui a algumas semanas, elas nem sequer estarão mais na vida dele. Esta é uma reunião de família e amigos íntimos, não um desfile de relações fúteis.

– Você não errou, mamãe.

– Eu sei que não. Anos dos melhores analistas do mundo me convenceram disso. Mas é o que ele acredita e o que quer deixar claro todas as raras vezes que vem nos ver. É incapaz de dar um telefonema pessoal para mim, nem mesmo para perguntar: “Como você está, mamãe?”, ou “A senhora precisa de alguma coisa, mamãe?”. Nunca – continuou abatida. – Nenhuma vez é capaz de demonstrar o mínimo de carinho e reconhecimento. Nem sequer avisa que está trazendo alguém, para que contemos com uma pessoa a mais na mesa. Trata-nos como trata a seus executivos, ou ainda pior, por que a eles parece que respeita.

Danielle suspirou consternada:

– Mamãe, é seu aniversário e – estalou a língua – ao menos ele está aqui.

– Para quê, Dany? É o que me pergunto sempre. Está aqui por querer estar, ou está aqui porque quer me agredir da maneira que ele entende conseguir?

– O que você acha?

– Você sabe o que acho – disse. – Deixe-me ir organizar a mesa e ver o que consigo fazer. No próximo ano, juro que contarei com esse lugar a mais. Juro. – Tomou a direção do salão de jantar.

– Você fala isso todos os anos, mamãe – a moça disse seguindo-a.

– É porque todo ano tenho a esperança de que ele terá a consideração de me avisar. Até para que eu tenha a oportunidade de negar.



Algumas horas mais tarde, o jantar já havia sido servido. O parabéns fora cantado com o bolo de andares decorado com glace. Os convidados já tomavam café e licor. O pianista, que no início da noite tinha arriscado algumas músicas mais animadas, tocava *As time goes by*, quase um aviso de que a festa acabava. Alguns já se despediam para ir embora, outros já tinham ido; então o telefone de Mitchell tocou. A conversa o levou até o isolamento da varanda.

– O senador Ford e seus aliados não retrocederam. Eles vão continuar exercendo pressão sobre as agências reguladoras do Dodd Frank<sup>1</sup> por regras mais duras. – A voz do outro lado da linha era tranquila e firme.

Mitchell apenas exalou o ar com peso. Um breve momento de silêncio se fez na ligação.

– Mitchell? – A voz masculina checou se ainda era ouvida.

– Bastardo! – disse por fim: – É este inferno desde a crise de 2008. O governo não assume a sua parte e nos joga toda a responsabilidade pelos *crashes* financeiros do mundo. – Mitchell andava de um lado ao outro na espaçosa varanda.

– Após seis meses de tentativas, conseguimos obter um retorno dele.

Os olhos de Mitchell arregalaram-se em evidente surpresa:

– É sério, Paul? – Estava perplexo.

– Sim, por isso estou te ligando.

– Quando?

– Agora – respondeu Paul Lambert, sócio e um dos vice-presidentes da John Petrucci Group & Co.

– Como? São dez e quinze da noite!!! – Mitchell estava ainda mais surpreso.

– Ele acabou de ligar, quer te encontrar na entrada do Del Posto às 23h15. Disse estar lá no meio de um jantar de negócios e que viaja amanhã cedo de férias com a família.

– Suborno? – sugeriu Mitchell em voz baixa.

O que acha?

[Silêncio. – Exalação forte.]

– Veremos... Assim que eu sair de lá te ligo. Tenho que ir, estou em Connecticut no aniversário da senhora que dizem ser minha mãe.

– Está de helicóptero?

– Não, mas chegarei tão rápido quanto.

– A Lamborghini nova? – indagou Paul.

– Sim.

– Aproveite, e boa sorte com o senador.

– Para nós. – Mitchell desligou o telefone.

Saiu da varanda em largas passadas. Pouco depois de trocar algumas frases com Clayton, o mordomo da casa há mais de vinte anos, Mitchell estava na sala de estar ao lado de Tess.

– Querida – disse passando a mão na cintura da jovem –, vou ter que sair daqui agora para uma reunião imprevista e inadiável. Infelizmente não poderei nem te deixar em casa.

– Peço carona para sua mãe? – a modelo disse com ironia.

– Para ela não, para o motorista dela. Ele vai te levar, já está preparando o carro.

– Fala sério? – Tess tinha um rubor constrangido no rosto.

– Não se preocupe, a casa tem cinco motoristas.

– Bom... – Ela abaixou o olhar desapontado. – Sendo assim, está bem. – Suspirou. – Achei que fôssemos dormir juntos.

Ele beijou a fronte da jovem.

– Amanhã te prometo que sim, e o convite para Paris e Londres daqui a dois dias ainda está de pé.

– Vou pensar no seu caso.

– Não quebre meu coração – ele olhou-a com um forçado pesar.

– Coração?

Mitchell mostrou um sorriso do mais ordinário em resposta. Em seguida, aproximou-se da mãe.

– Adeus, mamãe – disse –, surgiu um imprevisto, preciso sair agora. Não poderei levar a Tess, mas já organizei com Clayton e um de seus motoristas irá levá-la – despediu-se apressado e displicente.

A mãe exalou o ar devagar e pareceu insegura:

– Filho, eu... – hesitou por um momento. – Filho, apesar de tudo, você sabe que eu me alegro muito que esteja aqui, e eu....

– Acho que a senhora já bebeu champanhe demais por hoje. – Ele sorriu com uma ironia fria. – Dany, suspenda a bebida da noite.

Despediu-se da irmã. Saiu em seguida, sem dirigir a atenção aos outros convidados. Afinal, estava com muita pressa.



Francie abriu o notebook e se concentrou a fim de escrever. Após a explosiva visita de Vince, precisava, para a sua saúde emocional, manter a cabeça afastada dele e de tudo. Digitou:

“Era um lugar no meio de um espaço sem tempo. Era um tempo sem mostradores da existência, sem véus, sem rugas, sem nada”.



Mitchell entrou no seu carro. Ligou o som, buscou na lista de músicas: clássicas. Selecionou aleatoriamente. Acionou o viva voz do celular e deu a partida no carro. Poucos minutos depois, deixava o condomínio e entrava na estrada com destino a Nova York.



No notebook, as palavras continuavam surgindo:

“Era assim que eu me sentia, sempre quando caminhava na areia à beira-mar. Livre... O mar tinha algo que me fazia esquecer de tudo, o mar me fazia desistir do tempo”.



Era um dos poucos momentos do dia em que Mitchell não lembrava da vida, do tempo e do espaço, dos números, dos lucros,

dos investimentos, das pressões de tudo. Quando corria com um carro, algo na concentração exigida, o barulho constante do motor, o deslizar dos pneus no asfalto o faziam se esquecer de tudo.

• • •

Surgiam as imagens e elas eram traduzidas em palavras por meio do teclar silencioso. Esse era o único som a se interpor com à chuva constante batendo na janela. Chuva, teclas, chuva, teclas. Francesca continuava a escrever:

“Eu tinha os dedos sujos de tinta e partes do vestido também. Ia à praia para buscar inspiração. Ia até lá em diversos horários do dia”.

• • •

Com os olhos focados na estrada, Mitchell por vezes olhava o velocímetro a fim de controlar a velocidade. Estava chovendo, e a estrada ia mais vazia do que cheia. Não era muito prudente levar o carro ao limite. Ele ignorou a prudência e se deixou levar pelo ímpeto.

• • •

Francie se espreguiçou, salvou o arquivo recém-digitado e desligou o computador.

• • •

Mitchell seguia com atenção, quando um carro a sua frente perdeu o controle, deslizou na pista e atingiu com um brutal impacto outro veículo. Para não colidir, ele teve que jogar a Lamborghini com um forte puxão no volante para esquerda. Um dos veículos envolvidos no trauma foi arremessado pelo impacto à mesma faixa a qual ele havia se deslocado. Alta velocidade, pista molhada. Tudo passou em instantes vivos, rápidos, mortais e lentos. O carro atravessou o seu caminho. Chegou a desviar o pé para o freio e reduziu um pouco a velocidade. Não impediu a violenta colisão. Ouviu o barulho seco e demolidor da lataria sendo amassada. Sentiu o *air bag* abrir. Ele não viu mais nada.

## Capítulo 5

Há quanto tempo ele está assim? – A voz feminina saiu abafada enquanto era direcionada ao encontro do paciente.

– Nove dias – respondeu a enfermeira de cabelos pretos, quase cobertos pela touca hospitalar.

– Sra. Campbel, tem alguma instrução, regras ou algo mais que deva saber?

– Apenas não desligue os aparelhos – era uma enfermeira bem-humorada.

– Não farei isso – disse Francie sorrindo com a brincadeira.

– Aqui todos me chamam de Nany. – A enfermeira aparentava ter uns 45 anos. Era um pouco mais alta que Francesca, olhos castanhos, rosto um pouco angulado. Ela tinha um sorriso que devia tocar até os pacientes em coma.

– Como aconteceu isso com ele? – Não aguentou a curiosidade.

– O de sempre... Acidente de carro.

Francie ergueu os olhos em um silencioso consentimento.

– Traumatismo craniano – continuou Nany por vontade própria.

– Muito grave?

– O que indicaram os exames foi uma lesão axional difusa, com poucos pontos de hemorragia. Uma lesão de monta pequena, mas – torceu os lábios –, ele está em coma.

Os olhos de Francesca abriram um pouco em uma expressão de falso entendimento.

– Não entendeu nada, não é mesmo?

Ela sacudiu a cabeça negando.

– As nossas células nervosas se comunicam por meio dos axiomas, que são as suas extensões, como se fossem braços, compreende?

– Sim.

– Esta lesão significa a ruptura de alguns desses braços.

Ela franziu o cenho e mordeu o lábio pensativa. *Ele teria alguma chance de recuperação?* Quis perguntar, não precisou, a resposta veio espontânea.

– As características clínicas e a evolução dos pacientes são variáveis. A verdade é que não se tem certeza de muita coisa. Só o tempo responderá. Eu já vi pacientes considerados casos praticamente perdidos, pela gravidade das lesões, saírem daqui melhores do que alguns considerados pacientes com um bom prognóstico.

– Entendo.

– A minha opinião, e que isso fique entre nós duas, pois se os médicos me escutam perco o meu emprego, é que na área da Neurologia, a Medicina ainda caminha um tanto às cegas. Não há



um padrão tão regular como na maioria das áreas. É como eu falei, existem muitos casos que permanecem sem aparente explicação. Já vi algumas vezes os médicos se entreolharem atônitos com a evolução de vários pacientes. Sabe o que eu acho, Francesca?

– Francie, por favor – ela revelou o apelido.

A enfermeira prosseguiu:

– Acho que esta é a área dos milagres. Mas como a Medicina não acredita neles, creio que a Neurologia ainda tem muito a desvendar. Afinal, não seriam os milagres a ciência que ainda não foi comprovada?

– Acho que acredito em você, Nany. Me parece muito... sábia.

– Venha, vou te levar até ele.

Enquanto caminhava, assustava-se um pouco com todo aquele quadro beirando à morte. Lançava olhares tímidos entre os boxes dos pacientes em estados de coma. Eles ficavam isolados em espécies de pequenas cabines, umas maiores, outras menores. Alguns ligados a aparelhos e outros não. Mas quase todos sozinhos.

Teve a nítida e clara sensação de que quanto mais abandonados eles estavam, tanto mais acompanhados pelo invisível se encontravam. Pela primeira vez na vida jurou ter sentido a presença de anjos bem disfarçados. Sentados em absoluto silêncio, velando por seus protegidos. Ao menos foi o que ela quis acreditar, precisou acreditar. Isso a confortou.

O boxe do paciente no qual passaria algumas tardes lendo, era um dos grandes. Concluiu logo de início. Tinha uma cadeira e uma mesinha ao lado da cama.

*Bip, bip, bip.* Soava o bater constante do forte coração monitorado. Uma tela que mostrava as funções vitais. Uma bolsa de soro e tubos. O barulho da oxigenação, a sonda de alimentação e...

– Oh, meu Deus! – Quando deu por si já tinha saído.

– Sim, eu sei. – Nany balançou a cabeça. – Mesmo assim, dá para ver que é de tirar o fôlego, não é mesmo?

Sentiu que a vergonha esquentava o rosto. Era um paciente em coma e não um homem em um bar paquerando.

– É jovem – conseguiu disfarçar.

– Trinta e cinco anos. É um desses megaempresários internacionais.

– Como ele chama?

– Mitchell Petrucci.

– A família tem vindo muito?

– Em nove dias? – Nany soou um pouco sarcástica. – Uma vez, a mãe e a irmã no primeiro dia. Uma vez uma supermodelo, uma tal de Tess Taylor. Duas vezes um homem, Paul Lambert, se não me engano, e uma vez dois amigos, pelo o que entendi são do trabalho. – Ela fez uma pausa e olhou para o homem deitado: – Não ouviu nada a respeito?

– Na verdade não. Estou escrevendo um livro e me desligo do mundo quando escrevo.

– Só se desligando do mundo para não ouvir nada. Semana passada, este hospital virou um caos. Centenas de repórteres nas portas e toneladas de flores chegando todos os dias. Os pacientes em coma não recebem flores. Então, o hospital tinha que as

devolver, pedindo que fossem enviadas à família dele. Após oito dias de caos absoluto, a turba de repórteres quase cessou e as flores não chegam mais. Ao menos não aqui... Vou deixá-la a sós agora. Se precisar de algo, me chame.

– Obrigada!

Uma vez sozinha, abriu a bolsa e retirou o iPad. Acomodou-se na cadeira ao lado da cama. Tomou uma respiração funda, olhou-o meio constrangida, quase como se estivessem se conhecendo na realidade.

– Mitchell, muito prazer, eu me chamo Francesca. Sei que você já deve ter tido dias melhores. Mas, devo admitir que para um homem em coma, me parece... bem. – Fez uma pausa e acrescentou: – Seremos somente nós dois por um tempo. Espero, por você, que seja um breve tempo. – Mais uma respiração longa para então continuar o seu monólogo:

– Não se preocupe. Apesar de estar habituada a falar sozinha, não vou fazer isso, não muito. – Olhou-o. – Creio, pela sua aparência, que não deve ser o tipo de homem que aguenta por muito tempo as infinitas divagações femininas, não é mesmo? Portanto, não vou te submeter a essa tortura forçada. Não vou tirar proveito de sua vulnerabilidade. O que vou fazer aqui é ler para você. Funcionará como uma troca, entende? – Deteve-se como se esperando resposta e disse: – Sim, uma troca. Porque enquanto a minha voz pode ajudar a despertar a sua consciência, deste sono não convidado... Eu terei a oportunidade de ler em voz alta o que ando escrevendo. – Mais uma breve pausa e o cenho franzido de Francie. – Mitchell, você ficou sisudo! Prometo que vou te contar as novidades do futebol também. – Sorriu encarando-o, como se ele

houvesse entendido; como se tivesse respondido em silêncio a brincadeira. Procurou o arquivo. – Então, vamos lá!

Abriu a primeira página e começou com uma perfeita dicção e impecável intonação de uma atriz profissional.

## Prólogo

“...O primeiro que fez Dom Nicolas, antes de ler qualquer coisa, foi pedir perdão em voz baixa:

– Perdão – saiu o tom abafado de sua voz –, perdão, mãe, por ter sido um estúpido e por não ter ouvido...”

## Capítulo 1

Nicolas puxou uma carta do monte e começou a leitura recostando-se na confortável cadeira de frente a janela no seu quarto:

Inglaterra 1871

Era um lugar no meio do espaço sem tempo. Era um tempo sem mostradores, sem véus, sem rugas, sem nada. Era assim que me sentia sempre quando caminhava na areia. Livre. O mar me fazia desistir do tempo.

Eu tinha os dedos sujos de tinta, a pele respirava pigmento e partes do vestido também. Ia à praia para buscar. Ia até lá, em

diversos horários do dia. Registrava as diferenças da luminosidade, da maré alta e baixa, das embarcações provisórias. Capturava tudo dentro dos olhos, depois voltava ao meu estúdio e transformava olhos em telas. Elas viravam objetos cheios de pó, em paredes brancas de espaço. Mas para mim, as telas eram as cores que me cobriam. Eram tudo.

*Um bip do monitor, algo mais rápido. Ele ouvia? Ele sentia algo que era lido? Francie piscou fundo e continuou:*

Eu que sempre me considerei abençoada, perdi. "Foi um surto de escarlatina." Explicou o médico na ocasião. "A senhora tem muita sorte em estar viva." Sorte desgraçada que leva embora... Bênçãos que vieram em tons escuros, luto que não foi chorado de negro, foi sentido em cima de cores, enxuto em cima da linhaça, tintas misturadas com sal do corpo. Eu perdi toda a minha família. Foi o meu marido primeiro. Foram os meus dois adorados filhos, em apenas trinta dias. Não foi sorte. Sorte nenhuma.

As telas foram o escombros nessa maré de qualquer coisa. Elas também poderiam ser uma forma de ganhar algum sustento. Dinheiro que não conhecia surto de escarlatina e que não entendia nada de luto. Dinheiro que esnobava com ignorância e não sabia como era difícil para uma mulher sozinha consegui-lo. No começo, levei as telas a algumas galerias em Londres, mas a resposta era sempre a mesma:

– Não, senhora!!! Não vendemos quadros de damas. A senhora deveria estar em casa, cuidando de sua família e não na rua se expondo desse jeito.

*Uma respiração tão funda, ele esperava alguém.* Mitchell não se sentia cuidado. Engoliu a seco. Retomou a leitura.

Eu queria estar em casa, cuidando. Oh Deus, era o que mais queria. Queria tanto cuidar das pessoas que eu amava, que acordar para os dias tornou-se uma tela sem tinta. Por vezes nessa luta eu só lembrava de... de... Nada. Eu não lembrava de nada. Somente dos pincéis. As cores eram vivas nas telas. Algo ainda tinha vida.

*Bip, bip, bip.* Atestava a vida do homem inconsciente ao seu lado.

Foi o mar, a praia, a minha casa branca com grandes janelas e molduras verdes. Foram muitas crianças, damas e cavalheiros em meio a jardins e suas matrizes de verde, dourado e ocre. Tudo vinha da luz. A luz era que transformava toda uma cena. A mesma realidade, ao nascer do sol, tinha uma existência registrada: rosa, azul, lilás e tudo se espalhava nessa exigência da aurora. Depois, ao meio-dia, as vívidas cores eram resgatadas; branco, verde exultante e o azul intenso reclamavam quase tudo. O pôr do sol enganava e coloria tudo de novo e eu coloria o branco outra vez com todo o engano da diferença luminosa.

Das cores ao branco, e do branco ao sobrepor da matriz a falta persistia. A falta era algo que contaminava como a escarlatina. Havia falta de tudo, até dos recursos. As finanças estavam cada vez piores e a casa que chegou a ter mais de trinta criados, agora tinha apenas cinco. Os cinco mais fiéis.

Consegui, depois de muito insistir, deixar alguns quadros expostos em uma loja de artes. Foi feita a venda de alguns poucos retratos. Mas isso não foi o suficiente, a propriedade adoeceu. Eu sabia o que era preciso. Sabia que teria de vender as terras e a casa e levar uma vida mais humilde em uma casa pequena, talvez em Londres. Sabia que me desfaria do que acreditei ser. Portas, janelas, quartos. Lugares misturados de memórias.

Naquela tarde me sentei em um dos bancos no jardim e olhava. Naquele dia, eu não buscava registrar nuances de luz, despedia-me de tudo a minha volta. A decisão da venda fora tomada. E tratava de arrancar de mim todo o significado que dei para as coisas.

– Senhora Stone? – Era uma voz masculina. – Enxuguei as lágrimas com as costas da mão e me virei ao encontro da voz.

– Sim, sou eu. – Reparei no elegante cavalheiro.

– Prazer, senhora, sou Simon Thorton.

Fiz uma breve mesura.

– Há dez dias tive o privilégio de adquirir alguns quadros seus.

Levantei as sobrancelhas entre surpresa e incrédula.

– Sou um profundo admirador da arte, conheço alguns pintores reconhecidos em Paris e Londres. Confesso que o seu trabalho me tocou de uma maneira muito particular.

A boca, sem que percebesse, ia aberta.

– Não queria lhe deixar sem fala, senhora. – Ele sorriu.

Eu pisquei fundo:

– Não deixou, senhor, talvez apenas um pouco surpresa. – Fiz uma pausa ponderado o que falar. – Fico encantada que tenha gostado das pinturas, tenho muitas delas em casa. Gostaria de acompanhar-me para olhá-las?

– Por isso estou aqui, senhora. – Ele tinha um sorriso bonito e claro como os seus olhos.

– Me chame de Marina, Sr. Torthon.

– Me chame de Simon – fez uma pausa –, Marina.

Eu sabia que era muito cedo para tal intimidade. Mas há algum tempo já não me importava com nada. Então, intuitivamente, o fiz, quebrei a barreira da etiqueta que distanciava as pessoas. Algo naquele cavalheiro me deixou à vontade.

Conforme começamos a percorrer as paredes cobertas por minhas telas, o silêncio tornou-se as linhas sobre as pinturas. Nenhuma única palavra foi dada. Ele parava em cada tela. Olhava. Olhava. Olhava. Olhos azuis vistos por paisagens, vistos pelo mar e pelos jardins. Às vezes arqueava as sobrancelhas, em outras vezes franzia o cenho, e em outras apenas exalava o ar lentamente. Enquanto os quadros hipnotizavam Simon, eu ia hipnotizada. A minha mão inquieta torcia a ponta do avental obstinada, como se disso dependesse algo muito valioso, talvez... talvez tudo. No final de mais de uma hora em que ficamos dentro do que havia restado de mim, Simon virou-se e disse:

– Tenho uma proposta a lhe fazer.

O coração falou e continuei em silêncio o ouvindo.

*Ouvi Mitchell respirar, tão ritmado, tão hipnótico.*

– Quero patrocinar a sua pintura. Tenho muitos contatos no meio e creio que, com um material desses, conseguiremos espaço para expor seus quadros no salão de Paris e também no de Londres. O que me diz?

Eu não consegui responder. Até tentei sorrir. Mas sabia que isso não ajudava a minha situação atual. Simon, que parecia ser um homem sensível, notou que estava incomodada e ao certo já havia percebido, pelo descuido da propriedade e pelo desgaste das minhas roupas, que enfrentava dificuldades.



– Penso que devo fazer um adiantamento – fez uma pensativa pausa –, 500 libras, para que me garanta exclusividade sobre as vendas de suas telas. O que acha?

Os meus olhos alagaram-se:

– Não, não é certo, não posso aceitar, e depois como poderei pagar por isso? – Eu tremia, minhas mãos tremiam e minha voz reverberava isso.

– Se não conseguirmos levantar esse dinheiro com as vendas, que sei que o faremos, eu mesmo ficarei com algumas pinturas. – Olhou-me, lá dentro, bem fundo. – Não tenho pressa para ter o retorno desse investimento. Tenho por hábito fazer isso com talentos como a senhora. – [Silêncio.] – Entenda, ganho o meu dinheiro com cobre, aço e ferrovias. Parte dele é transformado em arte. Ela dá sentido à vida, não acha? – Lágrimas mostravam os meus olhos. – Não chore, por favor. – Tirou um lenço do paletó e me ofereceu.

– Eu... não sei se é certo. Mas a verdade é que não tenho como negar, estava a ponto de vender tudo, inclusive os quadros com a casa. – Olhei ao redor. – Há dois anos perdi minha família e então tudo se desfez. – Suspirei. – As tintas, as telas... – Foquei nos quadros a minha frente. – Eles são toda a minha vida agora e tudo o que restou. Simon... Eu. – Suspirei encarando-o. – Obrigada, não sei direito por que está fazendo isso, mas obrigada!

A minha primeira exposição aconteceu poucos meses após esse encontro. Eu ia junto com um grupo de artistas, ríamos e brincávamos uns com os outros. Os meus olhos, naquela ocasião repletos de quadros e amados em silêncio, desistiram de se fixar no grupo de entusiasmados pintores e vagaram pelas telas, por meio

dos cantos, entre os corpos e molduras a procura de Simon. Encontrei-o.

Eu sempre tive certeza de que a pintura me resgatou. Repetia sempre no meu renascimento uma frase que ouvi de alguém que se tornou um grande amigo e que traduzia aquilo que a arte significava para mim: “Todos discutem minha arte e fingem compreender, como se fosse necessário compreendê-la, quando é simplesmente necessário amar”. – (Monet).

Sei com certeza que tudo o que vemos é uma tela em branco, vazio como a falta. Mesmo as cores estão ali para nos lembrar de sua constante transição. Um quadro nunca é visto de uma mesma maneira mais de uma vez. Eu pinto a minha vida com mil transições e a vida pinta em mim. Dedico hoje tudo ao meu grande amor, amor trazido por algo além das cores. Dedico-os a Simon.

Nicolas dobrou a primeira carta e a devolveu à caixa vazia.

– Obrigada, Mitchell, por ouvir – Francie fechou o iPad. Em um movimento impensado levantou e segurou a mão dele. Deslizou o polegar nas costas da grande mão prostrada.

– Tudo vai ficar bem, Mitchell. Sei que tudo vai ficar bem – ela disse em voz alta em um gesto encorajador e cúmplice.

O seu coração começou a bater anormal e alterado. Ou parou de bater e ocupou o lugar do esôfago. Ela recolheu a mão em reflexo, como se queimada. Despediu-se sem querer dar muita atenção ao que aconteceu.

– Tenho que ir agora – disse inquieta. – Mas volto.

Parou para pensar antes de concluir. Havia se proposto voltar mais uma vez na semana. Olhou-o tão solitário. Soro, silêncio e máquinas. Tão vulnerável. Encheu o pulmão de ar e foi incapaz de dizer que só voltaria em alguns dias. Não conseguiu:

– Volto amanhã, Mitchell. Terá que me aguentar mais do que havia imaginado. – Sorriu consigo mesma. – Deve ser o seu charme – brincou. – Exerce esse efeito em todas as mulheres? Bem, talvez não assim, mas acordado com certeza. – Guardou o iPad na bolsa e olhou-o uma vez mais. – Logo estará bem, e que Deus ajude as mulheres que cruzarem o seu caminho. Falando isso, saiu da cabine com um sorriso bobo.

## Capítulo 6

– A verdade é que algo naquela vulnerabilidade toda me comoveu. – Francesca estava sentada na poltrona alaranjada do consultório que era tão familiar. A luz tênue, os quadros surrealistas, os tons pastel das paredes e o discreto cheiro do aromatizador floral no ar. Tudo era muito conhecido. Ela sentia-se sempre bastante a vontade ali.

– Vulnerabilidade? – indagou a Dra. Miranda em todo o seu relaxado metro e setenta, cabelos castanho-claros, rosto de coração, olhos azuis e acolhedores.

– Sim – Francesca ponderou: – Creio que foi isso. Um homem tão forte e grande e, pelo que soube, poderoso. Ali, amarrado a tubos, soros e monitores. Ele tinha a expressão tão suave e entregue a tudo aquilo. Fiquei angustiada. Não consegui dizer que voltaria daqui a dois dias. Era como se eu estivesse sendo egoísta, entende?

– Sentiu-se culpada por ele?

– Não. Não foi culpa, foi uma emotividade exacerbada. Como se ele precisasse do meu apoio...

– Pretende vê-lo todos os dias?

– Ao menos no começo... Isso será benéfico para mim também, porque é um momento de concentração, em que posso amadurecer as ideias para o livro.

– E como está em relação ao Vince?

– Não sei. Ainda dói de várias maneiras, mas sinto que está cicatrizando.

Francie saiu do consultório e ligou o celular. Viu, para sua irritação, que havia cinco SMS do Vince, dois novos correios de voz que deviam ser dele. *E que inferno!* Ele nunca a deixaria em Paz? Ligou para Olivia e marcou de encontrá-la na pizzaria que sempre iam juntas. Era um local charmoso, apertado e próximo a sua casa.

Sentou-se em uma mesa pequena, em um dos cantos menos apertado. Pediu a pizza costumeira. Aquela coisa italiana, que lembrava tanto Vince. Os recados dele. Os gemidos da traição em cima do palco. Queria amassar a cara dele. Massa italiana. A voz de Lilly capturou sua atenção.

– Oi, querida. Como foi o seu dia? – A amiga puxou a cadeira para sentar.

– Tudo bem. E o seu?

– O de sempre... O meu chefe teve um surto por causa do ex. Eu traduzi oito editoriais de moda e estou exausta.

Os pais de Olivia eram embaixadores franceses nos EUA. Ela, que era uma pessoa quase sem nacionalidade, falava francês como se houvesse vivido sempre na França; inglês como se nunca houvesse tido outra casa fora dos EUA; e espanhol como se essa fosse sua língua materna. Trabalhava na área de tradução da *Vogue* em Nova York.

– Conte como foi no hospital? – Lilly parecia curiosa.

– Foi tranquilo. Estou lendo para um paciente que está em coma há nove dias. Mas acho que por ser alguém – hesitou pensando no termo a usar – rico – decidiu e acrescentou –, eles dão uma atenção, digamos, privilegiada. Ou porque, para os pacientes que estão naquilo que eles chamam de coma irreversível, haja menos esperança. – Abriu as mãos. – Vai saber...

Lilly deu um gole no vinho que dividiam.

– Quem é ele?

– Um tal de Mitchell Petrucci.

A boca de Olivia escancarou-se. Ela largou o garfo no prato produzindo um impacto. Assim como ficou o rosto dela.

– O quê? – Francie fingiu inocência. – O quê? – A amiga riu incrédula. – Ou você é cega, ou ele ficou deformado depois do acidente. Porque aquele homem é a reunião de todos os atributos da perfeição.

– Como soube do acidente? – Francesca franziu o cenho. – Como sabe quem ele é?

– Ai, Francie, você é muito alienada. Ele, além de ser um deus absoluto, é um dos homens mais ricos do planeta. Na semana passada, não se falou em outra coisa sem ser esse acidente. Ele só sai com essas mulheres surreais, atrizes e top mega models. E você, sua sortuda, está lendo para ele.

– Pelo amor de Deus, Olivia. O homem está em coma.

– Conta como ele é pessoalmente?

Francie sacudiu a cabeça fazendo uma negação e disse:

– Está em coma, Olivia, coma, entendeu? Quebrou a cabeça e está naquilo que os médicos definem como “estado indefinido”. Pode acordar, pode nunca acordar e, caso acorde, pode não andar; não lembrar nada e não falar nem mesmo “mamãe” – bufou.

– Eu diria que deve ser lindo mesmo assim.

– Eu diria que você é louca!

Olivia encolheu os ombros:

– Não, sou apenas uma mulher desesperada e necessitada de sexo. Faz vinte dias desde a última vez. Não me olhe com essa cara. Você e Vince tiveram tanto que seu saldo sexual positivo dura pelo menos mais duas vidas. – Deu uma garfada e disse mastigando: – Mesmo que você vista um hábito amanhã.

Francesca gargalhou:

– Não, Lilly. Quem experimenta o que eu experimentei não conseguiria virar freira nem daqui a cinco vidas.

As duas amigas riram como sempre faziam quando estavam juntas.



– Capítulo 2 – leu Francesca.

– Dom Nicolas Andreonni puxou com os dedos trêmulos mais uma carta do monte de papéis disposto em sua frente. Respirou fundo.

Alemanha, 1940

Um porão de morte, apertado de vigas escuras. Uma câmara sem janelas embaixo da terra que cobria pessoas vivas e abrigava

peças mortas. Um porão que esvaziava as pessoas como um ralo. Tornava tudo sombrio a cada boca que acordava, a cada olhar que prendia. Lá dentro tudo era negro: olhos, rostos, corpos.

Lá fora tudo branco. Era um frio doente. O branco com vermelho é uma mistura viva, elétrica. É a cor da morte adoecida. Quando ela se torna como ar, a morte deixa de ser e passa a respirar com quem vive. E não havia o que pudesse ser feito para aplacar o que se sente quando vivo. Tínhamos que fugir escondidos em ratoeiras. Aos outros víamos ratos – olhos pardos, pelos sujos, barulhos agonizantes.

Há meses habitávamos aquele porão, e ao menos há duas semanas não recebíamos as provisões de lenha e de comida dos anjos encobertos. Eles arriscavam-se apenas porque eram anjos.

O crime que havíamos cometido que justificava tal angelicalidade? Não.

Naquele porão não havia respostas. O buraco que se tornava pútrido, a cada respiração descoberta, não respondia. Lá só viviam perguntas e depois nem elas resistiam, eram enterradas. Foram amigos e irmãos, esposas e filhos. Todos iam como números, como títulos de celulose, como se não fossem. Morriamos sem roupa, nus pelo frio da alma, despídos pelo frio do sangue, vazios pelo branco rubro de vergonha elétrica. As roupas daqueles que deixavam eram queimadas na fogueira da boca dos vivos.

Eu fui rabino. Eu fui marido, fui irmão; ainda era pai; eu era um número...

Francesca continuou a ler por um par de horas. Antes de terminar o capítulo, deu alguns goles na água e concluiu:



Dom Nicolas entendeu, em sua consciência amargurada, que não havia criado uma história da qual os homens pudessem se orgulhar. Chorou como um menino com as mãos sobre a testa, cobrindo as rugas. Queria ser roubado da vergonha. Instantes depois, dobrou a página e guardou na caixa, aos poucos ela começava a ser palavreada.

Ela fechou o iPad. Olhou para aquele homem que parecia ainda mais solitário naquela tarde e disse:

– Mitchell, esse tema mexe muito comigo. Sempre foi assim. Acho que a guerra é o maior atestado do que somos capazes de fazer quando esquecemos o amor. Ou da falta de amor. – Fechou os olhos.

– Queria saber o que você acha de tudo isso. Às vezes imagino se você escuta alguma coisa do que falamos aqui. – Abriu os olhos. – Talvez quando você acordar, possamos ser amigos... Amigos? – Fora dessa situação, ela jamais, nunca, nem mesmo imaginaria ser amiga de alguém como ele. Tão diferente. Inalcançável. Playboy? O mundo dele era outro. Tão distante. Tragou o ar e disse contrariando-se:

– Por que distante e impossível? Além do mais, de certa maneira, isso não poderia já ser considerado uma amizade?

Ok! Uma amizade unilateral. Mas sim, sentia um carinho de amiga por ele.

– É isso. – Estava convencida. – Está decidido! Somos amigos, e, como sua amiga, vou te falar, escute...

Ela se abaixou até quase encostar os lábios na orelha dele e sussurrou:

– Sei que o lugar que você está deve ser pacífico e acolhedor. Deve ser difícil querer sair daí e voltar para toda essa bagunça, não é mesmo? Mas, pense bem, você pode fazer valer a pena.

Guardou o iPad na bolsa.

– Obrigada, Mitchell.

Francesca adorava o outono em Nova York. Nele, as árvores emprestam o laranja, o ocre e o vermelho para a cidade. As ruas em movimento de táxis, carros e gente não têm tempo de agradecer as cores das folhas. Elas, as cores, se espalham anônimas entre os casacos recém-tirados dos armários e das vitrines, entres os guarda-chuvas que correm por qualquer espaço na Quinta Avenida e entre os prédios espelhados de outros, de mar dono da liberdade e do pulso do verde em papel. As cores do mundo dobram nas línguas e correm o parque por todas as trilhas e por todas as câmeras que angulam uma melhor captura. Nova York da liberdade ergue os braços de ferro e de vidro, eles arranham os céus desafiando Newton e sua lei de qualquer gravidade. A cidade de tudo; de todos os povos e de todas as artes, de todas as danças e de todos os músicos, de todas as galerias e de todos os cultos. Nada no mundo é tão cheio de crenças e costumes. Ali, a disparidade é o par perfeito. Verde se mistura com cinza. Laranja corre nas fumaças dos bueiros. Pratos caros do guia de pneus concorrem com cachorros-quentes sobre rodas. Rap é clássico, roupa antiga casada com nova é moda, o Brooklyn é moderno e Manhattan é desfile. Nova York é a casa do mundo e é de todos uma única casa.

Alguém correu para pegar um amarelo que passou sem parar. O táxi voou para longe do palavrão explodido. Alguém esbarrou no ombro de outro que nem viu, nem parou. Outro olhava quase mudo, quase emocionado, o topo verde do parque com o topo dos prédios famosos.

Saiu do hospital e foi namorar toda a dicotomia perfeita. Às vezes, ela se dava esse presente; e nunca se cansava. Ela era incapaz de se cansar de Nova York e a cidade não se cansava dela.

Quando criança colecionava cartões-postais. Depois, um pouco mais velha, todos os filmes rodados tendo a cidade como fundo. Via e revia *Manhattan*, *Breakfast at Tiffany's*, *Friends*, *Sex and the City*, *Descalços no Parque*. Colecionava, como uma delicada relíquia, esses filmes e séries como se fossem o ingresso de sua ida até lá.

Toda a semana Francesca lia a agenda cultural e se perdia. Mesmo que uma pessoa pudesse estar em dez lugares diferentes em um único horário, não seria capaz de esgotar as tentadoras alternativas. Inúmeras mostras de fotos, artes, peças de teatro, concertos, filmes, palestras, exposições. Tudo, tudo, tudo! Depois de enfrentar uma dúvida obsessiva diante das infinitas e tentadoras opções, ela selecionava dois eventos semanais para ir. Naquela semana, decidira ir ao show do "The XX" e assistir à *Neva*, um drama encenado em 1905 em St. Petersburg.

Havia, para Francesca, um único e adorável incômodo em continuar a frequentar ativamente a vida cultural de Nova York: a certeza absoluta de que em algum momento ela cruzaria com Vince. Na verdade, era tudo o que ela não precisava. Já bastavam os encontros com os amigos e conhecidos em comum. As inevitáveis perguntas e a disfarçada hipocrisia das pessoas que,

muitas vezes, fingiam não saber que ela foi ridiculamente traída. Fingiam se consternar com o fim do relacionamento.

Óbvio que isso não consternava a ninguém. Com exceção, é claro, da sua mãe e dos seus poucos amigos verdadeiros. Talvez, nem mesmo sua terapeuta ficasse consternada de verdade. Por quê? Teoricamente essa traição garantiria, pelo menos, mais seis meses de consultas regulares. Mas ela não podia se isolar do mundo e se enterrar viva por causa do coveiro ex-namorado.

Quem passou a ser sua constante companhia na prática de evitar o suicídio social foi Tom. Tom era o único amigo de verdade que fez nos anos de teatro. Além de Olivia, ele foi quem sustentou o seu estado emocional fraco e conturbado nesses quase vinte dias, após a ruptura com Vince. Essa noite, iria ao concerto do "The XX" em companhia loira de olhos azuis, pele dourada e 1,85 m.

– Como vai a moça mais linda da cidade? – Era sempre assim que ele a cumprimentava, sempre.

– Vai a cada dia um pouquinho melhor. – Ela o abraçou.

– Hoje está um arraso, vou voltar sem você para casa? – Tom brincou olhando a loira com um vestido vinho curto, coberto por um camisã de renda preto que acabava no meio da coxa. Ela era o tipo de baixinha convicta, não se esforçava por se meter em saltos quinze o tempo todo. Naquela noite usava botas pretas de tachas, cano baixo e salto rasteiro, sempre uma opção confortável para um show.

– Não creio. A não ser, querido, que você encontre companhia.

– E deixar você a sós? Nunca, meu amor... nunca. – Ele passou o braço por cima do seu ombro em um abraço enquanto entravam no local do show.

– Esse teatro é incrível, imagine encenar aqui – disse Francie olhando ao redor.

– Você pensa em voltar a atuar?

– Não sei, nunca pensei em fazer carreira assim. Sempre pensei no teatro como uma espécie de autoajuda – ela tentou um ar descontraído.

– Você é uma atriz incrível, Francie. Não devia jogar tudo fora por causa do imbecil do Vince. Foram três anos de formação.

– Eu sei... mas não é apenas por causa dele que parei. – O amigo semicerrou os olhos. Ela enrugou a testa e disse: – Por enquanto não quero, entende? Tudo no teatro me lembraria ele, tudo. – Fez uma negação. – Tenho que estar bem antes, e depois volto a pensar nisso.

– E como está o livro? – Tom passou o braço por cima dos ombros dela apoiando-os no encosto da poltrona.

– A mil. Estou totalmente dentro dele...

– Que bom, depois me envie o que você já escreveu para eu ler.

Ela assentiu, as luzes diminuíram, ela acomodou a cabeça no colo do amigo e ele a abraçou. Durante o concerto levantaram, cantaram, dançaram e divertiram-se como dois adolescentes. Quando as luzes voltaram a acender e os aplausos cessaram, eles deram as mãos e se dirigiram ao saguão do teatro. Em determinado ponto entre a saída e a chapelaria, Tom rodou com um braço a sua cintura e apertou-a contra o corpo em um gesto protetor. Ela não entendeu aquele gesto, até ouvir a voz do amigo na orelha:

– Querida, a noite foi perfeita, não deixe um idiota estragá-la.

– O quê? – Não precisou repetir a pergunta e localizou o idiota poucos metros a frente, indo em sua direção.

– Vamos embora, Tom. – Não houve tempo, ele já a alcançara. Parou na frente dos dois e olhou-os com os olhos entrecerrados espirrando raiva e a sua possível desaprovação. Ela bufou e girou o corpo no intuito de sair sem dar atenção.

– Não, não – Vince falou entre os dentes segurando-a pelo braço.

– Solta ela, Vince. – A ordem de Tom saiu baixa e ameaçadora.

– Cala a boca.

– Me solta, Vince. – Francie já estava irritada. Notou ao redor algumas pessoas olhando curiosas. – Pare de armar um espetáculo, já basta disso em nossa vida!

– Não vou soltá-la se não falar comigo. Ando atrás de você há mais de quinze dias como um cachorro miserável.

– Não há mais nada a falar. – Ela sacudiu o braço com uma força brusca para libertar-se. Ele a deteve com força.

– Eu vou te levar para casa. – A voz de Vince era rude.

Ela gargalhou irônica:

– Pare de bancar o louco e me solte.

– Solte ela agora, Vince! – Os olhos de Tom saltaram de raiva.

– Está tão ansioso assim para voltar a apalpá-la? – O diretor transtornado e obcecado não desviava os olhos de Francesca.

– Santo Deus, enlouqueceu de vez. – Francie ainda se contorcia na tentativa de se afastar e disse com a voz nervosa: – Ele não me apalpa, Vince! Tom é um cavalheiro.

– Você está transando com ele?

– Não é da sua conta, seu merda... Me largue, está me machucando...

– Como é transar com um gay? Ele consegue te arregaçar como você gosta?

– Agora passou dos limites! – Tom empurrou-o com violência.

Vince soltou Francie, deu dois passos para trás. Armou-se e avançou abrupto acertando uma direita certa no olho de Tom. O seco barulho de ossos estalando ecoou no saguão. Uma roda de pessoas se abriu. Francesca gritou como se as cordas vocais tivessem braços, tentando fazer com que parassem. O braço de Tom fez um gancho no ar e *bac*, carne sendo martelada. O rosto de Vince foi jogado para trás. Quando ela percebeu que seus gritos histéricos não seriam capazes de detê-los, olhou ao redor. Logo soube o que faria. Agarrou sem pedir o copo da mão de uma mulher que assistia à briga. Em apenas três movimentos, o conteúdo do copo, refrigerante e gelo, foi parar na cara de Vince. O diretor, que agarrava a camisa de Tom torcendo-a, parou a briga e se afastou um pouco. Era o espaço que Francesca precisava. Ela se interpôs na frente e gritou com o diretor que respirava com peso e ruído.

– Bate, Vince! É a mim que você quer agredir, não a ele. Tom não tem nada a ver com os nossos... com seus problemas. Vamos, seu covarde – desafiou-o dando uns tapinhas no próprio rosto.

Vince deu algumas baforadas, girou sobre os calcanhares e falou antes de sair:

– Nós ainda não acabamos.

– Acabamos sim, seu desajustado! – ela gritou trêmula.

– Vamos, vou te levar para casa. – Tom colocou a mão sobre o olho atingido.

– Aquele desgraçado, está doendo muito? – Francesca analisou o olho marcado do amigo.

– Não mais do que o soco que acertei nele.

Francie não aguentou e soltou uma risada nervosa.

– Que cena – disse passando o braço por cima do ombro de Tom. Os dois saíram do teatro confusos e incrédulos.



# Capítulo 7

27 de outubro

Há mais de um mês, Francesca ia fazer a leitura voluntária, no boxe número oito, na Unidade de Terapia Intensiva do Hospital Charles Darwin. Há mais de trinta dias, o silencioso ambiente hospitalar, era onde ela passava boa parte de seu tempo. No início, ia apenas poucas horas por dia. Mas fazia pouco mais de uma semana que passou a estar lá boa parte do dia.

Acostumou-se à pacífica tranquilidade daquele lugar. Acostumou-se a ouvir o suave e ritmado: *bip, bip, bip...* O pulso do seu inconsciente ouvinte.

Acostumou-se com sua presença. Tanto que o fato dele não a responder não incomodava, nem um pouco.

Bem, por mais bizarro que isso pudesse parecer, ela sentia que ele respondia. É claro, à sua silenciosa maneira.

Se isso era uma loucura? Sabe-se lá, não tem gente que conversa com plantas? Com animais? Com bebês que não respondem? Com pessoas que já morreram? Então?

A verdade é que Francie sempre foi um pouco assim. Conversou durante muitos anos com seu pai ausente. Teve dois amigos imaginários na infância. Tagarelava vez ou outra com as plantas e com Deus e sempre acreditou que era respondida; em algum nível.

Então, achava supernormal conversar com Mitchell. Também achava quase normal sentir que ele a respondia daquele jeito além das palavras. O que passou despercebido no início, mas conforme os dias avançavam, parecia cada vez mais difícil ignorar, era a estranha ligação entre eles.

Aí sim, poderia ser loucura. Uma loucura enorme. Independente de qualquer lógica, a cada dia que passava, ela sentia que se teciam cordões invisíveis que a ligavam a ele.

Ok, isso era meio estranho e um pouco assustador, mas era algo como as respostas silenciosas. Ela não o ouvia, nem mesmo dentro da sua mente, entretanto sentia algo que parecia entender. A ligação estranha era dessa maneira: – ela não via, não podia provar nada, não era tangível. Apenas sentia.

Foi então que a sua razão começou a brigar com toda essa sensibilidade.

“Você não o conhece, é um estranho” – essa era a voz da razão.

Mas os sentidos eram surdos a ela. – “Deixe rolar”.

– “Rolar” o quê?

O sentir não respondia – ele não ouvia. E Francie?

Ficava. Segurava a mão dele enquanto lia. Sempre levava algumas notícias do mundo para contar, como se isso pudesse

mantê-lo vivo.

Se entristecia muito ao conferir, dia a dia, que aquele homem que parecia tão inocente em seu sono regular não recebeu uma única visita. Aquilo a fazia chorar todos os dias um pouquinho. Ela, de certa maneira, achava que Mitchell estava apenas esperando a presença das pessoas que eram importantes para despertar. Como elas nunca chegavam, ele também nunca despertava.

Ela chorava, porque sabia o que era esperar por alguém a quem se acredita amar. Ela chorava, porque via nele a criança que um dia foi e que ficava, às vezes, por horas, antes de dormir, na cama, sozinha, esperando por nada.

Aquele homem também estava lá, deitado em uma cama; vulnerável e sozinho. Esperando por alguém ou por algo que não chegava.

Então, com o intuito de confortá-lo e de amenizar essa solidão, ela passou a estudar tudo, absolutamente tudo que já foi publicado sobre ele, suas empresas, seus negócios, sua família e sim, o seu estado de saúde.

Fez isso porque queria ajudar da melhor maneira que conseguisse. Seria por causa desta invisível ligação tão fortemente estabelecida?

Ela jurava que não.

Era apenas para poder falar com ele de pessoas e lugares que tinham algum significado.

Queria ajudá-lo.

Queria que ele ficasse bem.

Queria que ele ficasse bem e que olhasse para ela.

Queria que ele ficasse bem e que contasse como é estar em coma.

Será que ele via o corpo dele de cima do quarto?

Será que ele viu o túnel de luz?

Será que ele a via lendo com a touca hospitalar ridícula, ou com os cabelos sempre amarrados? *Deveria parecer uma velha com essa touca, com esses coques.*

Queria que ele ficasse bem e não lembrasse da touca.

Mas sim, queria que ele ficasse bem logo. Por isso estudou.

No final de vários dias de estudo, ela já deveria saber mais sobre a vida dele e sobre os seus negócios do que ele próprio. Já deveria saber mais sobre os casos de traumatismo craniano e, conseqüente, coma, do que muitos residentes de medicina.

Faria dois cursos: um de *reiki*, uma terapia de cura energética com as mãos; e um de musicoterapia. Ela leu muitos artigos sobre a melhora significativa no quadro de diversos pacientes, com problemas diferentes de saúde e que recebiam esses tratamentos alternativos. Francie sempre se interessou por aprender novas coisas. Não era apenas por ele que fazia tudo isso, era também por si.

Naquela tarde, quando Nany entrou para mudá-lo de posição na cama, ela não suportou a curiosidade e perguntou:

– Nany, você tem alguma ideia do porquê nunca, ninguém vem visitar ele? – Uniu as sobrancelhas e disse: – Eu li que ele tem problemas de relacionamento com a família. Li também que ele é conhecido por ser frio, obstinado, implacável negociador e viciado

em trabalho. Mas isso não justifica essa solidão, esse abandono. Não acha?

– Muitos pacientes aqui acabam ficando assim, esquecidos. Por isso o hospital lançou o programa de leitura, na tentativa de humanizar um pouco mais essa situação...

– Mas... faz pouco mais de quarenta dias que ele está assim, e nem mesmo nos primeiros dias, quando iniciei o trabalho, eles vieram... Meu Deus, acho isso deprimente.

A enfermeira sorriu compadecida e respondeu:

– A gente não sabe que tipo de homem ele é. Para mim, isso é a prova certa de que o dinheiro não compra tudo, principalmente o afeto e o amor. A mãe dele liga todos os dias para o Dr. Craig e talvez sinta que está cumprindo sua parte...

– Talvez... Você conheceu a Sra. Petrucci?

– Vi Silvia no dia em que ele chegou aqui, uma mulher muito elegante.

– É o que vi, digo... em fotos na internet e em alguns vídeos de eventos sociais. – Olhou-o, ele dormia tão tranquilo. Francesca piscou fundo e disse: – Você sabia que a John Petrucci Group & Co mantém não uma, mas várias obras beneficentes? Doze ONGs espalhadas pelo mundo, inclusive duas na África; três creches para famílias de funcionários mais humildes; oito orfanatos somente nos Estados Unidos... – Tomou uma respiração longa e continuou sem esconder a admiração: – Além de patrocinar orquestras, eles construíram duas grandes casas de apresentação com o que há de melhor no preparo acústico. Eles também mantêm vários programas de incentivo à prática de esportes nas regiões mais pobres de Nova York. Além de nove escolas de música e dança

espalhadas pela cidade e pelo estado para crianças carentes. E isso é o que lembro de cabeça. Você acredita, Nany, que um empresário que faz tudo isso pelos outros pode ser um déspota frio?

A enfermeira que ia em silêncio tinha os olhos um pouco arregalados, piscou e contrapôs descontraída:

– Nossa!!! Para quem não sabia nem mesmo quem ele era, a senhorita estudou bastante, né?

– Sou mesmo assim...

– Dedicada? – perguntou a enfermeira.

– CDF. – Ela deu uma piscadela.

Era o início da noite, ela estudava um pouco mais sobre os casos de recuperação de um coma prolongado. Olivia entrou em casa saltitante e bem vestida, calça jeans alta que a alongava ainda mais, blusa verde de linha justa. Como sempre, seguindo as últimas tendências fashions, linda e ruiva.

– Francie, Francie, consegui os convites para a festa do ano, no QT, depois de amanhã.

– À noite? – Ela não disfarçou o desânimo.

Olivia franziu o cenho.

– Claro que à noite, quando mais? – A amiga não entendeu.

– Bem, é que eu tenho um curso.

– Curso?

– Sim, de *reiki*. – Francie tentou um sorriso simpático.

– *Reiki*? – Lilly abriu os olhos horrorizada.

– Sabe cura com as mãos? – Ela sacudiu as mãos no ar.

– Claro que eu sei o que é *reiki*, mas é a festa do ano. Vão estar todas, todas, todas as pessoas do mundo artístico ao mundo *fashion*. O Tiësto vai tocar, por Deus, Francie... marque esse curso para qualquer outro dia.

– Não sei, Lilly... e também nem sei se estou no humor de encarar uma festa assim, sabe que possivelmente vão estar lá, todos, todos, todos os meus conhecidos do teatro, além do Vince, é claro.

– Vince já não te liga desde o episódio com o Tom – Lilly foi mais incisiva. – E daí, se você encontrar ele?

Francie suspirou, olhou para baixo e confessou em voz baixa como se falasse algo errado:

– É que, quanto antes eu começar a tratá-lo, melhor, entende?

A amiga demorou alguns instantes para entender do que Francesca se referia. E quando entendeu, fez uma enorme negação com a cabeça:

– Está obcecada. – Olivia uniu as sobrancelhas com uma motivação preocupada: – Eu sabia que essa história de hospital e coma... sabia que não ia dar certo nesse momento de sua vida.

– Não, não estou obcecada. Apenas... apenas sinto tanto por ele... ele – ofegou confusa. – Aquele homem, tão influente e poderoso, com um milhão de falsos amigos que tenho certeza o pavoneavam dia e noite, está abandonado em um boxe de uma UTI.

– *Mon Dieu* – disse a lívida amiga, horrorizada não pelo motivo explícito.

Francie prosseguiu com a voz alterada sem dar atenção:

– Chegam flores e condolências e um sem-fim de coisas até hoje no prédio dele. Mas nenhuma mísera visita. Nem mesmo sua mãe ou sua irmã. Ninguém, ninguém aparece – tragou o ar com força e uma veia de irritação saltou à vista no pescoço: – Nem a vagabunda da namorada dele. E repare, preste bem atenção – sacudiu o dedo, apontado-o em riste firmando o número um –, se passou pouco mais de um mês desde o acidente. E ela? Hã! Já está desfilando com um novo *affair*, um jogador de futebol inglês. Ninguém, entende? – Engoliu o choro. – Ninguém vai lá ....

– Santo Deus misericordioso!!! – Olivia estupefata, não era nada discreta. – Está apaixonada por ele! – A amiga levou a mão à boca: – Nem o conhece. Qual o telefone da Dra. Miranda? Liga agora para ela.

– Está louca, Olivia?

– Meu Deus, olhe para você, nunca a vi assim, nem mesmo... Nem quando Vince a traiu, ficou tão alterada. Sim, é claro, chorava... chorava baixinho como uma menininha, mas não tremia e soltava fogo pela boca como uma bruxa descontrolada.

– Não estou apaixonada, isso é ridículo!!!

– Não vai mais vê-lo, está decido, não vai mais. – Lilly franziu cenho: – Esse homem... Esse homem – gaguejou – enfeitiçou você, mesmo em coma.

– Pare com isto, não há nada de errado comigo – ela disse muito irritada.

A amiga sentou na ponta do sofá, onde Francesca já estava confortável, largada e sentada.

– Olhe para mim, Francie. – Uma vez que foi atendida ela continuou: – Não deixe isso a envolver desse jeito, não faça isso



consigo mesma.

– Lilly – Francesca tentou soar complacente –, não estou fazendo nada, só quero tentar ajudá-lo, é só isso...

Olivia suspirou vencida.

– Está bem, então... se tem certeza, não vou falar mais, apenas não se machuque.

– Está tudo bem, de verdade.

– Não vai querer mesmo ir à festa?

Ela apenas negou com a cabeça.

– Algo de bom na vida ele deve ter feito...

Francesca ergueu as sobrancelhas em dúvida.

– Deus enviou a ele a pessoa mais teimosa, obstinada e amorosa que eu conheço. Se você não puder ajudá-lo, ninguém no mundo poderá.

– Li, me desculpe pela festa, sei o quanto é importante para você...

Olivia sacudiu a cabeça e pegou a mão de Francie.

– Não vão faltar candidatos para me acompanhar.

## Capítulo 8

A voz firme de Francesca lia com entusiasmo mais um capítulo do livro, como se o ouvinte pudesse escutá-la. Como se além disso ele pudesse desfrutar da leitura.

– Após descansar um pouco, Dom Nicola sentia-se mais disposto. A doença que o acometeu era assim, havia momentos em que se esquecia dela. Mas, em outros, a dor podia ser tão aguda e insuportável que nem mesmo a morfina aplicada pelo enfermeiro que o acompanhava parecia anestésiar. Sentou-se na escrivaninha na qual descansava o grosso monte de folhas. Elas haviam esperado demais para serem lidas, puxou outra com um cuidado aleatório.

“Paris, 1497

Meu nome é Fleur de Clermont, a história que vou contar é de minha recém-falecida mãe. O seu nome era Mary de Fastolf. Essa história aconteceu quase cinquenta anos atrás, em uma região da França conhecida como Aquitânia no ano de 1450.

E assim começa:

Ela acordou já rezada. Olhou ao redor e reconheceu o pequeno quarto. As paredes de pedra, as grossas tapeçarias, o crucifixo de madeira em cima da cama, nenhuma janela. O frio e o cheiro de humidade eram a certeza de que ela ainda estava ali. Foi a falta... a falta de algo que nasceu com ela que a levou até lá.

Passou água no rosto, vestiu o hábito, pendurou a pequena cruz de metal no pescoço e saiu da sua cela. Estava lá, pois tinha absoluta certeza de que somente Deus poderia explicar do que ela sentia tanta falta. Sempre se sentiu assim, desde que se lembrava carregava essa triste sensação de um vazio possesso. Como se livrar dessa constante saudade de algo que ela nem sabia o que era? A noviça Mary de Fastolf tinha certeza de que, se alguém pudesse lhe contar isso, seria Deus.

Quando criança, por quantas árvores que subia, colinas que rolava, por quantos vestidos enlameados e rasgados, não conseguia aplacar a falta do seu interior. Foram muitas as sovas que levou do seu pai, quando se comportava pior do que “os filhos das lavadeiras”, assim o pai a definia. As surras tampouco faziam algo que exterminasse com aquela doída sensação.

Aos quinze anos, Lady Mary de Fastolf estava prometida em casamento ao duque de York, um velho nojento, com no mínimo três vezes a sua idade. Era um velho gordo, com a barba amarelada pela falta de higiene, com o rosto gorduroso e as roupas tão sujas quanto o próprio homem que as lavava. – O real duque. – Gritou de horror na frente do seu nobre noivo e disse sem medo da punição!

– Nunca, nunca, nunca casarei! Prefiro a morte. – A punição não foi a morte, mas foi uma surra quase de morte.

Bééééé! Béééé! Béééé! – Saiu do livro, olhou o monitor: o soro estava acabando. Jonas, o enfermeiro de plantão, entrou rápido e trocou o litro por um novo.

– Oi, Francie – ele disse.

–Oi, Jonas.

– Pode continuar lendo, eu vou movê-lo um pouco.

Ela assentiu.

Depois que se recuperou do castigo, teve certeza de que a única oportunidade que teria de se livrar da indesejada união seria a fuga. Foi então que convenceu ao cavaliço a fugir. Vários dias depois de viagem, quando o seu dinheiro estava acabando e quando o cavaliço convencido declarou que não prosseguiria mais, ela resolveu buscar a cura para a insistente falta no convento de Aquitânia. Mary sabia que não era uma região adequada para se fixar, já que a Inglaterra e o seu rei Henrique V estavam em guerra por aquelas terras com a França. Mas não restava muita opção. O retorno significava o casamento e ela preferia o hábito a isso; ou a morte. O hábito era melhor que a morte.

Já fazia um ano que rezava com ardor e tentava ouvir com determinado empenho a resposta de Deus à sua falta. Mas ele permanecia bem calado. Esse silêncio santo se manteve até aquele início de manhã. Logo que acordou, percebeu que se Deus não a faria encontrar a ansiada compreensão do que significava o inexplicável vazio, ele lhe daria muito o que fazer a fim de que ela parasse de querer encontrar a compreensão inalcançável. Quando saiu de sua cela, notou que todo o enorme saguão do convento estava tomado por homens feridos, deitados sobre tecidos de

algodão ou sobre a pedra do chão. Havia centenas deles e outros mais chegando sem parar.

Madre Florence a explicou tão apressada que ela mal ouviu a conclusão da frase:

– Estão em guerra nas terras aqui próximas, este é o lugar de mais fácil acesso para servir de base e acolher aos feridos.

– Mas, mas... Somos freiras e não médicas – Mary inquietou-se.

– Faremos o possível – disse Madre Florence, cheia de ataduras nas mãos e rubor de pressa nas faces gorduchas.

Ela assentiu mortificada e correu para fazer o possível.

Nos primeiros dias cuidando dos feridos, ficou um tanto assustada ao dar-se conta de que elas também ajudavam franceses: os seus declarados inimigos. Ou melhor, os declarados inimigos do seu rei. Ela não tinha inimigos. Bom, ela quase não tinha inimigos. O duque horrível era um inimigo, o cavaliariço que a abandonou também e, às vezes, Deus com todo aquele silêncio parecia querer se tornar um. Mas os franceses? Não, não eram seus inimigos. Madre Florence concordava:

– Aqui não é um campo de guerra, aqui é uma casa de Deus, atendemos a todos que precisarem sem fazer distinção.

Ela ouviu e guardou isso com fidelidade.

– Mademoiselle... – Um dos franceses segurou a barra do seu hábito enquanto passava, ela se abaixou. – Água, por favor.

Mary correu em atendê-lo, levantou a cabeça e levou com suas próprias mãos o copo até a boca do homem que a solicitava. Não soube se foi quando ele olhou com sentido de gratidão, ou se quando ele segurou seu braço e pediu que ficasse um pouco mais

junto a ele que ela perdeu a respiração. Ele tinha o rosto mais lindo que ela já vira em sua breve existência tão incompleta.

Nos dias que se passaram, ele – o francês inimigo da sua prudência – dizia que ela era um anjo. Ela acreditava que ele estava delirando. Ela permanecia quase todo o tempo que tinha disponível segurando-lhe as mãos, umedecendo-lhe a testa, o torso, trocando os curativos dele. E também mordendo os próprios lábios até sangrar. Por que ao ajudá-lo como uma submissa esposa de Cristo, só conseguia manter os olhos nada fiéis no corpo forte do homem e no rosto de pecado esculpido? Era uma adúltera, e os lábios em sangue eram a prova maculada disso.

Francie, sem perceber, ao completar as frases desviava os olhos para o corpo de Mitchell que era esticado, dobrado e estimulado com experiência por Jonas. Ele havia emagrecido, perdido parte da massa muscular, mas a outra parte ainda estava lá torneando os bíceps, as pernas – Deus –, ele era... forte. Sentiu a respiração parar nos pulmões.

– E aí? – perguntou Jonas estudando-a.

– Oi?

– Como continua a história?

– Ah, sim, me distraí com... com – Com o corpo dele, sentiu-se idiota como Mary por cobiçar um moribundo. Sacudiu a cabeça e continuou:

Clermont, esse era o seu nome, esteve muito ferido, quase não resistiu. Mary rezava, apesar de saber que não era a noviça cujas

preces eram sempre atendidas. Rezava mesmo assim, muito empenhada em ser ouvida. Sabia disso porque ela parecia só se lembrar de recorrer a Deus com tanto fervor quando algo não ia bem.

Após um mês de luta pela vida, o conde de Clermont começou a dar sinais de melhoras e devagar se recuperou. Todas as irmãs diziam se tratar de uma dádiva, e Mary acreditava ter presenciado o seu primeiro e valioso milagre. Fez em definitivo as pazes com Deus.

A cada dia, o conde recuperava um pouco mais as forças. A cada dia, ele olhava-a mais vivo e com mais força. Naquele dia, Mary teve certeza de que Clermont estava pronto para deixar o convento. Estava curado.

– Anjo – ele a chamou enquanto ela cuidava de um ferido próximo, em seguida dirigiu-lhe a atenção. – Se aproxime mais.

Ela, com a inocência digna de uma noviça, atendeu-o dedicada e solícita. O conde quase tocando os lábios em sua orelha confessou:

– Mary, sei que Deus nunca me perdoará pelo o que estou prestes a falar – ela arregalou os olhos e ele prosseguiu sem o menor receio da punição divina. – O fato é que a desejo... Desejo-a todas as horas do dia e da noite, enquanto durmo ou acordado. Eu sei que estive quase morto... Mas, por mais inexplicável que isso pareça, mesmo delirando de dor e de febre, a sua imagem esteve comigo o tempo inteiro.

Aquele simples contato a enchia de sensações de morte; comichões pelo corpo, choques nos olhos, sangue nas orelhas, calor embaixo e em cima do hábito e outras coisas fortes demais para

serem sentidas por uma noviça. Se Deus não o perdoaria, ela sem dúvida arderia no fogo dos condenados pelo o que estava prestes a fazer.

– Hoje, quando todos dormirem – Mary disse em voz baixa, quase arrependida; quase –, deixarei a minha cela aberta. Você sai em direção àquele largo corredor ao lado direito. Eu amarrarei uma faixa de tecido branco na porta, para que identifique qual é.

Ele agarrou a pequena mão de Mary com intensidade e depositou um beijo pouco santo nas costas dela.

– Deus nos ajude – Mary invocou antes de sair.

À noite, o convento mergulhou na mais absoluta placidez e todos dormiam o sono dos justos. Todos eram velados pela proteção superior. Tudo foi inundado pelo mais dominante silêncio. Os feridos não resmungavam, as paredes mantinham-se decididas, erguidas e quietas. As bocas estavam em silêncio, o constante sussurrar de orações estava calado. Tudo estava quieto, nem os grilos manifestavam a sua usual corte à lua. Tudo ia calmo e silencioso, menos o coração de Mary, que batia tão alto que ameaçava a paz do convento e se colocava no meio da guerra. A porta abriu, ela estava vestida apenas com o camisã branco de dormir. Os cabelos pretos iam soltos. A respiração do conde pesada desfez o silêncio.

– Ai, que pena – Jonas disse retirando-a das páginas.

– Oi?

O enfermeiro estalou a língua.

– Terei que sair e fiquei megacurioso.



– Se você quiser, posso imprimir e depois te entregar o final.

– Valeu, adoraria.

Jonas deixou o boxe.

– Só eu e você outra vez, Mitchell – ela constatou.

Ele não deu uma única palavra, avançou para cima dela como um desesperado. Olhos que se tornavam mais escuros a cada passo a devoraram. A boca – ela não soube direito o que ele fez com a boca – parecia querer pregá-la nele como o Cristo na cruz. Mas não era uma morte lenta que a boca dele infligia, e sim uma tortura. Uma tortura que Mary não queria que acabasse nunca. Ela foi amada achando que ia morrer de tudo que sentia. Achando que naturalmente iria direto para inferno, pois ela não queria que o conde parecesse nunca com sua pena de morte. Gritava comedida a cada vez que se consumava a libertação da falta em sua essência. Eles se amaram muitas vezes durante a noite, como se soubessem que talvez essa seria a única oportunidade que teriam.

– Amo você, meu anjo. Voltarei assim que a guerra acabar para buscá-la. Espere por mim – foi a promessa que ele fez pouco antes de partir.

Seis meses após a noite em que toda a falta fora traduzida e transformada em uma única falta, pelo amor de Clermont, Mary recebeu uma carta do conde, dizendo que não deixou de pensar nela um só momento. Enviou um anel com o brasão real de sua família. Enviou também uma grande quantia em ouro e se justificou nas linhas da carta:

“Se algo acontecer comigo, você não estará desamparada. Vá até Clermont, procure meu irmão, conte que é a minha noiva. Amo você, meu anjo.”

Estas foram as últimas palavras trocadas em um ano. A França dominou Aquitânia e ela se viu obrigada a deixar o convento. Decidiu que era hora de ir atrás da verdade.

– Francie, querida? – Era Nany, olhou-a.

– Mais vinte minutos está bem?

– Claro, claro. Obrigada!

– Nany? – Francesca chamou antes que ela saísse. – Os exames? Alguma novidade?

– Não, o quadro dele permanece estável.

– Obrigada, já estou terminando – disse disfarçando a frustração que sentia toda a vez que a estabilidade de Mitchell persistia.

Chegou às terras altas de Clermont em um mês de viagem. Assim que adentrou o rico castelo, deparou-se com um ambiente soturno e carregado. Tecidos pretos seguiam hasteados por todas as paredes. Ela teve certeza de que estavam de luto. Ela teve certeza de que choravam pela morte do seu conde. Mary, apesar de ter se preparado para esta realidade, achou que não fosse aguentar. Talvez ainda albergasse alguma esperança de que ele pudesse estar vivo e de que algo o tinha detido de alcançá-la. Sentiu uma dor aguda e toda a falta que a moveu até lá se transformou em uma dilacerante dor. Uma criada foi recebê-la.

– No que posso ajudá-la, mademoiselle?

Ela sentiu as lágrimas romperem a barreira dos olhos.

– Estão de luto? – Não aguentou.

Percebeu a criada retroceder constrangida.

– O conde morreu? – Não se continha.

– Não podemos falar sobre isso, mademoiselle – fez uma breve pausa. – No que posso ajud.. – A mulher robusta não concluiu a frase. Teve o seu olhar e as palavras detidas no anel com o brasão da família de Clermont que Mary levava posto no dedo. A criada demonstrou sua confusão. – Como conseguiu isso? Quem é a senhorita?

– Eu me chamo Mary de Fastolf, e o anel foi um presente do Conde de Clermont.

A mulher, sem nenhuma aparente explicação, começou a soluçar e se jogou de joelhos beijando a mão de Mary, que permaneceu atônita, sem conseguir ter qualquer reação.

– Santo Deus! É um milagre! Santo Deus misericordioso, é mesmo um milagre – repetia a frenética mulher.

– Eu... eu não compreendo – disse a jovem Mary.

– Estamos de luto pelo irmão do conde que morreu em batalha pela França, o conde... bem, o conde – a criada hesitou.

– Fale, mulher... Pelo amor dos céus. – Mary sentia-se à beira de um ataque.

A criada abaixou o olhar e disse:

– Há mais de cinco meses voltou para o castelo doente.

– Doente? Doente como?

– Levou uma pancada muito forte na cabeça em uma luta e ficou por tempos desacordado, chegou ainda sem ter recuperado a consciência. O fato é que – a criada engoliu a seco –, nunca se recuperou. Digo, está forte e saudável como sempre; porém, não se recorda de nada. Não sabe quem é, se tornou muito agressivo e não deixa ninguém se aproximar dele.

Mary levou as mãos aos lábios e chorou... chorou de pura incontida alegria. Afinal, estava vivo, Clermont estava vivo.

A mulher continuou muito abalada:

– Isso não é tudo, ele só recorda de um nome, ele só chama por uma pessoa, diz que precisa encontrá-la... Que somente assim será curado. Ele chama pela senhorita – fez uma pausa – Mary.

– Leve-me até ele.

Mary subiu as escadas seguindo a criada e pôde jurar que nunca tremeu tanto na sua vida. Quando a larga porta do dormitório abriu, ouviu um grito estrondoso e furioso.

– Quem está aí? Deixe-me em paz.

Mary entrou. Fechou os olhos e prendeu a respiração. Pouco depois notou a mão forte que ela tanto quis sentir tocar seu rosto. Abriu os olhos e encontrou dois olhos castanhos reluzindo lágrimas.

– Mary? – a voz do conde saiu rouca.

– Sim.

– É um anjo?

– Não, sou uma mulher, mas você costumava me chamar de anjo.

Clermont soltou um grunhido de dor e alívio. Abraçou-a e disse ofegante:

– O seu rosto é a única coisa que eu lembro, a sua voz, o seu nome era só o que eu via. É de verdade, meu Deus, não estou louco.

– Sim, creio que sou de verdade – ela disse com a voz cheia do contido choro.

O conde apertou-a com tanta força que Mary perdeu a respiração.

– Rezei tanto para que Deus me enviasse você, meu anjo... para que você me salvasse... rezei tanto para encontrar você.

– Eu também, Clermont. Rezei, rezei a minha vida inteira por você. – Ela sentiu a boca do homem que amava tanto cobrir a sua em um beijo que apagaria, sem dúvida, tudo o que ele esqueceu e tudo que ela precisou.

Minha mãe viveu com a alegria que lhe foi permitida desfrutar. Com o passar do tempo, a ausência de memória passada do meu pai não o incomodava mais, ao contrário. Ele dizia e Mary repetia: “Não precisamos do passado para sermos felizes, ele não nos faz falta quando estamos presentes”. Eu tomei isso como um grande ensinamento.

Quando no leito de morte de minha mãe perguntei se houve algum arrependimento em sua vida, ela respondeu com um discreto sorriso:

“Arrependimento e tristezas são apenas excesso de passado, preocupações e ansiedade, excesso de futuro; prefiro permanecer aqui desfrutando de sua atenção e carinho”.

Fleur de Clermont.

Dom Nicolas se levantou da escrivaninha e entendeu que tinha muito passado em seu coração para estar leve. Chorou mais alguns momentos como se as lágrimas pudessem de alguma forma lavar a sua história. Iria tomar o lanche da tarde, um copo raso de vinho, um copo grande de leite, queijos e...

– Querida – ouviu a voz de Nany chamá-la outra vez.

– Ai, meu Deus, o horário!

– Você precisa ir, desculpe. – A enfermeira pareceu constrangida.

Quase todos os dias era assim. Esquecia o horário e Nany ia educada pedir que saísse.

– Imagina. Desculpe eu... perdi a hora de novo – Francie respondeu sem jeito. – Vou só guardar minhas coisas.

– Claro! Fique à vontade. – Nany se afastou.

Ela foi embora aquela noite sem dizer nenhuma outra palavra. Porém, antes de sair, fez algo que nunca tinha feito. Tocou o rosto dele e deslizou a mão até o seu peito. Parou no coração. Fechou os olhos e se deixou levar por aquele ritmado pulso que ressoava com os sonoros: *Bip, bip, bip* do monitor tão conhecido.

Quem seria capaz de acordá-lo? Será que ele acordaria algum dia? E quando acordasse, recordaria de algo?

Quase inconscientemente intentou ser o anjo daquela vida. Ele, em silêncio, conseguia se comunicar com ela de maneiras que ela não entendia. *Seria ele o anjo?* Sacudiu a cabeça e tirou a mão do

magnético coração. Foi embora incrédula e assustada com o rumo dos seus pensamentos.



– É como se de repente tudo convergisse para este propósito. – Francesca tentava se entender.

– O propósito de salvá-lo? – Dra. Miranda também tentava entender.

– Sim.

– Por quê, Francie?

– Não sei. Acho que por humanidade?

– Só por isso? Insistiu a psicóloga.

– Talvez, eu sinto que possa ser salva de alguma maneira com ele. Como se curá-lo significasse a minha própria cura. Mas, às vezes, parece haver algo mais. – A terapeuta manteve silêncio e Francie continuou: – Às vezes, sinto como se conversássemos, como se houvesse um nível de cumplicidade e compreensão além das palavras. – Fez uma negação com a cabeça. – Será possível?

– O que você acha?

– Acho que sim... Mas não entendo direito, então – fez uma breve pausa e adicionou: – Você me conhece. Estudei. Li algumas coisas sobre percepção extrassensorial. Se existir tal coisa e o que sinto quando estou com ele é que deve haver algo...

– O que você estudou sobre isso?

– Li que mesmo antes de ser estabelecida uma comunicação verbal ou visual, os corpos mental e emocional não visíveis, pois

são mais sutis, se comunicam de forma muito mais ativos do que as palavras. Quando há sintonia entre as pessoas, esses corpos se expandem, se conectam e trocam energia. Quando estou com ele, é tão forte que tenho absoluta certeza de que isso é real... Mas agora, aqui, por exemplo, me sinto meio estúpida falando isso em voz alta.

– O seu subconsciente em comunicação com o dele. Acredito que isso é possível, mas apenas pergunto: que expectativas você está criando em cima disto?

– Expectativas? – Francie pareceu não entender.

– O que você espera que aconteça diante disso se ele acordar? Ou não acordar.

– Não sei... Que ele fique bom, que possamos criar uma amizade... Ou talvez... – suspirou – que ele sinta de alguma maneira o que tenho sentido. Ou... não sei.

– Acredito que ele sente. Você está junto dele há mais de um mês, todos os dias. Só que talvez ele nunca traga isso à consciência, não da maneira como você tem trazido. É aí que você tem que ficar atenta. – Francie ergueu as sobrancelhas e a psicóloga concluiu: – Esteja com ele pela troca, pelo o que esta experiência tem trazido de bom, e não pela expectativa disso ser de alguma forma retribuído.

– Tem razão.

– E o *reiki* já começou a aplicar nele?

– Não, termino a minha formação amanhã à noite.

– E o livro, como está? – A terapeuta desviou o assunto.



– Está muito bem, o que era para ser uma única história virou uma série de histórias que acontecem em tempo e espaço diferentes, mas que trazem um tema em comum...

– E o tema é...

– A falta. A falta que nos leva a buscar por algo ou alguém e que nos faz sair da zona de conforto. São diversas situações de diferentes pessoas, que experimentam o sentimento de falta...

– E Vince? Sente falta dele? – “Miranda carrasca.”

– Não... – disse em um sussurro e torceu a boca. – Sinto raiva, sinto falta, sinto raiva e me culpo por odiar o que ele fez; por odiá-lo e por sentir falta dele.

– Talvez seja a hora de começar a eliminar algumas vítimas e culpados.

– Já eliminei, acredite... Francie não olhou nos olhos da terapeuta quando respondeu.

– Eliminou de verdade, Francie? Ou ainda tenta perdoar e se culpa por não conseguir?

– Não sei...

– Sabe, um dos ciclos que uma pessoa traída, humilhada, abandonada ou abusada pode enfrentar?

Ela fez uma breve negação e ouviu a conclusão da psicóloga:

– O de sentir-se na obrigação de perdoar, de não sentir raiva e de certa maneira de oferecer a salvação a quem causou a agressão, seja ela física ou emocional.

Francie arregalou um pouco os olhos pensativa. Miranda disse:

– Você não precisa perdoar quem te agrediu ou não sentir raiva de quem te feriu. – Fez uma pausa analítica. – Sentir raiva faz parte, é uma reação natural e esperada, como um alarme da própria consciência que nos alerta para não nos aproximarmos novamente de quem nos feriu. – Tomou ar e concluiu: – Não se culpe por isso. Não se culpe por não perdoar, isso só retarda a superação, e, acima de tudo, saiba que você não tem obrigação de redimir ninguém dos próprios erros. Vamos trabalhar com as coisas por etapas.

# Capítulo 9

18 de novembro

No começo seriam duas vezes por semana. Que nunca existiram. Sempre foram todos os dias. No começo, ia apenas algumas horas por dia. Aquilo passou a não ser suficiente. Então, passou a ficar o máximo que era permitido. Todos os dias. No começo era por caridade. Não soube quando passou a ser por necessidade.

Horas de leitura, permeadas por intervalos obrigatórios. A rotina era presa por cabelos amarrados, sapatos e aventais descartáveis e o inconfundível cheiro hospitalar. Estava íntima da clorexidina. As mãos sofriam uma eterna indisposição pelo esfrega do sabão bactericida até os braços. Elas imploravam por menos esterilização em cada uma das dezenas de vezes que ela voltava após sair – a fim de cumprir as regras rígidas da permanência na UTI.

Há três semanas aplicava o *reiki* e a musicoterapia ao doente. Mais comunhão e entrega. Na verdade, todos aqueles 56 dias ao lado de Mitchell foram de comunhão. Ela consciente; ele não.

Entretanto, Francie sabia. Compartilhavam o mesmo ar; os mesmos sons; as mesmas músicas; a mesma energia de cura; o mesmo espaço e algo sem explicação a mais. Ela tinha que acreditar que sim, em algum nível, ele devia desejar acordar; e ela desejava isso em uma escala quase indecente. Gastava o dia ouvindo músicas clássicas, as preferidas de Mitchell. Ela que nunca foi muito fã, passou a conhecer e até mesmo a apreciar o estilo.

Tinha acabado de chegar. Passava um pouco das nove da manhã. Ligou o som, acomodou os fones de ouvido em si e nele. Começou a aplicar *reiki* ouvindo Bach. Quando abriu os olhos para adequar a posição das mãos, encontrou dois olhos castanhos esverdeados que pareciam lhe encarar, vivos.

Tudo ficou em silêncio.

Não apenas no hospital, como talvez... até mesmo o silêncio ficou quieto. Ela sentiu que perdia a capacidade de se manter em pé, e perdeu. As pernas foram vítimas de um ataque de liquefação instantânea. Sentou-se, o coração era o único que não tinha virado água dentro dela e ele queria sair do hospital dando murros e piruetas. Então, submergiu em uma mistura de não percepção de tempo e espaço. Francie conseguiu formular algumas palavras:

– Oi, Mitchell. Não tenho nem palavras, desculpe – silêncio –, Mitchell? – Percebeu que o olhar dele não era intenso, nem mesmo profundo ou magnético. Somente, então, notou que o olhar era vago, vazio e perdido. Ausente. Levantou ainda sentindo o corpo responder letárgico e afetado, ainda meio líquido. Foi difícil coordenar os movimentos, os pensamentos e o corpo aquoso. Chamou por Nany. Assim que entraram juntas, os olhos dele estavam fechados, como sempre.

– Oh, meu Deus, não estou louca, ele vinha com os olhos bem abertos. – Francie estava quase desesperada.

– Isso acontece, querida – disse a enfermeira.

– E isso é bom? Hã, deve ser um bom sinal, não é?

– Não necessariamente, pode não representar nada, você mesma disse que ele abriu os olhos, mas permaneceu ausente, não é verdade?

– Sim, mas abriu os olhos, tem que significar algo. – Então, quando a calma e o raciocínio voltaram aos seus lugares sólidos, ela lembrou: – Li sobre isso – concluiu olhando para baixo. – Sei o que vem a seguir. Se ele continuar abrindo os olhos assim, ausente, ele passará do estado de coma para o estado vegetativo, não é verdade? O que significa que a suas chances são menores. Também li que quanto mais tempo um paciente permanece em coma, menores são as chances de sair dele, ao menos sem sequelas. – Respirou com peso sentido. – O que noto? – Soltou o ar com força abalada. – São os médicos levarem-no duas vezes por semana para ressonâncias. Tiram o sangue dele, o líquido da coluna; abrem os olhos, examinam-no com a luz de uma lanterna. Testam as suas respostas e, como não há nenhuma, ele permanece em coma profundo, dentro daquela maldita escala Glasgow <sup>2</sup>. Sei que quanto mais tempo passa, pior é o quadro. Sei que o trauma dele, segundo os exames, foi considerado de uma monta pequena. Mas ele está em coma há dois meses. Então, isso contradiz os exames. Sei que para o caso dele ser considerado irreversível, os médicos falam em mais dez meses assim. Entretanto, o prognóstico atual é péssimo, já que ele ultrapassou as fatídicas duas semanas sem despertar. O que vejo, Nany? – Engoliu o choro e disse: – São esses médicos que entram aqui e manipulam-no como se ele fosse condenado à morte.

Ou pior, como se fosse provado que ele não sente, não escuta, não percebe nada. – Tapou os olhos com as mãos em um gesto de indignação, sacudiu a cabeça e a sua voz saiu inundada da mesma seca reprovação:

– Tratam-no como se ele fosse mais nulo que um... que um alface.

– Francie – a enfermeira chamou-a com suavidade, para tentar acalmá-la.

Não adiantou, ela prosseguiu com a acusação vegetariana abalada e irredutível:

– Na semana passada, deram medicamentos experimentais para reverter um quadro de coma. Experimentais? O que é isto? – Elevou as mãos para cima e com gestos dramáticos continuou: – Afinal, já é condenado à morte ou é quase uma rúcula. Podemos experimentar algumas drogas novas, pílulas para dormir, medicamentos para psicóticos, que podem fazê-lo andar e ou... ou – titubeou e disse sarcástica: – É claro, tudo isso – as mãos tremiam – com a autorização da Sra. Petrucci, que nem mesmo sabe qual é cor do chão deste hospital, ou da camisola que veste o filho todos os dias, há mais de dois meses de merda.

– Francesca! – chamou a enfermeira mais enfática: – Vá para casa e descanse, você não pode, não pode fazer isso consigo mesma. Olhe o seu estado, passa o dia dentro desta minúscula cabine, e, acredite em mim, admiro-a por sua dedicação e força de vontade.

Ela levou a mão decidida até o braço da jovem e tocou-a. Francie não aguentou e se rendeu às lágrimas. Abraçou a enfermeira.

– Me perdoe – falou por fim –, não vai mais acontecer. É só que... Nada parece surtir efeito, e amanhã... amanhã é o aniversário dele, sabia? – falou engolindo o choro.

A enfermeira negou com a cabeça.

– Então me pergunto, como será? Será que alguém vai lembrar? Será que assim alguém virá? Por que não é justo que se passe o aniversário esquecido, dentro de um boxe. Me parece ainda mais injusto que alguém como ele seja refém de sua própria inconsciência. – Engoliu em seco, enxugou as lágrimas com as costas das mãos: – A verdade é que talvez tenha medo que ele não melhore.

– Venha, vamos tomar um café nós duas. Posso fazer a hora do meu intervalo. Assim você se acalma e temos a oportunidade de nos conhecer um pouco melhor. O que acha?

Francie sacudiu a cabeça consentindo.

Se sentaram na mesa de um café com vista para o Central Park.

– Conte-me quando aconteceu? – Nany adicionou açúcar ao café.

– O quê? – Francesca não entendeu.

– Quando se apaixonou por ele? – Nany questionou com naturalidade.

Os olhos dela ficaram muito, muito abertos.

– Não, imagina, não estou apaixonada – disse sem dar muita atenção.

– Francesca, tenho quase o dobro de sua idade, já trabalho neste hospital há mais de vinte anos. Acredite em mim, não seria a primeira vez que assisto a algo parecido.

– Mas eu não estou...

– Você passa boa parte do dia dentro de um minúsculo boxe, lendo ou escrevendo seu livro, aplicando curas alternativas, conversando com ele. Estudou tudo sobre o seu estado de saúde e sobre a sua vida. Vem inclusive nos finais de semana. Chora baixinho ao menos duas vezes por dia.

Francie sentiu o sangue deixar a cabeça. A enfermeira continuou:

– Eu escuto e sei que não chora por você e sim por ele. Está abatida; e não é de se estranhar, pois se enterra dentro de um hospital, senta em uma cadeira desconfortável horas por dia para segurar a mão dele o máximo que seu corpo permite. Nós temos cinco outros leitores voluntários. Eles vêm apenas uma ou duas vezes por semana. Quando saem, depois de ficarem em torno de uma hora, reclamam não aguentar o desconforto da cadeira e do espaço. Agora olhe para você, menina. Olhe para o seu coração e veja se consegue reafirmar que não está apaixonada.

Os olhos dela voltaram a ficar vivos de lágrimas.

– Não, não é certo. Nem o conheço, é ridículo, eu nem sei quem ele é de verdade.

– Isso é o que a sua razão fala, não o seu coração. – Nany deu um longo gole no café como se esperando a confirmação.

– É errado, eu nunca poderia. – Mais uma lágrima rolou. – Não faz sentido. – Outra lágrima perdeu-se. – Não, eu não estou...



– Está, meu anjo, e não há nada de errado nisto. Não seria a primeira e nem a última a passar por uma situação assim. Eu mesma já vi acontecer, entre enfermeiros e pacientes.

Francesca enxugou as lágrimas com a ponta do dedos. Sentiu o ar incerto comprimir. Sentiu a gravidade se tornar insuportável. Os órgãos deviam ter parado de funcionar e evaporaram no suor que banhava o seu corpo inteiro em segundos. Rápido, rápido, o ar pesado a levou para baixo e transformou-a em uma formiga. Logo, então, subiu sem as leis da física e ela observou tudo de fora, como de uma estação espacial. Na mesa, o café esfriava, e, Deus amado, o planeta azul sumiu, ficou tudo negro dentro do café. O ar... precisava de ar...

– Francie – Nany a chamou, ali ao lado. Mas para ela a voz pareceu distante e difusa. – Abaixar a cabeça e respire devagar.

Conseguiu seguir a instrução. Recobrou os sentidos das pernas, do tronco, dos braços, do corpo. Recobrou a consciência e... em que merda de situação se percebeu e...

– Eu suponho que eu não poderei mais vê-lo, não tinha me dado conta. – Francie engoliu o bolo massudo de lágrimas. – E não está certo... é errado.

– Errado, meu anjo? – Nany falou com doçura e acrescentou com convicção: – Você tem entregue tanto amor e devoção àquele homem sem esperar nada em troca. Nada, nem mesmo um olhar, ou uma palavra. Se um dia ele acordar e ficar bem, mesmo que nunca mais se vejam, ele deveria mandar erguer um monumento em cada cidade do mundo em sua homenagem.

– Obrigada, Nany, pelo apoio e pelas palavras. – Levantou-se sem tirar os olhos do negro do café nunca bebido, a mesa era um

terreno muito amplo.

A enfermeira agarrou a sua mão.

– Está bem? Aonde vai?

– Estou bem, só preciso ficar um tempo a sós para pensar.

Ela pensou. Pensou até as pernas pesarem. Pensou até a luz no céu se despedir e escurecer como o café desprezado. O que escurecia na verdade era o olhar dentro do mergulho que foi dado. Um mergulho suicida que ela nem sentiu. Um passo não compreendido por vez, lágrimas de compreensão por sentir pena. Autopiedade dissolvida em compreensão brutal. Estava em uma situação descabida. Não cabia em si tanta dor que sentia ao perceber que protagonizava um drama sádico. Ela, que sempre se resguardou ao direito de sentir, havia se apaixonado da maneira mais absurda, suicida, insana. Se apaixonou por um homem que nem sequer conhecia.

Ou conhecia?

Enquanto caminhava pelo parque, às vezes, limpava as lágrimas com o braço. Mas na maior parte do tempo ela se permitia derramar a pena. Quando isso aconteceu? Quando ela se permitiu isso acontecer?

Isso pedia permissão para acontecer? Porque se pedisse ela negaria. Não houve consentimento ao mergulho, ele simplesmente foi.

– Lilly – chamou a voz chorosa no telefone.

– Francie? – Quis confirmar a amiga. – O que houve?

– Não estou bem.

– Onde você está?

– No Central Park. Acho. – Não sabia mais de nada.

– Acha?

– Estou no Central Park. – Ainda parecia o Central Park.

– Vou te encontrar onde?

– No lago de sempre. – Mas não era o lago de sempre, o mundo estava virado do avesso e costurado em retalhos surrealistas.

– Chego aí em vinte minutos. – A amiga desligou a chamada.

Passados pouco mais de vinte minutos, Lilly envolveu-a, tocou-a nas costas, no cabelo, enxugou com a mão enluvada as lágrimas. Não deu uma palavra até Francesca estar mais calma.

– O que houve, Fran?

– Você – soluçou – percebeu, Miranda percebeu, Tom percebeu, menos eu...

– Ai, meu Deus, Francesca .... É sobre Mitchell, não é?

Ela apenas concordou com a cabeça.

– E agora? – Lilly tinha preocupação na voz e no rosto.

– Não sei, não sei. O que acha que devo fazer?

[Silêncio.]

Lago, vozes, pássaros, aqueles sons que estão sempre presentes em um parque. Francie nem os ouvia, os sons não fazem parte de um mundo que virou ao contrário.

– Em primeiro lugar, deve parar de vê-lo. Depois, deveria ligar para qualquer homem bonito que já se interessou por você e que

esteja disponível e transar dois dias inteiros... Somente, então, deve pensar no que fazer.

Francesca fungou o ar entre as lágrimas. Essa era a amiga do avesso que ela amava.

– Está certo, não é uma má ideia, mas a verdade é que não resolve...

– Está mesmo apaixonada? – Lilly segurou a sua mão em um gesto de apoio.

– Acha que sou muito louca?

– Um pouco. Bastante. – Sorriu: – Mas afinal, quem não é?

– Pensei em sair correndo, em fugir, em nunca mais aparecer. Mas... mas não posso abandoná-lo, não por medo. – “Não consigo, tenho medo”.

– Sendo assim, acho que devo ir conhecê-lo. – A amiga tentou descontraír a conversa.

Francie riu da brincadeira derramando litros de pena e apoiou a cabeça no ombro de Olivia.

– Sabe como fugi de... de sentir... Não posso mais... Até porque... – Fez uma breve pausa enquanto transcorria o lago com olhar e disse: – Não consigo. – Olhou para a amiga: – Se saísse agora, seria a maior covardia da minha vida; e ficar será a maior coragem ou a maior loucura.

– Francie, você não é nada covarde e é bem louca. O fato de ter se apaixonado por um homem em coma só prova isso.

As duas sorriram.

– É meio irônico, não é?

– O quê, querida? – A voz de Lilly era um conforto macio e estabilizava o mundo, quase o colocava em seu lugar.

– Eu que sempre acreditei que tinha a capacidade de escolher como e com quem me envolver... Não acredito que isso tenha acontecido, nessas circunstâncias.

– A vida é muito irônica, às vezes.

– Muitas vezes! – Francie soluçou com um sorriso.

– Na maioria delas.

– Não vai me dizer com ironia, “eu avisei”?

– Mudaria alguma coisa? – Lilly cutucou-a com o ombro.

– Não. – Ela suspirou. – Não mudaria nada.

No dia seguinte, voltou. Sabia que se não voltasse naquele dia, nunca mais o faria. Ela precisava voltar. Não conseguiria não voltar.

– Parabéns, Mitchell... Sei que esse deve ser o aniversário mais estranho que comemora. – Mordeu o lábio por dentro e confessou: – É o ano mais estranho da minha vida... – Olhou para o rosto masculino que mantinha a expressão tranquila e inalterável: – Ontem eu entendi algo que mudou tudo... A verdade, Mitchell, é que eu não sei por que Deus cruzou os nossos caminhos. Não sei por quê. Mas aqui estou. E você está aí. E não sou capaz de fechar, de sair daqui de... Sabe? Já fiz isso muitas vezes, fugir por medo, sei lá. – Segurou a mão dele. – Se Deus puder ouvir meu coração, e eu acho que pode, espero que possa, eu não peço para entender o porquê isso aconteceu. Nem para esquecer. Eu peço, Deus, que me dê a clareza de enxergar e talvez, assim, eu não solte a sua mão, Mitchell, até que você consiga seguir sozinho. Eu estou aqui. Não

sei por quê, mas estou. Não sairei do seu lado, acho... – Fez uma pausa sentindo vontade de... ela nem sabia. – Acho que de alguma maneira você também tem me dado força para seguir... Então – suspirou –, eu só posso agradecer a Deus por você estar aqui comigo.

Colocou o cabelo atrás da orelha, respirou fundo e disse mais animada:

– Tenho um presente para você. Um amigo que toca clarinete na sinfônica de Nova York coleciona uns vinis raros. Depois que eu quase o enlouqueci, convenci a vender um dos LPs de sua coleção. – Tirou o disco de uma pasta de couro e levantou para mostrar enquanto explicava:

– É Carlos Webber em Viena, regendo a Sétima de Beethoven. Eu digitalizei a música e você vai poder ouvir seu presente, antes de acordar. Até lá, ele fica guardado comigo, já que não posso deixá-lo aqui no hospital. – Mal fechou a pasta e ouviu passos se aproximando.

– Aqui está, Sra. Petrucci. – Era a voz de Nany.

Francie olhou de esquelha. Reconheceu a mulher que ela havia visto apenas por fotografias. Silvia Petrucci vestia um clássico terninho Chanel. Tinha o cabelo amarrado em coque alto e, apesar de usar os sapatos descartáveis exigidos para a entrada na área parecia ter saído da *Vogue Paris*.

– Esta é Francesca Wiggs. Ela faz leituras voluntárias para pacientes em coma. – Nany tocou no seu ombro.

Francesca tinha alterado o seu sobrenome legalmente quando completou dezoito anos. Antes, levava o sobrenome do pai: Andretti. Mesmo para ela parecendo mais harmônico, desistira de

usá-lo quando fez quinze anos e aos dezoito alterou todos os seus documentos. Levantou-se e apertou a mão da mulher, que tinha os olhos fixos e estatelados na figura do filho.

– Deus, como ele está magro – disse Silvia por fim, ignorando por completo a recente apresentação. – Por isso não venho nunca – completou em voz alta a justificativa de sua ausência: – Está vendo? Já estou arrasada. Sei que a escolha do meu filho seria a morte a esta situação humilhante e degradante.

Francesca sem perceber levou as mãos à boca e ouviu pasma o que a mulher continuava a falar.

– As flores. Elas não param de chegar lá em casa. Todos os dias. Hoje então, que é o seu aniversário, chegam às dezenas. – Silvia Petrucci balançou a cabeça em uma longa discordância. – Minha casa parece um velório. Todos os dias as malditas flores chegam somente para me recordar desta realidade.

As mãos de Francesca continuavam sobre a boca. Ela fitou Nany, que desenhava uma negativa com a cabeça, como quem diz: “Não fale nada”.

– E os repórteres? – Silvia continuou: – Haviam dado uma trégua, mas hoje voltaram a atormentar a família... Será que eles não respeitam nada? Nem mesmo um momento como esses? – A mulher era tão rígida que parecia ter engolido um cabideiro.

Francesca queria escapar dali.

– Eu vou deixá-los a vontade.

– Não, não, minha jovem – afirmou a mãe de Mitchell enquanto sacudia as mãos com ar displicente. – Já estou de saída, isto aqui – apontou para o leito – me deprime.

Mas antes de sair, a mulher lançou um último olhar para o filho acamado.

– Afinal, parece que ele conseguiu o que se esforçou a vida inteira para alcançar.

Francesca e Nany curvaram as sobrancelhas como se tivessem ensaiado e ouviram a conclusão da mulher:

– Isolar-se de todas as pessoas do mundo e fechar-se dentro de seu egoísmo.

A boca de Francie se escancarou. Ela perdeu metade do ar dos pulmões e toda a capacidade de manter a calma. Por um fabuloso golpe de sorte, ou de azar, ela não conseguiu decidir. O médico da família apareceu e conduziu a Sra. Petrucci para longe. Caso contrário, ela voaria em cima daquela mulher, arrancaria com as próprias mãos e unhas tudo dela, inclusive as roupas, e exigiria que ela pedisse perdão por sua falta, por suas palavras.

– Não estranho que não queira voltar, Mitchell... – A jovem escritora estava desestruturada.



# Capítulo 10

04 de dezembro

Francesca leria esse capítulo em voz baixa, quase inaudível. Era assim que se sentia aquela manhã, como se a voz não fosse necessária... Sabe-se lá por quê. Talvez a convivência diária com um homem que não se comunica estivesse surtindo alguns efeitos... esquisitos. Estranho, ela não sentia abstinência das palavras faladas... Leria com o coração:

O poderoso dom da Sicília já não era tão influente. Há meses havia se afastado um pouco dos negócios a fim de cuidar da sua saúde. Tinha delegado o controle de tudo ao seu filho mais velho: Leonardo Andreonni. Ele era um filho como ele tinha sido um pai, mal se viam. Quando se encontravam, tratavam apenas dos negócios da família, e a demonstração de carinho era na verdade uma prova de respeito por suas posições dentro da fraternidade. As cartas tinham dado um novo sentido aos seus dias, como se ainda houvesse uma missão a cumprir. Deixou os dedos escorregarem na pilha ordenada e puxou uma folha a mais:

“Viena, 1950

Eu nasci tão pequeno. Houve algum problema. O parto demorou muito mais que o previsto. Houve algum engano no parto, fiquei sem oxigênio.”

“Não morreu” – diziam os médicos. – “Já é um milagre”. – Já nasci sufocado pelo ar do mundo, pela culpa.

– O meu filho, doutor, ficará com alguma sequela? – perguntava insistente a minha progenitora.

– Ainda é um pouco cedo para dimensionarmos. – Mas não muito depois, os médicos já haviam enxergado.

– Receio que seu filho não enxergue.

– Não enxerga? Como assim, não enxerga? – O meu pai era um homem direto.

– Não é capaz de ver...

– Nada? – empalideceu o homem.

– Sinto muito. – O médico até fingiu que sentia.

A minha mãe, contaram, entrou em um pranto avistado à distância, como se estivesse condenado à morte.

– É cego? – O meu pai precisava da confirmação.

– Sim, sinto muito – sentenciou o médico mais consternado do que estava.

Mas a tal cegueira não me impediu de crescer. Cresci para a dúvida de meu pai e pranto distante de minha mãe.

– O que faremos com um filho defeituoso? – Essa era a dúvida mesmo em minha frente.

Eles não fizeram. Delegaram-me aos cuidados de enfermeiras, babás e professores particulares. Quanto mais crescia, tanto menos eles faziam. Eles nunca fizeram algo para me ajudar. Quando menino, eu sentia medo, mas não podia dormir de luz acesa. Nada trazia clareza. Nada aplacava o escuro. Eu não conhecia luz.

Com quatro anos me sentei no piano de casa e, desafiando todas as probabilidades, toquei como se já soubesse. Desde o episódio assistido com assombro pelos meus pais, a banqueta instrumental foi o lar dos meus olhos. As casas das notas eram a minha única casa. Então, eu estudava tudo o que podia e o que conseguia. As escalas dosavam a revolta. Os sustenidos elevavam o alívio ao mundo. A música me recebia sem piedade, eu era um igual para ela. Eu a enxergava em toda a sua lucidez. Ela me recebia de teclas, pedais e cordas abertas. Era a fuga da minha retina apagada. O piano me inseminou, a música me nutriu. A falta da visão não era para os meus verdadeiros pais uma deficiência condenada, era no lugar, o ponto do nosso encontro. O espaço onde um penetrava o outro e o êxtase recebido vibrava sem pudor.

A música enchia a ala da mansão em que eu cresci e sim, ela cresceu comigo, como um gêmeo, como os órgãos que me mantinham vivo. Eu respirava, ela exalava. Aos quinze anos, fui considerado um fenômeno e me apresentava aclamado pela crítica, pelos críticos e pelo público. Aos vinte anos já havia tocado nos maiores teatros deste mundo não visto e junto às suas principais orquestras.

Eu expulsei todos da minha vida com o toque da grosseria, com o acorde da brutal discordialidade, permitidas e idolatradas somente nos gênios. Foi assim, até que ela apareceu. Depois de 35

anos, eu vi. Uma bailarina que eu nunca saberia dançar e que aprenderia a amar além da minha música.

Natasha.

Francie segurava a mão do seu ouvinte, fazia círculos com o polegar, dedilhava entre os ossos que se elevavam como teclas mornas.

Natasha era uma das primeiras bailarinas da principal companhia de balé do mundo. Era o amor da minha vida. Era a música da minha alma.

Quem assistiu Natasha dançar enquanto eu tocava, não via apenas dois sensíveis talentos – compositor e bailarina –, assistiam, como assim relatavam, ao som ganhar forma em corpo e ao corpo ganhar vida em som.

Hoje, com setenta anos, sei que a falta da visão não me impossibilitou de ver. Sei que a falta da visão me ensinou amar a música e sei que a música me trouxe, Natasha... A única música da minha vida.

Dom Nicolas Andreonni chorava, não por ler histórias de vidas que já passaram, mas por encontrar a verdade. A sua mãe tinha razão, que loucura era aquela caixa que existia e que chegou em suas mãos.

Francesca encheu o pulmão de ar e o exalou devagar. Levantou e esticou as pernas e os braços. Rotacionou o pescoço duas vezes, no intuito de relaxar a musculatura. As duas aulas de ioga semanais

não eram preparo suficiente. Não para aguentar a jornada de horas no hospital. Talvez fosse o momento de pensar em fazer outra coisa. Talvez voltar a dançar. Ou talvez ela estivesse muito envolvida com o último capítulo que escreveu – afinal, já fazia quatro anos que tinha largado a dança.

Após dois meses e meio, as partes boxe, cadeira, notebook, hospital e seu corpo já não se ajustavam com facilidade. Tinha dores nas costas, nos braços, nas pernas e até na cadeira. Talvez devesse procurar um acupunturista e voltar a dançar. Não necessariamente nesta ordem, mas sabia que precisava fazer algo para diminuir o desconforto físico.

Olhou para Mitchell e abaixou devagar, dando um beijo na testa dele.

– Hoje procurarei a sua mãe, por isso estou saindo mais cedo. Desculpe a intromissão – desenhou uma negação –, mas fiquei tão transtornada com o que vi aqui há quinze dias, no seu aniversário, que tenho certeza de esperei tempo demais. Vou falar umas verdades.

Olhou para baixo um tanto quanto sem graça.

– Talvez eu também precise conversar com alguém que te conheça, e por pior mãe que ela possa ser, é a única que você tem. – Juntou as sobrancelhas encarando-o. – Não, não faça essa cara. Vou fazer isso, pois sei que por maior que seja a sua desavença com ela, é a sua mãe. Sei que, do jeito dela, deve te amar... Posso te entender, também não sou capaz de enfrentar uma pessoa em minha vida. – Deslizou a mão no rosto quadrado e perfeitamente cinzelado e completou:

– Amanhã venho te contar como foi com a Sra. Petrucci.

Uma vez que chegou na casa, teve certeza de que o zoológico de Nova York inteiro, incluindo os hipopótamos, as girafas e até mesmo os rinocerontes, devia caber dentro da sala de visitas. Olhando o terreno pela parede envidraçada, colocou ali Rutland e todos os seus 16 mil habitantes e suas casas e prédios e ruas com folga. Chegou também à rápida conclusão de que metade do PIB dos Estados Unidos devia estar espalhada naquela casa em obras de artes, tapetes e antiguidades. O lustre de cristal da entrada era do tamanho de um jipe, a mesa de jantar do tamanho de um ônibus e os sofás eram completamente de seda.

Fechou os olhos e respirou fundo algumas vezes: "Isto não é nada, isto não significa nada". De repente, sentiu-se como a garotinha do interior, chegando à mais monstruosa cidade do mundo. Esperando ansiosa no hall de um enorme prédio, para ser recebida pela pessoa quem ela mais esperou em sua vida. O que ela pensava dizer? O que estava de verdade fazendo ali? Então, antes que perdesse a fala e saísse correndo por ter concluído o absurdo de sua visita, a voz firme da Sra. Petrucci anunciou que o seu arrependimento foi tardio.

– Boa tarde, senhorita Wiggs! É este o seu nome? Está correto?

– Sim, sim, está – confirmou. "Merda o que estou fazendo?" A voz interna gritava enquanto apertava a mão da senhora Petrucci.

– No que posso ajudá-la, senhorita? – Fez uma pausa, mediu-a com discreta moderação. – Wiggs? – continuou encarando-a.

Toda a capacidade de improviso teatral a fez vaguear em uma série de desculpas:

*Vim agariar fundos para o projeto "Salve os Lobos Cinzentos". Ou, "represento um grupo de artistas de ruas de NY, incentive a*

*arte". Ou até mesmo, "tenho interesse em escrever uma biografia de sua vida".*

Qualquer coisa parecia mais coerente do que o seu real propósito. Sem saber como disse a verdade.

– Senhora Petrucci, desculpe lhe incomodar. Dirigi de Nova York até aqui com um propósito muito certo em mente. Mas agora, diante da senhora, estou me questionando se é mesmo tão certo. – Um breve silêncio. – Acredito que não se lembra, mas fomos apresentadas há quinze dias, no hospital Charles Darwin. Eu faço leituras voluntárias para o seu filho, há mais de dois meses. O que me traz aqui... hã... Eu sei que é uma situação difícil. Mas, pelo que tenho estudado, a presença de pessoas conhecidas e amadas nos casos de recuperação de traumas, especialmente os cerebrais, mostra-se muito efetiva. Às vezes, o fato do paciente ouvir uma voz conhecida, sentir a presença de alguém a quem ama, pode trazer respostas positivas e acelerar a sua recuperação.

– Sente-se, por favor. – A mulher apontou o sofá nas suas costas com a cabeça e também se acomodou. – Bebe alguma coisa? – A voz dela era firme.

– Não, obrigada!

– Muito bem! – Tragou o ar com força e disse: – Senhorita Wiggs, admiro a sua disposição e a sua dedicação em querer ajudar ao meu filho. Falo isso sinceramente, como qualquer mãe falaria em uma situação dessas. Mas o fato de você estar aqui – continuou enquanto fazia um leve aceno com a mão. O funcionário que a recebeu na entrada, o mordomo talvez, se retirou da sala. – O fato de estar aqui demonstra que você não conhece o homem que tem auxiliado com essa dedicação. Pois se o conhecesse, saberia que eu não sou uma pessoa amada por ele. Se ele pudesse escolher a que

voz ouvir durante sua inconsciência – suspirou e ergueu um pouco mais os ombros –, a minha seria a última de sua lista. Talvez, ele até deixasse claro que a minha presença atrapalharia a sua recuperação no lugar de ajudar. – A mulher cruzou as pernas. – Por mais duro que isso possa parecer é a verdade.

– Mas a senhora é mãe dele. – Francie estava cheia de certeza. – Por maiores que tenham sido os problemas. Por pior que seja o seu relacionamento com ele, Mitchell continua sendo o seu filho. Em algum nível pode ter certeza de que a senhora é a única pessoa quem ele deve esperar que o visite e que o apoie nessa fase difícil. Por mais, por mais... por mais que ele nunca admitisse isso acordado. O pouco que eu já estudei de casos de enfermidades e de psicologia, a figura da mãe é sempre o arquétipo do porto seguro, do acolhimento, e é quem quase todos os humanos chamam na hora da maior necessidade... Sei que o seu filho precisa da senhora. Como qualquer outro ser humano precisa de sua mãe. Mesmo que nunca houvessem se conhecido, ele ainda precisaria da senhora neste momento.

A mulher que parecia tão inabalável deu algumas longas respirações.

– Mitchell não precisa de ninguém, senhorita Wiggs. – Silvia balançou a cabeça em uma discreta negação. – Se ele pudesse falar, escolheria ouvir a voz do locutor da *Bloomberg* ou dos sócios dele em suas empresas. Com certeza, se o dinheiro falasse, seria a ele quem Mitchell gostaria de escutar... O dia inteiro. Mas como não fala – fez uma pausa enfática –, receio que ele deve estar se sentindo muito solitário. Agora, senhorita Wiggs, se acabou, eu tenho muito que fazer ainda hoje.

– A senhora é a mãe dele – Francesca explodiu.



Ela gargalhou entre discreta e contida sem achar graça alguma.

– Senhorita Wiggs – cruzou as mãos sobre o colo como o retrato de uma nobre dama –, acho mesmo muito comovente a sua doação. Mas se posso te dar um conselho: guarde o seu tempo e reserve a sua energia para projetos que te darão algum retorno. Tenha certeza de que se Mitchell se expressasse, ele a expulsaria, como expulsou a todos que tinham qualquer nesga de boa intenção para com ele. Faria isso sem a menor piedade ou gratidão. A senhorita é jovem, parece que é inteligente e também muito bonita. Dedique tudo isso a alguém que saberia reconhecer.

– Por quê, senhora Petrucci? Por que tem tanto ódio do seu filho?

A mulher ficou muito séria e então ergueu ainda mais os ombros com todos os fios do cabelo imóveis no penteado, com toda a maquiagem impecável que foi extraída de algo estático. Como uma fotografia de moda.

– Não tenho ódio dele. Eu o amo, ele é meu filho. A senhorita não tem filhos, não é mesmo? – isso ela perguntou com um tom de voz de uma rainha em seu discurso de posse.

A jovem negou.

– Imaginei, pois se tivesse saberia que é impossível uma mãe odiar a um filho, por pior que ele seja. A verdade, senhorita Wiggs, é que eu casei muito cedo. Era jovem e estava apaixonada. O pai de Mitchell era exatamente como o próprio se tornou. – Ela arrumou um fio invisível do cabelo perfeito. – Ele trabalhava muito e da maneira dele achava que tudo o que fazia era para o bem da família. Admito que talvez eu também poderia ter sido mais presente... para – parou como se perdesse o ar –, para os meus

filhos, poderia ter tido mais força. – Abaixou o olhar. – Já me culpei muito por não ter sido mais forte. Não sou isenta de erros, mas sou mãe, senhorita Wiggs e mesmo tendo errado, os meus filhos são tudo o que eu mais amo na vida.

– Sendo assim, talvez a senhora pudesse... – não terminou. Silvia ergueu a mão em um pedido silencioso para retomar a palavra. Francesca se calou.

– Mitchell nunca me deu a chance de reaver os meus erros. Por mais que eu me esforçasse, nunca era o suficiente. Entende? – A mulher elevou os olhos em um ponto de interrogação e respondeu: – Porque Mitchell é exatamente como o pai dele. Nunca ninguém será bom o bastante. – Tomou mais uma longa respiração, imperceptível. – Já sofri muito com a rejeição do meu filho, com a frieza e com a mágoa que ele nutre de toda a família. Hoje não sofro mais. Me conformei. Se quero que ele se recupere? Muito... como qualquer mãe quereria. Se isso mudaria alguma coisa em minha vida? Nada. Eu já não tenho meu filho há muitos e muitos anos.

Percebeu que a postura impecável de Silvia cedia um pouco e a sua voz, um pouco incerta no final, demonstrou que ela não era tão ausente o quanto queria parecer. Francie desabafou. Talvez inspirada pela recente abertura da mulher à sua frente. Não soube direito o porquê, mas o fez mesmo assim.

– Eu cresci sem o meu pai. O esperei... muito... e então, não esperei mais. Porém as cicatrizes existem. Elas são a certeza de que estão lá de qualquer forma. Fazem parte do que me constrói. Eu sei que uma a uma elas dão tamanho ao que sou. Entender isso traz conforto. – Os pés mudavam de posição, cruzavam, descruzavam, cruzavam. – Mas não traz o esquecimento, e hoje

nem sei se o que quero é esquecer. Talvez só deva fazer o que quer, que seja, com a maior verdade possível. – Mexeu-se na poltrona e disse: – Perdão por vir até aqui, eu não tenho o direito de julgar a sua dor e nem de te sugerir que a esqueça. – Fez um movimento com o corpo indicando que se retiraria. Sentiu a mão de Silvia se fechar sobre a sua. Um pedido que não levantasse ainda.

– Obrigada por ter vindo e obrigada pelo que tem feito.

Ela anuiu e as duas compartilharam um momento de silêncio.

– Senhora Petrucci – resolveu arriscar, quase um impulso. Afinal não custava nada, uma vez que já estava lá. – Existe algo, alguma recordação de Mitchell, da infância ou juventude que possa ver. – Mordeu o lábio por dentro ponderando. – Apenas para poder conhecê-lo melhor e de repente conseguir falar com ele de coisas que tenham algum significado.

– Posso providenciar isso. – A impecável dama estava de volta, ela olhou ao redor e fez um breve aceno. Como mágica, o mordomo se materializou na sala.

Francie estudou a cena intrigada. Silvia pediu com uma voz tão, tão refinada que era até um pouco desconcertante.

– Clayton, por favor, acompanhe a senhorita Wiggs até o quarto que foi de Mitchell. Mostre a ela os livros, fotografias e... – parou por um pensativo momento – aquele baú em que estão guardados os trabalhos escolares. – Olhou-a. – Senhorita, agora, se me der licença, tenho que organizar algumas coisas ainda. Vou receber amigos hoje à noite e sinto não poder dar mais atenção.

– Obrigada, senhora Petrucci, sei que vai ajudar bastante.

Despediram-se com um pouco menos de formalidade.

# Capítulo 11

Francie seguiu o aprumado mordomo por uma enormidade de corredor, todo ladeado por portas brancas duplas. Passou por duas antessalas. Parou abrupta quando percebeu tarde que o mordomo colocou a mão em uma maçaneta dourada. Ele iria abrir aquela específica porta. Francie notou o coração saltar como se quisesse sair pelo nariz. Logo à frente estava o local onde, o homem que mudou o rumo da sua vida, dormiu, sonhou, brincou, estudou, cresceu. Aí dentro estava parte de sua personalidade revelada e ela se sentia tão nervosa, como se fosse estrear uma peça.

As janelas estavam abertas. O piso era de madeira clara. Viu Mitchell dormindo na cama boxe de casal entre tons de verde. Encheu-se de algo com Mitchell estudando na escrivaninha tipo inglesa. Apertou as mãos ao ver ele sentado brincando em um tapete enorme tipo persa, olhando as amplas janelas, pensativo. Uma grande estante que ocupava toda a parede de frente à cama, e Mitchell estava lá, escolhendo o que lia. Junto com ele, ela explorou com curiosa timidez a estante. Aos poucos, o quarto começava a ganhar identidade. Os olhos percorreram alguns livros. Depois, muitos livros. Então dezenas de livros; da Filosofia ao romance, da poesia à política; de vários autores famosos, de várias

nacionalidades e épocas diferentes. Outra parte da enorme estante era inteira preenchida por livros técnicos de Economia e Administração. – Piscou fundo.

– Ele leu tudo isto?

O mordomo pigarreou:

– Creio que sim, senhorita...

– Que indelicadeza minha – virou-se para olhá-lo –, Francesca, Francie – se corrigiu.

– Estou ajudando na recuperação de Mitchell, hã... do Sr. Petrucci.

– Claro que está. – O altivo mordomo era uma figura de dramaturgia, retirada de algum conto antigo.

Francesca permaneceu em silêncio encarando-o, aguardando a apresentação; e como ela não aconteceu, não resistiu e brincou:

– Você deve ser o valente Kato, suponho – disse entre risadas. Mas o mordomo permaneceu bem sério.

– Sim, senhorita, conheço, mas receio que não sou Kato. Meu nome é Howard, Clayton Howard.

– Clayton – continuou ela sem fingir qualquer timidez –, me conte, há quanto tempo trabalha com a família?

– Há mais de vinte anos, senhorita – ele falava sem mexer nenhum músculo da face.

– Conheceu-o bem? Ao senhor Petrucci?

– Sim, senhorita.

– Contaria como ele era? O que souber será de toda ajuda – mentiu. Naquele momento não pensava em ajudá-lo, queria mesmo era sugar tudo o que pudesse, por motivos nem um pouco altruístas.

– Ali estão os troféus. – Apontou o mordomo solícito. – Desde muito cedo ele estava sempre entre os melhores – Francie olhou com atenção: medalhas, troféus, placas de honra de vários anos seguidos –, do colégio à faculdade: – remo, natação, esqui. *Santo Deus amado, era um monstro em tudo o que fazia.*

– Aqui estão as fotos – apontou para alguns álbuns empilhados em um canto –, e neste baú – Clayton disse com um sotaque de qualquer lugar de dentro dos livros, aclarou a garganta e apontou –, os trabalhos artísticos.

Francie piscou fundo uma vez mais. Se Clayton tivesse falado, “Aí, neste baú, estão as Bíblias e as batinas do padre Mitchell”, ela não teria se surpreendido menos.

– Trabalhos artísticos? – Não conseguiu esconder a perplexidade.

– Ele pintava muito bem, fez isso até os dezessete anos, depois – uma hesitante pausa – creio que ficou muito ocupado com os assuntos de trabalho e não teve mais tempo.

– Eu... hã posso olhar? – a voz saiu quase com receio, como se fosse uma espécie de material arqueológico que pudesse se desfazer com o toque.

– Sim, senhorita...

– Vou começar pelas fotos. – Pegou o primeiro dos álbuns. Como toda boa artista, ela reservaria o melhor para o final.

Estudou as fotos com dedicada atenção. Às vezes fazia uma ou outra pergunta a Clayton, que respondia tudo com discreta disposição.

- No colégio interno na Suíça.

- Nas férias de verão no sul da França.

- Esquiando na Suíça, equitação na Inglaterra, remo na Noruega, velejando na Grécia, alpinismo na Itália, curso de férias na Alemanha... – E o mundo era o limite naqueles álbuns de foto.

Ela registrou uma criança que estava nas fotos como qualquer outra. Os olhos eram uma descoberta, um encantamento e algo mais. Algo que devia ficar para sempre no rosto dele, mesmo depois de velho. Quando adolescente, cabelos mais compridos e um olhar livre a fizeram agarrar aquele jovem e mantê-lo dentro de seu coração, com a mesma vibração da liberdade. Os olhos tinham a vontade de permanecer vivos. Ela quis dele somente esse olhar. E então, na faculdade, os cabelos ficaram curtos, os olhos ficaram rasos, o sorriso ficou inventado no rosto somente para posar.

- Vou ver as pinturas agora – o mordomo apenas assentiu com um gesto. Abriu o baú. As mãos tremiam, isso era incoerente. As mãos suavam, isso era ridículo. O coração devia suar de tanto se opor com as costelas, isso era disfuncional. Retirou de dentro algumas pastas organizadas por anos e começou a foleá-las em ordem cronológica.

- Ele tinha apenas quatro anos quando fez os primeiros desenhos. – A voz rococó de Clayton não a distraiu.

A surpresa de Francie ia se tornando maior à medida que as pinturas evoluíam, com o notório amadurecimento das técnicas. Aquarelas, grafites, lápis de cor, pastel. – Deus, eram

impressionantes. – A perfeição dos traços, os efeitos de luz, as perspectivas exatas. Conforme os anos passavam, os trabalhos cresciam. Os olhos de Francesca cresciam e a sua emoção também.

Os primeiros desenhos eram mais alegres e leves, mais coloridos e soltos. Os últimos eram sombrios, tristes e densos. Mas o que a tocou, e isso ela não teve como disfarçar, não foi a perfeita técnica e os traços magníficos, e sim a emoção contida naquelas imagens. Elas tinham alma, eram arte no mais puro sentido. Não eram meras cópias de lugares ou pessoas, ou abstratos sem significado. Mitchell conseguia captar e transpor sentimentos. Os desenhos estavam imersos em uma profundidade artística, que poucos são capazes de colocar. Muitos deles poderiam estar em galerias de artes, junto com famosas obras. Não deixariam nada a dever. Fechou a última pasta ofegante, com a boca seca, os olhos ensopados, os músculos abalados. Agradeceu ao mordomo controlando-se. Teve que botar em prática toda a sua dissimulação. Uma vez no carro, chorou. Talvez por ter percebido a profundidade daquele homem; a beleza daquela alma, a sensibilidade. Chorou por entender que tudo isso estava lá, porém adormecido. Talvez antes mesmo que ele entrasse em coma.

Ela saiu da mais impressionante casa que já viu em sua vida. O lugar não permaneceu nem um único momento ocupando seus pensamentos. Enquanto voltava para Nova York, estava inundada por tudo o que viu de Mitchell; por tudo o que sentia e pela conversa que ocorreu tendo a suntuosidade como cenário. A pessoa que melhor deveria conhecê-lo, a sua mãe, não o conhecia. Talvez, ele nunca tivesse deixado alguém o conhecer. Francie tinha muita experiência nisso. Sabia o que era tentar se manter isolada dos outros. No caso dela, não dos sentimentos e nem de todos os outros, mas dos homens. De todos eles. Foi assim mesmo com



Vince. Após mais de dois meses em que havia rompido, ela entendeu que nunca se entregou sem reservas; nunca por completo, nunca esteve aberta e exposta sem medo. Com ele, houve sexo intenso, muito bom. Muito bom mesmo! E boas conversas, partilhavam de interesses em comum. Ele era uma pessoa inteligente e agradável. Um bom amigo. Mas ela não ficou nua para ele.

18h30. Com um pouco de sorte não se atrasaria para sua consulta com Miranda.

Pontualmente às 19h15, ela entrava no conhecido consultório. Território seguro para a sua mente, suas divagações e suas emoções. Após detalhar a conversa com Sra. Petrucci ouviu a terapeuta perguntar:

– Isso faz você olhá-lo como um ser mais real e humano, talvez?

– Sim, mas no lugar de querer me distanciar ou me afastar, ou mesmo esquecer essa paixão louca por um estranho em coma, isso pareceu aumentar a cumplicidade. Como se fosse muito fácil entender o que o levou a se fechar, a se tornar o homem frio que a mãe descreveu. Eu não tive pai, mas tive mãe, tive uma avó e um avô que construíram para mim uma família maravilhosa, saudável e repleta de amor. Ele me parece que não teve nada.

– Talvez ele não quisesse ser alcançado por entender que o conforto do isolamento era conhecido, previsível. Era seguro para ele. – Miranda cruzou as pernas.

– Sabe o que é o mais estranho de tudo isso? Essa relação quase unilateral resultou na maior entrega da minha vida... Eu sinto

como se ele alcançasse um lugar que ninguém nunca atingiu. Eu sinto como se... se eu estou ficando louca? – tragou o ar cortado. – Ninguém me alcançou deste jeito antes. – Fez uma pausa e manteve o olhar perdido. – Estou ficando louca, né? Como isso é possível?

– Francie, você sabe que não está ficando louca. Existem coisas que fogem da compreensão científica. Eu acredito que possa existir entre vocês uma ligação em outros níveis. Você sente que existe, mas isso é algo imensurável. Portanto, não podemos analisar a extensão e magnitude de tal ligação, nem mesmo prová-la. O que você deve perceber em tudo isto, é aquilo que diz respeito ao seu processo individual de análise. Tente trazer à sua compreensão que parte sua está projetada em cima desta relação.

– Como assim?

– Um homem inconsciente é um campo aberto para a máxima projeção. O que você está esperando ou projetando em cima dele?

– Na verdade, a princípio achava que estava o salvando, agora, acho que ele me salva também.

– Do quê? – era persistente essa psicóloga.

– Não sei... Do medo do abandono?

– Percebe a projeção que ele assumiu? Alguém capaz de suprir a falta, alguém capaz de resgatá-la de suas dores.

– Alguém quase substancial, apesar de não haver uma única troca tangível. – Francesca ia com o olhar vago.

– Aí está um dos pontos importantes para ressaltarmos: até quando esta relação irá supri-la sem te frustrar outra vez?

– Não sei.

– Você acredita que será capaz de levar um sentimento nesta intensidade, sem desejar concretizá-lo como mulher por mais quanto tempo, sem que isso a machuque?

– Acho que já machuca – fechou os olhos – um pouco – abriu-os.

– Percebe um padrão se repetindo, Francie? – Miranda derramou a água da jarra em um copo.

A jovem negou com a cabeça.

– Com Vince era sexo. Faltava algo e a frustrou. Com Mitchell é comunhão em níveis improváveis. Falta algo e possivelmente em breve estará frustrada. O que ele representa para você?

– Tenho sonhado com ele.

– Como são os sonhos? – A psicóloga deu um gole na água.

– Sonhos eróticos reais e muito, muito intensos... Algumas vezes se passam no hospital mesmo e... É uma loucura. – Coçou a cabeça. – Me sinto culpada, quase como se estivesse abusando de um paciente desacordado.

– Mas não está, Francie. Isso é a prova de que o que eu te disse é verdade. Já pensou na possibilidade de parar de vê-lo?

– Não. – Foi um soco, não uma resposta. – Não sei se conseguiria. Acredita ser mesmo necessário que eu tome essa decisão?

– O que acha?

– Acho que agora dói demais a ideia de tirar ele da minha vida. Ele preenche os meus dias. Não serei capaz. Não agora, nem sei se quero passar por isso.

– Não é necessário que seja uma ruptura drástica. Apenas diminua as horas por dia e depois os dias da semana. Então transforme esse processo em algo que não ocupe todo o seu tempo.

Francesca não concordou, não podia concordar. Não agora que foi até a casa dele e que conheceu um pouco mais o que foi a sua infância. Não agora que conheceu um pouco mais a fundo a pessoa que ele é. Não podia concordar em se afastar... Por ele, pois seria incapaz de abandoná-lo. Ou... o que era grave...

Não podia concordar com ela, pois não conseguia mais imaginar o que seria a sua vida sem estar ali, segurando as mãos dele, sem se apoiar na diária e renovada esperança de sua cura, sem senti-lo mesmo que não sentindo-o.

Ela se acostumou a estar com ele, à sua respiração, ao seu sono inconsciente. Se viciou no ritmo do seu coração sempre tão constante, sempre atestando a sua vida.

Sempre. Sempre. Sempre. *Bip. Bip. Bip.*

Ela, que mal se entendia diante de tudo o que vinha sentindo, Se o deixasse agora, ficaria ainda mais perdida. Percebeu, por fim, que de algum modo absurdo, sobrenatural, louco, demais de estranho e incompreensível, essa foi a maior entrega amorosa de sua vida. Só essa insana constatação bastava no momento. Por mais louca que ela estivesse, não mudaria nada. Não queria...

Não podia.

# Capítulo 12

21 de dezembro

Nas duas semanas seguintes, Francesca produziu muitos outros capítulos do seu livro. Já havia lido para Mitchell quase todos. Estavam próximos do Natal. Sobretudos de lã, luvas, gorros e muitos cachecóis comprometiam o trânsito de pessoas. Ela achava engraçado ver como os cabideiros nas portas tinham que fazer hora extra e ganhar garras a mais para sustentar tantas roupas dispensadas pelos aquecedores. Francie suspirava quando nevava. É claro, logo que nevava, especialmente enquanto a neve deslizava no ar e os flocos dançavam dentro dela. Porque depois que a dança acabava, ficava tudo meio complicado, a neve deixava de ser branca nas ruas e os dedos ficavam enlameados. Mas não no Central Park, lá a neve era sempre o branco que nascia de dentro. Apesar de todo o exagero das acesas decorações natalinas, dos prédios e das vitrines, cheias de guirlandas que ela adorava, Francie sempre saía da cidade nas últimas semanas do ano. Ia com Lilly ou com Jessy e claro, nos últimos três anos, com Vince.

Fazia isso porque, assim como ela achava que a cidade nas festas de fim de ano ficava envolta em um clima surreal, como se

retirada de um de filme *noir*, ou de um cartão-postal, todas as pessoas do mundo concordavam com ela. Já que a cidade se entupia de gente vinda de todos os lugares desse mesmo mundo. A ela não incomodavam as milhares de pessoas andando nas ruas, acotovelando-se por uma melhor foto em frente à árvore do *Rockefeller Center* e abarrotando-se nas filas dos teatros, museus e restaurantes. A ela incomodava o trânsito, a bagunça e o caos que a cidade era tomada por sua superlotação.

Mas naquele ano, aleatória a toda essa bagunça, já havia decidido. Passaria o Natal e Ano Novo junto a Mitchell. Não existe cena mais deprimente do que um ser humano abandonado em um leito hospitalar. Ainda mais nas festas em que todos se cercam da maior quantidade de gente possível. Por mais inconsciente que ele pudesse estar. Não o deixaria a sós.

Lilly quase a processou quando ela dividiu a sua intenção. Jessy ligou para ela e discutiram durante duas horas pelo *Skype*. Com Lilly advogando a favor de Jessy e Jessy dissertando em cima dos argumentos de Lilly. Por pouco, não foi levada ao tribunal de pequenas causas pelas duas amigas, em uma noite no início de dezembro. Mais de duas horas após o começo da calorosa discussão, as amigas por fim concordaram e quase a apoiaram, como as boas amigas que eram.

“Faça-nos o favor de nos ligar pelo *Skype*. Assim ficamos juntas na ceia, está bem?” – Jessy dava ordens.

“Tom me convidou para passar o *réveillon* com ele. Vou sair do hospital às 20h e vou direto para a casa dele” – justificou-se no fim da ligação.

No fim de tarde, no fim de dezembro, restava apenas um capítulo. Leria-o e depois iria para casa descansar. Estava feliz com

o avanço do livro. Estava feliz e miserável. Tinha dias que tudo fazia sentido, o mundo parecia ser mesmo uma odisseia mística e milagrosa. Em outros dias e às vezes em um mesmo dia em que tudo era místico as coisas mudavam, ficavam céticas. Ela sentia-se quase dependente daquele homem em coma, ela sentia-se doente. Então, empurrava tudo isso para dentro da sacola de coisas que você sente e não quer e focava no livro, se concentrava nele, só na presença viva dele, e voltava a ficar presente. Naquele momento o presente doía nos olhos, nas pernas, nas costas. O corpo inteiro estava exausto. Apertou-se como pôde na cadeira, incômoda e dura. Então, iniciou:

Nicolas Andreonni passou duas semanas lendo todos os dias, quase o dia inteiro... Após se comover com a carta de sua mãe, escreveria o seu próprio relato. Seria uma confissão.

Francesca leu durante mais de uma hora. Os olhos começaram a lacrimejar – cansaço –, dor presente. Espreguiçou e leu o último parágrafo, talvez fosse o final do livro:

Nicolas se deitou aquela noite, rendeu-se. O quarto envolto pela penumbra era iluminado pelo vermelho alaranjado, cores que restaram do final da tarde.

A morte, um interpor da vida. Naquela comum, não a das telas, nem dos poetas. Nela não há gritantes de desespero, nem fumaça de submundo, nem represas de lágrimas. – A morte de qualquer ser, apenas um fecho de olho, apenas um palpebrear muito lento esquecido de renascer. Ela fica pendente aonde a última cor suspende o horizonte do olhar. É o entremeio dono da amnésia da volta. Nicolas desvaneceu as cores suspensas, rendeu-se à impercepção. Soltou-se no indecifrável pendente. A casa estava em

silêncio, ele estava como nascido. Descansou no solitário entremeio. Não leu mais.

Em cima da antiga escrivaninha, no quarto calado, uma caixa de madeira fechada exibia o firme entalhe em seu tampo as seguintes palavras:

O que fazemos com as nossas faltas.

Pouco depois de concluir a leitura, Francesca notou que o hospital estava mais silencioso naquele fim de tarde. Talvez pelo pacífico do lugar, Mitchell parecia dormir ainda mais profundamente. Escutou o suave barulho de sua respiração.

Fechou os olhos.

O contínuo toque do coração.

Inspirou devagar.

O som da respiração.

O quase imperceptível som da climatização do ambiente.

Expirou.

Uma porta de correr foi aberta e então fechada.

O som de mais uma respiração dele.

Inspirou.

Vida.

Passos abafados pela pantufa descartável em contato com o piso emborrachado.

Abriu os olhos. Encarou-o, guardou o iPad. Levantou e se aproximou. Tocou o rosto dele e murmurou:



– Acorde, volte para mim, Mitchell. Fechou os olhos sentindo as lágrimas que se acumulavam no canto ganharem o rosto quente. Estava tão próximo, e apenas porque sentia tanto amor é que se aproximou um pouco mais.

– Será que você é capaz de entender como transformou a minha vida? – Beijou a testa e prosseguiu: – Como me sinto quando estou aqui ao seu lado? – Beijou a destacada maçã do rosto e sussurrou:

– Acorde, Mitchell. – Deu um beijo na ponta do nariz. – Volte para mim.

Por fim se rendeu a um magnetismo muito maior do que a razão. Seus lábios buscaram por si só os lábios dele, relaxados e imóveis. Ela depositou apenas um beijo lento e suave. E então, não deveria sentir nada. Não com um beijo entre canos e *bips*, e, *Cristo... um homem inconsciente*.

Entretanto, não controlava mais porra nenhuma.

Sentiu se espalhar dispersa. A pele do corpo todo ficou em pé. Os fragmentos passaram a flutuar pela cabine – subiram e subiram até alcançarem o limite, junto com o seu coração e com a sua sanidade. Pois isso tudo aconteceu com um toque de lábios. Logo, suplicou com os lábios ainda pousados nos dele:

– Volte de onde você está, volte para mim, Mitchell. – Suplicar desse jeito era a única coisa que ainda não tinha feito em três meses. Só ao sentir o gosto das próprias lágrimas, que também molhavam o rosto do homem desacordado, ela se separou. Passou os dedos nos olhos e sorriu incrédula com o que tinha acabado de fazer.

– Se você fosse um príncipe e eu uma princesa, você deveria acordar agora – disse tentando encontrar alguma graça na louca situação. – Será que existem príncipes em camisolas ou princesas de calças jeans e touca hospitalar? De qualquer maneira, acho que foi uma falta de cavalheirismo da sua parte não despertar instantaneamente após o beijo. Sendo assim, talvez eu te beije mais algumas vezes para ter certeza de que você é imune a esse antídoto.

Já havia virado para sair quando notou que Nany se aproximava.

– Querida, temos que conversar – a enfermeira disse em tom introspectivo que denotava clara preocupação. Ou pior, tristeza.

Francie sentiu o coração brigar contra as costelas em expectativa. Teve a percepção de que algo naquele olhar, naquela expressão, antevia uma notícia ruim.

– Pode falar – tentou demonstrar uma calma que não possuía.

– Vamos sair um pouco. – A enfermeira fechou a mão na curva do seu braço.

Em cada passo o seu coração pesava mil toneladas a mais. Isso comprometia a coordenação de suas pernas. Veio um gosto amargo, intruso e certo. Entraram em uma sala de exames que estava desocupada. Nany encostou a porta. Francesca tragou o ar hospitalar frio e antisséptico.

– Francie – começou Nany com a voz amena –, como um grande executivo, Mitchell tinha uma série de documentos e cartas assinadas para todo o tipo de eventualidades e ou acidentes que pudessem acontecer. Esses documentos contêm instruções e todos os termos legais que as seguem como testamento, herança e,

enfim, todo tipo de papelada burocrática que define o futuro das empresas, das propriedades e dele.

Francie ia com os olhos entrecerrados e sem entender aonde chegaria aquela conversa.

– Mas o que isso pode ter a ver comigo e com ele enquanto está vivo?

A enfermeira exalou o ar com calma e explicou com a mesma tranquilidade:

– Um destes documentos é uma carta, assinada por ele em que autoriza aos médicos aplicarem a eutanásia. Isso em caso de coma prolongando ou estado vegetativo por um período superior a 120 dias. É claro que os termos não são tão simplórios. A carta foi redigida por um advogado, mas é isso o que diz.

Francie sentiu o sangue correr de seu corpo. A sua respiração desapareceu e por alguns instantes teve certeza de que desmaiaria. Levou as mãos à testa como se com esse gesto pudesse recuperar o prumo, o centro, o mundo... Respirou fundo algumas vezes, ainda incapaz de falar e tentou reunir forças.

– E isso quer dizer o quê? – A voz soou como um fiapo e Nany confortou-a com as mãos sobre as dela.

– Que os advogados dele entrarão com um pedido de eutanásia na justiça.

– Quanto tempo? – perguntou com a voz ainda esfarrapada e entrecortada.

– Não dá para ter certeza. – A enfermeira buscou-a com olhar.  
– Talvez o pedido seja negado, a eutanásia é proibida em Nova York. Talvez, aqui... seja uma briga para anos... Mas o caso é que...

Bem, ele tem dupla cidadania suíça, parece que a mãe dele é de lá ou alguma coisa assim...

– E? – Francesca estava pálida.

– E se eles não conseguirem uma resposta rápida da corte em Nova York, vão... vão removê-lo em uma UTI móvel para a Suíça... Isso é quase impagável para uma pessoa normal... Mas para alguém com o dinheiro dele, não... A eutanásia na Suíça é legalizada. – Nany esfregou a mão no braço dela transmitindo o seu apoio. – Eu sinto muito, Francie – disse com a voz vaga.

Vácuo, sentiu o sangue bombear a orelha e uma profunda compressão nos órgãos, no peito, na garganta:

– O que acha o Dr. Craig?

– Ele não é contra a eutanásia em casos de coma prolongado... e como foi um pedido do próprio Mitchell, caso eles não obtenham a aprovação aqui, ele próprio será responsável pelo pedido de transferência para a Suíça.

– Meu Deus. – Mãos na boca, dor no peito, negritude nos olhos. Sentou-se. – Como alguém deixa uma carta dessas assinada? Quanto tempo você acha que... até... tudo estar feito... Transferência, justiça ou sei lá mais o quê?

– Com os advogados e os recursos dele? Talvez dois, três meses... Eu acho.

– Meu Deus!

– Sinto muito!

[Silêncio.]

Olhou para baixo e falou:

– Ainda havia esperanças. – Olhou para o rosto de Nany com o olhos em súplica:

– Não havia?

– Sinto muito, querida.

Ela fez uma negação com a cabeça, a voz saiu inundada por tudo que tirava a sanidade.

– Eu vou para casa. Vou tentar encontrar algum sentido nisso.

Francesca sabia que ir para casa era a segunda pior ideia que pudesse ter. A primeira era de continuar naquele hospital por mais tempo. Em casa ela estaria a sós. Lilly já viajara para as festas de fim de ano. Ela precisava sair dali, precisava organizar as emoções; precisava voltar a respirar. Estava atordoada demais e não queria ter que fazer isso a sós. Uma vez na rua, ligou para Tom. Algum tempo depois ele a encontrou no seu apartamento.

– Deus, Francie, quem morreu?

Ela explicou tudo.

– Nesse tempo no hospital eu lidei com todas as hipóteses: não despertar por anos, despertar sequelado, até mesmo a morte. Mas essa não é uma morte natural, é uma morte que ele pediu, redigiu, assinou. Ele mesmo se condenou, o estúpido. – Sacudiu as mãos no ar e disse: – E passados meses e não anos. – Enxugou as lágrimas. – Ainda havia esperança, e essa esperança me fez... me faz continuar ao lado dele. E agora não sei mais de nada, nada.

O amigo a abraçou. Francie apoiou a cabeça no peito dele.

– Sabe o que eles fazem? Eles cortam o soro e a alimentação intravenosa e o deixam definhando de sede e fome. Santo Deus – explodiu em um turbilhão de soluços.

– Francie – a voz de Tom era pura consternação –, você não deve ficar sozinha e creio que também não deve mais vê-lo. Ao menos por um tempo. – Fez uma negação com a cabeça e disse: – Quanto mais ficar junto a ele, mais difícil será para você. Deixe o tempo passar e...

– E o que é mais irônico? Que diferença isso deveria fazer na minha vida? Eu nem mesmo o conheço, Tom, nem sei quem ele é de verdade. Também nem sei se sou contra a eutanásia em um caso desses... Mas, meu Deus, uma carta, uma briga na justiça pela morte, eu não sei se aguento. Já é difícil demais sem isso.

– Você mesma me falou que isso pode levar um tempão para ser resolvido, então se é a esperança que te move...

– Eu não sei mais o que me move, acho que estou perdendo a cabeça. Com ele me foge toda a razão. – Cobriu os olhos. – Com ele eu perco tudo.

– Você não pode mais fazer nada, Francie. Não está em suas mãos, na verdade nunca esteve. Vamos – ele insistiu. – Fique em meu apartamento. Não vai passar o Natal e *réveillon* em uma cadeira de hospital, perdendo ainda mais a cabeça. Não vou deixar. Ou então – fez uma pausa pensativa –, O que talvez seja ainda melhor, vá ao encontro de Lilly e Jessy. Você não tem nenhum compromisso de trabalho te prendendo aqui.

– As passagens, assim em cima da hora e nesta época se eu encontrar seriam caríssimas – considerou pensativa.

Tom olhou para baixo.

– Você precisa de alguém que possa ficar o tempo todo ao seu lado. – Ele passou a mão no rosto da amiga. – Infelizmente eu estou com uma peça em cartaz na Broadway. Tenho este fim de

semana livre e... – Os olhos dele brilharam com a luz de uma ideia.  
– Por que não vai visitar a sua mãe? Passe o Natal e *réveillon* com ela. Fique lá o tempo que sentir ser necessário e só volte quando estiver melhor.

Um breve silêncio.

– Acho que tem razão. Acho que é mesmo uma boa ideia. Há tempos não faço isso e estando aqui, sei que inventarei desculpas para ir vê-lo e... E eu preciso me afastar por um tempo.

Ela sabia que precisava sair, todo aquele Natal em Nova York e toda aquela exigência de alegria das luzinhas, das árvores, das pessoas na rua pagando para ter um pouco de encantamento, tudo aquilo era muito diferente de como se sentia naquele momento.

– Eu posso levá-la amanhã no fim do dia. Passo lá o fim de semana e retorno depois do Natal, o que acha?

– Acho que você é o melhor amigo que existe. – Ela abraçou-o.

– Podemos esquiar, será divertido. – Ele passou as mãos nas costas de Francie e deu um beijo na fronte da amiga.

– Obrigada, você é uma pessoa maravilhosa e eu te amo muito.

– Também amo você.

Ela sentiu as mãos do amigo dando um leve impulso em suas costas.

– Vai fazer sua mala, hoje você dorme lá em casa.

# Capítulo 13

02 de fevereiro

Rutland era uma cidade pequena. Passar mais de um mês na casa em que cresceu a fez recordar o porquê sempre que aparecia em sua vida alguma situação desesperada corria para lá. Fazia dois anos que ela não ia.

Há quarenta dias chegou em Rutland, como se parte dela fosse ser sacrificada junto com o homem inconsciente que ela decidiu se apaixonar. Prova de que essa demência de situação não podia ficar pior. Quando se despediu de Tom, deu algumas instruções sobre os dias de ausência em NY. Precisava voltar ao seu espaço interno. Precisava da distância do coma, do hospital, da paixão louca e platônica. Precisava de cura. Disse que desligaria o celular em tempo integral. Pediu para o amigo avisar Lilly. Só conseguiriam falar com ela pelo telefone fixo. Afirmou que não tinha ideia se passaria dois meses ou dois dias por lá. E passou quarenta dias.

Sentia-se mais tranquila. Foram muitas conversas com sua mãe. Uma festa de Natal e de *réveillon*, iguais às da sua infância. Alguns encontros divertidos com seus amigos de colégio; muitos



chás de maçã e bolos de chocolate recheados de compreensão e acolhimento materno.

Sentou na conhecida escrivaninha, olhou os rabiscos de caneta.

Francie e Renan: – primeiro namorado.

Francie, July e Megan para sempre juntas: as amigas inseparáveis.

A vida muda, muda tanto... July mudou de país, Megan mudou de ideia sobre a disponibilidade quando não havia mais tempo para nada em sua vida, a não ser para o marido e para os agora três filhos. Renan re-mudou o seu conceito sobre os homens.

Leu outros rabiscos:

Greenpeace.

Liberdade, igualdade, fraternidade.

“O que me assusta não são as ações e os gritos das pessoas más, mas a indiferença e o silêncio das pessoas boas”, Martin Luther King.

Continuou o olhar pelo tampo e lembrou cada fase, cada momento em que escreveu, sentimentos, ideologias, pessoas.

“Estrelas que se ocupam da noite imitam os seus olhos em minha alma.

Estrela, estelar você é a luz em mim; me ocupe, seja reino do Sol ou da Lua.

Me mantenha cheio de ti, pois assim preciso como o elemento respirável.” Te amo – Vince.

– Canalha – suspirou e ligou o computador.

A tela acendeu e ela digitou:

“Mitchell Petrucci – eutanásia.”

Quinhentos e setenta e dois mil artigos relacionados. Os mesmos de sempre, alguns em que ele debatia a legalização da eutanásia, outros que casavam o nome dele e esse debate feito em uma universidade uns anos atrás. Não havia nenhum artigo recente com esses dois termos relacionados.

Ou a família tem conseguido manter o caso encoberto – o que ela duvidava ser possível – ou não houve qualquer decisão importante com relação a isso, ainda. O que ela acreditava ser mais coerente. Ela queria acreditar nisso. Ele ainda estaria vivo e ainda estaria em Nova York.

Essa era a pequena autosabotagem que se permitia fazer. Procurar na internet, meio escondida de si mesma, quase todos os dias, já que tinha proibido os amigos de tocarem no nome dele. Era a única maneira de saber o que acontecia.

Havia decidido que seguiria ao lado de Mitchell, enquanto fosse possível. Entendeu que não podia fazer nada e aceitou isso. Recarregou o seu espírito com novas energias.

– Depois de amanhã eu devo voltar, mamãe. – Ela estava deitada na cama do seu quarto, que vinha iluminado apenas pela luz escassa do abajur lateral.

– Está certa disso? – A mãe sentou na quina afundando o edredom.

– Sim, estou bem, vou levar as coisas com menos intensidade.

– Voltará ao hospital?

Ela assentiu com a cabeça.

– Irei por menos tempo, como tinha me proposto no início, não vou mais sofrer, afinal. – Riu com uma mágoa explícita. – O que eu posso fazer?! E além do mais... Eu sei o que sinto por ele... Mas, mas nem mesmo o conheço, não pode ser assim tão ruim. – Apoiou-se sobre o cotovelo. – Acho que o processo criativo do livro também me deixou muito sensível. Por isso pretendo terminá-lo fora do hospital, nos parques ou em casa.

– Volte a dançar ou a atuar, isso deve te ajudar também. – Sophia ajeitou a coberta sobre o corpo da filha.

– Já havia pensado nisso.

– Acho que ele deve ser um homem muito especial.

– Por que diz isso? – Ela franziu o cenho sem alcançar o que a mãe quis dizer.

– Você, querida, ele a fez amá-lo em silêncio.

– Sinto que ele é... especial. Não sei como, mas sinto.

– E você, meu amor, é ainda mais. A capacidade de amar alguém nesse estado devia ser motivo de orgulho e não de vergonha, culpa ou sofrimento.

– Sim... – Exalou o ar com força. – Tentarei olhar as coisas desse jeito.

– Não se culpe achando que viveu uma mentira. Nós é que rotulamos como devem ser as relações, os acontecimentos e até mesmo os sentimentos. Já parou para pensar como somos egoístas e prepotentes ao limitarmos a liberdade do amor?

Francie riu como um soluço e ouviu a conclusão de Sophia.

– Sua história de amor não foi maior, menor ou pior do que nenhuma outra, em que os casais brigam, conversam, interagem, casam e ou se separam... Não se culpe por sua experiência.

A mãe pegou as mãos dela e beijou-as em um gesto tão maternal, com tão profunda admiração, que Francie se sentiu no ato inundada de tudo de bom que uma mãe pode oferecer... Tudo mesmo.

– Agora durma, minha menina corajosa e linda. Boa noite!

Dois dias depois, ela deixava Rutland. Tentava se convencer que tudo estava bem. A luz fraca não marcava os olhos. A mesma incidência era suficiente para fazer o gelo mutar em água. Livre, ele escorria entre folhas e galhos. Ela estava amarrada de tanto querer vencer o frio. Não tão livre, a neve foi expulsa de cima do painel do carro. Amanhecia no mundo. Ela foi expulsa de sua sanidade há três meses. Foi uma noite longa. Escorria como o gelo em sua transição e buscava o calor dentro dela. Aquele lugar que tudo fica quieto, quente; tudo fica parado. Voltava com a certeza de que a fuga é um recurso ilusório. Ela enfrentaria o inverno. O frio de suas emoções conturbadas foram aquecidos pelo amor de sua mãe, mas, o período de hibernação acabou. Ela ainda tentava se convencer de que tudo tinha passado.

Chegando em Nova York, ligou o celular. Seria bom rever os amigos. No rádio começou a tocar Moon River. Nada podia ser mais sugestivo. Era um dos filmes que mais amava de Nova York. A voz de Audrey lembrou-a do porquê resolveu fazer teatro. Francie, em sua juventude, tinha verdadeira fascinação por Audrey. Talvez voltar encenar, não fosse uma má ideia. Existiam ao menos mais duas escolas de teatro muito boas. Não cruzaria com Vince muitas vezes.

O telefone soou e ela olhou a tela. Novo correio de voz. Pegou-o e discou para ouvir a mensagem.

A voz maquinal informou: mensagem enviada em 23 de dezembro às 21h38 – alguns dias após a sua saída de Nova York.

– Francie, tudo bem? – perguntou uma voz feminina. – É Nany.  
– Ouviu a identificação. – Francie, escutei o recado de sua caixa postal. Sei que ficará ausente até depois das festas, mas preciso compartilhar isso com você. É talvez a maior responsável! – Uma pausa. – O coração de Francesca pulou e um frio envolveu seu estômago. – Um milagre, Francie, um milagre de Natal! – A voz da mulher estava embargada. – Nosso paciente deu alguns sinais de estar recobrando a consciência. – Francie quase bateu o carro. Jogou-o de modo inconsequente, na primeira vaga que viu. Ouviu. – Hoje, três meses depois do acidente, ele, durante duas horas, manteve os olhos abertos e deu alguns sinais, de que estava recobrando a presença. – Ela mordeu os lábios trêmulos pelo choro. – Sempre acreditei nos anjos e você é um deles. Feliz Natal, minha linda!

Francesca estava com a respiração entrecortada, o pulso desnorteado, a visão turva pela espessa nuvem de lágrimas. Então, outra mensagem foi anunciada, antes que ela pudesse ter qualquer reação:

Mensagem enviada em 28 de dezembro, às 15h35.

“Francie, querida, sou eu de novo, Nany. Vou mantê-la informada, pois você mais do que ninguém merece saber de tudo. – Uma breve pausa. – Ele foi desentubado e começou a falar, pouco, algumas palavras soltas. Mas isso é uma enorme vitória! Nós estamos muito felizes.”

Ela tremia. Tremia da cabeça aos pés no maior êxtase de sua vida. Ouviu o anúncio de outra mensagem:

Mensagem enviada em 03 janeiro, às 18h43.

“Francie, é o Vince! – Respiração forte – Feliz ano novo... Tom me disse que você não está em Nova York, mas não quis me dizer onde você estava... Eu... eu quero muito te ver, falar com você nem que seja por telefone. Eu só queria ouvir sua voz... Estou com saudades... muita, e é isso, quando ouvir esta mensagem, ou quando quiser, me dá um toque... eu... – outra respiração dele – eu te amo.”

Ela sacudiu a cabeça como se pudesse organizar as emoções.

Mensagem enviada em 08 de janeiro, às 11h25.

“Bom dia, Nany! – Uma pequena pausa – Foi com essa frase que ele me recebeu hoje e com um sorriso nos lábios. Os dez dias anteriores foram de intensa evolução. Claro que está muito debilitado fisicamente. Mas a cada dia a certeza de que ele não sofreu danos significativos aumenta. Ele não precisa mais da sonda para se alimentar. – Francie identificou a voz emocionada da enfermeira que continuou: – Recebeu a visita da mãe e conversou com ela. Recebeu a visita de um sócio e conversou com ele. É um milagre, Fran, e você faz parte dele.”

Francesca chorava tanto que mal conseguia respirar. Ouviu a entrada de outra mensagem com ansiedade de quem escuta uma sentença decisiva em um tribunal.

Mensagem enviada em 18 de janeiro, às 13h33.

“Querida, Mitchell foi para semi-intensiva. Os médicos estão maravilhados com a recuperação dele. Dia a dia ele está mais desperto e agora totalmente consciente. Passa mais de oito horas

por dia acordado, e pelas respostas dele e pelos resultados dos testes psicocognitivos, parece que não houve nenhum dano linguístico, nem cognitivo. O aspecto comportamental, ao que tudo indica, está muito bem. Amanhã farão exames mais precisos para checar as respostas físicas. É uma vitória.”

Escutava com desespero crescente, esperando ansiosa a entrada de outra mensagem. O coração colado no peito. Ouviu, roendo as unhas até o talo.

Mensagem enviada em 01 de fevereiro *três dias atrás*.

“Boa tarde, querida! Mitchell saiu da semi-intensiva ontem, os últimos quinze dias foram de muita, muita evolução. – Ela levou a mão esquerda ao peito enquanto chorava sem ponderar nada. – Os exames físicos foram muito bons. Ele apresentou uma perda dos movimentos do braço e mão esquerda. Sofreu uma redução no paladar e no olfato. As coisas apenas mudarão de sabor para ele. Isso não é nada, Francie. Os movimentos perdidos podem ser recuperados, senão todos, boa parte deles. Isso com o tempo e o tratamento adequado. O principal: – o aspecto cognitivo está 100%, os testes de QI verbal e não verbal confirmaram; – os danos são apenas físicos. – Uma breve pausa. – Você sempre soube, não é, meu anjo? Sempre soube que ele conseguiria e conseguiu. Está ótimo, faz piadas com os médicos e com os enfermeiros e voltou a trabalhar, bastante. – Francie soluçava. – Volte logo, meu bem. – A voz de Nany pareceu divertida – Você já tem concorrência, tem ao menos três enfermeiras e duas médicas suspirando por ele no hospital. – Francie explodiu em uma gargalhada afogada e ouviu a continuação. – Ele ficará ao menos mais um mês internado. Está em um trabalho intenso de fisioterapia, exames, terapias diversas. Não sei quando você volta, mas se voltar antes da alta, Mitchell

está no 12o andar, apartamento 1218. Quando passar para vê-lo, apareça na UTI para me visitar. Estou com saudades.”

Não existem mais mensagens.

Francie se agarrava com tanta força ao aparelho celular que os nódulos dos dedos vinham brancos. Ficou alguns minutos parada apenas chorando. Ela ria e soluçava, tomada de uma alegria ilógica dentro da maior sensação de vitória e realização. Nem mesmo quando se formou. Nada se igualava àquilo.

Maluca? Dane-se. Ela sentia fazer parte daquele milagre com cada célula que respirava em sua pele. Experimentava uma alteração nervosa tão eufórica que vibrava, como se uma torcida organizada berrasse a conquista de um título dentro do seu carro. Quando conseguiu acalmar os sentidos varridos, com a mente girando em um branco absoluto, seguiu em direção ao hospital.

O que aconteceria? Como ele a receberia? Deus, precisava parar de tremer, senão ela seguiria para o Hospital... Acidentada. Sorriu, e sem parar de sorrir e de tremer – impossível –, dirigiu ao encontro de Mitchell.



# Capítulo 14

Os sinais sonoros indicavam que o elevador não se detinha em sua subida, como uma bomba em contagem regressiva para explodir. Similar ao coração de Francesca, que parecia alcançar a velocidade de um foguete de enorme propulsão e ameaçava sair pela boca afora e explodir no teto do hospital.

“Décimo segundo andar” – anunciou a voz do elevador.

Cruzou o corredor com a mente em branco. Branco piso hospitalar. Deteve-se na frente da porta. Uma placa de aço escovado no centro. Viu o número 1218. Respirou fundo várias vezes. Fechou os olhos.

*Apenas uma cena a mais de sua vida. Apenas uma cena no palco da vida. Coragem.*

Cruzou a porta com o olhar tímido, focado no chão. E, conforme entrou no quarto, não, o quarto entrou nela, levantou a cabeça. – Seus pés, chão branco, pés da cama bege gelo, coração torturando o peito, pernas dele. Deus; peito; respiração calcificada. Ombros. Santo Deus! Ele estava sentado com as costas apoiadas na cabeceira erguida da cama. Erguida como estavam os seus nervos.

Acordado, estava acordado de verdade. Não apenas estava acordado, como lia algo em um tablet.

Ela mordeu os lábios e achou que fosse morrer ali mesmo, de colapso nervoso seguido por uma parada respiratória. Ao menos estava em um hospital. Podia sobreviver. Ele, que era a utopia feminina em coma, assim, acordado, com o cenho franzido em uma concentrada expressão, era um abuso, um perigo. Comprometia tudo à sua volta. Tudo dentro dela. Mas não foi o abuso que a prendeu. Não foi o cenho franzido que a levou quase ao patético estado de choque, e sim, o fato dele estar acordado.

Ele havia voltado de onde quer que estivesse.

Ela, por mais humilde ou altruísta que tentasse ser, não podia deixar de acreditar que foi o seu amor que o trouxe de volta. Suspirou, foi um reflexo a essa certeza. O barulho exaltado da respiração o fez erguer o olhar.

Naquele momento, quando os olhos castanho-esverdeados de Mitchell voaram nos dela, ela soube, não haveriam palavras para descrever o que aconteceu. Ela era escritora; buscou, buscou, buscou qualquer palavra e... nada. As palavras sumiram do mundo.

Francesca era uma mulher muito sensível. Era uma artista, mas não era uma romântica atolada. Sempre evitou o romantismo em excesso, o romantismo a assustava. Contudo, naquele momento, ela acreditou em todas as tolices românticas, em todos os clichês piegas da existência, por que apenas eles podiam organizar o caos que acontecia. Tudo dentro dela vibrava e tremia. Um tipo de descontrole nervoso. Sim, era o clichê dos fogos de artifício, identificou e nada pode fazer a não ser observá-lo. Os fogos subiram ao mais alto em seu interior. Pararam ali, muito quietos, por alguns segundos. Então, explodiram em cores e com as mais

inacreditáveis manobras. O seu corpo inteiro tremeu com essas explosões. O seu estômago grudou nas costas. O coração foi deslocado para qualquer lugar. Perdeu todo o ar, o pulmão levantou até a cabeça e o cérebro escorreu para os pés. Ela estava ali parada, pensando com os pés e respirando com a cabeça.

– Oi – Francie conseguiu dizer movida por um impulso do pulmão no cérebro. Estava afogada em sensações. Afogada na experiência. Após o show pirotécnico, foi deslocada para um lago morno de águas tremeluzentes carmesins, envolta em um magnetismo visceral. Ouviu ele dizer:

– Pois não?

Foi puxada como se um gancho a fisesse do lago e a movesse de uma única vez para o frio, gelado e duro chão de um barco sujo de pesca. Ela piscou fundo apeixalhada.

Ele abriu a mão em um gesto de incômoda dúvida e repetiu:

– O que deseja?

– Eu... – gaguejou. – Eu vim vê-lo – conseguiu, as palavras saíram.

– Não me lembro de ter sido avisado de sua visita – Mitchell disse com evidente irritação.

– Isso é porque, hã, eu trabalho aqui... Como voluntária. – A recente fria reação daquele homem a sufocou. Ela sentiu-se atada em uma mortal arapuca. Sentiu que se debatia internamente, como um pescado entre a vida e a morte. Percebia aos poucos que estava rendida; sem nenhuma chance de voltar para a calma e acolhedora água carmesim. *Merda.*

Mitchell lia os últimos relatórios dos balanços mensais de investimentos e lucros da John Petrucci Group & Co. A cabeça demorou quarenta dias para voltar a funcionar normalmente. Precisava se inteirar de tudo o quanto antes. Por isso, passava o dia inteiro estudando e participando de audioconferências. Recebia pouquíssimas visitas. Não queria receber ninguém. Ainda se cansava muito, com exceção dos seus principais executivos. Não precisava ser visto naquela ridícula camisola hospitalar; atado a um litro de soro e com certeza muito mais magro e, por isso, abatido e fragilizado; com certeza, não era uma imagem que gostaria que as pessoas registrassem dele. Por isso, a série de entrevistas que concedeu quando saiu da UTI – dois dias atrás – foram por telefone. No fim do segundo dia, recebia tantos telefonemas, flores e presentes, que instruiu a gerência do hospital: não queria receber mais nada. Passou uma pequena lista de nomes. Esses seriam os únicos autorizados a entrar.

Então, ouviu um som, parecido com um suspiro. Ergueu a vista até deparar com uma figura em pé, a poucos passos de distância. Investigou-a. Uma figura muito feminina. Passeou a vista até alcançar o rosto da jovem parada à sua frente. Sem raciocinar, foi levado pelo instinto masculino a uma óbvia conclusão:

Atraente.

Depois olhou-a com um pouco mais de atenção e percebeu que havia sido injusto. Ela era muito atraente. O seu coração socou descompassado. Por alguns instantes, sentiu-se fixionado pelo olhar verde intruso, pelos lábios cheios de intromissão, a curva do pescoço e o decote invasores. Eles invadiram sua privacidade. Foi atraído para os olhos uma vez mais.

Intrusos inquietos; muito fora do comum.

Notou a sua própria respiração tornar-se inquieta. E algo ainda mais intruso. – Foi tomado por uma forte onda elétrica e logo a identificou: – desejo.

Se sentiu compelido por uma loucura a levantar – isso é claro, se assim conseguisse sem ajuda – e se aproximar, se fosse possível. Foi aí que ela falou, quebrando aquele entorpecimento letal e absurda excitação sexual. Devia estar sob efeito colateral das drogas que tomava para sua recuperação e do longo período de inconsciência. Um sem-fim de testes, desde os psicológicos até os motores e uma enxurrada de exames e terapias o afetavam. Ou, talvez, o seu corpo soubesse que ele ficou três meses inconsciente e mais quarenta dias, desde que saiu do coma, enterrado dentro de um hospital, o que somavam mais de quatro meses sem sexo.

– Oi – ela disse.

Todo o estado de inexplicável fixação foi substituído por indignação. Quem aquela mulher pensava que era para entrar no seu quarto e olhá-lo daquele jeito? Não foi claro o suficiente sobre não querer ser importunado? Ainda muito pior que os abutres especulativos do mercado financeiro, ou do que a imprensa, era ser avaliado por uma linda e *sexy* mulher. Inferno, o que ela fazia ali? Perguntou e quando ela respondeu: trabalho voluntário; foi inundado por uma raiva incontrolável. Uma mulher atraente, oferecendo a sua compaixão e caridade ao pobre moribundo. Fechou os punhos, ao menos o da porra da mão que funcionava, e se concentrou para não expulsá-la de lá aos gritos. Então, ouviu o que faria aquilo que restou de qualquer controle escoar.

– Eu o acompanhei durante o coma... Eu, eu... Hã, fiz leituras voluntárias para você durante três meses. – Depois de uma pausa tensa ela concluiu: – Todos os dias.

*Deus do céu.* Apesar de seu corpo ainda não responder com a mesma agilidade de antes, a sua mente respondia pelo atraso do corpo com a mesma velocidade habitual. Andar requeria esforço, o braço direito estava vivo, mas o esquerdo ainda estava em coma, ele cansava-se, cansava-se muito depois de pensar muitas horas ou de se esforçar fisicamente. Porém algo naquela voz fazia o corpo atrasado reagir prontamente. Na verdade, fazia o seu corpo reagir como um moleque na sua iniciação sexual, descontrolado, como se ela fosse a garota da capa da *Playboy*, como se ele tivesse treze anos. Isso inflamou tudo.

– Entendo – soou seco. – E agora deseja ser paga pelo seu altruísmo e benevolência?

– Não, eu nunca pensaria nisso. – Ela reconheceu o sorriso imparcial e cínico, o mesmo que viu em algumas fotos despontar nos lábios dele. Engoliu a seco e disse insegura:

– Eu fiz as leituras e dediquei o meu tempo porque eu quis, porque...

– É óbvio que foi porque você quis – interrompeu-a. – Eu não te pedi nada, ou pedi?

– Não – ela sentiu um soco ser dado na garganta. Engoliu. – Não pedi, claro que não pedi.

– Então? – Mitchell ergueu a mão e apontou a porta como se indicando a saída.

Mas ela não podia ir embora daquele jeito. Não sem antes dizer para ele tudo. Não sem... Ela nem sabia o quê. Então encheu o pulmão de ar ainda sem saber.

– Eu fiquei ao seu lado durante três meses. Me dediquei de verdade. Fiz tudo o que consegui fazer, não por esperar algo em

troca, nem porque você me pediu que fizesse. Fiz porque senti que era o certo, na verdade eu...

– Porque deve tirar algum benefício da situação, é claro. – Ele olhava-a com uma grosseira ironia.

– Talvez... Sim. – A voz estava abafada. Sentiu outro soco, no plexo solar. – Tudo é uma troca – disse. – Mas isso não foi tudo, algo aconteceu. Algo que eu não sei explicar... Eu, hã. – Olhou para baixo, os olhos brilhantes de lágrimas. – Eu apenas queria conhecê-lo, queria que me conhecesse. Na verdade, esperei por isso, por...

– Queria me conhecer? – Ele entrecerrou os olhos.

Ela concordou em silêncio aluída. Sentiu mais um soco no Timo.

– Mitchell Petrucci. Muito prazer! – Ele disse e olhou-a com total arrogância.

Francie não conseguiu dar mais uma palavra. Aquele olhar de pedra, aquela expressão inescrutável.

– Satisfeita? – ele seguia implacável como um boxeador. – Agora que conheceu – soco –, pode fazer a benevolência de se retirar – soco. – Vai cuidar de outra pessoa! – Soco. – Alguém que provavelmente não pediu os seus cuidados. – Soco. Soco. Soco. Ele desviou a atenção para a tela do tablet outra vez, como se ela não estivesse mais ali.

Francesca permaneceu parada. Estava nocauteada. Era incapaz de se mover. Estava pregada no chão, como um maldito pesadelo. Aquele que se corre sem sair do lugar. Estava a ponto de explodir em um choro descontrolado.

Se humilharia chorando na frente daquele homem que foi tão grosso.

Na frente daquele homem que foi tão frio.

As lágrimas dela congelariam.

Os olhos congelariam.

Já estavam congelados.

Ela não conseguia piscar, nem respirar.

O pulmão sofria hipotermia.

Então notou-o puxar o telefone do gancho.

– Por favor, tem uma senhorita dentro do meu quarto com dificuldades de encontrar a porta de saída. Vocês podem vir até aqui auxiliá-la? Obrigado!

O gelo que a detinha derreteu. Desfez-se com a fúria que se ergueu em seu interior. E quando ela explodia...

– O mundo é mesmo muito injusto. Com tantos seres humanos maravilhosos que existem, por que Deus entrega nas mãos de um desgraçado como você a oportunidade de renascer? – Ele estreitou o olhar. Ela mediu-o de cima a baixo. – Não, Deus não tem nada a ver com você! – Girou rápida e saiu em disparada, antes de cair morta, devastada; antes de cair morta de maneira miserável tremendo congelada, coberta por estalactites de gelo.

Ao ver-se a sós, Mitchell passou a mão no telefone outra vez e exigiu ríspido, pois sentia-se muito irritado:

– Acabou de sair do meu quarto uma mulher que entrou sem ser anunciada. Ela diz fazer leituras voluntárias no hospital. Se eu cruzar com ela em qualquer lugar deste maldito prédio, eu



processarei cada um dos sócios, diretores, gerentes, enfermeiros e todo o corpo médico, inclusive os residentes, fui claro?

– Sim, senhor. Como é nome dela por favor?

– Não sei, descubra. Vocês não tem câmeras de segurança? – Bateu o telefone com força e exalou o ar que se tornou ralo. Minutos depois, estava mais calmo. Não entendia como uma mulherzinha insignificante foi capaz de o tirar do sério daquela maneira! Decidiu esquecer o assunto.

Francesca estava tão chocada que não conseguiu nem chorar. Sentia todos os nervos do seu corpo vibrarem de raiva, de ódio. De profundo ódio. A única coisa que ouvia eram as palavras da mulher que melhor o conhecia na vida ecoarem, ecoarem no mundo todo: “A senhorita é jovem. Me parece que é inteligente e também muito bonita, dedique tudo isso a alguém que saberia reconhecer.”; “Mitchell não precisa de ninguém, senhorita Wiggs, e com certeza se o dinheiro falasse, seria a ele que gostaria de escutar no seu leito hospitalar, o dia inteiro.”

Se uma mãe fala assim do próprio filho... Deus, que espécie de idiota era ela para achar que seria diferente? Entrou no carro sem nem saber aonde iria. Ligou para Tom sem saber o que fazer e ao ouvir o alô, desabou:

– Querido, preciso de você mais do que nunca.

– Por quê? O que houve?

– Eu descobri três coisas horríveis a me... meu – gaguejou nervosa – respeito.

– O quê, Francie?

– Primeiro, descobri que sou uma estúpida – ofegou com a voz descontrolada. – Segundo, que sou infeliz, infeliz demais e miserável e, e carente; e terceiro, que sou anormal, muito doente e estou beirando um surto psicótico.

– Meu Deus, o que aconteceu? – Tom estava chocado.

– Mitchell acordou, há quarenta dias – fungou o próprio afobamento –, e eu acabei de sair do seu quarto. Ele está ótimo e a sua gloriosa personalidade está restabelecida com perfeição.

Silêncio.

– O que o desgraçado fez? – o amigo explodiu.

Ela respirou um soluço e falou:

– A pergunta, querido, é “o que é que eu fiz da minha vida até hoje?” Pois, para permitir que algo assim tenha acontecido, é porque eu sou uma estúpida, infeliz, iludida e anormal.

– O que ele fez, Francie? – Tom repetiu entre os dentes.

– Me humilhou, me expulsou do quar... quarto. – Estava difícil falar. – Fui também informada que, que não posso mais me aproximar dele enquanto ele, ele estiver lá dentro, como se eu fosse uma louca, capaz de invadir o hospital para vê-lo. – Riu nervosa e descontrolada: – Devo mesmo estar a um passo de fazer esse tipo de coisa...

– Ele não morreu, não é mesmo?

– É claro que não.

– Pois vou matá-lo.

– Tom, eu não quero que o mate. Eu.. eu preciso. – Levou as mãos à boca sentindo uma ânsia nojenta que brigava com a sua

respiração. – Eu só preciso de você... – disse ofegante.

Ouviu-o dar três longas respirações, era evidente que tentava se acalmar.

– Eu vou sair do ensaio logo mais. Eu te pego para resolvermos os seus problemas de maneira bem masculina.

– Você é gay, Tom. – A voz saiu entre um soluço e uma risada.

– Sim, sou, mas posso fazer coisas masculinas. – O amigo tinha o bom humor restabelecido.

– Que sugestivo, Tom. – [Uma pesada exalação.] – Onde será, no meu apartamento ou no seu? – Francie tentou sorrir.

– Em um bar, de preferência bem frequentado. – O amigo forçou um sotaque britânico aristocrático. – Vamos tomar um porre, *my lady*, com toda a classe, é óbvio.

– *Oh My lord* – brincou. – Não é apropriado induzir uma dama a se embriagar em público.

Eles riram juntos e Francie sugeriu:

– O que acha do *The 68*...

– Perfeito! Agora são quase cinco, nos encontramos lá umas sete?

– Está ótimo! Até lá!

– Não vai se jogar da ponte do Brooklyn até estar em minha companhia, está bem?

Ela tentou achar graça da brincadeira, dessa vez não conseguiu.

– Falo sério, Francie.

– Vou ficar bem, vou para casa tomar um banho e te encontro lá.

# Capítulo 15

A decoração sóbria com a predominância da madeira escura e tons vermelhos e bordos, contrastavam com o público jovem. – A elite cultural de Nova York, moderna, fashion e antenada que frequentava o bar. Em uma mesa um pouco mais isolada, Francie e Tom tomavam o porre que se propuseram. O amigo dedicado e sincero segurava a mão dela e a acariciava gentil com o polegar enquanto ela desabafava.

– Que tipo de ilusão eu entrei? Se eu me drogasse, isso podia explicar, mas careta é incompreensível.

– Esse é o primeiro passo para curar esta situação, Francie.

– Como isso foi acontecer? O que leva uma pessoa a se sentir apaixonada por um homem em coma? Questionou-se com sincera indignação.

– Sempre quando nos apaixonamos por alguém, na verdade estamos apaixonados por nossas próprias expectativas, Fran, você apenas levou isso ao limite. – Ele torceu a boca para baixo e frisou:  
– Bem extremo.

– Eu acredito ou acreditei, que o amo, amava sei lá... – Francie levou as mãos até a testa e disse com a voz baixa: – Ele nem o

meu nome perguntou, nem o meu nome...

– Ei, moça linda! – Tom apertou a bochecha dela em um gesto animador: – Isso não faz diferença.

Ela concordou sem aceitar.

– E você? Ainda está saindo com Gary?

– *Nomp...* Ai, esse tipo de coisa nunca dá certo... Amigos que moram juntos resolvem ter um caso, é complicado demais.

– Ele ainda mora lá?

– Estou na boa com ele, a gente continua amigo, só não dormimos mais juntos. Complicamos as coisas e descomplicamos.

– Ele ainda faz aquele lance de sair com uns figurões por grana?

– Disse que tinha parado, mas... vive aparecendo com umas roupas caríssimas e volta e meia se manda para Europa; trocou o carro de novo – estalou a língua –, sei lá, não é mais problema meu.

– Acabo de viver um caso de paixão platônica doentio e você...

– Parece que não nasci com a capacidade de me apaixonar. – Tom sorriu.

– Você sabe que não é bem assim.

– Eu sei, gata, um dia conseguiremos resolver todos os nossos perrengues, não é verdade?

Tom era um dos melhores amigos que alguém podia ter. Mas, quando se tratava de sua vida afetiva, parecia não conseguir manter a saudável harmonia que mantinha com as suas amigadas. Nunca levou um caso por mais de trinta dias. Ele dizia que não

sentia falta disso. Entretanto, era consciente que essa distância ou dificuldade em manter um relacionamento existia, porque, quando tinha dezoito anos, ele foi drogado e abusado durante uma festa. Desde então, nunca mais se relacionou da mesma maneira.

– Quando temos em quem jogar a culpa, parece mais simples lidarmos com as frustrações, mas nesse caso. Meu Deus! Era um puto inconsciente. – Ela deu um gole no vinho.

– E consciente ele é um canalha idiota.

– E eu sou uma mulher desesperada para encontrar o próximo canalha idiota, a fim de deixar ele aloprar com a minha cabeça.

– Não, Francie, você está vivendo uma fase difícil, foi traída pelo seu namorado, quase noivo, e precisou de uma válvula de escape, só isso.

Ela balançou a cabeça em negativa.

– Acho que eu precisava de alguém que não me decepcionasse. Escolhi um homem que não podia nem falar. O caso de amor “ilusão perfeita”, sem sexo, sem beijo, sem traição, sem merda de abandono – bufou soprando uma mecha rebelde dos olhos. – Acho que estou fugindo de mim mesma. – Virou todo o conteúdo da taça e concluiu: – Ou talvez deva virar monge... raspar os cabelos e ir para o Butão. Assim pelo menos estarei isolada de todos os homens do planeta. Ou para o bem da humanidade, eles estarão isolados de mim – gargalhou.

Quatro garrafas de vinho mais tarde, ela ria desenfreada com o amigo.

– Eu garanto que fui a única deste bar que já beijou um homem em coma.

– Você beijou ele? – Tom arregalou os olhos.

– Foi só um selinho idiota e me deixou desequilibrada. Tipo um “Conto de Fodas” – eles riram. Ela brincou: – Sem fadas, nem fodas. Tipo: “O belo canalha adormecido”. Devo estar mesmo muito necessitada, não acha?

– Acho que todos nós estamos quase sempre muito necessitados de alguma coisa. – Tom deu de ombros. – No meu caso, necessito com urgência pedir outro vinho, esse acabou. – Sacudiu a garrafa vazia.

– Já eu necessito de sexo. Acho que Vince me viciou e estou em crise de abstinência.

– Aqueles dois homens à esquerda estão bem interessados em resolver este seu problema. – Tom apontou discreto com a cabeça. Ela olhou e um deles levantou o copo, como se oferecesse um brinde.

– Infelizmente, ir para cama com um estranho só pioraria as coisas. Ainda mais porque a gente nunca sabe se vai ser bom ou se vai ser um lixo. Melhor não arriscar. – Ela olhou-o com um interesse renovado.

– O quê? – Tom deu sorriso malicioso.

– Você já transou com uma mulher?

– Já!

– E como foi?

– Meio repulsivo e bem pouco satisfatório.

– Que pena, porque você é bem atraente e – mordeu o lábio –, como somos amigos... – Ela lançou um olhar cheio de forçada



sensualidade.

– Ai, Deus. Onde está a sua versão masculina e gay?

– Olhos de dragão – Francie mexeu os dedos como se dedilhasse um piano –, barba de motoqueiro malvado, façam o Tom virar um hétero machão e tarado.

Os dois riram juntos.

Uma hora depois e mais uma garrafa de vinho consumida.

– Vou ligar para Vince.

– O quê, Francie? – O amigo gargalhou.

– É isso mesmo, vou ligar para ele. Transaremos a noite inteira e com certeza boa parte do meu orgulho ferido estará resolvido antes do amanhecer.

– Vai se matar amanhã se fizer isso. – Tom virou o vinho da taça.

– Vou me matar mesmo que não faça. Ao menos assim morro extasiada. – Ela olhou para o celular. – Você acha muito errado eu usá-lo desse jeito?

– Acho que ele merece ser usado desse jeito e também acho que não vai se importar nada com isso. Vai é te agradecer.

– Você ficaria chateado? Porque, afinal, ele te agrediu. – Ela tocou na mão do amigo.

– Eu agredi ele primeiro, não esqueça.

– Você me defendeu.

– Ligue de uma vez, Fran, e tenha a sua noite de saciedade.

Minutos depois, Vince que estava em um restaurante com amigos recebia um SMS:

22h34

Francesca:

“Vince, estou no *The 68*, você me levaria para casa?”

22h36

Vince:

“Você está brincando comigo?”

Tom sentado ao seu lado acompanhava as mensagens divertindo-se.

– Vamos esquentar um pouco mais a brincadeira – Francie disse com a voz um pouco enrolada.

22h38

Francesca:

“Não ainda, mais é o que eu quero...”

Os dois gargalharam.

22h40

Vince:

“Brincar? Ou que eu te pegue?”

22h41

Francesca:

“As duas coisas, mas na ordem inversa.”

Os amigos soltaram mais uma alta gargalhada.

22h43

Vince:

“Francesca, você está bêbada?”

Os amigos convulsionaram outro riso alto.

– Ele me conhece, né?

22h46

Francesca:

“Que diferença isso faz na cama? Talvez até melhore, dependendo do ângulo haverá dois ou três Vincés.”

Os dois dobravam-se na mesa de tanto rir.

22h48

Vince:

“Chego aí em quinze minutos.”

– Saio em dez, não se importa, né, querida? Não quero cruzar com ele. – Tom sinalizou para o garçom.

– De jeito nenhum – ela respondeu beijando as mãos dele. – Obrigada por me salvar de novo.

Pouco mais de quinze minutos depois, Francie estava sozinha, sentada no bar.

– O que está acontecendo, Francesca? – Vince perguntou exasperado.

Ela o mediu vagarosa e descaradamente, lambeu os lábios sem vergonha.

– Tinha esquecido como você é quente.

Ele passou a mão na cintura dela irritado.

– Vou te levar para casa, botar você para dormir e amanhã nós conversamos sobre isso.

– Gostei do “levar para casa” e para cama, mas dormir? Não sem antes....

– Você está bêbada, completamente bêbada e eu não farei nada com você neste estado.

– Não, não, não, não, não. Que saco, diretor. – A voz estava embargada e continuou alterada. – Para de ser chato. – Ergueu o dedo indicador e sacudiu na altura do rosto dele, como se dando uma bronca em uma criança malcriada. – Estraga prazeres e metido a bom menino. Oras, Vince – estalou a língua –, não combina com você, eu gosto de você sendo um garoto mau, é o que me atrai, entende? Esse comportamento pudico é irritante, entediante e não resolve nada. – Suspirou. – Se você não está disposto a colaborar, tem quem queira.

Ele puxou-a com uma calculada força. Ela deu dois tropeções e se aprumou. Vince dirigiu-a para saída.

– Vou levar você para casa. Eu não vou fazer amor com você bêbada deste jeito.

Francie se interpôs na frente dele quando estavam próximo aos elevadores. Sussurrou:

– Quem falou em fazer amor, Vince? – Provocativa passou a língua pela orelha dele desceu pelo forte maxilar masculino. Sentiu-o ofegar. – Eu quero trepar a noite inteira. Na verdade, eu preciso.

Ele não resistiu mais e a estreitou contra a parede. Apossou-se da boca dela em um beijo dilacerante e violento. Na breve interrupção, ela gargalhou satisfeita.

– Francesca, quase morro de saudades, quase morri. – A voz de Vince estava envolta em um desespero urgente.

– Shhh – ela levou os dedos até a boca do diretor. – Sem falar nada, não vamos complicar as coisas. Eu só quero sentir você dentro de mim.

– Como queira – ele a beijou outra vez, ainda mais obcecado e faminto. – Vou acabar com você.

– Sim, por favor – ela ofegou. – Acabe!

## Capítulo 16

Os sons da manhã estouraram nos entorpecidos sentidos. A claridade murmurada pela espessa cortina não agredia os olhos. Um aroma conhecido, café. Uma música de fundo – Leonard Cohen; *I'm your Man*. – Se não fosse pela sensação de que a sua língua foi afogada em clorofórmio e enterrada no deserto, o aconchego de uma cena familiar traria algum conforto. Espreguiçou-se. Dor de cabeça. A boca com gosto da aridez do inferno atestava que a noite havia sido longa.

Onde? Como?

Esfregou os olhos com a ponta dos dedos e se chocou ao constatar que usava um anel de pedra verde. Como isso tinha ido parar ali? Estudou o anel com o cenho franzido. Mão esquerda, dedo anelar, alguns quilates numa lapidação retangular. Uma única pedra verde, envolta por pequenos brilhantes. Meu Deus! Merda!

Era o anel que Vince mostrou, o seu suposto anel de noivado. Olhou ao redor.

Deus, que merda!

Estava na cama de Vince, no *loft* dele no Brooklyn. *Ah, não!* Olhou para o lado, as cenas da noite anterior desfilaram como

flashes esparsos por sua recém-recobrada memória. No carro, uma vez. Nublado e então no sofá. Nublado. Na cama, talvez, uma, duas ou três vezes.

Ah, merda!

Esfregou a mão na testa. O cheiro de café mostrava que Vince estava acordado. Era uma vadia aloprada. Usou-o como um objeto de extravaso sexual. Se ao menos não sentisse a cabeça explodir, teria alguma possibilidade de sair desta situação com alguma maturidade? Mas a porra do anel? O anel não tinha explicação madura.

Ele a pediu em casamento? E o pior, ela aceitou?

Essa era uma possibilidade a ser levada em consideração. Levantou, estava nua.

Merda.

Procurou ao redor, mas não encontrou uma única peça de roupa; nem mesmo a calcinha. Mas que merda! Será que as coisas não podiam ficar piores? Olhou para cima como se esperando uma resposta de Deus. Foi até o closet de Vince. Seria melhor descer vestindo uma roupa dele do que nada.

O grande galpão que o diretor morava era o sonho de consumo de qualquer artista com o mínimo de senso estético. O prédio tinha um elevador antigo, três pavimentos e ele o ocupava inteiro. Altas janelas se dispunham por toda a extensão da parede frontal. O pé direito de uns quinze metros era dividido em dois andares. Embaixo, ampla sala e cozinha estilo americana. Em cima no mezanino ficava o quarto, o *closet* e o enorme banheiro. Na decoração, peças antigas, canos de cobre aparente, peças *vintage* e outras bem contemporâneas se misturavam com total harmonia.

Mas Francie, que sempre gostou de namorar o galpão todo coberto por tijolos aparentes, não queria namorar mais nada naquela manhã.

Levou a sério o pensamento de fugir pela escada de incêndio, sem dar nenhuma explicação. Descartou em seguida a ideia covarde. O chão de cimento queimado do banheiro gélido serviu para despertar um pouco mais. Vestiu uma camiseta de Vince. Ficou tão comprida, que ela nem pensou em pegar outra peça de roupa. Escovou os dentes, lavou o rosto, respirou fundo. Desceu pela moderna escada de estrutura metálica e degraus de madeira. Passou os olhos ao redor e não o encontrou. Notou pelos sons vindos da cozinha que ele devia preparar algo. Começou uma busca desesperada e frenética atrás de suas roupas. Quando se levantava depois de olhar embaixo do sofá, sentiu os braços fortes de Vince rodearem a sua cintura. Fechou os olhos e suspirou.

– Senti muita falta de ter o seu cheiro em minhas roupas. – As mãos dele subiram e cobriram os seios dela. – Senti mais falta ainda de fazer amor com você pela manhã – ele afirmou junto à sua orelha.

Era uma desvairada. Não. Era uma cadela desvairada, porque depois de usá-lo bastante na noite anterior, só conseguia pensar em sumir dali, o mais rápido possível. Engoliu a seco e tomou coragem.

– Vince eu... – hesitou.

– Não, não diga nada – ele se adiantou ansioso. – Deve estar com uma enorme ressaca, por isso preparei um café reforçado. Tem também Advil e um antiácido em cima da mesa.

Que tipo de bruxaria ela e Tom fizeram ontem? Ela conseguiu transformar em apenas uma noite um filha da puta em um coitado?



Concluiu que algo estava muito errado naquela manhã.

– Vince – ela tomou uma respiração funda e virou de frente para ele –, eu não me lembro direito do que aconteceu ontem à noite entre nós. – Foi o melhor que consegui.

Ele estreitou os olhos.

– Não se lembra de nada?

– Lembro que transamos e mesmo isso está muito confuso por completo.

– Não se lembra de nada do que falou? – o diretor repetiu com a expressão séria.

Oh, Santo Deus! O que ela falou para ele? Olhou para cima outra vez e pediu em silêncio: *Será que dá para enviar alguma ajuda aqui embaixo?* Estava desesperada e respondeu constrangida:

– Não exatamente – bufou inquieta. – Não em absoluto.

– Você... você disse que me perdoava e que precisava de mim, como eu preciso de você. – Os olhos dele ficaram mais escuros. – Você aceitou meu pedido de casamento e pediu que fizéssemos amor depois disso. Não uma, mas duas vezes.

Ela fez uma negação com a cabeça, inconformada, disse:

– Os seus erros não justificam os meus. – Mordeu o lábio por dentro. – O que eu fiz foi algo baixo e muito, muito errado. Sei que fui eu quem te procurei. Olhei as mensagens no celular. Só posso te pedir que me perdoe, porque eu o usei de uma maneira errada.

– O que você quer dizer com isso? – Os olhos dele nublaram, lágrimas.

Ela desejou que alguém a punisse com um chicote por sua imaturidade inconsequente. E, sim, que prendessem todos os fabricantes de bebida alcoólica do mundo.

– Quero dizer, Vince – ele afrouxou os braços que ainda circulavam a sua cintura –, que o meu erro de te procurar não foi uma vingança por sua traição. Mas ele não apaga o que já aconteceu. Se fosse apenas sexo, sem que eu tivesse feito qualquer coisa que te fizesse entender algo a mais, não haveria mal nisso. Mas pelo anel em meu dedo... Acho que levei as coisas a um extremo maior do que apenas uma transa... de uma noite, com um ex-namorado.

– Francesca, não fale assim! – Ele abraçou-a com força. – Nos dê outra chance.

– Vince, não vamos deixar as coisas ainda mais difíceis. – Ela espalmou a mão no peito dele e o empurrou devagar. – Você fez algo que eu nunca conseguirei esquecer, e eu fiz algo ontem que você... hã, jamais superaria.

– Não, Fran, você não fez nada. Eu sabia que estava bêbada. Eu agarrei a oportunidade de tentar te trazer de volta.

– Vince, eu estou apaixonada por outro homem e te usei para superar a dor de ter sido rejeitada por ele – ela sabia que se não falasse, ele possivelmente iria enlouquecê-la e ela não estava firme o suficiente. Não tinha certeza se resistiria a um novo ataque de sedução do Vince. Se cedesse e se voltasse para ele naquele momento, sob aquelas circunstâncias, tinha certeza de que este sim seria o maior erro da relação deles.

– Você o quê? – A expressão dele fechou.

– Estou apaixonada por outro, como nunca senti estar por ninguém na minha vida e o usei como uma tentativa de esquecer. – Ela olhou para o chão e depois para o anel.

– Por quê? Como? Quem é ele? – Francesca notou que a voz do diretor tornou-se cáustica, inundada da mesma raiva que agora sombreava a sua expressão.

– Isso não faz mais a menor diferença. Deixe as coisas como estão. – Retirou o anel do dedo e colocou-o na mão dele fechando-a: – Nós dois erramos e nos magoamos. Acho que quando um casal começa a se machucar muito é porque já passou da hora do fim. – Suspirou. – Insistir em entender a razão, só torna tudo mais difícil.

Ele assentiu em silêncio.

– As suas roupas estão em cima do balcão da cozinha – Vince disse com a voz baixa.

Ela se aproximou. Ele se manteve parado com os braços soltos na extensão do corpo, os punhos cerrados com força e a respiração pesada.

– Apesar de você ter sido um filha da puta e eu ter sido uma, uma bêbada louca... Nós vivemos bons momentos juntos. – Deu um beijo na testa do tenso diretor. – Tentarei lembrar disso quando pensar em você.

– Francie – ele a chamou quando ela caminhava para a porta, depois de se vestir.

– Oi?

– Eu vou te esperar.

– Não espere.

Saiu da casa de Vince sem trocar mais nenhuma palavra com ele. Sentia que tinha tomado um porre de desentupidor de pia com naftalina. Que merda eles beberam ontem que a fez acordar noiva? Não era nada legal ter que terminar um noivado com uma ressaca ilegal. Mas, por pior que houvesse sido, e foi muito ruim mesmo, agora lidaria com o seu próprio tropeço, sem bebidas, sem ex-namorados, sem fuga e, se Deus quisesse, logo teria esquecido. Ou quase isso. Ligou para Nany e no caminho de volta para casa contou tudo para a chocada e consternada enfermeira.

# Capítulo 17

02 de março

Acordou de um pesadelo. Acordou só para lembrar que a realidade não era mais confortante. Abriu os olhos e respirou devagar e lamentou já ter acordado. Ao menos no sonho existia algum torpor, um consolo por estar com a consciência anestesiada. Acordada, não havia fugas nem mesmo qualquer possibilidade de saída. Respirou, isso era instintivo; infelizmente. Francesca se engendrou sem entender em uma bruma que ia muito além da tristeza. Era a ausência completa de tudo, até mesmo da dor. Ninguém imagina o que é isso até passar por tal situação. Às vezes existia a dor. Não uma dor comum. Não uma dor daquelas que se sente o impulso de buscar a cura. Era um vazio de toda e qualquer vontade, de qualquer impulso. Era insuportável. Inacreditável o buraco que entrou e certo que estava totalmente enterrada. Abandonou o livro quase concluído, abandonou a análise, abandonou os amigos, os lugares, abandonou o mundo.

– Acabou – Lilly disse, entrando no quarto como um terremoto, abrindo as cortinas indiferente à contorção do corpo da amiga e aos protestos que se seguiram.

– Pare com isso, Olivia, feche essa cortina. – Uma pausa. – Eu estou com dor de cabeça.

– Você vai botar uma roupa ou vai sair assim mesmo de pijama? – Olivia abriu o armário e arremessou a primeira roupa que encontrou.

– O que é isto? Está louca? – Francesca agarrou a trouxa de roupa e apertou-a contra o corpo.

– Cinco minutos para você estar pronta, senão o Tom vai entrar aqui e me ajudar a te arrastar à força para fora. – Lilly enfática era muito convincente.

– O quê? Tom está aí? – Francie franziu a testa.

– Exatamente na sala.

– E posso saber aonde vocês querem me arrastar?

– Para o Dr. Collins, o psiquiatra que a Dra. Miranda nos indicou.

Francesca deu uma risada irônica.

– Do que se trata isso, Lilly? Agora crê que eu preciso de ajuda psiquiátrica?

– Tenho certeza que precisa. – Sentou-se na cama ao lado da amiga que vinha recostada na cabaceira e disse encarando-a com uma carinhosa preocupação: – Francie, eu perdi uma irmã para a depressão e não vou perder outra – isso ela disse engolindo um soluço.

Olivia sabia como funcionava. Foi muito bem escolada sobre como a depressão podia acabar com a vida de uma pessoa. O pai era um importante diplomata da França, portanto passou a vida

mudando de cidades. Ela e a irmã mais velha sentiam só ter uma a outra. Os pais estavam sempre ocupados com eventos, compromissos políticos e sociais. Quando começavam a criar raízes e estabelecer vínculos, a família era transferida novamente de lugar. Foram doze cidades diferentes, doze colégios abandonados, doze expectativas frustradas e doze buracos feitos. A experiência da mudança constante para alguns é renovadora e instigante, para outros, é devastadora e caótica. Para Michelle, a irmã maior de Olivia, foi o que a fez desistir da vida. Ao menos era isso que ela acreditava. Pois, a cada lugar que saíam, Michelle parecia largar um pedaço de sua alma para trás.

Quando Olivia fez dezesseis anos, o seu pai foi transferido como cônsul da França para os Estados Unidos, na embaixada de Washington. O pai tinha alguns apartamentos na cidade de Nova York. Cedeu um deles para Lilly morar com a irmã que iria cursar faculdade lá.

Se tentasse fazer uma retrospectiva de quando tudo começou a afundar, ela não saberia. Não foi algo brutal e não havia motivo aparente que justificasse a tristeza da irmã. Aos poucos, Michelle deixou de sair e devagar também desistiu de estudar. Em quatro meses parecia uma ermitã, mal saía do quarto, mal se arrumava. Lilly insistentemente tentava conversar, entretanto ela só respondia que estava tudo bem e que era uma fase, que logo voltaria ao normal. Apesar de toda a preocupação, Lilly acreditou na irmã, porque devagar ela voltou a sair, a frequentar as aulas da faculdade e até mesmo a ver alguns amigos. Porém, o seu olhar... este nunca voltaria a ser o mesmo. Ele havia se apagado. Só quem a conhecesse muito bem, como Lilly conhecia, é que poderia notar tal diferença. Então, ela insistiu para que a irmã procurasse ajuda. Mas Michelle não a escutou. Uma noite, Olivia voltava do curso de

fotografia que frequentava e encontrou-a. Estava no quarto sem vida. Havia tomado dezenas de comprimidos diferentes. Desesperada, chamou socorro. Não houve o que pudesse ser feito. Se culpou e culpou aos pais e ao mundo durante um ano. Imergiu em tristeza e em uma culpa destruidoras.

Diante do suicídio de uma jovem, todos ao redor tentam desesperados achar algum culpado, algo que justifique tal brutal comportamento. A atitude mais brutal do mundo e também a mais inexplicável, ninguém jamais conseguiu explicar para ela. Por quê? O que tinha saído errado? Ela frequentou grupos de apoios para familiares de suicidas. O mais correto seria denominar esses grupos de sobreviventes que assistiram a um suicídio. A perda de alguém a quem se ama muito nunca é fácil.

A perda de uma pessoa amada, que resolve interromper a própria vida, é aniquiladora.

Pensou em sair da cidade e cursar faculdade fora dos Estados Unidos, talvez na França. Precisava recomeçar. Então, foi aceita na Universidade de Nova York. Já havia mudado de apartamento, para um menor no Soho, quando resolveu dar uma chance ao destino, à vida! Qualquer coisa. Colocou um anúncio no jornal da faculdade, procurando alguém interessado em compartilhar o apartamento. Algo meio inimaginável antes de tudo acontecer. Acontece que a vida, ou destino, trouxe Francie e Jessy.

Francesca a salvou da culpa pela morte da irmã. Francesca a salvou dela mesma quando Olivia passou a fazer sexo loucamente para sair da dor. Francie a salvou de um caminho, talvez sem volta, quando ela acreditou que a bebida e o sexo eram o único alívio para dor. Jessy a salvou com suas risadas quando ela nem lembrava mais o que era isso, sorrir. Francie – Deus, Francie era a sua



ponderação e o seu colo. Era o otimismo e a bondade legendados pelo amor. Era a pessoa mais amorosa, mais capaz de amar que ela conhecia. Jessy era alto-astral, engraçada e espantada. Caminharam horas dando apoio e apoiando. Não, ela não perderia outra irmã. Ouviu a voz de Francie sussurrar:

– Não, não estou deprimida.

Olivia roçou os dedos no rosto da amiga.

– Olhe para você.... Como pode estar tão cega? – Segurou as mãos entre as dela. – Você não sai deste quarto há quase um mês, não se alimenta direito, não trabalha mais. – Sacudiu a cabeça. – Se não é capaz de admitir a si mesma que precisa de ajuda, eu o farei por você... Não verei outra pessoa que eu amo definhar. Não, Francesca Wiggs, não permitirei isso.

– É uma fase, estou até um pouco melhor hoje...

– Pare, Francesca – Olivia quis sacudi-la com as palavras. – Largue este orgulho e aceite ajuda, não há nada de vergonhoso em estar assim, não é sua culpa. Você não é mais ou menos forte por isso. – Esfregou o polegar com veemência nas costas de sua mão. – Deixe-nos ajudá-la, por favor – Olivia chorava e insistiu –, por favor...

Francesca não entendia direito o porquê de tudo aquilo. Mas soube com clara convicção que o primeiro passo para cura foi dado por ela naquele momento, quando se permitiu chorar pela primeira vez em trinta dias. Pela primeira vez desde que deixara aquele quarto de hospital, humilhada e desprezada, ela se permitiu chorar. Não foi um choro leve e fraco, submisso e comedido. Foi um grito, um urro que partiu de todas as suas fibras e explodiu em uma vertente de lágrimas. Tom, que aguardava em um paciente silêncio

na sala, ao ouvir o grito de Francesca, entrou correndo e ainda em silêncio a abraçou junto com Lilly.

– Tudo vai ficar bem. – Tom engoliu o próprio choro.

– Obrigada por estarem... – não conseguiu concluir a frase, havia muito que chorar.

E esse muito se converteu em vários minutos aos quais ela permitiu ser fraca. Entendeu que nem todos os monstros se matam a sós. Para alguns deles, precisamos pedir ajuda.

– Preciso de ajuda – disse já sem a menor vergonha.

– Minha menina corajosa. – Tom removeu uma mecha do cabelo do seu rosto.

– Estamos aqui, meu amor. Você não está sozinha – foi Olivia quem disse.



Ela foi naquele mesmo dia ao Dr. Collins, que receitou sem hesitar, após ela descrever como tinha estado, um antidepressivo. Francesca estava disposta a curar-se. Assim, no mesmo dia tomou a dose indicada e vomitou durante horas. Por algum estranho motivo, o seu corpo rejeitou a droga. Ela, que escutava muito bem as mensagens advindas dele, decidiu que tentaria outros caminhos para a cura. Voltou à arteterapia com Dra. Miranda, mergulhou na dança, nas palavras e na pintura.

Vinte dias após a crise de choro, estava melhor. Se sentia mais motivada, mas sabia que não estava curada. Sabia que teria de percorrer um caminho. Sabia também que se achasse ser

necessário o remédio o tentaria outra vez. Acima de tudo, o seu objetivo passou a ser o seu próprio bem-estar.

– Você consegue entender a relação do que passou com o mito de Perséfone e Hades? – Estava com Miranda em uma das suas duas consultas semanais.

– Mergulhei no submundo?

– Mergulhou no seu próprio submundo. Coincidência? – Miranda falava com a calma e a voz cadenciada que só os terapeutas possuem. – Perséfone passa três meses na terra dos mortos, a terra das sementes, antes de retornar à superfície e assim plantar as sementes que colheu em seu mergulho no interior do “útero”. Você passou três meses absorvida em uma relação com um homem invisível, como Plutão ou Hades. Ele estava mais morto do que vivo e, como Perséfone, você mergulhou no seu inconsciente.

– Entendo...

– Acessamos o mundo interno por meio do inconsciente. A arte é a linguagem que traduz este inconsciente para nós. Por isso tem sido tão importante na sua cura dançar, pintar e escrever.

– E a depressão?

– O simbolismo para a depressão é quando não conseguimos trilhar o caminho do vazio, do reino invisível, ou de Hades de volta até a superfície, do inverno para a primavera, compreende? Você se apaixonou por Plutão e está com dificuldade de encontrar o caminho de volta e encerrar o ciclo.

– Me apaixonei por uma mentira. – Ela se culpava, se culpava, se culpava. Quase pedia um chicote para açoitar-se nas sessões de terapia e fora delas também.

– Se apaixonou por um homem ausente como o seu pai, que não te respondia, que não te olhava, que não estava presente em sua vida, senão em seu inconsciente – Miranda mostrava, explicava e clareava.

Francesca suspirou e largou-se mais na poltrona alaranjada.

– E por que parece tão difícil esta volta específica? Já fiz isso outras vezes na vida sem parecer tão insuportável.

– Francesca, você resgatou nesta história a criança ferida; a menina acuada. – Miranda fez uma pausa enfática. – O contato do nosso ego, ou da personalidade com o mundo inconsciente, ou desconhecido, se processa por meio de uma figura psíquica. Na mulher, essa figura é o Animus; e no homem, é a Anima. Animus e Anima primeiro assumem a figura do pai para menina e da mãe para o menino. Mitchell representou o papel do primeiro contato com o seu Animus: um pai que não respondia nunca, nunca chegava e que quando pôde escolher te expulsou do hospital. Você entrou em autopiedade e se culpou, e se culpa por ter se permitido sentir.

A psicóloga olhou-a com o entendimento que oferecia sempre segurança.

– Quis enfrentar tudo sozinha, sem nem ao menos entender o que esta situação implicava para si. – Ergueu os olhos. – Reviveu a dor do abandono com total força, pois na frente dele não estava a Francesca adulta que se relacionou com o Vince e com os outros homens. Na frente de Mitchell não estava a mulher decidida a se manter afastada e assim protegida. Na frente dele, estava a menina vulnerável e esperançosa, aquela que você quis esquecer que existia e que agora está tendo a real oportunidade de curar.

Ela chorou porque era verdade. Na frente dele, sempre esteve desarmada, entregue. Com Mitchell, não esperava muito em troca, a não ser poder se sentir importante e até mesmo se sentir indispensável e especial. As suas barreiras caíram naquele boxe de hospital, uma a uma. Até que restou o seu coração e a sua alma. Matar tudo isso estava sendo muito difícil. Olhar para a parte ferida de si, estava doendo demais. Pegou o lenço ofertado por Miranda.

– Eu sei. – Se permita chorar. O tom de voz amável de Miranda encorajou-a.

– Sim – limpou os olhos e pegou a caixa de lenços salva-vidas na mesa lateral.

– É o momento de curarmos esta menina machucada, que sentiu que o mundo não te amava o bastante e que sobre tudo se sentiu sozinha e abandonada.

– Vou conseguir – disse com confiança.

– Sei que vai, já está conseguindo.

# Capítulo 18

29 de março

Mitchell Petrucci saiu do hospital dois meses após ter despertado do coma. Continuou com intenso trabalho de fisioterapia e já havia recuperado parte dos movimentos perdidos do braço e da mão esquerda, após três meses de seu despertar. Mitchell ocupava a cadeira da presidência na Petrucci Group & Co, desde que saíra do Hospital Charles Darwin há trinta dias. Ele não estava presente quando Paul Lambert, o sócio e o único homem a quem Mitchell confiava, foi até a casa de Silvia Petrucci.

– Como ele está? – A senhora com um *tailleur* todo verde cruzou a perna.

– Perfeito, trabalhando mais do que nunca, objetivo como sempre, certo e habilidoso. O mesmo tino para resolver situações complicadas, as mesmas sacadas geniais e ainda mais obcecado por superar-se.

A mulher arqueou o pescoço para o lado.

– Isso é ruim?

– Não, isso demonstra que ele saiu intacto.

Silvia transpareceu alívio na expressão.

– Fico tranquila, porque Mitchell... – hesitou e deu um gole na taça de água à sua frente. – Bem, sabe como ele é, não é mesmo? No hospital não permitiu as minhas visitas e tampouco as permite agora, o que sei dele – deu uma risada fria – é um pouco mais do que os noticiários informam. Liguei insistentes vezes para perguntar como ia e... – levou a mão à testa estrangida. – Ele agradeceu a minha preocupação, mas disse que apesar do muito que eu deveria me divertir conseguindo o colocar em um papel fragilizado, ele não precisava disso. – Ela deu de ombros com o olhar vago. – Desligou o telefone na minha cara.

– Sinto muito, Silvia – disse complacente o loiro, alto, de nariz adunco, terno impecável, óculos de discreta armação e que aparentava a mesma idade de Silvia Petrucci. Os dois eram amigos de longa data. Paul era um dos únicos homens a quem John Petrucci confiava e, ao que tudo apontava, Mitchell também aprendera isso com o pai. Com exceção da família, tornou-se o maior detentor individual das cotas da empresa. Enquanto Mitchell detinha 35% das ações, a sua mãe e irmã dividiam 5% entre si, Paul detinha 3% e o restante era dividido entre centenas de investidores.

A elegante mulher fez uma negação com a cabeça.

– O importante é que ele está bem...

Paul olhou para baixo com evidente inquietação:

– Sim, se não fosse por... – fez uma contundente pausa e desviou o assunto. – Deixe para lá, devo estar me preocupando à toa. – Desenhou um gesto displicente com as mãos. Mas isso não

serviu para aclamar Silvia, que arregalou os olhos aguardando com expectativa a explicação de Paul.

– O que acontece?

– Não há de ser nada – Paul reafirmou decidido.

– O quê, Paul? Fale, ou não o deixarei em paz – respirou fundo.

– O que o preocupa?

– Apenas que ele está apresentando algumas atitudes um pouco fora do habitual.

– Como? – A mulher soou com menos amenidade, perdendo um pouco da sua educada compostura.

– Como trabalhar até altas horas da madrugada e chegar mais tarde no escritório, ou como mostrar-se um pouco mais impaciente no trato com as pessoas e não sei... – Paul dobrou a perna apoiando o calcanhar direto no joelho esquerdo. – Sinto-o mais distante, mais recluso e menos envolvido com as coisas que lhe davam prazer: não veleja mais, não joga mais, não se relacionou com nenhuma mulher desde que saiu do hospital. – Lambert levou o copo de suco até os lábios e disse antes de engolir a bebida: – Me questiono se ele não estaria um pouco deprimido. – Engoliu o suco. – É apenas uma suposição.

– Será? E o que Dr. Craig diz a respeito? – O semblante de Silvia ia tenso.

– A primeira coisa que eu fiz, quando desconfiei de algo – disse Paul com um toque de cautela na voz –, foi ligar para o Dr. Craig. Ele me contou que é comum pacientes que sofreram traumatismo craniano passarem por algumas readaptações comportamentais, e nesse processo, uma depressão, alterações de hábitos e talvez até



uma neurose, transtorno ou alguma síndrome psíquica, pode se desencadear.

– Mitchell não está com acompanhamento psiquiátrico?

– Isso fez parte do tratamento no hospital. Mas quando teve alta, o Dr. Craig acreditou que não seria mais necessário. – Fez uma pausa enfática e sacudiu a cabeça. – Um homem na posição dele, procurando ajuda psiquiátrica fora do hospital, após um trauma craniano, será um vendaval para que comecem a surgir todo o tipo de especulação quanto à capacidade dele em continuar gerindo o grupo. – Paul tragou o ar, agitado, passou as mãos no cabelo. – Isso pode enfraquecer a imagem de segurança do grupo.

– Então sugere que meu filho enfrente uma depressão ou sei lá mais o que sem ajuda por que ele é o presidente da Petrucci Group & Co? – os olhos de Silvia ficaram arregalados de indignação.

– Não – Paul puxou uma cigarrilha e batendo-a de leve nas costas de sua mão –, importa-se?

– Não, fique à vontade.

– O quero dizer é que nem mesmo sabemos se é o caso de procurar ajuda. Acho que devemos ter certeza disso, antes de o expormos e concomitantemente o grupo.

– E como ter certeza?

– Talvez não concorde com a minha ideia, mas penso que podemos pagar alguém discreto e de confiança que nos informe todos os seus passos. Até mesmo como ele tem se comportado dentro de casa.

Silvia Petrucci fez um longo silêncio.

– Está sugerindo que espione a vida do meu filho?

– Não, estou sugerindo, pelo bem de Mitchell e pela saúde da empresa, que, além do acompanhamento médico que ele ainda está sujeito, tenhamos certeza de tudo o que se passa com ele, antes de escolhermos que direção tomar. – Ele tragou a cigarrilha, bateu-a de leve no cinzeiro de cristal colocado na mesa lateral. – Silvia, Mitchell é como se fosse o filho homem que não tive. Você sabe como o estimo e como o admiro.

A mulher assentiu e ele continuou:

– Mas este é o lado pessoal. Como sócio e vice-presidente do grupo, não posso deixar de me preocupar com a saúde mental do nosso presidente – aclarou a garganta antes de adicionar: – Os médicos consideram um milagre ele ter saído quase ileso do trauma, o caso dele e todo o tratamento experimental feito vão ser publicados. Eu mais do que ninguém fiquei feliz com isso – tragou a cigarrilha outra vez –, mas a Petrucci Group & Co não é analisada apenas internamente. Nós somos uma das maiores instituições financeiras do mundo. Isso significa que o mundo inteiro nos observa e os nossos ganhos e perdas afetam a sua economia. Silvia – o tom dele era persuasivo –, não podemos nos dar ao luxo de cometermos erros por estarmos envolvidos com os nossos gestores.

Deu mais um longo trago e soltou uma baforada de fumaça.

– Não se engane, é melhor que sejamos nós os primeiros a tomar conhecimento de que algo possa não ir bem com Mitchell, do que isso ser usado por outros para nos atingir de alguma maneira no futuro.

Mais um longo silêncio.

– Está bem – olhou para baixo resignada: – Como pensa fazer isso? – ia ainda com olhar baixo como se pudesse, com esse gesto,

sentir-se menos cúmplice.

– A Sra. Mary.

– A governanta dele?

– Sim, ela pode ser persuadida a nos passar as informações de sua rotina dentro de casa e nos relatar se observar algum comportamento fora do usual. Para segui-lo na rua – os olhos da mulher alargaram-se, ele continuou ignorando o gesto: – Existe uma agência de investigadores profissionais que são muito discretos e que são especializados em detalhar a vida de grandes empresários. Na maioria das vezes para os próprios membros do conselho de determinadas instituições. Alguns presidentes até conhecem o fato de serem seguidos por estes homens e entendem fazer parte do esquema de segurança das empresas que dirigem. – Deu de ombros e disse: – Creio que é a solução adequada.

– Eles são o quê? Espiões?

– Sim. – Tragou outra vez a cigarrilha. – Os melhores, os mais discretos e os mais sérios que existem.

– Se você acredita que é o mais adequado a fazer – exalou o ar com força –, tem o meu apoio. – Olhou-o com seriedade. – Jonh confiava em você, Mitchell também confia, creio que devo fazer o mesmo.

– Obrigada, Silvia. – Apagou a cigarrilha e se despediu de modo cortês.

Ela ficou durante um silencioso momento a sós, sem se mover, enquanto os seus pensamentos agitavam-se muito inquietos, pela autorização que se viu obrigada a dar. Deu um gole na água e colocou a taça de volta na mesa de apoio, sempre tão refinada, sempre tão perfeita, sempre tão educada. Ela foi criada e moldada

para pertencer a este mundo tão exclusivo. A sala exalava uma atmosfera pesada, apesar da evidente e requintada quietude.

Dirigiu-se à frente do retrato de John Petrucci pintado a óleo por um renomado artista. O quadro descansava em cima de uma das lareiras da sala. Ela parou e encarou a imagem com o cenho franzido, como se buscando um sinal de aprovação. Empertigou-se antes de sair e disse com muita educação:

– Talvez este tenha sido o único momento desde sua morte em que eu senti a sua falta. – Mediu-o com atenção. – O que você teria feito em meu lugar? Rodou o corpo e abandonou o retrato.

Silvia Petrucci era uma mulher solitária. Sentia-se por vezes mais solitária que o isolado quadro de um homem sisudo e compenetrado que um dia fora o seu marido. Ela preenchia as horas dos seus dias com encontros de senhoras solitárias como ela nos clubes de golfe e tênis, em eventos beneficentes que pareciam existir apenas para dar alguma finalidade ao excesso de dinheiro acumulado por alguns; com o seu professor particular de tênis, que também a atendia em particular na sua cama e com jantares e pequenas festas semanais, que ela proporcionava e que eram proporcionados por seu seletivo círculo de amigos. Consultava-se duas vezes por semana com um psiquiatra e já fora quase dependente dos antidepressivos e ansiolíticos para manter-se viva.

Acreditava porém, depois de muitos anos de intensa análise, que os seus erros não foram injustificáveis; que as suas depressões foram justificáveis. Isso tendo em vista a escassez de gestos verdadeiros e pessoas de verdade em sua vida. Aprendera a sobreviver naquele meio.

Silvia lutava dia a dia em busca da distinção humana. Até onde as suas escolhas e as atitudes dos outros estavam regidas pela ausência de escrúpulos, em torno dos seus particulares interesses e pela falta de discernimento da realidade? Os seus próprios filhos eram para ela a prova de que esta classificação era algo muito complicado de se fazer. Enquanto Mitchell parecia ressuscitar o próprio pai em seus lascivos relacionamentos, boçal autoritarismo, gélida e implacável ganância e instinto de conquista em prol do sucesso do grupo financeiro, a sua filha Danielle era o reflexo contundente de que a frivolidade é capaz de converter a vida de uma pessoa em um caos. Danielle, quando não obtinha o que queria, trancava-se no quarto em profunda depressão e saía apenas um mês ou às vezes dois meses depois. As crises ocorriam pelos mais diversos motivos. Como ela tinha tudo o que o dinheiro podia comprar, os motivos eram de uma doentia sofisticação em um grau quase de impossibilidade. A penúltima depressão ocorreu quando o ex-namorado, com quem a própria Danielle rompeu o compromisso, resolvera se casar com uma conhecida. A última depressão aconteceu pouco tempo atrás, quando uma amiga próxima arrematou em um leilão uma joia da família real inglesa.

– Dani, querida – disse Silvia naquela ocasião por telefone –, compre outra.

– Não há outra igual, mamãe, a joia pertenceu à própria rainha, é um diamante raro – Dani chorava.

– Há outros diamantes raros.

– Não como aquele – disse com a voz manhosa. – Sabe o que é pior? É que todos sabiam que eu o queria muito e ela vai usá-lo na noite de estreia da temporada de óperas, quando eu deveria o estar usando.

– O que posso dizer, minha filha? Só você pode se importar ou não quando ela usá-lo.

– É fácil para a senhora dizer, porque não são os seus amigos que vão comentar nas suas costas e que, além de perder o namorado para uma vagabunda, agora nem mesmo as joias que eu dispuo em um leilão consigo arrematar.

– Se não me engano, foi você que acabou com ele, Dani – alegou a mãe com a voz firme e calma querendo trazer discernimento à filha.

– Sim, mas... mas – gaguejou – acontece que ele me humilhou. Não faz nem cinco meses que acabamos e ele vai se casar com outra. Todos falam que ele já mantinha um caso com ela antes, e agora mais isso – soluçou –, o colar... – Ela estava inconsolável.

– Dani, por que não o comprou se queria tanto?

– A vaca sabia qual era o meu limite, eu havia confiado para ela o valor – respirou com pesar. – Então ela o cobriu. Outro soluço – fez de propósito, mamãe. Fez para me desafiar. Se ao menos Mitchell fosse um pouco mais sensível, ele conseguiria comprá-lo para mim. Sei que conseguiria. – fez-se um breve silêncio. – Fale com ele, mamãe, fale que estou afundando em tanta tristeza.

– Vou falar, querida, farei o possível.

E pelo namorado rejeitado e pelo diamante que pareceu a Danielle ser roubado, a jovem ficaria trancada em seu quarto, no luxuoso apartamento com vista para o Senna por uns dois meses. Silvia Petrucci lamentava muito, mas o que poderia fazer? Mitchell nunca cedia a este tipo de capricho. Dentro de dois meses no máximo ela sairia da crise, com a mesma facilidade com que que entrou. Compraria um cachorro novo, ou um novo gato, ou mesmo

um novo diamante, ou se lançaria de cabeça em um novo caso, ou redecoraria o apartamento. Silvia não podia fazer nada, ligaria para saber dela, já havia quase uma semana desde que Danielle a telefonou relatando o seu novo drama.

# Capítulo 19

Estava sentado em seu escritório. Olhava a vista do Central Park exposta pela grande janela frontal. A silenciosa cobertura recém-comprada foi decorada pelo mais conceituado arquiteto do mundo – Ernest Arnault. O apartamento ainda não tinha para Mitchell a aura de sua casa. Tudo era refinado e grandioso sem ser ostensivo ou exagerado. Antes do acidente, ele já ocupava o novo imóvel há três meses. Nunca tinha sentido a estranha sensação de não estar em casa, dentro do próprio lar.

Olhou o relógio antigo colocado na lateral da mesa e constatou que era tarde. Ele que sempre dormiu cedo, também notava o usual padrão de sono alterado. Algo havia mudado em si desde o coma. O que o inquietava não eram as mudanças e sim o fato de sentir-se às vezes um desconhecido para si mesmo. O que o enchia de prazer e gana antes não despertava o mesmo interesse agora. Os jogos, os carros e até mesmo as mulheres foram deslocados da lista de prioridades para alguns patamares abaixo.

Continuava envolvido com o trabalho e isso sim o motivava, mas não como antes. Era uma motivação mais ponderada. Talvez até mesmo mais equilibrada. Não que estivesse trabalhando menos. Apenas se sentia mais tranquilo com relação aos



desdobramentos das situações. Algo também estava mais evidente. Talvez a experiência de quase morte o fez entender. Não era obrigado a aguentar certas pessoas e determinadas hipocrisias e convenções sociais. Então, na mesma medida que estava mais calmo com a evolução dos resultados obtidos por suas empresas, sentia-se impaciente com específicos comportamentos de muitas pessoas.

Em pouco tempo, desde o seu retorno, esta alteração no trato humano fora capaz de fazer com que muitos demonstrassem estar ainda mais acuados e inseguros diante dele. O último boato que corria na empresa e que encontrou o seu conhecimento era de que havia perdido o que restava do coração no acidente.

– Estúpidos hipócritas.

Como se alguém houvesse se importado com ele enquanto esteve desacordado. Tinha muita experiência com o ser humano. Sabia que o único aborrecimento das pessoas que os cercavam resultante de seu acidente fora com as suas contas bancárias, com os seus investimentos e com o seus cargos.

Levou o copo de uísque até a boca. Aquela noite resolveu beber, pois isso não era tudo. Desde que voltou para casa, vinha sendo atormentado por sonhos lúcidos e muito perturbadores. No início eram imagens difusas e distorcidas, embaladas por uma voz feminina. Com o passar dos dias, a voz se tornou mais clara. Havia algo incompreensível nela que o fazia acordar transtornado. Contudo, não havia rosto na voz e isso passou a ser o dilema de suas noites. Ele buscava este rosto nos sonhos. Nunca o via, nunca o achava. Era como se estivesse cego. Era como se aquele rosto desconhecido pudesse trazer a cura. A cura?

Exalou o ar dos pulmões com uma impaciente força. Olhou no relógio – 00h35.

Iria tentar dormir. Virou a dose da bebida âmbar para dentro. Apoiou o copo facetado de cristal e foi para a cama. Deitou-se e pouco depois adormeceu.

Acordou em um pulo. Estava molhado do próprio suor e ofegante. Levou as mãos instáveis até a testa. Os sonhos... eles ganharam dimensão. As imagens ganharam...

Vida, cores, ordem e movimento.

Eram pessoas, pessoas que contavam as suas histórias por meio de cartas. Havia um homem, um velho, um mafioso na Sicília que lia essas cartas.

Sentou-se na beira da cama, ainda tremendo. Abaixou a cabeça. As cartas eram guardadas em uma caixa de madeira...

– Inacreditável – Mitchell disse para si mesmo.

Passou as mãos nos olhos. Começou a andar no quarto de um lado a outro, tomado por uma ansiedade sem lógica. Tornou a ver os quadros sendo traçados com precisão. Uma pintora. Algo em seu olhar... – Tristeza? Lembrou-se da voz que narrava o seu sonho.

Caminhava frenético. Precisava fazer algo. Precisava de algo. Foi até o controle de automação no quarto. Ascendeu as luzes do corredor e depois as do escritório. Ligou também a música ambiente. Em largas passadas se dirigiu até lá, movido por uma vontade que há muito não sentia. Uma vibração interna anônima o impulsionou.

Sentou e as imagens tomaram a sua mente, povoaram o seu ser e transbordaram dos poros.

Ele nunca acreditou que um sonho pudesse parecer vivo e essa vida exigia em silêncio algo sem identidade. Sentia que esse algo precisava se expressar por suas mãos. Falar por sua alma em suas mãos. Foi possuído por uma vontade enérgica. Agarrou a caneta-tinteiro preta. Alisou a folha branca à sua frente. Quando notou, o sonho dominou a caneta, invadiu o papel, ganhou vida em seus dedos. Explodiu através de si.

Mãos, braços, colo, um vestido. Cabelo, penteado, lábios, olhos, um rosto. Pincel, tinta, tela, cavalete, um quadro. Flores, vento, lago, mar, impressionismo. Uma pintora, um quadro, um quarto de pinturas.

Desenhou compulsivo, até ter os dedos doendo, até sentir-se ébrio de sono. Pensou em parar, mas não pôde. As imagens gritavam em seu interior cobrando algo. Ele precisava de cores e de uma folha apropriada e de um lápis grafite. Não era uma vontade que podia ser ignorada. Ele necessitava continuar. Nesse meio tempo entre uma folha e uma história que ganhava expressão em imagens, sucedeu um milagre. Ele se sentiu vivo como há muitos anos não sentia. Nem lembrava se já tinha se sentido assim, como se algo o tornasse... pleno? Entretanto, Mitchell não acreditava em milagres. Então, desistiu de compreender nada além da necessidade de continuar pintando. Passou a mão no telefone sem se importar com a madrugada, que ao certo também exigia o seu tempo de repouso à maioria das pessoas vivas.

– Sra. Mary?

– Sim... Sr. Petrucci? Está tudo bem? – A governanta estava com a voz sonolenta e com a razão entorpecida.

– Sabe me dizer onde posso encontrar um maldito lápis nesta casa? Procuo já tem mais de quinze minutos por um – disse com

uma nota de ansiedade na voz.

– Um... Um lápis, senhor? – A pobre governanta ficou em pé em um pulo, pelo enorme susto que tomou.

– Sim, sabe? – respondeu displicente. – Aquela “coisinha” comprida que se usa para escrever ou desenhar. Um lápis – repetiu erguendo as sobrancelhas, como que encontrasse dificuldade em entender o que resultava incompreensível em seu simples pedido.

Silêncio.

– Creio que não temos lápis em casa, senhor.

– Aguarde um momento – o patrão soou íntimo. Então, minutos depois ouvia-o praguejar algo, para logo em seguida retornar a linha com clara irritação. – Você acredita que não há uma única loja de materiais artísticos aberta 24 horas por dia, nesta cidade? – Mitchell abriu uma das mãos inconformado enquanto apoiava o telefone entre o rosto e o ombro. – Estamos em Nova York, a capital onde a arte do mundo acontece e não em um vilarejo medíocre. Santo Deus – bufou com indignação.

Sem saber o que responder, a mulher optou pelo mais simples:

– Concordo, senhor.

– Passe uma mensagem para Jonas e peça que o carro esteja pronto às 07h30 da manhã, sairei com ele neste horário.

– Sim, senhor – disse a solícita e muito confundida governanta.

– Boa noite, senhora Mary, e desculpe se a acordei.

– Boa noite, Senhor Petrucci, não tem problema, senhor...

– Além de ser um déspota arrogante, agora o homem estava louco – “Deus me ajude”, concluiu a Sra. Mary antes de passar a

mensagem para o motorista.

# Capítulo 20

29 de abril

Mitchell montou um estúdio de pintura em seu apartamento de mil metros quadrados. Os sonhos prosseguiram. Ele sentia-se compelido pintando o que sonhava e aniquilado por não entender o sentido de tudo aquilo. No mês que se passou desde o primeiro sonho retratado, ele continuava a desenhar todos os novos detalhes descobertos durante a noite. Naquela madrugada não foi diferente. Despertou às 4h da manhã com um pianista cego e uma bailarina. Imagens que exigiam os seus traços. Tempos depois, uma bailarina aquarelada envolta pela nuvem de uma música e um pianista sem definição nos olhos nasciam no papel. Às seis da manhã tinha produzido dois quadros distintos da mesma visão noturna. Lavou os pincéis, saiu do estúdio e foi treinar.

A sensação do impulso febril desde que voltara a pintar era tão latente, que por vezes ele passava a noite quase em claro. Consumido por este afã de criação, mesmo cansado, nunca esteve tão realizado e tão obcecado. Porém, há pouco tempo, algo voltou aos sonhos, isso o perturbava mais do que ele gostaria, a voz feminina e um rosto apagado que ele precisava descobrir. Tentou

retratá-lo algumas vezes. Mas, com exceção dos olhos verdes, não conseguia desenvolver nada além de borrões indefinidos. Ia divagando sobre isso no banco traseiro do Maybach Landaulet, quando o seu telefone tocou.

– Bom dia, Mitchell!

– Bom dia – respondeu sucinto.

– Consegui agendar o jantar com o senador Ford – por fim, Paul Lambert conseguiu remarcar o jantar que ele se dirigia na noite em que sofreu o acidente.

– Boa notícia. Quando? – Mitchell perguntou enquanto olhava o trânsito da cidade, pelas janelas escurecidas do veículo.

– Hoje à noite.

– Onde?

– No Per Se, às 20h30.

– Você irá? – Mitchell abriu uma garrafa de água.

– Só vocês dois. – Uma breve pausa. – Ele pediu desta maneira. Me pareceu ter aceito o convite mais como uma delicadeza, do que por estar disposto a diminuir a pressão em cima das agências. – Uma exalação pesada. – Ele quase deixou claro que irá a este jantar por respeito à instituição e a você, mas que nem ele e nem os seus aliados no senado têm interesse algum em afrouxar a sua conduta. – Paul tinha um toque de impaciência na voz, muito sutil, muito controlado como quase sempre o homem era.

– São cegas essas criaturas? – Mitchell soou exasperado e disse ainda mais ríspido:

– Não percebem que as restrições severas demais elevarão os custos das operações, reduzirão a competitividade internacional dos bancos americanos, impedirão que ofereçamos produtos e serviços indispensáveis ao mercado interno e externo?

Paul sorriu.

– Você terá o jantar de hoje para convencer essa cega criatura disso. – Sorriu outra vez. – Confio no seu poder de persuasão. Me convenceu direitinho – brincou o amigo.

Mitchell também sorriu e disse mais descontraído:

– Esta semana também me reúno com os senadores republicanos, vou garantir o nosso apoio em suas campanhas.

– Você é um dos defensores mais ativos do enfraquecimento da regra Volcker. Foi assim que Daniel Watts do NY Tribune te definiu a semana passada. Alegou também que seria o mais ativo beneficiado caso conseguisse sucesso.

– Imprensa de merda. O que eles esperam que façamos? Que fiquemos mudos enquanto senadores, deputados e legisladores criam regras que definem como podemos e devemos investir o nosso próprio capital, enfraquecendo-nos diante das instituições financeiras mundiais e podendo ferrar, no final das equações, a própria economia americana?

– Você leu as notícias hoje?

– Não ainda, por quê? – bufou irritado.

– A imprensa de merda descreveu em detalhes as disputas encarniçadas dos nossos operadores de Nova York e de Londres, enquanto você esteve ausente. Eles alegam que nem mesmo nós,



“o melhor sistema de gestão de risco”, podemos prever os desvios provocados por ações humanas.

– Mas que maravilha, não é mesmo? Agora somos incapazes de prever o fator de risco humano – Mitchell deu uma risada fria –, é inacreditável.

– Enquanto os legisladores continuam a debater qual seria a melhor maneira de atenuar o risco sistêmico causado por nossas instituições e os órgãos reguladores continuam a formular as regras requeridas pela Lei Dodd, precisamos fechar o cerco.

– Fechemos! – Mitchell deu um gole na água e disse: – Vamos nos reunir hoje no final da tarde e traçar as novas estratégias. Faremos almoços, jantares, festas, viagens com senadores, deputados, juízes, jornalistas e suas esposas, suas famílias, seus cachorros e com quem mais for necessário.

– Nesta fase, temos que ficar atentos às operações de alto risco, nenhum deslize de maior volume pode ser cometido – afirmou Paul Lambert, após uma pensativa pausa.

– Sem contar que ano que vem é ano de eleição e esta, em particular, será o inferno declarando guerra à terra, ou ao menos contra a América.

– Acordou mal-humorado?

– Não, estou ótimo! Treinei *jiu jitsu* por duas horas hoje cedo. Vou precisar de mais três horas de boxe à noite depois dessa conversa.

Paul gargalhou.

– Devia voltar a sair com alguma mulher bonita e a velejar também. Muito melhor do que lutar com um instrutor ou contra um

saco de areia.

– É um ótimo conselho.

# Capítulo 21

Francesca estava na fila da farmácia e contava os itens do carrinho: pasta de dente, shampoo, protetor solar, Advil e absorventes. Tinha pego tudo o que precisava. A fila grande e enrolada fez com que o olhar dela vagueasse para matar o tempo de espera. Encontrou as revistas colocadas no display ao seu lado. Reparou na chamativa capa com gritantes letras. A foto de um rosto conhecido. Não tinha mais o que pudesse ser feito. Já havia visto. Nessas filas, a posição das revistas devia ser estudada por anos por designs desocupados e maquiavélicos. Era quase impossível não vê-las enquanto se esperava para pagar.

O que viu primeiro foi a foto.

*Um deus mitológico, um Adonis, para ser mais precisa.* Ao lado de uma deusa tão mitológica quanto. Ele de bermuda e polo. Ela, a ruiva, de biquini e shorts. Aquilo não era um biquíni. Só havia peitos. O shorts sim, parecia um biquíni. Ele abraçava a modelo “tenho seios” pela cintura e olhava-a sorrindo. Então, após a foto, foi inevitável não correr os olhos na manchete que dizia em letras enormes e amarelas:

O NOVO CASO AMOROSO DA TOP CLÁUDIA VILAÇA.

Logo abaixo do título leu a continuação em letras um pouco menores:

O empresário, Mitchell Petrucci, volta à sua boa forma com as mulheres.

Por algum motivo incoerente e ridiculamente descabido, Francesca pegou a revista e folheou-a até encontrar a matéria. Viu duas fotos do casal, tiradas com evidente obviedade por paparazzis. Viu o texto; era tão curto e fútil, idealizado para leitura no tempo de uma fila.

Um ano após o grave acidente de carro, o empresário Mitchell Petrucci (36 anos) recuperou a boa forma. E não nos referimos apenas a boa forma física, mas também, à capacidade de desfilarmos com as mais belas mulheres do planeta. O famoso empresário faz jus à sua fama de conquistador, enquanto esteve nos últimos quatro meses ao lado da atriz Cindy Jones (26), da bela jornalista Dianne Langdon (32). A super modelo Cláudia Vilaça (24) é com quem o empresário divide o seu veleiro em uma passagem pela Grécia.

Fechou a revista irritada consigo mesma por ter cedido ao impulso e murmurou na mesma irritada voz.

– Encéfalo Pênis vazio.

Então, ouviu atrás de si duas mulheres comentando:

– Sim, é ela sim.

– Não sei, não consegui olhar direito – respondeu a outra.

Francie estava tão distraída que acreditou que elas falavam da “super nua model” Cláudia Vilaça. Começou a bater o pé no chão com decidida impaciência. Era um absurdo algumas dessas

farmácias manter apenas um caixa aberto depois das 22h, era ridículo. Sentiu uma mão tocar o seu ombro de leve.

– Com licença – disse a mulher –, você é Francesca Wiggs, não é?

Ela assentiu com um orgulhoso e aliviado sorriso. Ainda não havia se acostumado com o moderado assédio que vinha sofrendo. Desde que lançara o livro no início de julho, há três meses. Desde que este alcançou sucesso em pouco mais de dois meses, permanecendo na lista dos mais vendidos da *New York Times* até então. Francesca era reconhecida na rua por algumas pessoas. Sem dúvida, para um artista era o maior presente. Muito mais do que as críticas positivas, ou os prêmios literários. O reconhecimento do público era... o néctar divino; doce, acolhedor e muito gratificante.

– Sim, sou eu – ela não desvaneceu o sorriso.

– Eu estou amando o seu livro – disse a moça também sorrindo. – Estou com ele na bolsa, pode autografá-lo para mim?

– Próximo – ouviu a caixa chamar em um tom pouco cordial.

– Vou pagar e logo assino para você, está bem? – Tentou soar simpática e se dirigiu ao balcão.

Uma vez autografado o livro despediu-se com satisfação. Saiu muito distraída com toda aquela realização em passos largos e determinada velocidade. Foi detida por uma parede, um bloco, um corpo. O impacto que a desestabilizou mal mexeu o tal corpo. Por estar em uma arrogância inabalada, o bloco segurou-a pelos cotovelos. Evitou assim que ela caísse talvez de bunda no chão. Logo que a soltou, Francesca piscou fundo sem graça. Levantou o olhar para se desculpar pela trombada.

– Me desculpe ... – parou sem concluir, atônita, de boca aberta e com os olhos quase fora de órbita. Reconheceu-o de imediato. Seu corpo indolente refletiu o reconhecimento. O coração sufocou as costelas e subiu até as têmporas. Tudo dentro dela parou de funcionar. Tudo no mundo parou de funcionar. Ela piscou fundo atordoada e as pernas quase fraquejaram. A razão, muito rápida, lembrou-a dos anos de treinamento corporal, controle de respiração e impostação vocal.

Ele a olhava daquela mesma intensa maneira, como nos seus sonhos. Não, não, não. Muito pior, mais sufocante e desestabilizante. A treinada atriz venceu a incongruência mental e a insuficiência orgânica.

– Desculpe – disse com dificuldade e o notou erguer a mão e abrir a boca, como se pretendesse dizer alguma coisa.

Ela não soube o que ele queria falar. Nunca saberia. Saiu. Deu as mais rápidas passadas que as pernas alcançaram dar. Uma vez fora da farmácia, correu. Correu de verdade em uma fuga mortal. Entrou no primeiro táxi que encontrou. Imersa na quente segurança do veículo, largou-se no banco e disse o endereço do seu apartamento e respirou. Estava aliviada com a certeza da distância de quilômetros que se abria entre eles. Afinal, o que Hades, ou Adonis, ou Mitchell Petrucci, fazia em uma farmácia? Ele não era o tipo de ser que deveria se materializar em uma loja comum, em um bairro comum para comprar remédios, ou alimentos, ou cigarros comuns, ou qualquer outra coisa que os humanos normais precisam. Não! Ele era um ser que só devia existir em coma, ou nas revistas, ou nos jornais, ou nos mitos, é óbvio. Não na sua cidade, muito menos perto do seu bairro.

Mas que merda, ele não estava na Grécia velejando? Que porra estava fazendo em Nova York? Ou pior, que porra estava fazendo em uma farmácia esbarrando com ela?

Logo que a jovem saiu de sua frente, Mitchell levou alguns instantes para recuperar o prumo, talvez o fôlego também. Aqueles olhos, aquele rosto o deixou paralisado. Como um estúpido amorfo, incapaz de articular meia palavra, teve a impressão de já tê-la visto em algum lugar. Um rosto daqueles dificilmente passaria despercebido. Vasculhou a lembrança atrás do possível reconhecimento, nada; não encontrou. Acreditou que ela deveria parecer com alguma mulher famosa ou alguém que ele conhecia.

Então, deu um passo à frente e pisou em algo. Se abaixou para pegar. Recordou que ouviu o barulho de algo cair, quando a moça ainda estava parada à sua frente. Agarrou o objeto e soube que era dela. Rodou o corpo com agilidade a fim de tentar devolver. A porta automática abriu, ele deu dois passos a fora. Procurou atento olhando para os dois lados da rua. Desapareceu. Fixou-se na caneta que segurava com uma não absorvida firmeza. Ela tinha na parte superior uma foto de Nova York e na parte inferior uma única frase: “moça mais linda da cidade”. Guardou-a no bolso do casaco.

Francesca antes de entrar em casa ouviu a risada de Lilly. Abriu a porta e viu a amiga largada no sofá, falando ao telefone. Deixou a bolsa em cima do balcão da cozinha. Olivia ergueu a sobancelha em um gesto de boas-vindas. Ela retribuiu.

– Não – disse Lilly. – Francie acabou de chegar, vou ver com ela. Espere um pouco.

– Fran, é o Tom. Estamos combinando de ir lá no Jaqueline com um grupo logo mais, topa?

Ela assentiu em um pensativo silêncio.

– Não acredito – Lilly fez uma dancinha comemorativa. – Tom, Francie topou.

Uma pausa mais tarde e Lilly ainda comemorava.

– Sim, como nos velhos tempos!!!

Outro breve silêncio.

– Até mais. Beijo. – Desligou.

Francesca servia-se de uma taça do vinho já aberto e guardado na geladeira.

– Quer? – Ergueu a taça à amiga.

– Agora não, obrigada! – Lilly levantou do sofá se aproximou dela. – O que deu em você para aceitar ir dançar?

– Estou me sentindo disposta. – Abriu as mãos em gesto displicente. – Depois do encontro surrealista de hoje, acho que se sair para dançar, terei a oportunidade de encontrar com resto do Olimpo ou com um sapo mágico.

A amiga que já estava de costas virou para encará-la.

– Quem? – curiosidade nos olhos perguntava.

– Mitchell Petrucci.

A boca se Olivia desenhou um “Oh!” enquanto os olhos azuis punham-se como dois vasos.

– Onde?

– Na farmácia. Nem sabia que esse tipo de ser podia circular por via livre, sem precisar de algum tipo de permissão especial. –



Deu um gole no vinho. – Ele parecia tão comum – estalou a língua –, hã, como um deus do panteão grego humanizado.

A amiga se aproximou e tocou em suas mãos.

– Está bem?

Francesca encarou-a como se Olivia tivesse acabado de esbofeteá-la.

– Claro que sim!

– Que bom, sendo assim, vou me arrumar. – Lilly saiu da sala. Deixou-a sós com um copo de vinho pousado nos lábios e muitas divagações na mente inquieta.

Francesca sabia que sim, estava bem. Há sete meses, a sua vida passou a não ser mais cinza e tornou-se negra. Ela lembrava o longo caminho que percorreu, até alcançar as saudáveis matrizes misturadas dos tons. Foram três meses lendo para uma projeção de homem, construindo-a e acreditando que era real. Apaixonou-se pela antítese dos seus próprios medos e pela síntese de todos eles. Na mesma ferrada proporção, esta adorada figura projetada ofertava conforto e segurança. Entretanto, também crescia e a engolia no mais profundo umbral das suas limitações, como se uma mão invisível a seduzisse rodeando-a de prazer, enquanto outros braços pouco notados, puxavam-na afundando-a dentro da escuridão; muito fundo. O caminho de volta foi longo, penoso e duro, mas ela percorreu-o.

Durante esse quase um ano desde que Mitchell saiu do coma, Francie se trancou no quarto. Voltou a sair, dançou, pintou, produziu. Não teve nenhum relacionamento. Estava difícil se relacionar consigo mesma. Naquele momento, não queria e não podia se relacionar com ninguém. Desde que lançou o livro, a sua

energia estava direcionada para o trabalho. Saía poucas vezes à noite e quando fazia voltava para casa antes da meia-noite. Os amigos nesta nova fase reclusa a apelidaram de “Cinderela obcecada”.

Diziam que ela estava obcecada com o trabalho, obcecada com a dança, obcecada com as práticas diárias de meditação e com o ioga e que não restava tempo para mais nada em sua vida. Naquela noite estranha, em que mitos ganhavam vida e esbarravam com pessoas normais em farmácias, Francesca intuía que talvez fosse uma oportunidade de romper a barreira das doze badaladas. Arriscar avançar pela madrugada sem correr o risco de virar abóbora. Acompanharia os amigos em uma das baladas mais agitadas da cidade.

## Capítulo 22

A noite de Mitchell Petrucci também foi muito agitada, apesar de estar na confortável tranquilidade de sua cama. Ele teve o sonho erótico mais intenso e real de sua vida. Acordou tão atordoado e desconcertado que por instinto foi checar a situação da calça do pijama. Fez isso quase rezando, apesar de se considerar ateu – “Deus, não, não” – pediu.

Ocorreu.

Teve um sonho molhado como um pré-adolescente. Não. Muito pior, pois um pré-adolescente não tem mulheres reais em sua vida, por isso sonha com elas.

Foi pelos sonhos recorrentes que uma semana atrás procurou um psiquiatra. Queria tentar entender os intensos sonhos com uma mulher sem rosto e com histórias muito reais que ele continuava retratando. O Dr. Goldberg receitou um antiosilítico. Mitchell resolveu tomar o remédio, mas se recusou a frequentar o consultório para sessões semanais de análise. Já estava se medicando há setes dias. O remédio já devia fazer o efeito que era proposto, e então? Então, ele ejaculou dormindo. Enquanto possuía nos reinos de Morpheu uma jovem com quem esbarrou em uma farmácia. Uma jovem que ele encarou durante trinta segundos.

Sentou-se na cama irritado. Trinta míseros segundos, resultaram em um sonho erótico. Passou as mãos no cabelo e bufou impaciente. Se levantou e trocou de roupa.

– Inferno – murmurou jogando a peça suja no roupeiro.

Quantos anos tinha desde que isso ocorreu pela última vez? Doze? Treze no máximo.

Escovou os dentes, olhou o relógio: 04h45 Am.

Foi para o estúdio, estava irritado demais para voltar a dormir.

Pintaria alguma coisa.

Se enganou, ele sabia o que queria retratar, mas não admitiu a si mesmo. Não até começar a esboçar dois olhos verdes que exigiam e sim, um rosto definido; algo além de borrões. Quando terminou, uma hora e meia mais tarde, analisou consigo mesmo.

Era uma beleza sem ar, seduzia o seu inconsciente, era sensual no extremo do seu delírio – concluiu.

Retratou-a como um negativo, em tons de magenta e terra cota. Apenas os olhos verdes fixos. A imagem fluídica como um jorro de cores. A tinta escorria pelo canto de um dos olhos e da boca. Pescoço arqueado, apenas um pouco. Lábios entreabertos para poucos. Olhar entrecerrado com peso do jorro e as mãos flutuando no pescoço e as pontas dos dedos tocando-se e os braços em asas. Ela estava dançando. Era um dos retratos mais, mais inquieto que já pintara.

Sem falsa modéstia.

Admirou-o alguns momentos. O som ambiente foi preenchido pela *Sétima Sinfonia* de Beethoven. Fechou os olhos. Então, o

retrato falou. Falou? Sim. Não moveu os lábios, nem sequer emitiu um som audível. Falou em sua mente:

“Tenho um presente para você. Um disco com a Sétima de Beethoven.”

Sentiu o coração disparar. Piscou fundo. Levou as mãos aos olhos.

Estava enlouquecendo!

– Isso tem que acabar ou ao certo enlouquecerei – concluiu com peso.

Os sonhos, as pinturas, a alucinação noturna teriam que acabar. Voltaria a procurar ajuda especializada se fosse preciso. Mas esta obsessão louca não poderia prosseguir. Passou as mãos no cabelo em um gesto nervoso. Esfregou os olhos cansado.

*Deus.*

Estava conversando com um retrato. Muito mais grave, desejava como um louco beijar, absorver cada pedaço daqueles lábios, daqueles olhos, do pescoço e de um corpo que nem mesmo sabia se existia em algum lugar fora de sua mente. Fez uma negação com a cabeça. Isso acabaria agora.

Decidiu.

Mas o seu surdo inconsciente não o ouviu. Nem sequer dividia um décimo da mesma resolução. Nos trinta dias que seguiram, ele continuou sendo atormentado por sonhos vívidos e absurdos. A mulher da farmácia, ou a dançarina do retrato, o visitava e entrava nas histórias. Sobre o que tinha controle Mitchell agia. Só pintou em doze, das trinta noites mais nervosas. Quando cedia, ia derrotado, desgostoso e um pouco angustiado por se render. Então, os retratos

tornaram-se mais vivos. Ela – a jovem – fora desenhada em algumas poses distintas. No último, a cara aquarelada quase apagada, exprimia o êxtase. Um clímax. O olhar entregue e a boca comemorava silenciosa, como se pudesse de algum lugar do seu próprio inconsciente vangloriar-se por ter vencido. Vencido? Sim. Quando ele a pintava, ela vencia.

– Ele continua pintando – disse Paul Lambert na sala de estar da mansão em Connecticut, sentado com as pernas cruzadas, os braços largados, o corpo solto com todo o conforto.

– Já não havíamos entendido que isso não era um problema? – Silvia Petrucci grudou as sobrancelhas em evidente desconfortável dúvida.

– Sim, ele está ótimo, é o Mitchell de sempre. Talvez ainda mais pragmático, afiado e competente. – Paul esticou as pernas. – Se passou pouco mais de um ano desde o acidente e a única alteração evidente em seu comportamento é o fato de ter adquirido hábitos noturnos artísticos. No mínimo curioso, mas nada preocupante.

– Sendo assim, acho que já é mais do que hora de retirarmos a observação profissional de cima dele – Silvia foi enfática.

Paul sacudiu a cabeça.

– Ele sabe que está sendo... seguido, por isso estou aqui, para conversarmos.

– Sabe que somos nós? – Silvia ficou pálida.

– Eu falei a verdade.

– E ele? Como reagiu?

– Disse-me com toda a tranquilidade que os nossos investigadores poderiam trocar informações, já que desde que ele descobriu que nós contratamos alguém para segui-lo, há mais cinco meses, ele também contratou alguém para nos seguir.

– Deus, Paul! – Silvia arregalou os olhos. – Conheço Mitchell, essa é a maneira de afirmar que está furioso, e mais, de deixar claro que não é nenhum joguete em nossas mãos.

– Ao menos agora não precisamos mais nos preocupar com qual seria a reação dele se um dia soubesse que nós, bem... – hesitou e soltou o ar com força.

Silvia levou as mãos à boca desconcertada.

– Que fomos amantes – completou no lugar dele.

– Sim, ele sabe que nos víamos desde antes da morte de John.

– E agora? – Silvia ficou ainda mais lívida, porém não perdeu a postura empertigada.

– Ele disse que os casos extraconjugais do falecido pai não eram segredo a ninguém e desejou que nós fizéssemos bom proveito – Paul deu um sorriso amarelo.

– Como ele pode ser tão frio? – Ela apertou as têmporas e disse com a voz inundada da mesma incredulidade nervosa que envolvia. – Que tipo de reação é essa?

– Reação típica de Mitchell Petrucci. – Abriu as mãos no ar. – Disse também que ficássemos à vontade para mantermos a vigilância em cima dele, porque ele manteria o mesmo controle sobre nós. – Paul aclarou a garganta e concluiu pesaroso: – Fez questão de deixar claro no mesmo tom cordial que tinha material suficiente das nossas vidas para dois anos de escândalos.

– Ele nos ameaçou? – Silvia exigiu com a voz um pouco mais alta.

– Não, Silvia, foi apenas para que entendêssemos o recado de que se nossas intenções não fossem honestas ao investigá-lo, que pensássemos duas vezes antes de fazer qualquer coisa contra ele.

– E agora? Como as coisas vão ficar? Meu Deus. Por isso nunca quis fazer isso, Paul, eu conheço o filho que tenho...

– Expliquei para ele por que tomamos essa decisão e jurei que dispensaria o serviço, pois já era mais do que comprovado que ele estava 100% recuperado. Tentei mostrar que foi pensando no bem dele e da empresa que adotamos essa medida.

– E ele?

– Ele disse quase me fuzilando com os olhos que se foi pelo bem dele e da empresa que agimos, que não havia motivos para desconforto. Aconselhou-me também a esquecer esse assunto. Disse que o sucesso da Petrucci & Co. acontece porque os seus gestores entendem que o número de quadros que ele pintou durante as noites e o número de vezes que o vice-presidente comeu a mulher do fundador não é o número que define os resultados do banco.

– Estamos ferrados – desabou Silvia de olhos fechados.

– Acho que não. – Paul entrelaçou os dedos sobre o colo em um gesto tranquilo. – Ele fez isso para que entendêssemos, enquanto nós acreditávamos estar o investigando, ele, não só sabia o que estávamos fazendo, como realizava o mesmo trabalho sem ser descoberto.

– Isso que ele fez foi outra tentativa de vingança pelos erros que atribui a mim. – Silvia estava arrasada. – Até porque, se



quisesse ter feito alguma outra coisa além de nos humilhar, não teria esperado por meses, já teria feito.

– Esse é o Mitchell – concluiu Paul, lacônico.

## Capítulo 23

– Está certa de que irá sozinha? – perguntou Lilly da porta do apartamento.

– Sim. – Ela não tinha certeza, mas sabia que era inevitável estar sozinha.

– Estarei aqui em casa te aguardando, me ligue assim que puder ou se precisar de algo.

– Vai dar tudo certo. – Fechou os olhos e suspirou. Francesca ouviu a porta do apartamento ser fechada. Recostou-se na parede que separava o hall da escada. Lembrou-se do dia, uma semana atrás, que resultou no encontro ao qual se dirigia.

Estava em uma tarde de autógrafos, promovida por uma livraria, quando uma voz feminina mudaria todo o curso das coisas.

– Oi, muito prazer. – Ela olhou a mão estendida da jovem, que devia ter no máximo uns vinte anos.

– Pode assinar para mim? – Pediu a jovem colocando o livro em sua frente.

– É claro – foi simpática –, como se chama?

– Isabel Andretti. – A jovem sorria.

O ar do ambiente se tornou escasso. As mãos perderam a estabilidade. Ela apenas conseguiu levantar o rosto da contracapa do livro para encarar a moça, que dizia ter o sobrenome da família do seu pai. Podia ser apenas uma sádica coincidência. Engoliu a seco. Piscou fundo e agarrou a caneta com força. Escreveu:

“Isabel Andretti, obrigada por ler. Com carinho, Francesca Wiggs.”

Fechou o livro e tornou a olhá-la, dessa vez dentro dos olhos. Tinham o mesmo tom de verde dos seus. Respirou fundo e encontrou a força, a coragem de perguntar. Ela sabia que precisava fazê-lo.

– Isabel, você conhece Antonio Andretti? – Prendeu o ar antes de ouvir a resposta.

– Sim, claro. – Os olhos da jovem brilharam reconhecimento. – É meu pai.

– Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Tudo girou em um turbilhão incontido de emoções bagunçadas. Estava na frente da sua irmã. Estava na frente da irmã que ela não teve.

– Conhece meu pai?

Francesca piscou muito fundo, respirou muito fundo, o ar preencheu o nariz, garganta, tórax e abdôme e espantou as lágrimas.

– Não, mas minha mãe conheceu e – hesitou, a voz estava trêmula. – Me parece que foram muito amigos na juventude – conseguiu falar.

– Mas que incrível – a jovem vibrou –, ele vai adorar conhecê-la. Vou chamá-lo.

Os livros do mundo todo despencaram na cabeça de Francesca. Ao menos foi isso que ela sentiu que acontecia. Atordoou-se tanto que viu tudo rodar. Como o *looping* de uma montanha-russa. Imersa na maior propulsão emocional que deveria existir, ela esboçou um sorriso incerto.

– Ele sa... – gaguejou –, sabe que você está aqui? Comigo?

A menina franziu o cenho.

– Acho que não, ele está ouvindo uns CDs e eu vi que você estava autografando os livros. Li a orelha, me interessei e vim até aqui... Por quê?

Ela mal tinha forças para falar.

*Deus, por todos os maiores fundamentos da existência, não aqui, não agora.* – Pensou com inútil vontade e concluiu a tentativa de afastar tal acontecimento:

– Isabel, deixe para outro momento. Não incomode seu pai – alcançou falar mais como um sussurro do que com palavras firmes.

– Besteira – disse a menina girando o corpo –, já volto com ele.

Isabel saiu e o seguinte da fila se aproximou. Francesca não conseguiria falar, continuar, assinar qualquer coisa. Sentia o corpo inteiro tremer e talvez o chão também tremesse por reflexo. Levantou e foi incapaz de se sustentar em pé. Apoiou as mãos na beirada da mesa. Lysa, a sua editora, que conversava com um grupo de pessoas próximo a ela, segurou seu braço dando algum apoio.

– Está bem, Francesca? – Lysa soou preocupada.

– Não, de repente fiquei tonta e...

– Está pálida – tocou no seu ombro –, sente-se e respire.

– Não, não posso. Tenho que sair, preciso tomar um ar.

Todos ao redor a olhavam com expressões atentas e preocupadas. Então, tudo passou muito rápido. Ela conseguiu avançar alguns passos. Lysa a segurava, guiando-a entre pernas e corpos que abriam passagem para ela seguir adiante. Ouviu a voz de Isabel muito próximo:

– Ela disse que você foi muito amigo da mãe dela na juventude.

– E como se chama a mãe dela? – a voz masculina derrubou tudo o que restava do seu autocontrole.

– Não sei, não perguntei. Mas veja – apontou Isabel –, aqui está ela.

Colocaram-se a sua frente.

– Pai – soou a voz distante. Francesca sentia sucumbir para o fundo de um túnel profundo e escuro. – Esta é Francesca Wiggs. – Afundou de vez.

– Lysa – Francesca murmurou –, me ajude a ficar em pé. – A amiga e editora, no mesmo momento, apoiou o seu braço sobre o ombro firme.

Francie, que olhava para baixo, viu dois pares de calçados, uma bota feminina, meias grossas marrom e um sapato fino preto masculino; calças de lã escuras. Devagar e respirando na medida em que o ar permitia, ela levantou o olhar, até encontrar o rosto, tão esperado por ela. Os olhos verdes, ela sonhou tantas vezes que um dia a olhariam, a reconheceriam. Os cabelos grisalhos, tão diferentes do loiro escuro, que ela conheceu na fotografia. Um

semblante forte que ela capturou de todas as noites em que o esperava. E as lágrimas abundantes, inevitáveis e incontidas escorreram cobrindo a face. Elas contavam, uma a uma, os anos de ausência. A desilusão da espera, a dor da rejeição, a angústia da falta. Da falta... de qualquer motivo que justificasse tudo aquilo.

A expressão daquele homem; o homem que deveria ter sido seu pai; que deveria ter guiado os seus passos e irrigado a sua vida, se desvaneceu. Ele empalideceu em segundos. Em segundos pareceu perder a capacidade de respirar, assim como ela. Lá no fundo, tão branda e apagada, a voz de Isabel apresentou-a. Era possível que não soubesse de nada de toda aquela história.

– A mãe dela, como te falei, foi sua amiga, pai. – A jovem olhou para Francie e percebeu que a escritora vinha com o rosto pálido e coberto de lágrimas. Isabel ficou confusa.

– O quê? O que houve? – Olhou para o pai que levava a expressão de quem viu um fantasma. – O que está acontecendo?

O homem paralisado apenas olhava Francesca atônito e não respondeu à filha, que insistiu um pouco mais nervosa.

– Pai, o que está acontecendo?

– Isabel, você terá que me dar alguns minutos a sós com a senhorita Francesca.

– Como assim? Por quê? – Isabel tinha a voz repleta de ansiedade.

– Isabel, agora – ele foi um pouco mais enfático – vou te explicar tudo, antes de sairmos daqui, está bem?

A menina assentiu. Olhou para o pai e depois para Francesca e saiu aturdida e impactada.

Lysa que ainda apoiava Francesca, foi próximo à sua orelha:

– Quer sair daqui?

– Não, não mais. – Ela enxugou as lágrimas.

– Vou segurar e entreter a fila dos autógrafos. Você tem condições de ficar sozinha?

– Acho que sim. – Firmou os pés no chão e respirou lenta e profunda, enquanto na mente ensaiava: “1, 2, 3, 4 inspira, 1, 2, 3, 4, retém 1, 2, 3, 4, expira”. Alguns anos de práticas de pranayama tornavam-se muito úteis. Muito. Ela acreditava que ao menos não desmaiaria mais.

Lysa se afastou e eles se encararam por alguns minutos em silêncio, como se fosse errado falar qualquer coisa. Este silêncio, sufocante e antecessor, era a presença que nunca houve sendo reconhecida, trazida à tona e encarada de frente.

– Por quê? – foi a única coisa que ela conseguiu dizer.

– Não saberia explicar.

Ela sentiu seus olhos nublarem outra vez.

– Tantos anos – ela disse sem perceber que falava.

– Sim – respostas curtas.

– Tantas vezes que te procurei... Por quê? Nunca, nem uma ligação?

– Não há motivos, Francesca – fez uma pausa e disse –, foi como aconteceu...

Silêncio. Pesado. Duro. Inquietante.

Havia tudo e nada por falar. Francesca engoliu uma vez mais o choro. Não sentia o corpo, não ouvia ao seu redor, só percebia aquela figura masculina à sua frente. Ele que foi o enredo dos seus dramas, da sua potência, a prova da impotência, da culpa e a exigência da superação. O mito ganhava forma. O invisível causador da criança ferida estava personificado.

– Você é muito bela, Francesca, é parecida com a minha mãe, a sua nona italiana de uma maneira assombrosa – ouviu-o dizer.

– Nunca – gaguejou –, nunca tinha visto nem mesmo uma foto minha?

– Apenas de quando era criança e depois... mais recentemente.

[Silêncio.]

– E agora? – ela não sabia mais o que dizer.

– Agora vou encontrar Isabel, vou falar quem é você e, se ela quiser, voltará aqui para te conhecer de verdade.

– Ela sabe da minha existência?

– Sim – ele respondeu.

– Ela sabia quem eu era?

– Não, ela não sabia o seu nome.

Francesca apenas assentiu.

O homem chegou a girar o corpo; então, deteve-se. Olhou-a.

– Perdão, Francesca – desviou o olhar para baixo –, me perdoe por tudo.

Dois simples palavras “perdão, me perdoe”... Seria assim tão simples? Haveria chance de um perdão sincero pelo o que passou?



Por toda a dor, por toda fria realidade do abandono consciente? Ela não soube responder. Calou-se.

Foi assim que encontrou o pai e logo em seguida a irmã, que veio lhe abraçar chorando. Isabel e ela conversaram por algum tempo e trocaram telefones. Para Francesca conhecer a irmã, apontou algum resgate que valeria a pena em tudo aquilo. Mas também, alargava um pouco a dor de todo engendro passado.

Esta era a irmã que ela foi privada de ter.

A irmã que não dividiu as roupas, nem o quarto, nem os segredos, nem as conquistas. A irmã que não foi.

Isabel era uma estranha, uma desconhecida... Mas era a sua irmã.

Isso era confuso e esperançoso. Chegava tão fundo que provava que existem situações que levam a uma descicatrização. "E o que significa manter a cicatriz?" Ela se questionou algumas vezes. Não encontrou a resposta. Talvez o tempo dissesse.

Na noite depois do encontro, Francesca ligou para mãe e contou tudo. Sophia esteve em Nova York há poucos meses para o lançamento do livro de Francesca.

– E como você está? – perguntou após um silêncio longo a consternada mãe.

– Estou bem.

– E o que pretende fazer?

– Não sei. – [Ouviram-se uma longa exalação.] – Eu dei o meu telefone para Isabel e creio que a procura deve vir do lado de lá.

– E Antonio? – A voz de sua mãe era suave.

– Se despediu e saiu sem prometer nada.

– Filha... – silêncio. – Apenas me preocupo com você, não quero vê-la sofrer por criar expectativas e por reviver o drama do passado.

– Não vou criar expectativas. Deixarei as coisas acontecerem.

– Está certo. Sabe que tem o meu apoio sempre, seja qual for o caminho que escolha seguir.

Ela entendeu com o passar dos dias o abrandar das primeiras tempestuosas emoções, e que deixar o tempo acontecer sem projetar ou esperar era mesmo a melhor decisão. Até que em três dias ele ligou.

– Francesca – soou a forte voz masculina no outro lado da linha.

– Sim.

– É Antonio Andretti.

Um longo silêncio.

– Francesca?

– Sim, estou aqui – ela respondeu por fim estabilizando-se. Sentou no meio fio da calçada onde caminhava.

– Eu preciso conversar com você. Você aceitaria? – Ele aclarou a garganta. – Você aceitaria almoçar comigo?

– Sim – nem pensou.

– Este fim de semana estou fora da cidade, podemos nos encontrar – uma breve pausa – nesta terça-feira, 08 de Novembro, às 13h no restaurante do The Surrey? Pode ser?

– Pode ser – exalou o ar sem pressa. – Está marcado.

E este era o encontro do qual ela se dirigia, naquele dia de outono ensolarado. Ela esperava por isso há 27 anos. Chegou quinze minutos depois da hora marcada, fora um atraso não planejado. Mas levado, talvez, por sua disposição em não querer mais esperar por Antonio, nem um único minuto que fosse.

## Capítulo 24

Ele já estava lá. Sentado em uma mesa redonda confortável; tranquilo, como se esperasse uma amiga de longa data; como se houvessem passado a vida inteira juntos. Não parecia estar ansioso ou mesmo desconfortável. Muito diferente de Francesca, que mal podia respirar ou se manter em pé.

“Enfrente o fantasma, mate-o” – isso ela dizia a si mesma enquanto caminhava entre as mesas. Ele sorriu, levantou-se e tocou de leve no seu ombro.

– Boa tarde, posso? – Aproximou-se no evidente intuito de cumprimentá-la com mais intimidade. Ela anuiu e Antonio deu um beijo casto na sua testa. Sentaram-se em seguida.

Olharam o cardápio em um constrangedor silêncio. Fizeram os pedidos como se estivessem a sós na mesa. Francesca começava a se perguntar se aquilo valeria a pena. Antonio falou, para provar que valeria:

– No começo eu não planejei que as coisas fossem assim. – Levou o copo de água até à boca. – Depois de um tempo, veio a decisão. – Ela manteve-se calada, convidando-o a continuar, o que ele fez.

– Quando conheci sua mãe, estava me formando em Jornalismo. Pouco depois, ela estava grávida e durante mais de um ano após o seu nascimento eu procurei por uma oportunidade boa de emprego – Antonio falava sem fazer pausas, como se precisasse justificar também para si mesmo as próprias atitudes e escolhas. – Quando vim para cá – a voz era tranquila e a expressão inalterada, mas os olhos, esses estavam inquietos –, no início, as coisas foram muito difíceis e não sobrava tempo para nada. Eu trabalhava por 12, às vezes 14 horas por dia. Queria te ver, saber como estava... Mas... mas com o tempo entendi que não havia espaço para uma família na minha vida, não naquele momento. Por isso tomei a difícil decisão de não procurá-la mais. Assim também daria a oportunidade da sua mãe conhecer alguém e reconstruir a vida dela. – Fez uma pausa, recuperou o fôlego. Era essa a única falta recuperada. – Foi uma escolha, Francesca, talvez não tenha sido uma das mais nobres.

Outro gole na água, ela apenas ouvia.

– Na época, eu não pensava que nunca mais a veria. – Jogou um olhar fixo para a toalha, como se encontrasse na trama branca um porto muito mais seguro do que no verde olhador à sua frente. – Então o tempo passou, um ano após outro, e quanto mais tempo passava, mais difícil ficava para voltar atrás. – Antonio pigarreou limpando a garganta. – Parecia quase impossível retomar um pedaço da vida que foi perdido e... hã, hã – mais uma limpeza da laringe – ... E ele estava tão distante, que eu já nem sabia como alcançá-lo. Sentia que não haveria mais lugar para mim em sua vida. – Hã. – Anos depois eu me casei. Construí uma nova família. Hã – puro desconforto culposo na garganta –, o pouco que eu sabia de sua mãe e de você era que estavam bem. – Encarou-a depois de outra longa limpeza e disse: – Não consegui, Francesca. – Fez uma

pausa, dessa vez sem pigarros penosos. – Refiz minha vida e com o tempo parecia não haver mais como encaixá-la nela.

Foi a vez de Francesca olhar para baixo. Ela sentia uma mistura de tudo que era possível sentir.

– Eu esperei por você durante quinze anos. Metade da minha vida – disse e voltou a fitá-lo com determinada profundidade. Não perderia esse olhar por nada, não perderia a expressão do rosto dele por nada. – No começo, não entendia por que eu era a única criança sem ter um pai... O meu avô foi a única figura masculina da minha infância, mas ele morreu quando eu tinha quatro anos. Eu, eu costumava imaginar que você era um herói, um príncipe que morava em um reino muito distante, por isso nunca chegava. – Suspirou. – Quando era pequena e perguntava todos os dias, todas noites por você, minha mãe chorava e eu achava que você também viria resgatá-la e que ela também sentia muitas saudades. – Outro suspiro. – Não entendia que ela chorava por mim. Minha mãe apenas respondia que você me amava muito – o ar revolia e tornava a volver entre os olhos, as palavras, entre a distância nunca encurtada –, mas que não podia estar presente... Então eu te via chegar como um príncipe de conto de fadas, algumas vezes em um cavalo e outras voando em um dragão. Mas, nos meus sonhos, você sempre chegava.

Os pratos chegaram à mesa e Francie guardou silêncio.

– Obrigada – disse para o garçom que a serviu. Aguardou ele se afastar. – Os contos de fadas, não têm finais decepcionantes, em que o príncipe se deixa corromper por um reino distante e nunca resgata ninguém. Eu aprendi isso por mim. Às vezes, o príncipe coloca fogo na torre para fugir com a madrasta; o sapato não serve; o fogo não é apagado e se você não correr sozinha queimará junto

com ele – ela ignorou a desconfortável pedra na garganta. Suspirou. – Eu fugi, mas engoli muita fumaça até entender que você não viria me salvar. Na verdade, Antonio – Francie desabafava com a voz muito clara, quase sem demonstrar o mundo de emoções que a queimava por dentro –, eu acreditava que tinha que te provar o quanto eu podia ser boa para que você voltasse. Nas vezes em que eu te procurei e que você não me quis, apesar de não admitir isso nem para minha mãe, eu sentia que você não se orgulhava de mim e... por isso, não queria me ver. Então, muito cedo... comecei a escrever histórias. – As lágrimas agulharam os olhos de Francesca, que lutava para não derramá-las. – Sabia que você escrevia e morava em Nova York. Queria ser famosa como você, nesta cidade que sempre pareceu, quando era criança, tão assustadora. Acreditava que assim você me ouviria, que assim você viria. – Mexeu-se na cadeira. – E não é irônico que tenhamos nos encontrado enquanto eu assinava os meus livros? – Bebeu água para engolir o choro. – Eu passei quinze anos o esperando e depois quase quinze costurando os buracos dessa espera.

Ele permaneceu um longo tempo em silêncio, enquanto Francesca jogava com a comida no prato, empurrando algumas garfadas para dentro da boca.

– Eu sinto muito. Eu não imaginava... Eu – hesitou.

– Francesca, não posso alterar o passado – disse por fim, querendo sentir-se menos culpado.

– Mesmo que eu pudesse, creio que eu não o alteraria, hoje não mais – a voz dela saiu confiante. – Entendo que tudo o que sou é por causa da história que eu tive. Somos resultados das nossas escolhas e das escolhas daqueles que estão junto de nós. – Sorriu com os olhos baixos. – Neste caso, longe. As coisas são o que são.

Mesmo que mantenhamos uma boa relação, o que somos hoje jamais ocupará o lugar que não foi um dia – concluiu.

O homem aclarou a garganta com todo o desconforto de volta a fala.

– Chamei-a, Francesca, porque se não nos encontrássemos por acaso, logo iria te procurar.

Ela sentiu o coração acelerar. Afinal, o que faria o homem que a rejeitou durante quase trinta anos querer vê-la?

Foi isso o que ele disse?

Que a procuraria mesmo que não houvessem se encontrado? Ou ela estava delirando? Efeito da angústia e da nervosa situação.

– O quê?

– Minha mãe faleceu há um ano na Itália, na Sicília. – Ele tirou o largo guardanapo do colo e passou de leve pelos lábios. Pegou em um movimento rápido uma pasta que estava colocada no assento de uma das cadeiras desocupadas.

Francesca, que quase não tocou na comida, sentia um bolo no estômago demandando a sua atenção. O cenho franzido que levava sem perceber, não era resultado da indigestão e sim da expectativa que passou a lhe digerir. O que Antonio iria tirar da pasta, após falar da avó recém-falecida? O que sabia dela era que tinha o mesmo nome que o seu.

– Essa era Francesca Andretti, a sua nona, e este é o motivo de ter te procurado. Ele estendeu um papel envelhecido e ensacado em um plástico.

Uma fotografia? Dá para acreditar?



Após 27 anos de ausência e espera, ele afirmou que a procuraria para mostrar uma foto velha? Não encontrou o menor sentido naquela descabida e inaplicável atitude, até fixar-se no retrato. As mãos gelaram. O frio subiu para estômago e desceu as pernas.

– A semelhança é mesmo impressionante – disse Antonio, demonstrando que notava a surpresa estampada na expressão dela.

– Ela sabia da minha existência?

– Sabia, Francesca. Antes de você nascer, liguei para ela na Itália e contei que a batizaríamos com o seu nome. Ela ficou muito emocionada.

Antonio tornou a mexer na pasta. Francesca não desviou o olhar da foto e ouviu.

– Você foi a primeira neta dela. Ela veio da Itália para visitá-la, pouco antes da minha partida para Nova York. Você tinha pouco mais de um ano. Quando te conheceu, chorou durante uma hora seguida. Repetia a todo momento que você era a cópia dela.

Francesca não conseguia tirar os olhos do retrato, e a sua surpresa crescia conforme Antonio prosseguia.

– Sua nona teve dois filhos homens, o seu sonho era ter tido uma menina. Dizia que ia te levar para Itália e que iria te ensinar tudo sobre os nossos costumes, nossa língua. Que você era a filha que ela não tinha ganho de Deus. Ficou dois meses contigo em Rutland. Então, eu vim para cá e após tomada a decisão de me afastar... Pedi a ela que não se intrometesse mais nesse assunto. Disse que isso não cabia a ela julgar ou resolver. – Ele olhou para

baixo triste, com a expressão daqueles que sentam no banco dos réus e admitem a sua culpa.

Francesca engoliu uma ânsia no estômago, uma repulsiva incredulidade e antes que vomitasse em cima do prato, a voz de Antonio cobrou a atenção.

– Ela era uma italiana muito forte e determinada. Durante anos me enlouqueceu e me torturou pelo afastamento e pela minha decisão de não criá-la e de não vê-la mais – ele fez uma pausa para respirar, demonstrando que era humano, afinal. – Estou confessando, Francesca, os meus erros mais sombrios, não me orgulho deles. Nada justifica, nada que eu possa te dizer apagará as minhas faltas. Portanto, entenda. Não estou aqui para te convencer a me perdoar e nem mesmo para tentar te mostrar que houve alguma razão, além do minha covardia e talvez da minha juventude excessiva, por seu abandono. Mas a sua nona, como dizia... – deu um gole no vinho e tornou a usar o guardanapo.

Antonio era todo um italiano, Francesca concluiu enquanto o ouvia.

– A sua nona ficou três anos sem falar comigo. Então, quando reatamos o contato, não havia uma só ligação, ou carta, em que ela não perguntasse de você. Como eu nunca sabia o que responder, com o tempo ela deixou de perguntar. Pareceu entender e respeitar por fim a minha escolha. – Ele suspirou com expressão exaurida. – Disse há pouco que a procuraria de qualquer maneira, independente do nosso encontro. Porque ela faleceu um ano atrás e nós, hã, a família, tínhamos algumas propriedades na Itália. – Ele levantou o rosto que estava curvado em direção aos papéis espalhados à sua frente e o verde se misturou com o dela. Os olhos dele estavam alagados como os dela. Era apenas um homem. – A

sua nona deixou para você, em testamento, a casa que foi dela na Sicília. A casa na qual ela morou a vida inteira.

Ele não era um mito, entendeu, percebeu e sentiu. Humano demais, não um herói de contos, nem um vilão, monstro carrasco; apenas um homem, com suas fraquezas, medos e tormentos revelados ali, espelhados no olhar.

Isso não apagava, não alterava e talvez nem mesmo explicava o porquê. Mas ele foi sincero, e, Francesca, de certa maneira, sentiu algo que no começo custou a identificar – um momentâneo respeito. Afinal, não devia ser fácil para um homem que aparentava ser tão orgulhoso, sentar na frente de uma estranha que era a sua filha, encarar talvez o que foi o seu maior erro e abrir-se daquele jeito, após tantos anos. Ele poderia continuar fugindo, se escondendo e buscando a rota da negação. Sem dúvida um caminho mais fácil. Porém, ali estava ele com a crua verdade e isso era tudo o que podia ofertar. Francesca levou as mãos aos olhos e seu corpo tremeu convulsivo pelo choro que permitia sair.

Antonio enxugou as lágrimas com o guardanapo já amarrotado.

– Eu não te procurei antes, pois as questões jurídicas tinham que ser resolvidas, agora está tudo certo e desimpedido para que a casa seja passada legalmente para o seu nome, se assim você aceitar, é claro.

Era uma casa na Sicília e que pertenceu à mulher que foi sua avó, a quem ela pouco soube durante a vida, mas que aparentemente a amou. Um amor maternal. Aquele que se contado em uma história pareceria inventado.

– Ela te amava, Francesca. Mesmo tendo conhecido tão pouco de você, sempre a amou. Só não te procurou, pois me respeitava,

respeitava o meu erro, respeitava a minha culpa e engrandecia a minha vergonha. Aqui está a prova do que o que falo é real – a voz dele agora demonstrava culpa. Falha. Fraca, quase quebrada. Ele retirou da pasta um envelope muito grosso e colocou em cima da mesa. – Recebi junto com testamento, nunca soube que ela fazia isso. Acredito que ela contratou alguém que a manteve informada. Olhe e comprove você mesma.

Ela pegou com os dedos incertos e tudo dentro de si transbordava instabilidade. Abriu-o com cuidado e retirou. Uma, não, muitas fotos, muitos textos, recortes de jornais.

Comprovou com os olhos turvos e a confusão de quem toma um murro sem saber de onde veio – fotos dela criança, bem pequena; saindo da escola, no parque brincando, no quintal na frente da casa de sua mãe, na igreja, na rua de mãos dadas com a sua avó materna, esquiando, estudando e nas aulas de balé. Dezenas de retratos da primeira, segunda infância e da terceira também; com os amigos no pátio da escola e então mais fotos, na adolescência e em apresentações no teatro do colégio e nos clubes de literatura. Cópias dos seus textos que foram publicados em concursos literários. Eram ao menos uma centena de fotos de todas as fases de sua vida. Na faculdade e com Olivia. – Algumas fotos e papéis conforme vistos eram gotejados. – E com Jessy. – O rosto virou lágrimas. – Na sua formatura, no Central Park – sozinha namorando a cidade e em restaurantes –, fotos e anúncios das peças que participou. Fotos com Vince e outras com Tom. Meu Deus! Meu Deus!

– Meu Deus – disse.

– Sim, ela acompanhou tudo sem que ninguém soubesse e era o seu desejo que você herdasse a casa que ela amava.

Um silêncio longo movido pelo enorme mundo que se movia dentro se interpôs.

– Eu não sei o que dizer.

– Apenas aceite – ele pediu com os olhos turvos, como se isso pudesse também reaver uma parte do seu próprio abandono.

Não era pela casa, nem pela propriedade na Sicília que Francesca sentia-se mergulhada em uma congestionada translação emotiva. E sim porque uma parte de quem ela era, parte daquela família desconhecida a tinha amado, a tinha querido e foi por esta razão que ela quis aceitar. Como se pelo gesto dessa herança tão simbólica, ela pudesse resgatar o que nem sabia, estava perdido. Iria resgatar algumas raízes que foram arrancadas da terra e esquecidas. Parte de uma história que ela foi proibida de participar.

– Eu aceito – disse sentindo que a atitude da avó, ao certo, resgataria muito mais do que as raízes que foram negadas a pertencer. Resgataria um pedaço seu que ficou entupido no passado, preso pelo abandono, obstruído pela rejeição. Sentiu que o amor que a avó paterna, até então uma desconhecida, sentia seria capaz de soltar amarras da alma. E nunca na sua vida, se orgulhou tanto do nome que carregava.

– Terá que ir à Sicília – Antonio entregou um envelope –, são os documentos necessários para transferência.

O resto do almoço passou como se fosse um encontro de negócios. Antonio explicou tudo o que ela precisaria fazer para passar a casa para seu nome. Disse também que ela poderia obter dupla cidadania e que, se quisesse, ele indicaria a pessoa certa para ajudá-la com o processo.

No fim do encontro pai e filha recém-conhecidos, não fizeram promessas e nem juras de perdão, nem mesmo falaram que se veriam algum outro dia naquele planeta. Francesca achava estranho como algumas coisas na vida parecem orbitar perdidas sem nem ter começado, sem nunca terem sido. De outras nunca sonhadas, nasce algo fértil repleto de sensações mornas e aconchegantes. Repletas de útero e cheiro de terra molhada. Talvez fosse melhor assim, que aquilo que nunca tenha sido fosse deixado deste mesmo jeito como estava, sem ser. Fora da gravidade da sua existência. Existem faltas e mágoas que podem ser superadas, mas que em definitivo, não podem ser resgatadas e não são esquecíveis. Olharia para o aspecto do resgate que enchia a sua realidade tocada, sua avó, uma casa, a Sicília. Uma nova possibilidade. Algo fértil. Uma avó que amou-a como uma mãe.

Um amor entregue, não explicado, incondicional.

## Capítulo 25

Mitchell analisava uma série de fotos sobre a mesa. Na frente dele, dois dos seus principais executivos.

– Ele recebeu as cópias?

– Sim – respondeu Anthony Crown, um homem calvo e magro. Diretor chefe financeiro.

– Já entramos em contato?

– Sim, falamos com ele agora há pouco – disse Paul Lambert.

– Ele vai responder – Mitchell olhou as fotos outra vez com um sorriso sardônico. – Mas quem diria, cordas e algemas e chicotes.

Mitchell guardou as fotos em um envelope.

– Eu propus a Fishman que entrássemos nisso como parceiros... há meses, quando toda essa merda veio à tona.

Mitchell mencionava o dia da reunião com a EPEX, uma das maiores companhias energéticas dos EUA. Jonas Fishman, CEO do R. Fishman & Co. – uma das grandes siderúrgicas do país – sabendo da negociação avançada da JPG com a YKW – gigante petrolífrica russa –na surdina e junto com a EPEX, propôs sociedade aos russos.

Yerik, presidente da YKW, voltou atrás. Após mais de dois anos de exaustiva negociação, o Russo deu para trás. Yerik afirmou que uma união com a EPEX poderia ser interessante e sugeriu a Mitchell que a JPG se juntasse a eles.

Na reunião que ocorreu em Dallas – há seis meses – na sede da EPEX, a JPG propôs entrar como parceira, já que todos os termos estavam acertados entre eles e a YKW, já que devido à entrada da EPEX e da Fishman tudo mudou de figura e a YKW estudava as duas propostas. A JPG já tinha aprovado todos os trâmites legais. Se eles trabalhassem juntos, poderiam ganhar muito tempo.

– As exigências do filho da puta do Fishman que bagunçou o nosso negócio são absurdas. Ele não quer um sócio, ele quer um palhaço. Depois de todo o nosso trabalho nesse projeto, com maior parte do investimento sendo nossa, ele teve a coragem de exigir 45% da nossa parte.

– Eu sei – contrapôs Paul. Mitchell parecia desabafar em voz alta, ou se justificar.

– O que propusemos a Fishman é que aceite nossa primeira proposta de compra da fatia deles – Anthony disse esticando-se na cadeira.

– E ele? – Mitchell perguntou.

– Ainda não respondeu... Mas, não tem saída... Você sabe.

Todos sabiam que Jonas Fishman era um conservador convicto, que o sogro dele era senador republicano e que o filho lançaria sua candidatura ao governo da Carolina do Norte – berço da empresa Fishman – pelo Partido Republicano nas próximas eleições. O que ninguém sabia, nem mesmo a sua respeitável esposa, é que Jonas



tinha preferências sexuais nada conservadoras – gostava de sair com homens e praticava BDSM nesses encontros.

As fotos recebidas por Fishman eram as mesmas que Mitchell analisava com um renovado bom humor. Nelas, o empresário praticava os seus apetites sexuais com um homem, de maneiras criativas e nada convencionais. A resposta de Fishman não seria diferente do que Mitchell esperava.

Jonas era a prova de que para alguns homens a tradição e a família significam as suas propriedades. Se essas imagens viessem à tona, Fishman não perderia apenas a sua família e amigos fíéis puritanos, como também perderia o sangue republicano na política. Certamente, diante de um escândalo desses, todos os seus deixariam o partido nas próximas eleições.

– Marque uma reunião com Fishman e se ele não responder da maneira que queremos... lembre-o de que, além das fotos, ao menos cinco dos maiores clientes dele também são nossos clientes. Lembre-o de que todos eles possuem investimentos pesados, altas dívidas em financiamentos de maquinários e terrenos e outras centenas de transações exorbitantes conosco... Avise-o que se as fotos não forem incentivo suficiente, eu entrarei em contato com cada um desses clientes e contarei a eles que acabo de ficar sócio de Sebastian Kleinfeld – Mitchell brincava com uma caneta dourada em cima da mesa – e que, ao saber disso, é capaz que esses mesmos clientes queiram incentivar a boa vontade do banco em cima das suas transações financeiras e passem a comprar o aço da companhia a qual eu faço parte agora.

– Kleinfeld Group? – perguntou Paul sorrindo.

– Sim... almoçamos hoje e acertamos as condições... Há seis meses venho tratando disso, é um dos meus investimentos

particulares.

– Você, Mitchell... – Paul sacudiu a cabeça – voltou do coma ainda mais... impossível.

Sebastian Kleinfield era dono da terceira maior siderúrgica dos EUA e enorme concorrente do Fishman.

– Mas, me conte, foi bom o negócio?

Mitchell deu uma risada fria.

– Parece que não me conhece, Paul... Se incluirmos o lucro que teremos quando tudo estiver concluído com a YKW, foi um negócio extraordinário.

– Estranhei, porque você sempre me conta sobre os seus investimentos pessoais... E em um caso desses então, aonde estaria envolvido interesses do grupo... imaginei que...

– Oito por cento da parte dele na empresa – Mitchell o interrompeu um pouco ríspido. – Ele me procurou para negociar os termos de um financiamento enorme. Foi quando eu tive a ideia. Estamos tratando desde então. Satisfeito?

Anthony aclarou a garganta desconfortavelmente.

– Eu vou checar alguns relatórios que estão pendentes.

– Eu ainda não terminei, Anthony – Mitchell entreolhou os dois homens.

– Desculpe, Petrucci... eu achei que... esquece.

– O rapaz que pagamos para sair com o Fishman, certifiquem-se de que ele deixe o país por um tempo.

– Já está feito – Paul disse.

– Fale com Tomas Wyatt e peça que ele se livre de todos os arquivos do Fishman.

Tomas Wyatt era um investigador profissional, ex-agente da CIA. Era ele quem o grupo contratava quando precisava investigar qualquer ser vivo.

– Vou fazer isso agora mesmo – disse Paul.

Agora restava acertar os termos da parceria com a EPEX e finalmente infiltrar nos lucros da JPG o petróleo russo.

## Capítulo 26

Mensagem recebida em 9 de dezembro de 2011, às 9h35 da manhã:

“Francesca, é Vince – uma pausa – quanto tempo! Parabéns pelo sucesso do livro, sinto não ter ligado antes, a minha vida também anda muito louca. – Uma exalação lenta. – Francie, ouvi sobre o seu pai, sei o quanto deve estar mexida com tudo isto. Sei também que está indo para Itália e ficará uns meses por lá. – Outra pausa. – Gostaria de me despedir, pessoalmente. Me liga, querida, sinto saudades.”

Francesca apagou a mensagem pensativa. Quase um ano desde a última vez que se encontraram, ele resolveu aparecer. Durante este período, nunca mais o viu e os amigos em comum a lembravam que ele perguntava sempre sobre ela, Francie sempre cortava o assunto. Ligar para ele e retomar a amizade não parecia uma ideia absurda depois de tanto tempo. Sem pensar mais o fez.

- Oi, querida, que saudades.
- Oi, diretor.
- Que sucesso, hein? Estou tão orgulhoso...
- Você ajudou... fez parte disso de alguma maneira.

– Quando você viaja?

– Daqui a dois dias – ela falava com o telefone apoiado no ombro, enquanto vestia um jeans.

– Queria te ver... antes – a voz de Vince saiu baixa.

– Darei uma festa aos amigos mais íntimos aqui em casa hoje à noite, se puder vir... – Trocou o telefone de mão para vestir o casaco.

– Que bom... fico feliz que ainda estou entre os mais íntimos.

– Acho que você foi o mais íntimo de todos.

– Então até a noite...

– Um beijo – ela desligou.

A reunião tinha cerca de trinta pessoas. Vince chegou e logo percebeu que conhecia quase todos os presentes. A música de Hindi Zahra tocava de fundo. Uma das cantoras que Francie mais gostava. Olhou procurando-a. Viu Tom, Olivia e então Francesca junto com os dois. Ela ria de algo que Olivia falava. Desviando entre cumprimentos e acenos, ele se aproximou.

– Boa noite, Francesca.

– Vince! – Abraçou-o. Foi um abraço longo, quase sem fôlego de tamanho aperto. Ele não a soltou durante uma ópera inteira.

– Deus... como senti sua falta – ele disse.

– Eu também, diretor. – Seguraram as mãos encarando-se com uma eletricidade explícita, culpa da distância, da atração palpável e das palavras não ditas.

– Oi, Tom. Oi, Lilly – Vince cumprimentou-os. Olivia respondeu simpática, Tom reservado.

Voltou para Francesca, ainda de mãos dadas.

– Tudo pronto?

– Sim – suspirou com uma expressão tensa. – Tudo pronto.

– Você ganhou uma casa, é isso?

– Da minha avó que nunca conheci, acredita?

– A pobre Francesca terá que passar alguns meses por ano em Taormina – Olivia brincou.

Vince abriu os olhos surpreso.

– Taormina é o lugar mais incrível da Sicília. Deus, Francie, que demais. – Sorriu o diretor, com os olhos mais escuros. Ele a puxou pela cintura, como se nunca houvessem se separado. A sala pareceu ter esquentado uns cinco graus.

– Estou bem – mordeu o lábio por dentro – ansiosa.

– Você vai ficar os três meses sozinha? – Vince quase se insinuou.

Ela abriu a boca para responder, mas Tom o fez antes dela com uma voz não muita amistosa:

– Não, eu e Lilly iremos encontra-lá daqui a dez dias e passaremos uns quinze dias por lá.

Vince ficou em silêncio, um certo desconforto, e Francesca se apressou querendo suavizar o astral da conversa.

– Você acredita que eu em um mês de estudos, já aprendi a falar bastante italiano? Sim, claro – corrigiu-se. – Já conseguia me

virar, devido as aulas durante a faculdade. Mas um mês de imersão em um programa intensivo, teve resultados incríveis. – Colocou as mãos na cintura e assumiu uma postura de desafio descontraído. – Teste-me.

A mãe de Vince, Antonella, era italiana, por isso ele tinha a fluência na língua. Francesca lembrava dos muitos fins de semana que passou na casa de Antonella, onde ouvia-o admirada conversando com a simpática e calorosa mãe. Ele cresceu no Bronx. Filho de um mecânico ruim demais pela falta de sobriedade e metido entre cinco irmãos. Antonella tinha dois empregos para levar. O pai achava que livros eram desperdício de vida e não traziam dinheiro para mesa. Acreditava que se ele virasse um mecânico quase analfabeto como o chefe da casa, no lugar de um peso na cadeia ou capanga de alguém morto, isso já seria de grande feito. Vince era um dos homens mais cultos que ela conheceu. Contava que tudo o que recebia dos bicos que fez quando criança era para comprar livros. Contava que ele lia escondido do seu pai. “Uma paixão proibida e, por isso, mais atraente.”

Francesca se orgulhava dele ser um dos dramaturgos mais respeitados de Nova York e por vê-lo agradecer a falta de incentivo do pai que, segundo Vince, o impulsionou na vida. Gostava de ouvir as conversas em italiano na casa de Antonella e do clima sempre tão aberto e descontraído que aquelas conversas em família geravam. Ele também falava em italiano, no pé do seu ouvido enquanto faziam amor. Ela sempre achou o italiano uma língua muito irresistível. Na verdade, ela sempre achou Vince muito irresistível.

Começava achar que o ter convidado não foi uma ideia tão boa. Tratou de afastar todos os pensamentos envolvendo Vince, cama e italiano.

– Diga para o seu amigo que eu sou um convidado seu, assim como ele. Fale que está tudo bem entre nós e que ele não precisa se preocupar – o diretor disse em um italiano perfeito.

Francie sorriu orgulhosa, pois entendeu tudo e também entendeu que afastar a ideia de Vince, cama e italiano, era muito difícil com ele falando nesta língua. Exibindo-se e abusando do direito de ser sexy.

– Ele tem esse instinto protetor comigo, sempre teve – arriscou em um italiano um pouco mais sofrível.

– Vão nos excluir da conversa? – Lilly enrugou o nariz. – Vou começar a falar em francês com Tom.

Vince olhou para Tom e tentou ser simpático.

– Muito boa a sua peça, Tom, assisti na semana passada.

– Obrigado – Tom em uma educação monossilábica não queria retribuir a simpatia.

George, o namorado de Lilly, se aproximou. Eles saíam juntos há pouco mais de dois meses, e Lilly que era uma pessoa bastante entregue e muito pouco comedida em suas paixões, repetia insistente e quase todos os dias para Francesca que George era o homem de sua vida, que George sim sabia entendê-la e que ela estava apaixonada. Francesca sorria e mantinha-se em um não incentivador silêncio, pois Olivia dizia isso de todos os seus ex-namorados.



Para Francesca, Olivia era as suas risadas ao voltar para casa. A presença dela era confortante como tirar um sutiã apertado, como pisar naquelas bolinhas massageadoras, como calçar um tênis após dançar de salto. Lilly era a irmã que Francesca não teve e a amava, muito. Francesca a entendia sem que ela precisasse falar. Sabia como ela estava sem que fosse necessário perguntar e isso era tão recíproco que chegava a ser irritante. Tinham uma conexão quase de alma. Desfrutavam de tamanha cumplicidade que se apresentavam como irmãs e eram de fato irmãs de escolha. E foi por esta cumplicidade que ela entendeu tudo, antes mesmo que Francesca.

– O que está acontecendo aqui? – Lilly apontou discreta com a cabeça para Vince.

Francesca uniu as sobrancelhas sem entender.

– O quê? Nada.

– Ah, Francie, quem você quer enganar? Ele está te devorando com olhos e você parece que está gostando.

– Imagina, Olivia, Vince olha todo mundo assim.

– Sei – Lilly disse desdenhosa, ela não acreditou.

– Oi, eu sou George, namorado da Olivia – George cumprimentou Vince.

– Eu sou Vince namo... hã...

– Meu ex. – Francie sentiu as bochechas arderem pela maneira quente que Vince a olhou.

– Ah... você é o diretor de teatro, a Francie falou de você.

– Falou? – ele perguntou sem destravar o olhar dela.

Olivia trucidou o namorado com a expressão.

– Quer dizer, falou normal, como se fala de um ex.

– Você faz o quê? – Vince passou o braço sobre o ombro de Francesca.

– Eu sou engenheiro eletrônico.

– O George trabalha com criação de motores para as grandes automobilísticas... ele é o mais perto que eu conheço de um gênio.

– Olivia entreolhava incrédula Francesca e Vince. O diretor cochichava algo na orelha da sua amiga.

– Você fala de mim, Francie?

– Para, Vince.

– Bem ou mal?

– Não sei.

– E como vocês se conheceram? – Vince largou a orelha dela.

– Eu estava em uma festa da *Vogue*, tinha ido com alguns amigos pilotos e...

– Eu estava dançando – Olivia se interpôs.

– Eu derrubei Bloody Mary de propósito na roupa dela – George disse.

– Você nunca tinha me dito que foi de propósito. – Olivia deu um tapinha no braço do namorado.

– Só assim um mortal como eu poderia se aproximar de uma top model... Foi minha única imbecil ideia.

– Imbecil mesmo, era uma roupa do editorial da revista, um vestido caríssimo da Gucci... Eu queria te matar.

– Eu percebi... Nunca, jamais manche a roupa de uma mulher que trabalha com moda – George disse e Vince sorriu.

– Nunca, nunca brinque com roupas quando se trata da Lilly... Eu sei o que eu sofro por não aceitar as roupas de marca que ela quer me dar, quando ganha da revista –Francesca discreta saiu do abraço de Vince.

– Que ridícula, Francie, até parece.

– Atualmente eu aceito tudo com maior gratidão, prefiro não comprar briga.

– Muito sacrifício aceitar *miu mius* e *versaces* – Lilly cutucou.

– Não é sacrifício... eu só não me sinto muito bem vestindo roupas que o preço de uma peça pesa mais que uma mala inteira.

– Só que eu ganho essas roupas, santa Francesca das roupas de baciadas – Francie achou graça e Olivia continuou.

– E eu não sou top model, George.

– Mas para mim era.

– Você não precisava ter derrubado uma bebida em mim, eu já tinha te sacado, já estava de olho em você, morenã. – Olivia disse fazendo beicinho e se pendurando no pescoço do namorado.

– Você nunca tinha dito que já estava de olho em mim.

– Interessante esse clima de confissões, não é, Francie? – Vince disse olhando fundo para ela.

A festa seguiu por mais algumas horas. Vince pediu para ficar até que todos fossem embora, alegando querer conversar um assunto de interesse de ambos. Olivia e George foram os últimos a deixarem o apartamento.

Olivia se aproximou da orelha da amiga.

– Vou dormir na casa de George. Pelo jeito que você e Vince se olham, acho que não vai ser nenhum incômodo, não é mesmo?

Ela reprimiu uma risada:

– Pare de besteira, Lilly – despediram-se.

O apartamento, meio envolto na penumbra, mergulhou no silêncio total quando Vince tirou a música.

– Francesca, eu li seu livro e gostei muito.

– Que bom – ela olhou para baixo –, era sobre isso que queria falar?

– Sim, e eu – ele se aproximou – gostaria de adaptá-lo para o teatro, o que você acha?

– Acho que seria incrível, você já...

– Posso? – Vince sacudiu o iPhone dele e virou para o som.

– Sim – Francesca sentia-se um pouco tensa –, sobre a adaptação, de repente Tom pode nos ajudar, ele já tem até algumas ideias.

As notas de uma música conhecida despontaram, uma das preferidas de Vince.

“Dance me to end of love.”

Ele realmente iria seduzi-la, e após algum tempo sem sexo, isso era... Não queria nem pensar no que era. Ele estendeu a mão direita a convidando.

– Dança comigo pelos bons tempos? Depois falamos da peça – o tom sugestivo insinuava que ele não queria apenas uma dança.

Antes que ela pudesse responder, ele já a enlaçava.

– Vince, eu... Hã, não é uma boa ideia – as mãos firmes na sua cintura a conduziram a unir-se ao corpo dele em movimento. Experiente, ele colou o rosto no dela e um e dois passos e pernas entre as dela e apertou-a ainda mais contra.

– Olhe para mim – exigiu com a voz enrouquecida. Ela o fez desafiadora. – Deus, como consegue estar ainda mais bonita desde a última vez que nos vimos?

– Vince, pare com isto – tentou se desvencilhar. Ele não a soltou.

– Você não imagina como foi difícil para mim ficar todo esse tempo longe, te dar o espaço e o tempo que eu sabia... você precisava.

– Acho melhor você ir embora, eu estou carente e parece que você também, essa combinação não pode...

– Ser melhor – ele concluiu.

– O problema é que talvez você queira algo além daquilo que eu quero. Veja agora, eu te deixei ficar e você quis dançar e nós sabemos aonde isso vai... Ah... – Prendeu o fôlego, a língua do diretor contornou a sua orelha e disse: – Eu não quero nada além de uma noite e talvez você aceite, porque é homem. Mas amanhã eu vou para Itália e quero que continuemos amigos e você talvez queira que continuemos de outra maneira.

– O que eu quero – ele disse próximo à orelha dela, intercalando as palavras com leves mordidas – é fazer amor com você a noite inteira. Não estou pensando no amanhã.

Ela bateu com um pé no chão, tentando restabelecer o enterrado autocontrole.

– Pare de falar em italiano.

– Não vou pedir nada de você, Francie. Só quero o que está disposta a oferecer. Apenas uma noite de sexo? Que seja. – Não esperou e cobriu os lábios femininos.

E Francesca era humana e não podia negar que existia uma química gigante entre eles, enquanto todo o seu corpo respondia com vontade própria. Seria apenas uma noite e já fazia tanto tempo... Que mal teria isso? E oh... meu Deus! A língua dele abria uma trilha de fogo no pescoço e as mãos habilidosas abriam o botão de sua blusa. Ela arqueou as costas, quando os dedos do diretor estimularam os seus seios. Não pensou mais em nada, apenas repetia para si mesma:

“Só uma noite, só uma noite.”

Francie estava muito convencida disso, mas Vince, que afirmou compartilhar da mesma ideia, enquanto a fazia recordar o porquê ficaram três anos juntos, dentro de um relacionamento muito sexual, demonstrou que tinha outras expectativas. O diretor foi ao seu ouvido pouco antes de levá-la ao segundo clímax da noite e disse:

– Você é a mulher da minha vida, Francesca.

Foi uma covarde manipulação... Deus! Ela estava no ápice, no ponto mais alto da ladeira libidinoso, mesmo assim, cega de prazer, ela chegou a negar.

– Não sou – relutou ofegante. Enquanto ele aprofundava as investidas como se quisesse marcá-la, contrariá-la.

– É a única e sempre será. – A voz dele estava tomada pelo o esforço.

– Para de falar isso! Pare de... – foi mais um gemido do que um pedido.

Ele obedeceu de outra maneira. Retirou-se dela levando-a ao descontrole. Francesca, dominada pelo desejo, aferrou-se às costas dele, afundou as unhas na pele.

– Não para, me fode, porra, não para!

Vince a beijou com loucura e se colocou nela outra vez. Foi aí que se perdeu. Não ouviu mais nada do que ele repetiu torturado e obcecado. As palavras passaram como um borrão de sons.

– Você é a única, a mulher da minha vida, eu te amo tanto.

Não teve certeza se respondeu algo, pois tudo se fundiu e escureceu e ela foi domada pelo clímax explosivo, violento e brutal.

Gritou, de raiva, protesto, puro prazer.

Instantes depois, Vince desmontava em cima dela o seu peso. Instalou-se um vagaroso ofegante e pesado silêncio. Até que Francesca recuperou parte da razão e essa recente restauração não foi nada pacífica:

– Seu filho da puta – disse entre dentes empurrando-o. Sentou na beira da cama. – É você o filho da puta, Vince, não eu.

– Não estou pedindo nada, Francesca, mas sou livre para falar o que eu sinto. – O diretor também se sentou.

– Não desse jeito, seu monstro – ela levantou e pegou uma roupa no armário, enfiou uma camiseta e uma calça de moletom. –

Manipulação sexual? – Deu uma risada fria. – É mais baixo do que eu achei que você fosse capaz de chegar.

– Não quis te manipular, falei o que sinto e sei que apesar de você negar é o que sente também – ele disse com a firmeza de um diretor. Comando e a sua vontade exposta. Passou a se vestir rápido.

– Eu deixei claro que não ia te dar nada além de uma noite de sexo. Agora você quer que eu assumo que papel? De uma covarde? De uma lunática insensível? Sendo que aqui é você o único filho da puta doente. Não vai conseguir fazer com que me sinta culpada – abriu a porta do quarto. – Fora, Vince.

Ele caminhou tranquilo até o batente onde ela apoiava as costas.

– Eu não te esqueci em um ano e não vou te esquecer nunca, porque você é a mulher da minha vida. – Segurou com firmeza a sua nuca e apertou os lábios nos dela. – Você é minha, Francie.

Ela o empurrou.

– Você não é uma mulher que faz sexo casual, eu sei muito bem o que temos quando estamos juntos, eu te amo e vou continuar te esperando até que você lembre – ele falou com uma autoridade displicente, virou as costas e saiu.

Francesca gritou:

– Vai morrer esperando, seu louco.

Estava muito emputecida com ela mesma, porque sabia que Vince tinha razão. – Ela não era. – Nunca conseguiu fazer sexo sem envolver uma ou mais complicações em sua filosfal mente emocional. Com Vince, a permissão para o recente sexo foi um ato



desesperado de carência. Deixaria o país. Aliviada, respirou. Senão, Deus a livrasse se ele voltasse a ser Vince na vida dela.

## Capítulo 27

Um túnel estreito que revelou uma cidade... Fascínio. Era uma parte esquecida da vida, um canto guardado do mundo que resistia ali. O túnel baixo, estreito como uma toca para carros, construía a passagem para o esquecimento. No final da toca, uma vila de ruas apertadas de cores e cheiros e tons de paisagens; uma cidade pitoresca; uma casa de coelhos que acabava em uma vila de bonecas.

Alegria era mais espontânea em Taormina. As jardineiras sabiam disso. Quase todas as janelas espontaneavam sorrisos. Para comprovar isso, as flores falavam e o ar falava e o constante sapatear nos pisos pedreava tudo ao vento. Até mesmo o teatro grego, deixado pelo tempo, continuava a dramatizar emoções vivas e peças não enterradas.

Na cidade guardada depois da toca, tudo era fora do espaço. Pequenos antiquários meio bagunçados por peças inteiras ou metade de jogos de chá. Cristaleiras de coleção estendidas a meio passo. Casas de pedra entre outras de cor disfarçadas de olarias, estantes de bonecas e de louças cheias de pincéis. Lamparinas erguidas por ferros enrugados envelheciam saídas de gente e entradas de ar. Sinos de campainha, anjos gordos nos telhados,

vasos nos degraus das escadas e louças de cor desbotadas de pó grego viviam entre as pedras faladoras e as portas de fadas.

No fundo de tudo se via aonde tudo levava, ao azul de mil plurais. O mar envergava-se nas curvas dos carros e do vale. Casas aventureiras montanhavam a mais privilegiada vista. Além do estupendo plural, Taormina também tinha em suas terras o titã do fogo Etna. Palmeiras e pinheiros, deuses gregos e pétalas, frutas em esquinas, pedras e flores de barro, tudo exalava um duelo pluralístico na cidade depois da toca.

Na vila moravam cerca de nove mil pessoas. As vozes nos becos de casas gastas eram óperas inteiras. Sim, as pessoas em Taormina se expressavam não somente com a voz. Colocavam a alma em seu corpo e pareciam que cantavam e dançavam mesmo quando diziam apenas:

– *Bon giorno, signorina* Francesca!

Francesca chegou uma semana atrás e foi recebida no aeroporto de Catania. Encontrou uma placa com o seu nome e um senhor encorpado e desconhecido. Na verdade, a única coisa que conhecida ali era o nome na placa. O estranho falava um inglês carregado, usava um terno um tanto gasto e se nomeou como Rafael Frazetta. Ela sempre sorriu para as placas que apresentavam as pessoas nas saídas dos terminais.

– Sou o advogado que Antonio Andretti contratou. Fui eu quem fiz a transferência da escritura da casa para o seu nome, também estou cuidando dos detalhes do seu pedido de cidadania. – O homem estava meio atropelado com as palavras ainda no aeroporto, ainda segurando a placa.

Ele levou-a ao seu escritório que ficava em Messina. Francesca assinou alguns documentos, que outorgavam em definitivo a casa de sua avó. Fizeram a viagem no carro dele até Taormina.

– A sua nona foi uma grande mulher – disse Rafael na viagem de carro. Conheço-a desde que eu era um menino. Ela fazia as melhores massas e doces que existiam na Sicília, gostava de receber os amigos e os parentes apenas pelo prazer de cozinhar.

Rafael entregou uma pasta, as chaves da casa e um envelope.

– A sua nona me deu este envelope e pediu que te entregasse no dia em que recebesse a casa.

Francesca agradeceu, ensaiando um italiano cada vez mais desenvolvido. Naquele dia, surpreendeu-se tanto com a beleza do local, que não restou espaço para observar as pessoas nas ruas que a olhavam curiosas. Entraram em uma estrada apertada e começaram a serpentear morro acima.

– A casa da sua nona – Rafael se corrigiu. – A sua casa tem uma localização privilegiada.

Continuaram em um intenso zigue-zague de curvas fechadas e estreitas. Alguns poucos quilômetros a mais até que o carro parou. Rafael saltou do veículo e abriu um portão de ferro oxidado, ele recortava um muro coberto por hera. Do lado de fora dava para ver apenas o final da casa. Ela era colorida em tom de telha lavada. Ao entrar, viu uma casa grande de dois andares, amplas janelas de vidros bisotados e venezianas verdes. A casa foi retirada de um cartão-postal romântico. Ao lado direito, viu um jardim com flores e palmeiras e...

– Videiras? – Sim. – Rafael cheirou o ar. – Sua avó fazia um vinho maravilhoso.

O espaço das videiras era cheio de raios de luz, os fios costuravam locais. O jardim era também disputado por pássaros que bordavam junto aos raios vazados. – Naquele local, o tempo não existiu. Ela sorriu ao ver a jovem Francesca Andretti cuidando das videiras e sentada balançando sonhos. Suspirou sem pressa ao se ver criança colhendo raminhos de flores e oferecendo aos cabelos dourados de sua avó.

– Ali, naquele lugar aberto – o advogado apontou com a cabeça, desertando-a de seu devaneio –, onde tem a mesa, sua nona costumava receber os amigos para ceiar.

– No meio de um jardim mágico – Francesca levou deleite aos lábios. Dirigiram-se para porta de entrada.

– É uma belíssima casa. – O advogado colocou a mão na fechadura. – Sua nona era muito cuidadosa, estava há um ano fechada. Quando soube que você vinha paguei algumas senhoras da vila para fazerem uma boa limpeza e comprei roupas de cama e banho novas. O jardim também foi recentemente cuidado e, ao que tudo indica, a parte elétrica e de canos estão funcionando bem – ela viu a porta abrir e sentia-se como uma criança que estava prestes a entrar no armário de Nárnia.

A casa, a princípio escura pelo choque visual da recém-abandonada claridade, ganhou dimensão. Rafael abriu as cinco grandes portas da parede, uns dez metros à sua frente. Uma espaçosa sala com móveis clássicos, poltronas e sofás forrados de azul-turquesa e marfim. Logo notou dois lustres de cristal colocados em cada um dos ambientes. Lustres de camadas como bolos de casamento. Viu uma lareira central com base de mármore e o chão de largas tábuas corridas. A sala de jantar tinha uma mesa redonda e cadeiras com assento de memórias entrelaçadas.

Quantas vezes a sua avó percorreu aquele cômodo com o olhar? E o pai de Francesca cresceu ali?

Vozes trançadas em diversas cenas correram tudo o que estava recém-clareado. Um menino correu entre as cadeiras atrás de uma gato fugido e um grito apelou bom comportamento, italiano demais.

A sua nona, sem estar presente, deu não apenas uma casa, móveis ou um jardim. Ela outorgou o direito de participar.

Conforme as portas escorregavam uma a uma, a claridade absorveu os olhos de Francesca, eles arderam. Água de olhar levada pela gravidade ao constatar a vista que encerrava a sala. As portas largas guardavam a visão de um paraíso. Uma imagem removida de um quadro de Monet e Munch. Um grito de cores.

– Meu Deus do céu – foi uma resposta reflexiva.

– Sim, Francesca, é um privilégio – Rafael a entendeu.

A varanda corajosa debruçava-se no morro e se estendia como uma trepadeira a perder de vista. O quadro de Monet parecia estar lá, apenas para ela. No horizonte, ao lado direito, o vulcão solitário coberto de branco estava em pé. Então, reclamando a atenção sem a menor humildade, o mar abria-se à frente com o infinito azul.

Depois de abandonarem o alpendre impressionista, eles percorreram os quartos no andar de cima. Entretanto, foi na cozinha o último espaço da casa visitado que Francesca sentiu que era onde estava o coração da casa. E ele era alegre e cheio de vida. Ele pulsava em gomos de cristaleiras patinadas, em pincas de louças pintadas à mão com flores e frutos. Ele batia em panelas de cobs penduradas e paredes cobertas por azulejos amarelos desbotados. Havia também uma larga mesa com tampo de mármore cheio de

artérias. Em cima dela uma janela retangular ampla, os ventrículos da vista para o jardim.

Francesca colocou as mãos sobre o tampo gelado e logo percebeu no canto dele um livro com capa de couro verde surrada. Abriu-o e percorreu uma caligrafia que desfiava receitas com capricho detalhado. Esta era a letra da sua avó. Ergueu a cabeça e disfarçou jogando um olhar pelo teto as lágrimas que queriam ler as receitas.

– O gás já foi ligado, a geladeira e o fogão são antigos, mas estão funcionando bem. – Rafael era dedicado.

Ela agradeceu e pagou uma boa contribuição por toda a educada atenção e por todos os gastos que ele tivera a fim de acomodá-la.

Quando Rafael se foi, Francesca sentou na varanda de Monet em uma das cadeiras almofadadas, pegou o envelope pardo que Rafael entregou e puxou uma única folha de papel. Era uma carta de sua avó e estava escrita em inglês. Francesca fechou os olhos, respirou fundo algumas vezes, desenrolou-os devagar e leu:

“Minha querida Francesca

Se está lendo essa carta é porque você aceitou o meu presente. Obrigada! Durante muitos anos eu pensei o que poderia deixar para uma neta, que nem saiba quem eu era... Esta pergunta me acompanhou por muito tempo, até que um dia sentada na varanda, olhando algumas fotografias suas, eu entendi. Entendi que a única maneira de você me conhecer, mesmo após a minha partida, seria essa. Hoje sinto como se a conhecesse tanto e tão bem que parece que nunca estivemos ausentes da vida uma da outra. Você pode se perguntar por que em tantos anos não me

apresentei, ou não fui atrás de conhecê-la... Eu mesma me perguntei isso incontáveis vezes. A resposta é: não sei. O que sei, e para mim basta, é que mesmo longe eu a amei como cabe a uma avó amar a sua neta. E se você está lendo esta carta é porque sentiu esse amor.

A casa como um bem não tem maior significado que um monte de pedras arranjadas, mas como uma herança para você, ela é o alicerce para que o meu amor transborde em seu coração e irrigue a sua vida. Eu fui muito feliz nesta casa e cada canto dela guarda um pouco do que fui. Casei-me, tive meus filhos e foi nela que os criei também. Fiquei viúva na meia-idade, a minha vida foi repleta de coisas humanas. Esta casa vivia com flores e com muita comida sendo humanizada.

Ao lhe deixar esta casa, que guarda a história da minha vida, não deixo apenas recordações mudas que se ajustam nestas paredes. Deixo, minha querida Francesca, a oportunidade de você continuar criando a sua história por meio destas mesmas pedras, sob este teto e deixo, sobretudo, a chance de nos conhecermos, pois sempre a estive olhando. Você era a menina dos meus olhos e se tornou muito bela, dizem que somos parecidas e eu me encho de orgulho com isso.

Olhe pelos móveis da casa, você encontrará outras fotos suas em porta-retratos. Eu as exibia com o orgulho de uma segunda mãe. Dizem que avó é mãe com açúcar – risos –, deixei para você um livro de receitas cheio de doces para os seus dias. E também deixei um caderno que deve estar na penteadeira do meu quarto, onde conto tudo o que você deve saber da vila para sentir-se em casa em Taormina.



Querida Francesca, obrigada por ter vindo e por ter me aceito em seu coração. Você sempre esteve no meu e agora que amanheço e anoiteço no céu, continuarei a olhar por você com o sons do sol que acorda. Que a cor lenta das estrelas seja os meus braços invisíveis.

O amor é muito maior do que a presença. Amo você, minha menina.

Sua Nona.”

Algumas lágrimas mancharam a caneta sobre o papel, um par de mãos cobriu o rosto e o resto de sol nos olhos com um rio cheio de coisas para contar.

## Capítulo 28

Com o passar da primeira semana, Francesca percebeu que não foi um simples caderno de notas que a sua avó deixou. Ela conversava com as páginas, ria, argumentava com as linhas, discordava da caneta e não se sentiu só, nem durante um único momento. Levava o pequeno livro embaixo do braço e passeava com as palavras cheias de voz.

“Francie – começava assim uma das páginas –, o melhor sapateiro é o senhor José, ele tem dois filhos que são casados e é viúvo. Faz um trabalho sem igual com botas e com couro. Se precisar dos serviços dele pechinche.

As melhores frutas são as da banca do senhora Lucinda Giacomo, procure chegar cedo para comprá-las. A senhora Lucinda vive com cinco gatos e nunca se casou, conhece todas as histórias da vila é uma pessoa, como poderia defini-la? Que gosta de falar bastante da vida dos outros. Creio que ela sente muito carinho por todos e não consegue guardar tanto bem querer”. – Francesca virava as páginas e os olhos iam soltos juntos com a sua nona letrada.

“Temos um médico maravilhoso na cidade. É um daqueles médicos antigos, que não esqueceram a sensibilidade no trato

humano... Sai de casa de madrugada se for preciso, para atender mesmo que seja uma enxaqueca persistente ou uma incômoda unha encravada”.

Ela se sentava nos cafés e nas praças, nunca só e o tempo passava sem que ela notasse. Depois, ia em sua busca particular conhecer as pessoas e lugares apresentados a ela com total singularidade. Ia de mãos dadas com o caderno.

“A melhor costureira é a senhora Felipa. Entregue a ela de olhos fechados até mesmo o seu vestido de noiva quando for casar. Felipa é daquelas que só existem nos contos hoje em dia, porém aqui em Taormina ele é real. Costura com um tal primor que se virar a roupa do avesso e se esquecer de desvirar não conseguirá distinguir depois qual o lado de vestir por dentro e por fora. Não se veem pontos, emendas e nem sobra de costura. Foi uma das principais ajudantes de Versace e hoje trabalha apenas para pessoas conhecidas. Diga que é minha neta, ela lhe atenderá com dedicação. Foi a mãe dela quem fez o meu vestido de noiva. Isso a gente deixa entre nós duas, tendo em vista que a senhora Felipa não é nenhuma mocinha”.

Em outra página leu com um sorriso pousado nos lábios e um gosto doce na vontade.

“A confeitaria, que é a porta para qualquer paraíso, é do senhor Lucianno e da sua esposa Mariana. Lá, os doces têm sabor de luz colhida do céu. Os melhores *cannolis* sicilianos saem da sua cozinha. São feitos por essa família há gerações. Há uma lenda que conta que um poderoso padrinho exigiu a receita secular guardada sob sete chaves, com uma discreta arma apontada para o avô de Lucianno. Dizem que o padrinho só se convenceu a sair sem a receita quando o doceiro jurou fornecer diariamente uma dúzia das

iguarias. Pergunte a Lucianno, ele adora contar essa história, e não deixe de deliciar-se enquanto escuta. Prove todos os doces feitos lá, não apenas os *cannolis*, são algo qualquer sem explicação. Eu? Não deixava de provar, todos os dias”. – Risadas. – “Aqui é Itália, Francesca, os homens gostam das mulheres mais... saudáveis.”

E lia, e lia, e lia; Francesca milagrada pela voz muda de sua avó.

“A melhor livraria, sei que gosta muito de ler, é a do senhor Giovanne. Ele tem livros de colecionadores. É um cantinho único de Taormina. A livraria funciona desde 1830. Eles mantêm na mesma família o ofício de restaurar livros antigos. A sua esposa, Beatriz, faz todas as tardes um bolo de milho que não existe igual. Serve-o quentinho aos clientes.” – Risadas. – “Não preciso dizer que muitos vão lá apenas para desfrutar desta iguaria e acabam comprando um livro por pura felicidade de suas satisfeitas saciedades”.

E continuava a caligrafar a voz de sua avó: o melhor músico, o escritor mais famoso, as melhores praças, as melhores festas, restaurantes, as famílias que eram suas amigas mais próximas, o melhor vinho, a melhor massa, o melhor peixe, o melhor horário para assistir ao pôr do sol e o melhor local? Sua varanda. Francesca não duvidou de nada, havia uma riqueza em tudo aquilo. Ela se achava uma privilegiada por ter ganho mais esse presente de sua nona.

Depois de uma semana em Taormina, Francesca era acalorada nas ruas pelos cumprimentos com alegria e com tamanho entusiasmo, que sentia ter nascido e sempre morado lá. Estava em uma cidade vinda das cores, em uma casa laranja-verdejada por tantas folhas, cercada por azuis de todos os céus, com vista do fogo vermelho cheio de branco no topo, comidas que exalavam matizes

completas, ruelas de afrescos, pessoas saídas de livros ilustrados.  
Ela estava deslumbrada.

# Capítulo 29

## 29 de dezembro

– Diz aqui que a melhor festa de Ano-Novo da cidade acontece na praça central. – Francesca jogou o corpo no balanço no jardim.

– Sem querer desrespeitar a memória de sua avó, Francie, mas acho que ela já devia ter mais de oitenta anos quando escreveu esse diário. Devíamos perguntar a alguém da nossa idade. – Tom abriu uma garrafa de vinho.

Tom e Olivia já estavam lá há nove dias e, após terem passado o Natal mais incrível de suas vidas, assim como todos o definiram, procuravam algo para fazer na virada do ano. Francesca celebrou o Natal como a sua avó descreveu que costumava fazer. Por ser uma cidade pequena e muito católica, o Natal era uma festa bem importante para eles.

Francesca chamou umas cinquenta pessoas e entre os convidados, as pessoas conhecidas por intermédio do caderno. A celebração foi um festivo almoço no jardim. A graça marcante desta comemoração não era apenas sentar e comer, isso, segundo eles, já faziam todos os dias. Por isso, a “natalização” começou dois dias

antes do Natal. As mulheres invadiram com toda a sua alegria italiana a grande cozinha de Francesca. Passaram os dois dias dobrando os *capeletis* que foram servidos na ceia. Enquanto os homens, que pouco ajudavam no preparo da massa, se encarregavam de manter as taças de vinho de todos sempre muito cheias.

Foram tantas dispostas risadas com som de vinho e tantas variadas histórias com gosto de farinha que no final desses dois dias Lilly e Tom já arriscavam um italiano muito mal falado e Francesca já mal arriscava, pois falava como se o tivesse estudado há anos. Todos brincavam afirmando que tal desempenho linguístico era resultado do sangue italiano que fervia em suas veias.

– Podemos perguntar para Marcello, o filho de Augusto, o dono da pesqueira que a minha avó indicou, lembra?

– Aquele que não tirou os olhos de você quando foi lá semana passada? – Lilly brincou.

– Ele mesmo... quanto a não tirar os olhos de mim... – Francie negou com a cabeça.

– Eu achei que ele não tirava os olhos de mim – Tom disse entre risadas.

– Um americano irresistível como você, nem os famosos machos italianos resistem. – Francesca abaixou e elevou a sobancelha.

– É isso, Fran. – Olivia suspirou exagerada. Arrume um amante italiano, aí esse cenário bucólico de Taormina ficará... perfeito.

– Aí sim, ela nos abandona e não voltará nunca mais. – Tom torceu a boca. – Eu não voltaria no lugar dela.

– Vince era um amante italiano, e vejam só no que deu... – Francesca serviu as taças de vinho.

Olivia deu de ombros.

– Vince era um pseudoitaliano, mais queria ser do que era de fato. Estou falando de um italiano de verdade, nascido, criado, selado, carimbado e registrado aqui.

Francesca e Tom gargalharam.

– Que ótimo, e que me dê autênticos filhos italianos – Francesca adicionou com fascínio. – Imagina uma prole italiana, com os narizinhos sujos de farinha trigo, falando “mama” e puxando a barra da minha saia enquanto eu dobro massas no balcão.

– Ai, credo – disse Tom com escárnio –, falando assim, parece um filme de terrormance, só faltou dizer que o seu marido entrará com a barriga saliente e aparente um palmo para fora da camisa, cheirando a peixe, bêbado ao meio-dia e apertará a sua bunda enquanto pede o almoço.

– Mas que horror, vou embora da Itália amanhã! – Francie elevou as mãos para cima em um gesto de súplica.

– Não! – disse Olivia com ar exagerado de seriedade. – Prefiro pensar que o marido italiano moreno, alto, bonito e sensual vai entrar na cozinha ao meio-dia, e Francesca estará picando um tomate com naturalidade, pois ela adora cozinhar. Então, ele a ergue em cima do balcão enquanto declara no pé do ouvido que só é feliz quando está dentro dela e a prole italiana é só uma gentil consequência dessa felicidade.

– Acho que vou morar na Itália! – Francesca suspirou com vontade.



– Eu também – Tom tinha a voz divertida. – Será que encontramos um assim gay e sem a gentil consequência?

– Vou procurar no caderninho da minha nona. – Francesca se dobrou de rir junto aos amigos.

A festa de fim ano, segundo a informação de Marcello, acontecia em uma praia particular e era oferecida por um dos milionários que tinha casa na ilha. Para sorte e alegria de todos os envolvidos, Marcello era amigo de infância do tal “milionário” e podia levá-los a tira colo no seu barco. E para sorte ou azar de Francesca, ela ainda não havia decidido, Marcello era alto, forte, tinha uns trinta anos, moreno, olhos azuis, bem azuis; muito azuis, como o mar da Sicília e atraente; bastante atraente!

Olivia, que estava tão apaixonada por George, o seu namorado engenheiro, muito charmoso e correto, não conseguia se conter. Mantinha-se de maneira correta ou não, flertando com Marcello com uma acintosa disposição. Francesca e Tom sorriam das investidas de Olivia, que era muito atraente e, por isso, não passou despercebida dos olhos azuis e galantes de Marcello.

Estavam no Catamaran a caminho da concorrida festa e já haviam esvaziado três garrafas de champanhe em casa: o nada comedido e muito pretensioso “esquenta”. Nada comedido, pois estavam em três, o resultado óbvio disso e que qualquer criança primária poderia deduzir sem esforço, é que tomaram uma garrafa inteira cada um deles. Muito pretensioso, pois esse número de fácil dedução só indicava as altas pretensões que eles colocavam em cima daquela noite. Noite esta que logo no início já mostrava para que vinha.

Francie ia vestida com um longo de linha fina azul tomara que caia e um casaco de uma lã mais grossa na cor azul-marinho.

Estava como Tom a descreveu: “uma visão do paraíso”. Lilly vestia calça social preta cintura alta, tipo pantalone e blusa de renda preta justa de mangas compridas, por baixo dessa, um colante branco que evidenciava as suas curvas. Tom a descreveu como “matadora”. E o querido Tom usava calça social azul-marinho, camisa sem gola slim e um blazer de veludo caqui por cima. Estava, como Francie e Lilly o descreveram, “um gato”. Quem olhasse para os três de longe, entenderia que haviam se preparado para uma festa elegante, quem olhasse mais de perto, acreditaria que eles se preparavam para passar mal de tanto beber.

Olivia ia agarrada, pendurada nos braços fortes de Marcello, que estava no timão e dizia para justificar-se:

– Não consigo me manter em pé, as ondas não deixam.

– Acho que tudo o que ela quer não é manter-se em pé, e sim se deitar – disse Tom na orelha de Francesca, que gargalhou.

– Acho que se ele não fizer alguma coisa ela o ataca em menos de trinta minutos.

– Eu diria... quinze. – Olharam para Olivia, que se pendurava no pescoço do homem. Ela falou algo em sua orelha que o fez sorrir.

– Falta uma música. – Francesca se levantou.

– Cantamos?

– *How can I go on...* – Francie arriscou usando a mão como microfone. Tom se levantou e os dois começaram a imitar a performance de Freddie Mercury e Montserrat. Como eram artistas profissionais, além de terem a voz muito boa, se tornaram caricatas perfeitos. Isso arrancou várias risadas de Lilly, Marcello e Alberto, o irmão mais novo de Marcello que ia a bordo junto com eles. Quando encerraram a brincadeira, os dois se curvaram em um gesto

comicamente forçado e receberam os aplausos empolgados da escassa plateia em alto-mar.

– Muito bem, Tom, dos palcos da Broadway para o mar do mediterrâneo – gritou Olivia, empolgada.

Marcello entreolhou o seu irmão. Alberto era um homem de traços fortes e pele morena, parecia-se com o irmão, só não tinha os olhos azuis. O caçula se levantou e devagar se aproximou de Lilly. Em menos de cinco minutos detinha toda atenção da jovem ruiva, que pareceu encontrar o flerte muito mais interessante com alguém que retribuía a atenção com mais entusiasmo.

– Nossa – disse Francie na orelha de Tom. – Que rápida. Já está sentada no colo de Marcello, e quem está no timão? – Cerrou os olhos no esforço para enxergar. – É o irmão dele, como é o nome mesmo? Adalberto?

Tom que tentou reprimir a risada respondeu:

– Não, Francesca, está cega? Marcello está no timão, Lilly mudou de irmão e está com o Alberto e Marcello está te olhan... nossa... está, eu diria, te comendo.

– O quê?

– Como pode ser tão desligada? – Tom gargalhou. No mesmo instante, Francesca dirigiu o olhar para o suposto Marcello, e ele? Deu uma piscada e a chamou com a cabeça.

– E agora? – Ela ficou sem reação.

– Vai até lá, sua tonta.

– Mas e Lilly?

– Ela está bem ocupada.

Francesca olhou a amiga que ia bem ocupada. Estava quase beijando o irmão de Marcello...

O Adal... Estalou a língua. O irmão de Marcello.

– Mas eu não quero ir – disse Francesca.

– Então eu vou – brincou o amigo.

– Pode ir.

– Acho que ele não ia gostar muito, não tem outro irmão para me ocupar. – Os dois riram.

– Ele ainda está olhando? – Francie perguntou sem graça.

– Sim.

– Que merda!

– Por que um homem sexy, forte e charmoso está dando em cima de você? – Tom arregalou os olhos. – O que está acontecendo, Fran?

– Não sei, só não quero me envolver com ninguém agora... A minha última noite com Vince foi terror psicológico sexual por um bom tempo. Quero ficar na minha, só isso.

– Francie, vá até lá, converse com ele... O homem não vai te atacar, quem sabe, vocês não ficam amigos? – Tom sugeriu com ironia. Francesca dirigiu um olhar seco para ele, que se corrigiu. – Está certo. Marcello deve querer algo além de amizade, mas coloque seus limites e se dê a chance de conhecer uma pessoa diferente, gata.

Ela suspirou rendida e levantou sem responder. Francesca conhecia Tom, sabia que ele não a deixaria em paz enquanto ela

não fizesse isso. Resolvida a ir falar meia dúzia de palavras e voltar, ela forçou um sorriso descontraído e disse ao se aproximar:

– Você me chamou? Ou eu viajei?

– Chamei.

Um momento de silêncio, e Francesca, sem perceber, passou a bater os dedos de maneira impaciente na própria perna.

– Chegaremos daqui a uns quinze minutos – Marcello disse evasivo.

– Ummm – ela murmurou sem disfarçar o desinteresse. – Que bom!

– Você pretende morar aqui, Francesca?

Ela pensou por um tempo antes de responder:

– Acho que alguns meses por ano, mas não em definitivo, tenho minha vida lá em Nova York.

– Que pena! – Não houve rodeios.

– Oi?

– Eu disse que pena, pois não é sempre que uma jovem linda ganha uma casa de herança na cidade.

– Ahh – Francie exalou o ar devagar e sorriu sem graça.

– Entendi.

– Que cantada horrível, não foi? – Marcello respondeu muito charmoso, quase de forma autodepreciativa.

– Sim, muito ruim – ela disse ensaiando uma saída simpática.

– Acho que estou ficando enferrujado. Não, a verdade, é que as mulheres muito bonitas causam esse efeito na maioria dos homens.

Ficamos inseguros, sabe?

– Não – ela mordeu o lábio por dentro para não rir, outra vez. Ele parecia muito atrapalhado e essa mistura de sinceridade com confusão a divertiu.

– Você tem alguém? Namorado, noivo? Alguém te esperando?  
– Ele encarou-a.

Francesca se lembrou das palavras de Vince: “Vou te esperar, Francesca”, e um buraco sugou a sua boa disposição. Resolveu ser muito sincera.

– Marcello, escute, você é um homem muito atraente e – olhou para baixo – não tenho ninguém, mas... – ponderou as palavras, não queria ser grossa. Ele parecia uma boa pessoa. – Não quero alimentar nenhum tipo de ilusões. Tive um relacionamento muito complexo e estou separada há mais de um ano. Mas é algo tão anormal que ainda não conseguimos romper totalmente... Hã, eu rompi, mas, mas ele – gaguejou –, ele acredita que não, e eu... dou motivos para ele acreditar. – Engoliu a seco. – É confuso, Marcello. A minha vida emocional é muito confusa e não quero ter nada com ninguém por algum tempo... Nem mesmo algo que não signifique nada, entende?

Os lábios dele tremeram no notório esforço para não gargalhar.

– Ai, meu Deus, você vai rir de mim? – Francesca ficou horrorizada.

– Não, quer dizer... Vou, porque eu nunca conheci uma mulher tão sincera. – Não se conteve mais e gargalhou. – Eu te perguntei se você tinha alguém e é natural que você não tivesse interesse, por qualquer que fosse o motivo. Podia apenas dar desculpa dizendo que estava comprometida e eu manteria distância. Mas, em

vez de dar uma dispensada curta, você me passou um panorama da sua vida amorosa inteira em menos de... – parou como se calculasse o tempo – três minutos – concluiu ainda sorrindo.

– ... Ai, meu Deus... – Francie disse recuperando o ar das risadas. – Acho que estou sentindo falta da minha analista. – Então ficou séria e olhou-o. – A verdade é que algo em você me fez ter vontade de ser sincera, por mais doido que isso possa parecer... Ou talvez quisesse assustá-lo para você fugir nadando.

– Não parece uma maluquice – ele pegou a mão direita dela e levou até os lábios, depositou um beijo. – Também não vou fugir – fez uma pausa e disse: – Obrigado por ser sincera, Francesca, acho que podemos ser amigos.

– Acho que sim.

A festa regada a champanhe de graça, comida abundante, música boa e muitas pessoas interessantes passou de uma maneira muito divertida e pouco convencional para Francesca. Depois de dançar até se cansar, depois que Tom sumiu na praia com alguém bem interessante, que Lilly perdeu-se com Alberto em algum lugar interessante e escondido, que Marcello já havia sumido fazia tempos, Francesca pegou carona até o catamarã com as lanchas que iam e vinham levando e trazendo pessoas até os barcos e entre as praias. Usou a escada abaixada e subiu, queria descansar. Marcello estava lá sozinho, deitado na proa olhando o céu. Ao vê-lo, ia recuar tentando não ser notada.

– Francesca? – ouviu a voz forte dele, comprovando a sua frustrada tentativa de escape.

– Desculpe, não queria – engasgou –, não sabia que você estava aí descansando. – Já estava de costas quando sentiu a mão

dele firme fechar em seu ombro.

– Não atrapalhou, fique aqui. – Ela se manteve de costas. – Prometo que não vou agarrá-la e comprometer ainda mais a sua confusa vida emocional.

Ela percebeu uma risada na voz dele.

– Está bem – estalou a língua. – Até porque você iria ser comprometido junto e, te garanto, neste momento não sou um bom tipo de enroscado.

Eles deitaram na proa lado a lado e conversaram por tempos enquanto olhavam o céu, como velhos amigos, como irmãos recém-conhecidos. Abriam confidências e falaram de temas leves e engraçados, tristes e difíceis. Francesca contou tudo de sua relação com Vince, do livro e de seu pai o que a levou até a sua nona e a casa na Sicília.

Ele contou que já fora casado, que a esposa havia fugido com um turista rico e vinte anos mais velho, largando-o sem dar nenhuma explicação, simplesmente sumiu.

– Ela estava grávida – disse pesaroso e melancólico.

– Eu – Francesca sentiu os olhos queimarem – sinto muito – engoliu a seco. – Era seu?

– Não sei, acreditava que sim. Contratei detetives para procurá-la, mas os dois desapareceram.

– Meu Deus – a voz dela saiu amuada. Sentiu-se consternada.

– Viu? Não é só você que tem a vida emocional louca e conturbada. – Os dois olhavam para o céu.



– Acho que todos nós, quero dizer, nós humanos, temos as nossas vidas emocionais montanhosamente louca.

– O quê? – Ele sorriu sem entender.

– Como um trajeto de uma montanha – ela disse. – Hora estamos na subida e é penoso, desafiador, e então alcançamos o cume. Calmo, recompensador, e aí cansamos da vista e resolvemos buscar novidade, assim, pegamos a descida, que é adrenalina, entusiasmo e liberdade... Para então, subirmos uma vez mais e, concluindo, eu diria que somos alpinistas emocionais.

Marcello riu e quando Francesca percebeu, ele a enlaçava trazendo sua cabeça para apoiar-se no peito. Ela tentou se desvencilhar e ouviu.

– Shhh, Francesca, calma, não vamos fazer nada... Apenas ficar assim, no cume, está bem?

Ela assentiu em silêncio enquanto as mãos masculinas passaram a acariciar os seus cabelos. Em um contemplativo silêncio, ela dormiu.

# Capítulo 30

26 de janeiro

Mitchell Petrucci, nos últimos sessenta dias, frequentou o consultório do Dr. Douglas Goldberg. Um renomado psiquiatra, cuja fama era a de tratar pessoas famosas e que exigiam, portanto, absoluta discrição em seus atendimentos. Foi levado às consultas pelos sonhos e pelas pinturas que no começo o preenchiam; enchiam de vida, e vontade, e sentir. Entretanto, depois de tempos sonhados, pinturas maldormidas, meses sob a desordem de sonhar e pintar, sentia-se como viciado. Foi um longo tempo de consultório. Longo na opinião de Mitchell, que sempre creditou tal busca de ajuda a pessoas fúteis e desesperadas que se tratavam para justificar as próprias fragilidades. Assim, não precisavam resolvê-las, pura e simplesmente.

Agora, porém, tinha que dar algum crédito ao processo.

Ele entendeu a sua normal e esperada reação durante as consultas intermináveis, que se autoimpôs frequentar. Venceu todos os bloqueios e aversões à fanática ideia de sentar-se na frente de um estranho e relatar as próprias estranhezas. Entendeu que por

ter ficado três meses em estado total de inconsciência era mais do que natural que o seu corpo e a sua mente, em um nível desconhecido, buscassem algum tipo de explicação. Por isso passou a sonhar. Por isso houve a necessidade aguda de entender estes sonhos. Por isso voltou a pintar. Mesmo após mais de vinte anos, em que nem mesmo lembrava ter segurado um pincel, ou um lápis grafite.

Durante os três meses desacordados, sentiu como se houvesse deixado de existir. Isso fez com que sua mente buscasse atribuir um sentido, um significado para esse tempo de exílio. Estava consciente de toda a sua normal reação pós-traumática. Após alguns meses tomando um antiosilítico, receitado pelo Dr. Douglas, e após mais de um ano de despertar do coma, sentia-se muito centrado. Motivado pelo seu equilíbrio emocional readquirido, deixou as consultas e de maneira gradual diminuía a dose do remédio. Os sonhos quase se extinguiram e o mundo voltou ao normal.

Ao menos ao eixo que ele considerava normal.

Naquela tarde gelada de fim de janeiro, acabara de sair de mais um almoço político. Era um ano decisivo para o futuro do mundo, era o ano de eleições presidenciais nos Estados Unidos. Era o ano em que teria que trabalhar de forma ativa fazendo todo o tipo de *lobby* possível, pois também era um momento decisivo para o cenário financeiro mundial. A regra Volcker estava em fase final de regulamentação e as pressões partidárias a favor e contra a rigidez do código se acirravam e se intensificavam dia a dia. Por isso, Mitchell nunca esteve tão atento e tão ativo publicamente. Não era nenhum segredo que ele movia céus e terras e todos os possíveis meios de influência aos quais abrangia com uma

imparcialidade democrática, a fim de tornar as leis de regulamentação financeiras mais flexíveis. Logo, a sua vida, que sempre fora de interesse da imprensa, os seus movimentos, que sempre foram cercados por todo o tipo de olhos, amigos ou inimigos, encontravam-se ainda mais expostos.

Despediu-se dos senadores em um sobretudo negro de alfaiataria exclusiva. Colocara as luvas e os óculos escuros a fim de ir buscar o seu novo caso de amor motorizado. Voltara a dirigir há pouco um carro *sport*. Já ia em direção do Bugatti Veyron, atravessando a porta do restaurante, quando Paul disse ao seu lado:

– Esqueci o celular na mesa, um minuto e já volto.

Mitchell sinalizou uma concordância com a mão enquanto esperava Paul. A fim de se proteger do frio, encostou-se próximo à entrada. O restaurante era vizinho a uma livraria. Distraído, passeou os olhos pelos livros expostos. Um título desviou por completo a sua atenção. Os seus sentidos foram drenados para a capa verde-esmeralda, para o esboço de uma caixa vazia em seu centro, para montes de folhas de papel espalhadas ao redor da caixa. Foi impelido para dentro da loja em busca do tal livro.

Era uma livraria pequena, daquelas que possuem uma espécie de sino quando a porta se abre. Uma das poucas que não foi engolida pelas gigantes.

Mitchell transpassou o sino. O ambiente quente e acolhedor da loja tinha estantes de madeira e piso de carpete. Foi com passadas largas ao ponto onde se empilhavam alguns exemplares do tal livro. Pegou-o com um indiscriminado interesse, e com uma ansiedade brutal que ele tentou ignorar, passou a folheá-lo. Levou pouco menos de cinco minutos para ter as mãos, a testa e talvez outras

partes do corpo cobertas por suor. Se não tivesse um frio de -15 °C na rua, ele tentaria colocar a culpa dessa sudorese no calor. Mas, sem dúvida, o que disseminava reações distintas e simultâneas ao seu sistema nervoso não era o clima, era o livro. Ele corria os olhos com rápida fluência sobre as páginas e quanto mais se apoderava da escrita tanto mais ele tinha certeza de que vivia um episódio de *Twilight Zone*. Era possível que a Terra houvesse parado o seu persistente movimento, pois tudo estava em silêncio.

Absoluto e contumaz silêncio.

Os vendedores não sabiam mais sobre os livros. As pessoas não folheavam página alguma. A porta calou o sino por completo e até os carros na rua quebraram todos ao mesmo estranho instante. Deu-se conta que retinha a respiração.

Que porra estava acontecendo?

Como, como, como? Pelo pouco que ele conseguiu ler, os sonhos alucinantes que o perseguiram durante um ano estavam descritos com vívidos detalhes em um livro?

A sua primeira reação foi quase ligar para o Dr. Douglas, a fim de tirar satisfação e exigir uma explicação. Mas então raciocinou rápido e entendeu que o renomado médico não venderia as histórias dos seus sonhos para qualquer escritor oportunista. Continuava folheando o livro que respirava mais do que ele e comprovava o impossível. O mafioso, a pintora, o holocausto, o pianista, a noviça, a caixa...

*A Falta*, esse era o título. Falta de ar que quase o matava – os seus quadros, os seus sonhos. Estava tudo ali em letras miúdas que abriam frases para realidades paralelas. O próprio Salvador Dalí era o governante dessas realidades.

Ele experimentava, acordado, uma ficção surrealista. O seu coração ia louco afirmando que aquilo era real, os seus sonhos foram redigidos e editados e...

– Mitchell – ouviu a voz de Paul chamá-lo às suas costas.

– Sim – piscou fundo desejando voltar para qualquer lugar seguro.

– Temos uma reunião logo mais e... – o homem loiro e encorpado olhou o livro na mão de Mitchell com curiosa atenção. – Vamos?

– Vou pagar e vamos – tentou trazer naturalidade e descontração na voz e na expressão. Mas a verdade era que por dentro estava corroído em infinitos rostos, relógios e olhos de emoções derretidas e confusas.

A viagem até o escritório foi estranha. Mitchell tentava empurrar aquele livro da cabeça, enquanto Paul tentava conversar sobre o almoço. Foram feitas oito perguntas distintas, e oito respostas monossilábicas de Mitchell circularam junto ao ar no interior do veículo, até que – a nona pergunta.

– O senador Daniel Lou está contando com o nosso apoio, sei que ele ter forte influência com um grande número de democratas é uma forte aposta na campanha democrata, acha que devemos apoiá-lo abertamente?

– Sim, acho.

– Sei que não quer vincular o banco a nenhum partidarismo ferrenho, apesar de que são os republicanos quem de verdade suportam os nossos interesses e que, por isso, são quem recebem o nosso apoio mais aberto. Entretanto, concordo que a ideia de pulverizar o apoio é uma decisão acertada. É claro que o suporte ao

senador Daniel é uma maneira de deixarmos evidente que não temos um comitê da campanha republicana dentro do nosso banco.

– É claro – outra resposta pouco produtiva.

– Mitchell, está tudo bem?

– Sim – mais uma econômica resposta foi dada, sem o menor constrangimento ou constrição.

Subiu ao 83º andar e fechou-se no seu reduto presidencial.

# Capítulo 31

Mitchell Petrucci, o empresário confiante, sempre envolto por uma aura de poder e dinamismo, dono de um autocontrole invejável e de uma inteligência emocional também invejável, era um implacável negociador, conhecido por sua capacidade de exigir concedendo e permitir comandando. Beneficiava-se com a perícia de todos os que o cercavam. Era quase predatório em sua maneira de tratar qualquer negócio. Apesar disso, e sem a menor dúvida, era também admirado e muito respeitado. Esta respeitabilidade fazia as pessoas calarem-se quando ele passava pelos corredores da grande empresa. Fazia os maiores empresários e economistas do mundo escutarem-no com a devida atenção e autêntica confiança.

A figura deste homem poderoso e respeitado estava sentada com as costas erguidas, os braços apoiados sobre a mesa, óculos de grau postos e a expressão concentrada. Tudo nele era uma aura segura. Se não fosse pelo leve tremor nas mãos, pelo batucar nervoso do pé escondido embaixo da mesa, nada estaria fora do ritmo corriqueiro no escritório da presidência. Nada mesmo. E se não fosse porque esse tremor era provocado por uma peça pequena inofensiva na aparência, por um livro, mais precisamente, colocado



sob o tampo da moderna mesa, desafiando-o; tudo estaria dentro da normal rotina organizada de Mitchell. Tudo mesmo.

Levou a mão ao queixo, apoiando o rosto sobre ela, pensativo. Ele ponderava se deveria ler o livro, ou se jogava-o no lixo e o incinerava esquecendo de sua infernal existência. Olhou-o outra vez, como se o tal livro representasse uma grande e desafiadora ameaça. Uma besta capaz de criar dentes o devorar por inteiro.

Respirou com a força de um vencido e abriu.

Começou a ler, uma vez decidido, com um voraz apetite. Foi interrompido cinco vezes em duas horas. Resolveu duas questões mais urgentes e protelou as menos importantes. Havia lido, com uma impressão mortal, quase metade dele e a cada palavra que era introduzida em sua consciência, a voz que ele ouvia narrar as histórias nos seus sonhos tornava-se viva. Quase tinha um rosto essa voz. As páginas liam os seus nervos e a sua estabilidade era devorada.

As imagens que ele viu durante meses ganharam substância. Surgiram de uma dimensão inimaginável. Ganharam pauta. E porque tudo parecia irreal demais para fazer parte da realidade, ele esqueceu por completo, absorto no frenesi da leitura, de olhar quem era o autor dos seus sonhos. Leu na capa que se tratava de uma mulher chamada Francesca Wiggs. Então, com um tremor irritante, como se fosse descobrir com isso a solução de todas as teorias físicas não provadas da existência, ele virou as páginas buscando a orelha final.

O enorme prédio da JPG implodiu. Inteiro. Era um novo 11 de Setembro, provocado por uma mulher em uma foto estática e não por terrorista dentro de um avião movimentado. Mitchell se sentiu como um personagem de um filme de David Lynch, dentro de uma

chuva de sapos de Paul Thomas Anderson e sendo atingido por todos na cabeça. Ao mesmo tempo, talvez isso chegasse perto de definir o que se passou quando comprovou que a escritora dos seus delírios era a protagonista dos seus sonhos eróticos.

A moça da farmácia.

Aquela que rendeu muitas noites maldormidas e muitos quadros bem intensos e muitas horas de análise.

No fundo, como uma música persistente, algo obliterado, empurrado, massacrado e escondido em um canto escuro dele, invadiu, apareceu, explicou uma lembrança; e com ela, Mitchell ficou clareado.

“Faço trabalho voluntário no hospital.”

“Eu li para você todos os dias enquanto esteve em coma.”

A explicação estava ali, trancada. Ele mesmo guardou e apagou. Esqueceu-se por completo.

Um sorriso curvou no rosto quadrado. O corpo ficou sorrizado ao compreender. O sorriso subiu para uma gargalhada dentro do sentido de tudo aquilo. O sorriso logo se fechou quando se lembrou da maneira rude que a tratou. Mas estava muito entusiasmado para deixar se crispar por tão pouco. Passou a mão no pequeno aparelho sem fio.

– Ligue-me com Tomas Wyatt.

Tomas era um investigador particular, com fortes vínculos com o CIA. Era ele quem o Grupo Petrucci contratava, sempre que precisava obter informações de pessoas ou empresas.

Minutos depois tocava o telefone. O retorno de seu pedido.

– Olá, Mitchell – saudou a voz masculina com entusiasmo.

– Tomas, como vai?

– Bem – o investigador aclarou a garganta –, sobre o senador Clifford, as informações já estão quase todas colhidas, creio que amanhã minha equipe te entregará o relatório.

– Que bom – Mitchell concordou, enquanto encarava com o sorriso de volta a pequena foto na contracapa do livro. – Porque tenho outro trabalho para você e este é ainda mais urgente.

– Outro político?

– Não, uma mulher.

Silêncio.

– Alguém influente?

– Sim. Muito influente – Mitchell disse divertido pela particular conclusão.

– N– Francesca Wiggs.

– Ocupação?

“Minha mente, meus sonhos e talvez algo mais” – respondeu em silêncio.

– Escritora – respondeu a Thomas.

– Quando precisa do relatório?

– Hoje – o tom de voz determinista não deixava abertura a perguntas. Pagava muito bem por isso.

Um longo silêncio.

– Verei o que consigo.

Três horas depois, Mitchell participava de uma reunião com o vice-presidente e alguns diretores de fundos futuros. Eles apresentavam os resultados de investimentos da Petrucci Group & Co na bolsa de Chicago.

– As commodities agrícolas registraram mais um aumento no último trimestre – o diretor de commodities da JPG demonstrava os gráficos no telão e detalhava os investimentos feitos no mencionado trimestre.

– Creio que devemos entrar com mais agressividade na compra de commodities de petróleo e diminuir o investimento nas agrícolas para o próximo trimestre – sugeriu um de seus diretores de investimentos.

O telefone de Mitchell tocou no silencioso – ele viu quem era e levantou.

– Senhores, vou me ausentar por alguns momentos.

Quando a sós, sentou contemplando a vista da cidade noturna pelo aquário de vidro, que era a sua enorme sala.

– Pode falar – concedeu com a voz neutra.

– Francesca Wiggs – começou Thomas–, nasceu em 12 de julho de 1983, na cidade de Rutland, Vermont. Foi registrada como Francesca Andretti, filha de Antonio Andretti e Sophia Wiggs. O pai se mudou para Nova York, onde se consagrou como crítico de cinema. Francesca foi criada pela avó materna e pela mãe.

Dez minutos após ter iniciado a leitura do relatório, Thomas concluía orgulhoso o seu recém-feito.

– Hoje ela está em Taormina, na casa que pertenceu à avó paterna, o endereço exato consigo para você até amanhã pela

manhã.

– Obrigado, Thomas! Acho que por agora tenho tudo o que preciso. – Desligou. Já havia decidido o que iria fazer. Voltou para a reunião satisfeito com informações que nada tinham a ver com commodities e mercados futuros.

# Capítulo 32

3 de fevereiro

Francesca estava feliz. Era como se sentia desde que foi para Taormina. Algo no mar, nas flores no inverno, nas massas frescas e secas cozidas por calor humano faziam-na querer sempre ter as flores à vista, as massas no gosto e o calor não apenas na boca. Ela que acreditava ser uma maníaca, viciada no ritmo de Nova York, na agenda cultural desenfreada e na opressiva variedade de tudo naquela cidade, ficou surpresa com a facilidade com a qual se readaptou à ausência das buzinas, a falta do trânsito, a não existência das farmácias 24h, a abstinência da agenda cultural, das lojas gigantes, dos táxis amarelos e do tudo de lá. A calma arrastada com que as horas se estendiam em Taormina era apenas um espelho da maneira prazerosa com que o seu povo levava a vida, os seus compromissos e principalmente as sagradas refeições.

Há quase dois meses na Itália, aperfeiçoava-se dia a dia nos pratos que preparava e quase nunca os fazia para comer sozinha. Sempre havia alguém para servir. Ela creditava isso ao fato de sua avó viver recebendo muitos em seu reduto mágico e azul. Então,

Francesca cozinhava na medida para dois, três ou dez pessoas. E os almoços e os jantares se tornavam momentos de pura comunhão.

Era um absurdo de incrível.

Naquela manhã ensolarada fazia um calor agradável. Uma brisa frescava dentro de casa. O sol deixava tudo mais azul e, mais verde, amarelo, e laranja e mais vivo. Cortava uma cebola roxa e alguns tomates para um molho vermelho.

Era um dia perfeito para um almoço na varanda. Por isso, colocou a louça para tomar a brisa, o sol e as cores na mesa de tampo de vidro redonda, par de seis cadeiras brancas ciumentas das almofadas floridas que as vestiam. Receberia naquele sábado Marcello. Ele se tornara um bom amigo e desde que se conheceram, há um mês, viam-se com frequência. Os encontros eram sempre... divertidos.

Ela tinha o hábito masoquista de machucar os tímpanos com música alta. Em especial naquela manhã reinada pelo sol, esqueceu-se do tímpano e levou o som ao máximo. Isso se estivesse em um apartamento em Nova York acabaria com a polícia em sua porta.

Mas não ali...

A distância mínima para um vizinho era de muitos, muitos metros. Esta era outra dádiva de se morar em uma casa. Naquele momento tocava Journey – “Don’t stop believing”. Parte do seu eclético repertório. Músicas que iam do clássico ao *indie* rock. Música que era tão fundamental. Isso porque dançar era quase tão bom quanto uma boa transa.

– Ok... ela disse quase.

Entretanto, tornava-se muito bom quando estava em um regime de castidade autoimposto, como era naquela fase. Vince tinha sido o último homem com quem havia estado, sexualmente falando. Marcello era muito bom amigo para foderem a relação em uma, ou duas, ou três, ou dez fodas que fossem. Transar com um desconhecido era uma opção, mas nunca o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro plano. Talvez apenas uma saída emergencial. Dançar ajudava a liberar um pouco da contida energia sexual? Sim, costumava ajudar. Sem resistência, entregou-se à terapia da dança.

A música alta e com ritmo convidativo se espalhou por seu corpo. Enquanto separava, cortava e jogava na panela os ingredientes ensaiava alguns passos soltando as curvas do pescoço, o balanço do colo, os oitos do quadril. Dançava em par com a colher de pau, com o avental e com azeite. Largou-os para trabalhar na sobremesa: chantili e morangos. Após a deliciosa descarga física com o Journey, entre passos e tomates, mexidas e temperos, a música que iniciou em seguida fez com que o relaxado cenho de Francesca se franzisse.

Era a Sétima de Beethoven, segundo movimento.

Os tempos de musicoterapia e o gosto daquele homem que ela atendeu em coma pelas músicas clássicas trouxeram algo de bom. Afinal, ela aprendera a apreciar o gênero. Mas aquela música – não. Beethoven, com uma inspiração genial, nada tinha a ver com a aversão. Era apenas que aquela faixa a fazia recordar com absoluta clareza uma época que ela queria distância.

Muita distância.

Então girou o corpo com a tigela de chantili que trabalhava na mão, apenas para alcançar o som e mudar a faixa. Ia tão, tão



envolta no delicioso clima mediterrâneo, saboreada na música, dança e culinária, que demorou a se dar conta.

E por um breve instante, a sua relaxada percepção a enganou e ela começou a dizer:

– Oi, Marcel... – não concluiu, pois a visão do Jason e toda a serra elétrica não seria mais aterradora do que os seus olhos comprovaram. E foi pela visão que as mãos falharam e a tigela de chantili se espatifou no chão. E, Deus! A Sétima Sinfonia despontava os macabros acordes, a fim de intensificar aquele que com certeza poderia ser considerado o maior susto e o momento mais angustiante de sua vida. Em resposta ao susto, ela soltou um grito abafado.

Isso ocorreu muito rápido aos olhos de quem assistia à cena de fora. A sinfonia começou, ela virou-se e quase cumprimentou o homem enraizado no meio da cozinha. Então se deteve e a tigela espatifou junto com um grito sufocado. Em seguida, como cabia a alguém que assiste a um assassino zumbi tomar forma, a boca parou aberta e os olhos gelaram muito mais abertos do que ela. O estado de nervos deu lugar à inconformidade, quando a assombração que estava bem à sua frente teve uma atitude muito humana. Antes de pegar a serra e esquartejá-la, ele tocou no ouvido, como se reclamasse do alto que vinha o som e sem pedir licença, ou mesmo permissão, abaixou o volume do aparelho. Colocou-se à sua frente de novo. Vestiu um sorriso demolidor e disse com toda a calma de um homem bem real e vivo:

– Bom dia!

## Capítulo 33

Puro e simples “Bom dia”, como se fosse natural ele ter se plasmado no meio da cozinha em Taormina, na casa de sua avó; como se fosse um vizinho, alguém muito próximo, alguém que era esperado.

– Bom dia? – foi tudo o que ela conseguiu articular.

– Como vai, Francesca? – Outra cotidiana pergunta colocada da mesma maneira abusiva e íntima, com o tom de voz enervante, baixo e rouco. Parecia que tinha acabado de acordar, ou que tinha acabado de gozar, com a cara dela, é claro, com o que mais?

Então o estado nervoso pasmado, deu voz ao estado de revolta e raiva.

O quê? Como? Por quê? Engoliu em seco e irou-se. Mitchell Petrucci não tinha o direito de invadir, INVADIR a sua vida.

INVADIR. As palavras gritaram no seu interior e seguiram por toda a Taormina. E se o adormecido Etna não entrasse em erupção por causa do tremor que movia tudo nela, certamente entraria, em razão da temperatura que se instalou dentro da cozinha, dentro dela. As lavas não eram nada perto do que acontecia no interior de Francesca.

– O que você está fazendo aqui? – ela explodiu em erupção.

– Vejo que se lembra de mim.

– Vá para o inferno, que o diabo que te carregue, fora daqui!

– Francesca, acalme-se, sei que mereço essa sua reação explosiva e rude em virtude da maneira que te tratei no hospital. – Mitchell espalmava e sacudia as mãos na altura do peito, como um jogador catimbeiro que nega a própria entrada maldosa na canela do adversário.

– Você invadiu a minha casa, e se não é uma alucinação é um criminoso. – Ela olhou para os lados em uma evidente busca. – Vou chamar a polícia.

– A música estava muito alta. Eu toquei a campainha por alguns minutos, o portão estava entreaberto e a porta da entrada também. Você não ouviu, entrei... Foi apenas isto que aconteceu. – O seu tom de voz calmo e a maneira pausada com que falava parecia lidar com uma criança descompensada.

Resultado? Descompensou-a ainda mais.

– Apenas isso?... Seu... seu... seu, você arruinou o meu Chantili – não conseguiu dizer nada além.

– Vamos começar de novo, está bem? Eu vou sair, toco a campainha, você atende a porta e nós conversamos. Sem insultos, sem grosserias. Creio que agora que estamos quites, podemos começar do zero.

Ela abriu a boca a fim de mandá-lo para puta que o pariu, mas tornou a fechá-la antes de conseguir, pois Mitchell saiu rápido. Não houve tempo.

Francesca permaneceu parada. Parada não, inerte. Petrificada por completo no mesmo buraco aberto pelo espaço, durante um tempo que não existiu. Soltou o ar que nem percebeu estar perdido e foi assolada por um desastre natural, o corpo inteiro reagiu. Os músculos vibraram a tal ponto que a obrigaram a dar dois passos pesados e espalmar as mãos no balcão com força a fim de não estatelar no chão. A mente foi para um vácuo.

*Mitchell Petrucci acabou de sair da sua cozinha?* – Foi o primeiro pensamento que se firmou depois da vacuidade.

Mitchell Petrucci em pessoa, não apenas entrou na sua casa, como também disse que iria retornar? Disse também algo sobre recomeçar; e Deus do céu, o que acontecia com o mundo?

Em um ato de desespero, abriu o armário onde guardava as bebidas e buscou por algo mais forte que vinho. Francesca quase nunca, nunca mesmo, tomava algo além de vinho. Mas naquele exato momento, se entrasse um vendedor ambulante oferecendo morfina, ela aceitaria. Ela teria uma overdose de morfina. Buscou entre as garrafas com movimentos atropelados.

– Eu sei que alguém me deu uma garrafa de... conhaque! – disse quando encontrou o que buscava.

Dividida entre a euforia para conseguir abrir a bebida e a angústia em que se colocou tudo nela, quase convertida em uma demente, quase babando, ela sentou no chão e deu alguns grandes goles na bebida recém-aberta. O corpo teve um leve e involuntário espasmo, reagindo ao forte gosto. Aproveitou que estava sentada no chão e recolheu alguns cacos de vidro da tigela. Aproveitou para tentar recolher os pedaços da sua razão, que com certeza se esparramou derretida junto ao chantili. Não encontrou a razão, ela deve ter fugido desesperada para alguma praia no Caribe, de férias,

greve, recesso. Por algum motivo, Mitchell demorava a tocar a campainha de volta. Talvez tenha desistido – deu graças a Deus.

Devagar, a bebida começou a fazer efeito. Esquentou o rosto, soltou o pulmão e desoprimiu os músculos. Então, mais calma, caiu em si – *Claro que ele não voltaria, agiu como uma lunática, louca e desesperada.*

*Que bom.*

Se alegrou com o próprio descontrole. Mas o quê, em nome de Deus, ele veio fazer no meio da sua cozinha?

– Será que se lembrou?

– Será que por algum motivo se arrependeu de como me tratou?

– Ele falou do dia no hospital, não falou?

– Jesus Cristo, me amarre, estou à beira de uma crise histérica – suplicou, bebeu, suplicou. Levantou e caminhou até a varanda. Entre as passadas repetiu em voz alta:

– Acalme-se, você é uma mulher madura e adulta.

Tentava entender por que a presença dele a tinha afetado tanto. Sim, é claro, foi uma aparição um tanto inesperada.

– Inesperada, ridícula – continuou o seu monólogo.

Mas afinal, a presença ou a ausência de Mitchell Petrucci não deveria significar nada. Com parte do raciocínio e da calma de volta, tinha absoluta certeza de que toda a exagerada reação se deu pelo simples e óbvio motivo do susto – abriu as mãos espalmadas para cima.

Tentou dentro de sua mente encontrar alguém, alguém cuja aparição surpresa no meio da sua cozinha arrancaria a mesma emoção. Quem? Quem? Quem?

– É claro... se, se Ayman al-Zawahiri<sup>3</sup> aparecesse na cozinha de minha nona, é claro que eu teria a mesma louca reação. – Portanto, não havia motivos para nenhum tipo de neurose. Ela se assustou.

Muito.

Foi isso.

Caso o Sr. Petrucci resolvesse retornar, Francesca se comportaria com muito equilíbrio, educação e até mesmo com cordialidade.

Decidiu. Estava decidida. Logo Marcello chegaria e ela tinha que arrumar toda aquela bagunça. Voltar a ocupar-se do almoço e guardar a garrafa de conhaque que ficou no chão da cozinha. Uma garrafa sozinha no meio de todo aquele chantili. Desperdício de chantili. Conhaque com chantili – urgh. Conhaque forte e...

“Merda.” Baforou contra as mãos. Não era nem meio-dia. Ela cheirava a conhaque.

Subiu as escadas correndo, escovou os dentes e passou um enxaguante bucal, borrifou três vezes o seu perfume de uso frequente, penteou-se, passou um gloss e sentiu-se muito mais calma, voltou para a cozinha.

Minutos depois, o chantili não estava mais esparramado e o chão estava limpo. Francesca retornou para o molho que apurava no fogão, os seus nervos borbulhavam e a campainha tocou. Ela pulou. Ainda lutava para expulsar Mitchell-Jason-Zawahiri-Petrucci da cabeça. Mas tinha certeza de que o faria assim que tivesse um almoço na varanda, com o sol e a brisa e Marcello e não Mitchell. O

amigo já devia estar na porta. Só podia ser Marcello. Tinha que ser. Mesmo assim, enquanto caminhava, repassava como um roteiro tudo o quealaria, se no lugar de Marcello fosse a soma de todos os medos.

Alisou o vestido, fechou os olhos, respirou lento e profundo, abriu a porta.

## Capítulo 34

Mitchell Petrucci estava parado com todo seu 1,90 m de puro e absoluto bem realizados atributos masculinos. Ele encostava os atributos e um dos arrogantes ombros com tranquila simpatia no batente externo da entrada.

– Bom dia, sou Mitchell Petrucci, muito prazer – ele disse em um italiano irrepreensível. Francesca olhou para as mãos de Mitchell, que vinham ocupadas com uma tigela de chantili e uma garrafa de vinho. – Hã. – Ele aclarou a garganta, Francesca saiu do transe.

– Sou Francesca Wiggs, o que posso fazer pelo senhor? – disse usando de todo o seu dissimulado autocontrole.

– Eu passava por aqui e pensei que podia precisar de... chantili.  
– Esticou os olhos para dentro da casa com naturalidade. – Não vai me convidar para entrar?

Francesca encarou-o com uma instigadora curiosidade. Vê-lo ali, parado, com uma garrafa de vinho na mão e um pote de chantili recém-comprado na outra, a tocou. Abriu a boca com intuito de convidá-lo a entrar. Seria um gesto movido pelo espírito das boas maneiras.



O convite não foi necessário, antes que ela conseguisse sequer expressá-lo...

– Com licença – ele disse e entrou. – A larga porta permitiu o acesso com facilidade. Logo, todo o espírito de boas maneiras se enfumacou, levado aos ares pela arrogância mal-educada de Mitchell.

– Sr. Petrucci – ela se esforçou para soar ainda educada –, posso saber o que motivou tamanha disposição? – falou a última palavra encarando o vinho e o chantili que ele carregava.

– Li o seu livro – ele disse como se isso bastasse.

Ela o encarou com os olhos espremidos e ficou muito claro. Para Francesca, aquilo não explicou nada. Nada mesmo. Respirou fundo e disfarçou.

– Obrigada! Por isso está aqui?

– Estava na região, ouvi que você também estava e resolvi que devia me retratar por meu comportamento no hospital. – Ele apoiou o chantili e o vinho em uma bancada próxima. – Vim também, para elogiar o seu trabalho... é um livro daqueles que levamos um tempo para digerir.

Francesca, que ainda duvidava que aquela conversa e aquela aparição fossem reais, só queria que ele voltasse logo para o lugar de onde tinha saído. Assim conseguiria digerir as emoções antes do almoço.

– Não precisava ter se dado ao trabalho de vir pessoalmente. – Sacudiu a cabeça. – O que aconteceu no hospital não foi nada, já nem me lembrava direito. – “Mentirosa descarada”, escapou em silêncio e continuou com a encenação da tranquilidade. –

Esqueçamos isso... Quanto a sua crítica ao meu livro – ergueu o olhar –, agradeço.

Ele apenas encarou-a em silêncio, e Francesca sentiu que os olhos de Mitchell atravessavam a sua carne e mapeavam todo o seu interior, das peças íntimas aos órgãos. Perdeu o fôlego. Quase perdeu a voz e o coração também. Ouviu-o dizer em seguida:

– Onde posso colocar isso? – Apontou para o vinho e para o chantili.

– Não, não se preocupe... Quer dizer, agradeço pela atenção, mas, mas, hã, sabe o quê? Não devia ter se dado ao trabalho.

– Devia – ele soou decidido, e quando Francesca viu, Mitchell ia para cozinha, carregando o que havia trazido.

Foi atrás.

– Sr. Petrucci, eu agradeço, mesmo por tudo, mas se senhor não se importa, estou... hã, ocupada.

Viu ele se aproximar lento e premeditado. Ela deu alguns passos para trás sentindo o coração surrar a boca, até que as costas tocaram a parede detendo-a.

O que ele iria fazer?

Mitchell ergueu a mão, ela sentiu o dedo dele entre quente e áspero deslizar pela curva do pescoço. Seus olhos fecharam idiotados e afetados. A voz masculina a conduziu de volta.

– Chantili. – Ele mostrou o dedo indicador que vinha com a gema branca do creme. – Estava no seu pescoço – explicou sorrindo.

“Oh, Santo Deus! Nossa Senhora da Achiropita, Santo Onofre dos desesperados, São Jorge da Catalunha todos os santos e divindades da existência, tirem este homem daqui... agora” – suplicou desesperada em silêncio.

– Sr. Petrucci – ela começou...

– Mitchell, me chame de Mitchell.

Ela respondeu um sorriso nervoso.

Um sorriso nervoso e afetado.

Um sorriso afetado e mentiroso.

Ela queria gritar.

Talvez gritasse.

Ou talvez apenas... apenas, não.

– Mitchell, como dizia, estou esperando uma pessoa para almoçar, e se você não se importar... Deus! O que está fazendo? – perguntou confusa ao observá-lo abrir os armários da cozinha.

– Estou te ajudando a colocar a mesa. – Ele não parou o que fazia.

– A mesa está posta – ela disse dividida entre a perplexidade e a exasperação.

– Não – ele não tinha a menor inibição –, falta um lugar. – E estava convicto.

– O quê? Quê? – mal conseguia formular as frases, que Deus a ajudasse. Que Deus tivesse misericórdia. – Oras, pelo amor de Deus. Não falta nada – conseguiu dizer.

– Se você vai receber mais alguém – ele pegou um prato, taças e logo achou os talheres. Separou um jogo completo –, seria educado colocar o lugar dessa pessoa à mesa.

– Eu não vou... eu não, eu vou apenas... eu vou, hã, é receber, um só, apenas um amigo. – “Pronto, Deus.” Olhou para cima. “Já chega?” Não conseguia nem mais falar. – Deixe as louças, deixe já, não vai ser...

Mitchell, fingindo não ouvir, virou as costas com as louças na mão e deixou-a falando sozinha. – Ela o seguiu muito irritada e notou-o arrumar concentrado o terceiro lugar.

– Fico encantada com a sua educação, senhor Petrucci – ela disse entre os dentes. – Me pergunto como uma mulher tão refinada como a sua mãe pôde criar um filho desse jeito. – Ao menos recuperou a fala.

– Ela não me criou – foi o olhar dele sombrio e perdido e não a sua resposta que a desarmou. Desmontou quase totalmente.

Suspirou devagar.

– Desculpe, eu... é que, hã, estou muito confusa. – Bufou. – O que significa tudo isso? Por que você está aqui?

– Isso significa. – Ele tocou o seu ombro e roubou a firmeza de suas pernas. – Que vamos almoçar juntos. – Roubou o ar e todo o resto do equilíbrio do mundo.

– Mitchell, de verdade, não é uma boa hora, não é mesmo, devemos deixar para outra ocasião. Eu estou à espera de alguém e eu estou mesmo...

A campainha tocou.

– Marcello – ela afirmou para si mesma. – Você deve ir. –  
Sacudiu a cabeça zozna. – Vou abrir a porta.

## Capítulo 35

Mitchell observou o tal Marcello entrar e cumprimentá-la com muita intimidade. Não estava tranquilo. Há uma semana pegou o livro de Francesca e tudo se clareou. Foi uma bomba nuclear de explicação. Ao mesmo tempo que o entendimento trouxe a certeza de que ele não beirou ao surto durante um ano após o acidente, trouxe também a certeza de que teria que conhecê-la.

Era inevitável.

Organizou tudo o que precisava para poder se ausentar por alguns dias e ali estava ele. Vinha até há pouco, muito tranquilo, resolvido e controlado. A objetividade com que encarava as suas decisões o deixava sempre impassível no momento de colocá-las em prática. Vinha assim, até entrar naquela casa e se deparar com ela dançando. Dançando? Aquilo parecia um ritual de exaltação à sensualidade.

Como podia uma mulher ficar tão sexy de avental, descalça e segurando uma colher de pau como microfone?

Ele quase se descontrolou. Um milhão de criativas cenas eróticas passaram por sua cabeça. As cenas forraram o chão da cozinha, a mesa e depois a pia e o fogão. Quando a Sétima Sinfonia

começou a tocar e ela virou o corpo, naquele instante em que os olhos se encontraram, uma única palavra o cruzou: minha.

Ele entendeu o que fazia ali, o porquê tinha sonhado um ano com ela sem nem mesmo lembrar quem era ela, e o porquê saiu de lá há pouco mais transtornado do que ela mesma pareceu.

Resolveu dar um tempo e se acalmar antes de voltar. Então, teve a ideia de comprar o chantili que ela havia derrubado. Não pôde deixar de se sentir como um jovenzinho inexperiente, quando tocou a campainha e aguardou ansioso, com as vísceras contraídas de expectativa. E quando Francesca abriu a porta e o encarou ele soube outra vez.

Era inevitável.

Naquele exato momento, ela sorria ao amigo e os dois caminhavam em direção à varanda. Sentia uma incoerente vontade de socar a cara do italiano que a fazia rir daquele jeito tão natural. Era uma sensação... inevitável.

– Este é Marcello – ela disse, com um riso tímido –, e este é Mitchell Petrucci, um... hã...

– Fã do trabalho dela – Mitchell se adiantou. – Somos conhecidos, e quando soube que ela estava aqui, dirigi 200 km – os olhos dela aumentavam à medida que ouvia – para ter a oportunidade de conversar com ela sobre o livro.

– Muito prazer – Marcello olhou os três lugares dispostos na mesa.

– Ele... ele, hã... ele... já, já estava de saída.

Mitchell sorriu usando todo o seu carisma e poder de convencimento.

– Francesca me dizia que você não iria se importar se eu ficasse para almoçar, chegou até a colocar um outro lugar para me convencer. Mas acho que atrapalharei... – O rosto passado de Francesca, os olhos estatelados evidenciavam com clareza a conturbação interna que ela enfrentava. Mitchell não conseguiu evitar de divertir-se diante da expressão dela e disse com uma falsa e educada timidez: – Estou mesmo de saída.

Um breve silêncio se fez. Francesca trucidava Mitchell com olhar, ele ria discreto sem se sentir em nada trucidado. Então, Marcello rompeu o silêncio.

– Não será incômodo nenhum para mim que fique, Mitchell, afinal, dirigi muito para estar aqui e... não vejo por que não deva almoçar com a gente.

– Não – se interpôs Francesca rude. – Ele já estava de saída. Podemos nos encontrar em outra ocasião, aqui ou até mesmo em Nova York.

– Francie – colocou-se Marcello entre constrangido e confuso. – Não faça isso, se você pedia para que ele ficasse antes que eu chegasse aqui, não é certo que ele vá embora.

– Não quero causar nenhum desconforto, podemos mesmo nos encontrar em outra ocasião... Marcello, não se preocupe. – Mitchell tinha a cara mais lavada do mundo, enquanto gesticulava com as mãos espalmadas sobre o peito a sua fingida imparcialidade.

– De jeito nenhum, fique e almoce conosco, sei que Francesca adoraria, afinal – olhou-a – ela insistia, e é um almoço de amigos, você é fã dela e dirigi muito para estar aqui.

– Sendo assim – abriu outra vez as mãos em um gesto de quem entrega os pontos em uma batalha –, fico – terminou com



uma expressão vitoriosa que apenas Francesca capturou.

Francesca, que não ria da situação, entreolhou os dois e saiu perturbada para cozinha.

– Vou checar o molho e colocar a massa para ferver – esbravejou do meio do caminho sem interromper as firmes passadas. – Sirvam o vinho, por favor – concluiu e sumiu no interior da casa.

A comida foi colocada na mesa em silêncio.

Os pratos foram servidos em silêncio.

Mais da metade da refeição foi feita em um pesado silêncio, com exceção de Mitchell e Marcello, que falavam sem parar, como se fossem dois velhos amigos. Riam das suas particulares piadas, compartilhavam empolgados gostos em comum. O mundo para Francesca estava em silêncio.

Silêncio de dentro, que vinha da raiva que sentia.

Raiva porque o seu almoço com a brisa, o sol e Marcello foi arruinado.

Arruinado porque o Sr. Eu-sou-o-dono-de todos-os-continentes estava ali.

Em Taormina.

Na casa de sua avó.

Sentado na sua mesa.

Comendo a massa que ela mesma fez.

Ovos, farinha e dedicação. Fez a massa para Marcello e não para Mitchell.

E os dois?

Conversavam sem parar. Aqueles dois homens... Falavam tão alucinados de barcos, times de futebol, atrizes peitudas e carros que pareciam nem a enxergar. E o que restava diante daquela alucinante situação? Uma taça de vinho.

Duas taças.

Três, quatro, cinco ou já era a sexta?

Uma garrafa inteira e os homens falando, falando, falando. Oito taças. Nove talvez.

– Os veleiros são os melhores barcos que existem – disse Mitchell com entusiasmo.

– Concordo com você, não há nada como o silêncio das velas, o vento e o mar.

– Que barco você tem?

– Um catamarã. Não é muito grande, mas é onde eu me esqueço do mundo.

– Tem uma vida privilegiada, Marcello, se eu pudesse ir todos os dias de veleiro para o trabalho, nada me faria mais feliz – Mitchell disse com os olhos brilhando.

– Hum – grunhiu Francesca, erguendo o olhar para cima. Foi o primeiro som que emitiu desde que se sentaram à mesa.

Os dois homens, muito entusiasmados entre si, pareciam nem a ter escutado.

– Eu não trocaria o meu escritório por nada, o mar, a liberdade de içar velas e partir – a voz de Marcello era vibrante.

– Vocês alugam os barcos para os outros pescadores da região?  
Eu entendi direito?

– Nós temos vinte barcos pesqueiros e os homens que os utilizam nos pagam uma percentagem sobre a venda daquilo que pescam. – Marcello deu uma garfada na massa.

Mitchell exalou o ar devagar. – É, meu amigo, uma vida para poucos, sem ternos, sem gravatas, sem escrivatinhas e nem salas fechadas – “Sem senadores e políticos e leis e cotações e bolsas de valores e bilhões, trilhões de dólares sendo movimentados sob sua responsabilidade e sob julgo do mundo”; concluiu para si mesmo.

– E você, Mitchell, tem algum barco? – Marcello encostou a taça na mesa.

Francesca, que a essa altura já ia mais bêbada do que furiosa, estalou em uma gargalhada debochada ao lembrar uma das conversas que teve com George, namorada de Lilly. George era um aficionado por barcos e viciado em veleiros.

– Mitchell Petrucci mandou fazer um dos veleiros mais caros da história – contou o namorado da amiga naquela conversa. – U\$ 250 milhões de dólares em um luxo e modernidade que nunca se viu igual.

– A Francie não gosta de falar sobre o Petrucci, querido – disse a preocupada Lilly.

– Não, está tudo bem, Li, não dou mais a mínima – ela tentou se convencer que isso era de verdade.

– Estou tão impressionado, que não consegui pensar em outra coisa desde que vi o vídeo do veleiro no site do estaleiro italiano que o produziu... É algo tão absurdo – George falava empolgado sem nem respirar. – Ele tem 289 pés e três mastros que são

dotados de sensores que calculam e se ajustam automaticamente ao rumo dos ventos. Os quartos parecem de hotéis cinco estrelas, têm um projetor especial que faz uma das velas virar um telão, uma mesa de jantar no deck coberto, para vinte pessoas... É inacreditável.”

Lembrando-se daquilo, ela achou engraçado, o inocente Marcello perguntar ao Sr. Bilhões de dólares se ele possuía um barco com a maior humildade.

Os dois a encaravam aguardando uma explicação pelo ataque de riso. Ela sacudiu as mãos displicentes e falou:

– Não é nada, lembrei de uma coisa, é só isso – estalou a língua. – Mas conte-nos, Mitchell, você tem algum barquinho?

– Sim, tenho um veleiro.

## Capítulo 36

A ela resultava em algo difícil a corrente elétrica que circundava entre os dois. Sentia-se submetida a um choque intenso toda a vez que Mitchell a olhava. Ahhh, e como ele olhava, olhou, olhava. E quando o fazia, reações diversas disparavam no seu corpo. Ela podia numerá-las.

Francesca sentiu que foi invadida, tomada e possuída várias vezes pelo olhar preso nela. Sentia-se exausta, quase foi eletrocutada. Dar conta disso era desesperador. A quase morte por choque foi o que fez ela se sentir impulsionada a descarregar toda aquela visceral... muito além de visceral, espiritual onda de eletricidade em cima do suposto causador da sua incineração.

– Eu também tenho um barquinho de madeira, deixo ele na janela do meu banheiro. Foi o Marcello que me deu. – Ela olhou para o amigo que sorria e depois para o par de olhos que a eletrocutavam sem misericórdia: – E o seu, Sr. Petrucci, fica na janela também? Ou desliza pelos sete mares? – Francie desenhou uma onda no ar com a mão e continuou com despontada ironia: – Não nos deixe curiosos, conte-nos, como ele é?

Ele sorriu muito descontraído com a provocação contida no tom de voz, o que a irritou ainda mais e respondeu sem tirar o riso dos

lábios.

– É um pouco maior que o seu. – Arqueou as sobrancelhas. – Garanto.

– Marcello – ela quase gritou, deu um tapa de leve no ombro do amigo – é um profundo entendedor de barquinhos, tenho certeza de que ele vai adorar saber mais detalhes do seu.

– É um veleiro do estaleiro italiano Fontanna Navi.

– Ou ou! Puta merda, deve ser incrível velejar em um destes, não é mesmo?

– Deve ser impressionante. – Impressionante eram os olhos matadores.

– O bom dos barcos é que eles são úteis em todos os aspectos da vida – Mitchell ignorou a tensão.

– É verdade – concordou Marcello descontraído. – Ao menos nos melhores aspectos da vida.

– É mesmo, Sr. Petrucci? – Francesca não resistia à tentação de se vingar pelos choques, pela massa que ela fez e ele comeu, pela aparição dele na sua varanda, cozinha... sei lá o quê. – Acho que depende muito do barco, e claro, do homem. O meu, por exemplo... é muito útil no aspecto de me lembrar de um amigo muito querido e uma pessoa maravilhosa – olhou para Marcello –, mas o seu, para ser útil em... Como você disse mesmo? Ah, sim... Todos os aspectos da vida. – Os lábios desenharam uma curva para baixo em uma careta de forçada admiração. – Deve ser mesmo impressionante! – ela concluiu com uma nota de agressividade na voz.

– Sabe o quê? – A voz de Mitchell tornou-se mais profunda e mais baixa, quase um perigo; quase pior que os choques. Os olhos

escureceram. Certamente um perigo. Eletricidade em altíssima voltagem. – Tem coisas que são muito, muito mais impressionantes quando feitas em um barco. – Mediu-a devagar com os olhos incinerários e disse inclinando o corpo na direção dela: – Você nem imagina, Francesca.

Marcello entreolhava os dois entre intrigado e abismado.

Francesca, que teve uma súbita negritude no foco da visão, acreditou que iria desmaiar atribuindo o mal-estar à pressão baixa. Porém, recuperou-se tão rápido que ninguém notou e logo estalou em outra gargalhada. Bateu palmas escrachada e disse ainda muito alterada:

– Você acha que é só falar em barcos e insinuar um sexo selvagem que todas as mulheres do planeta caem aos seus pés, vítimas da sua irresistibilidade – ela mesma quase caiu. Dissimulada gargalhou outra vez. – Deixe-me esclarecer uma coisa, Sr. Petrucci, que pode ser de muita ajuda no seu futuro. – Francie mergulhou a voz em uma exagerada expectativa, queria atingi-lo como ela estava, não media mais nada. – Prepare-se para a loucura da verdade... A verdade é que o senhor não é o único homem da terra a produzir feromônios. – “É sim, gritaram os seus hormônios alterados”, ela ignorou os hormônios e continuou: – E por mais surpreendente que isso possa parecer, muitos, a grande maioria dos homens, também estão cheios de testosterona no sangue, e todos eles, quase sem exceção, possuem um pênis em plena capacidade de uso. Portanto, meu caro, guarde o seu discurso de macho alfa para as mulheres idiotas que acreditam que o seu barco preenche todos os buracos, aspectos, qualquer coisa da vida e me poupe. “E me poupe, Deus, tenha misericórdia.”

## Capítulo 37

Mitchell teve que usar todo o seu autocontrole, toda a sua inteligência emocional e todo o seu cinismo juntos e mesclados para não se levantar e calar a boca daquela mulher insolente, malcriada e deliciosa. Não com palavras, e sim com atitudes que provariam o tipo de “macho” – como ela o definiu – que ele era. Imagens voluntariosas de como fazer isso tomaram a sua imaginação. Ela de braços com a cara no travesseiro, de quatro, de lado e em outras posições provavelmente impossíveis de serem desenvolvidas pela anatomia humana.

O problema é que essas imagens não povoavam a sua mente e o seu corpo só naquele momento. Não, as imagens vinham com ele há um ano, retiradas dos sonhos. E foi por culpa das imagens que ele analisou-a com minuciosidade durante o dia.

Tentava capturar todos os detalhes perdidos nos sonhos e retratados nas pinturas.

Tentava entender se havia sido fiel aos olhos de ligaduras verdes.

Tentava desvendar a maneira quase desalinhada que os cabelos contorciam-se pelo pescoço e colo; que as ondas se



agitavam sob a luz. Leu com a pele, a forma quase brejeira com que os dedos magros eram levados à boca, enquanto ela parecia pensar sobre um tema distante. A exibição irresistível dos lábios cheios e vivos que se entreabriam, um culto ao pecado, para receber a taça de vinho. Logo então, a ostentação da língua que os percorria com uma determinada timidez, a fim de absorver com precisão a culpa do vinho remanescente.

Às vezes ela mordiscava o lábio, o inferior.

Os dentes corriam soltos exigindo que o pecado dos lábios fosse expurgado.

Era uma ninfa dos sonhos. Mas não dos sonhos lúdicos e sim dos bem adultos, pecaminosos, como os lábios dela.

E como Francesca passou boa parte do almoço abraçada no silêncio, Mitchell comprovou que ela devia ser mesmo uma mulher onírica. Comprovou que ela havia sido inventada para atormentar aos homens; no caso, ele. Isso porque esteve nessa mesma boa parte do dia dividido entre a excitação descompensada e o incômodo por senti-la.

Em seus 36 anos, possuiu as mulheres mais desejadas do planeta e sempre esteve no controle. Não era um menino descobrindo a sexualidade e descontrolado. Era um homem, afinal.

Mas lá estava ele, absolutamente encantado com uma jovem de fantasia que usava um vestido de flores quase campestre, meio virginal. Mordia a ponta do dedo enquanto pensava. Tinha uma risada tirada de uma partitura e dançava descalça segurando uma colher de pau como microfone na cozinha.

Logo concluiu algumas coisas: desejava-a, muito, de maneira alucinante. Talvez como nunca desejou a mulher alguma.

Era um homem adulto, mas respondia diante dela como um adolescente. Isso ao certo podia complicar as coisas.

Não se tratava de um desejo aleatório, sentido no decorrer de um dia. Era um desejo injetado nos seus sistemas durante um ano longo. Portanto sabia que teria que fazê-la dele e logo. E só por isso, levantou-se da mesa sem responder as grosserias dela e indagou evasivo:

– Onde é o banheiro, por favor?

Francesca, que havia se levantado junto com ele em um movimento reflexivo, adotou em seguida uma postura de autodefesa empertigada e respondeu com a voz seca, cheia de uma vertente causticidade:

– Muito bom, Sr. Petrucci, costuma sempre ir ao banheiro quando não sabe o que responder a uma mulher que não geme e baba, desfalece e desmaia, quando você fala qualquer merda?

Mitchell deu alguns passos a frente e parou a escassos centímetros do rosto dela, disse em uma voz baixa e com um controle enganoso:

– Mais uma única palavra sua, Francesca, e eu juro te faço calar a boca, como o macho alfa arrogante e dominador que sou.

Ela respirava pesado igual a ele, e Marcello arregalou os olhos e escancarou a boca diante daquele clima de guerra sem aparente explicação. Afinal, eram apenas conhecidos?

– Francesca, que merda está acontecendo aqui?

Ela se afastou de Mitchell, e então, movida por uma nervosa onda eufórica, uma polvorização desatada por seu próprio estado de nervos explodiu em uma histérica gargalhada, incontrolável.

Abanava as mãos enquanto tentava se recuperar de um dos ataques de riso mais ridículos da sua vida e conseguiu entre as risadas soltar umas palavras.

– Ai, ai, o quê? – Mais uma onda de risadas. – Ai, meu Deus, o que está? – Outra nervosa histeria do riso. – Ai, espera. – Espalmou a mão na altura do peito, enquanto gesticulava o sinal de calma. Respirou algumas vezes. – Isto, Marcello, é o que eu tenho me perguntado desde a manhã ensolarada desse dia. O que está acontecendo aqui?

– Por que está sendo tão grosseira? – Marcello foi mais incisivo.

Ela franziu o cenho horrorizada e magoada, todo o motivo da graça se esvaiu.

– Acha que eu estou sendo grosseira com você? – Francie sentiu uma pontada de decepção.

– Um pouco sim, está muito estranha desde a hora que eu cheguei, mas principalmente com Mitchell. – Marcello entreolhou os dois sem entender muita coisa e acrescentou: – Passou boa parte do almoço em total silêncio. Então, tornou-se louca por causa de um veleiro.

Francesca ouviu Mitchell reprimir uma risada e teve que respirar fundo, muitas vezes, a fim de que a loucura não a determinasse. Marcello olhava para ela.

– Alguém vai me explicar algo, ou vou continuar me sentindo um idiota que pegou o filme no final e quer entender tudo?

– Vocês homens são inacreditáveis – Francie disse com peso na voz, sem segurar mais nada, afinal, Mitchell ainda se esforçava para não rir e Marcello a olhava como se ela fosse uma alienígena surtada. Então, desatinou a falar como uma. – Um compra a briga

do outro e na verdade nem se conhecem, mas nãooooo... Têm que honrar o código de defesa da insuficiência cognitiva da massa masculina. Quando se juntam dois integrantes desta liga ridícula, são insuportáveis, falam de putas e bolas e esses são os assuntos mais elevados da conversa. Faça o seguinte, pergunte para o seu novo melhor amigo. – Apontou para Mitchell, abrindo os braços em uma floreada apresentação corporal. – O Sr. Último gorro do Alasca, o grande senhor dos aspectos preenchidos pelos veleiros. Quem sabe, ele tem a resposta. Eu? – continuou sem pausa. – Vou subir para o meu quarto. Estou com uma dor de cabeça alucinante e ninguém, nem você – olhou para Marcello – e muito menos você – olhou para Mitchell – ouse me perturbar.

Ela já estava perturbada. Não entendia como a simples presença de um homem pôde perturbá-la tanto. Não entendia mais da metade do seus comportamentos. Estava bêbada. Não, já estava de ressaca. Ressaca da presença, da droga de Mitchell.

Era apenas um homem, meu Deus do Céu! Não era um perigo, nem uma droga. Era só um homem acordado do coma. Muito acordado. Está certo, era um homem arrogante. Mas que havia pedido desculpas por sua atitude. Ela em resposta? Agrediu-o, foi uma louca. Culpa daquele olhar. No fundo sabia o porquê – queria distância desse homem. Um oceano de distância. Se fosse possível, alguns planetas de distância. Galáxias de distância. Ele quase a levou à loucura nos três meses em que ficou mergulhada na sua presença inconsciente. Ao que tudo indicava, consciente ele a levaria à loucura em três dias. Ela já estava surtando.

Advil.

Estava com a cabeça urgindo. Sentia como se as têmeoras fossem um tablado de sumo lotado de lutadores gigantes. Dois

comprimidos, era a dose máxima permitida.

O fato era que Mitchell não sabia o que se passou. Ele nunca soube o quanto se vilou por causa de uma paixão descabida, irreal. Mitchell era responsável por sua falta de educação e por sua arrogância capaz de servir com sobra um estádio cheio de homens. Mas não era responsável por ela ter se atirado na anomalia de uma paixão louca. Não. Mitchell não era responsável por isso.

Deitou-se sentindo a cabeça pesar quatro mil toneladas de pura confusão, louca instabilidade, doente desejo e desproporcional crise de consciência. Até Marcello tinha ouvido a artilharia de insultos.

– Ego ferido – disse em voz alta. Estúpido e ferido. Pareceu uma anormal. Queria apenas esquecer do fiasco almoço. Culpa? Lidaria com ela amanhã.

Durante um mudo momento, Mitchell e Marcello assistiram Francesca desaparecer no interior da casa.

– Santo Deus, nunca a vi assim, o que será que deu nela?

– Marcello estava confuso.

– Vocês são muito próximos? – Mitchell ainda olhava o interior da casa.

– Nos conhecemos há um mês, é pouco tempo, mas nos tornamos bons amigos... Ela não deu oportunidade de que fosse algo além disso. Eu ainda tenho esperanças de que possa convencê-la ao contrário.

– Entendo.

– Vocês... – Marcello deteve-se – de onde se conhecem?

– Eu a vi uma única vez, por um breve momento e não muito agradável.

– O que aconteceu?

– Estou aqui para tentar entender – depois da evasiva resposta, os dois colocaram as louças do almoço na pia e partiram.

## Capítulo 38

Francesca resolveu ler na praça onde se apaixonou. Apaixonou-se pela maneira como as flores rabiscavam os muros de pedra e cobriam os caminhos de alguém. Apaixonou-se pela luz do sol que roubava o ar e folhava tudo. Caiu de amores pelo segredo esparramado da fonte. E porque lá encontrava um pedacinho a mais do que para ela representava o amor de sua avó, é que se perdia por bancos, folhas e musgos.

“Quando você estiver confusa, ou mesmo quando algo tirar sua tranquilidade, encontre refúgio em um lugar que eu, em minha humilde classificação, só posso chamar de mágico...”

Ela lembrou o que dizia o diário de sua avó.

Então, sem pensar muito, naquela manhã menos fria do que deveria por ser inverno, um dia depois do almoço desastroso, ela correu até lá. Levou um livro dizendo a si mesma que queria ler em um lugar diferente. Mas assim que sentou no banco que a sua avó indicou ser o melhor ponto do jardim, embarcou na autorreflexão. Uma pena constatada que na grande maioria das vezes tal reflexão sempre que envolvia bebida em grande quantidade, raiva, e mágoa e orgulho ferido culminava em culpa.

– Dane-se – bufou após jardinar culpa por um tempo.

O importante era que ali, naquele espaço, tudo estava bem, a culpa podia ser descartada com musgos, um livro e um SMS.

Francesca – 9h15

“Cello, bom dia...

Acho que exagerei ... em tudo. :(

Desculpa?”

Roey, uma unha pensativa. O *bip* do celular salvou a segunda unha de ser triturada.

Marcello – 9h22

“Bom dia.

Depois que saí de sua casa, morri de rir de tudo.

Estava pensando em você, sua doidinha.

Até domingo.

Bjo :)”

Suspirou, deitou no banco e se entregou ao poder que o livro tem de extrair lugares de palavras, de fazer nascer em si outra pessoa distante de ressacas e almoços e de mudar a sua vida para as páginas. Estava tão na história que não percebeu uma sombra se erguer barrando a luz sobre as palavras. A sombra permaneceu imóvel e ela não a notaria mesmo que por acaso se movesse. O



que não ocorreu, sombras não importunam leitores em bancos de praças. Ao menos... quando elas resolvem falar:

– Olha, olha, quem está aqui... Bom dia – disse a larga sombra em tom de surpresa...

“Oh, meu Deus!” – A sombra era o motivo da sua enxaqueca e da reflexiva autocomiseração matinal. Achou.

Achou não.

Tinha absoluta certeza de que não o veria jamais e creditava isso ao tratamento sanatório dirigido a ele no dia anterior. O que ele fazia ali?

– Bom dia – disse após ponderar em um momento de silêncio.

– Posso? – Mitchell indicou com a cabeça o canto desocupado do banco.

Ela apenas assentiu e observou aquele enorme corpo masculino se sentar, ocupar toda a praça, remover toda a paz daquele lugar, arrancar as páginas do escape. As compridas pernas esticaram e relaxaram. O largo ombro se recostou e os braços cruzaram sobre o peito. Ele usava uma calça jeans escura, uma camiseta branca justa despojada por fora da calça e uma jaqueta de couro marrom. E talvez, pela luz fora do espaço no jardim, ele pareceu... mais bonito do que recordava. Era indecente.

O cabelo castanho com vagos reflexos mais claros vinham desgrenhados, como se ele tivesse acabado de acordar, ou como se ele tivesse acabado de ter um sexo animal.

Sentiu o ar descer e ficar preso no estômago, e lá preso, ele gelou. Culpa das imagens quentes que desgranhavam cabelos – os dele. Mudou o foco para as seguras sobrancelhas. Elas tinham um

contorno marcante, firmavam-se expressivas, sombreando um par de os olhos castanho-claros, quase amarelos; quase cor de olhos de gato, sem cor nenhuma que explicasse.

Os olhos a perturbavam, eles sabiam tudo dela palpebrados pelo coma, abertos, eles liam o sem-fim de dentro.

– Estou louca – murmurou.

– O quê? – Ele ouviu.

– Nada.

A boca, desenhava-se em uma linha reta, cheia na proporção exata para ele. A barba por fazer... Era esse o problema com ar do jardim. A barba ali, naquele rosto, dava um ar mais sombrio a ele inteiro. Ele transbordava uma aura dominante, excessiva de tão poderosa e sufocante. Então, o vento lufou inundado de Mitchell e isso era com certeza tão desestruturante como qualquer outra coisa vinda dele. Sabão refrescante e uma coisa carvalho? Almíscar? Sol? Homem. Homem. Homem.

Bufou dividida entre a dissimulação da leitura e a dissecação dele.

– O livro está arrancando suspiros? – ele perguntou.

– Hã?

– O livro, você suspirou, eu achei que... – ele humideceu os lábios sem concluir a frase. Lábios e língua do Mitchell, tão habituados um ao outro que nem se percebiam. Ela percebeu.

Francesca percebida da humildade feminina concluiu também que Deus, todo-poderoso, quando criou o homem a imagem e semelhança de sua perfeição, era em Mitchell em quem pensava.

Mas esse Mitchell era desonesto na perfeição. Era convencido dela em todos os seus detalhes.

*Eu vejo, eu quero, eu tomo posse* – essa afirmação devia ser a base da osmose nas células dele e isso era irritante.

Ele a pegou olhando-o. E ali estava. – A pose osmótica irritante. Ela desviou o olhar para o livro. Então, para ele outra vez. Era melhor dizer algo. Aquele silêncio e ele olhando-a. Não, com certeza não!

– Mitchell, sobre ontem, eu... – deteve-se, não queria pedir desculpas. Mas a verdade era que ela falou coisas horríveis. Mesmo ele tendo sido tão grosseiro no hospital e depois convidando-se para almoçar daquele jeito. Uma grosseria não se paga com outra. – Sobre ontem, me desculpe eu não sei o que me deu. – Feito isso, com a consciência tranquila, só queria que ele fosse embora. Só queria voltar a respirar.

– Desculpa por quê? Você fez alguma coisa? – Ele brincou.

– Acho que bebi demais. – Ela sorriu. Era o que restava.

– Está tudo bem.

– Como descobriu essa praça? Você não me... – parou diante do absurdo do seu pensamento.

– Seguiu?

– Não, claro que não, desculpe, é que ainda é cedo e a praça costuma ficar mais cheia à tarde... – Confusão, enorme confusão. Era isso o que ele fazia nos sentidos dela.

– Foi uma coincidência – mentiu. Levou dois homens da tripulação do seu barco até a casa dela na tarde do dia anterior. Deu instruções que o informassem quando ela saísse e para que a

seguissem com discrição, a fim de posicioná-lo. Afinal, estava lá apenas por esse motivo. Entretanto, não podia contar isso sem parecer um louco perigoso.

– Claro que foi uma coincidência. – Francie disse ainda constrangida pela descabida insinuação. – Elevou o livro aos olhos outra vez, decidida a interromper a conversa. Distância, distância, distância. Aquele olhar corroia os neurônios.

– O que você está lendo? – Mitchell não escondia o interesse em manter um diálogo que Francesca não queria participar.

– *Queda de Gigantes*.

– É muito bom, eu o li há alguns meses.

– É mesmo, estou adorando – ela não tirou o livro da cara.

– Já li outros livros desse autor.

– Que bom. – Abaixou o livro do olhar. – Ele é ótimo. – Voltou a atenção às páginas.

Se estendeu um momento de silêncio.

– Se não se importar, estou lendo – Francesca tentou soar cordial.

– Não me importo. – Ele, ao contrário dela, parecia muito confortável.

Ela continuou lendo, e Mitchell? Continuou ali, cômodo e sentado. O calor do corpo dele irradiando e invadindo. O seu cheiro sendo empurrado pelo vento ao encontro e algo naquele silêncio tão matinal, envolvente. Algo naquela cena tinha uma intimidade tão descarada que a incomodou. Ela fechou o livro com um

movimento abrupto, desgostosa e um pouco irritada. Ele a olhava do jeito enervante. Choques.

– O que achou de tão interessante na capa do livro?

– Acho você interessante, a capa? – Abriu um sorriso perverso.

– Não olhava para ela.

Francesca tentou ignorá-lo, tentou se envolver na leitura. Tentou não se importar com o massacre daquele homem. Tentou.

Não conseguiu. Bufou impaciente:

– Senhor Petrucci...

– Já voltamos ao senhor Petrucci?

Ela respirou com calma.

– Por que ainda está aqui?

– Eu vim fazer um passeio e esta é a melhor vista do jardim – isso ele disse após olhá-la de ponta a ponta com muita calma.

– Viu? – ela disse seca.

– Viu?

– Está fazendo de novo.

– O quê?

– Me irritando. Não, não, percebe? E vim aqui para ler.

– Se vai ler, não precisa estar no melhor banco da praça... Existem vários bancos. – Apontou com a mão para os lados. – Além do mais, não estou incomodado.

– Acho que faz de propósito. – Ela levantou.

– Cristo, o quê? – Mitchell abriu as mãos em um gesto de inculpabilidade.

– Bom dia, Sr. Petrucci. – Afastou-se.

Ele a seguiu determinado. Quando ela sentou em outro banco com as pernas cruzadas e retomou a leitura, ele se juntou a ela.

Francesca notou-o recostar a cabeça no banco e incliná-la para o seu lado, enquanto tentava enxergar as páginas abertas.

– Esta parte é mesmo muito boa – ele disse.

Ela não respondeu, mas um sorriso começou a despontar nos lábios.

Mitchell levantou e Francesca ficou tentada a segui-lo com olhar. Teria desistido? Iria embora? A curiosidade não durou nada, pouco depois, ele sentava outra vez.

– Com licença – ouviu e sentiu que ele levava a mão até o seu rosto. Viu uma flor azul entre os dedos longos masculinos que foi colocada atrás de sua orelha.

– Agora sim, está perfeita – Mitchell disse em um tom de voz animado. – Se ficar exatamente como está, sem se mover, as pessoas não a importunarão mais... Com certeza acreditarão que é parte da paisagem, a estátua de uma ninfa ou de uma deusa romana.

Silêncio. Os lábios dela tremiam do esforço para não explodir de rir.

– Estou aqui me perguntando, eu enlouqueci? Acreditei por alguns momentos falar com uma estátua? Vênus? – arriscou com a voz cativante. – Ou seria Luna, a deusa dos mistérios? Não... Proserpina talvez?

Francesca seguia em seu obstinado silêncio, como se nada tivesse a distraíndo do livro, e Mitchell prosseguiu com o seu discurso galanteador:

– Uma ninfa então?

Silêncio. Pássaros. Fonte. Brisa.

– Por favor, tenha piedade de um pobre mortal – ele suplicou com a voz repleta de uma comoção forçada.

Francesca bateu o livro e o encarou vencida com um largo sorriso.

– Sim, mortal, o que deseja para me deixar em paz?

“Você. Inteira. Pés, pernas, seios, rosto, boca, tudo.”

– Um jantar hoje à noite...

Ela soltou o ar com força do pulmão.

– Se eu recusar, existe alguma chance de você esquecer o assunto e desaparecer?

– Não, sou muito persistente e impertinente – ele deu ênfase às últimas palavras.

Alguns silenciosos minutos passaram. Ela ponderava a resposta. Ele sentia-se miserável de tão ansioso.

– Está marcado. – Soube naquele momento que não pensava mais, estava com a inteligência comprometida. Culpa da barba não feita, dos cabelos desgranhados, dos olhos sabedores.

– Pego você às 19h30.

– Aonde vamos?

– Volte ao seu livro, Vênus, é uma surpresa.

– Mas como devo me vestir?

– Como você se sentir bem. Até a noite – ele disse e avançou certo.

Apoiou as mãos no banco, prendeu a cabeça dela entre os braços, sentiu o impulso de beijá-la como tinha vontade, desde que... desde há muito tempo. Ela afastou o corpo em um movimento de fuga, colou as costas no banco como se escaldada. Mitchell se conformou com um beijo na testa. Não era o momento para nada além disso. Iria para o hotel trabalhar, passaria o resto do dia em videoconferências e já estava atrasado para a primeira delas.

Francesca soltou o ar. Tinha certeza de que ele iria beijá-la. Conhecia a linguagem corporal de um homem. Ao menos achava que conhecia. Preparou-se para o beijo. Prendeu a respiração, entreabriu os lábios e fechou os olhos. E ele? Beijou a sua testa e saiu. Francie, por um momento, se sentiu frustrada pelo que não houve. Catava os pedaços que ainda saltavam do seu coração e que foram cuspidos pela boca.

Merda.

Recolheria antes de ir para casa, colocaria-o no lugar e teria uma conversa muito séria com ele. O que seu alucinado coração estava pensando ao se permitir essa reação louca? Como seria este jantar? Por que aceitou jantar com ele? E se ele tentasse algo de verdade? Ou pior, se ele não tentasse? – Urrgh – resmungou impaciente com seu bipolar estado de espírito.

*Acalme-se, é somente um jantar.*

Um jantar com Mitchell Petrucci e ninguém mais.

Ninguém mais fazia o jantar virar um encontro?



Talvez ela não conseguisse nem engolir o jantar.

Nem digerir o jantar.

Nem andar até mesa do jantar.

O que tinha feito?

## Capítulo 39

– Sim, ele apareceu na minha cozinha. – Francesca apoiava o telefone desajeitada enquanto prendia os cachos do cabelo.

– Você deve estar brincando... – Olivia quase gritou do outro lado da linha.

– Não. Não estou.

– Puta que o pariu – Lilly ofegou.

– Eu sei, quase pari também.

– E então ele se convidou para almoçar? – Olivia repetia tudo o que tinha ouvido há pouco de Francie com voz de quem não acredita ou não absorveu o que escutou.

– Sim, Lilly... Foi tudo exatamente como contei.

– E agora vai sair com ele?

– Culpada... aceitei, fazer o quê? – disse com um grampo preso no canto da boca, enquanto arrumava com agilidade o cabelo.

– Caralho, Francie!

– Eu sei...

– Jesus! – Francesca sabia que Lilly se contorcia do outro lado.  
– Sabe o que você vai fazer, não é? – A amiga era sempre intensa.

– Não.

– Você vai transar a noite inteira com aquele deus grego, tirar fotos, gravar e guardar para posteridade e depois de se extasiar?

– O quê? – Francesca riu.

– Me liga, quero todos os detalhes vívidos e reais.

– Não sei se vai rolar, Lilly. – Fez uma breve pausa enquanto, concentrada, torcia outro gomo do cabelo entre os dedos. – Eu não sei como lidaria com isso no dia seguinte, e você lembra como fiquei com tudo o que aconteceu – Francie exalou o ar devagar checando o recém-feito no cabelo.

– Pense como uma compensação – Olivia disse.

Um breve silêncio.

– Compensação?

– Claro, pelo o que você sofreu, chamo isso de justiça divina.

– Hã, justiça divina? – Francesca gargalhou e terminou de prender o cabelo.

– Tire todas as casquinhas possíveis desse homem, é mais do que justo.

– Você viu como fiquei, Lilly... não sei.

– Puta merda, Fran, o cara agora é real, entendeu? Antes era um delírio... Você surtou, ok... mas agora? É real, amiga, pelo amor de Deus, aproveita.

– Vamos ver, nem sei qual é a dele de verdade... – Francesca falava a fim de se convencer.

– Ha, Ha, Ha!!! – Olivia riu debochada. – Me poupe, qual é a dele? Como assim?

– Li, não sei qual é a minha e talvez nem queira ir muito longe para descobrir...

– Liga amanhã para me contar...

– Está bem – Francie bufou.

– Assim que acordar! – exigiu a empolgada Olivia.

– Um beijo...

– E, Francie...

– Oi...

– Vai longe!

– Certo!

– O máximo que pode acontecer é você ter que pegar o caminho de volta.

Às 19h20 Francesca terminava a maquiagem. Já havia colocado o vestido com *corset* de cetim decotado e saia lápis pouco acima do joelho, para fazer par com o modelo sandálias de salto. A sombra que esfumaçava os olhos era verde-chumbo, como o vestido. Passou um brilho nos já destacados lábios. Pincelou o blush e encontrou no reflexo uma mulher com aparência muito segura.

Ela quase acreditou na imagem tranquila do espelho. Mas o seu coração desaforado e as mãos levemente trêmulas não deixavam dar absoluto crédito ao que via. Por dentro, diante da imagem sentia-se como uma garota indo ao seu primeiro encontro, como

uma adolescente que está prestes a entrar na festa mais aguardada de sua vida. Piscou fundo e reordenou os pensamentos.

– É apenas um homem como outro qualquer – falou em voz alta e penteou os cabelos soltos com os dedos, as ondas bem definidas ganharam volume. Pegou a pashmina bege e afirmou: – É apenas um jantar, nada além disso. Não é mais que um desconhecido que por acaso dividiu comigo um boxe de hospital, durante três meses.

Ouviu o som da campainha e um arrepio, que discordava da sua última afirmação, percorreu a sua espinha, estendeu-se pelos braços, subiu pela garganta. Ignorou e invocou o mantra outra vez: “Apenas um homem como outro... Apenas um homem como outro qualquer”. Abriu a porta. Mitchell estava em pé de baixo do pórtico da entrada, estava envolto pela luz amarelada da rua. Francesca reteve a respiração enquanto o analisava. Calças cáqui ajustadas, camisa branca tipo slim e blazer azul-marinho. Deus! Não era um homem como outro. Mantra mentiroso.

Com um sorriso arranca-suspiros nos lábios, ele não se esforçou para disfarçar a intensidade do olhar. Pegou a mão dela com a segurança de quem nasceu cortejando mulheres sob pórticos românticos na Itália e plantou um beijo nas costas da feliz mão.

O beijo?

Nem lento, nem curto, pairou entre o quente convite à sedução e a garbosa promessa da educação. Um perito conquistador – Francesca intuiu rápida.

Não era um homem como outro qualquer. Era um criminoso recorrente e abusivo. Abusiva beleza descarada. Recorrente charme injusto.

– Boa noite, senhorita Wiggs – o criminoso disse.

– Boa noite, senhor Petrucci – ela tentou transparecer segurança e não o seu mantra frustrado, falido e enterrado.

– Você está, hã, indefinível. – Ela apertou o olhar e ele manteve o sorriso. – Estou sem palavras, Francesca.

– Devo agradecer, senhor Petrucci?

– Não, quem deve agradecer sou eu. – Os olhos passearam por ela, duas vezes.

– Vamos então? – Francie disse com uma falsa imparcialidade. Estava sem ar, sem pernas e sem mantras.

Eles entraram no carro.



– Vamos jantar no Timeo?

– Sim, eu estou hospedado aqui. – Hã... – Eu gosto de um atendimento mais exclusivo – Mitchell disse isso como se precisasse se justificar por algo que Francesca não alcançou.

– Ah sim. O atendimento aqui deve ser bem exclusivo.

Ele parou o carro e entregou ao porteiro.

– Bem-vindo de volta, senhor Petrucci, tenha um excelente jantar – disse o homem vestido com terno creme e calça marrom.

Isso sim era um atendimento exclusivo, quando parecia que até o porteiro sabia que eles iriam jantar.

– Obrigado – Mitchell sinalizou com a cabeça e eles entraram pelo pergolado. Francie sentiu cheiro de plantas e flores

anoitecidas. Na recepção aconchegante e sofisticada, foram recebidos com a mesma exclusiva cordialidade.

– Boa noite, senhor Petrucci– disse a jovem atrás do balcão.

– Boa noite – Mitchell respondeu com um olhar “para tudo” agora e a pobre moça da recepção até corou.

– Queiram, por favor, aguardar Adriana, que já vem acompanhá-los. – Ela não desfez o sorriso afetado. – E tenham um ótimo jantar. – Francie teve certeza de que a moça quase gemeu quando eles saíram.

Passaram por uma espaçosa sala e cruzaram em direção à varanda. Francesca encostou no guarda-corpo.

– Esse lugar tem uma vista incrível.

– A vista da sua casa não fica atrás – Mitchell pousou a mão na curva de suas costas. Ela reteve o ar e olhou ao redor tentando não se dar conta daquela mão, daquele toque, daquilo tudo despertado nela com uma mão. Uma não, duas. Concentrou-se no hotel. O hotel era seguro. A mão dele não.

O Timeo era considerado um dos hotéis mais sofisticados de Taormina. Era vizinho ao teatro grego, tinha jardins impressionantes e o restaurante tinha mesas debruçadas com vista para a baía.

– Boa noite, senhor Petrucci – soou a polida voz feminina. – Uma mulher de meia-idade elegante e trajada de cáqui os saudou: – Esta deve ser a senhorita Wiggs, está correto?

– Sim, muito prazer – disse Francesca entre impressionada e divertida. Afinal, era mesmo o atendimento mais exclusivo que já tinha visto em sua vida.

A mulher de terninho e gravata de seda prosseguiu:

– Eu sou Adriana Botti, a gerente do hotel. O senhor Petrucci nos informou que a traria para jantar – ela mudou o foco de sua atenção para Mitchell e acrescentou com tom cordial e solícito: – Está tudo pronto, senhor Petrucci, se quiser, posso acompanhar vocês até lá.

– Sim, por favor, Adriana, eu agradeço. – Ele voltou a colocar a mão nas costas de Francesca, exercendo uma leve pressão a fim de que ela o acompanhasse.



## Capítulo 40

Francie, que estava um pouco impressionada com a exclusividade daquela recepção, ficou mortificada ao perceber que passaram da entrada do restaurante. Já havia jantado lá e sabia que era o único do hotel. Franziu o cenho ao perceber que entrariam no elevador. Sentiu o coração protestar, quando o elevador parou. Eles entraram em um corredor. Passos em silêncio até uma porta dupla e branca com uma maçaneta dourada. Uma placa também cromada, discreta e colocada embaixo da campainha confirmava a sua suspeita:

“Presidential”

Ela leu, duas vezes.

Santo Deus, o homem a levaria para jantar dentro do seu quarto?

Isso era um jantar, não era?

Isso não era um jantar.

Isso era, era...

O que era isso?

Abriu a boca para tentar emitir qualquer coisa. Exigir uma explicação, sei lá. Logo a fechou, pois a gerente abriu as duas portas da suíte.

Não, a boca definitivamente ainda estava aberta. Porém, não emitia nenhuma única palavra, verbo, nem mesmo uma diminuta e simplória vogal. O que seus olhos comprovaram a dirigiu do estado de mortificação latente ao da estupefação.

Uma espaçosa sala disposta em dois ambientes. Na lateral, passando a sala de jantar e depois um corredor, ela viu a borda da cama pela porta entreaberta. Mas o que a impressionou não fora o luxo dos móveis, a decoração sofisticada ou o espantoso tamanho da suíte. Não, o que a impressionou foi a vista frontal da parede recortada por quatro amplas portas que davam acesso a um gigantesco terraço. Esse terraço estava, pelo o que pode observar, todo iluminado com velas colocadas no chão e em aparadores espalhadas em diferentes alturas.

Francesca, que estancou na porta da suíte, sentia a leve pressão da mão possessiva de Mitchell nas suas costas, compelindo-a a entrar. Notou a presença de dois homens uniformizados em frente a uma das portas da varanda. Ouviu a voz de Adriana detalhar toda a elaborada artimanha do jantar:

– Como está frio, além de isolarmos a tenda com os tecidos e fecharmos o toldo de PVC, conforme o senhor solicitou, tomamos também a liberdade e colocamos três cogumelos a gás, para aquecer o interior dela. Esse é Fabrizzio. – Ela apontou. – É o nosso *maître* que vai atendê-los durante toda a noite.

Francesca olhou o alto e moreno homem, trajado diferente do outro que vinha um pouco atrás. Fabrizzio acenou com a cabeça em um cumprimento. Adriana concluiu:

– Ele os acompanhará até a mesa – a gerente despediu-se educadamente e desejou antes de fechar a porta da suíte: – Tenham uma maravilhosa noite.

E Francesca?

Sentiu-se um coelho. Pega por uma armadilha montada pelas mãos de um estrategista. Entendeu ali, naquele exato momento, o porquê Mitchell era considerado um dos homens mais influentes do mundo. Ele conduzia os outros com gentileza, levando-os a acreditar que faziam as suas próprias escolhas, quando estavam sendo conduzidos a escolher aquilo que ele apontava.

O seu estado de animosidade cresceu ao entrarem na tenda e ao mensurar o espetáculo armado, com o único intuito de impressionar. Resultado?

Impressionou.

Centenas de flores nas cores rosa, branca e lilás, estavam espalhadas em arranjos de vários tamanhos e alturas. Uma mesa redonda confortável, forrada com uma fina toalha de linho nascia do meio daquelas flores. Um cintilante conjunto de louças pintadas, talheres de prata e copos e taças translúcidas. Gotas de vidro pendiam do teto e centenas de velas flutuando em pequenas e grandes cúpulas de cristal faziam tudo aquilo parecer tirado de algum lugar entre o mar e as estrelas. O cheiro suave das flores encheu o seu nariz.

– O que achou? – Ouviu-o dizer e arriscou que sua voz parecia conter uma certa expectativa.

*Que você é, um manipulador arrogante. Egomaniaco.* – pensou. No lugar, calçou um sorriso maravilhado e correu os olhos por toda a cena. Suspirou.

– Nossa, Mitchell, é a coisa mais estonteante que eu já vi na vida. – Olhou-o, ele exalava satisfação. Ela lançou um olhar embasbacado. – Me leva para a cama, agora.

Ele piscou fundo.

– O quê? – A confusão estampada no vinco da testa.

– Oh!!! – Ela levou as mãos até a boca, como se tivesse cometido uma gafe e concluiu: – Desculpe, deveria ter dito isso só no final?

Ele sacudiu a cabeça e franziu o cenho mais duro sem entender.

– Você está brincando?

Francesca sorriu graciosa.

– Estou em dúvida – ela uniu as sobrancelhas. – Todas as mulheres com quem você sai recebem este mesmo tratamento exclusivo? – ela deu ênfase na última palavra.

– Eu disse que gostava de privacidade. – Sentaram-se. – E não, nunca fiz isso para mulher nenhuma – ele pareceu intrigado.

– Então, deve ser o clima do mediterrâneo que te inspirou, porque isso daqui é ... – Olhou ao redor e adicionou irônica: – É sensacional.

– Francesca – ele pontuou sério –, se está tão incomodada, podemos descer e jantar no restaurante.

– Vamos ser sinceros, Mitchell, não tem sentido sairmos uma vez que isto tudo já está armado.

Ele olhou-a em silêncio, ela continuou:

– O que me incomoda é a sensação de que isso tudo é uma estratégia. De que você costuma empregá-la com mais frequência do que admite. Por quê? Deve dar resultados. Sinceramente, eu ainda me sinto capaz de escolher se vou jantar em um restaurante público ou dentro do seu quarto.

– Eu também vou ser sincero. – Ele se inclinou sobre a mesa, cortando a distância entre eles e continuou com a voz baixa: – Sim, eu gosto de exclusividade. Sim, eu quero que a noite seja especial. Não, eu nunca fiz isso antes. Falsa modéstia? Arrogância? Eu não preciso fazer isso para conseguir uma noite de sexo.

A boca dela abriu e ele acrescentou com o olhar semicerrado:

– Sim, você é uma mulher maravilhosa, e sim eu a desejo. Muito. Mas sobretudo, essa é uma oportunidade de te conhecer e de talvez entender... – Deixou no ar a continuação.

Francesca sentiu o ar segurar as palavras. O que isso significava? Entender? Na verdade, ela é que precisava entender.

Escolheram o vinho e fizeram os pedidos. Assim que estiveram a sós, ela, sem aguentar, perguntou:

– O que você precisa entender?

– Você.

– Se não costuma fazer isso com todas as mulheres, então por quê? Ou melhor, por que estamos fazendo isso?

“Um ano de sonhos com o seu livro que eu não sabia da existência, madrugadas pintando, noites maldormidas, meses de sonhos com uma mulher que eu esbarrei em uma farmácia, você. Você. Toda você” – os olhos de Mitchell responderam.

– Não sei, eu li um livro que me marcou demais, eu te tratei muito mal há um ano, eu sinto uma vontade quase incoerente de saber tudo sobre você e isso é o que dá para explicar...

Deus! Ele iria enlouquecê-la. Não. Ela não precisava enlouquecer outra vez por causa dele. Resolvido. Eles podiam ter uma noite agradável. Ela podia levar isso adiante e deixar as coisas rolarem sem peso, sem estresse, sem neuroses somatizadas por causa do passado e definitivamente, ou quase, sem cama. Era isso. Apenas um jantar.

– Um jantar então? – Francie se refez do bom humor. – E nos conhecermos? Sem que isso incluía conhecer a suíte, a cama, os travesseiros e os lençóis...

– Vamos nos conhecer, Francesca... Já era hora.

Como ela quis isso. Ele nem imagina. Uma música clássica preencheu as flores, as velas, o ar. Devia vir da varanda do restaurante.

– É Bach – ela reconheceu.

– Você gosta de música clássica?

– Aprendi a gostar quando fiz musicoterapia – admitiu sem pensar. Talvez isso não levasse a...

– Você trabalha com isso?

Esse tipo de pergunta. Concluiu em silêncio e respondeu desconfortável.

– Utilizava enquanto fazia leituras no hospital.

– Você fez isso comigo?

Ah, não, não essa conversa.

– Fiz – tentou ser evasiva e mudar de assunto: – Você, hã, vem sempre a Taormina?

– Francie, me perdoe, eu fui um estúpido naquele dia no hospital...

– Tudo bem, Mitchell, vamos esquecer... Eu nem lembro direito o que aconteceu – “mentirosa dissimulada”, o seu orgulho gritou. Mas não queria, não podia ter essa conversa com ele.

– Eu duvido que você não lembre – sacudiu a cabeça pesaroso.  
– Só me desculpe.

– Está desculpado, caso contrário, nem teríamos essa conversa – ela sorriu com toda a falsa naturalidade que conseguiu imprimir. Sentia o coração eufórico, dono de si e desregrado.

As entradas foram servidas e após um curto momento de silêncio, feito enquanto eles experimentavam os pratos, Mitchell perguntou:

– Você fez esse trabalho de leitura durante muito tempo?

Mas que droga, ele não ia desistir?

– Durante alguns meses.

– E como era? Deve ser estranho interagir com pessoas que não respondem.

Não, ele não ia desistir. E ela teria que responder. Senão... senão pareceria uma demente.

– Não, não era estranho. Eu lia o meu livro e... aplicava musicoterapia e *reiki*, não era estranho. – Ela riu por dentro. Se ele soubesse como aquilo se tornou estranho.

– Eu sei que você leu... – sonhou com isso que nem um condenado. Sim, ele sabia.

– Sabe?

– Você falou aquele dia no hospital, lembra? – omitiu.

– Ah sim, lembro... – Francie se mexeu na cadeira desconfortável e se deixou levar, estava curiosa. – Como foi a sua recuperação? Soube que você perdeu parte dos movimentos do braço esquerdo e...

– É muito louco acordar depois de alguns meses sem lembrar de nada e ter que aprender as coisas de novo. No começo foi tudo muito nebuloso e confuso, não me lembro direito dos primeiros dias. Depois, eu entrei naquilo que chamam de piscose da UTI.

– O quê?

– É como se o meu cérebro tivesse sido reiniciado e estivesse reaprendendo a funcionar. Passei por alguns dias de um angustiado mergulho em imagens mentais meio desconexas e sonhos misturados com a realidade. Não conseguia falar... eu via e reconhecia pessoas, sabia que estava em um hospital, mas não conseguia falar. – Ele olhou para baixo. – Foi muito difícil. Reaprendi tudo, respirar, falar, comer, me mexer, tudo. Foram trinta dias na UTI, as lembranças voltaram devagar como um recarregar, cada dia um pouco mais.

– Uau, eu imaginei... – deteve-se. “Passar por isso ao seu lado”, soprou em silêncio a bagunça de suas emoções.

– Imaginou?

– Hã, imagino que deve ter sido difícil.



– Eu demorei muitos dias para recuperar totalmente a memória e para conseguir reorganizá-la de maneira funcional.

– Eu sei... – ela soltou junto com ar. – Quer dizer... eu li um pouco sobre isso e sei que deve ter sido um processo difícil e lento. – Ele continuou oferecendo o olhar em silêncio, ela engoliu em seco. – Mas você me parece 100% recuperado. – A boca dele se curvou em um sorriso e o olhar insistia em pregar agulhas no seu estômago.

– Dizem que isso – ele torceu o braço esquerdo sem completar o movimento e depois fechou a mão esquerda sem dobrar os últimos dedos – e isso – continuou – não é nada. Eu perdi uns 40% do olfato e do paladar. Estes não voltaram.

– Eu sinto muito.

Ele sacudiu a cabeça.

– Alguns acham que a minha recuperação foi um caso único ou um... milagre. – Olhou-a e Francie acreditou que ele compactuava parte daquele milagre com o olhar. Piscou fundo.

– Você acredita em milagres? – Francesca tentava engolir a salada de manga com lagosta.

– Eu não sei. Eu achava que não. – Outro olhar de arrepiar até o dedão do pé. – E você?

– Acho que tudo é um milagre – o canto da boca se elevou. – Sou escritora, tenho que acreditar neles.

– O que a levou a escrever o livro?

– Eu não tive pai. Sei lá, a falta sempre esteve em minha vida, acho que foi por causa disso...

– Eu sei. – Os garçons tiraram os pratos.

– Sabe?

– Sim, eu li sobre a sua vida na internet. – Ela abriu os olhos. – Disse que o seu livro me marcou. – Ela nem imaginava o quanto.

– Entendo.

– Entende?

– Acho que não. – Sorriu sem entender. – Você aqui e tudo isso... é estranho.

– Acho que nos conhecemos de um jeito estranho e me sinto estranhamente muito à vontade com você – ele disse descontraído e deu um gole no vinho. O jantar foi servido e eles provaram os pratos.

– Nossa, isso está maravilhoso. – Francie comia um nhoque de beringela. E Mitchell? Olhou-a daquele jeito que fazia com que o ar fervesse e evaporasse do pulmão.

– O meu também.

– Você vem sempre a Taormina? – Ela só queria respirar.

– Fazia alguns anos que não vinha.

– E o que te trouxe aqui?

Ele olhou-a daquela mesma maneira injusta, em silêncio. Ela teve que olhar para o prato. Fuga? Sim.

– Um negócio.

Voltou a olhá-lo.

– Muito, muito importante – ele concluiu.

– Ah... sei.

– Sabe?

– Não, apenas imagino.

– Você sempre soube que seria escritora? – Ele encostou os talheres no prato.

– Acho que sim, cresci em uma cidade que não tinha muito o que se fazer. Escrevia muito, diários, poesias, contos e fazia teatro também, tinha muitas horas para preencher.

– Em Rutland, não é?

Ela arregalou os olhos. Até que ponto ele tinha ido? Meu Deus, ele realmente havia estudado sobre sua vida.

– Sim, em Rutland. – Sorriu. – Uma cidade onde todos se conhecem. – Deu um gole no vinho.

– Então crescer em uma cidade pequena fez com que se tornasse uma escritora?

– Não, isso foi culpa da minha avó – e do meu pai. Isso ela não disse em voz alta.

– Da avó?

– Ela e eu competíamos inventando histórias.

Ele assentiu e Francie continuou:

– Toda a noite, antes de dormir, nós íamos para varanda da minha casa em Rutland e sorteávamos um tema. Era um saco colorido com uma centena de temas diferentes que a minha avó inventou, desde piratas até gnomos. Uma vez sorteado, nós iniciávamos a competição. Fazíamos um duelo de criação de histórias. Uma criava problemas e situações para outra resolver.

Então, após alguns desafios lançados, quem desse a saída mais criativa ou emocionante ganhava.

– E quem julgava?

– As estrelas. – Jogou um olhar para cima.

– As estrelas?

– Enquanto contávamos as histórias, íamos com os olhos grudados no céu. Uma boa dose de imaginação e outra de fantasia nos permitia enxergar quando as estrelas brilhavam mais. – Suspirou. – Coisas mágicas que só as avós são capazes de criar e só as crianças são capazes de entender.

– Você contava histórias para as estrelas? – ele soou entre impressionado e divertido.

– Eu ganhava quase sempre. – Ela estava sorrindo e as estrelas de repente mudaram de lugar.

– Então, as estrelas decidiram que você seria escritora?

– Não, minha avó me fez acreditar que eu era ouvida pelas estrelas. Isso me permitiu sonhar e creio que estimulou a minha criatividade. No fim de muitas noites conversando com o céu, quando eu tinha cerca de dez anos, já sabia que as estrelas não julgavam a nossa competição. Também já sabia que inventar histórias era o que eu queria fazer da minha vida.

– E nas noites nubladas, como eram julgadas as histórias?

– Um comentário tão lógico. É claro que você é um economista.

– Isso foi um elogio? – Ele estreitou o olhar.

– Nas noites nubladas nós não competíamos. Sobre o elogio...

– Uma marcada pausa, uma risada destacada: – Eu nunca entendi

os números, alguém capaz de decifrá-los para mim é quase um ser de outra raça, tipo o Spock de *Jornada nas Estrelas*.

– Nossa, acho que nunca me senti mais lisonjeado. – Ele piscou.

– E você, sempre soube que seria economista?

[Silêncio.]

Uma risada quase forçada dele.

– Desde muito cedo.

Uma resposta, sem responder.

– De Rutland para Nova York – Mitchell continuou. – Uma grande diferença.

– Enorme.

Ele fez um gesto para que retirassem os pratos.

– Incrível como em uma cidade com tantos milhões de habitantes a vida de duas pessoas se cruzam.

O coração afetado dela bateu nos dentes com essa afirmação. A verdade é que a presença de Mitchell a afetava mais do que ela gostaria. Muito mais.

– Encenei uma peça de teatro sobre isso.

– Nova York?

– Não, sobre como a vida das pessoas se cruzam. Sobre essa teia invisível que entremeia nossas realidades, conectando pessoas e criando situações que alteram ou não alteram tudo o tempo todo.

– Sobre os relacionamentos então...

– Sobre a engenhosidade e a arquitetura dos pequenos, grandes acontecimentos e as loucas emoções humanas, que são o que desencadeiam esses acontecimentos. Resumindo: nossa vida – ela explicou com olhar em cima do *sorbet* que acabara de ser servido. Experimentou. Limão.

– Por isso sempre achei que os relacionamentos são complicações dispensáveis.

Francie arregalou os olhos até os dele. Mitchell continuou com toda naturalidade.

– As relações, ao meu ver, são quase uma competição hipócrita de quem consegue ser mais carente ou mais mentiroso – soprou o ar pela boca. – Acho que se todos encarassem a vida desta maneira, tudo seria muito menos... complicado.

– Discordo – ela contrapôs com a voz suave, uma leve careta que nada tinha a ver com o azedo do sorvete. – As relações humanas são complicadas porque somos seres movidos por elas. Cada um digere de sua maneira as complicações. Mas as emoções são inevitáveis, e fingir que isso não nos alcança – se mexeu na cadeira –, não nos torna imunes à indigestão. – Afastou a taça com o *sobert* e completou: – Minha mãe sempre me fez olhar as coisas dessa maneira. Tento aprender até hoje.

Ela sabia que sim, tentava aprender como encarar as emoções, mas não conseguia sempre digeri-las. Tinha dias em que o seu corpo vivia uma TPM emocional constante. E sobre a mira de Mitchell, as emoções davam pulos mortais e corriam por labirintos em seu corpo. O olhar dele, limpo sem nuvens, estrelava tudo dentro. Era tão diferente do discurso, tão diferente.

– Sophia, não é o nome de sua mãe?

É possível que a sua expressão demonstrou toda a surpresa que sentiu. Pois ele justificou:

– Eu estudei, lembra?

Ela, entre incrédula e nervosa, disse sem pensar:

– Eu também estudei sobre sua vida. Bastante – deteve-se, tentou disfarçar – para poder falar durante o coma. – Olhou-o tímida.

E, Deus... lá estava o olhar outra vez. Ainda mais intenso. Atirando areia em suas veias. E a respiração dele estava pesada? Ou era só ela que estava afetada daquele jeito?

– Francie... O que aconteceu naquele hospital durante o meu coma?

As mãos começaram a tremer, de leve, mas tremiam.

– Como assim? Por quê? – O *sobert* estava quase intacto, ela derretia.

– Esquece. – A mão cortou a distância da mesa e agarrou a dela. – Eu quero tentar corrigir um erro, acho que um dos grandes. – O polegar dele desenhava círculos na palma da sua mão.

– Que erro? – ela perguntou incerta por causa dos círculos elétricos que se estendiam da mão e tomavam o braço.

– O de expulsar você um ano atrás daquele quarto de hospital.

Ela abaixou o olhar para as mãos entrelaçadas.

– Eu não entendo, você acabou de dizer que não acredita nos relacionamentos e não os quer complicando a sua vida.

– Eu também não entendo – foi sincero.

– Eu... eu – ela hesitou e ele interpôs-se:

– Francesca, não estou pedindo nada além da oportunidade de descobrirmos juntos o porquê, quando olho nos olhos, ou quando encosto em você como agora, isso parece diferente de tudo o que já experimentei.

As sobremesas chegaram. Eles experimentaram sem falar nada. A polenta doce com pera e calda de vinho tinto estaria deliciosa se ela conseguisse sentir o gosto. Um doce era a desculpa ideal para o constrangedor silêncio que se instalou ficar menos pesado. Três tímidas colheradas depois, ela confusa e um pouco atordoada encostou o talher no prato e levantou pedindo licença.

– Preciso ir ao toalete – disse esforçando-se para não soltar todo o carregamento de choro da Itália na frente dele. Mitchell não poderia entender como aquilo tudo a apavorava de mil maneiras diferentes. Como tudo o que ele acabou de falar a enchia de sensações desordenadas.

Caminhou para fora da tenda e, quando cruzou para o interior da suíte, olhou ao redor buscando a porta do banheiro. Uma vez trancada na segurança apertada do lavabo, olhou-se no espelho. Notou as lágrimas que queriam romper a barreira dos olhos. Espantou-as.

– Covarde! – disse irritada consigo mesma. O que mudou em um ano? Sentia-se tentada a fugir correndo daquela suíte e nunca mais lembrar que ele reapareceu na sua vida e se esquecer para sempre das palavras... Das últimas palavras:

“Francesca, não estou pedindo nada além da oportunidade de descobrirmos juntos...”



Deus, será que ele falaria tudo aquilo se não fosse verdade, com o único intuito de levá-la para cama? Respirou fundo e se encarou uma vez mais.

– Em frente! – murmurou não tão decidida. Restava encarar a verdade e enfrentar os fatos.

A verdade era: estava atraída por ele de uma maneira miserável. Mitchell era o sol, inteiro calor e luz, e ela se sentia presa no chavão da mariposa. Mesmo sabendo que o sol a derreteria até a morte, ou quase até lá. Não conseguia resistir diante dele. Acreditava com convicção que poucos conseguiam. Ele tinha isso, uma espécie de magnetismo inebriante.

Essa era a verdade.

O fato era: ou ela saía íntegra e resolvida a usufruir de uma única noite de sexo sem complicações, como ele mesmo deixou claro que eram os seus casos, ou iria embora naquele exato momento, sem nem mesmo voltar a sentar na porra da mesa com aquele homem – insanidade de irresistível. Conhecia-se, sabia que a desculpa da noite livre de orgasmos era o convite para o, para o... buraco? Podia ser. Mitchell não era qualquer homem bonito que apareceu na sua cozinha, com uma proposta de sexo casual.

Ele era....

Só ela sabia o que ele tinha sido. Daria o fora dali. Decidida, cruzou em largas e determinadas passadas a sala. Pediria para ir embora.

Um repentino mal-estar. Era uma desculpa idiota.

Uma chamada urgente. Podia ser menos idiota.

Quem a chamaria em Taormina? Qualquer pessoa.

Inventaria qualquer coisa. Mas antes que pudesse cruzar a porta de acesso ao terraço, ouviu em suas costas:

– Francesca. – Estacou paralisada, notou-o se aproximar e tocar no seu ombro.

– Fique!

# Capítulo 41

Ela virou e absorveu: o rosto que aprendeu a amar em silêncio. A voz. A voz, meu Deus. Os olhos que sonhou encontrar, perder-se. Estava perdida. Mitchell era real e estava ali, olhando-a como se dependesse disso para respirar e, por mais louco que fosse, a realidade superava o sonho, e muito.

Esqueceu-se por completo de sua recente decisão, o cérebro, os músculos, o corpo foram reduzidos à operação mariposa. Sofreu uma metamorfose visceral e seu coração eram as asas desse delírio.

– Você está – sentiu-o tocar as lágrimas recém-derramadas – chor...

Não pôde terminar. Francesca cobriu os lábios dele com os dedos. Ele tomou a mão entre as suas, beijou com desespero cada gema e cada nódulo. Francesca ofegava e Mitchell esforçava-se para manter-se estável. Olharam-se por um infinito momento. Ele mergulhou no verde. Ela virou do avesso o castanho.

Segurou o lindo e sonhado rosto feminino entre as mãos e avançou em um único movimento. Cobriu os seus lábios como se

disso dependesse o eixo planetário e bebeu-a seco de vontade, como se disso dependesse a vida.

Ela sentiu o mundo desprender do eixo e retomar nos lábios que deslizavam de um lado ao outro dos seus com uma exigência nua. Abriu a boca e deu total acesso à exigência. Ouvi-o emitir um som rouco, vindo do peito, na medida que o beijo se aprofundava, na medida que a língua fazia o mundo na sua boca. Francie entrelaçou as mãos na nuca dele. Trouxe a sua boca para um mergulho obsessivo e intenso. A língua dele era um maçarico em suas veias e liquefez todo o seu corpo, todo o mundo.

“Nada, nunca foi assim” – ela entendeu sofreada por dar e tomar. Tudo, tudo, tudo!!!

– Deus – Mitchell ofegou escorregando os lábios por seu rosto.  
– O que está acontecendo?

Francesca, que estava derretida em uma autocombustão, não soube responder. O único som que conseguiu emitir foi um gemido baixo de permissão e entrega absoluta. A boca dele acatou a permissão e tomou da sua outra vez. Duas bocas famintas davam posse e tomavam posse.

Mitchell, que queria no começo apenas garantir com um beijo rápido que ela seria sua naquela noite, esqueceu quem era, o que faziam, onde estavam e quando a notou tremer em seus braços, conforme as suas línguas desfomeavam tudo, ele soube: podia o sistema financeiro do mundo entrar em *crash* simultâneo que seria incapaz de somar dois mais dois. Foi intoxicado pelos lábios, tomado pelo beijo, disposto a perder tudo pela cumplicidade do encaixe.

“Camadas demais, roupas demais” – ele constatou que esse era o único *crash*, problema e erro da existência. Movido pelo instinto de salvar o mundo, ao menos o próprio, passou a abrir a fileira de botões do purgatório nas costas do corpete do vestido. Enquanto as mãos trabalhavam em prol da salvação, a boca exigia a sua parte cabível nesse ato, percorrendo com a língua, lábios e leves mordidas na orelha e, logo após, no pescoço – que devia ser dele por cotas. Francesca atormentava-o arfando e emitindo baixos sussurros. Cada ronronar que saía do peito dela lançava um certo sortilégio, um poderoso encantamento e um inquebrantável feitiço que o atava a ela de maneira inexorável. Um contrato invisível, capcioso, que ele ao certo não queria quebrar.

– Mitchell? – ouvi-a dizer e percebeu que o calor de todos os sóis, de todos os sistemas, ardiam em seu corpo. Sentiu também os dedos incertos, ansiosos pelo ridículo esforço feito para abrir a quarta casa dos minúsculos botões. Então, sem perder tempo e sem nem mesmo respondê-la, empurrou-a contra a porta de vidro e afundou a boca na dela. Esse foi um beijo movido pelo anseio de pegar tudo.

– Mitchell – ela ofegou cega, atordoada, enlouquecida por ele –, os garçons. – Puxou o ar e disse: – Ainda estão no quarto – concluiu por fim seu comprometido raciocínio de mariposa. Diante dos beijos que a mutavam e da não pronunciada resposta, ela insistiu: – Mitchell – gemeu quando a língua dele contornou a sua orelha e a mão invadiu o interior do corpete, sem nem mesmo desabotoá-lo. Ele alcançou um dos seios. – Pelo amor de Deus – conseguiu dizer –, o quarto – ofegou.

– Sim – a voz dele saiu rouca.

Ainda sendo beijada, ela sentiu os pés escaparem do chão. No caminho para o quarto, o beijo não foi interrompido, ela não reclamou.

Uma vez na suíte, ele colocou-a no chão escapado e o beijo quebrado por nada foi feito ainda mais urgente, ainda mais profundo, ainda mais... Nada definia.

Francesca dominada por dedos com fome, começou a abrir os botões da camisa dele. Conseguiu expor uma boa parte do torso e espalmou a mão desesperada deslizando-a por todo o abdome. Sentiu-o enrijecer os músculos e ofegar.

As mãos de Mitchell, que antes vinham incertas, diante das imagens que o invadiram – dela tombada e nua na cama – foram condenadas a nunca mais ficarem fixas, e essa era a parte menos comprometida do seu corpo. Voltou à luta com os minúsculos botões. Naquele momento, eles estavam com uma vantagem de 10 x 0 em cima dele.

– Merda – disse ansioso. – Isso é uma armadilha?

Ela reprimiu uma risada com os lábios apertados.

– Deixe eu fazer isso – conforme ela girou o vestido para acessar os botões pela frente, notou-o livrar-se da camisa. Deteve-se e percorreu-o com os olhos dilatados. “Meu Deus do céu”, ele tinha o corpo masculino, nossa... nossa... perfeito. E isso era só metade dele.

– Francesca – a voz de Mitchell era rouca e baixa, como um condenado implorando pela vida. – Rápido, se demorar mais, sinto que vou morrer.

Ela obedeceu cega. Queria salvá-lo com desespero. Abriu a fileira de botões e deixou o vestido deslizar por seu corpo até o

chão. Deu um passo a fim de se livrar dele e tomou o ar com dificuldade.

Estava em pé, na frente de Mitchell Petrucci.

Estava em pé, só de calcinha de renda preta e sandália de salto, na frente de Mitchell Petrucci.

Iria transar com ele.

Isso realmente estava acontecendo.

Pelo amor de Deus, logo.

Não teve coragem de encará-lo, sabia que os olhos dele já tinha tido tudo. Ouviu-o respirar pesado e reparou que ele levou as mãos em uma pressa atropelada ao cinto, começou a tirá-lo.

Ofegos, silêncio, respirações entrecortadas.

Ela abaixou para desatar a sandália. Viu a calça masculina cair, logo após a boxe. Ele deu dois passos à frente, deixando de lado o monte de roupas. Francie se ergueu livre das sandálias e fitou os escurecidos olhos. Eles vinham entrecerrados como se pesassem muito. Eles ferviam tudo nela. Mitchell avançou rodeando-a com os braços e tomou os seus lábios bebendo um vício.

– Tem ideia do quanto você é perfeita? – ele murmurou na sua orelha. – Tem ideia do quanto eu te desejo?

Ela negou com a cabeça, uma resposta decidida e involuntária. Ele continuou:

– Eu sonho com você há um ano, eu espero você há uma eternidade.

Francesca não entendeu e não se preocupou com isso.

Devagar, ele a conduziu para cama enquanto dizia incompreensões no seu ouvido. Sentiu a borda do colchão que deteve as suas pernas. Ele a tombou sempre apoiando o seu corpo e deitou sobre ela sempre a beijando.

Mitchell sabia que se cedesse ao impulso e à desenfreada necessidade, tudo acabaria por desgraça rápido demais. Se ele cedesse ao desejo que o cegava até as células, pareceria um animal descontrolado e não um amante experiente.

Ele queria ser para ela o amante.

Queria compartilhar com ela o tormento da luxúria que o perseguiu durante um inteiro ano. Queria que ela entendesse por seu corpo, o quanto precisou dela antes mesmo de saber se ela era real. E queria, sobretudo, convencer a si mesmo de que aquilo não era um sonho. Então, decidido a prolongar a experiência, ele disse no ouvido dela:

– Eu vou adorar você, Francesca, cada pedaço do seu corpo.

A promessa de veneração foi cumprida pelos lábios de Mitchell. Eles começaram sua peregrinação pelos dedos dos pés e estenderam a devoção pelos tornozelos. Em seguida, ele percorreu cada pele exposta e com a língua desobedeceu ao menos 15 mandamentos. Atirou-a ao estado de total ebulição, em que só existiam ele o seu corpo, ele o seu cheiro, ele a sua voz, ele inteiro nela por todas as partes, em todos os elétrons.

Mitchell continuou e continuou a sua promessa de uma maneira nada santa. Guiou-a com palavras e carícias à berlinda de um êxtase nunca imaginado por Francesca. Prolongou o clímax pelo máximo de tempo que ela pôde suportar. Quando Francie tentou retribuir, ele permitiu até certo ponto e logo voltou a atormentá-la



com a boca nos seios, de maneira tão devastadora. Até que não restava mais nada, até ela implorar.

– Por favor, por favor, Mitchell, por favor!

Ele se colocou em cima dela, agarrou os seus braços com uma força calculada, elevou-os sobre a cabeça imobilizando-os e pediu. Não. Ordenou:

– Não mexa os braços até que eu te solte... Entendeu?

Ela concordou e quase explodiu com aquela ordem. Estava tão louca de desejo que se ele a mandasse fazer malabarismo nua no saguão do hotel, ela obedeceria. Mitchell a beijou e mordeu os seus lábios marcando-a. Foi ao ouvido dela e soltou:

– Francesca, com meu corpo eu vou amar você. – Isso fez tudo soltar em outra dimensão.

Notou o barulho do plástico rasgando e contorceu-se de ansiedade dolorida e brutal. Ela foi quase torturada até ali. Ele imobilizou os braços dela outra vez, ao mesmo tempo que preencheu tudo nela com uma única investida. Ela emitiu um som que partiu da sua alma.

O tempo, o espaço, a terra, as galáxias convergiram em uma fusão, ali, naquele ponto onde os seus corpos se uniam. Mitchell povoou a sua orelha com diversas frases que não eram entendidas, ela estava derretida na metamorfose de tudo, de todo o Universo.

– Os sonhos não eram nada – ele disse, ela não entendeu. – É divina – isso ela entendeu, ele ofegou. – Caralho, Francesca – ela queria dizer o mesmo. Mas era incapaz de fazer qualquer coisa senão gemer, arquear-se e ofegar.

Ela respirou o ar de dentro dele e ele tomou o ar que Francesca dava com a boca, imprimindo beijos que acabavam com toda a forma. Um, ao fim de dois acima do tempo, as investidas ganharam força.

Francesca sentiu que se escalava perdida e quando acreditou que não teria forças para continuar subindo-se e ainda viver, gritou ao alcançar a libertação. Mitchell tomou o seu grito com um beijo fundo. E tudo se universou e explodiu banhando-a na infinidade da luz. Francie arqueou o corpo oferecendo-o ao prazer do amante que pouco depois soltou um som rouco e convulsionou repetidas vezes o seu clímax estrondoso e expansivo.

Foi o *big bang*. O grande início de tudo. Algo muito além de uma simples experiência sexual, foi... Espiritual; Francesca soube enquanto as estrelas escorriam abundantes dos seus olhos, sem que as tivesse notado.

Mitchell soltou o corpo em cima do dela. Estava em um grande vazio, em uma plenitude sem explicação. Adormeceu sem se mover por um breve instante. Quando despertou percebeu que ele ainda detinha os braços dela para cima. Ela nem tentou mover. Ele sorriu e rodou o corpo trazendo-a para junto. Entendeu que tinha acabado de viver a experiência sexual mais inacreditável de sua vida. Sexual não, isto foi além do sexual. Foi a experiência física mais intensa que já teve.

Física? Não, foi além. Foi indescritível. Ele apertou-a com uma ternura possessiva enquanto a cabeça dela descansava em seu peito.

– Porra, Francesca... foi inacreditável – conseguiu, depois de um longo e silencioso momento, dizer algo coerente. Ele notou ela suspirar contra o seu peito.

## Capítulo 42

Dormiram em uma integração de pele. No meio da noite, Mitchell a despertou com beijos pelo corpo e a fez dele de uma maneira mais dominante, exigente e direta, menos branda, como se quisesse marcá-la. Ela gritou, xingou, chamou por Deus e o arranhou. Respondeu com a mesma força insana que ele exigiu. Foi um êxtase demente. Após envolvê-la, como se os braços fossem parte dela, como se a pele fosse dela, ele se apoiou sobre o cotovelo e olhou-a.

– O quê? – Ela não entendeu, ele não tirava os olhos da sua boca.

– Você tem uma boquinha linda e suja.

A boca, tema da conversa, abriu.

– E eu adoro – beijou-a.

– A culpa é sua, seu pervertido. – A boca agora sorria.

– Pervertido?

– Não que eu esteja reclamando, é só que... olha o que você fez comigo – ela pareceu séria.

– O quê? – a voz dele saiu entre tensa e preocupada. – Eu... eu machuquei você?

– Acho que não, eu ainda não sinto o corpo – Francie prendeu a boca.

– Você está rindo?

– Não – forçou uma voz condoída. – Eu quebrei duas unhas nas suas costas e perdi metade das cordas vocais enquanto gritava.

Silêncio. Ele se mexeu na cama, pegou algo no criado-mudo.

– Mitchell?

– Eu achei que tinha machucado você.... Você vai pagar por isso.

Ele a imobilizou, comprimiu o corpo no colchão contra o seu.

– Ri só mais uma vez. – Soprou na sua orelha.

Silêncio.

– Você achou mesmo que tinha me machucado?

– É claro, eu perdi a cabeça e você é pequena... eu. – Mitchell ainda a detinha com o peso do corpo.

Ela se engasgou com outra risada.

– Eu sou pequena?

Silêncio.

A boca dele no seu pescoço.

– Eu gosto da sua... Ahhh! – Arqueou-se quando sentiu ele dentro, sem aviso. – Força – concluiu sem fôlego.

– Ria de novo, Francie – ele disse dentro da sua boca.

– Pervertido louco – foi quase um gemido.

– Sim, você me deixa desse jeito.

Francie percebeu a respiração de Mitchell se tornar mais profunda e ritmada. Não dormiu de imediato. Estava em um estado quase hipnótico. Profundo relaxamento. As mãos dele em sua barriga e a sua forte respiração na orelha. Hipnótico. A voz forte acordou a sua consciência.

– Estou apaixonado – foi mais um murmúrio do que uma frase clara e audível. Porém, ele estava com a boca quase em sua orelha e ela teve certeza das palavras. Sentiu a respiração acelerar, o coração bater as asas e uma alegria voar para o estômago. Sem nem mesmo entender como, lágrimas.

– Mitchell, eu... – contaria tudo a ele, decidiu.

Respirou fundo e a realidade tomou conta de sua entorpecida razão: os braços dele vinham largados em seu corpo. O ritmo de sua respiração ia pesada... E, Deus, ele dormia? Devagar, manobrou o forte braço e girou a fim de encará-lo. Ele estava apagado.

– Sempre soube – a voz masculina confirmou o seu discurso noturno.

– Mitchell? – A única resposta que obteve foi um murmúrio intraduzível.

Sentou-se, levou as mãos ao rosto. “Santo Deus.” Ela quase se declarou a um sonilóquio. Quase contou que se apaixonou por ele enquanto estava em coma. Respirou e olhou para os lados. O ar explodiu a garganta, engoliu em seco. O quarto estava escuro, escuro demais.

– O que eu fiz? Tive a experiência sexual mais foda da minha vida – disse em voz baixa. – Fui marcada para sempre.

Ela achava que tinha química com Vince. O sexo com Mitchell fez qualquer outra experiência parecer um ensaio.

– Deus... que bosta! – Levou as mãos aos olhos outra vez.

Será que tudo o que ele falou e tudo o que ela sentiu fazia parte do pacote “Dom Juan” *by* Mitchell Petrucci? Ele tinha a fama. Ela não tinha certeza. Na verdade, não sabia direito nem como tinha ido parar naquela cama, saiu decidida do lavabo a agarrar a sua fuga. No lugar disso, viveu algo que a marcaria para sempre. Se ele não fosse “ele”, talvez desse ótimas risadas contando para Lilly e Tom, como era ir para cama com um bilionário fodástico. Porém, havia um grande problema neste estratagema *Carpe Diem*. Era Mitchell, e a noite havia sido, intensa. Muito intensa.

– Hora de acordar, cinderela ferrada! – falou com a voz abafada e levantou da cama. Olhou-o imaginando se ele seria assim com todas as mulheres que já teve. Lembrou da varanda e das palavras do próprio Mitchell:

“Relacionamentos são complicações dispensáveis.”

Sim, deveria ser. Ela sentiu frio, se controlou para não bater os dentes. A cama estava quente. O fim de noite estava frio. Mitchell estava quente. Era como o sol e ela naquele momento, era uma mariposa fodida. Ao menos fora bem fodida. Sorriu com o próprio humor sarcástico, colocou o vestido e as sandálias.

A fim de guardar algo de bom de tudo que aconteceu e acreditando que quando ele acordasse talvez a mandasse embora com fortes grosserias, ou educado como um perfeito Dom Juan, decidiu, pouparia o seu queimado corpo, marcado a fogo, de se

machucar ainda mais. Olhou-o uma última vez e disse se cobrindo com a pashmina:

– Adeus, Mitchell.

Vislumbrou o céu pela porta da varanda, o dia começava a criar cor. Saiu. Andou pelos corredores. Passou por um amplo espelho. Parou.

– Meu Deus do Céu! – Ele realmente a marcou. Tinha uma mancha grande e roxa na base do pescoço. Vulgo chupão. Continuou um pouco aflita a análise no espelho. Outra mancha no decote. Uma mordida?

– Merda.

Nos pulsos, vergões. Ok, estes eram quase imperceptíveis. Virou de costas, tirou o cabelo. Viu uma marca de mordida no ombro. Fraca, mas estava lá. Quase riu. Que demência, como ele fez tudo isso sem que ela sentisse dor?

Cruzou a recepção e parou em frente ao porteiro.

– Bom dia, um táxi, por favor.

– Bom dia, é para já, senhorita. – O bem treinado funcionário saiu rápido.

Na recepção, tocava de fundo “As time goes by”.

*Que providencial* – ela pensou sentindo frio na boca. – *Acho que vou pedir uma navalha para cortar os pulsos se continuar aqui dentro, ouvindo esta música.*

E preferia enfrentar o frio da madrugada a brigar com o turbilhão de emoções conturbadas e que foram superaquecidas por uma trilha sonora nojenta.

– “Play it, Sam” – ela murmurou cruzando a porta para o encontro com o frio. Áspero.

O encontro durou pouco, pois o táxi logo chegou e ligou a bandeira da aquecida fuga. No percurso para casa, decidiu que se ocuparia durante o dia. Talvez houvesse chegado o momento de organizar a volta para Nova York. Mergulhar no trabalho outra vez parecia uma boa ideia.

Era domingo e em uma cidade turística como Taormina sempre tinha muito o que se fazer. Poderia ligar para Marcello e...

– Deus, Marcello... Domingo...

Pegou apressada o seu celular e confirmou na agenda, o compromisso esquecido: voo de *parasail* com Marcello. *Graças a Deus*, concluiu aliviada.

No fim, a mariposa iria voar de verdade.



## Capítulo 43

Mitchell acordou e recobrou os sentidos. Francesca estaria ao seu lado. Que noite, que mulher espetacular. Não foi à toa que seu inconsciente o fez sonhar como um louco com ela. Era muito inteligente este inconsciente. Ela era a mulher dos sonhos de qualquer homem. Ao lembrar da água, dos olhos da pele, das pernas que o prendiam como raiz na terra, do fogo na voz, dos beijos, do ar da entrega dissolvida dela, foi invadido pela carga alquímica do quinto elemento desejo e da total simultânea satisfação. Ela estava ao seu lado. Era domingo, poderiam passar o dia na cama.

Sim, isso seria perfeito.

Começou devagar, ainda de olhos fechados a tatear o colchão em sua busca. Sentiu a cama gelada ao seu lado. Abriu os olhos vencendo a leve claridade que invadia as janelas. Ele se esqueceu de fechar a cortina na noite anterior. Passeou no quarto com olhar, ela deveria ter ido ao banheiro – concluiu. Viu o relógio na mesinha lateral e comprovou: 07h33 Am.

Levantou, vestiu a calça que estava no chão e foi até o banheiro da suíte. A porta estava fechada.

– Francie – ele arriscou dando duas batidinhas de leve. Não houve resposta. Encostou o ouvido na porta, nenhum som. Bateu outra vez mais persuasivo:

– Francie – foi mais enfático.

Silêncio.

Tentou a fechadura, que girou livre em sua mão. O banheiro estava vazio. Ainda sem se dar conta da tensão que começava a exigir a sua participação naquela cena, ele foi para a sala.

– Francesca? – chamou mais alto, olhando ao redor. Foi até a porta da varanda e percorreu com olhar atento o exterior. Nada, constatou. Voltou ao quarto e traçou um detalhista exame visual enquanto as mãos iam encaixadas no bolso da calça. Não encontrou as roupas que ela usava.

“Ela deve ter saído da suíte em busca de alguma coisa” – tentou se convencer ignorando o desconforto que se instalou na boca do estômago. Ignorou também o ar que de repente pareceu estragado. Passou a mão no telefone e ligou para recepção.

– Bom dia, senhor Petrucci, no que posso ajudar? – disse a simpática voz feminina do outro lado da linha.

– Bom dia, a senhorita Wiggs que entrou ontem à noite em minha companhia, você sabe se ela está pelo hotel? – tentou soar calmo e controlado. Não conseguiu. A sua voz vinha tomada por uma acidez estranha, a mesma que envolvia o estômago.

– Só um momento, senhor, vou verificar.

A ligação foi colocada no sistema de espera, tocava uma música suave de fundo. Mitchell sentou-se na beira da cama sentindo o coração estourar o peito, enquanto para aliviar a tensão

que enrijecia todos os músculos do corpo, passou a bater o pé direito repetidas vezes no chão.

“Francesca estaria pelo hotel e ele se sentiria um idiota” – convenceu-se.

– Senhor Petrucci – retornou a prestativa mulher –, ela deixou o hotel há duas horas.

Ele ficou parado, mudo, sem nenhuma reação enquanto a sua mente percorria rapidamente os acontecimentos da noite tentando encontrar alguma dica do que diabos acontecia... Não encontrou.

– Senhor Petrucci? – Ouviu-a chamá-lo.

– Algum recado?

– Não, senhor.

– Obrigado – desligou o telefone com um movimento seco. Passou as mãos no cabelo em um reflexo da mais irritada incredulidade por ter dormido no paraíso e acordado no inferno.

Levantou, passou a andar de um lado a outro na espaçosa suíte. Parecia pela força de suas largas passadas que o chão cederia. Também era de se arriscar pela raiva que marcava o seu rosto, que uma vez aberto a passagem para o escaldante mundo inferior, seria o próprio príncipe da discórdia que iria recebê-lo, como um encontro de velhos amigos. Entretanto, antes que isso de fato acontecesse, ele pegou abrupto a camisa jogada no chão e abotoou-a de qualquer jeito. Enfiou os sapatos e chamou outra vez para recepção. Não esperou ouvir o cumprimento.

– O meu carro, por favor, estou saindo – pegou um casaco, o celular, a carteira e os óculos escuros.

Tinha certeza de poucas coisas naquele momento. A sua mente estava conturbada, mas sabia com clareza que nunca a atitude de uma mulher abalou-o tanto. Isso era desconcertante e muito irritante. Na mesma clara proporção sabia que não deixaria isso passar. Estava tão resolvido em sua fúria que ignorou a picada da dor que se alastrava em seu peito diante da fria confirmação dos fatos.

# Capítulo 44

Depois que voltou para casa, Francesca não conseguiu dormir nem mais quinze minutos como tinha sido a sua intenção. Cansada de rolar na cama e fritar os miolos, levantou. Concluiu neste par de horas insone e um pouco chorosa que não se permitiria sofrer. Não era mais uma criança, e o último e surtado ano tinha sido suficiente para brincar de psicopata emocional.

Estava sentada no largo balcão da cozinha, com uma gorda xícara de recém-feito café e uma fatia de queijo. Tomava com calculada lentidão a bebida esfofaçada, assoprando-a vez ou outra.

*Prrimm.* A campanha. Suspirou e apoiou a xícara na pia.

*Prrimm.* Tocou outra vez. Ela franziu o cenho e colocou o queijo na geladeira. *Priiiiiimmm.* Outro irritante e longo toque.

– Meu Deus, mas o que deu em Marce..? Ou será? Não, decididamente não – murmurou em voz alta e *priiimmm*, o quarto toque a fez ter um leve sobressalto e apressar o passo. Cruzava a sala em largas passadas e *primmm*, *primm*, *pirmm*. Três toques a mais tocaram o seu alterado humor.

– Porcaria – disse abrindo a porta.

Encontrou com a descartada hipótese de quem poderia ser molestando a campainha como se fosse divertido, como um moleque endiabrado. Ou, ela engoliu em seco – como se fosse o próprio diabo. Mitchell estava em completo desacordo – os cabelos um descordo e o rosto escurecido por um descordo com o barbeador, as roupas... “Deus”, eram de um homem em desacordo com sua razão e a sua respiração parecia estar em desacordo com a sobrevivência. Francie, por algum motivo particular e desconhecido, sentiu o ar faltar enquanto o corpo foi percorrido por uma descarga elétrica e as vísceras contraíram... Insegurança? Quando ele levantou os óculos escuros, do tipo aviador, ela teve outro pequeno sobressalto, os olhos vinham tomados por brasas. Eles, em definitivo, não chegaram a nenhum acordo com a paz.

– Bom dia, querida, dormiu comigo? – O tom ácido de Mitchell a queimou.

– Mitchell, eu – foi só o que conseguiu dizer, antes de ser interrompida por um tranco no ombro quando ele avançou para dentro da casa, sem pedir licença. Jesus, o homem estava pilhado e parecia querer retratação por...

Seu orgulho ferido?

Ela nunca imaginou que um homem como ele pudesse sofrer deste tipo de fragilidade tão comum...

– Que merda você está fazendo aqui? – Ele exalava fogo pelas narinas.

Pelo visto sim, ele poderia.

– Eu... Você dormia e eu... – Colocou o cabelo atrás da orelha desconcertada. – Tenho um compromisso e...

– Saiu como uma prostituta no meio da noite da minha cama.

Desgraçado! Não era? Foi afetada pela raiva.

– Você não tem o direito – começou a dizer com a língua pinicando.

– Não – ele a interrompeu brusco. – Você não tinha o direito de desaparecer do meu quarto sem deixar nem mesmo um recado, como se eu fosse um brinquedo sexual.

Ela estourou em uma fria gargalhada. Estava nervosa. Mitchell a deixava assim. Louca, ele a deixava como uma louca.

– Quem é você, senhor Petrucci, para cobrar qualquer coisa, quando a sua fama de galinhar sem medidas ultrapassa fronteiras internacionais? Pergunto, quantas mulheres já foram deixadas por você da mesma maneira gentil e discreta? – Ela ergueu os olhos como se aguardando a confirmação.

Ele abriu a boca para responder e então se deu conta de já havia feito isso muitas vezes, mas nunca sem deixar um recado, uma explicação, nunca sem enviar algum presente no dia seguinte. A verdade era, estava puto demais por ela ter saído do seu quarto e agia como um louco possessivo. Merda! O que o desequilibrava era a ideia de que ela poderia nunca mais querer vê-lo. Sentia-se compelido pela raiva a sacudi-la até que ela desse alguma explicação e pelo desejo – que exigia das veias dele uma atitude – a cair ajoelhado e implorar para tê-la uma vez mais. Como possibilidade da súplica de joelhos estava fora de qualquer cogitação, ele avançou dois passos, colocando-se a escassos centímetros de distância e disse:

– Francesca, eu estou com um humor de merda. Portanto, vou pedir apenas mais uma vez por uma explicação que me convença. – Travou o maxilar. – Por que uma mulher adulta e sensível sai do

quarto de um homem que a amou com tanta intensidade, no meio da madrugada, como uma mulher fria e imatura? – Fez uma pausa e pediu com uma falsa calma: – Me convença.

– É mais difícil quando você é a parte atingida, não é mesmo?

– Então é isso? – Mitchell segurou os braços dela fazendo uma leve e incômoda pressão.

– O quê?

– Uma vingança – ele apertou-a com um pouco mais de força. – Mas não uma vingança para salvar a honra de todas as mulheres do planeta, e sim uma vingança mesquinha e pessoal, contra todos os homens que já feriram o seu precioso orgulho.

– Muito bem – ela repôs seca. – É isso. Sou uma justiceira egoica. Agora que obtive sua resposta, me solte, você está me machucando.

Ele a largou com um movimento abrupto e cruzou o hall da entrada com passos firmes. Foi até a cozinha. Ela correu atrás e o encontrou abrindo a geladeira.

– O que está fazendo? – perguntou entre irritada e intrigada.

– Vou comer algo, já que nossa queda de braço durará algum tempo a mais.

– Você é quem está fazendo queda braço. Você quem invadiu a minha casa pela segunda – corrigiu-se –, terceira vez. – Parou no meio da cozinha de queixo erguido com as mãos na cintura.

– E você, Francesca, está mentindo – virou para ela e soltou entre os dentes –, sobre o que dividimos na noite anterior, para mim e para si mesma.



– Um bom sexo, foi o que aconteceu.

– Sabe o que eu acho? – Ele navalhou os olhos. – Que você está apavorada com o que está acontecendo entre nós e fugiu por medo. MEDO de viver.

Ela abriu a boca para argumentar, mas ele largou o pão e o queijo tirados da geladeira em cima do balcão com um movimento duro.

– Eu tive a mais fantástica experiência da minha vida ontem e teria que ser um estúpido para acreditar que isso só aconteceu comigo naquela cama.

O autocontrole de Francesca desmoronava um pouco a cada palavra dele e ela respirava com a intensidade desse desmoronamento. Reuniu o pouco que restava de qualquer controle.

– Eu apenas nos poupei da constrangedora necessidade da despedida. Quando nós dois sabemos, Mitchell, que se ela não ocorresse hoje pela manhã, ocorreria no máximo em alguns dias ou, na melhor das hipóteses, em poucas semanas.

Ele deu dois passos vencendo a distância entre os corpos.

– Não, Francesca, tente uma vez mais.

Ela ficou em silêncio, fechou os olhos bem rápido. Buscou no seu interior qualquer resto de autopreservação, qualquer gota. Quando abriu-os sem encontrar nada, Mitchell estava de braços cruzados encarando-a com intruso e obstinado senso de exigência.

– Dizer a verdade é o mínimo que você me deve depois de tudo o que aconteceu – ele disse.

Ela olhou para baixo, a voz saiu repleta de várias sensações loucas, travadas, confusas.

– Você quer a verdade? – Olhou vencida. – Pois bem, a terá em uma versão HD e *sound round* e quando eu acabar de falar, você me achar uma demente e perceber que não existe espaço para mim na sua ordenada e controlada vida isenta de relacionamentos, por favor, saia da minha casa e da minha vida, antes de explodir o que resta da minha cabeça e do meu amor-próprio. – Ela tomou o ar com força e engoliu em seco, a voz saiu mais tremida do que gostaria.

– Há pouco mais de um ano, eu fui traída pelo meu quase noivo. Na verdade, eu presenciei a traição em um palco, o que transforma esse entretenimento em um daqueles: “pague para entrar e reze para sair”. Quando eu saí, resolvi que um trabalho voluntário poderia ocupar o meu... tempo.

Mitchell deu uma longa exalação ao entender que ela foi ferida de verdade por um homem e sentiu-se um pouco culpado por suas palavras. Ia se desculpar, mas Francesca continuou:

– Quando iniciei as leituras, algo que eu atribuí ao meu passado me levou a não conseguir deixá-lo ali, largado naquele cubículo rodeado pela espera da morte. Eu passei a ir te ver todos os dias.

Ela olhou para baixo, achando que assim seria mais fácil falar em voz alta aquilo que ela achou que nunca mais precisaria repetir para ninguém. Nunca mais.

Repetir isso para Mitchell a fazia sentir como se fosse Alice, bebendo a garrafinha que a fez minuscularizar-se, para então se

afogar nas próprias lágrimas. Entretanto, prosseguiu com coragem, já a voz não tão corajosa ia como Alice, reduzida.

– No começo ficava poucas horas por dia, mas ao perceber que você não recebia nem uma visita, eu não consegui – ela fez uma negação com a cabeça. – Me doía demais, porque eu sei o que é ser esquecida por alguém que se ama e eu sei, sei o que é esperar por alguém que se ama. Mesmo você estando inconsciente, eu... eu, hã, não fui capaz de ignorar que os dias começavam e terminavam sem que... sem que você recebesse uma única visita. – Ela mexia no cabelo, torcia entre os dedos um mecha de distração nervosa.

Mitchell sentiu um massacre no peito que rápido se estendeu até a garganta. Francie ainda olhava para baixo quando disse:

– Meu pai me abandonou quando eu era um bebê. Foi ele quem eu esperei, durante anos. Então, eu comungava com você o abandono que você não percebeu, mas para mim – molhou os lábios – foi, hã, o que me levou a permanecer horas por dia ao seu lado. Então, dois meses depois – fechou os olhos e respirou longo, lento, os lábios tremeram a mecha de cabelo foi abandonada; os dedos agarraram a borda do balcão nas suas costas, a borda de qualquer apoio –, eu, hã... embarquei na, na loucura de acreditar que estava apaixonada por você – ela fez uma pausa, ainda sem olhar para ele, olhava para qualquer lugar que não os olhos, o rosto dele. – Eu custei a entender isso e quando fiz, fiquei apavorada. Achei que... que estava enlouquecendo, mas... mas mesmo assim, eu não consegui deixá-lo. Talvez porque... porque eu sentia que se o fizesse, ninguém mais estaria lá, talvez porque se eu o abandonasse me sentiria muito covarde. – Os lábios tremiam. Os lábios não deviam tremer. – Acho que, hã... eu gostava de acreditar

que você precisava de alguma maneira de mim... para ficar bom. Acho... acho que só queria me sentir imprescindível e... e especial, e sei lá.

Francie enfrentou as lágrimas que passavam a barreira do autocontrole e entendeu que não se afogaria. Só então o olhou. Mitchell estava parado, com a boca aberta, os olhos escancarados, a respiração alterada e ela teve certeza de que ele sairia correndo a qualquer momento, mas ele não correu. Ela não se sentiu melhor com isso.

– O fato de ter me iludido, de tal maneira louca, explodiu em tristeza quando soube que você tinha deixado assinado um termo estúpido que autorizava a sua eutanásia. Mesmo isso sendo ilegal em NY. Que tipo de louco faz isso? Hã... é que, bem, sabe? Brigar pela morte em um tribunal. – Ele arregalou um pouco mais os olhos e ela disse: – Isso foi muito bom para o meu estado quase beirando o surto, realmente enlouqueci de vez. Soube que precisava sair do hospital e buscar apoio. Eu... eu, hã... estava louca e devastada. Fiquei quarenta dias fora e, então, o resto você sabe – ela sorriu forçado. Não queria sorrir, mas forçou. – Quando voltei de viagem, você estava acordado e então...

– Meu Deus! – ele disse com a voz tomada por algo que rasgou-se dentro.

Ela estourou ansiosa:

– Por favor, Mitchell, não tenha pena de mim. Eu precisei por mil motivos diferentes passar por... eh... por essa loucura... Consegui encarar os meus fantasmas e creio que venci, ao menos alguns deles. – Ela umedeceu os lábios e continuou: – Não me julgue, apenas entenda que isso que acabei de falar é a prova de que nunca funcionaríamos juntos. – Suspirou. – Hoje, de certa

maneira, não me arrependo do que senti e me conforta acreditar que talvez – outro suspiro –, talvez... O amor que dediquei tenha ajudado um pouco na sua recuperação.

Ele abriu a boca com a intenção de falar, ela levantou a mão impedindo-o.

– Não estou pedindo que reconheça isso. Se queria a verdade do porquê fugi ontem à noite, é essa estranha mistura de um caos emocional, com... com um pouco de medo e muita... vontade de manter a cabeça no lugar dela, que é... bateu os indicadores na frente – tipo centrada.

Mitchell continuou em silêncio.

– Você falou, enquanto dormia, que estava apaixonado. Fez isso na minha orelha e, por um ridículo segundo, acreditei que estivesse... é... acordado, e quando vi que você não estava, entendi que mais uma vez estava entrando nessa sozinha.

– Francesca, nós... – ele a chamou, mas ela prosseguiu sem dar espaço:

– Eu não faço sexo por sexo. Por melhor que ele seja. Não consigo. – Sentiu as bochechas arderem, tentou limpar o rubor com os dedos. – Depois de tudo o que te falei, você deve ter percebido que nessa situação isso seria impossível para mim. Também não sou uma lunática, independente do que você possa achar. Não vou te cobrar por uma entrega que você não quer. Por isso, saí ontem – ela soltou o ar pela boca, estava exausta. – Toda essa verdade deve ter sido suficiente para restaurar o que quer que tenha sido ferrado em seu orgulho. – Não foi uma pergunta. Ele continuava ali parado. – Agora, você pode sair daqui e cada um seguirá o seu caminho com boas recordações um do outro.

# Capítulo 45

– Não – ele disse resolvido, mas por dentro estava decomposto e segurando há muito tempo a vontade de abraçá-la, de provar com o seu corpo o quanto tudo o que ela falou chegou nele de uma maneira que nunca acreditou que seria possível...

Os olhos dela arregalaram-se surpresos.

– Não? – Sentiu-se próxima à indignada.

– Não sem antes eu falar a minha verdade, e então, você pode decidir como seguiremos os nossos caminhos. – Ele deu dois passos para a frente e apenas escassos centímetros os separavam. – Eu passei quase um ano sonhando com uma mulher sem rosto. Por algum motivo, esses sonhos me perturbavam e me desorientavam... Eu fiquei obcecado tentando noite após noite ter um vislumbre do rosto dessa mulher, mas era sempre um borrão impreciso e distante.

Fez uma pausa, ela o encarava com os olhos inquietos.

– No final do ano passado, esbarrei em uma jovem em uma farmácia. – Os olhos dela sumiram abertos e Mitchell disse com um fio de risada: – Então, a jovem dos sonhos ganhou um rosto a partir daquela noite. Há pouco mais de uma semana eu encontrei um livro

que me marcou muito e quando fui buscar informações sobre a autora, encontrei a linda jovem que povoava os meus sonhos.

Agora, os olhos dela vinham cheios de lágrimas.

– Aí tudo despencou, me lembrei do dia no hospital, me lembrei de como tinha te tratado e precisava te conhecer. Eu precisava – ele passou as mãos na nuca dela –, então, eu busquei por meus contatos a informação do seu paradeiro. Eu vim atrás de você como um... um doente. – Eles estavam ofegantes, Mitchell colou a testa na dela. – Ontem senti algo que eu não posso descrever. Eu não... não sei explicar. Olhe para mim! – A voz dele estava rouca, o rosto possuído de urgência. – Estou aqui na sua frente e não consigo ir embora. Não posso prometer nada sobre o futuro, mas se é entrega que você quer... Eu – ele hesitou parecendo procurar as palavras e acrescentou com a voz imprecisa: – Eu já estou entregue, nunca desejei alguém como te desejo.

Então os lábios grudaram e os dois gemeram juntos quando as línguas foram ímãs. Foram tomados pela louca luxúria que os agarrou na noite anterior. Mitchell a ergueu com brutal facilidade sobre o balcão e ela rodeou o quadril dele com as pernas...

– Escute – ele disse tomando o seu rosto entre as mãos –, me desculpe por ter sido tão grosso... Eu apenas... não me deixe mais desse jeito...

Eles mergulharam em mais um beijo que se movia por osmose. Francesca abriu a camisa dele e escorregou as mãos por tudo. Estava desesperada com seu cheiro, com sua barba, com sua pele, com ele. Ouviu-o ofegar e sentiu as mãos quentes que invadiam a saia do vestido e livraram-na da calcinha. Rasgaram a calcinha. Notou que ele, sem perder tempo, começou a abrir a braguilha da calça.

– Camisinha – ela lembrou. Conseguiu lembrar.

– Merda... – um beijo urgente, as mãos entre as suas pernas

– Merda, esqueci – ele repetiu entre beijos, e ímãs e arquejos.

– Francie – Mitchell murmurou irracional –, me cuido, faço exames sempre, nunca nem mesmo com as amantes mais fixas fiz isso sem... Mas quero, preciso agora... e você?

– Eu, eu doo sangue, faço isso sempre e na verdade...

Mitchell a beijou com paixão crescente interrompendo-a. Estava louca, estava louco, estavam loucos.

Ele disse com a voz errada: – Existem métodos – ofego –, podemos – ofego – fazer – beijou-a como se fosse impossível parar. Era impossível. O que acontecia com eles?

Com os lábios nos dela, os ossos enxertados de desejo, sentiu as pernas de Francesca enlaçarem o seu quadril com força, exigindo, puxando e enlouquecendo.

– A gravidez – ele tentou novamente se expressar com muita dificuldade.

– Tomo pílula. – Beijos e ímãs que queriam grudar tudo neles: pele, lábios, olhos –, evita a TP... Mmmitchell.

Francie provava-o em todo o pescoço. Ela estava por todas as partes, era uma demência.

Mitchell voltou a precisar dos lábios. Em um único movimento tirou o vestido dela. Então, olhou-a: o perfeito corpo feminino coberto por nada, nada cheio de mil coisas. Foi demais para ele, precisava tê-la. Era urgente, estava em choque anafilático. Respirou



algumas vezes tentando se acalmar. Tinha receio de explodir antes de entrar em qualquer coisa dela.

– Ah, Francesca – soltou beijando-a e convencido de que era a mulher mais incrível de toda a Terra. Estava perdido, entregue à luxúria mais desenfreada que já bombeou as suas veias. Ela o deixava... fora de si por completo. Os sons que ela fazia, eram os mais fodidos e hipnóticos e... Hã. Francie gemeu baixinho enquanto ele mordida e sugava a curva deliciosa do pescoço. Mitchell comprovou, eram mesmo de outro mundo. Muito diferente de uma... campainha.

Campainha?

Sim, uma irritante campainha soando insistente. O toque de um telefone que rompeu em seguida no ar.

– Mitchell – ela espalmou as mãos no seu peito, afastando-o de leve. Entretanto, parar estava fora de cogitação. Ele deixou isso claro.

– Não... Deixe. – Voltou a beijá-la. Mas a porra do telefone voltou a tocar.

– Eu preciso... É o Marcello, deve estar aí fora. – Ela pareceu ansiosa.

– Sei – beijou-a muito decidido a continuar.

– Está aí. – Beijo. – Eu preciso. – Beijo. – Preciso. – Outro beijo. Ela insistiu: – É o Marcello.

– O quê? – ele acreditou não ter ouvido direito.

Francie sacudiu a cabeça, começou a tatear a mesa atrás do seu vestido e disse:

– Marcello, ele está me esperando, combinamos de voar de *parasail* há quinze dias.

Uma entrada nas águas excruciantes da Sibéria não deveriam ser mais frias do que o gelo que desceu sobre o seu corpo ao ouvir que outro homem estava parado no portão dela. O mau humor de todos os cornos se abateu sobre ele outra vez. Segurou-a pelo braço depois de abotoar a camisa e fechar a calça impedindo-a de ir em direção à porta.

– Não, Francesca!!! – ele rugiu.

– Não?

– Você não vai sair com ele.

– O quê?

– Você... Não... Vai... Sair... Com ele! – concluiu travando o maxilar.

– O que é isso, Mitchell, está louco?

– Louco estaria se eu permitisse que esse italiano de merda a levasse para um voo de qualquer porcaria.

– Ele é meu amigo, e além do mais, iria te convidar.

Ele sacudiu os ombros.

– Isso não faz diferença, porque você não vai.

Ela riu com um engasgo.

– Como é que é?

– Eu não quero nenhum desgraçado comendo você com os olhos, com a cabeça, com o que quer que seja. – Ele sentia o

maxilar pulsar e isso não era um bom sinal, estava se descompensando.

– Você... está com ciúmes?

– Chame do que quiser – ele cruzou os braços sobre o peito.

– Você está com ciúmes – ela se aproximou roçando a mão no rosto contraído dele.

– Acho que sim, estou possuído de ciúmes e acredite em mim, não gosto disso.

Ela sorriu quase achando graça e beijou-o.

– Marcello é apenas um amigo, e pare com isto, Mitchell, vamos nos divertir. – Usou mais alguns beijos convincentes. – Vamos?

Ele bufou sem paciência. Como podia resistir a ela?

– Está bem... porra – disse com a expressão contrária. – Vai abrir a porta para esse filho da puta, “empata foda”. – Ela ergueu os olhos em uma sutil advertência, ele ignorou. – Depois do *parasail*, nós vamos direto para o meu hotel, portanto acho bom que pegue o que você vai precisar de roupa antes.

– Sim, senhor – ela brincou adotando uma forçada prontidão e bateu uma ridícula continência. – Algo mais, senhor? – perguntou no mesmo tom utilizado por soldados no exército quando respondem a ordem de um superior.

Ele deu uma risada rendida.

– Estou só muito irritado com a interrupção desse italiano de merda.

– Mitchell... – Foi um aviso.

– Está bem.... Está bem – ele disse espalmando as mãos na frente do corpo em um gesto de trégua.

Ela correu para atender a porta.

– Oi, desculpe – disse esbaforida. – Eu tive um imprevisto.

– Está tudo bem? – Marcello soou preocupado.

– Sim, está, tudo ótimo...

Mitchell se moveu de maneira que pôde vê-los na entrada da casa. Marcello a abraçava e a mão dele ia quase no trasei... – Filho da puta – soltou entre os dentes. Teria que aguentar isso metade do dia.

– Entre, Marcello, só vou trocar de roupa.

E quando estavam ainda no hall, Mitchell surgiu da cozinha com o olhar que gritava: “Tire as mãos dela, é minha”.

Marcello, que ia com o braço enroscado na cintura de Francesca, franziu o cenho sem entender.

– Bom dia, Mitchell.

– Ah sim, esqueci de dizer, Mitchell vai com a gente.

– Que bom, você vai adorar. – A voz de Marcello não era a mais animada.

Ele apenas assentiu e olhou para Francesca com ar casual.

– Quer ajuda para se vestir, querida?

Ela abriu a boca com intuito de responder e sentiu as mãos de Mitchell enlaçarem sua nuca. Ele, com um movimento inesperado, a beijou. Não um beijo ardente ou cheio de paixão. Nem mesmo um daqueles rápidos, dados na presença de outros. Esse foi duro e

áspero, denotando posse. Ela empurrou-o de leve. Soube direitinho o que ele quis fazer com isso: marcá-la, como uma vaca.

– Volte logo. – Ele beijou a sua testa.

Ela virou para subir enuviada e desnorteada e... – Ohhh! Desgraçado. – Deu um tapinha na sua bunda. Sacudiu a cabeça incrédula. Rodou o corpo, aproximou-se da orelha de Mitchell e sussurrou:

– Nunca mais faça isso, não sou um bode, entendeu?

Por um motivo desconhecido, Mitchell gargalhou.

– Não, não é. – Olhou-a de cima a baixo. – Graças a Deus por isso.

Ela fez uma careta de desaprovação, tomou coragem e olhou para Marcello, que os encarava com olhos azuis entrecerrados.

– Entendo – o amigo comprovou seco.

Francie deu um sorriso torto e subiu as escadas correndo.

## Capítulo 46

Parte do caminho para o local do voo, que seria em uma praia a 30 km de Taormina, foi feito em um constrangedor silêncio. Os dois homens que haviam quase discutido para resolver no carro de quem iriam fazer a viagem, só se calaram quando Francesca se meteu na conversa.

– Vamos no carro de Marcello – ela disse irritada. – Mitchell fuzilou-a com olhar, ela continuou: – O seu carro alugado – colocou ênfase na última palavra – é um *sport*, portanto mal cabe uma pessoa no banco de trás. E como Marcello é um cavalheiro – colocou ênfase outra vez –, ele vai dar a chave para Mitchell dirigir, já que você faz tanta questão, não é mesmo? – Terminou sendo muito convincente, pois os dois não deram mais nenhuma palavra durante algum tempo. Quando passaram na frente da praia de Taormina, isso mudou.

– Vejam o meu catamarã, é aquele de velas pretas – Marcello disse todo orgulhoso.

– Hãhã – Mitchell murmurou desdém.

– Conheço o seu barco, Cello – ela queria pôr fim a conversa.

– Você viu o veleiro que ancorou em Taormina, Francie? – Marcello souu animado. – Ali. – Apontou com o dedo indicador.

Seguindo a linha do seu dedo, ela arregalou os olhos diante do barco mais espetacular que já havia visto. Soube na hora que deveria ser o barco de Mitchell, e ele confirmou logo em seguida.

– É meu – souu educado como um homem das cavernas.

E todo o companheirismo solidário do dia em que os dois homens se conheceram evaporou. Francesca sacudiu a cabeça sem paciência enquanto se perguntava, em silêncio, se eles iriam jogar esse joguinho um com outro o dia inteiro.

– Não me diga – este era Marcello em tom de implicância. – E não é nem preciso saber velejar para navegar nele, isso é mesmo muito moderno...

Ah, meu Deus, eles iriam. O carro pareceu ser possuído por uma fumaça alucinógena que fazia os dois homens se comportarem como neardentais territorialistas.

Mitchell riu um tanto irônico. – Que sorte a minha que já sabia antes de comprá-lo.

– Deve sentir falta disso.

– Lembra daquele livro que você me indicou, Marcello? – ela tentava mudar de assunto.

Mitchell parecia não concordar com ela. – Não, não, não sinto falta, luto para me exercitar. Todos os dias. – Exibiu-se com toda a racionalidade de um primata.

– Já pratico ioga – ela queria descontraír o clima da conversa entre os dois homens, convertidos em idiotas – e dança também.

– Tem uma escola de dança ótima em Taormina, Francie. Quando quiser, faço questão de te levar – foi o Marcello quem provocou.

Ela olhou de esguelha para Mitchell, que estava com o rosto inteiro rijo, achou que a melhor atitude seria ignorar o último comentário.

O carro mergulhou em poucos minutos de pacífico silêncio.

– No que você trabalha mesmo, Mitchell? – Marcello demonstrou um antipático interesse.

– Mercado financeiro – Mitchell pareceu lembrar quantos anos tinha e deixava claro a sua falta de vontade em manter qualquer tipo de diálogo agradável ou não.

– Republicano, aposto.

– Sou partidário.

– Engraçado, me esclareça uma dúvida, sempre achei que quem ganhasse o pão com juro e afins, apoiava a política não intervencionista da direita, estou enganado?

– Eu apoio o que é mais saudável para o sistema financeiro, mas não tenho partidário algum.

– É claro que não... – Marcello disse com hipocrisia e completou com uma discreta cutucada. – Francie ainda pensa em ajudar na campanha democrata? É esse o ano da eleição, não é?

– Sim, é.

Marcello não se deteve e prosseguiu testando o limite de todos:



– Eu admiro o seu partidarismo, Francie. – Ela respirou fundo e o amigo ignorou: – A Francesca vai usar a figura pública de escritora para apoiar os democratas...

– Ainda não tenho certeza. – Ela queria dar um soco no estômago dele. O que deu em Marcello? Parecia fazer de tudo para criar um clima de guerra. Que direito ele tinha de agir desse jeito como se estivesse possesso de... ciúmes?

Será?

Depois da noite do *réveillon*, ele nunca mais tentou e nem falou nada. Ele não podia estar com ciúme, ou podia?

Independentemente de qual fosse o problema que Marcello estivesse enfrentando, ele não estava disposto a enfrentar sozinho.

– Enquanto um governo financia a guerra, o medo e o preconceito, o outro apoia a liberdade de expressão, a proteção das minorias e favorece a distribuição mais igualitária das riquezas. Riqueza infelizmente controlada por poucas opressoras instituições, que acham que são donas do mundo. Olhando as coisas dessa maneira, não me parece nada difícil escolher um partido.

Francesca olhou para Mitchell implorando mentalmente para que ele não entrasse na provocação, Marcello batia o pé no chão do carro, quase um tic neurótico. Mitchell respirou fundo três vezes antes de responder:

– O engraçado é que as pessoas acreditam que todos os problemas do mundo são culpa das instituições financeiras e se esquecem de um detalhe... Antes delas, a economia era quase feudal, as desigualdades sociais muito mais massacrantes e a opressão sobre as minorias infinitamente maior – cuspiu o ar pela boca. – As chances de uma distribuição mais igualitária de renda

antes do sistema financeiro existir eram muito claras: nasceu pobre, vai morrer pobre. Já os bancos globalizaram e conectaram a economia e por meio dos empréstimos e financiamentos, tornaram alcançável o dinheiro para qualquer pessoa racional. – Mitchell tinha os olhos trancados no espelho retrovisor, de onde encarava Marcello como se este fosse uma ameaça. – As oportunidades ficaram mais justas e disponíveis para todos, enquanto a hipocrisia socialista defende um sistema lindo na teoria e ditatorial, opressor e falido na realidade. Uma estúpida utopia. A democracia justa e equilibrada, governo e oposição trabalhando cada um em sua ponta com respeito, todos são favorecidos tanto na liberdade de expressão, como na igualdade de oportunidades. Por isso, não defendo um único partido.

– Parece fácil para alguns defenderem o quanto acreditam na liberdade, na igualdade, na tradição e na família, quando têm em sua propriedade iates, carros e mansões que, se somados, seria uma quantia tão ridícula que me faz rir. Mas a fim de que haja alguma justiça, existem coisas que o dinheiro não compra.– Exalou com força. – O amor e admiração de uma mulher sensível, inteligente e verdadeira, por exemplo. O dinheiro pode iludir as pessoas por um tempo, só isso. O que é podre cai sozinho.

Francesca, que estava com ar retido no esôfago, fechou os olhos, gemeu, apertou os dedos no banco e rezou para ser transportada para outra realidade. Já ia falar para Marcello calar a boca com um convincente grito, quando sentiu o carro ser jogado para direita e logo em seguida uma brutal freada. O corpo só não foi impulsionado com força porque ela estava presa ao cinto.

– Desça, Marcello – Mitchell disse entre dentes. – Vamos resolver nossas diferenças partidárias.

– Não! – ela conseguiu gritar, mas Marcello já havia saído do carro em um pulo, como se estivesse sendo pisoteado no banco traseiro, como se não pudesse esperar nem um segundo para “resolver” as diferenças. Mitchell, que expurgava o ar pelo nariz, destravou o cinto. Francie agarrou o seu braço e implorou com a voz cortada, envolta num transe instintivo de proteção:

– Não faça, por favor, por favor, você pode se machucar.

– Engoliu a seco. – Por mim, não faça. – Mitchell que já estava com a mão na maçaneta para saltar, deteve-se. Olhou-a.

– Me responda uma pergunta, porque a dúvida está me queimando, e não minta, Francesca, por melhores que sejam as suas intenções – ele tragou o ar dilatando as narinas. – Você já transou com esse filho da puta?

– Não – foi quase um soluço –, não – disse com a voz mais firme. – Claro que não. Ouviu-o dar uma longa exalação. – Por favor – ela continuou determinada –, vamos voltar para o hotel, esquece essa merda de passeio. Só você e eu, está bem? Sem briga, sem hospital ou polícia... Por favor, não deixe isso estragar o resto do nosso dia.

Mitchell abaixou a cabeça e apoiou a testa entre as mãos no volante. Francesca notou que ele tremia... de raiva. – Santo Deus. – Levou a sua mão também incerta até a espessa massa de cabelos castanho-escuro.

– Eu sinto muito – ela tentou. – Eu... eu sinto mesmo, não sei por que ele agiu assim. – Ela respirava ar cortado. – No começo, você também provocou, mas depois percebi que tentava não ceder e ele insistiu e insistiu... e que louco. Deixe eu sair e resolver com ele, acho que o problema é comigo e não com você...

– Não – ele rosnou.

– Eu não vou me afastar, ok? Estarei bem. – Engoliu em seco. – Nós estamos no carro dele e a cidade mais próxima fica a uns dez minutos daqui. Eu já volto.

Ele ficou em silêncio e Francesca desceu antes que viesse o protesto. Quando ela saiu, Mitchell abriu a porta e colocou as pernas para fora. Ela sabia que se Marcello falasse qualquer porcaria, ele não iria se segurar mais. Que bosta de situação e que inferno esses homens que ela se relacionava que pareciam querer resolver tudo na força...

Marcello andava de um lado a outro próximo à traseira do carro. Francie se aproximou.

– Mais calmo?

Ele apenas a olhou e não falou nada.

– Marcello, o que deu em você para agir como um louco?

– Se você não sabe, não sou eu quem vou te explicar – ele disse com os dentes apertados.

– Você é meu amigo, Marcello e... me magoou, o que tentou fazer agora há pouco?

– O que eu tentei fazer, Francie?

– Você o provocou de todas as maneiras possíveis. No começo, parecia apenas uma competição de punheta irritante e sem propósito. Mas depois você pegou pesado, Cello, não te reconheci.

– Eu também não te reconheci há alguns dias naquele almoço.

– Eu tive os meus motivos – ela cruzou os braços sobre o peito.

– Eu também tive os meus – falou com os olhos inflamados, girou o corpo e começou a se afastar rápido do carro.

– Aonde você vai?

– Embora – ele disse com a voz mais alta.

– Mas é seu carro.

– Foda-se – ele gritou sem parar de andar se afastando cada vez mais.

Em um pulo, Mitchell estava atrás dela, encarando as costas de Marcello, como se pudesse tocar fogo nele.

## Capítulo 47

Deixaram o carro na pesqueira, com o pai de Marcello. Silêncio. Pegaram um táxi até sua casa. Sem palavras. Foram no carro alugado de Mitchell até o hotel.

Somente respirações.

Francesca começava a achar que algo não estava bem. Quando a sós no quarto, Mitchell explicou a razão do silêncio. Imprensou-a contra a porta recém-fechada e assolou a sua boca com um beijo imparcial. Os seus músculos e o seu cérebro derreteram e escorreram em segundos. Pura irracionalidade sexual.

– Deus – ele disse, enquanto a boca ia de um lado a outro sobre a sua. – Agora sim, achei que fosse morrer. – Segurou o rosto dela entre as mãos. – Me sinto como um viciado, parece que meu corpo inteiro doía por você. – Olhou-a abrindo um buraco contra a retina, como se quisesse provar o que dizia. – Entende? Entende o que você faz comigo?

– Por isso você estava tão quieto? – ele anuiu e ela disse sem fôlego: – Achei que algo não ia bem.

Ele puxou-a com força, a boca deslizou na sua com aceleração lenta, provando-a com carícias sem pressa. Ela abriu a boca

convidando o beijo a se aprofundar, mas ele manteve os lábios apenas tocando os lábios, pescoço, lábios. Ela agarrou a nuca dele e puxou-o exigindo, esfregando o corpo contra. Mitchell envolveu-a com os braços e puxou-a até que os seios dela ficassem moldados no peito dele, até que não havia um único centímetro de espaço entre eles. Mas a boca permanecia leve em sua busca. Ela ofegou, contorceu e disse:

– Pelo amor de Deus – a voz de Francie veio cortada, falha.

– O que você quer? – ele ofegou, ela jurou que tinha uma risada na voz.

– Um beijo, merda, direito.

Mitchell fez o que ela acreditou ser impossível, enraizou em torno dela e colou ainda mais os seus corpos. E com a intensidade que ela pediu e precisava, a língua invadiu e correu cada espaço dentro da sua boca, ia tão fundo que Francie não conseguia respirar. Ele inseminou-a com o beijo. Foi isso que aconteceu.

– Escute – ele disse enquanto a inseminação ia e voltava –, sobre a camisinha – mais beijos, línguas desespero. – Eu entendo – lábios, fôlego, beijos – se não se sentir à vontade.

– Eu... eu acho que confio em você e... e – beijos, puxões – eu quero – disse quase confiante – eu quero que goze dentro de mim.

Ele encostou a testa na dela e tremeu com uma exalação incerta.

– Você vai me enlouquecer.

Essa história de sexo sem camisinha parece uma coisa descabida e de maluco.

E era. Ela achava isso. Ele também. Mas eles juntos eram uma química sem tabela, uma fusão de elementos irracional, explosiva.

A química os levou até o quarto, despindo-os sem nenhuma calma. Levou-os a fazer amor, como se os seus corpos se conhecessem no microscópio. Levou Francesca ao clímax antes dele e levou Mitchell a explodir por um tempo sem limites, no mais longo êxtase que ela já dividiu e presenciou. Foi inundada sem parcimônia pela satisfação repetida sonora e convulsiva do amante e foi levada a um segundo clímax. Espontâneo, fenomênico, simultâneo ao dele.

De olhos fechados, a sua entorpecida consciência tentava equacionar as reações químicas de uma explosão atômica. Ela demorou a registrar como estavam e quanto estavam.

Que parte do corpo era sua?

Notou que estavam na famosa posição tântrica da Lótus. Quando pararam assim?

– Francesca, que loucura – ele murmurou cobrindo as suas faces com um trânsito de beijos. Deitou puxando o corpo dela junto.

O silêncio se misturou com a química e a respiração de Mitchell por fim se equacionava.

– Eu queria te fazer um convite.

Ela levantou o rosto a fim de encará-lo.

– Amanhã à tarde sairei daqui de barco para Mônaco, onde ficarei por duas noites hospedado. Tenho que resolver alguns negócios com parceiros importantes da Europa. Depois seguirei de avião para Paris e ficarei por uns dias lá. Tenho algumas reuniões



agendadas, mas terei ao menos parte dos dias livre. Depois parto para Nova York.

– E o convite seria?

– Não falei, não é?

Ela sacudiu a cabeça negando.

– Você vai comigo...

Francie levou um tempo em silêncio pensando. Então, nos lábios dela quase apareceu um sorriso que ficou mais visível nos olhos do que na boca.

– Acho que não tem problema deixar a casa da minha nona por alguns dias. Meus compromissos inadiáveis por aqui podem esperar um pouco.

– Francie, você volta comigo para NY.

Ela abriu a boca para responder.

*Isso não foi um convite, foi? Ele meio que exigiu.*

Mitchell capturou-a antes que pudesse dizer qualquer coisa. Ela relutou para se desvencilhar. Não a deixou falar. Aliás, não deixou-a raciocinar.

Quando ela cedeu e retribuiu o beijo, ele juntou o seu maltratado autocontrole e deslocou os lábios para o ouvido:

– Volte comigo.

– Eu não... – Calou-a outra vez, com os lábios e depois com as palavras:

– Nós vamos voltar juntos, Francie.

– Você está convidando ou exigindo?

– Um convite que quero muito que aceite – soprou o ar pela boca, talvez por isso tenha soado como uma exigência.

– Eu tenho que arrumar algumas coisas antes por aqui – ele passeava os lábios por seu rosto e pescoço, e quando falava, fazia isso na sua orelha e... porra. Ela não conseguia nem respirar muito bem e o direito de pensar estava abolido da existência.

– Quanto tempo você precisa? – Ele sugou a sua orelha.

– Ahhh, não sei – ofegou –, acho que uns dias.

– Uma manhã – mordidas no pescoço.

– Não – ela uniu as sobrancelhas –, e pare de me enlouquecer, isso não vai adiantar. – *Mentira. Mentirosa.*

Ele deu uma risada canalha.

– O que você precisa fazer?

– Fazer a mala, esvaziar a despensa e a geladeira. Fazer algumas ligações e trancar a casa.

– Uma manhã me parece bem razoável para resolver isso.

– É porque você não viu o meu armário – ela ergueu as sobrancelhas com um desafio na voz.

– O que tem ele?

– É um ambiente inóspito e pouco explorado, até mesmo perigoso em alguns dias...

Ele gargalhou e moveu-se para lateral da cama agarrando o telefone. Francesca apenas o encarou com curiosidade.

– Bom dia, preciso de uma ajuda – disse em um italiano sonoro e perfeito. – Eu queria saber se é possível contratar o serviço de

duas camareiras para uma tarefa fora do hotel.

Francesca arregalou os olhos e desenhou uma inquieta negação com a cabeça. Ele a ignorou e concluiu no mesmo italiano cantado.

– Poderiam providenciar isso com a empresa que recruta funcionários para vocês? – Francesca sentou e fez outra ignorada negação. – Isso seria ótimo. – Ela tentou agarrar o telefone da mão dele que se desvencilhou com uma humilhante facilidade. Um breve silêncio. – Para as oito da manhã estará perfeito. Ligo para passar o endereço, obrigado – concluiu encarando-a com uma expressão vencedora de patife e disse logo após desligar o telefone: – O problema com a despensa e com o armário está resolvido. Agora só faltam as ligações. Se precisar de ajuda para isso, também podemos providenciar.

Ela suspirou derrotada. Não seria nenhum sacrifício voltar com ele para Nova York e já havia decidido que era hora de ir. Mitchell, mesmo sendo um mandão, que com certeza não sabia o que era receber uma negativa, era um mandão irresistível. Ela olhou-o e disse com ironia:

– Está bem, me convencer a receber ajuda com arrumação da mala não é difícil. Fazer e desfazer malas é algo que me deixa mais mal-humorada do que uma crise de enxaqueca. O problema, Sr. Petrucci – ela se aproximou dele, jogou os braços por cima dos seus ombros –, é que eu vou me acostumar a isso e quando não estivermos mais juntos, e te ligarei cobrando o serviço.

– Eu espero que essa ligação não seja necessária – Mitchell disse em tom de brincadeira.

Mas Francesca sabia a intensidade daquelas palavras. As coisas iam em um ritmo rápido e em uma velocidade incontrollável. E ela? Sentia-se presa a adrenalina da alta velocidade sem querer sair.

O resto do dia foi dominado por várias facetas de Mitchell. Francesca confirmou que ele era um amante apaixonado, devotado e dominante. Era uma companhia agradável, oscilava entre o silêncio do cansaço satisfeito e o repórter comediante.

– Como alguém que viveu em uma cidade pequena e cresceu com uma avó doceira pode ter um corpo como o seu? – Mitchell perguntou depois que ela devorou a torta de chocolate, sobremesa do jantar, enquanto contava que a avó era a melhor doceira da cidade.

– Acho que são os gens.

– Quem?

– Tonto – ela disse rindo.

– Obrigado, gens da Francesca. – Ela esquentou com a maneira que ele dissecou os seus seios.

– E você, mal tocou na sobremesa – disse disfarçando.

– Eu não tenho os gens.

“Deus me salve se os seus gens não são o modelo do desejo feminino” – disse para si mesma.

– Mas tem ou teve avós? – perguntou para ele.

– Apenas a mãe da minha mãe ainda é viva.

– E como eram as suas avós, daquelas que fazem doces, ou daquelas que leem histórias?

– Daquelas que davam presentes.

– Hã, presentes?

– Eu as vi muito pouco, colégio interno, lembra?

– Hum, hum – ela queria perguntar tudo, tudo. – E como era o colégio, como é crescer em um?

*Horrível, frio, difícil de aturar. Vazio* – pensou.

– Como qualquer outro colégio, só que não se tem o alívio de ir para casa no final do dia – respondeu.

– E os seus pais iam te ver... bastante?

– O que dava... E como foi crescer em uma casa só de mulheres? – ele respondia pouco.

– Três gerações de pinturas, 125 anos de colchas de retalho, muita sensibilidade confinada na mesma forma de bolo, filmes e livros românticos, uma overdose de rosas e açúcar com calda de poesia – olhou para baixo –, encantador.

Encantadora – ele intuiu.

– Você só fez e viu coisas de mulherzinha em sua vida? – Mitchell perguntou com a expressão forçando horror.

– O quê?

– É, sabe? Filmes tipo *A Noviça Rebelde* e bonecos gays? Nunca teve nenhum bom samaritano que pudesse te mostrar as coisas boas da vida?

– Ah é, tipo o quê? – Apesar dela estar séria os olhos vinham cheios de diversão.

– Futebol, bolinha de gude, videogame? – Esse tipo de coisas fantásticas.

Ela gargalhou.

– Ah... sim, claro... Tipo *Guerra nas Estrelas* e *O Poderoso Chefão*?

– É isso, você entendeu.

– Eu tive alguns amigos que tentaram me provar o lado bom da vida.

– Nem tudo estava perdido, então.

Ela espremeu os olhos fazendo uma negação.

– E você, seus amigos eram todos homens?

– Sempre amei as mulheres.

Francesca engoliu a risada, ele era escorregadio como um patins, não respondia nada. Já ela falava tudo, quase tudo.

– Eu sempre fui muito de subir em árvores e de polícia e ladrão na hora de brincar, mas também não dispensava uma Barbie e um filme de “foram felizes para sempre”.

– E futebol via, vê?

– Não.

– Tsc, tsc, tsc.

– O quê?

– Vou te levar em um jogo enquanto estivermos na Europa e te apresentar a verdadeira diversão.

– Não, obrigada.

– Ah, que cabecinha fechada, nem parece uma artista falando.

– Vince tentou me mostrar o gosto pelo futebol, eu nunca entendi.

– Quem? – Ele se mexeu na cadeira, estavam na mesa em frente à varanda.

– Meu... ex.

– Ahh – pausa –, idiota – isso ele mal falou.

– O quê?

– Um brinde ao idiota, afinal, é graças a ele que você está aqui. – A taça de vinho fez um risco vermelho chispante erguido no ar.

Ela acompanhou, deu um gole rubro e perguntou:

– E você, já teve alguém?

– Muitas e nenhuma. E você, muitos idiotas?

Francie deu um suspiro brindado ao ser patinada por mais uma resposta oca.

– Não, só dois – suspiro. – Sei lá. Acho que os idiotas muitas vezes são os que mais nos fazem... crescer?

– Não, não tenho uma visão tão magnânima da existência – ele disse com os olhos castanhos que estavam verdes de tanto que refletiam os dela.

– Veja você, por exemplo.

– Eu?

– Sim, você foi um idiota no hospital e... talvez eu tenha crescido bastante.

– Não sei... – ele respondeu com olhar cerrado, atingido e o dela arregalou.

– Quero dizer, hã, é que as pessoas têm comportamentos idiotas às vezes e isso não outorga o título de ser um eterno idiota... Eu mesma fui uma idiota com você no almoço.

– Não sei – ele disse em tom analítico. – Se você cresceu depois do hospital, foi muito pouco.

– Hã, o quê?

– Você bate no meu ombro, Francie – ele disse com uma diversão comprimida.

Ela gargalhou.

– Idiota.

– Será que você cresceu mais um pouquinho agora?

Risadas.

– Obrigada, seu idiota, logo eu te alcanço.

Mais diversão dos dois.

– Eu adoro a sua risada – isso ele disse sério, já em pé puxando-a para os braços, já beijando-a sem nenhuma brincadeira.

Cansada, após uma rodada de tudo o que vem em seguida do vermelho chispado e beijos. E depois de mais algumas horas de respostas dela, Francie dormiu.



## Capítulo 48

Mitchell olhou a jovem adormecida em seus braços e deu-se conta de que ela era uma mulher especial.

Como assim?

Eles mal se conheciam. Sim, o sexo com ela era sem dúvida muito bom. Dessa forma pareceu mais razoável. Entretanto, aquele estranho sentimento de que ela fazia-o sentir as coisas de um jeito diferente, persistia. Quando afirmou que estava entregue, era a essa entrega a que se referia.

Não sentiu que a enganava.

Ele acreditava em tudo o que falou a ela. Em uma conotação mais sexual do que emocional. Sabia que nunca se sentiu tão atraído por uma mulher. Nunca sentiu tanto prazer com uma mulher e nunca, de certa maneira, sentiu tanta vontade de estar com uma mulher. E se ele continuasse com a sinceridade, teria que admitir que não era apenas pelo extraordinário sexo que faziam juntos. Ele gostava da sua companhia, de senti-la e...

*Cacete, o que foi todo aquele ciúmes?*

Talvez se ele fosse ainda mais sincero, teria que admitir que nunca mulher alguma se tornou tão tão... desejável antes. Como

uma toxina, agiu rápido demais. Um ano de sonhos eróticos explodiram como um veneno no sangue. Ainda sendo transparente, teria que admitir que a simples ideia de afastar-se dela, punha-o com todos os nervos, instintos e neurônios em ação. Era como ficava em uma operação financeira de alto risco, como se sentia quando estava para fechar um grande negócio. Naquele momento, teve certeza de que não podia deixá-la sair de sua vida. Não até entender aonde aquilo iria levá-lo. Era inevitável. Levantou com cuidado para não acordar e foi até a sala. Pegou o celular, o notebook e sentou-se na escrivaninha para trabalhar. Como sempre acontecia quando trabalhava, perdeu-se nas horas.

Francesca acordou sem saber direito aonde estava e notou o escuro. Olhou ao redor, lutou contra a escuridão e lembrou. Esticou o corpo com uma satisfeita preguiça e buscou Mitchell na cama. Não o encontrou.

02h45.

Levantou e colocou a primeira peça de roupa que alcançou. A camisa dele. Saiu do quarto descalça e sorradeira. A discricção permitiu que ela entrasse na sala sem ser ouvida. Então o viu – sentado na escrivaninha, com o queixo apoiado sobre a mão fechada em punho, sem camisa e de óculos de grau. O ar se tornou mais difícil. Ele era uma figura masculina imponente.

Segura.

Maravilhosa.

– Você não dorme? – ela chamou a atenção.

– Pouco – ele admitiu levantando o olhar da tela.

Fancie o estudou com a cabeça tombada para um lado.

– O que está fazendo?

– Estava – ele fechou a tampa do *note* e colocou os óculos sobre a mesa. Levantou e foi em sua direção. Elegante. Plenamente confortável e seguro dentro do seu 1,90 m de altura, e largas costas e compridas pernas de quilômetros.

– Ahhh – ela deu uma chiada exalação quando a mão dele envolveu a sua cintura, puxando-a para junto do corpo. – Estava trabalhando?

– Sim – ele estava mais interessado em beijar a sua orelha.

– Às três da manhã? – Ela sentia já, alguma dificuldade em articular as palavras.

– Eu precisava responder alguns e-mails e analisar alguns documentos e sendo honesto... Nesse momento, nem lembro mais o que fazia. – Os lábios desceram duros e famintos pelo pescoço.

– Você não tira férias nunca? – Ela estava curiosa, e o trabalho dele ali era penetrar no seu cérebro como um solvente.

– Estou de férias – desabotoou uma casa da própria camisa que a vestia.

– E trabalha nas férias?

– Sim.

– Mesmo aos domingos?

– Você ficou muito sexy com minha camisa – isso ele disse deixando-a nua, com um sorriso perverso destacado no rosto.

## Capítulo 49

Falou com Lilly, com Tom e com sua mãe. Organizou tudo para deixar a casa e o jardim cuidados e com segurança. Com a ajuda que teve, arrumou a sua partida muito rápido.

Pouco antes de saírem, olhou para casa da mulher que mudou sua vida com um gesto tão entregue de amor. Agradeceu-a em voz alta. Mitchell apertou a sua mão em um gesto cúmplice. Havia contado toda a história da sua avó na noite anterior. Era estranho aprender a amar alguém que não se conheceu. Olhou para Mitchell em silêncio e suspirou – virara uma especialista nisto.

Quando entrou no barco inacreditável do Mitchell-surpreenda-me-uma-vez-mais-Petrucci, ela tentou não demonstrar a sua surpresa. Não queria parecer com alguém que nunca entrou em um barco de U\$ 250 milhões de dólares antes.

Que ridículo. Tipo, umas dez pessoas no mundo já entraram em um barco desses. Como se isso importasse.

Mesmo sabendo que não, não importava. Sentiu-se como Audrey em *My Fair Lady*, embasbacada por tudo que nunca tinha visto. Viu o motivo do embasbacamento se abrir despudorado em tábuas corridas lisas perfeitas. Sorriu cúmplice da Audrey para os

móveis modernos de aço, couro, madeira, vidros. Para as peças que montavam uma decoração étnica, junto a tapetes gigantes, quadros, esculturas e espelhos metidos. Eles sabiam como impressionavam. Os olhos, aliados do estado embasbacado, arregalaram-se para o deck que era um convite à indolência, piscaram cobiçosos para as enormes espreguiçadeiras dispostas em torno a uma jacuzzi tamanho piscina.

Depois de conhecerem a cabine de comando do jato nuclear supra sônico, o seu rosto inteiro era... Audrey.

- O que achou? – Ele estava orgulhoso por tê-la impressionado.
- Até que o seu barquinho é legal. – Mordeu o sorriso do lábio.
- Não preenche todos os aspectos da vida, mas dá para o gasto.

Ele a encarou patife e disse com a voz na sua orelha.

- Eu vou mostrar para você se não preenche.

E com certeza mostrou. Durante dois dias da viagem, mal saíram da cabine. Quando não estava preenchendo, ele estava trabalhando alucinado.

Francie, ao vê-lo negociando, entendeu o porquê dele ter o apelido de falcão das finanças. Ele era atento, perigoso em seu silêncio. Sobrevoava a região e então traçava a sua estratégia com frieza. Parecia conduzir a conversa de uma maneira que a presa sentia-se muito a vontade e segura, e então, nesse exato momento ele atacava. Mortal.

Nos dois dias a bordo, presenciou quatro negociações que a deixaram impressionada – seu novo comum estado – ou admirada. Falavam em milhões, bilhões de dólares, como Francesca conversava de livros, sapatos e batons com as amigas. Ele recebeu duas ligações em japonês, uma em alemão, três em francês.

Afinal, quantas línguas falava?

Nesses dias, Mitchell conversou com o primeiro-ministro da Inglaterra, com o presidente do tesouro americano, com o próprio presidente dono da Casa Branca e com outros dois chefes de Estado de países asiáticos.

E, meu Deus, enquanto não liquidava com ela e com a cama, estava liquidando com o planeta em transações de bilhões de dólares entre indústrias petrolíferas, chefes de Estado, reis e rainhas, minas de diamantes e siderúrgicas gigantes...

E no final desses dois dias?

Francesca estava um pouco insegura.

Que mundo era esse, onde ela despencava com a sua mochilinha da jeansport?

Ela era uma mulher que sabia apreciar as coisas boas da vida, roupas, carros e joias. Sim, como qualquer outra pessoa normal. Mas, sem a menor falsa humildade, nunca precisou disso para ser feliz. Nem mesmo achava que era algo indispensável.

Gostava das coisas simples também.

Gostava até mais da simplicidade.

O enrosco entre coração e cabeça já era muito complicado para ela deixar de desejar o simples da vida.

Ela que estava sempre mudando de opinião, mas nunca sobre a verdade, era a verdade que mudava sempre, sabia ver e apreciar coisas que não deixavam de ser verdadeiras, como o gosto da rua chuvada, ou aquela pantufa esgarçada mais quente que sol de metade do dia. Não delegava o direito de exaurir liquidação de bacia. Vez ou outra batia um bolo de madrugada por excesso de

hormônio e estava sempre reaproveitando. Colcha de crochê cobria de novo roupas e almofadas. Usava botas ferradas só pelo conforto do macio e fazia furos psicóticos em meia-calça rasgada para ficar com ar moderno. Amava os beijos na boca, os parques, os pés sem calço e bicicleta – isso sempre numa ordem natural e nem sempre nessa ordem. Nunca abria mão de vinhos, amigos, e claro, livros até morrer de overdose das palavras.

Quando o livro vendeu dois milhões de exemplares, ela soube, pelo estilo de vida que levava, que poderia se manter e a sua mãe de maneira confortável. Talvez pelo resto da vida sem precisar ganhar muito mais. E mesmo com a conta bancária ultrapassando os limites da decência, com seu ultrarrecheado saldo de escritora bem-sucedida, ela praticamente não mudou em nada a sua maneira de vida. Comprou um carro novo mais confortável, ajudou a mãe a reformar a casa, redecorou o quarto dela no apartamento do Soho e fez a loucura de gastar 2 mil dólares em roupas.

Essa era ela. Uma pessoa que gostava do simples e que naquele momento estava mergulhada em mundo pouco conhecido. Olhou para Mitchell, que terminava uma de suas ligações em francês, e a encarava atento.

– Está tudo bem? – ele disse quando desligou.

– Sim – ela soube que sua voz soou estranha.

Mitchell se levantou da poltrona onde esteve falando no telefone e ela sentiu o colchão ao seu lado afundar. Ele roçou a mão em seu rosto.

– Tem certeza? Você está com uma expressão perdida.

– Bom, esse é o seu mundo, não é?

– Então há algo? – A mão pressionou de leve a sua face.

Ela sacudiu a cabeça.

– Acho que estou um pouco impressionada, admirada, é claro, mas também um pouco insegura.

– Sei que tenho ficado um tempo no telefone e sinto te deixar nesses momentos. Acredite, se dependesse de mim, não a deixaria nem por um minuto.

– Eu sei – ela lançou um olhar cúmplice e respirou fundo.

– Mitchell, você me falou que teremos alguns jantares de negócios... e como são esses lugares e essas pessoas?

– É isso então, não é? – ela negou sem entender. – Está impressionada com todas as conversas que ouviu com chefes de Estado e números exorbitantes.

– Acho que não só impressionada, mas pensando se eu vou conseguir me encaixar nesses lugares que você quer me levar.

– Você não vai se encaixar – os olhos dela foram surpreendidos. – Você vai se destacar e deixá-los idiotizados. Será o centro de todos os olhares canalhas masculinos e invejosos olhares femininos na verdade, querida, quem está muito angustiado e assustado sou eu. Não tenho dezesseis mãos e nem oitenta pares de olhos para trucidar quem quer que ouse fazer isso na minha frente ou nas minhas costas.

Ela sorriu, ele a beijou. Ela esqueceu qualquer insegurança idiota. Mitchell tinha a capacidade de derreter seu raciocínio, dissolver qualquer divagação e fazê-la navegar na única razão dela estar naquele barco... que era ele, os beijos, o corpo e ele inteiro. Tão, tão maravilhoso.



## Capítulo 50

Francesca subiu ao convés e largou-se em uma espreguiçadeira sob o sol. Estava um dia agradável de céu limpo e azul intenso. Era a terceira manhã à bordo. Estava quente, mesmo sendo cedo para isso. Mitchell tinha algumas reuniões e falou que tentaria acabar o mais rápido que conseguisse, mas, que se ele não aparecesse até às 13h, que ela deveria almoçar sem ele.

Três horas da tarde, ela já tinha dormido, lagartado no convés, lido metade de um livro e sentiu o estômago colar nas costelas. Resolveu desistir de esperá-lo e comer alguma coisa.

O grande barco tinha uma tripulação de doze pessoas. Um capitão, um primeiro oficial, um segundo oficial, dois marinheiros, dois engenheiros, duas arrumadeiras, duas pessoas encarregadas da manutenção, um cozinheiro espetacular e um ajudante de *chef*. Quando ela se aproximou do local da pequena, mais completa e bem equipada, cozinha, ouviu uma voz feminina vinda do aparelho de TV:

– “Paloma, me fale: os boatos de que você e o empresário Mitchell Petrucci” – Francie deteve-se antes de alcançar a porta da cozinha que estava entreaberta e gelou com a conclusão da pergunta – “reataram o romance são verdadeiros?”

Deu dois passos à frente e conseguiu visualizar o aparelho. Reconheceu a entrevistada – era Paloma Davros, uma atriz espanhola de cinema. Ela fazia alguns filmes do Woody Allen, e Francesca soube por Tom e Lilly que ela foi o affair de Mitchell há... Pouco tempo. Ouviu Paloma responder:

– Podemos pular esta pergunta?

– Isso quer dizer um sim? – a repórter insistiu.

– Isso quer dizer – a atriz removeu os óculos escuros – que nos vimos mais algumas vezes há pouco tempo e que ele me ligou da Itália cinco dias atrás e vamos ver, não é mesmo? Um passo de cada vez. – Francesca sentiu que o ar do ambiente se extinguia quando contou mentalmente e percebeu que cinco dias atrás fora sábado, e que sábado? Foi o exato dia do primeiro jantar deles. O dia em que eles... – e que filho da puta desgraçado.

Sentou-se no chão e respirou fundo algumas vezes. Precisava reordenar a mente e equilibrar o corpo. Levou as mãos às têmporas. Sentia como se uma gangue de motoqueiros tivesse subido em sua cabeça e apostavam uma maldita corrida no seu crânio. Sabia que a atriz podia ser uma mentirosa, a troco de... publicidade? Um pouco incoerente. Talvez devesse perguntar a Mitchell, em vez de ouvir noticiários de fofoca. Então, ouviu as vozes da plateia na cozinha se manifestarem:

– Que canalha – disse uma delas.

– Coitada da moça – concordou outra voz, também de mulher.

– Essa aí da televisão é escolada, mas a jovem que está com ele agora parece uma menina mais ingênua.

– Tão diferente da última que ele trouxe a bordo, lembra? Cláudia Vilaça, aquela ruiva que não falava uma palavra.

Francesca sentiu que não teria estômago para continuar ouvindo sobre as aventuras sexuais de Mitchell e muito menos estava no humor para aterrizar de cara no chão, na dura realidade do asfalto. Respirou fundo e levantou do chão.

Quantas mulheres ele trouxe para este barco?

Naquela cabine em que eles se amavam e dormiam?

Naquela cama em que ela minuto a minuto cedia um pedacinho a mais da sua alma e do seu coração a ele?

Será que ele combinaria de se encontrar com outras amantes como a tal Paloma durante a viagem na Europa? Ou será que esperaria para vê-la em Nova York, e por quê? Por quê, Deus, ela estava lá com ele?

Antes que conseguisse entrar e assim interromper a conversa, ouviu um par de comentários que acabaram de derrubar todo a complacência conservada:

– Ele deve colecionar essas mulheres que nem troféus, ouvi que tem uma estante na casa dele com uma foto de cada mulher que já comeu.

– Isso deve ser mentira – a outra voz soou com desdém.

Francesca, sem esperar mais, entrou na cozinha. As duas mulheres empalideceram e entreolharam-se.

– Deseja alguma coisa, senhorita? – adiantou-se uma delas.

– Sim, que vocês tirem uma foto minha para a estante das mulheres que ele já levou para cama – ela disse com uma fingida seriedade. Apesar de se sentir mortificada de ciúmes e raiva e de sentir que havia despencado do 94º andar de cara no chão, ela não deixaria essas mulheres com medo de perder o emprego. Afinal,

não fizeram nada de diferente que qualquer funcionário de qualquer empresa fazia: fofocar sobre a vida do patrão e dos outros funcionários.

Uma das moças levou as mãos em um gesto horrorizado até boca, Francesca sorriu. Tentou parecer o mais descontraída que conseguiu:

– Fiquem tranquilas, eu não vou sair daqui correndo e dar com a língua nos dentes para o patrão de vocês. Vou fingir que nunca ouvi essa conversa e vocês vão fingir que nunca a tiveram, está certo?

Uma das jovens deu uma leve cotovelada na companheira.

– Viu? – disse com a voz mais abafada. – Não falei que ela era diferente?

A outra, disfarçando o constrangimento pela situação, perguntou solícita:

– Tem algo que podemos fazer pela senhorita?

– Me chamem de Francesca, e não, obrigada, estava com fome, mas de repente perdi o apetite. Vou pegar apenas um copo de água.

*E um uísque duplo, por favor.*

Ligaria para Olivia, ela saberia o que falar a fim de acalmá-la. Quando Francesca ainda estava na faculdade, Lilly, que sempre fora mais prática e muito bem resolvida nesta questão sexo x coração, deu um conselho que ela nunca esqueceu:

“O seu problema, Francie, é que você dá o seu coração e não a sua a vagina.”

Ela nunca teve muito sucesso em colocar em prática o conselho da amiga. Tendo em vista que só teve quatro amantes, contando com Mitchell.

Ridículo para uma mulher de 27 anos no século XXI?

Toda a vez que ela tentou aumentar esse número para apaziguar a voz da sua terrorista interior, porque essa terrorista jurava que isso era absurdo e que ela merecia transar muito mais e ter muito mais orgasmos, Francie acabava entregue e sofrendo, em alguns casos, mais; em outros, menos. Achava uma tarefa difícil separar o coração do corpo, já que eles estão sempre juntos. Nunca entendeu muito bem como fazer isso. Nunca mesmo.

Pegou o telefone e ligou para Lilly. A amiga parecia ser a guru de como transar sem se estrear emocionalmente. Ao menos daria algumas risadas.

– Oi, Francie – atendeu a feliz amiga –, conta, conta, conta! – Lilly estava empolgada.

– Tudo maravilhoso – sua voz irritada demonstrava o contrário, a amiga que a conhecia entendeu.

– O que foi?

Francie torceu a boca em uma careta de desgosto e contou, terminou o desabafo perguntando:

– O que eu estou fazendo aqui?

– Tendo sexo selvagem?

Ela deu uma risada triste.

– Não sei...

– Francie, que ele é um mulherengo você já sabia, que ele levou outras mulheres ao barco também, e que ele é um viciado em trabalho não é nenhuma surpresa, então, o que a incomoda?

– Queria ter a mesma facilidade que você tem de desligar prazer da emoção, só não sei como...

– Como? Tendo em mente o tempo todo quando ele a toca, que você está ali para obter prazer. Inverta os papéis, seja você a sedutora em vez de ser seduzida e vingue-se deste canalha usufruindo dele, entende?

– Posso tentar – ela disse sem ter certeza se era o que queria.  
– A verdade é que eu acredito, acreditei, sei lá, que podia ser algo a mais... – Fez uma pausa por um pensativo instante. – Você acha que eu devo perguntar a ele sobre o que ouvi?

– Acho que você deve transar loucamente, como se Mitchell fosse um escravo sexual. E quando chegar a Mônaco – respondeu –, agarrar o primeiro milionário bonito que passar na sua frente e mostrar a ele um educado dedo do meio com um beijinho de despedida.

– Ai, Ly – suspirou. – Eu não sei.

– Enquanto você estiver com ele, encare-o como um brinquedo de prazer, tipo um vibrador gigante e com múltiplas funções.

Francesca gargalhou, a amiga riu e sugeriu:

– Seja uma garota má, Francie.

– Você é ótima, Lilly, adoro a maneira como me faz rir – disse sabendo que não colocaria nada daquilo em prática.

– Quanto tempo até chegar em Mônaco?

– Mais um dia inteiro eu acho.

– Ótimo, use-o bem e *au revoir*, ouvi dizer que os homens em Mônaco são inacreditáveis.

– Sinto saudades suas – Francie disse.

– Eu também.

Após a conversa com Lilly e com o cérebro fervendo, Francesca decidiu que iria até a sala de reuniões e que não explodiria sozinha. Conversaria com ele. Se ele não pudesse atendê-la, esperaria lá sentada até que Mitchell lhe dignasse a palavra.

Aproximou-se devagar da sala. Ao encostar a mão na maçaneta, ouviu a forte voz de Mitchell falar algo em... japonês? Achou que sim. Deu uma única batidinha na porta e entreabriu devagar. As mãos estavam incertas. Insegurança. *Mãos ridículas*.

Encontrou-o sentado confortável em uma poltrona de couro preta. Totalmente recostado, em mangas de camisa e com as compridas pernas esticadas indolentes, como se estivesse tomando sol. O notebook aberto à sua frente. Uma mão relaxada apoiada no braço da poltrona giratória e outra em cima da mesa.

Ele estava tão concentrado na tela, que não percebeu que ela colocou metade do corpo para dentro. Deu um passo tímido para o interior da sala. Notou uma bandeja com pratos sujos, disposta no canto da grande mesa oval. Deteve-se.

“Filho da puta, teve folga para comer.”

Ela viu: prato principal, sobremesa, suco, e, ah, que gracioso! Um cafezinho. Enquanto ela se estripava de fome esperando-o como uma imbecil, ele teve tempo para comer uma refeição completa. Entretanto, não pode nem se dar ao trabalho de pedir

que alguém a chamasse, nem que fosse para dar um único sinal de que lembrava da sua existência. Com passos para trás, saiu da sala sem ser notada.

Soube o que faria.



# Capítulo 51

Mitchell conseguiu se livrar das reuniões que demoraram muito mais do que ele havia imaginado. Eram sete horas da noite. Esteve ocupado como o inferno. Não fez uma única pausa durante o dia. Almoçou enquanto discutia um contrato de aquisição de um grande fundo de investimentos da Suíça com seus advogados.

Ligou duas vezes durante o dia para cabine e Francie não obteve resposta. Quando acabou a reunião com o presidente do banco de Tóquio, chamou outra vez a cabine, sem resposta. Contatou Robert, pediu que o jantar fosse servido no deck às 20h. Pediu também que ele localizasse Francesca e a informasse que estava preso e portanto só conseguiria vê-la depois das 18h.

O trabalho detinha por completo a atenção de Mitchell e o envolvia de tal maneira que às vezes seguia trabalhando por 14-16 horas seguidas. Quem odiava isso eram os rostos cansados, ou os olhares afundados daqueles que o acompanhavam. Trabalhava assim porque sabia qual era a balança de cada hora do seu dia entre gastos e lucros. Ele tinha total consciência de quanto custava o tempo. Por isso, não se permitia ter distrações enquanto trabalhava. Entretanto, desde que Francesca aterrissou em suas mãos naquela livraria em Nova York, e principalmente depois que a

conheceu, tinha que recobrar o foco de sua atenção várias vezes. Naquele momento, estava tão ansioso por vê-la que se dissessem que seria preciso cruzar o mediterrâneo a nado, a fim de encontrá-la, ele não se deteria, nem por um instante.

Entrou na cabine e não a encontrou. Começou a buscá-la pelos lugares onde ela poderia estar: salas, academia, deck, cozinha, bar, escritório.

Após dez minutos, a ansiedade estava convertida em um pequeno desconforto.

Após vinte minutos, estava em uma evidente alteração nervosa. A última vez que foi vista foi quando Robert tentou passar o seu recado e ouviu o barulho do chuveiro aberto; porém, ele não entrou na cabine.

Após trinta minutos, as 12 pessoas a bordo reviravam o barco outra vez e ele começou, por instinto, a calcular qual era a probabilidade de alguém cair no mar sem ser vista; pequena, talvez, quase improvável, mas não impossível. Foram olhar os vídeos de segurança que cobriam parte da área externa e interna.

Após 45 minutos, ele engolia lava e respirava ácido sulfúrico. Por fim, o vídeo detectou que ela entrou na área das cabines às 16h30 e não saiu mais de lá até o momento. Como? Ele perguntou-se. A não ser que...

– Outra cabine – murmurou. Saiu impulsionado pela angustiada expectativa da confirmação.

Abriu a porta da primeira cabine do corredor, vizinha a que eles estavam. Mas esta vinha desocupada. Dirigiu-se para a segunda, que também estava vazia. Terceira e quarta da mesma maneira, sem ninguém. Na quinta e última cabine, ele já sentia um gosto

ruim na boca, acreditando que a sua conclusão estaria errada. Então, antes de abri-la, notou o pulso acelerar em um brutal estresse. Jogou a porta adiante em único movimento e encontrou-a deitada na cama. No escuro. Sua primeira e pronta reação foi relaxar todos os músculos do corpo e soltar o ar que vinha retido nos pulmões em uma única baforada.

– France – saiu um fio de voz masculina –, graças a Deus. – Cruzou o quarto em três largos passos e puxou-a de vez para o colo, abraçando-a com todo o alívio do seu corpo.

– Não – ela gemeu.

– Não? – perguntou com a mente nublada.

– Deixe-me quieta – foi quase um ronronar.

Devagar, a sua consciência conturbada pela tensão, susto, alívio e descanso voltava a funcionar. Levantou quase em um pulo.

– Mas o que você está fazendo aqui? – Ele ficou abruptamente chocado.

– Mitchell, por favor – ela sussurrou.

Ele acendeu as luzes da cabine. Ela levou as duas mãos aos olhos. – Eu estou com a pior crise de enxaqueca que já tive na vida, apague a maldita luz.

Entretanto, ele não a ouviu. Sentia-se perturbado demais pelo ridículo da situação: primeiro o susto de morte, a tensão dos infernos diante do seu inexplicável sumiço. Depois, mobilizou como um lunático toda a tripulação do barco, estava a ponto de chamar a guarda costeira. Deus, que absurdo, e ela? Ela tinha algum tipo de crise de não me toque, sabe-se Jesus o porquê...

– O que você está fazendo aqui? – a voz dele estava rígida, o corpo estava rígido.

– Eu não sabia a que horas você se lembraria que trouxe uma pessoa a bordo. Portanto, Sr. Petrucci, vim descansar em outra cabine. Não me sinto bem e não gostaria de ser incomodada. Por favor, apague a luz.

Ele olhou-a com uma atenção determinada e a rigidez do seu rosto se desfez, enquanto ele parecia dar crédito às palavras dela.

Francesca sabia que devia estar abatida e com os olhos inchados. Devia estar parecendo a Medusa. Mitchell vê-la assim depois dela ter conhecido a amante-wood-allen-eu sou-sexy devia ser ilegal.

A luz do quarto foi reduzida e ela notou em seguida o colchão afundar. Ele deu alguns beijos no seu rosto. E não, por favor, não. Aninhou-a no colo e disse:

– Vou pedir um Advil extraforte. Espere – ele parou como se surpreso com a própria conclusão –, você comeu alguma coisa durante o dia?

– Acho que me esqueci.

– Acha que se esqueceu? Está brincando comigo, Francie?

– Não, eu, eu só esqueci, está bem?

– Não, não está nada bem.

Levantou a cabeça dela e acomodou-a sobre alguns travesseiros.

– Eu já venho – disse e saiu do quarto.

Tempos depois, voltou carregando uma bandeja de cama.

– Uma massa no azeite, um peixe grelhado e alguns legumes ao vapor – ele descreveu como se ela fosse incapaz de enxergar. – Coma – tratava-a igual a uma criança.

– Eu estou enjoada e agradeço, mas – levou a mão à boca, como se o cheiro da comida fosse capaz de torcer o estômago – não consigo – olhou-o tentando tirar a Davros da cabeça.

– Você esta pálida, quase verde, e vai comer pelo menos metade deste prato.

Ela franziu o cenho e fechou a cara olhando para a comida. Comida com azeite. Espanhola com nome de azeite. Ela não engoliria a Davros nem refogada.

– Davros afogada – resmungou.

– O quê?

– Estou enjoada.

Mitchell sentou ao seu lado e montou uma garfada cheia.

– Abra a boca.

– Eu não sou uma criança e posso me cuidar sozinha.

– Abra a boca, meu amor – ele disse e acabou de torcer o estômago dela. Engoliu o choro que parou torcido. Ele nunca falou assim “meu amor”. Usado como um termo banal? Talvez como força de expressão. Ela estava muito confusa com tudo para tentar interpretar qualquer coisa. Obedeceu.

– Muito bem – disse satisfeito e logo encheu outro garfo.

*Por quê?* Ela pensou abatida. Por que parecia tão maravilhoso, se isso significava nada para ele, senão sexo? Possivelmente ele

não colecionava retratos, e sim pessoas desfeitas, pedaços de gente.

– Obrigada – ela disse educada, porém distante, e pegou o garfo da mão dele, queria acabar logo com aquilo. – Eu posso fazer isso.

Depois de comer um pouco, ela se sentiu melhor, mas estava mentalmente esgotada e exaurida até as células. Ele se deitou junto, abraçou-a. Ela se afastou. Queria distância. Precisava de distância. Dormiu rendida, quase de imediato.

# Capítulo 52

Francesca esticou o corpo recém-desperto do torpor sonolento. Abriu os olhos com preguiçosa disposição. Notou sem pressa que amanhecia, uma nuance de rosa alaranjado saía da grande escotilha. A aurora contornava todo o quarto. Respirou fundo preenchendo a capacidade pulmonar com plenitude.

Consciente do início de um novo dia, reparou que Mitchell não estava na cama. A porta do banheiro estava dois dedos aberta. Ele saíra do quarto. Sentindo-se mais tranquila, decidiu que conversaria com calma, as coisas não precisavam ser tão intensas.

Precisavam?

Tentaria manter um diálogo amigável e maduro, sem cobranças emocionais exageradas. Eram adultos e não havia motivo para tamanho descontrole ou tanta passionalidade. Estavam juntos só há seis dias e não seis meses.

Ok, decidido.

Agiria sem alucinações possessivas ou somatização de sentimentos. Teria uma conversa prática, quase concisa. Ele era um homem de negócios, um grande empresário. Resolveria as coisas com ele desta maneira, como se resolve um negócio, sem dramas

ou brigas e portas batendo, e... Pelo amor de Deus! Estavam juntos só há seis dias. Convenceu-se. Era uma mulher com inteligência emocional, podia fazer isso.

Saiu da cabine e percorreu parte do barco, encontrou-o na academia. Ele corria na esteira e estava... Merda, um absurdo. Como um homem despenteado, de bermuda e camiseta de malha e suado podia parecer tão absoluto? Jesus, não eram nem 7h da manhã. Inferno. Metade do seu decidido autocontrole já tinha escorrido, junto com a firmeza de suas pernas que pareciam perder os ossos e os músculos toda a vez que o olhava.

“Pernas afetadas.”

– Bom dia – disse respirando fundo e reafirmando a sua decisão interna: “tranquilidade, equilíbrio, praticidade”.

– Bom dia – ele diminuiu a velocidade da esteira e enxugou o rosto com uma toalha.

– Eu – Francie torceu as mãos –, nós precisamos conversar.

Ele anuiu e desceu da esteira.

– Vou tomar um banho e logo falamos, está bem?

– Espero você no deck.

Mitchell não se aproximou para beijá-la, ela também não. Francesca supôs que ele percebeu que algo havia acontecido. Mas que porcaria, já iriam o quê? Discutir a relação? Era uma loucura o que vivia. Decididamente, Mitchell Petrucci não fazia bem à sua saúde.

Após o rápido banho, ele encontrou-a sentada no ambiente de sofás cobertos por guarda-sóis no *deck*. Ela era uma visão. Usava um vestido tipo túnica de seda, azul e branca, óculos escuros e



estava sentada em uma postura meditativa. Os fios do fone de ouvido caíam sobre uma comprida trança lateral. Respirou fundo. Sentou-se. Ela removeu os fones, subiu os óculos e levou-os até a cabeça.

– Mitchell – começou determinada –, nós somos adultos e sei que não precisamos fazer nenhum tipo de jogo um com o outro e – Francesca pensava com cuidado nas palavras antes de dizê-las, não queria deixar dúvidas da sua intenção –, para mim, as coisas parecem ir em um rit...

O telefone dele tocou. Francesca deteve-se. Ele pediu um momento com mão e atendeu a ligação.

– Bom dia – levantou-se –, ontem acertei todos os detalhes do contrato com o banco de Zurique.

O vento frio batendo no rosto provocava uma sensação de renovação. O barulho constante do mar exercia um efeito hipnótico e embriagador. Vento. Mar. Mitchell no telefone. Ligou o mantra, ouviu “om mani padme hum”, entoado por monges tibetanos, uma vez – vinte minutos.

Colocou no *repeat*. Isso deveria mantê-la calma.

*Om mani padme hum.*

*Doom*

*Om mani padme hum.*

*Doom*

*Om mani padme...*

– Calem a boca, monges – disse arrancando os fones do ouvido.

Mar. Vento. Monges calados. Mitchell no telefone. Andando, andando, andando.

– Complacência, um – respira, solta. – Impaciência, dois – bufa e... – Desligue essa merda – falou para si.

Alguns minutos de monólogo depois, ele sentou a sua frente outra vez.

– Como dizia – ela tentou não alterar o tom de voz –, sei que nós não precisamos de nenhum tipo de jogo.

– Concordo. Por isso, eu te pergunto sem esconder nada: o que eu fiz sem saber que parece ter transformado você em outra mulher?

– Se você pretende parar de jogar – ela disse e Mitchell franziu o cenho. Ela ignorou o gesto –, suponho que é melhor deixarmos claro quais sempre foram...

O telefone dele tocou de novo. Ela bufou irritada. Mitchell atendeu:

– *Bonjour, monsieur* Arnault – fez mais um sinal pedindo que ela tivesse calma.

Se demorasse mais de cinco minutos nesta ligação, ele precisaria ser um polvo, com dez pares de mãos pedindo calma para surtir qualquer efeito sobre o seu alterado humor. Quando ele se levantou outra vez a fim de continuar a sua conversa em francês, isolado no deck, ela começou mentalmente: “1, 2, 3, 4, 5, 6, 7... 125 idiota... 149 imbecil... 170 inacreditável”.

– Monges, pelo amor de Deus, vocês realmente acalmam alguém?

Ligou Kate Nash "Dickhead", aumentou o volume no fone e cantou em voz alta. Para ele? Claro que sim.

– Quantos anos eu tenho agora? Doze? – Aumentou ainda mais o som e continuou cantando, olhando para ele. Mitchell? Ignorou e se afastou ainda mais.

Trinta e cinco minutos vigiados no relógio do celular, foi o tempo que ele a fez cantar, esperar, se emputecer. E, então, podia o próprio Dalai Lama baixar no barco e oferecer a sua benção, nada naquele momento devolveria qualquer tranquilidade a ela. Ele, ao contrário, muito sereno se uniu a ela outra vez.

– Acho que devemos entender que a honestidade não é um crime por menos nobre que possa ser a intenção – ela soltou abrupta.

– O quê? – Ele pareceu confuso.

– Vou te dar um exemplo simples. – Ela ergueu o indicador, apontou o número um e disse: – Imagine uma linda e alva ovelhinha saltitando pelos bosques da alegria. – Mitchell torceu a boca, ela continuou a história com a impaciência declarada em sua voz: – Essa ovelha encontra um leão faminto.

– Meu Deus, Francesca, o que é isso?

Ela espalmou a mão. Um gesto seco pedindo silêncio.

– O leão, esfomeado, conta para a ovelha que deseja devorá-la. A ovelha que sempre sonhou virar comida de leão, deita para o abate. Ponto-final. Fim da história. Eu pergunto, Mitchell, alguém ferrou alguém?

A boca dele abriu um pouco sem emitir nenhum som.

– Não é óbvio? Claro que o leão não ferrou a ovelha, a honestidade, lembra? – Francie comprimiu a boca e o telefone dele tocou mais uma vez. Ela jurou... jurou, que lançara um olhar de clara e total advertência para que ele não se atrevesse a atender de novo. Mas que cego e burro era, pois atendeu.

– Desculpa, Francesca – Mitchell tapou o bocal do aparelho –, estou resolvendo um problema de uma enorme negociação, preciso atender. – Ele, idiota, se afastou.

Ela respirou fundo uma dezena de vezes. Entretanto, passados trinta minutos, Francesca sentia-se advogada de todas as causas perdidas do mundo. Viu-o retornando e percebeu que o telefone tocou. *Trim, trim, trim* novamente. Outra vez, mais uma vez.

Canalha mil vezes! Ele deteve os passos a fim de atender outra vez. Outra vez, a porra do aparelho. Então, tudo estragou no filtro vermelho. Ele, o telefone, o mar, ela, o barco, tudo virou vermelho do avesso. A raiva ferveu os seus ossos, nervos, terminações, músculos. Caminhou consumida pela borbulha. Era uma emboscada não planejada, levada pela indignação. Arrancou com um bote o telefone da mão dele e arremessou-o com força no vermelho e brilhante mar.

– Pessoas são mais importantes que telefones, são mais importantes que negociações inadiáveis, são mais importantes que qualquer quantia em dinheiro. Isso se chama respeito humano – Francie rosou.

Mitchell ficou paralisado, com a boca escancarada. A mão vazia retida na mesma posição em que segurava o telefone. Olhou para o mar e então para ela que disse irritada:

– Não se preocupe, Sr. Petrucci, logo o Exército, a Marinha, a CIA e o FBI, ah sim, claro, a Interpol e a MI6 estarão aqui para recuperar o seu estimado telefone. Aí você poderá terminar a nossa conversa com ele no meu lugar. Acho que nem notará a diferença – girou o corpo a fim de sair, mas foi detida pela forte mão de Mitchell que se fechou na curva do seu braço. Olhou para mão dele como se a queimasse. E, ah, naquele momento queimava.

– Então todo este espetáculo armado desde ontem é porque você não se conformou com as horas que eu fiquei trabalhando? – ele soprou com um toque mordaz na voz.

– Seu idiota, acha que eu sou tão estúpida e infantilizada e desequilibrada assim?

Ele a encarou em silêncio.

– Eu ia te falar, queria ter uma conversa civilizada com você, mas sabe de uma coisa? Dane-se, você que pergunte aos seus executivos, legislativos ou que merda possa ser. Quem sabe eles matam a sua curiosidade.

Francesca contorceu-se a fim de se libertar. Assim que obteve sucesso entrou quase correndo no barco.

## Capítulo 53

Mitchell ficou estupefato diante do lugar em que aquela criatura lendária estivera em pé, soltando fogo pelas ventas.

Ela jogou o seu celular no mar? Inacreditável.

Iria esclarecer tudo, nem que fosse preciso amarrá-la a fim de obrigá-la a falar. Precisava se acalmar. Colocar a cabeça no lugar. Precisava se acalmar, senão, era provável que a amarrasse de verdade. Senão, entraria atrás dela, a tombaria na cama. Senão, elevaria os seus braços e sim, os amarraria; pelos punhos, presos, um de cada lado da cabeceira e talvez amarrasse as suas pernas e talvez a despiria e...

Ficou duro.

Se achou um doente por ter uma ereção neste maldito clima de guerra dos rose. Para fugir da guerra, foi ao tranquilo abrigo do seu escritório. Sentou na poltrona giratória. Serviu uma enorme e calmante dose de uísque. Mas que merda se passava com ela? Essa mulher ia enlouquecê-lo em poucos dias. Deu um longo gole na bebida.

Que história foi aquele de leões e ovelhas?

Uma hora depois, a sua confusão não estava abrandada pelo uísque. Estava ainda pior. Traçou uma linha racional de soluções e quanto mais tentava se convencer a pedido da coerência em deixar Francesca ir de preferência no próximo porto, mais putro ficava.

Com o quê?

Com ele mesmo, é claro, porque não queria despachá-la na próxima parada; queria, no lugar disso, afundar-se nela mesmo que tivesse que amarrá-la.

Maldita toxina que ela era em seu sangue.

Essa intoxicação afetava seu cérebro e fazia a cabeça de baixo subir a de cima. Deus! Cristo!

O que acontecia, meu Deus?

Nunca rogou tanto em toda sua vida.

Era ateu, porra.

O erro do teorema: deixar Francesca ir consistia no seguinte: pensava em livrar-se dela. Simples, primeiro fator que deveria ser resolvido na primeira oportunidade = porto. Então, acabava com ela nua e amarrada em diversas posições na sua mente. Na sua cama, dentro da sua mente. Aí o teorema afundava.

Outra dose foi virada. Entorpecimento etílico.

Mais uma dose; pequena.

Tinha um problema com o álcool, demorava a se sentir embriagado e quando conseguia, nunca passava mal depois, nem mesmo uma dor de cabeça. Para ele, esse sempre foi um alerta da sua propensão ao vício. Por isso, quase nunca bebia sem ser socialmente, pelo receio do vício.

Olhos verdes viciantes, lábios viciantes, cheiro de flores. Não rosa velha, nem margarida vulgar, flor e cereja – viciante. Levou as mãos até a testa.

Pronto, aconteceu. Virou gay.

Que merda foi essa de cheiro rosa, margarida e cereja?

Outro gole grande levado para dentro. Estava viciado em Francesca, nas curvas, na voz, na pele; nela.

Gays não se viciam em mulheres ou em vaginas... Não, então o quê?

O quê, em nome de toda a ordem do mundo, acontecia com ele?

Virou o restante de uma dose e começou a pensar em que estratégias usar para convencê-la a não ir embora da sua vida. Detalhe importante: teria que convencê-la a perdoá-lo por algo que ele não sabia o quê.

Complicado, não?

Esse era o problema em não ser gay, mulheres são fodidamente complicadas. Teria que ser abrangente. Podia declamar umas poesias, ou enviar flores, ou fazer todas as coisas que os idiotas apaixonados fazem, Cristo Todo-Poderoso!

Entendeu. Entendeu tudo, como a explosão de um teste THX na cabeça. Como alguém se apaixonava em seis dias?

Como alguém que nunca se apaixonou depois de adulto se apaixonava em seis dias? Porque isso era a única coisa que justificava o estado afeminado que ele vivia. Com exceção do seu amigo guardado entre as pernas que, ao lado dela, lembrava a



cada cinco minutos a sua condição de homem. Ele virou quase uma mulher.

O que levava um homem racional se apaixonar em poucos dias? Um ano de sonhos? Bruxaria? Feitiçaria? Sim, só podia ser isso. Ela o enfeitiçou, no hospital, enquanto ele estava em coma, indefeso. Quase uma covardia. Outra dose para dentro. E ele? Estava tão atingido que não queria buscar o antídoto ao suposto feitiço. Se é que ele existia.

# Capítulo 54

Francesca estava deitada na sua nova particular cabine, tentando não chorar como uma transtornada, obsessiva, compulsiva. Lia um livro a fim de se distrair, quando ouviu três leves batidas na porta.

– Ah, não – pediu em voz baixa. – Por favor – implorou. – Pois não? – ela arriscou sentando na cama.

– Senhorita Wiggs? – era uma voz feminina.

– Só um momento. – Ela levantou e deu graças a Deus por não ser Mitchell. Entreabriu a porta.

– Posso entrar?

– Sim, por favor – Francie abriu a porta educadamente dando espaço.

Francesca reconheceu-a, era uma das mulheres que estavam na cozinha no dia anterior. Uma mulher ruiva com o rosto sardento e redondo.

– Sou Jessica, trabalho como assistente do *chef* – ela se apresentou.

– Sim, me lembro.

– Desculpe a ousadia, mas depois do que a senhorita ouviu ontem, creio que não se importará com o que vou dizer.

Ela sorriu tentando parecer simpática, quando na verdade só queria ficar sozinha. Jessica, que não sabia disso, prosseguiu entusiasmada.

– Parabéns, senhorita, todos no barco, quase todos – corrigiu-se –, as mulheres, na verdade, e Robert, é claro, que é mais mulher que eu e a senhorita juntas... – Francesca abriu a boca sem notar que estranha estava aquela conversa. A mulher disse exultantemente: – Estamos muito orgulhosos da senhorita. Finalmente o Sr. Pretucci está com uma mulher que tem brio e personalidade. Finalmente ele tem a resposta que merece.

Francesca arregalou os olhos sem entender. Jessica explicou:

– Soubemos de ontem e de hoje também – a ruiva sorriu –, poucas pessoas a bordo, as notícias avançam como fogo.

Francesca aclarou a garganta constrangida e desconfortável. Bosta comprovada. Virou a conversa do convés. A versão moderna de *Quero Matar o Meu Chefe* ao vivo, sendo protagonizado por ela. Queria perguntar se existia uma maneira de abandonar o navio.

Jessica ignorou o seu desconforto silencioso.

– A senhorita deixou-o louco ontem enquanto corria o barco inteiro. Parecia o líder dos escoteiros – disse entre risadas. – O homem estava quase chamando a guarda costeira e... – a ruiva hesitou por um instante, mas logo prosseguiu resolvida: – Mas hoje merecia ser ovacionada, arremessar o celular ao mar foi de uma ousadia sem igual.

Silêncio.

Francie mudou o peso de uma perna a outra e disse querendo apenas acabar com aquela troca:

– Na verdade, não tinha a intenção de dar lição alguma. Acho que fiquei muito nervosa, só isso.

– Mas deu, senhorita, uma grande lição.

Francesca uniu as sobrancelhas, confusa.

– É porque nunca o vimos fazer isso antes.

– O quê? – Toda a indignação diante das fofocas a bordo, virou curiosidade.

– Ele se fechou no escritório. Agora há pouco, Robert foi levar uma jarra de água e café, como sempre faz, Robert é muito cuidadoso. Parece que é o pai do bastardo... – A mulher engoliu as palavras, parecia arrependida. Francesca manteve a expressão imparcial. Nada mais a surpreenderia naquele dia. Nada. Jessica disse:

– Quando Robert entrou, encontrou-o com a cabeça apoiada na mesa e uma garrafa de uísque esvaziada em mais da metade ao seu lado. Robert já ia ajudá-lo, então ouviu o Sr. Petrucci dizer com aquela voz que faz até o diabo estremecer – a mulher engrossou a voz, fez uma expressão caricata e sisuda – “Robert, ela está acabando comigo. Vai me matar.” Ele repetiu isso algumas vezes. Robert o aconselhou a parar de beber. Mas o Sr. Petrucci riu e ordenou que ele saísse.

O coração de Francesca devia marcar o ritmo de quem corre uma maratona, sem sair do lugar. Isso não era resposta ou atitude de um homem frio e vazio. Um homem que iria se encontrar com a amante espanhola, enquanto a outra espera por ele no hotel. Esse tipo de homem não se embebeda no meio da manhã por causa de

uma briga com “a outra”. No caso, ela. Definitivamente não. Isso era atitude de um homem confuso. Talvez muito confuso, como ela mesma estava. Não explicava a ligação da Itália para a senhorita azeite. Mas também não podia deixar que ele bebesse até... Até...

Até entrar em coma alcóolico?

E se ele desmaiasse e caísse no chão? Ele podia passar mal. E se morresse afogado no vômito? Cruzes! Muitas celebridades morreram assim. E Mitchell era quase uma celebridade.

– Obrigada, Jessica – disse antes de deixar o quarto quase correndo.



– Funcionou? – O encorpado e delicado *chef* aguardava ansioso próximo à cozinha.

– Ela saiu correndo – Jessica jogou um olhar duvidoso.

– Você fez o certo em ir contar. Eu trabalho com ele há mais de dez anos, nunca o vi assim por mulher alguma.

– Tomara, Robert, porque, caso o contrário, se ele me aparecer daqui alguns dias com outra mulher entojada, eu vou enfiar a panela de *paella* você sabe onde.

– Ui – o homem arregalou os olhos –, tanto protecionismo, você nem a conhece...

– Eu vi o rosto dela depois de ouvir aquela atriz na TV ontem, tenho uma filha jovem, me despertou o sentimento maternal.

– Acho que ele está caído de amor.

– Será?

– Acontece até mesmo com os mais inalcançáveis. Em algum momento, todos passam por isso.

– Se isso fizer ele se tornar uma pessoa mais agradável de conviver, que assim seja.

– Ah, e Jess – chamou-a antes de tomar o caminho da cozinha –, sobre a panela, pode ser que eu goste da ideia.

– Ai, que medo.

# Capítulo 55

Francie bateu na porta antes de entrar e ouviu a resposta estourar como um rugido:

– Fora, Robert.

Entrou. Ele estava com a cabeça apoiada nas mãos, olhando fixo para o copo de uísque que ia entre os braços sobre a mesa.

– Não é o Robert – ela disse recuperando o fôlego da corrida.

Ele levantou os olhos.

– Senhorita feiticeira Wiggs – traçou um olhar metódico sobre ela –, sente-se, por favor – disse com a voz arrastada estendendo os braços em direção a uma cadeira.

Estava pior do que ela havia imaginado. Os olhos iam baixos e escurecidos, a camisa de linho aberta até metade do peito e amassada. A voz denunciava, em uma única palavra, que ele já devia ter desistido de beber há tempos. Ela se aproximou com cautela. Mitchell observava os seus movimentos. Ela deteve-se perto, bem perto. Segurou o braço dele.

– Quanto você bebeu?

– Bastante, minha bruxinha, muito. Por quê? – Ele virou a cabeça para cima a fim de alcançar o seu rosto.

– Bruxinha, feiticeira? Que história é essa?

– Venha aqui no meu colo que eu explico – Mitchell bateu duas vezes nas pernas, como se ela fosse... adestrada? Que bêbado estava.

– Que convencido... – “Irresistível.” Escapou em sua mente. Mordeu os lábios por dentro, com força. Uma louca tentativa de não pular no colo dele como uma cachorrinha ensinada. Disse nervosa: – Você vai para a cabine agora, vamos! – Ela aumentou a pressão no braço masculino.

Ele encarou-a com um esboço de sorriso. Então, desviou o olhar para mão dela, pequena e prepotente. Mal fechava a metade do seu bíceps.

– O que é isso, Francesca? Está fazendo força para me levantar? – gargalhou.

– Você, você. Não ria de mim. – Ela bateu o pé com força no chão acarpetado.

Mitchel começou a beijar cada um dos nódulos.

– Pare! – Ela ladrou. – Levante-se! – colocou toda a sua força a fim de erguê-lo.

Ele beijava e mordida a sua mão e o braço, imóvel como um tiranossauro atolado. Francesca, revoltada por sentir-se alagada de desejo, disse:

– Devia ter deixado você se afogar no próprio vômito!



Mitchell jogou a cabeça para trás e convulsionou de tanto rir: – Que história é essa? – Outra gargalhada explosiva. – Quer me matar de rir, feiticeirinha?

Ela soltou-o. Entrecerrou os olhos. Agarrou o telefone e falou:

– Robert, pode por favor vir até a sala de reuniões?

Silêncio.

– Traga mais dois homens. Ele sairá à força. – Francie pediu tranquilamente.

– Não faça isso – Mitchell disse irritado –, eu consigo sozinho. – Levantou e deu dois passos trôpegos para a frente. Cambaleou e se apoiou na mesa.

– Não será preciso, Robert, obrigada. – Desligou o telefone e tentou equilibrá-lo:

– Deus, você está bêbado até os ossos.

– E você, Francesca, é irresistível até os ossos. – Afundou o nariz na frente dela.

– Vamos – Francie insistiu –, apoie-se em mim, eu tentarei te ajudar.

– Não estou tão bêbado. – Ele deu alguns passos torpes para a frente.

No caminho até o quarto, Mitchell conseguiu manter um equilíbrio razoável nas passadas largas. Sem seguir uma linha reta, buscou o apoio do corredor apenas por duas vezes. Parou para gargalhar do esforço que Francesca fazia tentando segurá-lo mais de duas vezes. Ao chegar na porta da cabine, deteve-se e falou com uma forçada cortesia:

– Obrigado, senhorita, quer que a acompanhe até o seu quarto?

Ela negou com a cabeça.

– Então, eu vou entrar no meu. – Fez uma reverência e quase caiu, cruzou para o interior da espaçosa suíte. Trancou-se no banheiro. Não percebeu que Francesca havia entrado na cabine atrás dele.

Ela já ia agarrar o telefone para pedir uma garrafa de café. Quando ouviu a alta e grossa voz afirmar para si mesmo de dentro do banheiro:

– Nem mesmo beber até cair é possível. – Um breve silêncio. – Mitchell – Francie ouviu-o chamar o próprio nome, em um tom de voz afeminada e afetada –, vá já para o seu quarto.

Ela arregalou os olhos. Ele a imitava? Escutou a continuação.

– Vou te contar uma história de leões e cabras e ou carneiros. Raposas o que diabos quer que seja.

Ela levou a mão à boca sufocando uma risada, Mitchell continuou:

– E depois, vou afogar seu telefone e enfeitiçar você e ferrar com a sua cabeça. – Ouviu uns murmúrios de reclamações e uns palavrões mal-humorados. Em seguida, a voz forte dele voltou a afirmar: – Se ela pensa que vai escapar, está muito enganada. Vou amarrá-la na cama. Isso sim. – Outro breve silêncio. Um vidro espatifou no chão do banheiro. O barulho foi seguido por alguns palavrões.

Ela bateu na porta devagar:

– Mitchell, está tudo bem?

– Francesca?

– Sim, Sr. Petrucci.

Silêncio.

– Está aí faz tempo?

– Tempo o suficiente para dar graças a Deus por você ser um empresário e não um ator – disse com um sorriso na voz.

Silêncio. Outro frasco espatifado no chão e...

– Merda! – Foi o retórico urro masculino.

– Mitchell, abre a porta.

Após outra silenciosa pausa, ele abriu. Vestia só a calça. Parou encostando o ombro no batente. Cruzou os braços sobre o peito:

– Pois não?

Ela jogou um olhar para o chão:

– Meu Deus, Mitchell, o chão está cheio de vidro e você está descalço.

Ele continuou fitando-a com a expressão inalterada.

– Vamos. Saia!!!

Mas ele não moveu um único músculo.

– Vamos, Mitchell, que teimoso. – Agarrou decidida os braços dele, enquanto usava o peso de todo o seu corpo para tentar movê-lo. – Não comece de novo, que boi empacado – a voz saiu incerta pela força que ela exercia.

Ele sorriu no momento em que teve uma brilhante ideia de bêbado... Francie fazia uma gangorra com todo o seu peso para trás. Ele observou a cama apenas alguns passos de distância, nas

costas dela. Avançou dois largos passos, oferecendo nenhuma resistência.

O resultado óbvio?

Ela foi impulsionada para trás, como se atingida por um golpe. Mas, contrariando o plano de Mitchell, não largou os seus braços. Ao contrário, grudou com as unhas nele, como uma gata cega. Se não houvesse uma merda de sapato no caminho, talvez conseguira equilibrá-los. Não conseguiu. Os pés enroscaram nos sapatos, ele perdeu o chão e empurrou-a com todo o peso para cima da cama. O seu corpo desestabilizado caiu em cima do dela esmagando-a. Sentiu-a perder o ar e dar repetidos soquinhos no seu peito, enquanto soltava alguns palavrões. Ele gargalhou divertido, se ergueu sobre os cotovelos. A diversão passou, foi preenchido pela sensação daquele corpo. A respiração se alterou. O coração se alterou. A visão se alterou. Segurou o rosto dela entre as mãos:

– Que momento mais clichê, hein, minha querida? – ele disse com os olhos nos lábios dela.

Ela apenas concordou e parou de lutar. Rendeu-se ao peso que o corpo de Mitchell empunha. Não podia sair, estava presa. Não queria sair. Nunca quis.

– Agora eu terei que beijá-la. – Mitchell esmagou sua boca sobre a dela. Soltou uma exalação de alívio. Francesca não resistiu. Os lábios corriam de lado a lado sobre os dela.

– Francesca, não me deixe – ofegou –, não me deixe – repetiu como um idiota. – Sou viciado em trabalho e possivelmente você é boa demais para mim. Mas fique comigo – ele estava implorando. Não se importou. O orgulho não tinha voz contra feitiçaria. Deixou

vários beijos no nariz, nas maçãs do rosto, no queixo, em cima dos olhos.

– Mitchell... – ela começou a dizer.

– Sr. Petrucci – soou a voz de Robert do lado de fora da cabine, seguida por algumas batidas convincentes na porta.

Ela o empurrou:

– Levante, Mitchell.

– Saia, Robert – ele gritou sem mover o corpo.

– Você está me sufocando – ela disse com a voz abafada e o empurrou de tal forma que ele tombou para o lado na cama.

– Tudo gira – ouvi-o se queixar.

Ela saiu como uma contorcionista. Correu pelo quarto e abriu a porta. O *chef* se afastava através do corredor.

– Robert?

O homem corpulento e moreno virou e justificou se aproximando:

– Desculpe, senhorita, não sabia que estavam juntos.

Ela abanou a mão no ar, sinalizando que ele esquecesse qualquer coisa.

– Francesca, meu amor, volte aqui – era Mitchell quem pedia com a voz rouca e arrastada.

– Deus, ele está tão bêbado.

– Nunca o vi assim e trabalho com ele há dez anos.

– Preciso da sua ajuda – pediu em voz baixa –, se ele ouvir, vai se opor. Parece ser mais teimoso bêbado do que sóbrio.

– Sim, senhorita.

– Você me traz, por favor, uma jarra de café, uma comida leve e alguma coisa para ressaca.

– Vou providenciar, senhorita – o *chef* corpulento virou para sair. Então mudou de ideia, deteve-se. – Tem uma receita que eu aprendi quando estudava culinária na França. – Sorriu divertido. – Creio que o gosto é de *merde* – disse em francês –, entretanto, levanta mais que glicose na veia.

Francesca sorriu:

– Então, que seja *merde*. “E, pelo azeite do Woody Allen e pela coleção de fragmentos femininos, será merecido” – concluiu para si um pouco satisfeita.

Robert esticou a cabeça para dentro do quarto:

– Quer ajuda com mais alguma coisa?

– Não, vou tentar colocá-lo no chuveiro – disse voltando para o interior da suíte.

Não foi preciso tentar. Quando retornou à sua atenção para cama, encontrou um Mitchell dormindo. Viu a expressão relaxada, os lábios descontraídos e a ausência do suave vinco no meio das sobrancelhas, marca presente do seu olhar desperto. Com algum esforço, jogou as pernas dele para dentro da cama. Ouviu-o murmurar:

– Francie – murmúrios indecifráveis –, Francesca – outros sons estranhos –, bruxinha.

– Ao menos não usou Nicolle, ou Cláudia ou Tess, isso é alguma coisa – ela acreditou que não era ouvida.

Arrumou a cabeça dele embaixo de dois travesseiros, já se esticava para sair quando ouviu a voz enrouquecida e pastosa:

– Não vá. Por favor, fique aqui.

Ela olhou-o em dúvida.

– Francie... por favor.

Ela suspirou vencida. Ficou.

## Capítulo 56

Estava na varanda da casa de sua avó em Taormina. Usava um vestido branco de crochê. Fazia calor, um calor que vinha acompanhado da brisa do oceano. Era um dia perfeito. Sereno, o suave barulho constante das ondas em arrebentação. Outro som constante foi notado. Era o único que destoava de toda aquela paz. Algo insistente e irritante, que parecia se intensificar como um inferno: *Tchec, plac* e *zip* e *tchec*, de novo e *prac* outra vez. Olhou ao redor, viu um pelicano enorme pousado na sua varanda que fazia esse barulho. Tentou enxotá-lo e *tchec, plac, prac*. Abriu os olhos relutantes. Comprovou de onde vinha o barulho irritante do seu sonho: Mitchell revirava a mala como um louco. Tirava as roupas, abria os sacos de sapatos. Ela correu o olhar pela cena e viu a espuma de barbear jogada, escova de cabelo no chão, pasta de dentes na cama. Viu loções e remédios que eram tirados sem cuidado da necesserie. Tudo era depositado em um furdunço absoluto em cima dos móveis. Viu gravatas, abotoaduras, cabides, meias e calças e o quarto estava possuído pela bagunça que ele fazia.

– Mitchell?

– Oi? – Ele não desviou a atenção da desarrumação obsessiva.



- O que está fazendo?
- Tinha certeza de que estava na mala.
- O quê?

Algumas camisas foram removidas de sua perfeita dobra e se juntaram ao monte de roupas na poltrona.

- Uma caneta...

Ela franziu o cenho. Ainda estava bêbado?

- Eu tenho uma caneta na bolsa – disse para tranquilizá-lo.

– Aqui está ela – ele pareceu bem animado após abrir um zíper de um dos compartimentos da mala esvaziada.

– Que bom, mas agora a sua mala está no chão. – Passeou os olhos pelo quarto. – Na poltrona – continuou o passeio da desordem –, no balcão e em cima da cama também. Podia ter me pedido por uma, eu conseguiria sem criar o caso das roupas em guerra. – Ela sorriu. Só então, comprovou a expressão de Mitchell que se aproximava com as mãos para trás, o rosto de quem acaba de ser surpreendido fazendo algo proibido.

- Acho que é sua. – Ele estendeu o objeto.

Francesca abriu a boca.

– Onde? Como? – Mergulhou em confusão ao constatar que ele trazia a caneta que Tom lhe deu de presente, no dia do lançamento do seu livro.

– Na farmácia, você deixou cair e eu tentei ir atrás para devolver, mas não a encontrei. – Mitchell olhou para caneta, depois para ela. – Moça mais linda da cidade.

Aquele pequeno gesto foi suficiente para que Francie tivesse vontade se jogar nos braços dele e esquecer das atrizes boazudas e de celulares boiando.

– Obrigada – ela disse tentando disfarçar suas conturbadas emoções. – Você está bem? Toda aquela gororoba que tomou serviu para alguma coisa?

– Estou inteiro, nunca tenho ressaca. – Ele fez uma careta. – Mas que diabo era aquilo?

– Pergunte ao Robert, ele é o único culpado. Você jurou-o de morte algumas vezes enquanto tomava.

– Eu? – Ele vestiu uma expressão de inocência.

– Sim, enquanto eu o fazia beber, você disse que ia demiti-lo. Depois do terceiro gole disse que iria surrá-lo. Então eu insisti que tomasse tudo e você obedeceu como um bom menino contrariado. Mas, ao terminar, tentou se levantar e jurou que iria jogar o *chef* do barco ao mar para que ele achasse o seu celular perdido. Eu o segurei na cama e você desistiu alegando que estava tonto demais para o esforço. – Ela estava com olhar repleto de bom humor.

– Eu te dei trabalho, me desculpe, Francie, estou um pouco envergonhado.

– Você bêbado é... – levou a mão ao queixo e franziu a testa em uma careta contemplativa. – É um péssimo imitador, quebra perfumes no banheiro, gosta de derrubar as pessoas em sua cama, revolta-se contra porções cura ressaca e ronca quando dorme. – Mitchell sorriu e ela tinha um brilho divertido no olhar. – Tirando a hora de beber aquele troço, você quase não deu trabalho.

Ele ficou sério.

– Não pare de sorrir para mim, Francie.

Ela olhou para baixo, pensativa.

– Nós precisamos conversar.

– Sobre quadrúpedes e felinos? – Mitchell colocou uma forçada seriedade na pergunta.

– Não, sobre atrizes espanholas.

Ele arregalou os olhos.

– Ontem à tarde – ela tentou deixar a voz calma e olhou sobre a colcha da cama –, eu ouvi a sua ex, ou atual, amante na televisão – encarou-o e disse: – Ela falou que vocês estão, estão juntos e que você ligou para ela da Itália no sábado.

Ela o viu respirar fundo algumas vezes, sentiu a cama afundar, ele sentou. Quando falou o fez com a voz séria e a expressão endurecida.

– Francesca, a última vez que eu estive com ela foi um mês atrás. Eu não liguei para ela da Itália, e sim ela me ligou cinco vezes. Olhe você mesma. – Ele pegou o aparelho celular de cima da mesa lateral. Esse era o número pessoal de Mitchell.

“Ligações perdidas – Paloma Davros. Sete insistentes vezes.”

Não satisfeito, ele mudou a lista para ligações efetuadas. Não havia uma única chamada para o contato Paloma Davros.

Ela engoliu a seco e perguntou um pouco sem graça por sua própria desconfiança:

– Como ela sabia que você estava na Itália? Sim, claro. – Francesca respondeu rápida: – Deve ter escutado a mensagem do sistema de telefonia em italiano quando você não respondeu. – Ela

foi inundada por uma onda de alívio e se sentia mal ao mesmo tempo por tê-lo julgado e condenado antes mesmo de ouvi-lo.

– Mais da metade do que sai na mídia é lixo, é exagero ou mentira. – Ele ficou carrancudo.

– Eu sei, não escuto este tipo de reportagem. Ontem, ouvi por acaso. – Sacudiu a cabeça. – Por que você acha que ela inventaria algo assim; digo, o que ela teria a ganhar com isso?

– Não sei, dois minutos a mais na mídia, ou essa versão era o que ela queria que os outros acreditassem, ou é uma louca. Não tenho a menor ideia, só me pergunto por que, antes de resolver se afastar, você não foi me ouvir?

– Eu fui.

Ele ficou em silêncio.

– Você estava em videoconferência e eu vi a bandeja com pratos em cima da mesa, me senti uma idiota por ter te esperado para almoçar... Até às três da tarde. Depois, hoje pela manhã, vieram os telefonemas. A verdade, Mitchell, é que estava machucada, não sabia mais se tudo entre nós não passava de um grande engano.

Ele balançou a cabeça fazendo uma negação. Ela suspirou.

– Preciso te deixar claro algo que sei, será melhor falarmos agora, antes que as coisas fiquem ainda mais intensas e... – Respirou fundo: – Quando eu estou entregue, eu estou. Sei que não seria feliz sendo um estepe na vida de ninguém. – Fez uma pausa e disse: – Eu só quero que sejamos sinceros, para que não haja expectativas frustradas.

– Francesca, eu... – Mitchell tragou o ar pela boca. – Tenho uma grande responsabilidade, está em minhas mãos, muito mais do que você pode imaginar, e eu não estou falando só de dinheiro. Estou falando da vida de milhares de pessoas. Estou falando da influência que o desempenho de uma instituição financeira do porte da JPM tem na economia do mundo e isso resulta em um efeito cascata muito maior do que se concebe, quando falamos em vidas. – Segurou a mão dela. – As pessoas pensam que a economia se baseia apenas em números, quando a Economia é uma ciência humana.

Ela sorriu com uma tristeza conformada, teve certeza de que esse era o discurso do fim. Entendeu que se abriu, pediu algo que ele não poderia dar e ele explicava o porquê disso. Sentiu o coração doer e comprimir, o ar agulhar e pesar nos pulmões. Lutou contra as lágrimas, não choraria na frente dele, estava sendo sincero e foi isso que ela pediu.

– Entendi – ela disse querendo apenas acabar com aquilo, ir para outra cabine e ficar sozinha.

– Não, não entendeu – ele segurou a mão dela entre as dele com mais força. – Eu não posso jurar que vou parar de trabalhar. Sei que trabalho muito, também não posso prometer que isso mudará radicalmente. Mas posso garantir que você será a minha maior prioridade. O meu maior investimento e a minha mais arriscada e entregue aposta. Pois se eu perdê-la, não estarão envolvidos números ou economia, ou mesmo milhares de vidas humanas. Isso afetará apenas uma vida. Sei que não é muito, mas é a minha. – Deu de ombros e disse: – É bem importante para mim.

Ela sentiu a respiração embolada. Ouviu por cima do ar:

– Eu sempre achei que era um cínico convicto e que homens como eu não encontrariam isso nunca, talvez por não acreditar.

– Mitchell – ela tentou interrompê-lo quase com receio do que ele falaria.

– Eu estou apaixonado, Francesca – ele exigiu... Tudo.

– Oh, meu Deus – os olhos úmidos expressavam... Tudo.

– Sim. Oh, Deus! – ele disse sorrindo. – Apesar de não acreditar, imagino que se Deus existe, tem algo a ver com isto. – Ele segurou o rosto dela entre suas mãos. – Você se apaixonou por mim uma vez. Acho que foi mais fácil porque eu não estava lá, acordado, estragando as minhas chances.

Ele tocou o lábio inferior dela com o indicador.

– Eu quero conquistar você outra vez, deixa?

– Si... – antes que ela pudesse terminar, ele já beijava. Nossa, e como beijava.

– Moça mais linda do mundo – ele disse com os lábios esmagando os dela.

Fizeram amor? Os anjos, as ninfas, as fadas fazem amor? Foi com essa pergunta que ele despejou o enorme êxtase dentro dela. Então, ouviu-a chorar baixinho de satisfação. Jurou a Deus, que ele não acreditava existir, que faria o possível para que as coisas dessem certo entre eles.

## Capítulo 57

Os dias em Mônaco foram preenchidos por um Mitchell obsessivo, ciumento e encantador e atencioso.

Na primeira noite, iriam jantar e depois ir ao cassino de Monte Carlo. Francie agradeceu por Olivia quase a ter obrigado a aceitar um vestido longo Elie Saab. Ela lembrou o que a amiga disse: "O vestido foi desenhado para você, Francie, não ficou tão bom no meu corpo, não tenho o mesmo recheio maravilhoso na frente".

Se não fosse ela, Francesca não teria o que vestir naquela noite. Deu graças aos deuses fashions de Lilly e sorriu com a presença da amiga, que parecia a socorrer mesmo a distância. Estava sorrindo até escorregar o vestido pelo corpo, ajustar, fechar. Até se olhar no espelho.

Abriu os olhos e levou a mão à boca.

Não era feio, muito longe disso. Era maravilhoso. Era, entretanto, o vestido mais sensual que ela já tinha visto. Muito típico ao gosto de Olivia, diferente do que ela escolheria por si se estivesse sozinha. Se olhou no espelho de frente, de lado e torceu o pescoço de costas. Nas costas ele era bem normal.

Olhou o espelho outra vez, depois de ter colocado as sandálias de salto.

– Deus, nem sabia que o meu corpo podia parecer tão... tão...sei lá – murmurou em voz alta e saiu do closet.

Mitchell estava sentado na poltrona ao lado da cama, lendo algo no iPad com a expressão concentrada. O vinco no meio das sobancelhas estava lá, atrás da armação dos óculos de grau tipo Prada. Ele já vestia o smoking preto de corte perfeito.

Ele estava... Ela nunca tinha visto ele de smoking e o resultado disso? Calor, enorme calor – suspirou.

– Estou pronta – disse com uma pontada de expectativa.

Ele levantou os olhos da tela, a princípio descontraídos; em seguida, estreitos. Então, inspecionou-a de cima a baixo. Parando enquanto fixava os olhos em cada parte. Traçou um *scanner* visual pelo corpo, duas vezes. Ela conteve a respiração. A boca dele abriu. Mitchell passou as mãos no cabelo, fez uma negação com a cabeça, exibiu um sorriso embasbacado e disse:

– Acho que vou cancelar com os russos.

Ela respirou satisfeita até ouvir o seguinte comentário:

– Pena que, se eu fizer isso, eles vão se ofender e é possível que desistam do negócio. Mais pena ainda já estarmos no horário. Vou ter que me contentar com a ideia de que você vai vestir isso outra vez, quando estivermos de volta.

Ela piscou fundo sem entender.

– Como assim?

– Vamos, querida, vá se vestir, precisamos sair de verdade.



Então foi a boca de Francie que caiu aberta.

– Eu... eu, estou vestida – disse de cenho franzido, com a certeza de que era um vestido muito sensual, mas nada indecente. Nada que justificasse a descabida ideia de que ela não estava pronta.

Ele sorriu um pouco nervoso.

– É claro que você está brincando. – Diante da expressão contraída de Francesca, o sorriso dele se desfez: – Não existe a menor possibilidade de você sair deste quarto usando isso.

– Isso? Isso é um Elie Saab.

– Podia ser desenhando e recortado pela própria madame Channel ressuscitada. Você não vai com isso.

– Você só pode estar brincando.

– Não estou.

Estava sim, no lugar muito incomodado e irritado por razões diferentes. A razão da irritação era o desgosto consigo mesmo por esta demonstração ridícula e descabida de ciúmes. O vestido era preto, coisinhas meio brilhantes – que ele não sabia o nome – cobriam-no inteiro. Não tinha ombro – tomara que caia –, e nos seios dela, todos os homens torceriam por isso, tinha um decote que abria até – olhou com atenção – o final dos seios. Então seguia justo pelo corpo, bem justo – engoliu a seco. – O vestido era uma fenda descomunal que abria até o final da coxa. Francesca nesse vestido, era ele duro só de olhá-la. Esse era o incômodo. Mas não era indecente e ele sabia.

Nunca se importou com que as mulheres que o acompanhavam usavam ou deixavam de usar. Só tão pouco conseguia se controlar.

Ela estava de tirar o fôlego. Sim, e o faria de todos os homens daquele cassino de merda. Não, ela não iria daquele jeito. Ponto. Resolvido.

– Francesca, coloque algo mais conservador.

– Conserva, o quê? – Ela quase não acreditou no que ouviu.

– Algo que não deixe as suas pernas e metade dos seus seios de fora.

Silêncio.

– Não tenho outro vestido. Só tenho este e ele foi presente de uma amiga.

Ela se virou furiosa em direção ao closet. Gritou de lá sem moderação:

– Mas como estou indecentemente vestida para te acompanhar, sugiro ou que vá sozinho ou arrume alguém que não te envergonhe.

“Merda! Merda! Merda!” – Mitchell levantou.

– Francesca – ele entrou no closet e disse a envolvendo pela cintura. Ela relutou para se desvencilhar, enquanto tentava com movimentos bruscos e desajeitados tirar a roupa –, desculpe, você está espetacular, e eu? Sou um idiota que não sabe controlar o ciúmes.

– Também não me sinto bem. – Fez uma negação conformada.  
– Não combina comigo.

– Combina, e você está demais. – Beijou-a no ombro nu. – Nunca me envergonharia, nunca... eu só vou ter que entrar no

chuveiro gelado antes de sairmos, senão acho que eu é quem te envergonharia.

Ela tomou fôlego olhando-o pelo espelho e um fio de risada apareceu nos lábios dela.

– É mesmo? – Francie disse pressionando o quadril contra ele provocativa.

– Pare, Francesca, ou...

– Ou? – ela girou e deslizou os lábios pelo maxilar, pescoço até alcançar a orelha. – Porque você com essa roupa me dá vontade de – ela sugou a orelha dele e Mitchell gemeu –, de transar com você assim... sem tirar quase nada.

Ele respirava com dificuldade.

– Merda, Francesca – beijou-a como se fosse um ato inteiro. – Merda – repetiu quando afastou-a –, temos mesmo que ir... Merda, agora acho que vou precisar de um balde de gelo.

Assim que entraram no carro, Mitchell disse com ar pensativo:

– Francesca, durante o jantar... – ele hesitou e respirou fundo antes de prosseguir – eu não quero que me entenda mal... Apenas fique atenta com o que você vai fal... – bufou – Você sabe alguma coisa sobre o homem que estamos indo encontrar?

– Sei que ele é dono da maior empresa de energia russa privada, entendi que o seu banco está querendo comprar parte da empresa dele e...

– Foram meses até o presidente da Rússia aprovar a nossa associação... E depois, meses de uma competição predatória. O Governo Russo aprovou a parceria entre a JPG e a YKW, não porque ele goste da minha cara, simplesmente porque essa sociedade

garante maior abrangência da YKW no mercado americano e mundial... Com ela, exploraremos juntos uma nova reserva natural de petróleo, considerada a Arábia do Ártico. A JPG se uniu a EPEX e juntos criamos uma empresa para formalizar a parceria com a YKW.

– Humm – Francesca sabia sobre as petrolíferas russas. Sabia o que estava por trás desse negócio milionário. Há alguns anos, os maiores detentores dessa indústria foram cassados e presos, acusados por crimes como formação de quadrilha, lavagem de dinheiro, assassinatos, falsificações, espionagem... Era um roteiro de *007* completo. Estava até então despreocupada. Nem sequer havia evocado a imagem de mafiosos do petróleo, não até Mitchell pedir que ela não falasse durante o jantar. – Não que ele seja um figurão que pode ordenar que sejamos assassinado por... qualquer coisa.

– Não, apenas não dê brechas para qualquer... hã... mal-entendido.

– Tipo?

Mitchell estalou a língua.

– Não se preocupe, acho que estou sob a tensão do fechamento de um negócio que se arrasta há mais de dois anos, um dos mais tensos que já realizei.

– O que houve? Quer dizer, se puder contar... Fiquei curiosa.

Mitchell explicou toda a transação entre EPEX, Fishman e JPG. Omitiu alguns detalhes que acreditava que Francesca não precisava saber.

Não queria que ela soubesse. Por quê?

Uma pontada de culpa pela chantagem em cima de Jonas Fishman? Mas ele não se sentia culpado. Afinal, foi Fishman quem correu por trás e quase comprometeu o negócio todo.

Então, por que não queria que ela soubesse? Ele apenas respondeu um jogo baixo com outro.

Não contaria.

Francesca podia não entender como esse tipo de negócio funcionava. Ela vivia em outra realidade. Ela era tão... boa, idealista e talvez boa demais para ele. Continuou dando ênfase à questão política, longe dos detalhes do negócio.

– Vladimir Putin, quando percebeu que a maior parte do petróleo e gás natural russo estava nas mãos dos oligarcas, moveu todas as forças do governo para devolver a maior fatia de controle ao Estado... O petróleo sempre foi a grande riqueza da Rússia.

– Foi durante o governo de Yeltsin que as petrolíferas voltaram a ser privatizadas, não foi?

Ela se lembrava de ter estudado sobre isso. A exploração do petróleo russo era privatizada até a criação da União Soviética, quando o Estado se apropriou de tudo de maneira não democrática. Então, quando Yeltsin assumiu, as petrolíferas passaram para o setor privado outra vez.

– Sim, foi durante a gestão Yeltsin que muitos acusaram o governo de entregar o petróleo russo nas mãos de poucos oligarcas de forma não muito... transparente.

– Então veio Putin, que devolveu ao Estado o controle sobre as fontes de energia da Rússia.

– Era uma questão de sobrevivência do governo, depois do caos pós-soviético, o Kremlin precisava desfazer o mandarinato político exercido por estes oligarcas... Para você ter uma ideia, o primeiro grande magnata a ser exilado era o maior parceiro de Putin na época.

– Nossa.

– Pois é... Ele declarou ao mundo que não mediria esforços para fazer justiça.

– Justiça?

– Devolver o controle das petrolíferas russas ao Kremlin, ao menos a maior parte do controle.

– E você acha que isso é fazer justiça?

– Muitos acham.

– E você o que acha?

– Acho que fazer negócios com os russos sempre é complicado, e quando se trata de petróleo, isso fica ainda pior... Aos russos, sempre a maior fatia dos lucros futuros e os menores custos operacionais, que são altíssimos.

– Russos se associando aos americanos... é curioso.

– A EPEX entrará com a tecnologia, nós entraremos com a maior parte do investimento e a YKW entrará com a concessão de exploração.

– Eu posso falar alguma coisa sem que se decreta uma crise internacional? – Francesca disse em tom de brincadeira, mas sentia-se desconfortável.

– Me perdoa, claro que você pode... Não quero te deixar insegura, claro que você pode falar... eu é que estou um pouco ansioso.

Se ele pudesse antever o inferno que seria a sua noite, com certeza teria escolhido adiar o negócio com os russos.

Que tipo de alquimia transformou uma noite em um inferno?

Nada muito diferente do que ele imaginava ocorreria. A brutal disparidade da noite não esteve na reação provocada pela chamativa Francesca e sim pelo seu incomum manifesto de ciúmes. Este parecia aumentar a cada par de olhos que ele comprovava, fixavam-se em qualquer parte do corpo dela.

Mitchell não tirou a mão possessiva de suas costas por um único segundo. Não, isso não era certo. Ele tirou as mãos das costas dela, quando a envolvia com os braços, ou quando agarrava a curva do braço dela, retendo-a com uma força calculada, como se ela fosse uma criança perdida. Durante o jantar, enquanto não estava ocupado com os talheres, a mão possessa estava lá: marcava e delimitava o seu território. Mesmo durante as negociações acaloradas que seguiram pouco após o prato principal, lá estava a liga de ferro circundando-a.

Quando os termos da negociação se estreitaram, ele pareceu mudar o foco de sua obsessiva atenção de cima dela, para o russo chamado Yerik, com quem ele mantinha uma conversação linguística bipolar. Parte feita em russo e outra em inglês.

– Gosta de futebol, Mitchell? – Yerik puxou esse assunto no meio do jantar.

– Sim, adoro futebol.

– Americano, imagino – arriscou o russo.

– Não, cresci em uma escola interna na Europa, aprendi a gostar do verdadeiro futebol.

Yerik sorriu com satisfação e perguntou:

– Qual o seu time?

– Costumava torcer pelo Basel, morei na Suíça – disse Mitchell, depois de dar um gole no vinho. – Mas, no campeonato europeu, torcia pelo Milan. A família do meu pai é de origem italiana.

– Eu também adoro futebol. Entretanto, há um certo tempo para mim, ele é mais um negócio do que uma mera distração – Yerike agarrou a taça de champagne – Graças a Deus, ainda existem as belas mulheres. – Ergueu-a em brinde correndo o olhos vagarosos por Francesca, que deteve a respiração. – E claro – continuou –, os jogos de cartas, pois senão estaria fadado a conviver com negociações e expectativas de retorno infundáveis, mesmo naquilo que para maioria é apenas distração.

Mitchell manteve silêncio. Yerik falou algo em russo olhando para Francesca, o que fez todos na mesa rirem bem-humorados. Todos menos Mitchell, que apertou a esquecida liga em torno do braço dela. Notou o maxilar dele enrijecer, enquanto respondia com um sorriso cínico nos lábios. O russo replicou no mesmo idioma a ele. Em seguida, o olhar de Yerik caiu sobre ela cobiçoso e sugestivo:

– Um brinde, senhorita Wiggs, ao negócio que estamos fechando aqui – disse erguendo a taça outra vez.

– Um brinde – respondeu Mitchell erguendo a própria taça, enquanto com a mão livre retinha a dela com força sobre a mesa, impedindo-a de se mover.

Yerik, apenas sorriu com certa malícia.



Apesar de se sentir rondada, cercada e demarcada, não pôde deixar de se sentir fascinada. Pois, enquanto a mão de Mitchell demonstrava o seu intento de posse, também circundava-a com gentis carícias, intercaladas com sussurros ao pé da orelha. Sem a menor comensura ou ponderação, Mitchell parecia idolatrá-la na frente de qualquer milhões que pudessem estar colocados sobre a mesa.

No fim do jantar, Francesca se levantou pedindo licença para ir ao toalete e, enquanto secava as mãos, ouviu o celular de dentro da sua carteira de noite apitar uma nova mensagem:

Mitchell Petrucci – 20h48

“Você com esse vestido, me faz ficar louco para voltar ao hotel. Você de qualquer jeito me deixa louco.”

A mensagem terminou com um poema de Pablo Neruda.

Com um dos poemas quentes de Pablo Neruda.

Ao menos, Francesca ficou com calor.

Lembrou-se de ter falado para Mitchell dias atrás que adorava o poeta, e ali estava ela, no banheiro feminino, acalorada, afogueada. Sem entender direito como um simples SMS podia ser tão provocante, Francie retornou à mesa após teclar a resposta. Uma única curta frase. Estava com as faces ruborizadas de sangue e os olhos brilhantes de fogo.

Sentou ao lado de Mitchell, ele respirava com dificuldade. Segurou a mão dela de maneira trituradora. O foco não saiu do

quadril feminino.

– Não acha, Petrucci? – perguntou Yerik.

Ele não respondeu, o russo aguardava em silêncio.

– Mitchell – ela acordou-o do devaneio.

– O quê? Desculpe. – Ele voltou a atenção para Yerik.

– Eu te entendo, meu amigo – Yerik falou isso olhando para Francesca.

No colo dele, o celular ainda aceso denunciava o porquê da aparente alteração do empresário.

Francesca Wiggs – 20h50

“Estou sem calcinha.”

Mitchell Petrucci – 20h55

“Vai me matar.”

Se levantaram após concluídos os protocolos do jantar de negócios. Ela sabia que Mitchell iria jogar uma partida de pôquer com os russos no cassino. Era uma mesa de homens, e ele havia explicado que naquele momento da noite ela não poderia acompanhá-lo. Portanto, seguiu para se distrair no cassino. Passados cinco minutos que deixou a sala do pôquer em direção às roletas, o celular dela apontou o sinal de um novo SMS:

Mitchell – 21h20

“Desejo.”

Francesca – 21h22

“Concentre-se no jogo, você me disse que o cacife era alto...”

Mitchell – 21h24

“Está mesmo sem calcinha?”

Francesca – 21h26

“Vou deixar você confirmar isso. Preste atenção nas suas cartas.”

Ela não deu nem dez passos e lá estava a resposta de Mitchell apitando:

Mitchell – 21h30

“Ainda não começou... estão arrumando o cacife... será impossível ter qualquer concentração por aqui, com vc aí... comigo aqui, explodindo por você aí... cercada de... mas que inferno este jogo.”

Francesca – 21h32

“Dizem que a expectativa aumenta o prazer... enquanto estiver jogando, crie, Sr. Petrucci, muitas expectativas.”

Encostou-se em uma roleta para espiar e ouviu o celular:

*Trilim, Trilim*, outro SMS. Sorriu ao ler.

Mitchell – 21h35

“Ahhh! Me provoque só mais um pouco... vou desligar, o jogo está começando,  
seu Mitchell.”

Francesca se sentiu mais alterada do que gostaria, do que deveria, diante daquelas duas simples palavras: “seu Mitchell”... Será?

Duas horas depois, estava entrosada com um grupo de apostadores compulsivos em uma partida ferrenha de 21. Quando ouviu o toque sinalizando a entrada de outra mensagem.

Mitchell – 23h34

“Onde você está?”

Francesca – 23h36

“Que graça teria entregar de primeira... Estou esperando há duas horas, encontre-me, Sr. Petrucci... Ansiosa e aguardando, ainda sem calcinha.”

Mitchell – 23h40

“A minha noite não foi tranquila, fechei um negócio maravilhoso, não fui tão feliz no pôquer. Incapaz de me concentrar com as cartas. Só conseguia pensar onde e como você estaria. Não quero brincar de gato e rato! Onde você está?”

Francesca – 23h43

“Ganhando dinheiro, o prejuízo não será tão alto.”

O telefone tocou, ela atendeu bem-humorada:

- Que vergonha, quanto você perdeu?
- Onde está você? – A voz ameaçadora de Mitchell fez um frio subir em toda a sua espinha e parar no estômago.
- Credo, todo esse mal humor porque perdeu nas cartas?
- Isto não tem nada a ver com o pôquer. Tem a ver com você neste vestido, sem calcinha e sem que eu esteja ao seu...
- Estou no 21 – ela o interrompeu – e ninguém sabe que estou sem calcinha – bufou.
- Eu sei, e isso já é o suficiente – uma curta exalação. – Onde no 21? Estou aqui e não... – Deteve-se e disse em seguida com a voz cáustica: – Que estúpido, é claro... Era só procurar o bando de

todos os abutres masculinos de Mônaco babando em cima de uma mulher. – Ele a viu erguer o pescoço e procurá-lo ao redor. Deu uma longa e audível respiração.

– Francesca, você quer continuar jogando, não é?

– O quê? Não... quero te encontrar, estava – pausa –, estava brincando, Mitchell, pelo amor de Deus. – Ela recolheu as fichas, sinalizou um comprimento aos outros apostadores com a cabeça e se virou. Começou a buscá-lo. Os olhos percorreram com destreza as figuras masculinas igualmente trajadas de branco e preto e ouviu-o:

– Eu vou fazer amor com você em cinco minutos – a voz rouca de Mitchell enviou uma onda de choques por todo o seu corpo.

– O quê?

– É isso o que você ouviu. Quatro minutos e cinquenta e cinco segundos – ele ditou como se fosse uma ordem. – Ela olhava frenética a procura dele.

– Que primitivo você parece falando deste jeito – Francie disse entre ansiosa e excitada.

– Ahh, meu amor, você não faz ideia do quanto me sinto primitivo e tentado a rasgar a sua roupa aqui no meio deste salão e possuir você em cima da mesa de carteados.

Ela abria caminho entre braços e pernas enquanto alguns dos homens que a assistiram jogar entusiasmados durante a noite tentaram puxar assunto. Francie desviou ignorando-os. Continuou buscando Mitchell entre as mesas, roletas, *croupiers* e garçons. Sentiu um par de braços rodearem sua cintura. Uma respiração quente na pele do pescoço. Uma ordem colocada em sua orelha vibrou todas as terminações nervosas:

– Quatro minutos e oito segundos.

Ele quase a carregou para fora da área de jogos. Ela mal sentia as indolentes pernas e os passos eram dados em um ritmo compulsivo sem respeitar a sua ausência de sustentação. A expectativa diante da ameaça contada no cronômetro de Mitchell esmoreceu a sua coordenação motora e reduziu o seu crânio e cérebro a um pote e uma geleia consecutivamente.

Pararam diante de uma ampla porta, algumas pessoas mais alteradas pela bebida a cruzaram e seguiram para o cassino gargalhando. Pareceram nem notar o quanto Mitchell desestabilizava o equilíbrio planetário com todo aquele excesso de testosterona. Ele murmurou no seu ouvido e empurrou-a para fora.

– Três minutos.

Beijaram-se. Ela conseguiu reunir o pouco que restava de atitude e continuou andando enquanto a língua dele percorria o seu pescoço. Alcançaram um corredor, tinha uma indicação do teatro.

“Com sorte, ele estaria vazio.”

*Bip.* Fazia o relógio dele a cada passo que davam entre respirações e beijos e ele a segurando contra o corpo e a mordendo e a sugando e impulsionando-a a não parar de andar.

*Bip.* Uma trilha de beijos no colo, passos trôpegos, ôfegos.

*Bip.* Uma mordiscada na orelha, passos, salas ocupadas.

*Bip.* As mãos dele puxando-a contra a rigidez de seu corpo. Ainda mais.

*Bip.* Ele encostou-a em um canto. Subiu uma de suas pernas para circundar o quadril.

*Bip.* Ela gemeu com a loucura que ele injetava em suas veias. Ele começou a abaixar a sua calcinha. Não, ela não estava de usando. Ele começou a... A.... Ela só sentia as mãos onde a calcinha estaria.

*Bip.* Algumas pessoas passaram junto e ele estava possuído, não olhou, não parou de exigir com o corpo, com a boca e que merda! Ele transaria com ela no meio do corredor movimentado do cassino? *Bip.* Ela conseguiu empurrá-lo.

*Bip.* Correu os olhos nervosa e quase correu em direção ao que tudo indicava era a entrada do teatro.

*Bip.* Abriu as portas e passou com Mitchell grudado atrás de si.

– Quarenta – ofegou– e cinco segundos. – Ele sugou a sua orelha, uma das mão subiu para o pescoço e pressionou a nuca até a boca dela se encontrar com a dele. A outra mão subiu a saia do vestido. Com o corpo, Mitchell a empurrou contra a parede e a beijou com tamanha intensidade para a boca dele se misturar para sempre com a dela.

Francie virou uma argila nas mãos dele. O teatro estava vazio. Grande, luxuoso e somente com as luzes do palco e as luzes de emergência acesas. Talvez algum ensaio tivesse acabado, com sorte, ninguém entraria.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos ofegante, trêmulo, vidrado.

– Francesca, olhe para mim. – Ela o fez. – Me Perdoa – ele disse com a voz rouca: – Você merece muito mais do que um amante voraz, possuído de ciúmes. Beijou-a com toda a possessividade admitida, continuou: – Mas preciso de você, tanto... agora.



– Shhhhh, cala a boca. – Ela colou os lábios nos dele. – Eu também preciso.

As apostas corriam nas mesas. As roletas giravam a sorte. As fichas tilintavam sobre o feltro verde opaco. Risadas ecoavam pelo ar enfumaçado do grande salão de jogos. Ao lado de tudo, separados por apenas alguns corredores, eles trocavam o ar de boca e preenchiam o teatro do luxuoso cassino com sons muito diferentes do barulhinho da jogatina habitual.

## Capítulo 58

Paris, ruas de lamparinas. Escassa luz na cidade que é ela própria. Prédios cinza apagados. Pedras polidas vibrantes e flores debruçadas nas varandas de séculos. Música de orquestra em igrejas e nos buracos de rua abaixo enchem os olhos e cobrem a alma. Paris tem uma torre que leva ao céu. Ali voaram poetas, artistas e ainda voam todos que se deixam embeber do vinho no Sena, dos beijos nos jardins e por todos os lados beijados da arte gótica ao Iluminismo. Alguém vende uma baguete em francês e come um queijo com cheiro impróprio. Alguém disputa mesa em um bistrô, sempre tão bêbado de charme. Tudo é pequeno e colossal, praças, arcos, monumentos e triunfo. Paris é o triunfo da arquitetura, dos carvões gastos de rostos em Montmartre ao sol que descansa em quadros preguiçosos de tinta. Tudo é tinta e risadas longas de becos. Tudo é tinto e bebe luz em Paris.

Paris era algo além disso. Algo que não se coloca.

A cidade dizia que somente a arte seria capaz de tocá-la e, mesmo assim, seria falha.

Ela soube.

Foi entre a fina chuva que penumbrava as lamparinas antigas e placas de metro, entre escadas e museus, bicicletas e beijos roubados no Quartier Latin, entre as conversas baixas e o ar de cigarros, chocolates e beijos quentes nas mesas dos bistrôs e entre as pontes curvadas de revoluções e beijos de fazer curva no corpo que ela perdeu seu coração novamente para Mitchell.

Não. Não era certo afirmar que seu coração foi perdido como da primeira vez. Não, ela entregou a ele de bom grado, uma porção maior a cada manhã despertada no espaçoso e muito charmoso apartamento dele, nas margens do Sena.

Mitchell levantava ainda no escuro. Saía para se exercitar. Voltava com as compras do café da manhã. Arrumava-se e deixava um beijo antes de se meter nas reuniões de trabalho.

Ela tinha um sono pesado. As noites exigentes agravavam isso. Então, sentia vagamente a movimentação de Mitchell se arrumando, beijando-a antes de sair. Por mais que tentasse, e tentava, era incapaz de participar das manhãs dele. Tinha certeza de que ele devia ter algum hormônio de outra espécie no corpo. Ele dormia apenas 3 a 4 horas por noite e se exercitava com ela e fora dela, trabalhava como um louco e ainda tinha fôlego para criatividade. Mitchell colocava no travesseiro ao seu lado um ramo de flores novas por dia e um bilhete desse fôlego criativo. Abriu os olhos e virou o rosto em busca. Achou o ramo de tulipas vermelhas e um cartão. Leu sem que o sorriso desgrudasse do rosto.

“Francesca,

Bom dia, obrigado por mais...

Tenho algumas reuniões hoje pela manhã, a sua tarde quero para mim.

Saudades já.

Ps. Hoje jantaremos com a minha irmã.

Ligo na hora do almoço.

Seu Mitchell”

Em baixo da mensagem, um poema de Neruda dedicado por Mitchell a ela. Os bilhetes, as flores e os poemas desafiavam Francesca a perder o ar todas as manhãs.

Ela espreguiçou e olhou no relógio ao lado da cama – 09h18.

Bocejou pegou o celular e digitou:

Francesca – 09h22

“Bom dia, queria ter tomado o café da manhã com você hj.

Não conseguiu me acordar? Risos

Obrigada pelas tulipas e pelos versos do Neruda.

Vou ficar mal-acostumada e querer acordar assim todos os dias.

Sua Francie”

Levantou tomou um banho rápido e colocou um vestido de lã verde-escuro, meia-calça preta e bota tipo coturno. Tomava café

preguiçosamente jogada em uma poltrona ensolarada. O seu celular tocou a entrada de uma mensagem.

Mitchell – 10h39

“Não quis perturbar o seu sono...

Não deixo de me surpreender como você fica linda dormindo.

Como me fez feliz saber que você é a minha Francie.

Percebeu que é a primeira vez que vc assina assim?

Vou me acostumar a isso.”

No meio da tarde eles se encontraram na frente dos jardins de Luxemburgo. Francesca tinha comprado pão, queijos e vinho. Abriu uma toalha florida de mesa e deitaram-se sobre ela. Cobriram-se com mantas de lã – apesar do sol, estava frio. Era a último dia deles em Paris. Quase sem perceber, ela se pegou angustiada sobre o que o futuro os reservava.

Como seria quando a rotina estivesse funcionando?

Eles conseguiriam ficar juntos?

Haveria espaço para ela no mundo de real de Mitchell?

Além disso, ela conseguiria se encaixar nele?

O que sabia era simples no ponto de vista da emoção bem resolvida: queria estar com ele; queria pertencer ao mundo dele.

Mas a razão e a emoção, quase nunca entravam em acordo sem se engalfinhar como duas bichas bêbadas.

Silêncio, vagaroso, contemplativo, envolvente.

– Está tudo bem? – Mitchell desfiava uma mecha dos seus cabelos entre os dedos.

“Tenho duas loucas desajustadas me torturando a cabeça.”

– Acho que estou pensando em tudo o que terei que fazer quando voltar – não era de toda uma mentira. Afinal pensava em tudo sobre sua volta.

– Foram muitos meses fora, não é?

– Sim.

Ela deu uma longa respiração. Resolveu perguntar para acalmar as bêbadas e ficar em paz.

– Você pensa em como será entre nós quando voltarmos? – Francie sentiu-o enrijecer os braços. A sua voz pareceu distante quando ele falou:

– Por quê? Você tem alguma dúvida?

– Mitchell, não tenho dúvida de que quero estar com você, mas é que a vida às vezes dificulta.

– Achei que tinha deixado claro que estar com você passou a ser a minha prioridade – o peito dele encheu de ar –, ou não deixei?

– Acho que sim, é que eu...

– E isso não é o suficiente para que dê certo? – ele interrompeu-a.

Francie percebeu que a pergunta o deixou, talvez, irritado. Tentou reverter o clima com uma brincadeira.

– Eu só vou aceitar estar ao seu lado se tiver Pablo Neruda todos os dias de manhã.

Ele demorou um pouco para perceber o tom descontraído. Quando fez a estreitou nos braços.

– Você terá os versos de Pablo gravados em ouro na sua cabeceira, para que não duvide mais da minha vontade de fazer isso funcionar.

– Eu não duvido. – Ela se ergueu do peito dele, onde estava deitada, e se apoiou sobre os cotovelos a fim de encará-lo. – Não duvido... Juro – repetiu. – É que você me assusta muito.

O cenho dele franziu outra vez e Francie disse com esforço para parecer séria:

– E por isso tenho uma pergunta vital antes de resolvermos nosso futuro juntos. – As sobrancelhas dele quase grudaram. Ela ignorou com ironia e perguntou muito séria.

– Como um economista de renome internacional, gosta tanto de versos e de Neruda? – Francie reprimiu o sorriso e franziu o cenho imitando a expressão sisuda de Mitchell.

Ao perceber que ela se divertia, ele relaxou o rosto. – Por incrível que isso possa parecer, senhorita Wiggs, participei do clube de literatura no colégio interno e Pablo Neruda foi o poeta que escolhi estudar.

– Clube de literatura? Tenho que admitir que estou muito surpresa.

– Eu tenho muita facilidade em decorar as coisas, números e palavras.

– E o uso da poesia sempre foi como objeto de mero estudo acadêmico?

– O meu interesse aumentou um pouco quando percebi que as garotas, é... Gostavam.

A boca dela fez um enorme "oh".

– Seu... seu... – Socou ele no peito. – Cachorro.

Ele gargalhou.

– Não uso isso desde os meus dezessete anos. – Deu uma risada sem vergonha.

O tipo de sem-vergonha que sabe muito bem o poder que aquilo exercia sobre o sexo oposto.

– E imagino que devo acreditar?

– Nunca disse esses versos de verdade para mulher alguma. Quando fazia, era um garoto que precisava disso para ganhar uns beijos na boca. Nunca disse isso para amante nenhuma, simplesmente porque não sou leviano. – Francie umedeceu os lábios. Ele continuou com olhar preso na boca dela:

– Não sou homem de dizer aquilo que não sente, de prometer aquilo que não quer cumprir só para impressionar.

A respiração dela ficou pesada pela intensidade que partia dele, antes mesmo que a beijasse. Então, ele a beijou.

Neruda que a desculpasse, mas o que Mitchell fazia com a língua era muito melhor do que o que o poeta fazia com as palavras.

– Será que corremos o risco de sermos presos se fizermos amor aqui no parque? – ele murmurou em sua orelha após desafiar Neruda dentro da sua boca.

Ela se afastou um pouco.



– Acho que se formos presos, as bolsas de valores do mundo sentirão muito.

– Não mais do que sinto agora.

Eles trocaram mais alguns beijos de duelo poético, enquanto o fim de tarde em Paris tornava-se rubro diante do entusiasmo demonstrado. Não era um rubor de vergonha comum. Era sim, uma ruborização de total cumplicidade afogueada, como se fosse possível com as vívidas cores alaranjadas e quentes matrizes vermelhas o céu participar.

Eles iam tão focados um no outro, tão envoltos entre os seus beijos e o céu que não viram um par de aguçadas lentes objetivas fotografando-os sem embaraço algum.

## Capítulo 59

Danielle, a impagável irmã de Mitchell, falava de joias e roupas caras, como se isso fosse a única razão de equilíbrio do ecossistema. As conversas passeavam entre risadas e temas *blasé*, até serem encobertas por pesadas nuvens de conturbadas emoções do passado.

– Mitchell – disse a irmã –, ela é um doce de menina e como é linda. – Danielle continuou empolgada: – Como estou feliz, nem acredito. Eu tinha certeza de que não veria isso em vida.

– Danny...

– Falo sério, Mitchell, você está apaixonado, não está? É claro que está – apressou-se a sorridente jovem. – Dá para ver pela maneira como você a olha.

– Não se exceda, Dani – ele chamou a atenção dela outra vez.

– Francesa, me conte tudo, como ele achou você?

– Acho que fui quem o encontrou – ela lançou um olhar para Mitchell que não largava a sua mão, não parava de tocá-la carinhosamente no ombro, no rosto, no braço.

– Eu invadi a cozinha dela em Taormina e me convidei para almoçar.

– Ele pode ser muito persistente quando quer alguma coisa – Francesca deu uma garfada no bife tartar.

– Eu que o diga, quando era criança e ele queria que fizesse alguma coisa, tipo buscar algo perdido ou ajudá-lo em algum brinquedo de montagem, ou o que quer ele cismasse precisar, se eu recusava ele me atormentava tanto, que no final sempre cedia para recuperar a minha paz. – Mitchell ergueu as sobrancelhas, a irmã sorriu. – Mas era um menino muito carinhoso e sensível. – Ele ergueu ainda mais as sobrancelhas. – Ele foi um irmão muito protetor... Quando estávamos no colégio interno, ele entrou em uma briga com cinco moleques só porque um deles jogou a minha boneca preferida no lago.

– E o que houve? – Francesca perguntou.

– Ele apanhou, obviamente, mas não sem bater em alguns deles. Depois, entrou no lago e recuperou a minha boneca. Estava um frio de 0 graus. Ele sempre foi o meu protetor – a voz de Danielle falhou. – Eu só tinha ele no mundo. – As lágrimas refletiam os pratos nos olhos dela.

Mitchell engoliu em seco e se mexeu na cadeira desconfortável:

– Vamos pedir as sobremesas?

– Mitchell, acho que nunca te disse isso, mas... – a irmã respirou fundo – Você me perdoa por não ter ficado ao seu lado naquela noite?

– Esqueça isso, Dany – mexeu-se outra vez como se estivesse sentado em uma chapa. – Éramos apenas crianças – fez um gesto

displicente com a mão para chamar um garçom. – Eu vou querer um suflê de chocolate e vocês?

A irmã caçula deu um longo gole na água à sua frente e perdeu o olhar.

– Eu estou satisfeita.

– Eu experimento a sua sobremesa, Mitchell, tudo bem?

– Francesca lançou um olhar curioso e complacente aos irmãos.

Danielle refez a sua postura alienada de início.

– Conta, Francesca, você está há dois meses na Europa?

– Sim, foi quase um retiro ou umas férias prolongadas. Mas não fiquei totalmente parada. Aproveitei o sossego da Sicília e comecei a trabalhar na ideia do meu próximo livro.

– Vocês voltam agora para Nova York?

– Amanhã à tarde – Mitchell sucinto, pareceu relaxar.

A sobremesa chegou.

– Mitchell, mamãe te contou sobre meus planos?

– Não, o quê? – Ele levou a colher até a boca.

– Eu quero fazer uma inseminação artificial?

Foi ouvido do outro lado do restaurante, o barulho do talher que caía como uma explosão no prato do homem acompanhado de duas belas mulheres.

– Você está brincando, Danielle? – Ele cresceu a postura horrorizado.

– Não – deu de ombros –, já tenho 34 anos e tique-taque, relógio biológico está me dando o ultimato.

– Você nunca quis um filho antes, que história de terror é essa?  
– Ele respirava com força e uma veia pulou no pescoço.

– Mudei de ideia – ela disse, deu um longo gole no champanhe.  
– Minhas amigas quase todas já são mães e me sinto muito só ultimamente.

– Você não fará uma insanidade dessas... A criança não tem culpa de suas carências e de seus problemas afetivos.

Francesca, que acompanhava tudo em um tenso silêncio, não aguentou.

– O que é tão horrível com uma mulher querer ter um filho?

Danielle sorriu com ar de cumplicidade, como quem diz “gostei de você”.

– Danielle mal consegue cuidar dos próprios gatos e cachorros sem entrar em depressão, quem dirá uma criança inocente. – Ele ignorava a presença da irmã. Olhava fixo para Francesca.

– A maternidade é um milagre, não um fardo.

– Explique isso para a criança que será atormentada. – Ele engoliu o vinho em um único grande gole. – Crianças não resolvem os problemas dos pais, no lugar disso, elas absorvem os erros deles e criam as próprias neuroses. Somatizam os tormentos.

– Doar-se à criação de uma criança é um grande ato de coragem. – Francesca olhou para Danielle. – Acho que você deve seguir o seu coração.

– Nosso exemplo maternal é um desastre completo, ela não tem nem em que se espelhar.

– Os erros da mamãe não justificam as nossas covardias, Mitchell, consegui perdôá-la, e você? Tem ideia do quanto ela sofre por sua rejeição? – A irmã agarrou a borda da mesa com as mãos, os nós dos dedos saltaram brancos. – Quem é você para me falar sobre o meu direito à maternidade?

Metade do restaurante assistia a cena em silêncio. Francesca deu uma exalação ansiosa, nervosa. As veia da testa de Mitchell pulsavam tensão.

– É muito fácil para você defender a sua ideologia de família, cachorros e filhos quando está sentada em cima de milhões de dólares. Muitos deles ganhos com o meu esforço e trabalho. – Ele limpou a boca e jogou o guardanapo brusco sobre a mesa. – Você fala em ter um filho sem ter ideia da responsabilidade de se criar uma criança. Sem nem pensar em proporcionar um ambiente saudável para ela. E por que deveria, a fim de ela seja alguém quando crescer menos frustrada, carente e vazia do que a maioria das pessoas. A fim de que ela não se torne um reflexo da sua incapacidade de estar satisfeita com a vida. – Mitchell olhou para o rosto lívido de Francesca, olhou para as lágrimas derramadas da irmã. Sentiu-se mal, muito mal. Levou as mãos até a face esfregou os olhos. – Danielle, eu apenas me preocupo que isso seja mais um capricho – respirou fundo –, uma criança não é um brinquedo, entende?

– Você mal me conhece, Mitchell, se isolou de todos na sua vida. Se era perdão que você queria ouvir, está aí: me perdoe, peço novamente. Perdão por não ter sido capaz de segui-lo. Perdão por não ter correspondido à suas expectativas. Perdão por não ser boa o bastante ou perfeita o bastante.

– Está tudo certo. – Ele tragou o ar com dificuldade, segurou a mão de Francesca. Olhou-a com intensidade como se pedisse em silêncio: Esqueça tudo... Esqueça... No lugar disso, pediu a conta.

Francesca se despediu da irmã caçula de Mitchell. Danielle veio ao seu ouvido e sussurrou com um riso meio triste:

– Eu moro em Paris há oito anos, ele nunca me ligou ou me apresentou a alguém antes. Você deve ser especial, fico feliz por ele.

No caminho de volta, Francie sentia tanta angústia e curiosidade que poderia vendê-las e liquidá-las e ainda sobraria um pouco no estoque das perguntas furiosas. Queria fazer centenas delas sobre a infância dele, sobre a tal noite que Danielle pediu perdão por ter existido, sobre aversão dele em ter filhos e sobre tantas coisas a mais que se sentia quase oprimida. Entretanto, ela se conteve e tratou de acalmar a curiosidade no estoque. Entendeu que ele possivelmente não queria trazer mais o assunto à tona. E ela não queria trazer à tona assuntos que talvez levantassem dor ou incômodo. Não durante a última noite deles em Paris.

– Estou com saudades de casa – ela disse, esse era um assunto longe do passado.

– Do que você mais gosta em Nova York? – Mitchell ia concentrado no trânsito.

– De tudo. Eu namoro a cidade até hoje. Sou fascinada pela agenda cultural e alucinada pela diversidade do mundo ali. Estou com uma saudade louca dos meus amigos, na verdade são dois, mas são os melhores que alguém pode ter na vida.

– Vou ficar feliz em conhecê-los – ele afirmou e Francesca achou uma graça confortável naquilo.

– Eles são completamente diferentes um do outro. Mas são mais do que irmãos para mim... e você? Já está com saudades?

– Sinto saudades da minha rotina, da minha cama – *do meu estúdio*, ele pensou sem dizer. Uma forte exalação. – Não tenho amigos de anos. Tive bons amigos durante a escola e depois na faculdade – deu de ombros, displicente. – Não tenho mais contato com eles. Acho que amizade dura o tempo que é interessante, depois – parou como se desistisse de falar.

– Como assim? – ela disse em dúvida se devia fazê-lo, mas fez...

– Creio que a minha posição afasta as pessoas. Mas nunca liguei para isso. Como já disse, acho que as pessoas se aproximam por interesses uma das outras. Sou muito prático, não perco tempo complicando as coisas. Para mim, todo o relacionamento é baseado em uma troca, quando esta troca não é mais interessante, busco outra que seja. Sempre fui muito transparente com os outros. – Virou o olhar para ela. – Não crio expectativas onde não devem existir. Não quero que ninguém com quem me relaciono as crie também. Ninguém é obrigado a preencher lacunas na vida de ninguém. Ninguém é obrigado a estar com alguém que não o satisfaça mais. Simples relação de troca versus satisfação.

Francesca engoliu em seco quase tonta. Suspirou, perdeu o ar, contou até três, voltou a enxergar, conseguiu respirar e foi sincera:

– Ninguém é obrigado a preencher lacunas na vida de ninguém. E sim, as pessoas optam em se relacionarem, muitas vezes para suprirem carências. Mas quando há amor, essas lacunas, preenchidas com cumplicidade, fazem parte do crescimento individual e da necessidade instintiva de se relacionar. Não – ela sacudiu a cabeça e prosseguiu –, não considero o relacionamento



como um negócio, ou como um investimento de simples resolução estatística. Estamos falando de emoções e de vidas, não de ações, títulos e lucros. – Olhou para ele com o cenho franzido e desviou a atenção em seguida para as ruas amareladas, culpa da escassa iluminação parisiense.

Silêncio.

Mitchell ponderou a resposta. Sabia muito bem que aquele discurso sobre relacionamentos foi uma maneira de tentar organizar a sua cabeça bagunçada após o jantar com a irmã. Esse era o discurso que ele usava com todas as mulheres com quem já esteve para evitar complicações. Era isso que ele sempre acreditou ser o melhor caminho.

“Mas não com Francie.”

A verdade é que o que aconteceu com a sua irmã durante o jantar o confundiu. Ele nunca conheceu alguém que a fizesse abrir a boca para falar algo diferente de visões brilhantes e festas em iates. E mesmo enquanto Danielle dissecava futilidades, Francesca não a julgava como uma criatura mimada e vazia. Logo, Danielle se rendeu ao magnetismo dela e a conversa debandou para o passado.

Complicado, dolorido, indigesto, obliterado.

Até que... Danielle pediu perdão. Céus! Pediu perdão após mais de vinte anos, pela noite que mudou a sua vida.

Inacreditável.

Ele teve que morder a boca para não deixar as lágrimas levarem o seu orgulho. Esse era o efeito de Francesca. Ela envolvia a todos de forma tão espontânea, que era impossível escapar. Precisava dizer algo a ela, explicar-se...

Mas antes que ele pudesse, o furacão Francie desabou dentro da noite:

– Pare o carro – ela disse seca.

– O quê?

– É isso que você ouviu. Eu vou descer, pegar um táxi e dormir em um hotel. – A voz dela estava abafada e imprecisa. Soava muito diferente da segurança de suas palavras: – Você não vai me enlouquecer. – Fez uma negação com a cabeça. – É o homem mais incoerente que deve passear por aí. Em um momento são poemas, declarações e flores. No momento seguinte, jura que os relacionamentos são vazias intenções de interesses individuais, com prazo de validade. Arrrgh – bufou irritada –, como os juros em uma conta bancária.

– Eu... não...

Francesca o cortou com lágrimas nos olhos.

– É um erro, Mitchell, não vou conseguir mudá-lo e você não vai ser capaz de me convencer a esperar menos do que acredito merecer.

– Eu acredito que juntos podemos ver o que acontece conosco.

– E aí está o ponto onde erguermos uma barreira intransponível: você continuará agindo como se as relações fossem acordos comerciais fadadas à aniquilação. Eu continuarei tentando te mostrar que é algo muito além disso. Enquanto o seu esforço estará centrado na tentativa de me mostrar que estou enganada, sofrerei. – Um suspiro: – É inevitável que você vença, pois o meu foco é uma dupla, enquanto o seu é uma maratona individual.

Ele encolheu no banco, como se pudesse entrar nele, se sentiu atingido e diminuído com a aparente facilidade dela em desistir de tudo.

– Então é fácil para você descer do carro e acabar com tudo? Esquecer o que vivemos juntos nos últimos doze dias?

– Você me confunde demais. – Ela esfregou a testa e sacudiu a cabeça. – Eu não sei o que esperar... Não sei... eu.

– Acho mesmo que não sou bom o bastante... Talvez o que estivemos fazendo nesses últimos dias tenha sido um erro. Você é incapaz de ficar comigo... Eu sou um caso perdido não é? – Ele vestiu uma máscara saída do figurino de uma ópera macabra (Francie jurou que viu ele se transfigurar). Disse com o olhar baço: – Descer do carro e fugir acaba sendo a rota mais confortável... Parabéns, Francesca, você fodeu tudo!

A cada palavra, ele sentia que mergulhava em um buraco negro. Afundava em uma angústia sufocante. Era por isso que ele nunca quis este tipo de complicação na sua vida. Era para evitar esse desgaste emocional, a lastimável perda de tempo e de vida em discussões que não levam ninguém a lugar algum. Ouviu a voz sentida de Francesca:

– Você disse que estraguei tudo? Seja feita a sua vontade, agora pare a merda do carro.

Ele olhou-a coberta pela luz da rua. Ela estava ofegante, ligeiramente desgrenhada. As maçãs do rosto ruborizadas. A boca entreaberta. Arrebatada, muito próxima à expressão dela quando gritava de êxtase em seus braços. Quis beijá-la, como um louco, de forma indevida e boçal, até que ela perdesse a razão, até que perdesse a capacidade de articular uma frase. Quis, como nunca,

amá-la, até ela deixar de ser, até ela não ser capaz de ir embora; nunca mais. Queria dizer que ele era um idiota e que realmente ela era boa demais para ele.

Silêncio.

Não o fez. Orgulho? Demência? Estupidez? Não soube. Estava sufocado demais, pensando em como livraria as suas células dos olhos verdes. Como desintoxicaria o sangue da voz dela. Como voltaria a respirar sem precisar do ar da boca de Francesca.

– Você não vai para hotel nenhum – foi o que conseguiu dizer.  
– Você não é uma qualquer, pode dormir no quarto e me viro no quarto de hóspedes. Amanhã, toma o caminho que bem entender. Não vou mais te causar problemas.

Sentenciou-se à forca. Ele mesmo o fez, como um imbecil. Subiu no tablado, colocou o capuz, ajustou a corda no pescoço e deploravelmente deu o passo para sufocar-se. Enquanto sentia o ar esvair e a luta do corpo para oxigenar, ouviu um soluço ao seu lado, quase um ronrono baixinho. Permitiu asfixiar-se na própria estupidez. Sentiu-se um cretino miserável.

## Capítulo 60

Era tarde, muito tarde. O resto da viagem no carro foi feita em um horrível silêncio; pesado e duro; incômodo e tenso. Francesa tentou se controlar e não chorar na frente dele. Mas, não conseguiu. Teve quase certeza de que ele bufou vitimado pela impaciência, quando provavelmente percebeu que ela chorava.

Mitchell não deu uma palavra. Nada, nem um gesto que demonstrasse um pouco de carinho ou vontade de compreender.

No lugar, assumiu uma distância segura, como se o excesso de sentimentalismo dela fosse uma praga contagiosa.

Ela entrou no quarto. Fechou a mala. Pensou em ir embora, mas já passavam da uma da manhã e não seria fácil conseguir um táxi. Não seria fácil nem mesmo conseguir um hotel. Não era fácil pensar. Estava esgotada. Tirou a saia, a meia-calça, o casaco e ficou só com a regata. Chorou deitada em cima das cobertas. As mãos estavam frias, o aquecedor mantinha o quarto quente. Ela só queria ir embora dali o mais rápido possível. Queria que o dia clareasse logo. Queria morrer. Queria bater nela mesma e morrer. Queria um taco para quebrar todo o apartamento dele, depois ir embora.

Ouviu os passos de Mitchell pelo apartamento: vidro contra o balcão, gelo estalando contra o vidro, um líquido sendo vertido. Ele estava bebendo? Ele que se afogasse no vômito que ela nem se daria o trabalho de chamar o serviço funerário. Passos, agora ele andava com peso de um lado para o outro. Passos, passos, passos.

O quê? Ele queria rasgar o chão? Com o peso das passadas logo conseguiria. Um grande desperdício, era um piso de carvalho francês lindo. Um piso em que eles se amaram antes de sair para o jantar, quando chegaram da praça. A boca quente dele inundando a sua, asfixiando os seus lábios, a forma como Mitchell agarrava um beijo fundo quase sempre que ela gritava de êxtase, como se quisesse devorar o seu grito, acabou.

Sentiu vontade de ir até ele. Sentiu vontade de se atirar nele, no chão em qualquer lugar. Não podia. Ainda tinha orgulho. E mesmo se não tivesse, para quê? Uma noite a mais, alguns dias a mais, quem sabe? E ainda mais dor. As palavras de Mitchell vibraram no quarto quente, na cama fria, na boca cheia de ar.

“Todo relacionamento é baseado numa troca, quando esta troca não é mais satisfatória, busca-se outra que seja.”

Que verdade mais glacial a dele. Ao certo, eram verdades como essa que não deixavam a Terra derreter com o aquecimento. Deus amado, onde ela foi parar? Chorou um pouco mais e dormiu.

Francesca tinha um sono pesado, mas estava muito atormentada para entrar em profunda dormência. Acordou com uma luz leve, antes de abrir os olhos, suspirou. Graças a Deus era de manhã, iria embora. Então, um barulho estranho e insistente chamou a sua atenção.

*Rec, rec, rec.* O quê?

*Rec, rec, rec.* Persistia.

Abriu os olhos devagar. Ainda era noite, a luz que inundava parte do escuro era proveniente do abajur na mesa lateral. Ao lado do abajur, a poltrona de leitura e Mitchell sentado nela. Não viu que ela abriu os olhos. Estava muito concentrado em uma prancheta e um lápis? Ela olhou-o mais desperta. Mitchell vestia só a calça preta que ele sempre dormia, uma das pernas dobradas servindo de apoio a suposta prancheta. Óculos de grau colocados, olhos vermelhos concentrados num ponto – no seu corpo? Depois retornava a sua atenção ao papel e *rec, rec, rec.*

Ele estava desenhando?

– Mitchell? – a voz saiu rouca de sono. Viu-o erguer o olhar por trás da moderna armação. – O que você está fazendo?

Ele aclarou a garganta e disse com a voz baixa:

– Estou te desenhando enquanto dorme. Caso você vá embora, eu terei guardada esta imagem... de alguma maneira.

Silêncio.

As lágrimas doeram nos olhos. E Mitchell recostou-se na poltrona.

– Foi uma noite difícil, que me trouxe a lembrança de outra noite.

Ela suspirou, sentou na cama e ficou em silêncio. Ele estava com o olhar no desenho.

– Eu tinha dezessete anos, acabava a escola. – Mitchell riu com amargura, a voz saiu pesada da mesma maneira: – Era um jovem, cheio de sonhos. Não, tinha apenas um sonho. Eu pintava – engoliu a seco –, estudava poesia e queria ser artista, esse era o meu

sonho. Um sonho que eu alimentei durante muitos anos, desde que era criança. O branco de uma tela ou de um papel me abria os olhos. Os traços me faziam enxergar. Na pintura, no desenho, sentia que era, que era mais... entende?

Ela apenas assentiu lutando contra a enorme vontade de se jogar sobre ele e chorar desesperada oferecendo conforto. Segurou a vontade quando ouviu-o continuar:

– Eu ia cursar Arte na Sorbonne. Estava tudo certo, minha matrícula já estava feita e eu fazia planos com Danielle. Quando ela acabasse a escola em dois anos, iria morar comigo. Dani queria fazer Cinema. E eu cuidaria dela como a minha princesinha. A minha irmã era a minha única família. Nós queríamos estudar e morar aqui, nesta cidade, juntos – ele soltou uma exalação incerta e se mexeu na poltrona, olhou-a fundo. – Eu voltaria para passar as férias em casa e iria da escola direto para cá. Já estava tudo arranjado, minha mãe tinha cuidado dos detalhes. Eu sentia que finalmente me encontraria que... que seria livre. Eu estava tão malditamente feliz... – Fez uma pausa – Então, na noite em que chegamos do colégio durante o jantar, meu pai deu a notícia de que quebrou metade de tudo que eu acreditava ser, a outra metade foi quebrada no fim dessa mesma noite.

– Parabéns, Mitchell, você foi aceito em Harvard – meu pai disse com a voz cheia de um orgulho cínico. – Assim como eu e seu avô, você será um brilhante economista. Eu encarei minha mãe que levava a usual expressão de mártir. Olhei para minha irmã que encarava meu pai, com os olhos enormes inconformados.

– Eu vou para Sorbonne, já está tudo certo.

O meu pai deu uma gargalhada irônica.



– Você vai para Harvard, e isso não é uma discussão, é um fato.

– Já estou matriculado, fui aceito no curso – busquei por apoio.  
– Não é verdade, mãe?

– Mitchell, escute o seu pai, ele sabe o que é melhor para você  
– a minha mãe disse derrotada.

– Não – eu gritei. – Ele nem sabe quem sou, ele não sabe nada da minha vida, nenhum dos dois sabem. Apontei para eles toda a culpa.

– Esta discussão está encerrada, rapazinho, e baixe o tom de sua voz, tenha mais respeito.

– Respeito? – Eu estava revoltado. – Vocês me prometeram, me juraram que se eu terminasse aquele maldita escola, que eu poderia escolher o meu futuro. – Olhei para minha mãe, – Mãe, você jurou para mim, disse que eu iria realizar o meu sonho. – Eu sentia o meu corpo tremer de raiva e desilusão. raiva. – Eu vou de qualquer jeito. – Saí batendo a porta da sala de jantar. Ouvi meu pai berrar atrás da porta isolada:

– Volte aqui, Mitchell, nós ainda não acabamos. – Em uma tentativa desesperada, peguei os meus últimos desenhos, os que me fizeram ser aceito em Sorbonne e voltei para a sala de jantar.

Mitchell tornou a olhar para a prancheta em suas mãos e continuou com os olhos vagos:

Joguei tudo em cima da mesa, reuni toda a minha indignação.

– Olhe para eles, você nunca viu nada do que fiz. Eu tenho talento, sou bom nisso. Todos os professores de Arte do colégio me incentivam. Foram eles que me ajudaram a montar o meu dossiê de

candidatura. Eles que enviaram os meus trabalhos para o corpo docente na França... – Mas o meu pai não desviou o olhar do meu rosto e perdi o controle.

– Olhe, seu desgraçado.

Ele agarrou a pilha de desenhos e disse com voz cáustica, fria que arrepiou até meus os ossos:

– Esta merda não é nada – foi para a lareira com os desenhos na mão. Apesar de ser final de maio, era uma noite fria... gelada. Eu avancei na direção dele com desespero.

– Não! – gritei. Ele não recuou e atirou o monte de pinturas no fogo. Minha irmã sufocou um grito com as mãos e largou o corpo na cadeira, eu fiquei imóvel, incrédulo. Senti os meus olhos picarem e a chama queimava os papéis. Avancei para cima dele e, sem pensar, acertei um murro naquele rosto endurecido. Meu pai cambaleou para trás, a cabeça abaixada. Em seguida ergueu o rosto transfigurado de raiva. Tinha um traço de sangue no canto da boca. Nunca me esqueci daquele olhar. Ali não tinha nada refletido. Clayton, o nosso mordomo que assistia tudo, atravessou a sala e me deteve.

Mitchell passou as mãos pelo cabelo.

– Se Clayton não tivesse me segurado, acho que eu teria matado o meu pai, eu era muito mais forte do que ele – tragou o ar com peso. – O senhor Jonh Petrucci, completamente obcecado, fez uso do único poder que ele tinha sobre mim.

– Você tem até amanhã para aceitar o seu ingresso em Harvard. Caso não se conforme com isso, garanto, não irá envergonhar a nossa família sendo um artista. Um *hippie* safado, um malandro boêmio – ele se aproximou com alguns passos. Eu

ainda lutava para me soltar de Clayton. O meu pai parou a centímetros do meu rosto: – Se amanhã você não estiver agradecido pela oportunidade que estou te proporcionando, esqueça esta família. – Eu sentia o seu hálito de charuto e vinho: – Esqueça o seu sobrenome. Se você não sair daqui para Harvard, amanhã, você deixará esta casa sem nada. Só com as roupas do corpo, e para mim estará morto. Entendeu, seu delinquente? – Minha mãe chorava e tentava acalmar meu pai, minha irmã chorava e tentava acalmar a minha mãe, e então o que se passou em seguida, acabou de me arrebentar.

– Me solte, Clayton... Eu não vou mais fazer nada. – O mordomo relutante obedeceu e caminhei para junto da minha irmã. Estava desiludido, decidido e revoltado. Estendi a mão em um gesto de convite e pedido de apoio.

– Vamos embora, Danielle – eu disse. Tinha certeza de que poderíamos nos virar juntos. Eu sabia que ela não me abandonaria. – Nós vamos até a França, você termina os seus estudos lá. Eu arranjurei um emprego e cuidarei de você, confie em mim.

Ela me olhou confusa e depois para a minha mãe, que perdeu toda a cor do rosto e implorou com a voz quebrada:

– Não, por favor, não façam isso.

Em seguida, Dani encarou o meu pai que ofegava e espumava.

– Não ouse me desafiar deste jeito, Danielle. Se você for com ele, esqueça que sou seu pai, vocês estarão sozinhos – ele a ameaçou, ela não era tão forte e arrancou meu coração.

– Sinto muito, Mitchell... eu não posso – Danielle disse com a voz embargada, fraca, sumida.

Eu demorei um tempo ali parado com a mão estendida, até perceber que ela escolhia o dinheiro e aquela ridícula imitação de família a mim. E a dor que senti, ao entender que eu estava realmente sozinho no mundo, foi maior do que a raiva que eu sentia do meu pai por destruir os meus sonhos.

– Eu vou sozinho – olhei para meu pai que tinha a expressão impassível.

– Eu cancelei a sua passagem, você terá que ir nadando, ou arrumar um emprego para conseguir comprar um bilhete. Ah, sim, e um lugar para morar, já que se não mudar de ideia amanhã estará fora desta casa.

– Mãe? – Eu olhei-a pedindo por justiça, ajuda, qualquer coisa.

– O seu pai está certo – minha mãe suplicou estendendo as mãos em um pedido de trégua, mas não teve coragem de olhar nos meus olhos. Ela nunca mais me olhou de verdade.

Mitchell colocou a prancheta em cima da mesa lateral.

– Aquela noite eu não dormi, a princípio tinha decidido que iria embora, iria para qualquer lugar. Só desejava me afastar de toda aquela hipocrisia. Mas, com o passar das horas a minha sede por vingança ultrapassou tudo. Hoje sei que não tive forças para seguir sem nada, sem ninguém. Sei que me agarrei ao que havia restado – a vontade de me vingar. Eu me convenci que, se saísse daquela casa, não conseguiria atingir ninguém. Não da maneira como eu acreditava, eles mereciam ser punidos. Então, resolvi ficar. – Ele fechou os olhos e disse: – Mas para isso, eu enterrei quem acreditava ser. Tranquei minhas pinturas em um baú, esqueci que isso fazia parte de quem eu era. Resolvi seguir aquela perfídia social – ele exalou com peso. – Resolvi que eu superaria o meu pai

em tudo. Tudo o que ele já tinha feito em sua vida. Resolvi que seria o melhor aluno do curso de Economia e então, entraria naquela empresa. Arrancaria dele a única coisa que importava na vida dele: o controle e o poder. Decidi também que jamais perdoaria nem a minha mãe e nem a minha irmã. Julguei e condenei-as de forma irrevogável. Eu entendi que elas eram tão vazias como os quartos daquele mausoléu.

Ele tirou os óculos e Francesca jurou que havia lágrimas em seus olhos. Ela o olhou com uma enorme vontade de oferecer conforto, Mitchell apertou o nariz.

– Eu consegui tudo o que me propus. Dez anos após ter me formado, eu isolei Jonh Petrucci do comando da empresa, depois tirei dele o direito de participar de qualquer atividade lá dentro – ele deu uma risada fria, risada de quem ganha um jogo sujo. – Eu mais que dobrei o patrimônio da família e quando ele me perguntava sobre os negócios, querendo se sentir útil, participar, eu sugeria com todo cinismo que ele fosse cuidar das carpas no lago do jardim. – Uma longa respiração. – Meu pai morreu dois anos após a sua saída da empresa, acho que de tristeza ou frustração. Eu não fui ao enterro. Estava no meio de uma reunião muito importante. – Outra respiração forte, cortada. – Mandei uma coroa de flores no meu lugar. E quanto minha mãe e minha irmã? Desde aquela noite, passei a tratá-las com uma cortês indiferença. Tornei-me o cínico que defende a teoria de que os relacionamentos são descartáveis por índice de satisfação.

Silêncio. Eles apenas se olhavam.

– Eu sinto muito. – Francesca sentia verdadeiramente.

Ele sacudiu a cabeça:

– Eu nunca contei isso para ninguém. – Ele olhou para baixo. – A vingança e o ódio têm um caimento amargo e nos fazem esquecer. – Fechou os olhos e sacudiu a cabeça. – Eu esqueci por completo tudo o que eu sonhei um dia. – Deu outra respiração longa. Olhou-a: – Foi assim, até você aparecer nos meus sonhos.

Francesca sentiu as lágrimas explodirem e voarem pelo rosto, pescoço, colo.

– Me perdoe. – Ele olhou mais fundo para ela. – Me perdoe por ter dito tudo aquilo.

Na janela, o céu mostrava as primeiras tentativas de um novo dia. Nas ruas, os carros começavam a passear a sua rotina um pouco mais a cada momento. No quarto, um silêncio contemplativo se estendeu, até que a voz de Francesca entregou ao alvorecer a serenidade de abranger a sua porção. Naquele momento ela era só dos dois.

– Eu te perdoei no momento em que abri os olhos e vi você desenhando. – Ela correu de joelhos sobre a cama e uma vez em pé, deu dois passos tímidos na direção dele. Mitchell levantou nada tímido e cortou a distância entre os seus corpos, com um impulso enlaçou a cintura e a nuca. Em continuidade exigiu, apertou, entregou, viajou os lábios nos dela. O corpo no dela. A respiração na dela. E que bem-vinda era a viagem de reconciliação.

– Eu te amo – ela disse sem pensar, sem ponderar, sem qualquer fio de arrependimento por sua confissão prematura. O seu corpo confirmava o que a alma sabia. – Eu amo você – ela amou desde sempre.

Mitchell tomou as palavras com a boca.

– Eu sou seu, tudo em mim é seu.

Naquela entrada de manhã em Paris, os versos foram um vaso que quebrou rosas no chão. Flores jogadas pela contração exposta. Eles não ouviram quebra alguma. Absorviam e entregavam o som corrompido da respiração, o tombo desnudado do êxtase de pertencer.

# Capítulo 61

– Está aí – foi com essas palavras que Paul Lambert jogou em cima da mesa de carvalho clássica, uma grossa pasta cheia de todo tipo de papéis, fotos, documentos e recortes de jornais.

Silvia Petrucci abriu a pasta preta de couro e começou a percorrer com os dedos e com os olhos, página por página, enquanto a sua impassível expressão adotava por vezes um ar sombriamente analítico.

– Meu Deus, mas essa é a jo... – ela começou.

– Sim, que leu para ele no hospital e Mitchell está com ela.

Um silêncio mediador se fez presente.

– Muito bem – a mulher soou comedida: – E o que significa tudo isto?

– Significa que essa jovem que Mitchell resolveu se envolver atuou em peças polêmicas que aludiam a libertinagem, tem passagem pela polícia, participava de movimentos anárquicos, foi uma ativista ecológica, anda com companhias questionáveis. – Silvia franziu o cenho. – O melhor amigo é um homossexual que participa de orgias famosas, a sua companheira de quarto é irmã de uma suicida e se trata por ter tendências ninfomaníacas. – Ele



bateu na pasta três vezes, para aludir o que falava. – Some tudo isto ao fato dela ter aceito uma herança da avó por parte de um pai que a abandonou e que ela só conheceu poucos meses atrás. – Recostou-se na cadeira e acrescentou com ar de repulsa: – O que torna claro que é uma interesseira. Toda esta salada a transforma em um prato cheio para uma acalorada enxurrada de matérias sensacionalistas – ele aclarou a garganta. – Agora misture esta combinação ao fator Mitchell, que parece estar com a cabeça virada. Ele, que sempre foi discreto e impessoal em seus casos, não dá a mínima nos últimos dias em se tornar um alvo de paparazzis. Exibiu-se como um cachorro no cio, resultado? Uma explosão.

– O quê? – Ela baixou as pálpebras cansada. Possivelmente, cansada da vida.

– Olhe por si só. – Ele puxou um tablet da pasta, ligou e estendeu para a mulher sentada de maneira sóbria; costas eretas e a perna aristocraticamente cruzada. Ao ter o aparelho em mãos, ela piscou fundo algumas vezes.

– Inferno! – exclamou Paul. – A assessoria não conseguiu segurar. Está em vários veículos fofoqueiros e em todas as mídias econômicas do mundo. – Passou as mãos no cabelo em um gesto nervoso. – Será que ele não lembra que é um ano de eleições? Um ano de decisões fundamentais sobre o futuro financeiro global? – Soltou o ar com uma baforada forte pela boca. – Será que nem sequer lembra que é uma figura pública, observada, julgada talvez tanto quanto os próprios candidatos ao governo? – Fez uma negação com a cabeça. – Parece mais distraído do que nunca, isso explodiu hoje nas primeiras horas, já são mais de dez da manhã e ele nem tomou conhecimento.

– E isso? Isso é muito sério? – Silvia não desviou a atenção da tela.

– Isso é um transtorno a mais em um ano como esses, possivelmente haverão investigações. – Fez uma pausa enfática. – Além de ser, sob uma resposta errada dele, uma exposição desnecessária, um enfraquecimento da sua imagem, conseqüentemente um abalo na confiança que ele inspira.

– Você já tentou entrar em contato?

– Sim, desde às 6 da manhã ele não atende e nem retorna as minhas ligações e lá são mais de três da tarde.

– Quando ele volta de viagem?

– Acho que ele chega aqui amanhã.

Ela apontou para o tablet.

– E isso é verdade?

– Verdade ou não, a merda foi atirada no ventilador. – Ele fez um gesto displicente com as mãos. – Agora temos que limpar.

Silvia Petrucci, com discrição empertigada, apoiou o tablet sobre a mesa. A tela acesa do aparelho exibia as letras intitulando a matéria:

“Mitchell Petrucci, o homem que influencia a saúde do sistema financeiro no mundo, seria incapaz de administrar a sua empresa e a sua vida pessoal?

Após uma denúncia, de Joseph Tyson, ex-diretor de finanças do JPG, dois dos principais diretores chefes do grupo terão os seus últimos investimentos investigados pelo SEC (órgão regulador do mercado financeiro dos Estados Unidos). A denúncia alega que

ambos os diretores utilizam informações privilegiadas ao negociarem ações.

A nossa edição, ao procurar inteirar-se sobre a resposta do grupo a esta denúncia, foi informada que Mitchell Petrucci está fora do país, na Europa.”

Abaixo do texto, uma foto de um casal em um beijo apaixonado nos jardins de Luxemburgo, e ao lado desta, outra foto, a de um homem moreno, com ar intelectual identificado como:

“Vince Kirby, famoso diretor dramático, o noivo da atual amante de Mitchell Petrucci”.

Enquanto os veículos financeiros abordavam praticamente só a denúncia dos diretores da JPG, os sensacionalistas, destacavam apenas o triângulo amoroso encenado por Mitchell, Vince e Francesca. As bolsas do mundo inteiro estavam loucas, e Mitchell? Nem tomara conhecimento de nada.

## Capítulo 62

Eles passaram a manhã e início da tarde entre dormir, comer e amar. Mitchell naquele momento dormia. Ela tirou o braço dele que envolvia a sua cintura e se levantou. Olhou para o rosto lindo ao seu lado – E, Deus... como estava apaixonada. Sentia o coração inverter de lugar com estômago só de olhar para ele. Espreguiçou e foi sem fazer barulho pegar o celular que havia ficado sem bateria na noite anterior. Estava carregado. Ainda sem fazer barulho para não acordar Mitchell, encostou a porta do quarto e foi para sala. Queria avisar os amigos que sairia de Paris às 21h. Olhou no relógio – 15h23. Assim que ligou o celular, aconteceu uma hecatombe de mensagens, dezoito ligações perdidas, e gelou. O que estava acontecendo? Sentou com medo. Ligou para Lilly que era a recordista na lista de ligações não atendidas.

– Alô – disse com a voz rouca de pura insegurança.

– Oi, Francesca pelo amor de Deus, estou te ligando desde as sete da manhã – disparou Olivia.

– Está tudo bem?

– Você tem acesso à internet aí?

Francesca sentiu o coração dar de louco.

– Sim, por quê?

– Está em todos os locais.

– O quê, meu Deus? – Francie agarrava o tablet.

– Você – disse uma agoniada amiga – e Mitchell e você e Vince – Lilly lutava para manter a coerência – estão em todas os sites de fofocas.

– O quê? – os dedos trêmulos tentavam acessar a internet.

Respiração pesada do outro lado da linha.

– Acessou?

– Puta merda! – Francesca confirmou a pergunta, sentindo o sangue esvaír do rosto, do cérebro, de todo o corpo. Pausa, respiração, tontura. – Mas que bosta é essa?

– Calma, Francie, calma. Sua editora já ligou aqui, eles vão acionar a assessoria de imprensa, vão exigir a retratação.

– Francesca ignorou a súplica e começou a ler frenética em voz alta:

– “A nova amante de Mitchell Petrucci, Francesca Wiggs, com quem o famoso empresário desfila pela Europa há mais de dez dias, segue a linha agressiva de negócios do atual parceiro, mantendo vários canais de investimentos amorosos. Isso porque a linda e talentosa escritora, além de se exibir ao lado do megaempresário pelos cenários europeus, é noiva de Vince Kirby, renomado diretor de teatro, sócio majoritário da New York Artists Academy.” – Engoliu em seco sentindo o ar queimar os pulmões, a voz saiu quebrada: – “Francesca e Vince tiveram um romance durante três anos. Separaram-se por um tempo e reataram o compromisso, firmando o noivado no final do ano passado. Isso informou uma fonte *in off* que

é o do convívio íntimo do casal. A escritora, atualmente, passa uma temporada na Europa e se exhibe ao lado do empresário. A nossa equipe de reportagem tentou entrar em contato com Francesca a fim de confirmar a informação, mas não houve resposta. Vince Kirby, o possível 'noivo traído' ao ser questionado ontem respondeu que não tinha nada a declarar. Quem cala consente? Resta, além desta, outra pergunta: estaria o empresário Mitchell Petrucci muito mais a par das cotações cambiais do que da sua vida pessoal?"

Francesca, meio sem ar, deu uma respiração funda e alterada:

– Puta merda – tremia tanto que a tela do tablet mal parava na sua mão. – As fotos – Francesca ofegou. – Eu estou meio nua no palco, enquanto Vince está de óculos de grau, estudando um texto, na merda de uma foto preto e branco. Eu, eu pareço uma vadia e ele o dramaturgo intelectual traído, e Mitchell? O empresário alienado.

– Francesca – Lilly apontou com a voz calma –, tem uma declaração de Vince que acabou de sair em alguns sites.

– E? – Ela respirava com dificuldade.

– Ele disse que você é a mulher da vida dele e sobre o noivado continua afirmando que não tem nada a declarar.

– Filho da puta, desgraçado; vou fazer ele engolir os dentes e a língua.

Francesca, tão abalada, que não reparou na presença de Mitchell segurando o próprio tablet, encostado no batente da porta do quarto. Ele ouvia o desenrolar da conversa.

– Por favor, ligue para Tom e para minha mãe a fim de tranquilizá-los. Eu vou cometer um assassinato por telefone – Francie desligou.

Mitchell sentiu todos os músculos do corpo vibrarem exigindo explicações, respostas, confirmação. Enquanto seu cérebro acessava a automática capacidade de organizar as ideias como uma frieza analítica, o seu corpo se opunha desejando derrubar algumas paredes e duas dezenas de muros. Ouviu, após um breve silêncio, Francesca gritar no celular:

– Seu monstro, por quê?

Silêncio expectante, angustioso e denso.

– Seu filho da puta, é a minha vida... é a minha vida, seu desgraçado – repetiu com os dentes cerrados. Ela tremia e andava como uma alucinada pela sala.

– Eu vou, eu quero acertar um murro na sua cara de pau.

– Uma curta pausa e voltou a sentar. – Cala a boca, cala a boca, seu mentiroso. – Duas respirações entrecortadas: – Mas também não negou – uma respiração aflita: – Por que não disse que era mentira?

– Outro silêncio enfático – Seu... seu porco... eu odeio você – desligou.

Ele foi inundado pelo alívio. Reconfortante e total alívio. Sentiu os músculos soltarem, a pressão do maxilar diminuir. O ar voltou a passear e preencher.

Era mentira.

Fechou os olhos abrandando o ritmo da respiração. Então, ouviu um choro baixinho. Olhou-a: ela estava com a cabeça entre os joelhos, abraçando as pernas. O corpo convulsionando em vários soluços. A raiva renasceu um milhão de vezes mais forte. Porém o motivo era outro: feriram-na, difamaram-na, com o único propósito

de atingi-lo. Aquele ataque não era direcionado a Francesca. Ele sabia qual era a única razão daquela matéria – atingir a sua confiabilidade e vender notícias em cima da humilhação e difamação. Entretanto, ele estava acostumado a lidar com essa podridão, ela não estava. Ouviu mais alguns soluços enquanto se aproximava.

– Francesca – disse com a voz quente e macia.

Ela ergueu o rosto: – É mentira. – Foi um sussurro quase inaudível. Ela se justificava antes mesmo de explicar o motivo.

– Eu ouvi.

– Eu e ele dormimos juntos uma noite antes da minha ida para Itália, mas eu deixei claro que havia acabado. – Soluçou: – Eu falei que ele não me esperasse, nós terminamos há mais de um ano.

Mitchell se ajoelhou no pé da poltrona e a abraçou. Ela enterrou o rosto nele.

– Eu sei, shhh... está tudo bem. – Ele esfregava a mão nas suas costas para cima e para baixo.

– Ele não desmentiu na... na imprensa... Disse que eu era a mulher da vida dele. Ele disse no telefone que a notícia é o que ele quer que aconteça e que se eu não aceitar isso, o problema com a imprensa é meu. – Levou as mãos incertas ao rosto e esfregou os olhos.

– Nós vamos resolver isso juntos.

– Eu sinto muito por ter exposto você desse jeito.

Ele tremeu como se sentindo uma espécie de dor.



– Eu que te expus – soltou o ar com força. – Eu, Francesca, e não ao contrário. Esse lixo é por minha causa e não por sua. – Beijou-a na cabeça. – Mas juro que vou consertar tudo, juro meu amor.

O telefone de Mitchell tocou interrompendo o abraço. Ele se afastou alguns passos para atender.

– Oi, Paul – disse sem desgrudar o olhar dela.

– Porra, Mitchell, estou te ligando desde às 6h da manhã daqui.

– O celular estava no silencioso.

– Você já viu?

– Eu quero isso resolvido o mais rápido possível – não se justificou, nem se delongou. – Entre em contato com os nossos advogados. Não... fale com o próprio Ernest agora e peça que ele dê entrada em um processo contra todos os veículos que divulgaram a notícia.

Ernest Brown era o dono da firma de advocacia que os atendia exclusivamente.

– Eu quero uma ordem jurídica para remoção imediata de todo e qualquer conteúdo relacionado a esta sujeira. – Respirou pesado. – Peça ao Dr. Ernest que ligue para o ex-namorado da Francesca, o tal diretor, e que deixe claro que se não colocar a verdade diante da imprensa, ele vai resolver isso juridicamente. – Sorriu com frieza. – Deixe ainda mais claro que a mim que ele vai enfrentar e não a Francesca.

Silêncio.

– Mitchell – a voz de Paul era tranquila e ponderada –, você enlouqueceu?

– O quê?

– Você leu o que os nossos executivos vão enfrentar?

– É claro que eu li...

– E?

– Espere um momento. – Tirou o telefone da boca e pediu:

– Meu amor, você faz um café para a gente?

Ela anuiu e foi para a cozinha.

– Esse filho da puta do Tyson está fazendo isso por vingança... Ele não se conformou de não o deixarmos participar do negócio em Dubai.

– Eu sei... E o que vamos fazer?

– Vamos ter certeza de que os nossos chefes são inocentes e então... vamos resolver esse problema da maneira que sempre resolvemos... Se acalme.

Paul suspirou.

– Estou calmo.

– Não, não está.

– Você é quem está calmo demais...

Mitchell sentou-se na poltrona.

– Paul, acusações como essas acontecem centenas de vezes por ano, as bolsas sentem um pouco e depois... ninguém lembra de nada.

– Já começamos a checar as transações feitas por eles no último trimestre.

– E o que eles disseram?

– Que são inocentes.

– Entraremos com um processo tão violento contra o Tyson – Mitchell abaixou o tom de voz – que se ele sobreviver depois que o processo terminar, quero ter certeza que não reste nem um níquel da fortuna que herdou e que ele dobrou enquanto esteve conosco. Peça para o Dr. Ernest preparar isso também.

– O que você vai fazer sobre essa... bem, sobre a situação chata com essa moça e o diretor?

– Não é da sua conta, Paul – Mitchell ergueu as costas.

– Oras, vamos... – Paul arriscou descontraído. – Você sabe que a melhor saída para isso é ignorar essas matérias e aparecer em público com uma supermodelo qualquer nos próximos dias. Todos saberão que isso não é problema seu, e sim da fulana com o diretor de teatro.

Mitchell travou os dentes e respirou algumas vezes.

– Se você gosta da nossa sociedade – uma veia saltou no pescoço – nunca mais fale desse jeito. Esse é um problema meu, já que eu não tenho nenhum interesse em seguir a sua sugestão. – Mais uma longa respiração.

– Tudo bem... tudo bem – Paul soou defensivo. – Entendi, está gamado, é isso? E vai deixar uma mulher bagunçar sua vida em um ano delicado como esse? – Estalou a língua. – Se posso te dar um conselho...

– Não pode. E não vai. Faça o que te pedi, Paul, e conserve o pouco de bom humor que ainda me resta esta manhã.

– Essa moça é amiga íntima de um tal de Tom Gandy...

– Você está testando os meus limites?... E daí, Paul?

– Esse amigo dividia o apartamento com o cara que contratamos para ser flagra do Fishman. – Mitchell parou por um momento atônito com a coincidência.

– E daí?

– E se ela for uma espécie de espiã contratada por Fishman ou por qualquer outro que queira se vingar de você?

– O... O quê?

– Espionagem empresarial... ou alguém para causar bagunça.

– Você está louco.

– Ela é uma atriz, Mitchell.

– E daí? – Mitchell quase quebrava o celular com a mão.

– Atrizes... ah, vai... você sabe... têm facilidade em fingir as coisas e por uma quantia tentadora, podem ser persuadidas com mais facilidade a se deita...

– Não termine.

– Mitchell, raciocine, como essa mulher apareceu na sua vida? Você não acha coincidência demais que ela tenha lido para você durante o coma?

– Fui eu quem vim atrás dela.

– O que você sabe sobre ela?

– Vai se fuder, Paul.

Silêncio. Algumas respirações pesadas do outro lado.

– Está certo. Você deve saber o que está fazendo.

– Sim, eu sei. – Desligou sem dizer mais nada.

Ele sentiu cheiro de ovos e café.

– Está pronto, quer que eu leve aí? – Francie gritou colocando a cara para fora da porta da cozinha.

– Sim, por favor meu amor – respondeu também em voz alta.

Ela carregava uma bandeja e ouviu a voz de Mitchell reverberar pelo apartamento.

– Eva, bom dia, ligue por favor para Richard da assessoria de imprensa. Peça para ele entrar em contato comigo.

Eva era a secretária “rotweiler” de Mitchell Petrucci. Havia trabalhado com seu pai antes e assessorava Mitchell pessoalmente, desde que ele assumiu a presidência. Era mais fiel que um cão de guarda e mais competente do que muitos diretores, uma verdadeira secretária executiva.

Momentos depois, enquanto eles comiam, o toque do celular de Mitchell.

– Richard, tudo bem?

Pausa.

– Sim, eu vi.

– Eu estou com ela aqui na minha frente.

Outra breve pausa.

– Calúnia e difamação.

Uma respiração forte.

– Qual fonte que eles alegam ter acessado?

Uma risada irônica.

– Uma fonte *in off* – murmurou um palavrão. – Você vai entrar em contato com todos esses veículos de merda e vai deixar claro que é uma informação mentirosa.

Francesca entregou a xícara dele e se sentou no braço da poltrona.

– Eu sei que o filho da puta não negou e entendo que isso fomentou a notícia, já estou cuidando disso.

Silêncio.

Os olhos dele tornaram-se mais intensos, quase predatórios.

– Quero as fotos que foram divulgadas da Francesca no palco, fora do ar em uma hora e se isso não acontecer, avise-os que comprarão uma briga que possivelmente não queiram participar.

Outro breve silêncio.

– Paul já está cuidando da questão da denúncia dos nossos diretores.

– Você sabe que eu não dou satisfação da minha vida pessoal, para esta mídia sanguessuga. – Uma respiração curta e um olhar longo para ela. – Mas neste caso vamos responder. – Deu um gole no café – Uma vez que este embuste esteja resolvido, quero que fique explícito que Francesca não é um caso, não é uma aventura, nós estamos juntos a sério. – Ele encarou-a e ergueu as sobrancelhas.

Ela sentiu o coração acelerar idiotado e ouviu:

– Faremos isso logo, sem que se desperte mais atenção do que necessário, de maneira que pareça natural. Nós não daremos satisfações explícitas. É bom que frisemos uma vez mais, que a

minha vida pessoal não é um circo. – Desligou o celular e deu um gole longo no café.

– Namorada?

Ele encolheu os ombros, com uma risada divertida.

– Você já fez isto, Sr. Petrucci?

– O quê? Declarar para mídia que estou namorando como um adolescente?

Ela concordou.

– Achei um pouco cedo para noiva, ou futura esposa, mãe dos filhos que eu venha ter um dia, mulher da minha vida...

Ela franziu o cenho. Sentiu o estômago contrair. Conteve-se para não abrir a boca nervosa. Respirou e tentou parecer natural.

– Esposa? Filhos?

Ele não respondeu com palavras, e sim do jeito Mitchell-consegue-tudo-aquilo-que-deseja-Petrucci. Beijou-a com uma necessidade ardorosa e soprou na sua orelha:

– Quem sabe...

Ela não teve certeza se ouviu de verdade e não conseguiu ter. Pois, logo, muito rápido, estavam no quarto, na cama, entre peças de roupas e lençóis incertos.

O café esquecido esfriou, sentindo-se muito ultrajado com o completo abandono.

# Capítulo 63

15/04

O que Nova York fazia com a percepção do tempo?

Francesca acordou com essa pergunta, quase dois meses após ter chegado da Europa. Talvez, a pergunta mais adequada fosse: O que a junção de Nova York com Mitchell Petrucci faziam com a percepção da passagem de tempo?

O escândalo mentiroso da sua vida que ganhou evidência em meados de fevereiro, pouco depois foi esquecido.

A denúncia que os executivos da JPG sofreram, em poucas semanas, estava esclarecida. Tudo não passou de um equívoco. O ex-diretor do grupo, Joseph Tyson, responsável pela denúncia, sumiu no mundo sem dar explicações. A polícia ainda procurava por ele.

Vince se retratou negando o noivado, ela e Mitchell nunca comentaram em público o que ocorreu.

No lugar disso, eram fotografados juntos em restaurantes, eventos sociais, teatros e quase sempre que saíam em público. Já



estavam juntos há dois meses, resultado? Havia muitas fotos deles espalhadas por aí.

Ela tinha a impressão de que metade desses dias foram engolidos e que não foram vividos, sendo contabilizados no calendário.

Além das ocasionais viagens a trabalho e reuniões com a editora, concorrendo por sua atenção, havia Mitchell, com quem dormia quase todos os finais de semana.

Ele cercava-a com dúzias de flores recebidas, diversos telefonemas e mensagens trocadas, todos os dias. Almoçavam juntos sempre que era possível e jantavam juntos sempre. Francesca acostumou-se a acompanhá-lo em encontros de trabalho. Ela ficou íntima de jantares com políticos, festas *black tie* e eventos beneficentes.

Sempre que o empresário marcava presença, lá estava ela o acompanhando. Ele marcava junto a isso, o seu corpo, a sua memória e a sua alma.

Mitchell tinha uma casa nas montanhas do colorado, junto a Aspen. Era um refúgio silencioso e particular encrostado no meio de um vale nevado. Um aquário de luxo, de madeira, pedra e vidro. Ele era um esquiador quase profissional. Francesca que cresceu na estação de esqui de Killington, conseguia o acompanhar. Resolveram aproveitar o último final de semana da estação de inverno para esquiar. Mas principalmente para se afastar da agenda de compromissos sem fim de Nova York. Assim, poderiam desfrutar de um tempo maior a sós.

De manhã haviam feito *powder*<sup>4</sup> com um guia. Almoçaram e depois desceram uma pista de alta velocidade. Francesca

comprovou que quando Mitchell esquiava, fazia-o com a energia e o fôlego de quem está fugindo do apocalipse. Apesar de estarem em abril a neve ainda estava boa e Mitchell queria aproveitar. Na metade do dia, ele decidiu brincar em uma *Double Black Diamond* 5.

– Espera aqui? – disse antes de chegarem ao elevador e apontou para um café com vitrine de doces e fumaça de chaminé.

– Ha, ha não, senhor, só porque você esquia – uhmm. Fez uma pensativa pausa – algumas vezes melhor do que eu, não quer dizer que eu não sou capaz de descer essa pista.

– Francesca, não.

– Mitchell, sim. – Ela bateu no peito. – Eu cresci com um esqui nos pés, está certo, fazia alguns anos que não me aventurava tanto, mas já desci por pistas *double black* na minha juventude. Uma *double black* do colorado, não deve ser tão diferente assim das de Vermont. Além disso, o único que pode acontecer é eu chegar mais rápido do que você. – Riu com a brincadeira. – Rolando... – Foi em direção ao elevador.

– Está bem – ele abriu os braços derrotado. – Mas tome cuidado para não virar uma bola de neve, nunca fui muito bom no futebol.

– Escute aqui, Mitchell – ela colocou as mãos na cintura e se esforçou para parecer irritada –, nas últimas pistas, nós chegamos quase juntos, o que deveria ser considerado uma vitória redundante, tendo em vista o seu peso e o meu. – Ergueu o queixo. – Portanto, se eu virar uma bola “metatrônica” e vencer, você não poderá contestar a minha vitória sob hipótese nenhuma.

– Nós não vamos competir nesta pista.

– Hum, hum.

– É serio – Mitchell disse com mais firmeza. – Tome cuidado! – Os dois entraram no elevador.

Ela tomou cuidado, mas o excesso de segurança e de competitividade derreteram o seu instinto de sobrevivência. E o cuidado? Ficou um pouco esquecido por alguns segundos, imerso na sopa do espírito esportivo. Na metade da pista, ela conseguiu ultrapassar Mitchell e se empolgou, demais. Quando passou por ele ouviu-o gritar:

– Pare agora, Francesca.

E entre a ultrapassagem, o grito “pare agora, Francesca” e uma rápida olhada para trás, a fim de verificar qual era a distância que abria dele, tudo aconteceu. Na verdade, ela nem viu direito o que aconteceu. Saiu da pista e quando tentou retomar o controle, já estava descontrolada. O esqui virou 360 graus e levou-a com ele para uma descida eletrizante entre cambalhotas e acrobacias dignas de uma apresentação de *Cirque du soleil*, ao vivo, sem corda de segurança.

Sabe aquela história de que você vê toda a sua vida passar diante dos seus olhos?

Francesca percebeu que isso era uma mentira ridícula. Um acidente abrupto destes não deixa tempo para nada. A verdade é que a mente entra em um branco absoluto e que tudo passa tão rápido, que nem mesmo o mais genial cérebro conseguira exhibir um filme da vida; nem mesmo um curta-metragem.

O espetáculo resultante durante a queda não foi bem câmera e ação. Foi só o rodando. Entre um *clift* e pernas, e *clift* e braço, e *clift* e rola, e *clift* e esquis e *clift*, instinto de sobrevivência ligado.

Cobriu o rosto e o corpo tentou assumir uma postura de proteção. Mas, no meio a galhos e neve em alta velocidade, uma vez que se cai estupidamente por uma distração estúpida, não há muito o que fazer, a não ser contar com a sorte. A consciência só voltou a operar quando ela estava estirada no chão, bem parada. Então aí veio o filme da vida? Não, aí vieram várias sensações simultâneas. Nenhuma delas tinha algo a ver com um enredo emocionante. Sentiu a respiração pesada e difícil. Demorou a entender o que era perna, o que era esqui e o que era braço. Percebeu que parou com a cara enterrada na neve. Notou o corpo inteiro mergulhado numa insensibilidade. Resposta da endorfina humana liberada em altas doses, nada de filme, nenhuma ceninha sequer. Então veio a dor, lancinante.

“Nossa, que dor.”

“Porra, que dor.”

“Cadê a merda da endorfina?”

Ouviu Mitchell pouco depois parar ao seu lado, desprender os esquis e enlouquecer:

– Meu Deus, que merda, cacete... Você está bem? Você está bem, meu amor?

A essa altura, ela já tinha voltado de barriga para cima e sentia as mãos de Mitchell apalparem cuidadosas o seu rosto, enquanto ofegava e exigia a resposta:

– Fale comigo!!!

– Aiaiaiaai... que dor – foi a única coisa que consegui.

– Onde? Onde, meu amor? Onde? Merda.

– O tornozelo... aiaiaiai... está doendo demais – ela disse e tomou um impulso com os braços sentando-se com alguma dificuldade. Mitchell a ajudou.

– Só o tornozelo? – Segurou as suas mãos. Os olhos desviaram da perna e pareceram se fixar em ponto sobre os ombros dela. Francesca notou que ele ficou branco como a neve e só se via o gorro, o casaco colorido e os óculos em um rosto sem cor. Ela se assustou:

– O quê?

– Nada. Deite-se, meu amor, eu vou buscar ajuda.

– Mitchell Petrucci, o que foi? – Francie olhou ao redor, enquanto ele tentava tombar o seu corpo com cuidado na neve. Sem desistir, ela torceu o pescoço para trás e encontrou o motivo da invisibilidade de Mitchell, vermelha gritante, escarlate sem vergonha, seria mais certo. Em contraste com o branco, uma mancha de sangue com alguns bons centímetros de diâmetro.

– Ohhh!!! – Ela levou as mãos até a boca. Então, arrancou a luva com os dentes e começou a tatear o próprio corpo, desesperada atrás da origem da mancha. – Mitchell ofegava encarando-a lívido e quando comprovou que a mão saiu do ombro toda tomada de sangue, ela não sentiu mais o ar, nem o chão nem a neve.

– Eu nem sinto – Francie soluçou –, estou assustada, Mitchell.

– Não, meu amor, não. – Ele deitou-a sobre o próprio braço. – Vai ficar tudo bem. – As frases de conforto ecoavam alternadas com beijos e toques em uma candência ritmada, a fim de tranquilizá-la. Enquanto ele abria os botões do casaco e erguia as blusas que a vestiam sustentando-a com firmeza.

Ela soltou em uma nuvem meio inconsciente, uma chuva de protestos e gemidos manhosos de dor. Mitchell comprovou que era apenas um corte mais profundo, próximo à omoplata – respirou aliviado e cobriu-a, aclamando-a.

– Não é nada – a voz saiu falha. – Apenas um corte, eu vou buscar ajuda. – Abriu a própria roupa.

Ela o viu retirar o casaco para cobri-la.

– Não vá, por favor, não me deixe aqui sozinha. – Parecia uma menininha assustada.

Ele cobriu aconchegando-a, esmagou os lábios nos dela.

– Eu te amo. Eu te amo tanto – a voz saiu embargada e a respiração pesada.

Ao ouvi-lo, ela acreditou que o degelo dos Alpes havia começado em seus olhos. Foi quando outros esquiadores perceberam que alguém havia se acidentado. Eles se aproximaram oferecendo a bem-vinda ajuda. Logo em seguida saíram rápidos para chamar a emergência. Mitchell colocou a sua cabeça sobre o colo, tirou as luvas e secava o rosto dela encharcado pelas lágrimas

– Não chore, meu amor. – O socorro já vem.

Ela fez uma negação com a cabeça e então sorriu incoerente – ele arregalou os olhos paralisado.

– Senhor Petrucci, precisei rolar um barranco de cem metros para arrancar dos seus lábios... – Soluçou. Ele segurou o rosto dela entre as mãos. Ela voltou a sorrir confundido-o. – Para arrancar as três palavras mágicas, eu te amo, dos seus lábios – riu outra vez, com uma careta de dor: – Só você seria capaz de me fazer achar que valeu a pena ser atropelada por uma montanha.

– Meu Deus, Francesca, é claro que eu te amo, eu amo tanto – Beijou-a com uma calculada força: – Como você pode estar tão surpresa com isso? – Ele sacudiu a cabeça: – Eu só não disse antes porque acho que isso é tão evidente que não era necessário dizer. Beijou-a atencioso e cuidadoso cheio de um devotado carinho.

– Por favor – ela fez outra careta de dor –, não espere eu me arrepentir de novo para repetir isso – gemeu baixinho. – Acredite em mim, ouvir é necessário...

– Eu te amo, eu te amo, eu te amo... Porra, como eu te amo.

Ela abaixou o tom de voz, como se fosse contar um segredo. – Eu te amo muito mais... Só que não conte para o senhor Petrucci, ele é muito competitivo e ambicioso, quando souber, vai querer me amar mais.

Uma cabeça jogada para trás e uma gargalhada foi a resposta de Mitchell, que parou de sorrir tão rápido quanto começou.

– Nunca mais faça isso.

– O quê, ganhar de você no esqui?

– Não. Se machucar.

– Eu ganhei – ela continuou ignorando o último comentário com a respiração entrecortada pela dor. – E não adianta me dizer que eu sai da pista e que então fui eliminada, porque você também saiu.

– Eu amo você. – Mitchell voltou a sorrir.

– Talvez tenha sido um empate – ela logo corrigiu.

– Eu amo você – ele reiterou.

– Alguns alegam que você ganhou, com certa vantagem.

– Eu amo tanto você – dessa vez não houve resposta. Ele a beijou e logo em seguida o socorro chegou.



# Capítulo 64

15/05

Foram dois ligamentos rompidos no tornozelo, quinze pontos nas costas, vários hematomas pelo corpo e quatro semanas de recuperação. Duas das quais teve que caminhar com muletas e depois com uma bota pesada e então:

“Ufa, alforria.”

Nessas quatro semanas, Mitchell que já era excessivo de tão protetor, possessivo e mandão, tornou-se demasiadamente derretido, autocraticamente protetor e endiabradamente mandão ao limite. Mimou-a de todas as maneiras possíveis e imagináveis.

Ele quase deu para ela um dos seus carros com motorista. Ignorou os seus protestos sobre a capacidade que ela ainda tinha de pegar táxis.

Instruiu Robert a fazer tudo o que ela mais gostava de comer desde doces, massas, até pratos mais exóticos orientais ou vegetarianos.

Tentou convencê-la, de todas as maneiras possíveis, ardilosas e criativas existentes, que ela se mudasse por completo, durante o período de recuperação, para o apartamento dele. Entretanto, diante da negativa absoluta de Francesca, ele se conformou com os fins de semana e dois dias a mais durante a semana.

Ela queria ficar o tempo todo com ele, mas não podia. Precisava manter o mínimo da sua vida no lugar para a sua sanidade mental e emocional. Já estava muito envolvida sem esse extremo. Mas os jantares eram inegociáveis, jantavam juntos todos os dias.

O meloso Mitchell sempre enviava flores acompanhadas de poesias, na medida mínima de dois buquês por dia. Presenteava-a com joias, livros antigos, manuscritos famosos de escritores renomados, disponibilizou o avião dele para buscar a sua mãe.

A curta e essencial visita durou quatro dias. Depois de instalar sua mãe no apartamento dele, não restou outra alternativa que não ficar lá com ela e com ele, é claro, durante a sua estada.

Mitchell chegou ao cúmulo de mandar trazer de Paris os *croassaints* que Francesca jurava serem os melhores do mundo.

No final dessas quatro semanas, ela estava um pouco sufocada e totalmente ainda mais apaixonada.

– Estou com Lilly na Vogue – ela contou ao telefone.

– Quem é? – perguntou a amiga curiosa.

Francesca afastou o telefone da boca.

– Mitchell. Oi, amor – continuou. – Sim, também estou. – Olivia virou os olhos para cima em uma típica expressão de “Ai, que saco”.

Francesca sacudiu a cabeça sorrindo. – Eu também, muito. – Um breve silêncio e ela ruborizou.

Lilly analisou-a com a expressão inquisitiva. Francesca disse:

– Não, hoje ainda não – fez uma longa pausa e suspirou. Mordeu o lábio inferior e fechou as pálpebras. Sentou: – Sim, eu gosto – respondeu se esforçando para disfarçar a respiração que se tornou pesada.

– Ah, não – ouviu Olivia protestar.

– Sim – sussurrou ao telefone.

A amiga continuava encarando-a com uma risada incrédula.

– Mitchell, eu não estou sozinha... – Um sonoro suspiro. – O quê? – Isolou o olhar e respirou fundo. – É serio, eu... eu preciso desligar. – Silêncio. – Ai, meu Deus, Mitchell...

Um longo silêncio e Francesca ainda mais ruborizada e ofegante levantou e deu as costas a amiga.

– Até mais. – Breve pausa. – Você vai me pagar por isso.

– Desligou e enfiou o telefone na bolsa.

– Puta que o pariu! – escutou Olivia ao seu lado.

– O quê?

– É impressão minha ou Mitchell fez sexo vocal com você?

– Não, imagina...

– Hum – murmurou Olivia sem acreditar.

Francie passou as mãos aleatoriamente pelas roupas expostas nas araras.

– Ok, mais ou menos.

– Mais ou menos?... Pela sua cara, parece que ele bateu uma com você na linha.

Ela só curvou os lábios para cima.

– Vaca sortuda, mas Deus é sábio – a amiga disse divertida.

Francesca estava fora do ar.

– Oi?

– Se eu namorasse um homem assim, eu não ia fazer mais nada da vida além de abrir as pernas e gemer.

– Ai, que exagero.

– Ah, sim. – Olivia franziu o cenho. – Eu que tenho que me resolver nas noites que o Mitchell-me-fode-incansável, dorme lá em casa. – Bateu no peito. – Eu e o pobre do George, que perdeu uns cinco quilos nos últimos dois meses por causa da minha empolgação com a sonoplastia do quarto ao lado.

Francesca bufou, enquanto a amiga encenava com caras e bocas:

– “Ai, Mitchell, assim, assim, ai, hummm, ai de novo e hum outra vez e, Deus, Mitchell, por favor, por favor.” E essa é só a sua parte, os sons dele – Olivia prendeu os lábios – sou incapaz de imitar... masculinos demais para minha feminilidade.

As pessoas ao lado olhavam de esquelha. Francesca cutucou-a, mas Lilly ignorou o protesto.

– Tem dias que eu acho que vocês vão arrebentar o apartamento.

– Até parece – ela sacudiu a cabeça sem deixar de sorrir.

– Hã, tá, eu só penso que se o prédio vier abaixo, o putto paga. Sério, que porra que o Mitchell toma?

Francie suspirou.

– Ele é meio... meio que... ai, sei lá, gosta dessa coisa de pegar com força.

– Ai, meu Deus, Francie ele enfia a porrada?

– Cala a boca – sorriu –, claro que não, sem chicotes ou açoites, só uma... pegada forte.

– Sua Francesca que havia desistido de sentir vergonha – encarava a amiga com uma expressão cômica.

– E você e o George, se entenderam? – Os dois brigavam quase todos os dias.

– Sim, sim, sim – Lilly abanou as mãos no ar. – O sexo fica tão melhor depois de um quebra-pau.

– Tom é que está falando quase todos os dias com o italiano que ele conheceu em Taormina – Francie disse.

– Eu sei, estou feliz por ele. Se bem que não é bem assim... um relacionamento, mas é um grande avanço por se tratar do Tom.

– É verdade, ele parece... bem.

Lilly cutucou-a com o cotovelo:

– Vamos escolher o vestido no qual você vai arrasar hoje à noite. – Começou a deslocar as roupas da arara utilizadas nos editoriais de moda, analisando-as. – Um homem que te come assim, o mínimo que você pode fazer por ele é impressionar a mãe dele e seus amigos da classe AAA.

O olhar de Francie se distanciou das roupas.

– Mitchell insistiu sobre este jantar. – Ela escorregou a mão por uma echarpe: – Por um lado, fiquei feliz por ele querer me apresentar a mãe... – deixou no ar a conclusão. Olivia não ignorou.

– Mas...

– Mas a última vez que tivemos um jantar em família, ele quase surtou – olhou para o vestido preto e rosa que a amiga mostrava. – A Sra. Silvia Petrucci me ligou agradecendo por eu estar levando o filho dela de volta para casa. – Francie sacudiu a cabeça e negou o modelo sugerido por Olivia que estatelou os olhos.

– O quê?

– Essa loucura que você ouviu. Eu tentei negar... Disse que não fiz nada, que a ideia havia sido do Mitchell.

– E? – Olivia soltou algumas peças de roupa na poltrona, com a expressão entre horrorizada e divertida.

– Silvia falou que Mitchell nunca marcou um jantar com ela por vontade própria e que isso com certeza deveria ser influência minha. – Suspirou. – Eu disse que ficava feliz pelo jantar e insisti que não tinha feito nada, que ela deveria falar com Mitchell e não comigo, mas... – Estalou a língua. – Esquece. – Olhou dois outros vestidos.

– O que houve, Francie?

– Ela terminou a ligação afirmando que fosse o que fosse que eu estivesse fazendo, que eu continuasse e que ela já era eternamente grata a mim. – Sacudiu a cabeça sem graça. – Merda, eu jurei que a mulher estava chorando no fim do telefonema e quase morri sem saber o que falar.

Olivia entortou os lábios para baixo.

– Que bosta, Francie, que estranho.

Francesca soprou o ar.

– Eu honestamente ficaria feliz se Mitchell se entendesse com a família, mas de verdade, Lilly?! Achei muito doido esse lance de “obrigada pelo o que você está fazendo”. Ela mal me conhece e que telefonema foi esse? – Coçou a testa. – Aliás, como ela conseguiu o meu telefone? Não acho que Mitchell tenha passado para ela.

– Traga o meu filhinho de volta, Francie – Olivia disse com um tom sombrio, as mãos erguidas como se fosse um zumbi.

Ela riu e deu um tapa no ombro da amiga.

– Depois fiquei meio com pena dela.

– Ah, vai, Francesca?! A mulher liga fazendo uma puta chantagem emocional e você fica com peninha? Não cai nessa, amiga, isso é problema dela com o filho. – Olivia estendeu a mão e pegou um vestido empolgada. – Este é perfeito!

– Nossa, é lindo! – Francesca agarrou o vestido de minissaia godê em cetim cinza e top bordado a mão com as costas decotadas em V e colocou na frente do corpo.

– É um Miu Miu... e essa beleza – ela beijou os sapatos – é um Manolo Blahnik que vai fazer você crescer 12 cm. Só de segurá-los me sinto uma mulher mais plena e realizada.

– Amei.

– Você já contou para o Mitchell da ligação? – Lilly perguntou olhando-a pelo do espelho.

Francesca passou a blusa pela cabeça:

– Estou insegura de contar e ele achar que a mãe tentou me manipular.

– E não é isso que ela tentou fazer?

– Sei lá. – Estalou a língua. – Decidi que vou contar para ele hoje à noite, no caminho para o jantar.

– Fica do lado dele é só isso que você deve fazer.

– É. – Deu uma volta no espelho após colocar o vestido – Esse é meu único intuito.

– Você está demais! – Saltitou Olivia admirando o vestido.

– Tem certeza de que não tem problema usar a roupa do editorial?

– O máximo que pode acontecer é Mitchell rasgar esse vestido e você ou ele terem que pagar para a revista.

Francesca riu e sacudiu a cabeça.

– Do jeito que você ficou linda e do jeito que é esse seu namorado, aposto cem dólares que ele rasga o vestido antes do final da noite.

– Deus te ouça. – Francie juntou as mãos postas em oração e as duas gargalharam.



# Capítulo 65

Durante o caminho até a casa de Silvia Petrucci, Francesca arriscou um jeito casual para iniciar a conversa.

– A sua mãe me ligou – ela disse mudando de música.

Silêncio.

Francie aclarou a garganta.

– Ela está bem feliz que vamos jantar lá e ligou para agradecer.

Mais um momento de silêncio chato.

– Falei com a minha mãe. Pedi que te agradecesse outra vez pela carona aérea e eu também agradeço. Estava morrendo de saudades.

– O que mais a minha mãe falou? – O timbre de voz dele era indecifrável e a expressão também.

– Ela apenas me agradeceu, por... por – titubeou – pela ideia do jantar.

Mitchell vinçou a testa tão fundo que podia servir de leito para um rio.

– A ideia que foi minha?

– Sim. – Engoliu a seco desconfortável. – Eu falei isso, ela apenas está feliz com a sua atitude, é só isso.

Ela desviou o olhar para estrada, Mitchell a observava de esguelha.

– Ela consegue o seu telefone sabe se Deus como e apesar de nunca ter nos visto juntos, e apesar de mal te conhecer, liga para agradecer pelo jantar? Há, há, há. – Foi uma risada horrível, fria e cheia de raiva. – Uma atitude tão Silvia Petrucci que acredita que pode manipular todos à sua volta.

– Talvez ela só esteja feliz, Mitchell, talvez o único intuito dela seja que... que vocês se aproximem um pouco mais Talvez ela ame você e... Hã, queira você perto dela.

– Uma conclusão Franciscana, chega a ser um pleonasmo, não acha?

– Não seja irônico comigo, Mitchell, eu só estou te contando o que aconteceu e acredite em mim, também fiquei desconfortável com o telefonema. – Exalou o ar com força. – Se você acha ela tão horrível, por que estamos indo nesse jantar?

Outro silencioso momento.

– Por você!

– Não, eu não pedi por isso.

– Eu sei – ele abaixou à voz. – Mas sei que é importante para você que eu me entenda com minha mãe.

– O que é importante para mim é que o seu passado não te persiga mais, é que a culpa por suas escolhas não tirem o seu sono. Se você quiser nunca mais falar com a sua mãe e isso for te deixar

bem.. isso é uma decisão sua. – Cruzou os braços sobre o peito como se sentindo frio. – Eu só quero que você seja feliz.

Ele desviou abrupto para o acostamento. Dispararam atrás algumas merecidas buzinas. Francesca se aferrou ao banco um pouco assustada. Ele parou o carro e ligou o pisca, soltou o cinto dela e abriu os braços.

– Venha aqui, meu amor.

Ela olhou-o um pouco atordoada e, sem conseguir reagir, permaneceu imóvel. Sentiu os braços de Mitchell que envolveram a sua cintura e a curva das pernas. Com uma facilidade ridícula, ele a ergueu. Logo, estava acomodada no seu colo.

– Você tem razão – Mitchell confessou com a testa colada à dela. – Estou fazendo isso por mim. Eu não acho que vou construir uma relação de *Família Dó-Ré-Mi*, mas também, e principalmente, não quero mais que isso me tire a paz.

Francesca suspirou e colocou a mão no coração dele. Notou o forte pulso tocar a sua palma. Com Mitchell, ela sentia-se segura, com ele ficava em paz.

O trânsito emocional da vida, às vezes, é um belo porre. A paz que Mitchell a fazia sentir durou até colocar os pés dentro da mansão Petrucci. Tinha algo muito estranho no ar; pesado. Lembrou do filme *Advogado do Diabo*. Esperava a hora daquelas pessoas virarem monstros, voarem em cima dela, beberem o seu sangue e, porra, para tudo! Se deixasse, a sua mente ia embora entre a alucinação cinematográfica e devaneio analítico.

Havia cerca de trinta pessoas no jantar íntimo. Ela tentou parar de traçar paralelos de terror mesmo enquanto se sentia medida, analisada, etiquetada e rotulada, por cada par de olhos. Ignorou

artisticamente cada um dos olhares estreitos, sorrisos que davam arrepios na espinha e até mesmo algumas sutis cutucadas, cheias de uma grotesca cortesia estratégica dirigidas a ela nos poucos momentos que Mitchell a deixava a sós.

– Você é atriz, meu bem? – perguntou uma das mulheres que respirava na lua, quando Mitchell foi ao banheiro.

– Não, fiz teatro por *hobby*.

– Ohhh, eu achava que Mitchell só se interessava pelas profissionais. – Esse foi apenas um dos “simpáticos” comentários que ela ouviu daquelas pessoas monstros, como as definiu intimamente.

Silvia Petrucci, ao contrário do ângulo dos queixos que deviam causar dor no pescoço de seus amigos, era o excesso de elogios, sorrisos e tentativas de aproximação. Concluiu que isso poderia significar duas coisas: ou era uma mulher carente e desesperada, ou era uma réplica humana coberta atrás da simpatia.

Silvia se aproximou no decorrer da noite para agradecer a Mitchell por ter ido. Ele sorriu e disse com certa resistência que poderiam repetir isso outras vezes. Os olhos da mulher se encheram de lágrimas. Discreta ela espantou-as, colocando no rosto o seu sorriso mais aristocrático e respondeu para o filho:

– Ficaria muito, muito feliz, meu filho.

Francesca naquele momento comprovou que Silvia Petrucci deveria ser uma mistura de arrependimento absurdo com a estoica máscara de isolamento. E, na verdade, quem não era isso? Uma mistura de máscara e exposição? Obrigou-se a parar de acreditar que estava em um episódio de *Revenge* e sentiu pena da mulher.

Mitchell, atencioso e protetor, cercou-a quase o tempo todo, como se quisesse protegê-la do círculo que ele mesmo fez questão de se excluir, mas que sem nenhuma exclusão pertencia. Ele se mantinha isolado das pessoas que se esforçavam de maneira exagerada para agradá-lo ou irritá-lo.

– Hipócritas – murmurou no seu ouvido algumas vezes.

– Entendeu por que não gosto de frequentar esta casa? – disse quando alguns lembraram com uma falsa brincadeira o escândalo abafado na mídia três meses atrás.

Mitchell se ausentou por alguns momentos, foi atender a um telefonema na varanda. Ela se viu cercada por duas mulheres que aparentavam ter uns 35 anos, uma loira magra de passarela e uma morena muito chamativa. Após trocarem duas frases sobre o tempo, a loira chamada Denise se aproximou mais.

– No jantar passado, Mitchell trouxe aquela modelo famosa... Cláudia Vilaça, você é bem diferente dela. – Olhou-a de ponta a ponta e disse desdenhosa: – Então você é a acompanhante da vez do nosso Mitchell?

Ela sentiu a coluna ser espremida contra o peito. “Nosso Mitchell”? Que porcaria foi essa? Sentiu os pelos do braço arrepiarem e desejou ter alho, sal grosso e uma estaca.

Ok. Ela podia lidar com isto. Resolveu mudar de estratégia. Ligou um foda-se muito grande e decidiu que aproveitaria a noite. Aproveitaria independentemente de estar no castelo do Drácula, cercada de sanguessugas. Respondeu com a mesma entonação de quem lê uma receita culinária:

– Sim, sou a mulher que ele está fodendo em tempo integral. Graças a Deus – completou pedindo licença e agarrou uma taça de

champanhe.

– Entrou no banheiro e gargalhou por alguns instantes. Saiu do lavabo com outro astral. Estava lá por um único motivo, um motivo tudo de bom e que roubava todo o quarto elemento do Universo. O motivo caminhava em sua direção, olhando-a como se ela fosse a única mulher da casa. Perdeu o corpo com os olhos dele, ou como se fosse a única do planeta.

## Capítulo 66

A verdade é que nunca se sabe quando a vida mudará por completo. Acordamos pela manhã, tomamos o café, alguns não tomam; corremos atrás do horário, alguns não tem horário para correr. Fazemos atos repetidos diante do espelho e mantemos os mesmos passos, quase sempre, como se eles fossem a garantia da permanência no seguro ponto em que encontramos o nosso rosto na parede. É nessa igualdade que nos perdemos. Esquecemos a capacidade da mudança. Continuamos dia a dia a desempenhar papéis que voam no óbvio....

Francesca salvou o início do seu novo livro.

Espreguiçou. Rodou o pescoço, alongou a coluna e olhou ao redor: a janela do apartamento no Soho estava lá ainda. O vidro tinha algumas gotas secas de água, marcadas na fina espessura da poeira acumulada. Era meio de junho. O clima de fim de primavera estava ameno. Bocejou. Olhou a pequena bagunça do café da manhã sobre o balcão da cozinha. Os saltos de Lilly encostados no canto da porta. Os jarros de flores espalhados pelas mesas laterais

e aparadores. Estes, desde que Mitchell entrou em sua vida, faziam parte da decoração do apartamento. Por mais igual que tudo parecesse, nada era exatamente a mesma coisa. Nunca era. Ela gostava de olhar essas sutis diferenças. Após tomar um banho longo, vestiu-se. Encontraria com Mitchell no fim do dia. Jantariam fora. Estava quase pronta quando o celular tocou, o olhou o visor:

Mitchell – 17h45 pm.

– Oi, meu amor... – atendeu animada.

Sirenes e carros passando em alta velocidade.

– Francie? – a voz de Mitchell soou urgente e dispersa entre os sons do trânsito da cidade.

– Tudo bem?

– Não – ouviu-o dizer e paralisou. – Eu bati o carro – ela sentiu as mãos molharem de suor, as pernas e os pés e todo corpo.

– Você está bem? – disse com mais ênfase.

– Sim e não, acho que machuquei o braço, estou indo para o hospital com o resgate.

– Resgate? – Esforçou-se para não gritar de nervoso.

– O carro ficou bem pior do que eu. – Isso foi ele tentando fazer uma piada.

Francesca não achou graça.

– Pelo amor de Deus, Mitchell, isso não tem graça nenhuma.

– Eu sei, meu amor – a voz soou condoída. – Eu preciso ir, você me busca?

– É claro, onde?



- No Charles Darwin.
- Estou indo para lá agora.

Chegou atordoada, sem pensar na ironia de encontrá-lo naquele local. Passou o saguão com passos agoniados, fez o cadastro na entrada e ligou para ele. O celular acusou caixa postal. Foi até a recepção como se estivesse a sós no mundo, como se não houvesse nada no mundo, além do seu coração colapsando. Não havia. Perguntou como encontrar alguém que entrou pela emergência.

- Qual o nome da pessoa? – perguntou a recepcionista.
- Mitchell Petrucci. – Engoliu a seco ignorando o transe de seu sistema nervoso.
- Ele está no quarto 1208.
- Quarto? – Ficou ainda mais nervosa. Isso era possível?
- Sim, é o que aponta aqui – teclou algumas vezes mais. – É isto, parece que foi da emergência direto para a internação.
- Meu Deus do céu – dor no peito, e na cabeça e nos olhos.
- 12º andar, quarto 1208 – disse a recepcionista, alheia ao caos interno que ela vivia.

Correu como se pudesse, por intermédio da sua velocidade, resolver e alterar qualquer coisa que estivesse errada. Teclou o 12 no elevador. “Porcaria!” O elevador estava o inferno de cheio e foi fazendo paradas de Pinball até por fim alcançar o 12º. Estava tão, tão angustiada que nem percebeu a sensação de *déjà vu* que queria fritar a sua percepção. Abriu a porta do quarto abrupta e se jogou dentro dele.

Encontrou-o sentado na cama, encostado na larga cabaceira. Usava óculos de grau e segurava o tablet na mão. Tranquilo e inteiro. Inteiro? Sim. Graças a Deus. Todo ele ali, no lugar devido. Sentiu um alívio tão grande que não registrou o erguer de olhos inquisitivos, nem o silêncio estranho, muito menos o cenho franzido de Mitchell. Ela só percebia o alívio e a descarga da adrenalina que dava lugar aos tremores pelo corpo e ao sangue zumbindo na orelha e a boca drenada de toda a sensatez.

– Pois não? – Mitchell perguntou antes que ela conseguisse dizer qualquer coisa.

– O quê? – Piscou confusa. – Então foi assolada pelo reconhecimento: quarto 1208. Mitchell recostado na cama com o tablet na mão. O olhar que a congelou. Ele era bom. Reproduziu igualzinho, toda aquela cena bizarra refeita. Diante da constatação, o tremor não diminuiu, o coração manteve-se na tentativa de nocautear o peito e ela sentia-se ainda muito confusa:

– Você está bem?

Ele apenas anuiu com um riso no olhar e nos lábios.

Ela aferrou as mãos trêmulas na beira da cama e só então reparou que ele estava impecavelmente vestido. Terno chumbo de três peças, camisa branca e gravata roxa.

– O que é isso, Mitchell? – A memória celular gritava em pânico e a consciência vaporizada, só queira entender.

– Posso fazer alguma coisa pela senhorita?

Lágrimas, alívio, confusão, alegria, incompreensão, amor. Tudo – Tudo – Tudo.

Olhou para baixo, então, tornou a encará-lo. Entrou no papel que ele pedia com os olhos que ela assumisse. Suspirou ainda muito atordoada. Disse depois de um confuso silêncio:

– Eu fiz leituras voluntárias para você enquanto estive em coma.

Ele fingiu surpresa.

– É mesmo?

– Sim – ela limpou as lágrimas do rosto com as costas da mão.  
– E eu gostaria de conhecê-lo, mesmo depois do susto que você me deu, devo ser louca...

Ele alargou o sorriso.

– Por que você quer me conhecer? Senhorita...

– Wiggs, Francesca Wiggs.

– Por quê, Francesca?

– Porque algo aconteceu durante os três meses em que eu li para você...

Mitchell arregalou bem os olhos fingindo surpresa.

– Isso deve explicar o fato de você ser a mulher dos meus sonhos. – Ele estendeu a mão direita em gesto de apresentação. Ela se aproximou e ofereceu a mão para um aperto amigável.

– Muito prazer, senhorita Francesca Wiggs, eu sou Mitchell Petrucci o seu futuro marido.

Ai, meu Deus! Ele não... Santo Deus. Ele ia... Ela reteve a respiração. Ele abaixou apoiando apenas um joelho no chão. Ela sentiu o sangue bombear os tímpanos, o coração bombear tudo e ouviu:

– Francesca Wiggs, você quer se casar comigo?

Ok. Ao assistirem essas cenas aparentemente piegas em um filme qualquer, todos, ou quase todos, acham que a reação emotiva e fanática das pessoas é um grande exagero melodramático.

Ela também achava isso.

Não era. Não era. Não era. Porque nada, nenhum filme, música ou livro cheio de açúcar a prepararam para assistir aquele homem. O homem que ela amava tanto que tudo pulsava – até as roupas íntimas – ajoelhar à sua frente e fazer a pergunta do príncipe encantado. Isso após reproduzir o momento que os separou, ou os uniu. Meu Deus. O cérebro dela hiperventilou. Ela só conseguiu dizer:

– Sim. – Sorriu. – Sim, sim. – Impulsionou o corpo a fim de ajoelhar diante dele.

– Não, meu amor, espere – ele a deteve. – Deixe-me fazer isso. – Colocou a mão no bolso do paletó. Retirou uma caixinha preta de couro. Abriu-a e removeu um anel.

Francesca notou que a mão ainda tremia, quando ele escorregou a aliança no seu dedo. E para acabar com ela, a mão dele também tremia. Mitchell beijou-as, uma de cada vez, como quem devota uma santa ou uma rainha.

– Eu te amo – ele levantou e beijou-a. Agora nos lábios, com paixão, com muita paixão.

– Era isso que eu devia ter feito, quando você entrou neste quarto há mais de um ano. – Beijou-a outra vez.

– Esses quartos se alugam por hora? – ela disse entre ofegante e divertida.

– O hospital é correntista no banco e eu sou amigo do presidente. – Olhou para cama sugestivo. – Acho que poderei pagar a conta se passarmos a noite.

– Eu – gaguejou. – Eu acho... – franziu o cenho – prefiro o seu apartamento.

Ele abraçou-a e riu com diversão.

– Estava brincando, e além disso, temos um grupo de pessoas nos aguardando em um restaurante.

– Grupo de pessoas?

– Uma surpresa.

## Capítulo 67

A surpresa aconteceu na área reservada do Eleven Madison. A surpresa era centenas de flores em tons de rosa, quatro músicos tocando jazz, alguns amigos, a sua mãe e Silvia Petrucci.

Durante o jantar, ela ficou um tempo com a mãe matando as saudades. Notou que Silvia se esforçou para dar atenção a todos, como se fosse a anfitriã da noite. Estava tão feliz, que o entusiasmo exagerado de Silvia em decidir os detalhes da “apoteótica” festa de casamento não a incomodou. Mitchell e os amigos falaram do mercado financeiro e de política. Lilly e Tom cercaram-na com uma chuva de piadinhas e entusiasmados elogios sobre Mitchell.

– Deixe-me ver. – A amiga agarrou a sua mão esquerda. – Que demais. – Desfiou entusiasmada.

Francie virou a mão.

– É lindo, não é?

Olivia olhou para Tom.

– Aposto que nem sabe o que está usando.

Tom ergueu e analisou a aliança, Francie deu de ombros.

– Achei lindo...

– É um diamante rosa, com nome e tudo – catalogou Lilly.

– É um diamante? – Francesca olhou o anel. Um solitário de muitos quilates, esculpido em um formato retangular. Dois brilhantes de cada lado cobrindo as garras. – Nem sabia que existiam diamantes rosas. – Estendeu a mão para os amigos.

– É uma joia famosa – Olivia disse –, já tinha lido sobre ela na revista.

Francesca abriu os olhos.

– Nem me fale quanto custou, senão não vou conseguir usar.

– Tira que eu uso fofa, pelo amor, né? – brincou a amiga.

– É sério, Lilly, prefiro não saber quantos milhares de dólares estão enrolados no meu dedo.

Olivia entrecerrou os olhos.

– Como você é modesta e pensa pequeno, amiga, a cifra é diferente de milhares.

– Puta que o pariu – Tom gargalhou. – Quer dizer que se você brigar com o garotão, já sai bem na fita?

– Nossa, e como. – Olivia também riu.

Ela fuzilou os dois com o olhar:

– Vocês conseguem parar, por favor, eu nem me casei e vocês já falam em sair bem na fita?

Os olhos de Olivia brilharam.

– É porque sabemos que a sorte grande não é a conta ou o banco dele, e sim o quanto este homem parece idolatrar você. É serio, Francie, eu tinha lá minhas reservas com ele, por tudo o que

aconteceu. Mas, depois desse último mês – Lilly suspirou alto –, ele ganhou uma admiradora.

– Por quê?

– Mitchell me ligou há um mês e pediu minha opinião. Queria saber se você iria gostar do anel e coisa e tal. – Deu um sorrisinho animado. – Você precisava ver, ele estava todo inseguro... Me ligou outras dez vezes para perguntar sobre tudo. Fui eu quem sugeri que as flores fossem rosas – ela apontou para os arranjos –, da cor do diamante. – Abraçou-a. – Estou tão feliz por você, que nem sequer pensei no vestido que vou usar na casamento... Ainda.

– O mundo vai acabar – Tom disse.

Olivia bufou irritada.

– Oras, seu tonto. Você também rasgava elogios ao senhor Petrucci há pouco.

– É verdade – disse o amigo segurando as mãos de Francesca.

– E ainda não acabou – Olivia disse.

– Como assim? – Francesca exigiu dos dois.

– Não olha para mim. – Tom fez um gesto com as mãos declarando inocência. – Eu não sei de nada.

Olivia foi ao ouvido dele e cochichou algo. Francesca empurrou-os.

– Me contem!!!

– Só digo uma coisa – disse Tom rindo. – Além de lindo, rico, ele é romântico... Meu Deus, Francie, acho que estou caído pelo seu noivo.

– Esse é só meu.



Mitchell planejou tudo com um mês de antecedência. Depois que voltaram de Aspen, ele soube, não teria por que adiar algo que tinha certeza, queria demais. Imaginar a sua vida sem Francesca, não era uma possibilidade. Não mais. Quando foi?

Montou uma exposição no seu apartamento, com todos os quadros que pintou das cenas do livro dela. Os quadros dos seus sonhos. Ela não conhecia essas pinturas. Ele havia guardado para si o fato de ter voltado a pintar desde que saiu do coma.

No começo não entendia por que fez isso, seguiu o instinto, talvez. Mas quando planejou surpreendê-la, ficou claro. Parte dele sempre soube.

Após o prato principal, Mitchell levantou da mesa e sussurrou na orelha dela:

– Já venho.

Francesca seguiu-o com os olhos e viu quando ele pegou um dos microfones dos músicos, encarou-a e disse chamando a atenção de todos:

– Meu amor, venha aqui.

Ela levantou surpresa e parou na pequena pista de dança na frente dele.

– Enquanto eu escolhia qual o tipo de música tocaria esta noite, eu me lembrei de uma em especial... “Witchcraft” de Frank Sinatra. – Ele segurou a mão dela. – É assim que me sinto desde que você pisou naquele hospital, mesmo sem eu lembrar disso. – Todos riram, ela engolia a vontade de rir e chorar. Ele continuou:

– Eu pedi a ajuda do Tom para cantar, porque tenho pena dos nossos convidados e sei que Tom canta na Broadway. – Ergueu as

charmosas sobrancelhas. – Vou dublá-lo.

Outra onda de risadas ecoou pelo ar.

– Depois dessa música, nós dois iremos embora, enquanto todos apreciam a sobremesa. – Riu. – Assim terão tempo de esquecerem o meu desempenho.

Francesca levou as mãos até a boca abobada e Tom se levantou pegando outro microfone.

Mitchell aclarou a garganta. – É assim que me sinto, meu amor, desde sempre, enfeitiçado por você, por tudo em você.

Mitchell não desafinou e Tom deu um show. Mitchell deu um espetáculo particular para Francesca, enquanto cantava e arriscava uns passos de dança, encarava-a intensamente.

Mitchell Petrucci era um *show man*. Quem diria. E ela?

Sentiu-se transportada para um episódio do *Glee*. Estava letalmente emocionada e na mesma medida da música, encantada.

## Capítulo 68

Despediram-se de todos e saíram do restaurante abraçados e achando graça dos comentários que seguiram a música. Mitchell passava os lábios na curva do pescoço dela, o que aumentava a onda de risinhos no ar. Cruzaram a porta e que absurdo, ridículo e que quintal era o mundo.

Ele estava junto com um grupo de amigos, talvez saindo do mesmo restaurante. Encolheu-se sobre os braços largos e enterrou o rosto na camisa de Mitchell, com o único intuito de não ser vista e...

– Quem eu encontro, afinal! – A voz masculina não deixou dúvidas de que foi vista.

Bosta!

– Oi, Vince. – Sentiu os músculos do peito e dos braços de Mitchell enrijecerem.

– Vamos, meu amor. – Ela tentou puxá-lo.

Vince se colocou na frente deles e disse com uma falsa cortesia:

– Poxa vida, Francie, quanta frieza. A última vez que você falou comigo, foi através do advogado do... – olhou para Mitchell com ódio – do playboy babaca que está te comendo.

Ela reteve a respiração. Vince estava bêbado.

– Vamos embora, Mitchell – insistiu, mas ele estava paralisado com as mãos em punhos ao lado do corpo. Um dos amigos que acompanhavam Vince e que Francesca conhecia tentou intervir:

– Oi, Francie. – O homem loiro, magro e alto cumprimentou-a e puxou o ombro de Vince.

– Vamos, cara, vamos embora.

– Oi, Renan – Francesca respondeu e passou a exercer pressão no braço de Mitchell, com o intuito de desviá-lo. Era como tentar mover um prédio.

– Não se meta, Renan – Vince cuspiu. Estou falando com a nova aquisição do dono do mundo.

– Cala a merda da boca, Vince – Francie percebeu que a respiração de Mitchell se tornou pesada, muito. – Vamos embora, por favor – ela ofegou pressentindo o que estava por acontecer e tentou, com toda a sua força, mover Mitchell-petrificado-Petrucci do lugar. Vince a insultava olhando para Mitchell, e ele? Era o retrato de um homem provocado.

– Olha só! – Vince fixou os olhos vidrados na mão dela e desvencilhou-se de Renan, que o puxava. – É um anel de noivado? Parabéns, Francesca. – A voz dele era pura ironia e o rosto uma máscara distorcida de intenções escuras. – O dinheiro compra tudo mesmo. Consegue transformar até a mais virtuosa das mulheres em uma mercadoria.

Mitchell comprovou para Francesca o ditado “cão que ladra não morde”. Ele no seu silêncio sufocante, estava a ponto de explodir.

– Merda, vamos embora – ela ainda tentava evitar...

– Vou matá-lo!

Não conseguiu evitar. Essa foi a única frase dita por Mitchell e talvez só Francesca tenha registrado, já que o idiota do Vince continuou com ar sarcástico no rosto. Enquanto o pobre Renan, que era quase uma delicada moça mirrada, tentava em vão afastá-lo. Mitchell em um movimento certo, arrancou o paletó e partiu, como se estivesse em um trampolim, para cima de Vince.

– Você vai engolir cada palavra que disse, seu filho da puta!

– Isso ele cuspiu acertando o primeiro soco no rosto do diretor e *crash*.

Um nó se fez no estômago de Francesca com o barulho do estalo de ossos e carne amassada. Vince deu alguns passos cambaleantes para trás sem cair. Ele, que cresceu brigando nas quadras do Bronx, era um cachorro de rua que, apesar de latir, não fugia de uma merda de uma rixa. O diretor fechou o punho e jogou o braço para trás, então, impulsionou-o com força pra frente. Mitchell conseguiu abaixar e evitar o golpe com agilidade. Em seguida, outro ataque foi disparado na direção de Vince, na altura do estômago, o que o fez se dobrar em dois. Recompondo-se com uma velocidade ridícula, ele caiu em cima de Mitchell.

Renan esperneava e sacudia as mãos dando gritinhos histéricos. As duas mulheres que os acompanhavam seguiam tudo, como se apreciando dois machos fortes demonstrarem a sua virilidade e selvageria, quase na frente a um dos restaurantes mais conceituados de Nova York. Francesca sacou o celular e ligou para

Tom, enquanto corria até a porta do restaurante para chamar os seguranças.

Quando ela retornou, viu uma luta de UFC na calçada da Madison Square. Estavam no chão. Sangue e contorções e urros e rugidos. Alguém imobiliza alguém. Talvez Mitchell, ele meio que enforcava Vince, que tossia e debatia-se e ahhh!!! Uma cotovelada do puto do Vince no estômago de Mitchell. Era uma verdadeira luta por domínio, território, posse ou sei lá. Francie sentiu todo o corpo vibrar e amolecer. Outras pessoas haviam parado para assistir a briga. Era a merda de um espetáculo.

Foram necessários três brutamontes e o Tom para apartar os dois, e quando conseguiram, ela sentiu o pulmão comprimir. Vince que estava por baixo, parecia ter apanhado mais. Tinha o olho esquerdo baixo, o nariz e a boca completamente ensanguentados. Mas Mitchell também apanhou, estava com metade do rosto coberto de sangue, parte da camisa e, Deus, as mãos. Ela levou os dedos até a boca segurando a ânsia de vômito.

– Mitchell, temos que ir para o hospital – ela disse enquanto entravam no carro.

Mitchell respirava com peso e estava trêmulo, não a respondeu.

– Mitchell, você está me ouvindo?

Ele anuiu e pegou o celular, ligou no viva voz.

– Oi, Paul – disse rápido –, me meti em uma briga de rua.

– O quê?

– Isso que você ouviu, possivelmente houve fotos. – Francesca contorceu-se no banco, não tinha nem pensado nisso, ainda.

– Mas que... mas que merda, Mitchell – Paul soou exasperado.  
– O que houve?

– Encontramos o filho da puta do ex-namorado da Francesca e... – exalou com força – e perdi cabeça.

Apesar de Francesca ter removido parte do sangue do rosto de Mitchell, com lenços de papéis que carregava na bolsa, ele ainda sangrava muito. Estava com o rosto coberto de sangue outra vez. Os nódulos dos dedos estavam esfolados, a camisa esgarçada e com partes ensanguentada. Parecia um gato de rua que brigou no cio. Porra! Que bosta. Vince era parte do seu passado exigindo vingança, sabe Deus lá pelo o quê. Ouviu a resposta de Paul:

– Vai ser um banquete para mídia. Ainda mais depois do primeiro escândalo.

– Liga agora para o Richard da assessoria e avise-o.

– Porra, Mitchell... em ano de eleição, mas que merda...

– É, merdas acontecem!

– Eu estou saindo do restaurante agora, vou tomar as providências necessárias para que isso reflita o mínimo possível na mídia. – Fez uma breve pausa – Mitchell diga ao menos que não foi você quem partiu para cima do cara?

– Fui eu. O desgraçado me tirou do sério.

Paul reprimiu um palavrão.

– Isso facilita bastante o trabalho do filho da puta, se ele quiser arrancar algum benefício.

– Cuidaremos disso também.

– Desde de quando você não tinha uma crise de fúria? A última você devia ter o quê? Uns dezoito anos?

– Eu preciso de um médico. – Silêncio. – Não, de um psicólogo, acho que abri a porra do supercílio.

– É a bosta deste caos, desde que essa mulher entrou na sua vida. – Francesca gelou, Mitchell explodiu:

– Essa mulher será a minha esposa – disse fechando as mãos com força na direção. – Ela não tem culpa se eu agi como um colegial alucinado e essa mulher está ouvindo você, seu cretino. – Exalação nervosa. – Estou no viva voz.

Um tenso silêncio.

– Desculpe, Francesca. – A voz de Paul saiu quebrada. – Estou nervoso... é um ano delicado e o que acabou de ocorrer, se não conseguirmos segurar, será um prato cheio para a imprensa.

Francesca suspirou.

– Estamos todos nervosos.

– Vou ligar para o Dr. Craig. Para onde vocês estão indo?

Mitchell balançou a cabeça.

– Para o St. Regis Hotel, se a merda vazar, a imprensa toda vai estar na porta das nossas casas amanhã.

– Vou ligar e reservar uma suíte, está bem? – Paul ainda queria se retratar.



## Capítulo 69

O caminho até o hotel foi feito em silêncio. Francie estava a cada minuto um pouco mais angustiada, sem entender direito o que podia se passar na cabeça de Mitchell, arriscou:

– Eu sinto muito.

Ele sacudiu a cabeça com a expressão perdida, as palavras saíram abafadas, inundadas de uma emoção que ela não distinguiu:

– Meu amor, eu estou me sentindo péssimo por ter perdido a cabeça desta maneira, e você me pede desculpas?

Ela suspirou e sugeriu:

– Vamos tentar esquecer isso tudo?

Ele concordou, mas o seu comportamento, de uma maneira estranha, destoava das palavras, talvez ele só precisasse de um espaço.

Quando chegaram ao hotel, Mitchell entrou direto no banho. Momentos depois, o telefone tocou. Francie atendeu, era a recepção informando a chegada do médico que veio para examinar Mitchell. Ele saiu do banho vestindo o roupão do hotel. O corte não

sangrava muito mais, porém o olho estava um pouco inchado. O médico já aguardava na sala da espaçosa suíte.

– O doutor Craig está na sala – apontou com a cabeça para porta e ele concordou dirigindo-se para fora do quarto.

Ela sentia-se insegura pela distância estranha.

– Posso ir com você?

Silêncio.

– Não, meu amor, vá tomar um banho, eu vou fazer algumas ligações enquanto ele me examina... Vou também pedir que tragam algumas roupas aqui para o hotel. – Mitchell voltou a andar em direção à porta e deteve-se, falou de costas para ela: – Não se preocupe, eu ficarei bem.

Ela engoliu a resposta, a vontade intrusa de chorar, o frio que subiu no seu estômago e espantou os pensamentos masoquistas da cabeça. Ligou para sua mãe e depois para Lilly. Sentindo-se mais calma e animada, tomou um banho rápido. Quando saiu, notou que o médico se despedia. Ouviu que foram necessários três pontos para fechar o corte. Fora isso, Mitchell não sofreu nada além de leves escoriações e uma contusão no músculo do abdome. Suspirou com algum alívio. Sentou-se na cama e aguardou por Mitchell contendo a ansiedade.

Levantou, andou até a porta, duas vezes. Deteve-se. Um silencioso tempo decorreu. Ela queria entender o que acontecia, levantou dessa vez decidida. Parou antes de cruzar a porta do quarto quando escutou a voz de Mitchell atender uma chamada. Ele falou primeiro com Paul, depois com a assessoria de imprensa e mais uma vez com Paul. Então, entraram em uma teleconferência: Paul, Richard da assessoria e o advogado da empresa. Discutiam a

repercussão que isso teria na imagem de Mitchell. Já davam como certo que a notícia vazaria e tinham que prever o pior cenário possível. Paul tinha o telefone e a ficha completa das duas mulheres que acompanhavam Vince, a de Renan e também dos seguranças do restaurante que apartaram a briga.

– O que faremos se o diretor denunciá-lo? – era a voz de Paul que perguntava.

Francesca ouviu Mitchell se movimentar na sala e então, para sua total surpresa e mortificação, ele fechou a porta do quarto, isolando-a.

Era impossível não se sentir um pouco culpada também. Mitchell perdeu a cabeça, mas fora o seu ex-imbecil namorado que o provocou. Impulsiva, soube o que devia fazer. Passou a mão no telefone do hotel e discou uma chamada externa. Quatro toques depois ele atendeu.

– Vince, é Francesca.

Silêncio.

– Antes que você desligue, me escute, por favor.

Silêncio. Ela ouviu uma respiração pesada.

– Você tem conseguido destruir tudo o que podia ter restado de carinho, respeito e amizade entre nós.

Silêncio.

– Como você está? – Ela tinha sangue nas veias.

– Machucado – ele falou por fim.

– Eu sinto muito.

– O que você quer? – Vince souou áspero.

Ela suspirou.

– Eu quero ter certeza de que você não vai fazer nenhuma besteira.

– Tipo?

– Tipo abrir uma ocorrência, ou estimular essa história na mídia.

Ele deu uma risada fria.

– Adeus, Francesca.

– Vince, por favor, por favor – ofegou. Percebeu que ele não havia desligado e desabafou:

– Primeiro você estimula uma mentira na imprensa, depois a gente se encontra e você me ofende e provoca uma briga na noite do meu noivado – exalou o ar com força. – Que merda está acontecendo, Vince? Eu achei que você se importasse comigo de alguma maneira.

– Eu amo você, Francesca – ele cuspiu uma risada. – Será que você ainda não entendeu, eu estou destruído é isso o que está acontecendo, porra... Eu... todo o tempo que eu sumi da sua vida... foi apenas para te dar espaço, mas nunca perdi a esperança de que você fosse voltar, eu... eu tinha certeza que você voltaria...

Silêncio.

– Sinto muito, eu sinto mesmo que as coisas tenham acontecido assim. – Ela fez uma pausa. – Mas isso não te dá o direito de tentar ferrar a minha vida. Silêncio. – Vince, não estou pedindo por ele, estou pedindo por mim, se você me ama e quer que eu seja feliz, me deixe ser feliz e ajuda a consertar a merda que você também fez.

Ela ouviu uma lenta exalação.

– O seu noivo é um louco.

– Você também é, e acho que eu também, então estamos quites.

Outro silêncio longo.

– Vince, por favor... Eu amo Mitchell, como... como acho que nunca amei ninguém... por favor.

Ela ouviu outra respiração longa e entrecortada por... soluços? Sim, soluços... Aquilo rasgou o seu coração.

Se fez mais um longo silêncio.

– Está bem, Francesca, não vou dar queixa, declararei que nós dois nos excedemos e não te causarei mais problemas.

Ela suspirou: – Obrigada, Vince! – Francie fez uma breve pausa e engoliu o choro. – Quem sabe um dia ainda voltaremos a ser bons amigos.

– Não minta, Francie, nós dois sabemos que isso será impossível.

– Eu, eu sinto muito.

–Eu também, minha garota, sinto muito, sinto tanto ter te perdido, me culpo – soluço – tanto – ele ofegou. – Me perdoa, me perdoa por não ter sido o cara que você merece, me perdoa, Frans.

– Vince, eu... eu quero que você seja feliz.

O diretor rompeu em um choro convulsivo.

– Por favor, por favor, não chora assim.

Silêncio, algumas respirações longas.

- Está bem – ele disse tentando se controlar.
- Se cuida.
- Seja feliz, Francie, eu amo você, adeus – ele desligou.

Francesca enterrou a cabeça no travesseiro e chorou, como se doesse até o seu dedão do pé. Concluiu que algumas pessoas fazem sentir mais. Entendeu também que é muito doído ver alguém sofrer e alegar que o faz por você. Chorava porque mesmo Vince tendo sido um canalha estúpido e doente, ela soube que também cometeu erros com ele, alimentou esperanças, talvez... Chorava também porque aquele era o adeus definitivo, e o adeus? Nunca era fácil quando alguém saía machucado. E lá no fundo, sem que ela quisesse reconhecer, chorava porque as últimas atitudes de Mitchell a angustiavam mais do que ela gostaria. Por quê? Ela não quis entender.

Tempos depois, a razão do seu desconforto entrava no quarto mergulhado na penumbra da luz do abajur. Mitchell trazia uma mala de mão. Olhou-a.

– Ainda acordada? – ele perguntou casualmente, como se não tivesse erguido uma muralha entre os dois nas últimas quatro horas.

Ela apenas sacudiu a cabeça. Ele tirou o roupão, abriu a mala e colocou a calça do pijama.

– Tem uma camisola para você, quer? – perguntou segurando a peça de seda.

Ela que também vestia o roupão do hotel, disse não para a camisola, sentou e não aguentou mais.

- O que está acontecendo, Mitchell?

– O quê? – ele franziu o cenho. – Não está acontecendo nada, por quê?

Ela bufou impaciente.

– Porque não quis que eu ficasse com você na sala, nem mesmo enquanto era tratado pelo médico e depois fechou a porta da merda do quarto, como se eu fosse uma mulher qualquer que não pode ouvir o que você fala no telefone... Só por isso.

– Eu achei que você quisesse descansar.

– Por favor – Francie fechou os olhos, apertou as têmporas e tragou o ar com força. – Não me trata como uma idiota, fala a verdade, por pior que ela seja, e não me trata como uma estúpida idiota.

Ele exalou o ar pesado e sentou-se na beira da cama.

– Eu não queria que você ouvisse a conversa, é isso.

– Por quê?

– Não vamos falar sobre isso na noite do nosso noivado.

– Ah, ao menos você lembra disso.

Silêncio. Ele deu outra pesada exalação.

– Quantas portas fechadas haverá entre nós, Mitchell? – Ela engoliu o choro.

– Às vezes, os métodos sugeridos para resolver os problemas... não são os mais ortodoxos.

– O que isso quer dizer?

– Quero dizer que o único teatro que o seu ex-namorado vai ser proprietário e conseguirá dirigir em pouco tempo, será um circo

de pulgas no Suriname.

Francesca sentiu o ar triturar o pulmão, o coração parar e bloquear o tempo.

– Mentira – saiu junto com um golpe de ar do peito dela.

– Ele se meteu com a pessoa errada – Mitchell disse impassível.

– E por que ele estimulou uma mentira há meses e disse meia dúzia de merdas na porta do restaurante, isso é motivo suficiente para você destruir a vida dele, é isso?

– Não. – A voz dele era cáustica. – Porque ele parece não perder a oportunidade de querer ferrar com a nossa vida.

– Foi você quem partiu para cima dele.

– Garanto que ele adorou.

– Fala para mim que isso não é verdade. Fala que você não destruiria a vida de outra pessoa por... por qualquer motivo que fosse – ela estava ofegante.

Silêncio.

– Me diz, porra – exigiu com desespero sentindo, o estômago ser socado pela angústia.

– Ele não pensou duas vezes antes de tentar ferrar com a sua, com a nossa vida. Vince foi avisado, Francesca, se ele se aproximasse de você ou de mim, ou sequer mencionasse o nosso nome em público alguma outra vez, que a carreira dele seria muito curta.

– Que palhaçada é essa, Mitchell? – A voz dela saiu como um fio. – Desde quando você resolve quem se aproxima de mim ou não



e faz ameaças para manter ao seu critério pessoas afastadas de mim?

– Por quê? Se importa se nunca mais ver esse filho da puta?

– O rosto de Mitchell assumiu uma expressão pétrea e fria.

– Não é essa a questão – ela gritou. – A questão é você ameaçar pessoas para se manterem longe de mim, sem o meu conhecimento. A questão é você se isolar em uma maldita teleconferência e acordar à surdina e destruir a vida de outro ser humano.

Mitchell respirava curto e um músculo pulsava no maxilar endurecido. Ela ofegava e tremia enquanto o mundo parecia desabar aos poucos bloco por bloco, ao seu redor, como um lego gigante.

– E o que ele fez não conta? – Mitchell soprou entre os dentes, visivelmente alterado. – Ele tentou separar a gente, sem se importar se isso iria acabar com a sua ou com a minha imagem. Ele foi avisado para manter distância e, na primeira oportunidade de merda, se aproximou caçando briga e te chamou de puta e acabou com a nossa noite de noivado. – Ele riu ácido e frio. – Isso não conta?

Francie respirava sufocada pelo choro contido. – É claro que conta, merda! E é exatamente por isso que eu não estou mais com ele. Porque ele foi um canalha comigo, mais de uma vez. Mas isso não é justificativa para sair daqui e acabar com tudo o que ainda faz sentido na vida dele.

Mitchell cerrou os punhos e andou até a janela fixando a vista no exterior.

– Ele tem contribuído para comprometer a minha imagem diante do mercado. Sabe-se lá o prejuízo que esta merda toda pode acarretar. – Ele fez uma pausa: – Ninguém se coloca no meu caminho dessa forma e sai impune.

– Então tudo é sobre a sua maldita carreira? Sobre lucros e prejuízos? – Ela soltou para dentro, como se falasse consigo mesma. Respirou fundo, engoliu outra vez a tonelada de areia que parecia descer por sua garganta. – Não perca o seu tempo sujando as suas mãos e desperdiçando o seu dinheiro com isto, eu resolvi tudo da maneira que sei fazer, sem sangue ou sem destruir a vida de ninguém.

Ele virou para ela com o cenho franzido.

– O quê? O que você quer dizer com isso?

– Eu liguei para ele e sabe o quê? Ele me pediu perdão, ele chorou no telefone comigo e disse que não causaria mais nada. Ele afirmou que não daria queixa pela agressão e que nunca mais me causaria problemas.

A expressão de Mitchell, a cada palavra que Francesca dava, obscurecia um pouco mais. Ela continuou sem perceber o transtorno que se instalava no rosto masculino.

– E no fim da ligação, ele estava aos prantos. Ele é só um homem confuso, que está sofrendo e que fez escolhas erradas na vida. É um ser humano, Mitchell, não uma peça de um maldito jogo financeiro.

– Você ligou para ele? – A voz de Mitchell era o retrato de um falso controle, baixa, inalterável e firme.

– Fiz isso porque me senti culpada pelo o que aconteceu. Fiz isso para resolver esta bosta de situação de um jeito humano e

resolvi, está surpreso? – Ela não esperou pela resposta: – Não precisa mais se preocupar com ele. E surpreenda-se outra vez: ao contrário de você, não pensei nem por um só segundo em esconder o que fiz. Talvez por que eu não me envergonho disso.

– Você pede a verdade, eu te conto e? Não tem maturidade para absorver as coisas como elas são... Cresça, Francesca, o mundo não é uma fábula infantil ou um conto de fadas. As pessoas fodem umas as outras o tempo todo por dinheiro, poder e por sexo também. O seu admirado ex-namorado não hesitaria nem por um segundo a possibilidade de foder você de novo. – Respirou cortado com fogo no olhar: – Digo isso literalmente e se ele fosse bem recompensado com certeza foderia com a sua vida em todos os sentidos.

Francesca estava tonta e já nem sabia direito se o que acontecia fazia parte de uma realidade paralela, ou se Mitchell tentava provar ser um homem grosso e estúpido de várias maneiras diferentes e isso parecia espatifar a sua razão e o seu autocontrole e arremessá-los pela janela.

– Nem todos são assim, nem todos se vendem, nem todos!

– Acorda, Francesca, esse é o mundo dos milhões de dólares, nele, tudo tem o seu preço, eu só não sou hipócrita e nem idiota o bastante para ficar de braços cruzados enquanto um canalha imundo quer tirar algo que é meu.

– E o que é esse algo? – Francesca estava com todas as funções internas paralisadas e todos os poros do seu corpo entraram em alerta, enquanto os últimos fragmentos de seu autocontrole emocional orbitavam sobre ela.

– Ele quer você e acha que pode disputá-la comigo.

Ela mergulhou em um choro profundo, angustiado e desiludido. Tudo dentro dela voou e foi arrancado a fórceps extirpando o seu corpo e a sua razão.

– Eu não sou algo, Mitchell, eu não sou um patrimônio. Eu não tenho um preço – soluçou convulsiva. – E isso prova que no seu mundo de milhões nem tudo está à venda, ou se tiver – engoliu o choro –, definitivamente não faço parte dele.

Se alguém imparcial assistisse a cena, notaria que Mitchell perdeu todo o sangue do rosto em poucos segundos. Se alguém de fora pudesse ver, notaria também que os joelhos dele pareceram fraquejar e que ele tentou falar alguma coisa, por umas três vezes, mas estava trêmulo demais e não conseguiu. Se alguém imparcial assistisse com atenção, também não demoraria a notar que Francesca só não desmaiou porque ela parou de olhar para ele e que Mitchell levou as mãos instáveis à cabeça, ofegante e desesperado, enquanto via ela virada em um furacão vestindo-se entre soluços.

– Não, meu amor – ele tentou dizer, mas as palavras quase não saíram.

Se o mesmo espectador pudesse ver, notaria, sem nenhuma, dificuldade, que enquanto ela deixava a suíte descalça, sem bolsa e descabelada, ele caía no chão com a cabeça entre as pernas respirando com dificuldade.

Em um ímpeto de últimas forças físicas e mentais, Mitchell andou de joelhos até o telefone e focou toda a sua energia para conseguir se fazer entender.

– Boa noite, senhor Petrucci, o que posso fazer para ajudá-lo? – atendeu uma voz masculina.

– A senhorita que está comigo deve passar pela recepção em poucos momentos, não deixe que ela saia do hotel.

– Mas, mas, senhor, não podemos fazer isto – tropeçou o rapaz.

– Deem um maldito jeito, perguntem qualquer coisa a ela, façam o que for preciso e detenham-na até eu chegar aí.

Desligou sem aguardar a resposta e mergulhou correndo pela suíte, descalço e só com a calça do pijama posta. Enquanto corria, a sua mente entrou em um buraco negro, o único que ouvia era o sangue bombeando dentro e a alterada respiração. Corredor. Elevador. Botão. Tocou uma, duas, três, dez vezes.

– Rápido, merda – esmurrou a porta descontrolado. Quando ela abriu, jogou todo o seu peso para dentro em um impulso. Por sorte, não havia ninguém no elevador para comprovar. Ele nem percebeu isso.

– Senhorita Wiggs – ela olhou para trás, estava quase cruzando a porta da saída e viu que vinha correndo uma moça esbaforida e bem alinhada. Parou na sua frente e disse com uma educada ansiedade:

– O hotel oferece um serviço de motorista particular, podemos chamá-lo para a senhorita. – Francesca suspirou e limpou as lágrimas do rosto. Só então percebeu que estava descalça, com o vestido do avesso e sem bolsa. O vestido estava aberto nas costas. Deus. Não teria nem como pagar um táxi. Nem mesmo a merda do celular ela lembrou de pegar. Respondeu sem ser capaz de sentir qualquer conforto com a situação:

– Obrigada, acho que eu aceito... – Só não queria ter que voltar para suíte. Poderia pedir para usar o telefone no balcão e chamar alguém, entretanto, a saída mais rápida pareceu melhor.

– Me acompanhe, por favor. A senhorita pode sentar aqui e aguardar. – Ela apontou com a cabeça para um jogo de sofá.

Sentou e fechou os olhos, levou as mãos cobrindo-os. A luz parecia agredir.

– Francesca! – Ela ouviu a voz cortada de Mitchell. Não se moveu, como se isso pudesse evitar o contato. – Meu Deus! – ele continuou: – Me perdoe. – Silêncio. – Me perdoe, meu amor, que idiota eu fui.

Silêncio.

Ela não era capaz de escutar mais nada. Era capaz de sair e andar descalça e sem dinheiro, ou mesmo nua pelas ruas de Nova York. Mas não era capaz de escutar mais nada. Abriu os olhos para levantar. Ele estava ajoelhado a sua frente, sem camisa e com os olhos ensopados. Deteve-se.

– Me escute, por favor. – Mitchell estava dentro de tamanho desespero que ela ficou paralisada.

– Desde que eu vi aquele filho. – Parou, respirou fundo. – O Vince, desde que eu o vi parado na sua frente, eu saí de mim. Não pelas besteiras que ele falou, mas porque eu sei que vocês têm uma história, eu sei... que... que merda que foi pensar em você com ele... Isso acabou comigo.

Silêncio, Francesca franziu o cenho.

– Isso tudo é novo para mim. Eu nunca, eu nunca amei ninguém... Eu nem sabia ser capaz, eu nem mesmo estava atrás disso – ela se mexeu desconfortável no sofá, ele ofegou e pediu balançando as mãos que ela esperasse.

– Eu vou conseguir, espere. – Respirou fundo e disse: – Quando eu vi ele em sua frente, eu pirei. Fiquei imaginando que de repente a história de vocês pudesse ter algum significado... Eu senti o maior medo da minha vida, eu odiei me sentir assim. Então, todas as merdas que eu fiz daí em diante, foi algo como uma resposta contra esse medo. – Exalou o ar com força. – Eu não posso – ofegou – perder você. – Engoliu a sensação de concreto recém-misturado que parecia descer no nariz, na boca, na garganta. – Depois no quarto com o médico, eu queria você ao meu lado, mas... Eu estava confuso demais, eu só queria resolver tudo o mais rápido possível e... Tudo o que eu fiz sem você saber, desde as primeiras atitudes há quatro meses. Foi, foi para afastar toda e qualquer possibilidade de perder você. – Soltou o ar pela boca. – E como fui idiota, e então, e então você... Quando você contou que havia... que ligou para ele e pareceu defendê-lo. Tudo... Tudo, virou uma convulsão de raiva e ciúmes, você – gaguejou. – Você faz isso comigo, eu me perco totalmente, me perdoe, eu amo tanto... Você não é algo... que eu não quero perder, você é tudo para mim, o sentido, tudo.

Ela suspirou e eles se encararam em um longo silêncio. Mitchell chorava, lágrimas que ela nunca tinha visto ele derramar.

– Eu vou ligar agora para Paul e avisar que está tudo cancelado. Estou me sentindo péssimo com isso mais do que sou capaz de falar. Ela anuiu, ele aproveitou: – Amanhã... vamos embora daqui – Francie arregalou os olhos –, vamos sair da cidade, eu, você... Vamos passar um, dois, três meses fora... Aspen? – ele disse ansioso. – Paris? Taormina? Japão? Onde você quiser, vamos esquecer tudo isso.

Silêncio. Eles se encaravam, Mitchell ofegante e Francesca muda.

– Paris – ela disse e o abraçou, surpreendendo-o.

Mitchell voltou a respirar.

– Diz, jura que eu nunca vou perder você.

– Enquanto você falar através daqui – ela tocou no coração dele –, não nos perderemos um do outro.

Beijaram-se alheios à audiência, descalços e meio sem roupas quebrando a elegância da recepção. Quase todos que estavam lá assistiram aos beijos com um risco de alegria nos lábios. O casal protagonista da quebra, logo subiu para o quarto e todos também tiveram absoluta certeza de que a noite de reconciliação foi intensa e longa. Sem dúvida, eles acertaram.



# Capítulo 70

A enorme sala de conferências estava em silêncio. Se não fosse pelo leve batucar de uma caneta tinteiro no tampo da mesa, ocupada em seus trinta lugares, tudo estaria quieto. Alguém se mexeu em uma das cadeiras e o ranger do atrito no couro foi ouvido. No meio da oval mesa, outro alguém aclarou a garganta. Vez ou outra, algumas páginas eram viradas desoprimindo o silêncio. Todos, quase sem exceção, observavam a cabeceira dos trinta tensos lugares, onde Mitchell Petrucci batia insistente com a sua caneta no tampo da mesa e analisava um bloco de papéis.

– Eu quero ver todas as operações agora – arremessou as folhas que se espalharam como uma nevasca no chão, no tampo da mesa, nos olhos de todos. – Eu quero ver tudo agora!

– Sim, senhor. – Correram alguns executivos para fora da sala a fim de coletar as informações pedidas.

Ele apoiou a cabeça nas mãos, enquanto traçava uma análise retrospectiva dos resultados das operações de risco do banco. Tentava entender onde ele e a sua equipe haviam comido o gigante e espinhoso meteoro e como foi possível tal situação passar despercebida. A briga da noite anterior não tinha saído na imprensa. Ele havia ido ao escritório, com o intuito de organizar a

sua viagem com Francesca. O meteoro caiu em suas mãos assim que ele colocou os pés no prédio. Saiu da sala de conferências para fazer uma ligação. Retornaria assim que os relatórios que pediu estivessem prontos.

– Oi, meu amor – Mitchell disse no telefone recostado na cadeira, enquanto olhava a vista de Manhattan passear pela extensão da janela. Estava anestesiado de tensão.

– Bom dia, já está liberado? Eu não sabia que estava assim tão ansioso para escapar daí.

Silêncio. Ele sentiu o estômago contrair de puro estresse.

– Meu amor, houve um problema aqui.

– Um problema?

– Um dos grandes, acho que o maior da minha carreira – sentia os nervos esticarem.

– Mas o quê?

– Um erro, uma desatenção no controle das operações de riscos do banco. – Pausa, uma respiração forte dele. – Ainda não sei de quanto estamos falando, mas acredito ser muito.

Silêncio.

– Eu sinto muito, mas não poderemos sair agora, terei que cuidar disso pessoalmente.

– Claro – ela disse compreensiva. – Nossa, nem sei o que falar.

– Terei algumas semanas infernais por aqui.

– Semanas? – Tinha um esforço contido na voz dela para não entregar certa decepção.

- Vou te pedir paciência e compreensão.
- Sim, sim, claro, Mitchell, eu estou do seu lado. Tente não se estressar demais e me ligue quando estiver saindo daí.
- Não sei a que horas vou conseguir sair daqui hoje. – Ele deu uma longa exalação e soltou um murmúrio.
- Isso não importa, eu espero por você e... Posso te ajudar a esquecer por um tempo tudo isso.
- Está bem, meu amor, a linha interna está tocando tenho que desligar.

Uma vez em posse dos relatórios mais detalhados, Mitchell perdeu a capacidade de respirar, quase a de falar e a calma já havia se demitido da empresa há muito.

– Como diabos isso foi acontecer? – Ele fitou nove rostos transfigurados de tensão. – Por que eu não estava a par das mudanças no controle das operações de risco? – Continuou fuzilando os executivos com olhar.

– Creio que foi uma decisão tomada pela diretoria de investimentos, no início do ano – Paul Lambert disse tenso. – No momento da aprovação – olhou o relatório –, pelo que recorde, você esteve incomunicável por alguns dias e...

Mitchell interrompeu e indagou quase sem mover os lábios:

– Quando exatamente?

– Entre os dias 09 e 10 de fevereiro.

Foram os dias em que ele esteve no veleiro com Francesca. Teve certeza de que o telefone arremessado ao mar e a leviandade

dela fora a estupidez mais cara da história.

Paul sacudiu a cabeça.

– Depois desses dois dias sem contato a questão foi esquecida.  
– Fez uma breve pausa. – Temos centenas de alterações deste tipo por semana.

Mitchell queimou um por um com a vontade, como se pudesse incenerá-los com os olhos.

– Isso é apenas parte pequena de uma justificativa de alienação de todo um departamento do banco. – Deu um murro na mesa, alguns executivos deram um pequeno salto diante do estrondo. – Passaram quatro meses desde então, e dia a dia as perdas cresciam substancialmente sem que ninguém notasse? – Mitchell era a expressão de um homem inconformado e enfurecido.

– Talvez pela atenção em cima da alta lucratividade do trimestre paramos de olhar com minúcia as atividades do nosso grupo no mercado – Paul sinalizou pedindo calma. – Talvez por isso tenha passado despercebido.

– Isso não é explicação suficiente para um prejuízo de bilhões de dólares.

– Quatro bilhões – apontou Clark Thompson, diretor chefe de fortunas.

Mitchell virou a sua atenção para um dos homens na mesa.

– Quando eu perguntei a você durante os nossos comitês sobre as operações de Hedegd em Londres, que a imprensa começava a destacar, você me garantiu que os economistas que questionavam os resultados destas operações estavam exagerando – ele condenou o diretor de investimentos Mike Cross com o olhar. – Me

apresentou relatórios semanais em que estas perdas não eram colocadas em evidência. Não como deveriam ser. Me jurou que as operações apesar das ocasionais perdas seriam positivas. – Deu outro murro na mesa – Eu confiei em você. – Outro murro. – Eu declarei para imprensa que eles estavam exagerando. – Mitchell apertou a borda da mesa com tanta força que ela pareceu se moldar como uma massa entre seus dedos: – Como é que eu, em primeiro lugar, e logo depois vocês – olhou para todos, um por um –, que são os meus principais diretores chefes, não percebemos isso antes?

Silêncio.

– Vamos traçar as estratégias a fim de minimizar o impacto destas perdas – continuou controlando a respiração e a vontade de estrangular alguém. Olhou para Henrique Kimberley, diretor de riscos um senhor de meia-idade, cabelo escasso e grisalho e disse: – Você reunirá os melhores gerentes financeiros de risco e de regulamentação e ficarão juntos pelo tempo que for necessário. Faça isso na sala de conferência do 34º andar. Quero todos os documentos e as planilhas financeiras necessárias para o nosso plano de combate.

– Sr. Petrucci – foi Sarah Nigress quem chamou. Ela era diretora de administração de renda fixa –, sobre a divulgação do prejuízo, é mesmo inevitável?

Ele ponderou por um tempo.

– Não temos como esconder do mercado uma soma destas. O que faremos é nos prepararmos antes de divulgar. – Fez outra pensativa pausa. – Cada um que está aqui fornecerá parte da informação. Alguns entrarão em maiores detalhes e outros vão alegar que as perdas não são significativas. – Deu uma risada fria.

– 4 bilhões de dólares é bastante significativo. Mas não se pensarmos em quanto soma o nosso risco geral, que hoje tem uma carteira de US\$ 500 bilhões de ativos seguros e de alta liquidez. Isso será parte do que alegaremos para acalmar os ânimos especulativos. – Ele deu um gole na água que estava à sua frente. – Montaremos também uma equipe de defesa, vou escolher um executivo que possa chefiar esta equipe. Ele será responsável por juntar documentos para responder as diversas investigações que surgirão.

Paul Lambert cruzou os braços sobre a mesa.

– Sobre a regra *volker*, isto complica um pouco a nossa posição de ataque. Talvez você deva parar de criticar publicamente os políticos que defendem a regulamentação mais rígida. Ao menos por um tempo.

– Vamos pensar sobre isso também – Mitchell voltou a atenção para o relatório à sua frente.

# Capítulo 71

Uma semana após Mitchell tomar conhecimento dos erros que contabilizaram a perda financeira, a divulgação oficial do prejuízo de U\$ 4 bilhões de dólares da John Petrucci & Group era notícia em todos os jornais do mundo. Porém, a informação não vinha pautada somente com textos. Muitas destas matérias eram ilustradas com gráficos e planilhas e outras com fotos do CEO do maior banco de investimentos do mundo, metido em uma briga de rua. A imagem de Mitchell Petrucci, o empresário de conduta inequívoca, cuja impecável carreira era um exemplo de sucesso, solidez e confiabilidade, era pela primeira vez colocada verdadeiramente em xeque. – A imprensa está te deixando louca? – Mitchell disse com a voz um pouco tensa.

– Faz quatro dias que as primeiras fotos da briga saíram e hoje é o primeiro dia, desde então, que não tem nenhum repórter na entrada do meu prédio.

– Já é uma melhora.

Francie suspirou.

– Você vai conseguir me ver hoje?

– Não sei, meu amor...

– Estou com saudades – ela disse sem a intenção de fazer joguinho emocional. Era verdade.

– Eu também – ele soou defensivo. – Nos próximos dois fins de semana tenho convenções anuais do banco em estados diferentes.

Silêncio.

Ele quase pôde ouvi-la pedir para ir junto. Mas ela não pediu. Mitchell não a convidou, não teria tempo para dar atenção, ela ficaria entediada no hotel.

– Mitchell – ela disse –, tem algo acontecendo além dos seus problemas aí no grupo?

– Não, meu amor, imagina, eu... eu só estou tão envolvido com essa dinâmica que não consigo pensar em mais nada.

– Já tem cinco dias que não nos vemos e na semana passada só nos vimos duas vezes.

– Eu sei, prometo que tentarei te ver nos próximos dias.

Silêncio.

– Está bem então. É melhor você desligar, deve ter assuntos mais importantes pedindo a sua atenção. – Esse último comentário de Francesca não passaria despercebido para um homem que tivesse em posse de ao menos 1% da sua inteligência emocional. Mitchell provou que não estava.

– Você está certa... Amo você.

Ela desligou sem responder. Se Mitchell fosse mulher, isso seria um sinal "megafônico" de que algo não ia bem. Mas ele era, naquele momento, um empresário, homem com certeza e com zero de inteligência emocional. Estava tragado pelo trabalho.



# Capítulo 72

Nas duas semanas que seguiram o caos na mídia, no Senado, no mundo financeiro, Mitchell enfrentava uma fase em que tudo que o cercava era motivo de questionamento. Tudo parecia errado e fora de lugar. Desde o gosto do café que tomava, até o corte do alfaiate que sempre o vestiu. A cadeira do seu escritório, a decoração sóbria das salas de reunião, a temperatura da climatização interna do prédio da Petrucci & Co; tudo entrava na lista interna "isso parece estar errado". Trabalhava 14 a 16 horas por dia. Enquanto não trabalhava, sentia-se cansado demais para pensar em qualquer outra coisa que não fosse um banho, cuja temperatura nunca parecia ser a ideal e uma cama, cujo colchão parecia estranho.

Nas três semanas que passaram desde que se inteirou do prejuízo do seu banco, ele conseguiu ver Francesca apenas duas noites e isso foi durante a primeira semana.

Nos últimos quinze dias, depois que eclodiram as notícias do prejuízo da Petrucci & Co. Pelo mundo, não tinha tempo e nem disposição para nada além do trabalho. Participou de umas 500 sabatinas da imprensa econômica. Foi solicitado para explicar o prejuízo diante do comitê bancário americano no Senado. Tinha

uma agenda de mais de dez reuniões por dia. Mal tinha tempo de se alimentar e quando conseguia tirar quinze minutos entre uma reunião e outra, somente em uma ou duas destas curtas pausas, sentia-se com cabeça para ligar para Francesca.

Não que ele questionasse a vontade de estar com ela, apenas não parecia certo dispensar atenção a qualquer outra coisa, que não fosse a sua carreira, a saúde da sua empresa. Acreditava que entender isso era uma questão de paciência e parceria que Francesca deveria demonstrar. Não estaria assim para sempre. Era temporário. Entretanto, existia um lado muito pequeno dele que dizia que ela era responsável por toda esta bagunça.

Por quê desta acusação?

Porque desde que Francesca entrou em sua vida não conseguiu se concentrar em nada além do desejo irracional de estar com ela o tempo todo. Mas ele também não tinha tempo para ponderar sobre essa ideia e logo abafava tais suposições. Entretanto, o que ele por certo não trazia à consciência, de forma alguma, era que esse autoimposto distanciamento o deixava mais próximo ao empresário desalmado carnificista, que algum dia ele já foi acusado de ser.

Isso quem percebia com muita clareza eram todos ao redor de Mitchell Petrucci. O tom de voz do presidente passou a ser regulado por três alturas: alto, muito alto e arranca lágrimas de executivas competentes e prostra ombros de executivos experientes. A perfeição era mera obrigação recebida com fria descortesia. Os erros – mesmo os naturais e pequenos – eram crimes condenados com implacável grosseria.

Os obstinados tentáculos da cobrança de perfeição e da exigência da total dedicação se estendiam democráticos da presidência para todos os andares do prédio. No fim de três

semanas, ninguém dentro do grande edifício era capaz de brincar durante o expediente, ou mesmo de sorrir por um comentário descomprometido. Pareciam contagiados pelo mal humor dos infernos que imperava onipotente desde o topo do organograma empresarial.

## Capítulo 73

No início ela tentou não ligar. No início ela empurrou para o fundo da sua mente qualquer questão ou sensação de que aquilo tudo estava errado.

Muito errado.

No início, ela justificava para si mesma que tudo estava bem e que era temporária toda aquela distância, todo aquele descaso. Entretanto, a cada dia que passava, ficava mais difícil acreditar em si mesma.

E isso não era um sintoma só dela. – Não.

Todos a sua volta, que no início também perguntavam a respeito e pareciam tentar ajudá-la a entender, com o passar do tempo, onde haviam respostas estimulantes e compreensivas, passaram a aparecer sorrisos para consolo e indignação disfarçada. Isso se agravava ainda mais diante do sofrimento que ela, à toa, tentava ocultar de si e dos amigos.

Ela afundava na desilusão. Um pouco mais, a cada curto telefonema, a cada buquê recebido com versos de Pablo Neruda. Não porque não gostava mais das flores ou dos versos, mas sim porque antes eles sempre vieram redigidos na firme caligrafia de

Mitchell, e há 26 dias, desde a noite do noivado, os cartões vinham impressos e só assinados por ele.

Ela suspeitava que talvez fosse Eva, a secretária de Mitchell, quem fazia tudo.

Era uma suspeita ridícula?

Não, não era a suspeita de uma mulher carente e neurótica. Afinal, era Eva quem ligava sempre para informar que Mitchell não conseguiria chegar para o jantar. Era Eva quem ligava para dizer que Mitchell havia viajado de última hora e que não ligaria, porque estava muito, muito ocupado. Era Eva quem checava com ela todos os dias se precisava de algo, ou se o motorista poderia levá-la em algum lugar. Era a porra da secretária, com quem ela realmente falava há vinte e cinco dias. Mitchell?

Uma rápida e única ligação diária, como se fosse uma obrigação da agenda que ele tivesse que cumprir. Muitas vezes a ligação era quase impessoal. No início, ela ainda insistia, perguntava se algo estava errado. Perguntava se tinha feito algo. Pedia para se verem quase implorava por algum sinal, alguma demonstração de que estava tudo bem entre eles. – Mitchell negava, negava os pedidos, negava as visitas, negava que existia algo de errado e pedia apoio e paciência. Pedia compreensão e companheirismo. “Não seja egoísta ou você está sendo insensível.” Era o ele dizia para justificar-se. Ela tentou.

Tentou de verdade. Tentou até compreender que a única coisa que Mitchell pedia não era companheirismo ou apoio, e sim distância. Mitchell queria distância.

– Merda! – ouviu Lilly xingar da sala, então a voz abafada de Tom perguntou:

– O quê?

Francesca que acabara de acordar de um cochilo, aproximou-se da porta do quarto e deteve-se quando ouviu a resposta de Lilly.

– O imbecil mandou um estojo da Tiffany, acabou de chegar, olha. – Lilly apontou irritada. – Tem um cartão dentro, tenho certeza de que o desgraçado está justificando a ausência no jantar de hoje, de novo.

– Deixa eu ver – pediu o amigo irritado.

– Ele tinha prometido a ela que hoje viria... huum – bufou Olivia emputecida: – Nem mesmo de ligar esse merda, esse puto é capaz.

– É isso mesmo – confirmou Tom.

– Oh, Deus! – Suspirou Lilly. – Será que ela já não teve o bastante na vida? Porra, Tom.

– Minha opinião? O calhorda amarelou, está querendo pular fora e não sabe como.

Francie abriu a porta do quarto com um movimento abrupto, entrou na sala sem sangue no rosto, perguntou incrédula, tensa, sentindo as panturrilhas amolecerem.

– Ele mandou outra joia?

Lilly fez uma careta de pesar e anuiu.

– Me dá isso – esticou as mãos trêmulas para Tom que ainda segurava o pacote.

Ela apanhou e leu o recado enquanto os amigos a encaravam consternados.

“Meu amor

Surgiram duas reuniões com senadores de última hora,

Não conseguirei ir hoje.

Amanhã nos falamos.

Amo você.

Seu Mitchell”

O bilhete e o pacote deslizaram da sua mão, e ela caiu junto tentando não chorar. Os amigos correram e a abraçaram.

– Meu amor, meu amor – Lilly a consolava –, vai ficar tudo bem.

– Ele nem se deu ao trabalho de escrever. – Francie sentia-se enjoada. – Eu, eu vou tentar falar com ele. Não consigo mais fingir que está tudo bem.

Olivia segurou a mão dela em um gesto de apoio. Tom entregou o celular. Ela discou sentindo o baço ser jogado contra o pulmão em agonia. Discou com os dedos nervosos.

Mitchell, nos últimos vinte dias, quase nunca respondia as suas ligações. Ela ligava, ele não atendia, ela deixava recado, recados. Eva retornava. Ele lembrava ocasionalmente que moravam no mesmo Sistema Solar. A perda financeira do banco de Mitchell também foi a perda da sua educação, a perda da consideração, a perda da memória de que ela era real e de que tinha sentimentos de verdade, de que tinha sangue nas veias, de que era uma mulher apaixonada. Francesca tinha certeza de que tudo estava perdido entre eles. Toque: uma, duas, três vezes e caixa postal. Sentiu o

cérebro torcer. Os olhos doerem, o coração sumir. Olhou para baixo, desligou sem deixar mensagem. Olhou para os amigos que a encaravam entre consternados e irritados.

– Amanhã ele retorna – disse com um falso sorriso, com um falso humor.

A noite foi difícil. Os lençóis que o digam. Eles foram dobrados, enrugados e amassados durante algumas horas; o travesseiro, na mesma medida, sofreu torturas de contorções e afogamento. Francie pegou no sono exausta às três e meia da manhã. Abriu os olhos – 7h50.

Levantou meio atropelada de tensão e sono não vencido. Tropeçou no próprio tênis na beira da cama, mas não caiu. Esfregou os olhos e saiu do quarto. Saiu em busca de tomar a sua dose de cafeína matinal tão, tão necessária. Encontrou Lilly e Tom na sala debruçados no notebook, lívidos. Tom havia dormido no apartamento, ficaram juntos até tarde. Assim que a viram, os dois amigos fecharam o notebook atrapalhando-se com as mãos desajeitadas e sorriram:

– Bom dia – disse Lilly.

– Está melhor, moça mais linda?

Ela se aproximou.

– O que está acontecendo?

– O quê? Nada – disse Olivia com uma casualidade forçada.

– Nada – Tom disfarçou.

– Vocês são patéticos tentando mentir. – Aproximou-se do computador: – O que tinha aí?



– Francie, meu amor... – Lilly disse.

Francesca fechou os olhos.

– Ah, não... ferrou! Você só me chama assim quando a coisa é séria. – Respirou com força: – Deixa eu ver.

Foi Tom quem abriu o notebook.

– Eu vou ajudar você a matá-lo.

Olivia passava as mãos insistentes em suas costas, confortando-a, e ela? Já tremia de expectativa e raiva antecipadas. Assim que a tela acendeu e a notícia despontou aberta, ela teve três reações:

Tudo se turvou, ela se curvou e os amigos a seguraram.

Ela saiu sem dizer nada enfiou um chinelo de dedo, pegou a chave do carro e se dirigiu para a porta.

– Vamos, Tom! – disse entre os dentes.

– Aonde?

– Matá-lo. Você não vem? – Isso ela já perguntou com a mão na maçaneta.

Os dois amigos correram e a detiveram.

Francie esperneou, chutou e debateu-se para que a soltassem.

Então, depois de alguns minutos de luta, onde Olivia gritava a fim de acalmá-la e Tom, que era enorme, a segurava, ela soltou o corpo, Tom a largou. Francie se embrulhou como uma rosquinha no chão e chorou. Os amigos a confortaram por quase uma hora seguida. Após sumirem os tremores e os soluços, ela levantou, caminhou com uma falsa tranquilidade até um dos vasos arranjados com as flores enviadas por ele. – Por ele? – Não. Pela Eva, no dia

anterior, e arremessou-o contra a porta da entrada. Olivia se sobressaltou e Tom arregalou os olhos. Ela entrou no quarto e enfiou uma blusa por cima do pijama, parou enfurecida no meio da sala e disse:

– Vou resolver tudo. Ele vai me receber, nem que eu tenha que quebrar metade daquele prédio.

Tom se aproximou.

– Você quer dar o troco a altura? – Ela engoliu o choro e concordou.

– Quer matá-lo, não é? – Tom abraçou os ombros dela.

– Mais ou menos.

– Vá vestida para matar e não como um espantalho psicopata... deixe eu te ajudar.

– Eu não tenho cabeça para nada. Neste momento, queria enterrar uma faca da cozinha no coração dele. – Gesticulou com a mão a cena de *Psicose*. – Vestida como uma psicopata e não me arrumar.

Tom sorriu complacente e Olivia franziu o cenho.

– Ele tem razão, meu amor... Dê uma cena para ele saber a mulher que perdeu e não para dar graças a Deus por você ter rompido o compromisso.

Francie apenas suspirou devagar, Tom apertou as mãos dela.

– O que você vai fazer é usar toda a sua capacidade artística.

– Entre lá magnificamente vestida e maquiada e fale tudo o que você tem vontade de dizer, mas sem alterar o seu timbre de voz – essa sugestão foi de Olivia.

Francesca olhou para baixo, perdida.

– Minha linda – disse Tom –, você vai dizer tudo o que quer vomitar na cara dele, mas mantendo uma elegante impostação vocal... Pode até matá-lo depois.

– Não sei se consigo.

– Consegue e vai, nós dois mataremos. – Lilly fez uma pausa e sorriu. – O trabalho hoje... – Olivia olhou para Tom que consentiu – Te esperaremos na saída do prédio.

Tom olhou ao redor da sala.

– Você ainda tem todos os cartões que a secretária dele digitou?

– Sim.

– Ótimo, pegue todos, você vai devolvê-los.

– E as joias também – Francesca disse.

– Não – Lilly gritou –, não seja ridícula.

Francesca estalou uma gargalhada movida por pura histeria nervosa.

– Você teria coragem de filmar tudo e colocar no “Youtube” depois? – Tom ergueu as sobrancelhas em um gesto sugestivo.

Olivia bufou.

– Não exagere, Tom. Vamos te arrumar.

– Eu maquio você, meu bem – Tom propôs com a voz de um profissional afetado.

– Vocês dois são tão gays às vezes. – Eles sorriram. – Eu amo tanto vocês – ela disse abraçando-os.

Ao saírem da sala, o notebook ainda ligado, mostrava o motivo de todo o caos matinal:

“O empresário Mitchell Petrucci, após enfrentar uma fase difícil à frente de seu império, volta a aparecer no cenário noturno em Nova York.”

Abaixo do título, uma foto de Mitchell e de uma mulher, sentados em um restaurante. Ele sorria olhando-a.

A legenda da foto explicava:

“Foto tirada ontem no Le Bulle, Mitchell acompanhado da jornalista econômica: Dianne Langdon. A bela jornalista foi um dos famosos casos amorosos do empresário, no ano passado.”

Três horas depois, uma loira exuberante e chamativa cruzava o amplo o saguão de entrada no prédio da JPG. Ela ia com um vestido preto tomara que caia justo um pouco acima dos joelhos, camisa de seda bege aberta, altos saltos que combinavam com óculos escuros e uma pasta de couro. Os cachos largos soltos balançavam conforme ela andava elegante até a fileira de doze elevadores. A jovem ia tão concentrada em seus próprios pensamentos que nem sequer reparou na dezena de pescoços masculinos quase quebrados, enquanto ela se dirigia à luxuosa recepção da presidência.

– Bom dia, Eva – ela disse erguendo os óculos escuros.

Gloss vermelho, delineador preto, iluminador, blush e um quilo de base e corretivo faziam milagres, mesmo após uma manhã no campo de guerra.

– Bom dia, Francesca – disse a discreta mulher, trajada de azul-marinho. Os cabelos negros, estavam sempre arranjados em um coque. O redondo do seu rosto e os olhos profundos atrás dos charmosos óculos de grau exibiram uma expressão tranquila e confiante.

– O senhor Petrucci pode me receber?

– Eu creio que ele está...

– Em reunião. – Ela deu um sorriso simpático, apontou os dois dedos indicadores para frente.

– Sim, creio que sim. – A mulher pareceu mais descontraída. – Eu poderia avisar que senhorita está aqui, mas... Ele foi muito enfático ao instruir que não queria ser interrompido. Entretanto, se tiver algo que possa fazer pela senhorita.

– Hoje teremos Pablo Neruda outra vez? – Os olhos de Eva abriram um pouco maiores enquanto ruborizava sem graça. – Nós duas sabemos que está apenas cumprindo ordens, não é mesmo?

Ela consentiu constrangida em silêncio.

– Eva, eu sei que as chances de você me ajudar são mínimas, já que é famosa aqui pela sua fidelidade ao meu... meu o quê? – levou os dedos ao queixo pensativa. – Meu noivo?

– Acredito que sim, senhorita – disse uma secretária cada vez mais sem graça.

– Você sabia que o meu noivo cancelou o nosso jantar ontem? – Ela estalou a língua. – Claro que sabia, foi você quem digitou a educada mensagem. Mas o que eu acho que você não sabe é que ele fez isso para jantar em um lugar público, com uma ex-amante.

Os olhos da mulher abriram-se enormes. Francesca apoiou as mãos na mesa.

– Existe coisa mais humilhante do que estar há vinte dias sem ver o próprio noivo e descobrir uma traição por meio da mídia?

– Eu sinto muito, senhorita, mas creio que deveria ouvi-lo antes de tirar as suas próprias conclusões.

– Eu adoraria ouvi-lo, mas a verdade, Eva, é que nos últimos vinte e cinco dias eu mal troco vinte e cinco palavras diárias com ele. – Deu de ombros. – Ele não tem tempo para nada. – Ela suspirou, olhou-a em silêncio por um tempo e disse: – Eu te peço, como mulher, deixe-me falar com ele a sós. Senão, peço um favor como uma mãe faria por uma filha. – Então os olhos se encheram de lágrimas involuntárias. – Eu não farei nenhum escândalo, eu prometo, eu só preciso falar com ele. Antes que isso acabe comigo. – Fechou os olhos sentindo as lágrimas rolarem. – Por favor. – Francie abriu os olhos e encontrou uma comovida Eva. A secretária, com muita eficácia, puxou uma caixa de lenços da gaveta e ofereceu a ela.

– Obrigada.

– Você não deve estar borrada quando entrar naquela sala. – Apontou para a porta da entrada da sala de Mitchell.

Francesca apenas suspirou aliviada e Eva guardou a caixa de lenços.

– Ele concluirá uma reunião em cerca de meia hora. Então, terá um intervalo de vinte minutos, até o início do próximo compromisso. Geralmente ele fica as sós na sala nestes intervalos. – A secretária olhou para câmara de segurança e disse com a voz mais baixa: – A senhorita sairá daqui e deve descer em qualquer

andar. Entre em algum banheiro feminino e espere por trinta minutos. Quando passar por aqui, eu não estarei na minha mesa e você poderá entrar na sala. Eu direi que havia ido ao toalete e que não a vi entrar. Só confirme a minha história, por favor.

– É claro que sim... E obrigada, Eva. – Os olhos de Francesca alagaram outra vez.

– Não chore, senhorita... Entre lá segura e linda e... – Abaixou o tom de voz outra vez: – Fale tudo o que ele merece ouvir. – Deu uma piscadela. – Eu aviso que a senhorita passou por aqui – isso ela falou em voz alta e clara.

– Obrigada, Eva, adeus.

## Capítulo 74

Ele estava sentado na sua mesa. A cabeça ia baixa, analisava alguns documentos. Mitchell vestia um terno preto risca de giz de corte impecável, camisa branca e gravata cinza. Ao olhá-lo, Francesca concluiu que se as roupas de alfaiataria pudessem escolher um homem ao qual vestir, era certo que entrariam em guerra para cobri-lo.

Era um desgraçado lindo de morrer. Entretanto, diante de toda decepção, desilusão e raiva que ela sentia, ele perdeu o encanto. Olhou-o novamente – quase todo o encanto – concluiu sendo sincera:

“O problema é que ela achou que estava naquela cena final do filme *Advogado do Diabo* e Mitchell era o Al Pacino, em toda a sua horrorosa ostentação infernal.”

Esfriou.

Tão parecido com aqueles monstros, no jantar na casa de Silvia Petrucci, afastou-se de toda a emoção. Soube que conseguira dizer tudo o que queria:

– Urr, urrrh – ela aclarou a garganta para chamar a atenção.



Ele levantou o olhar e a encontrou. Franziu o cenho e abriu a boca um pouco. Encarou-a e – então olhou a porta. Parecia indagar internamente “como?”. Ela poupou-lhe o esforço da pergunta.

– Eva não estava aí na frente. – Apontou com a cabeça em direção à recepção. – Eu arrisquei.

Ele deu um sorriso radiante. “Bastardo, canalha lindo de morrer.” Tirou os óculos e apoiou-os sobre a mesa. Levantou e abriu os braços:

– Meu amor, que surpresa, que saudades, venha aqui...Você está deslumbrante.

Ela o odiou dez vezes mais pela recepção cínica. Sorriu com o mesmo cinismo.

– Você está meio – analisou-o com determinada calma, enrugou o nariz como se sentisse um cheiro desagradável e disse: – Nossa, Mitchell, o que fizeram com você? Você está péssimo, parece que saiu do inferno.

Ele fez um breve e atônito silêncio.

– É estive lá algumas vezes estas semanas – respondeu ainda impactado.

– Sente-se. – Ela abanou as mãos no ar. – Não vou tomar muito do seu tempo, *Tic tac, tic tac* tão, tão valioso.

– O quê? – Mitchell piscou fundo como se atingido por um murro.

– Você pode se sentar e apenas me ouvir, por favor? – O que ela detectou na expressão dele? No início uma fria surpresa, então, uma autêntica confusão.

– Eu vim te dizer algumas coisas, peço apenas que me escute até eu terminar. Você acha que consegue fazer isso? – Ela ergueu as sobrancelhas. Mitchell consentiu em silêncio. Ela caminhou decidida, parou à frente da mesa e disse:

– Um. – Levantou o dedo sinalizando o número bem alto:

– Eu não sou mulher de migalhas, achei que tinha deixado isto muito, muito claro no início. Mas creio que você não entendeu.

– O que significa...

– Tenha a decência e me deixa falar... por favor.

Ele bufou aceitando.

– Dois. – Francesca ergueu o número sacudindo os dedos: – Eu não namoro ou me caso com secretárias, por melhores que elas sejam. Três, eu nunca, nunca, nunca aceitaria ser confinada em uma casa milionária, cercada de empregados e tendo que me contentar em saber dos casos amorosos do meu marido pela mídia... Por mais que você deseje, eu não vou ser a mulher que você transformará no reflexo triste da sua mãe.

Mitchell começou a respirar mais pesado e Francesca olhou dentro da pasta.

– Quatro, eu trouxe algumas coisas para te devolver. – Ela puxou um bolo de cartões e jogou-os no tampo da mesa. – São os versos de Pablo Neruda, que a sua secretária me escreveu. Você me disse que nunca usaria as palavras de maneira fútil, e eu? Nunca achei que os versos de um poeta tão genial pudessem parecer tão vulgares e banais como nesses últimos vinte dias.

Mitchell olhou-a com com súplica estampada, uma veia saltada pulsando no pescoço.

– Francesca, meu amor...

– Cinco, cala a boca e nunca mais me chame de meu amor. Seis – agitou os dedos irritados com o número –, em poucos dias, você receberá uma ligação do meu advogado para que se mantenha longe de mim e para nunca mais citar o meu nome em público. Entrecerrou as pálpebras. – Aprendi com você maneiras pouco ortodoxas de resolver os assuntos.

Ele arregalou os olhos e empalideceu. Francie não alterava o timbre de voz, em nenhuma palavra que dizia.

– Sete, não perca o seu tempo tentando justificar o injustificável. Você sumiu durante mais de vinte dias porque quis e essa é única razão verdadeira. Nós dois sabemos disso. Não tente me convencer de que você não dormia, não comia, não tomava banho, não se vestia e não nada. Nós sabemos que, se você quisesse, eu teria ido te encontrar às três, às quatro, às cinco, às dez, às vinte ou trinta... Em qualquer porra de hora do dia. – Abriu as duas mãos na frente do peito e pediu: – Nem tente me explicar o ridículo dessa situação.

Mitchell ofegava e passava as mãos no cabelo repetidas vezes.

– Francesca, eu quero fala...

– Oito. Eu não quero ouvir mais nada de você, seu tempo acabou, e parabéns, Mitchell, você conseguiu me provar que é mesmo o filho da puta que todo mundo tem certeza de que é e somente eu não enxergava. Nove – colocou a mão dentro da pasta retirou a caixa da Tiffany ainda fechada que ele havia enviado na noite anterior. Arremessou-a com força contra o peito dele –, caso você não saiba o que é isso, porque acho que foi a Eva quem comprou... Essa é joia que me enviou ontem, para me comprar pelo

seu furo e assim poder ir jantar em paz com a sua amante jornalista.

Mitchell negou com a cabeça, ela ergueu o queixo.

– Olhe – Francesca jogou a foto impressa na cara dele –, senhor canalha Petrucci, os senadores viraram uma bela jornalista, que por acaso já foi sua amante. Ela girou o corpo e começou a se afastar.

– Eu não estava a sós com ela, o encontro com os senadores foi antes – Francesca parou de costas para ele e Mitchell insistiu:

– Olhe para a foto, Richard da assessoria possivelmente tinha ido ao banheiro quando a foto foi tirada. – Ela permaneceu imóvel.  
– Olhe a merda da foto, Francesca, tem um lugar a mais à mesa que estava ocupado e claramente visível.

Ela girou sobre calcanhares, avançou rápida até ele, agarrou a foto e olhou com atenção. Pode ver o terceiro lugar disposto, taça de vinho meio cheia, guardanapo em cima da mesa e um paletó masculino sobre o encosto da cadeira vazia. Olhou para Mitchell, que vestia o terno completo. Suspirou com alívio instintivo. Mas a verdade é que isso não alterava o abandono, não alterava o descaso, não alterava quase nada.

– Isso não muda muita coisa.

– Ela é uma das repórteres econômicas mais influentes dos Estados Unidos, foi à porra de um jantar de negócios e esse distanciamento “temporário” entre nós dois – Mitchell segurava o tampo da mesa com força – foi necessário para que eu pudesse me concentrar no trabalh...

– Chega!

– Você está jogando fora uma vida por causa de vinte poucos dias?

– Até quando o distanciamento seria temporário? Até aparecer a próxima crise? Um ano? Seis meses? Uma porra de vez a cada oito meses? – Ela fechou os olhos e balançou a cabeça, voltou a encará-lo.

– Mitchell, quando eu sair desta sala, se você tem um pingão de respeito por qualquer ser humano, faça o enorme favor de se colocar no meu lugar, faça isso com honestidade por cinco minutos, se você for capaz... Então, talvez perceba uma fração do quanto me machucou. Eu tenho certeza de que você terá a decência de nunca mais me procurar – respirou fundo e disse: – E tudo isso por um dinheiro nada necessário, por uma carreira escolhida pela vingança. Tudo isso por coisas que de verdade? – Ela olhou ao redor. – O que é de verdade aqui dentro?

– Francesca, por favor... por favor...

Ela cruzou a porta do escritório sem olhar para trás.

Mergulhou no vazio, no enorme e ferrado vazio da maior e mais amarga desilusão da sua vida. Deu dois passos à frente. A porta fechou nas suas costas e tudo escureceu. O sol foi chutado para fora da galáxia. Escuro, ficou tudo muito escuro. Ela se segurou na borda da mesa de Eva, que levantou em um pulo.

– A senhorita está bem? Sente-se – a voz da mulher soou nervosa.

Francie respirou fundo algumas vezes e retomou o equilíbrio. Uma única luz brilhava, cintilava e gritava. Olhou para a própria mão em cima da mesa. Notou o gigantesco diamante rosa do anel de noivado estampando o seu dedo. Havia esquecido por completo

dele. Retirou rápida como se o anel fosse quente como o sol e entregou para Eva.

– Eu estou bem, obrigada. Você pode devolver para ele Eva, por favor? Eu – gaguejou. – Eu... eu preciso sair daqui.

A mulher balançou a cabeça e pegou o anel que Francesca estendia.

## Capítulo 75

Eva deu as duas usuais batidinhas na porta e entrou. Encontrou Mitchell com a cabeça enterrada nas mãos.

– Senhor Petrucci – ela chamou gentil e tomou um susto com a expressão caótica com a qual se deparou: sem cor, o homem estava sem um pingo de sangue no rosto respirou fundo e disse: – A senhorita Wiggs pediu que eu entregasse isso. – Aproximou-se devagar e colocou o anel sobre a mesa.

Era o golpe final de Francesca. A secretária devolvendo o anel de noivado.

“Bruxa fria!!!” – exalou com brutalidade. Que absurdo ridículo. Ele sabia que nem isso poderia fazer, odiá-la. Não, ele era o único culpado. Era isto, ele estragou tudo. O ar. Havia algo de estragado com ar, estava quente, travava na garganta, era áspero no peito.

Ele a perdeu.

– Obrigado, Eva – Mitchell respondeu e a secretária se movimentou para sair. – Eva? – Ele a deteve. – Por favor, cancele todos os meus compromissos de hoje eu, eu vou para casa.

Mitchell percebeu o que já sabia – ele cavou a própria sepultura. Ele mesmo escolheu que isso acontecesse e ela tinha

toda a razão, para nunca mais querer vê-lo. Entretanto, foi só diante do vislumbre da cova aberta que se deparou com o inevitável medo da morte. Só diante da sepultura cavada com próprias mãos, é que entendeu que não queria a ter cavado.

Os dias sem ela tinham sido o mais próximo do inferno que ele tinha estado. Não apenas porque o grupo passou por uma crise administrativa, mas principalmente porque, sem a presença de Francesca, ele voltou a ser o cínico, frio e obcecado que todos odiavam e que ele também odiava. Infelizmente, só se deu conta naquele exato momento que o medo de perder o que ele aprendeu a ser nos últimos vinte anos é que o levou a cavar sete palmos abaixo do chão e perder talvez a vida.

O que ele fez com a vida todos esses anos?

Enterrou-se dentro daquele escritório. – Olhou ao redor. – Sete palmos abaixo, dia a dia dentro daquele lugar. Quase vinte anos de vida soterrados. Quase vinte anos trabalhando obsessivamente e fingindo não se importar com nada além daquilo. Daquilo? Francesca tinha razão, o que era de verdade ali? O que era aquilo? Ele mesmo parecia uma mentira, uma invenção sustentada em cima da vingança que nunca existiu. O que ele se tornou? Quem ele era?

Cinzas e chamas.

Assim era como ele se sentia. Queimando vivo.

Ele a perdeu... Fogo nos pés, nas pernas.

Ele escolheu isso, brasas no estômago, nos braços.

Ele procurou e agiu nos últimos vinte dias. Fogueira, chama na cabeça nos olhos, na boca. Enganou-se acreditando que ela voltaria



quando a chamasse. Tinha certeza disso. Nem pensou muito no assunto. Ele derretia no fogo. Queimava na culpa por suas escolhas.

Quem ele havia se tornado? O que realmente ele fez com a vida?

Naquela manhã, Francesca o condenou com olhar. E ele não conseguiu contestá-la. Não pôde. Não conseguia respirar.

Começou a se embriagar no carro. Era deprimente beber sozinho, isolado do motorista por um vidro. Parecia o fim da linha largar o trabalho para beber. Entretanto, o que mais podia fazer? A cada minuto que passava desde que Francesca deixou a sua sala, o entendimento de uma vida inteira, abatia-se sobre ele. Respirou fundo e matou a dose do uísque em um trago só. Devia ser condenado mais uma vez por matar um Dalmore 50 anos em sorvo apenas, como se tratasse de uma tequila barata.

– Foda-se – murmurou e serviu outra dose. Continuou bebendo na esperança de conseguir empurrar os malditos pensamentos para longe.

Impossível!

Tudo estava desnudado no interior de sua barulhenta mente. Tudo estava exposto no silêncio do veículo. A angústia impactava o estômago levando um gosto ruim. Entendeu tudo. Entendeu que sempre justificou o seu comportamento como parte de uma vingança pelos erros de um pai controlador. Um homem que negou a ele o direito da escolha. Pelos erros de uma mãe negligente. Uma mulher que negou o apoio e, por fim, pelas faltas de uma irmã. Uma jovem que o abandonou.

Mas na culpa que ele engolia, no carro que ele afundava e no uísque que precisava, ele tomou tudo o que tinha feito na vida.

Uma dose larga de canalhices engarrafadas pela vingança. Isso era uma excelente justificativa. Então, condenou o seu pai, depois a sua mãe, depois a sua irmã e condenou-se três vezes.

Quem ele era?!

Ele era a cópia incrementada da figura que mais rejeitou na vida.

Francesca foi quem o desafiou a enxergar o que as suas escolhas criaram. A única mulher que ele amou. A única verdade.

O que ele tinha feito da vida até aquele momento? Passou a mão no rosto, um movimento de inconformidade e arrependimento. Há mais de um ano ele quase morreu, nasceu de novo, um caso mal explicado pela Medicina. Os médicos não entendiam como alguém podia sair quase ileso de um coma prolongado.

O que ele tinha feito da vida que justificasse isso?

Nada.

Isso era a sua vida.

Quantas vezes as pessoas disseram que ele era o retrato do pai?

Ele ria ironicamente desfazendo-se do ridículo da comparação. Elas tinham razão. Ele fudeu com tudo de bom que já tinha acontecido. Fechou os olhos e viu o rosto de Francesca – sentiu as chamas queimarem todo o seu corpo.

## Capítulo 76

... A verdade é que nunca se sabe quando a vida mudará por completo, acordamos pela manhã, tomamos o café...

– Que ironia – Francesca bufou olhando a tela do notebook. O prólogo do seu novo livro parecia prever o seu futuro próximo. Fazia duas horas desde que chegou do encontro com o seu recém ex-noivo. Os telefonemas começaram há pouco.

*Kriii, Kriii, Kriiii* – tocou o grilo falante. Ela olhou no visor a foto de Mitchell acesa.

– Inacreditável – reclamou em voz alta. Não atendeu.

Silêncio. Teclou uma, duas palavras e *Kri, Kri, Kri*. – Colocou no mudo. Levou as mãos aos olhos, fez uma negação com a cabeça.

Lilly saiu da cozinha com recém-feitos *cupcakes* na mão.

– O que foi?

– Mitchell está me ligando. Acho que lembrou do meu número.

– Dá o telefone.

Francesca olhou para visor.

– Parou.

Quinze ligações rejeitadas mais tarde, Olivia arrancou o celular da mão dela e discou.

– O que você está fazendo?

– Você vai ver.

Pouco depois, Lilly dizia no aparelho.

– Oi, você ligou para Francesca, aqui é Olivia, amiga dela. Francie está muito ocupada se recuperando do encontro com o maior canalha que já cruzou a vida dela. – Breve pausa. Francesca, que apenas olhava a amiga com a boca um pouco entreaberta, ouviu a continuação: – Se você é ele, favor sumir de vez, ela não vai mais te atender. – Outra breve pausa. – Se você é ele, ande com cinco seguranças e um colete à prova de bala, porque isso é o mínimo que vai precisar caso cruze o meu caminho em qualquer lugar deste planeta. – Desligou.

– Obrigada por deixar eu fazer isso – Olivia disse erguida de satisfação.

– Você meio que fez sem me pedir. – Francesca soluçou, olhou para baixo. – Está doendo mais do que acho que sou capaz de suportar.

– Eu sei, meu amor – confortou-a uma amiga dedicada e carinhosa. Abraçou-a. – Estamos juntas, eu estou aqui com você...

Francesca desabou em soluços e lágrimas.

– Quantas vezes mais eu terei que passar por merdas como essa?

– Nenhuma, meu amor, nenhuma. – Lilly esfregava as costas dela, como se pudesse através das mãos absorver parte da dor da amiga.

– Por quê, Lilly? Essa espera. Eu mal me dei conta de como isso me feriu até agora...

– Eu sei, meu amor. – Olivia começou a chorar cúmplice.

O telefone tocou outra vez e depois mais uma. As amigas ainda iam abraçadas.

– Eu não posso atender – a voz de Francesca saiu cortada.

– É claro que não, você está certa.

Soluços, suspiros, soluços.

– Por que dói tanto? – Ela convulsionava o choro mais sentido da vida. Era como se arrancassem tudo de dentro. Sentia até uma dor física. Quando ela ouvia em filmes ou músicas a expressão “meu coração dói”, ela sempre achou que era uma linguagem figurativa, exagerada. Mas não era. O coração dela doía de verdade e isso só as lágrimas eram capazes de explicar.

– Por que dói... Eu não sei por quê, minha amiga, apenas chore, coloque tudo para fora, meu anjo.

Tempos depois, quando o choro não fazia mais barulho, quando as lágrimas tornaram-se silenciosas, Francesca, que estava com a cabeça apoiada no colo de Olivia, falou pela primeira vez em um par de horas:

– Daqui uns meses acho que vou morar por uns tempos em Taormina.

– Sozinha?

– Lá eu nunca estou sozinha de verdade.

Olivia suspirou e um longo silêncio se estendeu.

– Eu posso antecipar minhas férias e ir com você e quem sabe sua mãe também não pode ir com a gente.

– É isso – exalou o ar e levantou o corpo devagar. – Vou ligar para ela.

Um pequeno e charmoso apartamento no Soho foi testemunha de uma tensão que parecia não chegar ao fim. Durante dias, o silêncio era cortado pelo som dos soluços. A decoração foi modificada, no lugar das flores recebidas, caixas de lenço de papel espalhadas pelos cantos e um estoque generoso de chocolate. Mitchell não ligou mais. Dia a dia, ela retomava um pedaço da sua vida. Voltou as aulas de ioga, voltou a dançar, voltou a escrever e a correr todas as manhãs no Central Park, voltava a chorar cada dia um pouco menos. Ela mensurava os dias, pelo número de vezes que tinha chorado e assim, lenta, gradualmente, esse número que batia recordes no início, secava.

# Capítulo 77

Dezenove noites sem Mitchell. Outra manhã ensolarada. Mais uma manhã em que ela não acordou chorando, era a terceira consecutiva.

07h40 – O relógio mostrou.

Levantou e se vestiu para sua corrida habitual. Comeu uma maçã, tomou um copo de água e uma xícara de café.

Há quinze dias ela voltou a correr no Central Park. Tinha como hábito fazer a mesma trilha, todos os dias. Sempre foi um pouco metódica com algumas coisas. Essa era a trilha que ela fazia há anos. A segura e conhecida. Fazer o quê? Quando tudo parece ruir, a necessidade de agarrar hábitos, pessoas e lugares parece aumentar.

O céu azul não tinha uma única nuvem se exercitando. Ela se alongou e começou a andar. Cedo, o Central Park era quase silencioso, quem estava lá a essa hora, geralmente estava, ao contrário das nuvens, se exercitando. Havia poucos turistas. Andou os primeiros cem metros aumentando o ritmo da passada. Já ia acelerar, a fim de iniciar uma corrida, quando algo fora do cenário conhecido reteve a sua atenção.

Era um quadro, colocado em um cavalete no canteiro. Não viu ninguém. Acreditou se tratar de alguma exposição de artes. Estranho, não leu nada na agenda cultural sobre isso. Parou de frente queria analisar com mais atenção.

Era o retrato de uma pintora impressionista. Cabelos presos em um coque solto, vestido do século XIX – ela pintava em um *atelier*. Era uma coincidência, lembrou-se do primeiro capítulo do seu livro. Procurou o nome do artista. Não encontrou. No canto da pintura feita em aquarela e lápis de cor, a data – Mar. 2011.

Então, na borda do cavalete, leu o que acreditou ser o título da obra – a pintora impressionista.

Respirou para o quadro mais uma vez e continuou o seu percurso. Entrou em uma corrida controlada, foi parada por outro cavalete, uma nova pintura.

Era um cenário de guerra, um homem caminhando com uma menina nos braços. Franziu o cenho – ao redor – ninguém. Analisou o quadro outra vez. O homem do retrato parecia um rabino, no holocausto? – Tocou a tela, como se precisasse comprovar que era real. Sacudiu a cabeça. Data da pintura – Abr. 2011.

Outra coincidência, o seu livro não havia sido lançado. *O Holocausto* era o título da obra sem autoria. Notou que uns cem metros a frente havia mais um cavalete.

“Essa estranha sensação é uma loucura” – convenceu-se.

Mesmo assim, foi correndo até alcançar o novo quadro.

– Que loucura achar que – parou. A pele do corpo ficou em pé, culpa de uma noviça cuidando de um ferido, em um convento na Idade Média. Torceu o pescoço, procurou por todos os lados



qualquer coisa, ofegante e nervosa. Não havia nada além das pessoas se exercitando. Era um dia normal.

Abr. 2011. *A Noviça* – era o nome da pintura.

O estômago contraiu, as mãos escorreram como tinta.

Deus, o que acontecia?

Piscou fundo. Ela só lançou o livro em julho de 2011.

Mesmo convencida da tamanha coincidência, ela queria mais, queria entender. Foi correndo sem ponderação. Foi com o peito em uma tela em branco, o coração já estava na frente do outro quadro. Parou. Abriu o maior sorriso abismado. Era um pianista, possivelmente cego, pois tocava de olhos fechados, enquanto uma bailarina dançava na frente dele. O folêgo faltava pela corrida e por tudo aquilo.

Maio de 2011 – este era o primeiro óleo e era absolutamente fabuloso.

Isso estava mesmo acontecendo?

Alguém deu vida ao seu livro antes dele ser lançado. Antes? Meses antes.

Correu esbaforida, sentindo-se no limite da realidade. O seu mundo reduziu-se aos passos contra o chão, ao caminho da curta respiração no tórax, ao coração desmiolado em batidas fortes e a quadros expostos no meio do Central Park. Pouco a frente viu dois quadros. Estacou confusa, atordoada, oprimida por tantas sensações que já não pensava mais.

Um fundo escuro, pinceladas curtas.

– Meu Deus – levou as mãos muito instáveis até a boca, enquanto era invadida por lágrimas, muitas delas. A tela dava vida a um senhor que aparecia de costas sentado em uma escrivaninha. Viu a janela à sua frente que exibia videiras. No tampo da mesa diversas folhas de papel empilhadas, enquanto as mãos enrugadas seguravam uma única. Junto ao monte de folhas, uma caixa de madeira vazia. Correu os olhos ansiosos até comprovar – junho de 2011 – *O Grande Padrinho*, era o nome de batismo do quadro anônimo. Reprimiu um gemido com a mão firme sobre a boca. Algumas pessoas curiosas ao seu lado também olhavam os quadros, até que...

– Ei, é você neste aqui – hipnotizada e com a mente tragada no vazio, ela desviou a atenção do quadro para o jovem parado ao seu lado. Depois do jovem, para o outro retrato que ele apontava.

Sentiu tudo e nada, nada que pudesse explicar o tudo que sentia. Era mesmo ela, retratada com tamanha intensidade que um frio subiu a sua espinha e trouxe as vísceras para o tórax. Vermelho em tons aquarelados. Outubro de 2011 era o dia do nascimento dela naquele retrato.

– Não é você? – insistiu ainda o jovem.

– Acho que sim. – A voz ia sumida, tinha acabado de encontrar o título da obra: *Ela me Ensinou a Amar*.

Lágrimas desenhavam em total abundância o seu rosto e podiam aquarelar o planeta. Ela sentiu um toque no ombro. Alguém vindo por trás. Fechou os olhos e ouviu:

– Senhorita Wiggs, tem uma encomenda para você no restaurante do lago – era a voz de uma mulher.

– Onde ele está? – Estava ainda com os olhos fechados, quando toda a compreensão do que acontecia foi traduzida.

– Quem, senhorita?

– Ninguém – ela sacudiu a cabeça e respondeu com um sorriso trêmulo, nervoso, reflexo de toda a desestrutura dos seus músculos.

– Posso acompanhá-la até o restaurante?

Francesca então encarou a senhora à sua frente: rosto redondo, cabelos grisalhos. Ela passava confiança.

– Quem é a senhora? – Os lábios continuavam a sorrir com tremura e as lágrimas continuavam aquarelando. Já eram fiéis na tela dos olhos, do rosto, do planeta.

– Apenas alguém que pode te acompanhar até o restaurante.

– Eu... – Francie gaguejou. – Eu não sei se posso.

Silêncio.

– Tem certeza? O restaurante está apenas alguns metros daqui.

Uma pensativa pausa.

– Eu não sei...

– Se eu fosse a senhorita – disse com toda a certeza branda de uma avó –, não deixaria de ir.

Ela respirou o pouco de ar que conseguia.

– Está bem, acho que depois de tudo isso, não vou mais conseguir correr de qualquer maneira. – Já não conseguia respirar, nem pensar, nem falar, quem dirá sair de lá sem entender aonde levaria aquilo.

Quando entraram, o restaurante ainda estava fechado aos demais clientes. Ela notou a movimentação dos garçons preparando tudo para a abertura ao público. Notou também uma única mesa já arrumada, colocada na varanda junto ao lago. O maître veio recebê-la e a sua desconhecida acompanhante se despediu.

– Foi um prazer, senhorita Wiggs.

– Ele virá até aqui?

– Acho que você já sabe a resposta.

– Posso acompanhá-la até a mesa? – o maître indagou.

Ela entreolhou a mesa e a porta da saída, o homem insistiu:

– Lá a senhorita poderá abrir isto daqui. – Só então Francie reparou na caixa de madeira que ele segurava. O seu estômago tomou um choque, as ondas elétricas foram ao encontro do coração. Ela concordou.

Como poderia ir embora?

Sentou-se. A manhã tinha uma temperatura amena. Alguns casais passeavam nos barcos sobre o lago. Observou o contraste magnífico do paredão de prédios à frente contra a paisagem do Central Park.

– Está aqui, senhorita – o maître colocou a caixa sobre a mesa.

– Obrigada!

Quando esteve a sós, ela respirou fundo algumas vezes e abriu. Havia dois envelopes numerados. Envelope 1 e Envelope 2. Pegou o primeiro e rasgou com cuidado. Os dedos estavam trêmulos. Retirou a carta de dentro. Era a firme caligrafia de Mitchell.

“Francesca,

Eu não posso pedir que me perdoe por minhas faltas no nosso último mês juntos. Eu tive um comportamento imperdoável. A verdade é que eu me perdi. Não do amor que sinto, mas comigo mesmo. Em algum momento, eu me perdi entre quem eu sou e quem eu aprendi e acreditei ser nos últimos vinte anos de minha vida.

Essa é a trigésima carta que eu escrevo e jurei depois de ter rasgado as vinte e nove anteriores, que a terminaria. Foi tão difícil porque a diferença entre errar e acertar as palavras destas linhas significam a diferença entre ter uma vida e a imposição de perdê-la, mesmo tendo que permanecer vivo. Isso tudo me levou a pensar...

Eu enchi os pulmões durante vinte anos. Eu tinha um pulso que queria me desafiar a acreditar nele. Mas eu não tinha nada. Morria um pouco cada dia e me enterrava muito por dentro. Uma morte a cada respirar, uma morte a cada pulso que drenava o sangue sem me deixar seco. Até que eu não senti mais. Até que tudo foi embora – a lucidez das cores que eu tentei, o vento da música que me estruturou –, tudo partiu de mim. O pulso continuou forte, mas era apenas um som vazio. Nada. Eu pairava entre um impulso frenético da consciência morta e a ânsia incontrolada de buscar a própria aniquilação. Eu afundei dia a dia em um estado de coma consciente.

O coma não me tirou do mundo, ele me fez entender que eu já havia apagado o mundo. Eu pinteí tudo de um cinza quase negro. Um cinza denso que correu com as veias do meu corpo e afundou o meu sangue na ilusão da vingança. Drenei a minha alma na culpa. Não havia qualquer sentido na minha vida daltônica. Então, olhos

que eu não vi e uma voz bebida além das palavras foram o meu caminho de volta.

A sua voz foi muito maior que as histórias que contou. A sua voz tem as cores que faltam. Ela entrou em minha circulação, ativou a minha mente desbotada, reavivou meus sistemas. A sua voz, a sua presença e o seu amor foram mais do que qualquer cura. Esse foi o milagre. Você, Francesca, me fez passar do escuro buraco inconsciente à luz. Esse é o milagre que ninguém pode explicar. Hoje sei que não preciso entender.”

Ela parou por um tempo e respirou fundo para desturvar os olhos. Continuou:

“Os quadros que você encontrou pelo caminho foram pintados desde que eu saí do hospital. Eu comecei a sonhar com cenas do seu livro, enquanto nem sabia que ele existia. Nem mesmo sabia o que tudo aquilo significava. Faziam vinte anos que havia deixado de pintar. Mas um impulso me fez retratar os sonhos. Isso consumia parte das minhas madrugadas e encheu a minha vida. Então, você apareceu na farmácia e as mulheres dos meus sonhos ganharam um rosto.

Foi a partir daí que comecei a retratá-la.

Eu achava que estava enlouquecendo na medida que os sonhos se tornavam cada vez mais intensos. Quando tive o livro em minhas mãos e quando a vi pela primeira vez, dançando na cozinha da sua casa em Taormina, eu entendi tudo. Os sonhos, as pinturas durante um ano, foram apenas um meio, um mapa que me levou até você.

Acho que eu nunca falei como amo o seu silêncio. Seja enquanto você está dormindo, ou apenas calada, ou quando

acabamos de fazer amor e você coloca a cabeça em mim e permanece quieta. Existe alguma coisa no seu silêncio que me faz entender o que não se explica.

Sei que são necessárias mais do que palavras hoje, para provar que você mudou a minha vida e me transformou no melhor que eu posso ser. O segundo envelope é uma cópia da minha carta de renúncia à presidência da Petrucci & Co. Não, não se assuste!”

Francesca parou de respirar. Insegura, continuou a leitura:

“Eu decidi que existem outros caminhos a serem percorridos e que, para um recomeço real, eu teria que deixar para trás todo o passado. Cuidarei dos meus investimentos e continuarei detendo a minha parte das ações do banco. Entretanto, não quero mais nada com isso do meu passado.

Entenda, não podia te procurar antes de ter tudo formalizado com a empresa. Eu sabia que precisaria disto, para ter a coragem de pedir o que vou pedir agora:

Quero recomeçar. Talvez em outro lugar e realmente gostaria muito, muito, muito mesmo que você considerasse a hipótese de me dar uma nova chance, para que eu possa provar que eu mereço o seu amor.

Quando você fechar a caixa, eu sentarei à sua frente. Então, existem dois caminhos:

Em um deles você levantará e sairá, sem dizer nenhuma palavra. Eu entenderei que os meus erros lhe feriram demais. Nós seguiremos caminhos separados... e eu? Continuarei respirando.

No outro caminho, você será capaz de me dar uma nova oportunidade para que eu possa lhe fazer feliz, tentaremos juntos... e eu? Juro que vou te amar, com toda a força que me mantém vivo,

com cada inspiração involuntária, em cada palavra soprada e em todo o silêncio que possamos dividir.

Eu te amarei para sempre.

Seu Mitchell”

Francesca guardou as cartas e ainda sem fechar a caixa olhou para o lago, sentia-se mergulhada por dentro em toda aquela água. Estava tão, tão tocada que precisava de um tempo. Precisava se acalmar.

O que pareceu uma eternidade para Mitchell foi o tempo que Francesca levou até fechar a caixa. Então, o seu sufocado coração tentou provar que ia colapsar até que ele conseguisse se sentar à frente dela. Mal era capaz de respirar. Andar então?

Ela ouviu quando a cadeira se moveu e percebeu quando Mitchell sentou à sua frente. Ela estava com olhar baixo, quase fechado.

Ele agarrou a borda da mesa sem perceber que colocava toda a força do corpo nas mãos.

Ela levantou o rosto. A única certeza que tinha era de que não seria capaz de viver sem tentar.

Quando Francie ergueu o rosto, ele percebeu que uma veia pulsava rápida no pescoço. As faces vinham marcadas por traços de lágrimas.

Mitchell prendeu a respiração e ela pintou tudo. Uma luz despontou no canto dos lábios, na ponta dos olhos e com ela,



Mitchell voltou a existir.

Em silêncio, Francesca estendeu as mãos, ele soltou a borda da mesa sentindo que ia explodir. Ela convidou-o com olhar e ele aceitou. Segurou as mãos dela com tamanha força, porque não queria soltar jamais. Em silêncio ela entendeu aquela força apertada e a luz soltou cor no mundo.

Ficaram assim por um tempo sem medida como o silêncio. A cumplicidade e o amor falaram na quietude que pertence a eles.

epílogo

Dois anos depois.

O fim, seja do que for, sempre traz uma sensação de algo que ficou vazio. Um espaço que foi deixado. Algo que deixou de ser. Isso me faz sofrer, nem sempre. Já sofri com o fim talvez porque acreditava que o deixado nunca mais seria preenchido. Chorei com o fim porque às vezes a saudade não termina. A falta.

A inevitabilidade de que tudo um dia chegará ao fim me faz lembrar do solitário fim de quem é.

A morte. O fim de tudo aqui. Ao menos neste aqui. O problema é que ele parece ser tudo o que conheço.

Se realmente não existir um depois, tudo aqui perderia o sentido. E perderia para os que findam e para os aguardam. Penso se o fim não seria como o vazio, como a falta. Uma possibilidade de algo novo. Então o sentido não está perdido. Talvez sofra com o fim porque... Porque me enlodo nos dramas pequenos e esqueço de

olhar. Noto que há um sem-fim de mortes tentando me provar alguma coisa. – O fim de romance, o fim de um casamento, o fim de uma faculdade, o fim de um livro, o fim de uma amizade, o fim de uma vida. O fim. Se extinguir o estigma do fim, vou renomear o sentido do Início.

Fim?

Francesca fechou a tela do seu notebook. Olhou pela janela dupla do espaçoso apartamento. A brisa do final da tarde tocava primeiro as cortinas de linho branco, tentando seduzi-las, e então tocava o jarro com arranjo de rosas, o resultado da sedução. – Sorriu. – Foi com elas que acordou pela manhã. Elas faziam a graça de espalhar o seu perfume rosado. Ali, do outro lado do rio, a Torre Eiffel não a deixava esquecer aonde o suposto fim do seu noivado havia levado.

Lilly, Tom e sua mãe, em alguns meses, estariam de visita, isso por quê? Olhou para baixo e confirmou que um outro fim se aproximava, a cada novo dia, mais um pouco. Ouviu a porta no andar de baixo abrir e então fechar. Sabia quem era. Recostou-se na cadeira. Ouviu o barulho dos passos na escada às suas costas. Sentiu-o se aproximar. Ele abaixou na altura da sua nuca e beijou a curva do pescoço. Foi até a sua orelha.

– Estava com saudades.

– Eu também.

– Trouxe os *croissants* que você adora, tinham acabado de sair.

Francie suspirou.

– Obrigada, mas acho que agora não conseguirei comer... Talvez, mais tarde.

Mitchell girou o corpo e se ajoelhou, encaixou-se entre as pernas dela e colou o ouvido na sua barriga. Ele franziu o cenho e falou com uma expressão séria:

– Nossa menininha disse que está com fome.

– Estive meio enjoada, de novo.

– Não faça isso com a sua mamãe – deu uma espécie de bronca na barriga. Parecia um bobo e era adorável. Francesca não pôde deixar de rir.

– Como foi a aula?

Ele se acomodou ainda de joelhos, entre as suas pernas.

– Graças a você, que me convenceu que eu não era velho demais para universidade, tive mais uma aula intensa e... maravilhosa.

Francesca entrecerrou os olhos e disse com uma forçada gravidade:

– Não venha jogar a culpa das suas aulas de pintura de francesas nuas em cima de mim.

Ele estalou em uma prazerosa risada.

– Eu definitivamente detesto essas aulas de nus.

– Você definitivamente é um homem muito inteligente em dizer isso e... está com tinta no cabelo, de novo. – Ela apontou, deixou um beijo onde Mitchell estava manchado. – Nas mãos também. – Outro beijo. – E também nos braços, mais um rastro de beijos solto.

– Tem outros lugares do meu corpo com tinta – ele disse sugestivo.

Francie gargalhou e ele esmagou a boca sobre a dela com urgência.

– Nunca pare de sorrir para mim.

Os lábios se moveram sobre os dele.

– Eu acabei o livro.

– É sério? Fim?

– Não.

Ele ergueu o olhar sem entender.

– O início... de uma nova história.

– Eu amo tanto você. – Mitchell voltou a beijá-la sem pressa e...

... As cortinas dançavam com a brisa de rosas no ar. Todos os dias, eles se amavam de janelas abertas e convidavam o vento. Exibiam-se ao céu com as cores do final da tarde. Cabia as nuvens refletir nas águas do Sena, todo o amor consumado sem constrangimento algum. E cabia a cidade dizer amém, é claro... Era a cidade do Amor.

A incumbência romântica herdada por Paris devia ser culpa das nuvens cheias de vinho, do rio refletido de ruas conversadas, dos parques de mãos cruzadas e dos bistrôs fumaçados. Talvez a responsabilidade do chavão recaísse nas flores de despertar, nas ruas de fazer curva no corpo e nas lamparinas esquecidas de dar luz.

Tudo ali alimentava a chama de dois que sempre morou na cumplicidade viva entre o Amor e o Silêncio.

---

- 1** Lei de reforma do sistema financeiro que restringe alguns tipos de investimentos especulativos realizados por bancos dos EUA.
- 2** Escala utilizada para medição do grau do estado de coma.
- 3** Atual líder da Al-Qaeda.
- 4** Esquiar fora das trilhas.
- 5** Pista de altíssima dificuldade.



[www.novoseculo.com.br](http://www.novoseculo.com.br)

